HISTORIA

DO

CULTO DE NOSSA SENHORA

EM

PORTUGAL

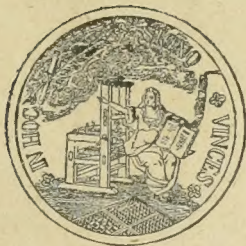
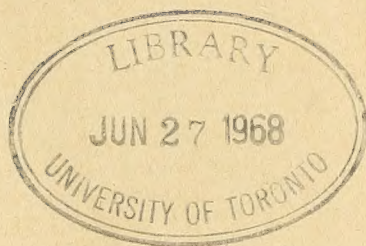
ALBERTO PIMENTEL

HISTORIA
DO
CULTO DE NOSSA SENHORA
EM
PORTUGAL

Ave, gratia plena

S. *Lucas*, cap. I, v. 28.

Ave, Maria, que és nossa
Padroeira, e crença, e mãe!
Portugal outra não tem,
Mais bella, nem que mais possa;
Não quer outra a humilde choça,
Nem o palacio real;
És nossa, do rei, do povo,
És de todo o Portugal...

João de Lemos

LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.ia
108, Rua de S. Roque, 110
LISBOA

Carta aos editores

(Reproduzida do prospecto d'esta obra)

Srs. Guimarães, Libanio & C.ª

Meus presados amigos — Já conhecem V. V. o titulo e assumpto do livro que vão editar-me; deixem-me agora dizer-lhes, em dois traços de penna, o que esse livro será no seu desenvolvimento total.

Primeiro que tudo, a *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, cuja dedicatoria Sua Magestade a Rainha D. Amelia se dignou acceitar, é a affirmação publica e solemne das minhas convicções religiosas, nunca esmorecidas n'uma longa labutação de mais de trinta annos de vida litteraria. Tenho visto empallidecer em torno de mim muitas outras crenças, que viveram da seiva da minha alma, folhas cahidas que o sopro do tempo arremessou para longe; só a fé em Deus, pairando n'uma serena região de balsamos consoladores, se me tem tornado mais vívida e persistente, mais segura e firme, porque, sinceramente o creio, assenta n'uma verdade indestructivel e eterna. Notarei que este phenomeno moral, que se passa em mim, é como um reflexo da evolução religiosa do seculo em que vivemos, o qual, tendo encontrado ainda morno o rescaldo da Revolução Franceza, foi durante largos annos racionalista, com manisfestas tendencias sacrilegas para atacar o christianismo na sua origem, isto é, na propria individualidade de Christo, e vae acabar convertido e penitente, porque a philosophia tende hoje novamente para o idealismo e as demonstrações de fé religiosa na poesia, no romance e no theatro acompanham o movimento da philosophia, como não podia deixar de ser, dada a natural correlação entre todos os actos do espirito humano em circumstancias identicas e sob a acção dos mesmos factores.

Podem V. V. crêr que a *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal* é um livro muito differente do *Santuario Mariano*, que não passa de um vasto indice de egrejas, capellas e ermidas, postas sob a invocação da Virgem Santissima. Tambem não é uma collecção de lendas piedosas como aquellas que Affonso o Sabio (Affonso X, rei de Leão e Castella), metrificou em gallego antigo sob o titulo generico de *Cantigas de Santa Maria*. Não é, finalmente, um cancioneiro

nacional de trovas christãs, através do tempo, para mostrar que a devoção á Virgem Mãe afervorou os mais altos espiritos do nosso paiz, como certamente teve em vista o já fallecido biblióphilo Abilio Augusto da Fonseca Pinto no seu *Parnaso Mariano*, de que chegou a fazer duas edições.

O meu livro é, para o dizer em poucas palavras, a historia do paiz na sua relação com a fé nacional. É o estudo da alma portugueza, logo desde a constituição da nacionalidade até nossos dias, na sua aspiração para esse ideal de castidade e doçura supremas, que se personifica em Maria Santissima, como era natural que acontecesse n'um povo tão aventuroso e emprehendedor, tão visitado de vicissitudes, tão experimentado de duros e terriveis golpes.

Os factos historicos são chamados,no meu livro, a depôr sobre as crenças religiosas do povo portuguez, dando eu aqui á palavra povo não apenas o significado de uma só classe, mas de uma nação inteira. Reis e vassallos, nobres e plebeus, poetas e prosadores são convidados a vir testemunhar o sentir commum da nação pelo que respeita ao culto de Nossa Senhora, como sendo Ella a porta do ceu, *janua cœli*, por onde communica com a consoladora esperança da immortalidade a alma atormentada do homem.

Isto, em Portugal, não estava feito ainda, em relação aos 7 seculos da nossa vida nacional; apenas um ou outro escriptor havia accentuado o caracter religioso d'esta ou d'aquella epocha.

Bem sei, nem o occulto, que a empresa é laboriosa e difficil; mas tambem devo dizer-lhes que, depois de ter produzido uma obra já não pouco numerosa, nunca, ao encetar um trabalho de maior folego, me senti tão fortalecido de coragem, tão firmemente esperançado no influxo protector de uma Estrella divina, como no momento actual, em que invoco o nome de Maria Santissima para o inscrever na primeira pagina de um livro meu.

Aqui têm, meus caros amigos, para o dizerem ao publico, se quizerem, o que será o meu livro *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*.—Lisboa, Junho de 1899—Seu amigo dedicado

Alberto Pimentel.

Erratas mais importantes

Pag. 52, nota 2.ª, linha 2, onde se lê —No corrente anno (1699) etc. deve ler-se —No corrente anno (1899), como nos anteriores, etc.

Pag. 61, col. 2.ª, lin. 35, onde se lê — E o mosteiro de Chellas, deve ler-se — É o mosteiro de Chellas.

Pag. 69, linha, 31, onde se lê — n'esta provinca se effectuam, deve ler-se — n'esta provincia se effectuam.

Pag. 70, o 1.º periodo da nota deve ser assim reconstituido: « As principaes festividades a Nossa Senhora são cinco, a saber: Immaculada Conceição, 8 de dezembro; Nascimento, 8 de setembro; Annunciação, 25 de março; Purificação, 2 de fevereiro; Assumpção, 15 de agosto.

Pag. 76.— N'esta pagina deve ser supprimido o n.º 1 tanto no texto como na respectiva nota, que vem continuada da pag. anterior. A nota 2 passa a ser 1; e a nota 3, a ser 2

Pag. 77, linha 12, onde se lê — 1580, deve ler-se — 1342.

Pag. 78, linha 16, onde se lê — ragariga, deve ler-se — rapariga.

Pag. 110, linha 29, onde se lê — seculo XIV, deve ler-se — seculo XV; mesma pag., linha 32, onde se lê — seculo XV, deve ler-se — seculo XVI.

Pag. 112, linha 19, onde se lê — Esta agua encharcada, deve ler-se — Esta agua encharcada!

Pag. 125, nota 1.ª, onde se lê — *O infante de D. Pedro*, deve ler-se — *O infante D. Pedro.*

Pag. 146, linha 6, onde se lê — quandou achou, deve ler-se — quando achou.

Pag. 183, nota 2.ª, linha 8, onde se lê — monte Equilino, deve ler-se — monte Esquilino.

Pag. 204, linha 4, onde se lê — visconde de Jerumenha, deve ler-se — visconde de Juromenha.

Pag. 207, linha 36, onde se lê — nos seculos XVI e XVII que, deve ler-se — nos seculos XVI e XVII e que.

Pag. 228, linha 18, onde se lê — outros semelhantes, deve ler-se — outras semelhantes.

Pag. 232, linha 30, onde se lê — Direi a Vosso, deve ler-se — Dizei a Vosso.

Pag. 259, linha 1.ª, onde se lê — conde de Schomberg, deve ler-se — conde Schomberg.

Como justificação d'esta emenda diremos que Schomberg era conde, sim, mas de Mertola, agraciado com este titulo em Portugal.

Pag. 268, linha 40, onde se lê — D. Pedro I, deve ler-se — D. Pedro II.

Pag. 274, em a nota 1 houve transposição de periodos, devendo a nota começar pelo periodo que tem o n.º correspondente á chamada.

Pag. 377, linha 1, onde se lê — que, não sendo portuguez pelo nascimento, dedicou a Portugal os mais ardentes desvelos do seu apostolado, deve lêr-se — que é portuguez, creio que oriundo de Guimarães e que, na Companhia de Jesus, tem dedicado a Portugal os mais ardentes desvelos do seu apostolado.

Pag. 464, lin. 33, onde se lê — *via Flamina,* deve ler-se — *via Flaminia.*

Outras correcções haverá, provavelmente, a fazer; mas foram estas as que, n'uma rapida leitura, pareceram mais importantes ao auctor.

A SUA MAGESTADE A RAINHA

D. Maria Amelia de Orleans

Homenagem de respeito e veneração pelos inexgotaveis sentimentos de piedade christã, que se traduzem na oração e na esmola, no agasalho ás creanças, no auxilio ás viuvas, no soccorro aos enfermos, na compaixão por todas as dores e infortunios — ondas de um mar revolto de miserias humanas, aplacadas cada dia pela mão generosa de sua magestade.

Alberto Pimentel

I

Aurora religiosa de um povo

DATA das primeiras horas da nossa vida nacional a devoção dos portuguezes pela Virgem Santissima.

O culto, que como povo livre Lhe votamos, madrugou com a infancia de um principe, que tinha nascido sob o feliz destino de nos inspirar o exemplo da fé em Deus e na patria, de nos legar um territorio independente que preenchesse o nosso ideal politico e mais de um santuario que pudesse satisfazer o nosso ideal religioso: as duas crenças mais vivas que logram dar alento á alma de um homem ou de uma raça.

Certo é, como observou Herculano, que deve reputar-se absurdo o systema de tomar a physionomia individual dos reis ou de outros varões illustres, considerados singularmente, como a caracteristica do sentir e pensar de um povo inteiro [1]. Não é menos certo, porém, que durante um largo periodo historico a nação portugueza, desde a sua fundação, se identifica de tal modo com a individualidade dos seus reis, que elles a absorvem e retratam personificando não a maioria, mas a totalidade de seus vassallos.

---

[1] *Cartas sobre a historia de Portugal — Opusculos* — tomo V.

Não tinham ainda explodido os conflictos que dividem as opiniões dentro das fronteiras de um mesmo paiz entre os governantes e os governados. Podia haver no seio da mesma familia reinante rivalidades de poder, contendas para disputar o mando, e infelizmente as houve em Portugal. Mas não estavam ainda fixadas definitivamente as fronteiras, a nacionalidade portugueza não conseguira desembaraçar-se inteiramente das faxas infantis, e a opinião dos homens que rodeiavam o seu chefe era uma só e unica: ajudal-o a constituir um reino, independente e livre.

D'aqui nasceu uma identidade de sentimentos que, na these de Stuart Mill, é a mais poderosa garantia dos elementos constitutivos de uma nacionalidade.

Não duvidamos, por isso, ir buscar á vida do primeiro rei portuguez, tão intimamente consubstanciado com a consciencia dos seus companheiros de armas, a origem do culto de Nossa Senhora em Portugal.

Affonso Henriques foi a nossa primeira gloria nacional, e, no dizer de Renan, um povo não se fortalece collectivamente, não se constitue solidamente em nação, senão tendo «alguma cousa para amar, para admirar, para louvar em commum».

Quer se opte pela opinião de Stuart Mill, quer se prefira a de Renan, Affonso Henriques, synthese viva das crenças dos seus homens de guerra, amado e admirado por elles, bem póde servir de transumpto da epocha que elle mesmo iniciou.

Mais ainda. Elle foi, em relação a Portugal, a expressão historica, não só de uma nacionalidade nascente, mas tambem da corrente de ideas que invadira a Europa toda. «O mundo do 11.º seculo, diz Michelet, tinha na sua diversidade um principio commum de vida, a religião; uma forma commum, feudal e guerreira». Foi á sombra da Egreja que se constituiu a unidade da Europa, cujas nações se uniram em espirito pela guerra religiosa, muitas vezes repetida: as cruzadas.

Affonso Henriques nasceu no berço que o seculo anterior preparára. Foi sob o influxo da religião que elle emancipou o condado de seu pai. Recebera a impressão geral da Europa e o exemplo de casa: um duplo estimulo. O conde Henrique fôra tambem um cruzado. Muito devoto de Nossa Senhora, elevou a capella real a egreja de Santa Maria de Guima-

rães (hoje da *Oliveira*) que no anno 919. aproximadamente, tinha sido fundada pelo conde Hermenegildo Mendes e sua mulher. a qual, depois de viuva, fundára ali um convento duplex.

Da condessa D. Thereza, quaesquer que hajam sido os erros da sua vida, contam chronistas portuguezes que certo dia, na sé de Vizeu, mandára dizer ao prior Theotonio — depois por suas grandes virtudes canonisado — que fosse breve na missa.

Devia ser a um sabbado, em que o virtuoso prior costumava celebrar no altar de Nossa Senhora [1].

Respondeu elle ao recado: Que no ceu havia outra rainha muito mais excellente, a quem tinha determinado offerecer aquella missa com summa veneração e pausa, e que portanto se resolvesse a ouvil-a o tempo que ella durasse ou se tornasse para casa.

D. Tareja, caindo em si, prostrou-se aos pés do prior chorando e penitenciando-se, prompta a expiar a culpa em que irreflectidamente incorrera [2].

O prior Theotonio, que mais tarde o foi tambem em Santa Cruz de Coimbra, veio a ser um conselheiro fiel e amigo intimo de Affonso Henriques, com quem compartiu a sorte das armas na defesa da cruz [3].

A' imagem de Nossa Senhora, existente na sé de Braga, onde S. Pedro de Rates havia substituido o culto de Isis pelo da Virgem, tinha a condessa D. Tareja grande devoção, segundo consta de uma escriptura em que doára varias terras áquelle templo.

Apenas um trecho da referida escriptura faz ao nosso proposito; por isso o transcrevemos, e não mais:

« Eu Thereza, a mais humilde serva das servas de Deus, filha do imperador de Toledo, a Vós, gloriosissima Virgem Maria, Mãe de Deus, faço uma offerta para sempre em Christo.

« As escripturas antigas, e as presentes, affirmam, que

---

[1] *Vizeu, apontamentos historicos*, por Maximiano d'Aragão, tom. I, pag 207.
[2] *Monarchia Luzitana*, frei Antonio Brandão, tom. III, liv. IX, pag. 98, v.

[3] Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem de Mafamede enresta a lança;
E' Theotonio, prior.

Lusiadas, canto VIII, est. XIX.

a igreja de Braga é a mãe de todas as sés da provincia, e por isso se lhe deve maior honra: porem o inimigo antigo, tendo inveja á Santa Madre Igreja, fez que os meus meirinhos, não tendo respeito ao santuario de Deus, entrando com mão armada na igreja e claustros, destruiram quasi todos os bens d'ella: e dizendo-me algumas pessoas, boas christãs, o sacrilegio e abominavel feito que estava commettido, achei que era conselho proveitoso para minha alma, dar e doar á mesma igreja parte dos logares e terras, que ao redor da cidade possuia, lembrando-me d'aquillo que diz: — Remi todos os vossos peccados com esmolas — e do Evangelho, que diz: — Pela medida por que medirdes, por essa recebereis.

«Portanto eu a sobredita Thereza offereço e dou para sempre, á piissima *Maria*, Mãe de Deus, cuja igreja está fundada na cidade metropolitana de Braga, a qual cidade fica entre os rios Cávado e Déste, os coutos ao redor, com as villas e homens que a mim me pagavam os serviços devidos: do mesmo modo que d'elrei D. Affonso, meu bisavô, se crê que os deu antigamente á mesma igreja»[1].

Na côrte do conde D. Henrique fizera sensação o caso de um cavalleiro, de nome Pelagio, grande valído do conde, do que lhe adviera a alcunha de *Amado*, ter trocado a vida do paço pela do eremiterio, quando a morte, ferindo-lhe a esposa e a filha, o deixára sem familia.

Não diremos por agora senão que Pelagio Amado, juntamente com um cenobita de nome Lourenço, fundára em terras de Bouro uma ermida a Nossa Senhora (que depois veio a tomar a invocação *da Abbadia*) com a qual os povos circumvisinhos se apegaram desde logo fervorosamente.

Bastariam estes exemplos e ligações para encaminhar ao culto da Virgem o espirito do joven principe; mas novos e maiores incentivos acresceram, entre elles uma grata recordação da infancia, que são as mais tenazes e saudosas recordações no espirito de todos os homens.

Egas Moniz, seu aio, «o honrado e bemaventurado», como lhe chama o conde D. Pedro[2], fôra por seus maiores instruido na fé christã e educado na devoção a Maria Santissima. Era descendente d'aquelle bravo Moninho Viegas, que viera ao Porto com uma armada de gascões a combater

[1] *Memorias de Braga*, por B. J. de Senna Freitas, vol. II, pag. 388.
[2] Nobiliario, tit. 36.

os mouros. Entre os cavalleiros da armada contava-se o sacerdote Nonego, que erradamente suppuseram alguns ter sido bispo d'aquella cidade, cuja sé, porém, foi logo consagrada á Mãe de Deus[1].

Sobre uma porta da muralha do Porto collocou Nonego a imagem de Nossa Senhora, denominada de Vandoma, que os gascões traziam, e que deu nome á porta.

Arrancada a cidade aos mouros, assim que os christãos de Gasconha d'ella tomaram posse, puzeram-n'a sob a protecção de Nossa Senhora, denominando-a cidade da Virgem, *Civitas Virginis*[2], e, como refere D. Rodrigo da Cunha, a todos os mais territorios que foram conquistados appellidaram *Terra de Santa Maria*[3], «como o fizeram á da Feira e Guimarães, onde n'aquelles tempos era a fronteira dos mouros[4].»

Todas estas tradições que D. Egas Moniz bebeu com o leite, e por geração lhe entraram no sangue, fizeram com que o «bemaventurado» neto de Moninho Viegas afervorasse no seu nobre pupillo a ardente fé religiosa que depositou na Mãe de Deus.

Mas sobreviera nos primeiros annos da meninice de Affonso Henriques um incidente, que dera maior alento a essa especial devoção do aio e do pupillo.

Acenheiro, comquanto não sejam seguros os seus creditos de historiador, conta em linguagem ingenua a historia de um milagre com que, por intervenção de Nosssa Senhora, Affonso Henriques fôra beneficiado ainda na infancia.

Herculano fixa para o nascimento do primeiro rei portuguez a data de 1111[5], e, n'esta hypothese, o acontecimento que vamos referir deve ter succedido em 1116.

«Ouve este Comde dom Amrrique de sua molher um primogenito filho, por nome Dom Affonso Amrriquez, que do

[1] «... a primeira cousa em que entenderam os sobreditos illustres reedificadores *(os gascões)* foi em levantar com brevidade, sumptuosidade e fortalesa, a egreja cathedral no mais alto da mesma cidade para suas torres lhe servirem de Castello, e tanto que a tiveram acabada a entregaram a D. Nonego bispo de Vandoma *(erro combatido por J. P. Ribeiro)* que a consagrou á honra da Virgem Mãe de Deus, e Senhora Nossa, etc.» *Catalogo dos bispos do Porto*, 1.ª parte, pag. 273.

[2] O brazão da cidade do Porto representava unicamente a imagem de Nossa Senhora de Vandoma, com o Menino nos braços, collocada entre duas torres, tendo por cima a lettra: *Civitas Virginis*. Este era o segundo brazão, segundo a chronologia; D. Pedro IV, que o reformou em 1834, conservou a imagem e as torres, que subsistem ainda.

[3] *Cat. dos bisp. do Porto*, 1.ª parte, pag. 275.

[4] *Ibid*, pag. 11.

[5] *Historia de Portugal*, tomo I, nota XI.

ventre naceo tolheito das pernas, filho mui fermozo, e deziam os mestres [1] que nunca avia de ser sam, e foy dado pera criar a Dom Egas Moniz seu ayo, que vyera da sua terra com ho dito Dom Amrrique. E sendo o menino de sinco annos a virgem Santa Maria apareceo por visam ao bom Dom Egas Moniz jazendo dormindo, e lhe disse Dom Egas Moniz dormes? senhora dixe elle quem sois vós? ella dixe eu sam [2] a Virgem Maria que mando que vas a tal lugar, e deu-lhe tays synais, e dixe, cava em aquele lugar acharás huma Igreja que em outro tempo foi começada em meu nome, e huma ymagem mynha que he feita a minha omrra, e como isto for feyto farás hi vigilia, e porás o menino [3] sobre o alltar e sabe que será sam e goarido [4], e faze-o bem gardar que meu filho quer por elle destroyr os ymiguos [5] da fé. Quamdo a visam desapareceo Dom Egas Moniz ficou muy consollado e allegre, e como foy menham fez o que a vyrgem Maria mamdara, e achou todalas cousas, e pôs o menino sobre o alltar, e foy sam [6].»

Muitos dos nossos chronistas se referem a este acontecimento, o que mostra que elle constituiu uma tradição geral e permanente.

Duarte Nunes conta, do mesmo modo, que D. Affonso Henriques nascêra com as pernas «encolheitas» e que «per milagre de nossa Senhora, a quem o encommendaram, sarou»: que, por memoria d'este facto, no local onde o milagre se operou e em que jazia soterrado um altar com a imagem da Virgem Santissima, se edificou depois o mosteiro de Cárquere, junto a Lamego [7].

Frei Antonio Brandão, historiador de avantajados creditos, a quem Herculano não duvidou appellidar «o homem que mais attingiu o espirito da sciencia historica», dando noticia do facto, diz que elle constava de uma commemoração antiga do mosteiro de Alcobaça, mandada redigir na lingua latina pelos respectivos monges em louvor de Affonso Henriques. D'esse documento, que vem appenso á terceira parte da *Monarchia luzitana*, transcreve Brandão a passagem

[1] Cirurgiões.
[2] Sou.
[3] Affonso Henriques.
[4] Curado.
[5] Inimigos
[6] *Chronica dos senhores reis de Portugal.*
[7] *Chronica do conde D. Henrique.*

que diz respeito a este milagre: «Que el-rei Dom Affonso Henriques logo desde menino foi posto debaixo do amparo da Bemaventurada Virgem Mãe de Deus Senhora nossa, por cuja revelação e intercessão alcançou a saude das pernas».

Accrescenta que Dom Egas Moniz levantou em Cárquere uma egreja em honra de Nossa Senhora, padroeira tambem do mosteiro, que foi de conegos regulares de Santo Agostinho. A este mosteiro enriqueceu Affonso Henriques, quando começou a reinar, com grossas rendas, fóros e privilegios[1].

Póde imaginar-se, e melhor ainda, póde deduzir-se claramente da lição dos factos a entranhada devoção que o milagre de Cárquere accendêra na alma de Dom Affonso Henriques e na de todo o seu povo, com elle tão intimamente identificado por espirito commum, representativo da epocha em que a nossa nacionalidade deveu a sua fundação ao esforço unido do réi e dos vassallos.

Por espontanea diligencia e acendrada fé collocou Affonso Henriques o seu novo reino sob a protecção de Nossa Senhora tomando-a como padroeira, e mãe de todos os portuguezes.

N'um pergaminho antigo de Alcobaça, com o sêllo das armas reaes, se encontrou o documento d'esse voto feito com o applauso de todos os vassallos, o que evidentemente se deprehende do proprio texto do diploma:

«...desejando agora de ter tambem por avogada deante de Deus a bemaventurada Virgem, *de consentimento de meus vassalos*, os quaes por seu esforço sem ajuda nem soccorro estranho me collocaram no throno Real; ordeno que eu, meu reino, minha gente, meus successores fiquemos debaixo da tutella e protecção, defensão e amparo da bemaventurada Virgem Maria de Claraval, e mando a todos e cada um de meus successores que legitimamente entrarem na successão d'este reino, que dêem todos os annos á egreja de Santa Maria de Claraval, que é da ordem de Cister, sita no reino de França, no bispado de Longrés, em modo de feudo e vassalagem cincoenta maravedis de ouro bom, e digno de se receber.

. . . .

[1] *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego escripta por D. Joaquim de Azevedo.* Porto, 1878. Pag, 131.

«...e o abbade D. Bernardo *(de Claraval)* e seus successores para sempre receberão cada anno este feudo em dia da Annunciação da Virgem Santa Maria. Portanto, vós, Virgem Mãe de meu Senhor Jesus Christo em cujo louvor se fundou, e floresceu esta Ordem *(de Cister)*, eu, humilde servo vosso, D. Affonso, Rei de Portugal, vos peço que defendais meu reino dos Mouros inimigos da Cruz de vosso filho, e conserveis minha Corôa livre de sujeição estranha, e corroboreis no throno Real fieis servos de minha geração, que paguem este feudo. E se alguem intentar cousa que contrarie esta vassalagem e promessa de feudo, sendo vassalo seja desterrado de meu Reino, e sendo Rei (o que Deus não consinta) haja vossa maldição e não se conte no numero dos meus descendentes, seja despojado da dignidade pelo mesmo Deus, que nos deu o Reino, e seja vencido de seus imigos, e sepultado no inferno, como Judas o tredor.»

Este documento, que é o primeiro de maior importancia na historia do culto de Nossa Senhora em Portugal, foi escripto na Sé de Lamego, para maior solemnidade do voto, e tem a data de 28 de abril de 1142.

Condicionalmente diz frei Antonio Brandão que tal diploma seria lavrado estando Affonso Henriques em as côrtes de Lamego, da existencia das quaes declara não ter a certeza necessaria. Herculano, como se sabe, avolumando a duvida de Brandão, considera apócrypha a acta d'aquellas côrtes.

Mas Brandão só parece duvidar de que o documento fosse feito em côrtes, que talvez não existissem, e não do proprio documento, que diz categoricamente conservar-se em pergaminho antigo, no cartorio d'Alcobaça, com o sêllo das armas reaes pendente.

A expressão — de consentimento de meus vassallos — empregada no referido documento, não dá ideia de reunião de côrtes, que na supposta acta de Lamego são designadas pela phrase — e os procuradores da boa gente cada um por suas cidades. Aquella expressão inculca ter por fim pôr em evidencia o accôrdo tacito que entre o governante e os governados existia no que respeitava aos sentimentos religiosos e á fé christã, á devoção a Maria Santissima e ao Seu culto.

O proprio Frei Antonio Brandão explica, de certo modo, o sentido da mesma phrase dizendo — por consentimento e acceitação commum; isto é, de toda a nação, tão dedicada a Nossa Senhora como o seu chefe.

O feudo annual de cincoenta maravidis de ouro bom[1] deixou de ser pago a Santa Maria de Claraval, «o que póde ser com outros descuidos, diz Brandão, fosse causa dos castigos d'este reino.»

Affonso Henriques affeiçoára-se á ordem de Cister, e especialmente a S. Bernardo, desde que por effeito de revelação alguns monges cistersienses vieram a Portugal como missionarios.

Perto do rio Douro, não longe de Barosa, lançaram elles os fundamentos do berço da sua ordem no nosso paiz, assistindo Affonso Henriques, quando ainda não usava o titulo de rei e devia ser tamanino, á fundação do mosteiro de Tarouca[2].

«Fundára, escreve Antonio Brandão, o mosteiro de S. João de Tarouca, recolhendo em este reino os monges de S. Bernardo com singular piedade, sujeitára este reino ao mosteiro de Claraval, tomando por padroeira a Virgem gloriosa, «a quem está dedicada aquella casa». Agora em cumprimento do voto feito na jornada de Santarem, se resolveu em ter um retrato de Claraval n'este reino, mandando fundar o grande mosteiro de Alcobaça a sua imitação, «cujo orago fosse tambem a Virgem Santissima nossa Senhora[3]».

De feito, quando Affonso Henriques entrou mais activamente no periodo das conquistas guerreiras, como quem joga uma cartada decisiva, a sua devoção pela Virgem, ternissima fé alimentada desde a primeira infancia, reaccendeu-se mais vívida.

Assim, preparando-se elle para a tomada de Santarem, audaciosa empresa militar, que o inaccessivel do terreno tornava arriscadissima, fez voto de erigir um mosteiro, cujo orago fosse a Virgem Santissima, se, com o auxilio espiritual de S. Bernardo, lograsse a victoria, o que felizmente aconteceu.

Em cumprimento d'este voto, Affonso Henriques começou por fundar em Alcobaça o primeiro mosteiro, de pequena fábrica, talvez no anno de 1142, e depois o grande mosteiro para onde os monges de S. Bernardo passaram quando o edificio foi concluido.

[1] «... maravidis d'ouro, que hoje teriam de valor intrinseco mais de 500 réis.» Vit., *Eluc.*
[2] Frei Bernardo de Brito, *Chron. de Cister*, liv. 3.º, cap. I.
[3] *Monarch. Lusit.*, parte III, liv. X, cap, XXXI.

Frei Manuel dos Santos, na *Alcobaça illustrada*, resume em poucas palavras a historia da fundação d'estes dois mosteiros, o provisorio e o definitivo; d'essa narrativa resalta, em plena luz, a inexgotavel devoção de Affonso Henriques pela Virgem Mãe:

«Enterneceu-se elle muito quando viu a maravilha: e assim como era o fundador, tambem queria ser o primeiro mestre da obra. Dia da Purificação de Nossa Senhora, que vem aos dous de fevereiro, do anno acima dito 1143[1] o serenissimo Affonso Henriques pela sua propria mão lançou a primeira pedra na capella-mór da egreja do novo mosteiro, solemnisando o acto com copiosas lagrimas suas de devoção.

«Por este modo teve principio o real mosteiro de Alcobaça, parto benemerito das orações e lagrimas do mellifluo doutor nosso padre S. Bernardo; e testemunha tão qualificada da piedade portugueza e da liberalidade incomparavel d'elrei D. Affonso Henriques: mandou elle ampliar os alicerces segundo a grande capacidade do seu generoso coração, e não como queriam os monges francezes; os quaes, creados na primeira aspereza de Claraval, se contentavam com um mosteirinho de pequena fábrica, e havendo de ser o edificio tão soberbo como vemos hoje, necessariamente houve de gastar muitos annos em se aperfeiçoar: pelo que mandou el-rei ordenar ahi perto, junto do proprio mosteiro que se ia fazendo, um recolhimento decente, aonde vivessem os monges esse tempo que durassem as obras, no mesmo sitio e logar aonde vemos hoje Santa Maria a velha, a qual é ainda a mesma d'este mosteirinho primeiro, e se dedicou ao soberano mysterio da purissima Conceição de Nossa Senhora, e foi a segunda egreja que se consagrou no reino de Portugal áquelle sagrado mysterio...»

Na claustra chamada da Collação, em Alcobaça, um hymno escripto na pedra, á esquerda sahindo da egreja, traduziu pela voz dos primeiros monges toda a ardente devoção do real fundador:

«Guiai-nos, Virgem piedosa, guiai-nos, Virgem Maria, para a patria celestial, e mostrai-nos para ella o caminho seguro, de tal modo, que passando d'esta vida, sejamos chamados para o Ceu, e vivamos juntos comvosco em vossa companhia. Aqui vos louvamos com os corações, com o

[1] Data duvidosa.

animo, com as vozes e hymnos, n'este logar para onde nos mudámos de novo deixando o antigo.»

Os successores de Affonso Henriques continuaram em Alcobaça a obra devota do real fundador. A fábrica da egreja e dormitorio proseguiu nos reinados de Sancho I e Affonso II. As claustras mandou-as edificar D. Diniz. D. Manoel fez erigir sachristia e côro; D. Henrique os dormitorios novos e a hospedaria.

Tomado aos mouros o castello de Santarem, Affonso Henriques doou a sua jurisdicção ecclesiastica aos cavalleiros do templo de Salomão em Jerusalem, defensores do Santo Sepulchro, alguns dos quaes o ajudaram n'aquella empresa. Em breve os templarios fundaram ali a egreja de Santa Maria da Alcáçova, sobre cuja porta principal mandaram gravar uma inscripção votiva, em lingua latina, que sôa d'este modo em vulgar:

«Em o anno do Senhor de 1154 e havendo sete annos que esta cidade se ganhara, reinando elrei D. Affonso filho do Conde Dom Henrique, e sua mulher a Rainha Dona Mafalda, foi fundada esta egreja em honra de Santa Maria Virgem Mãe de Christo, pelos Cavalleiros do Templo de Jerusalem, mandando-o o Mestre Hugo, e tendo cuidado da fábrica Pedro Arnaldo. Suas almas descansem em paz. Amen.»

Estimulado pela victoria de Santarem, tratou Affonso Henriques de ordenar as suas hostes e trem de guerra para vir pôr cerco a Lisboa, na esperança de arrancal-a ao poder dos mouros. Ultimados os preparativos e realisada a marcha, foi o vencedor de Santarem auxiliado n'esta nova empreza militar por uma esquadra de cruzados que, dirigindo-se á Terra Santa, havia aproado á foz do Tejo.

Começado o cêrco, que teria de ser longo pela situação vantajosa dos mouros bem entrincheirados na alcáçova, travaram-se desde logo rijas escaramuças, não só com os mouros dos arrabaldes, que procuravam soccorrer os sitiados, mas tambem junto aos muros da alcáçova, contra a qual os christãos tentavam assentar as suas machinas de guerra.

Para tratamento dos feridos e sepultura dos mortos, mandou Affonso Henriques preparar hospitaes de campanha e cemiterios provisorios ao oriente e occidente da cidade mourisca, destinando os do oriente (hoje S. Vicente de Fóra) para os portuguezes, e os do occidente (Ferregial

de Cima) para os extrangeiros que o auxiliavam na empreza.

E fez voto de edificar n'esses logares dois templos e conventos conjunctos, se lograsse ganhar Lisboa aos mouros.

Na enfermaria dos portuguezes mandou construir um altar sobre o qual foi collocada uma imagem da Virgem Santissima, de pedra ançã, medindo uns cinco palmos de altura: uma noticia diz que figurava Nossa Senhora da Conceição, postoque se lhe não desse ainda este titulo, porque a mãe de Deus era então geralmente invocada, em Portugal e Hespanha, sob a designação de Santa Maria.

Mas o sitio em que se levantara o altar, ao fundo da enfermaria, fez com que á imagem querida de Affonso Henriques fosse dada uma invocação particularissima.

«E porque esta santa imagem—escreve frei Agostinho de Santa Maria[1]— se poz n'aquelle logar, a começaram a invocar todos com o titulo — da Enfermaria; sem duvida porque não sabiam outro nome; nem o titulo da Conceição era n'aquelles tempos mui commum, sem embargo de o começar a ser d'ahi a poucos tempos...»

Como é de prever, as differentes invocações dadas á Virgem Maria trouxeram origem de circumstancias especiaes, como a da sua imagem ser collocada na enfermaria destinada aos feridos do exercito portuguez, pelo que essa imagem ficou sendo chamada — da Enfermaria. Affirma um auctor que, pouco depois da tomada de Lisboa, já se festejava entre nós a Conceição de Maria a 8 de dezembro, «á qual n'aquelle tempo se tinha grande devoção em Portugal[2]» e que d'esta commemoração especial em honra de Santa Maria proviera o vocativo de — Senhora da Conceição.

Eu não ousarei acompanhar o auctor do *Santuario Mariano* na affirmativa de que a festa da Conceição era celebrada em Portugal pouco depois de fundada a monarchia, porque, a ser assim, essa commemoração traria um culto privativo e portanto uma imagem que o representasse. O mesmo auctor de algum modo cai em contradicção, quando assevera que a primeira imagem da Senhora da Conceição data do seculo XIII, reinado de D. Diniz.

Não ha, porem, duvida de que este culto foi, n'esse reinado, instituido na sé de Coimbra, como veremos, e frei

---

[1] *Santuario Mariano*, tomo I, livro 1.º, titulo V e XI.

[2] D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Eccles. da Egreja de Lisboa*, parte II, cap. 1.º

Francisco Brandão, referindo-se ao facto, escreve prudentemente: « . . . no tocante a este ponto, no nosso reino, esta é a primeira vez que n'elle acho introdusida celebridade tão merecedora de o ser, e haver sido em todas as idades e reinos celebrada. Se outro algum tiver noticias mais anteriores, estimarei as confirmem, porque n'esta parte me darei por bem advertido da melhor averiguação, por conduzir á excellencia d'este glorioso mysterio ».[1]

D. Affonso Henriques fazia-se acompanhar sempre d'aquella imagem da Virgem, que assim ficou sendo chamada — da Enfermaria — e a que se refere a bulla enviada pelo Santo Padre Pio IV a este reino em 1561, a qual diz:

«Outr'ora, em quanto. . . Affonso, primeiro rei de Portugal, cercava a cidade de Lisboa occupada dos sarracenos, construiu e fundou uma capella denominada com a invocação da Bemaventurada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria da Enfermaria, fóra dos muros antigos da mesma cidade, em favor dos fieis, que no referido cêrco e assalto da mesma cidade eram feridos, ou por outro qualquer modo adoeciam, e para a tal capella eram levados para tratamento ou sepultura[2].»

Na egreja de S. Vicente de Fóra, ainda hoje, por memoria d'esta imagem, se conserva a capella da Senhora da Conceição, denominada da Enfermaria: é a do topo do cruzeiro, do lado do evangelho[3].

Dez dias depois de ter começado o cêrco, os mouros da Extremadura, vendo o aperto em que se encontravam os sitiados de Lissibona, e a sujeição em que os arrabáldes ficariam se a alcáçova fosse ganha pelos christãos, levantaram cinco mil cavallos, com que se fizeram na volta da cidade.

Foi Affonso Henriques avisado d'esta surpresa dos mouros, quando elles vinham perto de Sacavem.

Acudiu elrei com gente que lhes impedisse a passagem, mas não a tempo de evitar que elles atravessassem a ponte, porque já então ali havia uma.

Travou-se rija peleja entre uns e outros, e muitos de ambos os exercitos pereceram no embate. Finalmente a victoria decidiu-se pelos portuguezes, que ao auxilio da Virgem Santissima a agradeceram.

[1] *Mon. Luz.*, tom. VI, liv. XIX, cop. XXII.
[2] *Lisboa antiga*, por Julio de Castilho, vol. III, pag. 208.
[3] Mesma obra, vol. V, pag. 236.

Uma relação, contida no livro dos Privilegios da Torre do Tombo, dá noticia do facto:

«El-rei mandou logo fazer hi um oratorio de Nossa Senhora dos Martyres[1], e o primeiro ermitão que teve cuidado d'elle, foi Bezai Zaide, mouro alcaide do Castello que está no cimo alto no braço do mar, o qual foi na volta, e fugiu para seu Castello, e o entregou logo aos christãos, dizendo que vira a Virgem em visão, e lhe dissera que haviam de ser desbaratados, e este mouro era muito amigo dos christãos, e caridoso a todos, e se fez christão, e tal morreu. Foi de muito boa vida, e morreu n'esta casa ha muito tempo, e sua mulher e seus filhos todos morreram christãos. Acabada esta batalha foram enterrados os christãos, sobre o dito braço do mar ao redor do Orador da Virgem, e muitos juntos, e visto os muitos mortos que havia, lhe pozeram ás cabeceiras da parte do chão cruzes de pedra para saberem que eram christãos. E n'esta volta se affirma que viram os christãos muitos homens estranhos entre elles, que os ajudaram a rogo da Virgem que estava por elles rogando, devendo ser a seu bento filho, pelo que esta casa foi a primeira que se fez derredor de Lisboa, que se começou a dez dias depois da batalha, e vinte depois do cêrco.»

El-rei D. Sebastião, querendo perscrutar as memorias guerreiras do principio da monarchia, mandou inquirir do acontecimento de Sacavem, e achou ainda tradição oral do combate e do milagre. Miguel de Moura, seu secretario, pediu ao rei a ermida, a qual lhe foi doada, e n'ella fundou um convento, de capuchas da primeira regra, onde professou sua propria mulher, depois de viuva, e professaram outras damas de illustre sangue.

Finalmente, ao cabo de um longo cêrco, que durou mezes, Affonso Henriques logrou tomar aos mouros a alcáçova de Lisboa.

«Tanto que Lisboa se tomou, el-rei com todos os christãos com solemne e devota procissão, foi á mesquita maior, que ora é a sé, e depois de mundificada dos sacrificios que n'ella se faziam a Mafamede, os bispos e sacerdotes revestidos entraram n'ella cantando o cantico *Te Deum laudamus.*

---

[1] Outra invocação que resultou d'este facto especial: o da morte dos cavalleiros portuguezes em defesa da fé christã. A mesma invocação se tornou depois extensiva, como veremos, a outra imagem em Lisboa.

Imp. de Libanio da Silva

A CONCEIÇÃO DA VIRGEM, DE MURILLO

(Quadro existente no museu do Prado, em Madrid

E depois de consagrada e dedicada á Virgem Santa Maria nossa Senhora, se celebraram n'ella os officios divinos, e se disse missa solemne, e se nomeou por sé cathedral, como já fôra n'aquella cidade no tempo dos godos. . .[1]»

Coelho Gasco, n'um manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, vai alem de Duarte Nunes quando descreve esta procissão em honra de Nossa Senhora.

Diz que Affonso Henriques, a clerezia e os capitães, nacionaes e extrangeiros, iam coroados de boninas, com as bandeiras alçadas, as suas e as que tinham tomado aos mouros. Dos extrangeiros, cita monsieur Guilherme de Longa-espada, capitão-general, D. Childe Rolim, D. Liberche e D. Liguel. Durante o transito soavam trombetas, sacabuxas e atabales. Os clerigos revestiam as suas capas mais ricas. Em muitos olhos brilhavam lagrimas de terna gratidão. Foi com toda esta pompa solemne que a procissão entrou na grande mesquita, que iam consagrar á Virgem Santissima Nossa Senhora.

Cumpriu Affonso Henriques o voto que tinha feito de erigir dois templos e conventos nos locaes em que foram sepultados os combatentes christãos.

Com grande apparato lançou por sua propria mão a primeira pedra do convento oriental, que dedicou á Virgem Maria e a S. Vicente Martyr, cujas reliquias desejava trazer do Algarve e reunir ali. Tambem foi lançado o alicerce de um templo na parte occidental, ordenando el-rei que os respectivos cemiterios fossem comprehendidos na dependencia de uma e outra egreja: e a esta do poente, cemiterio dos extrangeiros, deu a denominação de — Nossa Senhora dos Martyres — por motivo identico ao que o determinou a pôr a ermida de Sacavem sob a mesma invocação.

Essa primitiva egreja dos Martyres, onde fôra baptisado o primeiro christão em Lisboa e onde assentou a primeira parochia da capital, ficava na actual rua do Ferregial de Cima, sobre o monte Fragoso, de cuja pendor dá ainda hoje ideia a calçada de S. Francisco.

No altar foi collocada uma imagem da Virgem, que os cavalleiros extrangeiros traziam comsigo, e que subsistiu até ao terremoto de 1755.

«Considerava-se esta imagem muito milagrosa, e as pa-

[1] Duarte Nunes—*Chronica del rei D. Affonso Henriquez.*

redes da egreja estavam ornadas com muitas offerendas que os fieis lhe consagravam.

«Faria e Sousa nas suas *Rimas varias* de Luiz de Camões, na *Addição* aos Sonetos, inclue um com o n.º 50, do qual não assegura que seja do grande lyrico, mas diz que tem a sua maneira. O alludido soneto é dedicado á Senhora dos Martyres, e parece que o poeta entrando na egreja vira os votos, as cabeças, mãos, pés e corpos pendentes das paredes, e até taboas e mastros de navios, e ainda animaes damninhos, e com sua vista se inspirou, concluindo o soneto com estes dois tercetos:

«Estes te offereçam pés, ess'outros mãos;
«De aquelles pendam sobre os teus altares
«Monstros do mar, de servidão prisões;

«Que eu cuidados, enganos e afflicções,
«Muito maiores monstros, e milhares
«Te deixo aqui de pensamentos vãos.

«O ramo de flores que a imagem tinha na mão, frequentemente se lhe tirava para com elle tocar enfermos, e até as creanças no acto do baptismo [1].»

Em materia de tanta antiguidade, como é o culto de Nossa Senhora em Portugal, não admira haver duvidas sobre pormenores chronologicos, especialisação de datas, mas o que fica patente é ser esse culto contemporaneo das primeiras horas da nossa vida nacional.

Contra a noticia de que os dois referidos templos, o oriental e o occidental, fossem os primeiros consagrados á Virgem Santissima depois de conquistada a cidade aos mouros, correu uma vaga tradição de que essa remota honra pertencêra á ermida de Nossa Senhora da Escada, contigua ao convento de S. Domingos.

Dil-o frei Luiz de Sousa fallando d'esta ermida: «Muitos concordam em ser a primeira casa, que na cidade se edificou a Nossa Senhora, depois de lançados os mouros». Mas logo se dá pressa em invalidar esta confusa tradição, declarando que no convento de S. Domingos não havia memorias d'ella [2].

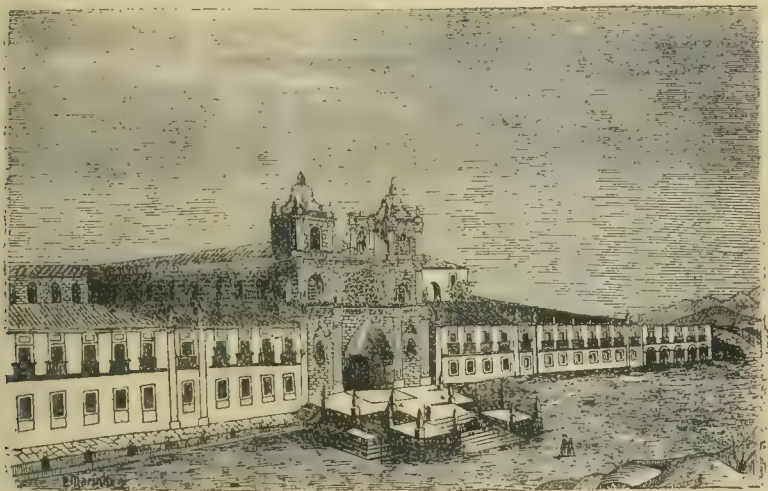
Temos assistido, em espirito, ao arraiar da aurora religiosa do povo portuguez, cujos olhos se ergueram para a

---

[1] Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, vol. I, pag. 90.
[2] *Historia de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX.

Virgem Santissima como para a estrella da manhã, *stella matutina*, nuncia de uma nova nacionalidade.

E' o Portugal nascente collocado sob a protecção de Santa Maria, como uma creança debil que precisa dos favores do ceu para viver e medrar. E o pensamento de um homem ou de um povo não póde remontar-se ao alto empyreo sem encontrar a Divina Porta, *Janua Cœli*, que lhe franqueará os áditos da celestial mansão.

Vimos como a conquista do territorio occupado pelos mouros, desde a innaccessivel alcáçova de Santarem até ao não menos inaccessivel castello de Lisboa, foi realisada sob a protecção da Mãe Santissima, por iniciativa de Affonso Henriques, com o applauso unanime dos seus homens de armas e dos cruzados extrangeiros.

Egreja e real mosteiro de Santa Maria de Alcobaça

Vimos como o culto de Nossa Senhora foi na Lissibona mourisca, christianisada logo após a conquista de Affonso, iniciado pela ermidinha de Sacavem, primeiro templo dos christãos nos arredores da cidade.

Vimos como, entrado o castello, a Virgem Santissima toma posse de Lisboa, occupa os seus novos altares, acceita a guarda da grande mesquita, purificada pelos effluvios da Sua divina bondade e solemnemente consagrada pelos cantos e antiphonas da lithurgia christã.

Vimos como a devoção popular, seguindo o exemplo do rei, com quem fraternisa na sinceridade e afogo das cren-

ças religiosas, principia a voltar-se para a imagem de Nossa Senhora dos Martyres, intercessora piedosa nas orações que os primeiros occupadores christãos levantaram ao ceu pelos vivos e pelos mortos.

Entre todos os factos que deixamos indicados, e que teem em seu favor o testemunho authentico dos chronistas, algum ha que soffreu maior ou menor contestação; mas uma tradição que rompe a muralha de sete seculos, e chega até nossos dias, recebeu já a melhor de todas as confirmações, a da consciencia publica, que não só a não repelle, antes a acalenta e vivifica de geração em geração.

Está n'este caso o milagre de Cárquere, relativo á cura da enfermidade com que nascêra Affonso Henriques. O auctor do «Exame comparativo das chronicas portuguezas[1]» apoda-o de erro historico. A isto responde triumphantemente Castilho: «Funda-se o auctor, na falta de prova por documentos: o que se procedesse, quasi toda a historia judaica, grega, romana, quasi toda a das nações modernas, e uma parte da nossa deixariam de o ser. Como porém a tradição, não contradictada por algumas razões de notoria falsidade, se haja e deva haver por boa fonte de conhecimentos, e a do presente caso seja abonada pelo mais antigo chronista portuguez de D. Affonso Henriques, que é Duarte Galvão, razão nos parece que se receba, mórmente depois dos argumentos com que Brandão a corroborou[2].»

N'uma historia do culto de Nossa Senhora em Portugal tudo quanto seja consignar memorias, recebidas das fontes historicas, de origem documental, ou das fontes tradicionaes, de origem popular, tem logar proprio e opportuno, porque são pedras de um mesmo edificio, elementos constitutivos de uma devoção, roborada pelos seculos, que arde no coração de uma população inteira, a qual não pergunta á sua fé religiosa d'onde ella veio, mas se contenta em saber e crêr o fim a que se dirige.

Assim, pois mencionaremos uma outra tradição, a da Senhora da Nazareth, coeva da fundação da monarchia, embora contestada na *Dissertação Historica-Critica* de frei Manoel de Figueiredo. Ainda hoje a fama d'esse milagre

[1] Antonio de Almeida, nas «Memorias da Academia Real das Sciencias», tom. XI, part. I

[2] *Quadros historicos de Portugal.*

inspira uma viva devoção publica, e um dos mais notaveis poetas do nosso tempo afinou a sua lyra para cantal-a n'um rimance encantador. São todos os annos concorridissimas as festas da Nazareth, e muito avultadas as esmolas depostas no altar da Senhora á mistura com as offerendas votivas que de toda a parte ali acodem.

Quem entre o côro de tantas orações e preces, de tantos louvores e jaculatorias, de tantas palavras de reconhecimento e gratidão dá ouvidos á voz de frei Manoel de Figueiredo, que procurou descarnar as origens da tradição até reduzil-as a uma simples fabula? Cada anno que passa vinga a tradição e recalca mais para o fundo da cova a dissertação do chronista cisterciense. O que está de pé ainda hoje, o que todo o povo sabe e crê, é a antiga tradição que chegou até nossos dias. Acompanhando-a e seguindo-a não fazemos mais do que aproximar-nos da alma popular, d'onde a fé rebenta como um jorro de agua crystallina, para alimentar o viço de nossas crenças religiosas. De pouco valeriam os templos se os fieis os não frequentassem. E a egreja da Senhora da Nazareth enche-se pelo menos uma vez em cada anno, desde tempos remotos até ao presente[1].

[1] Seria trabalho arduo, quasi impossivel de realisar, a enumeração completa de todos os exemplares de lôas cantadas por occasião do cyrio annual da Nazareth. Possuimos trez, apenas.

Uma relativa ao anno de 1897, folha volante em papel verde. Foi cantada pelos habitantes da villa de Obidos e seu termo. Trecho da lôa do regresso do cyrio:

> Entre os que a Virgem acatam
> Os Obidenses se jactam
> De que foram os primeiros:
> E jámais — tem esta fé —
> Nos cultos de Nazareth
> Hão de ser os derradeiros.

Outra, em folheto, intitula-se: *Versos religiosos dedicados á Senhora da Nazareth e recitados durante as festas que lhe foram feitas no anno de 1898 pelos festeiros da freguezia da Ericeira.*

Transcrevemos duas lôas da chegada:

TODOS

> Senhora da Nazareth!
> Nosso pharol, nosso guia!
> Protegei-nos, amparae-nos,
> N'esta nossa romaria.

1.º ANJO

> Romeiros! somos chegados
> Ao sitio da Nazareth,
> Em fervorosa romagem,
> Alentados pela Fé.

O padre Malhão, honra do pulpito portuguez, sustentou eloquentemente n'um sermão que, n'esta grandiosa legenda, como elle lhe chamou, «não ha nada que não esteja em perfeita harmonia com as crenças do genero humano, com os ensinos da religião e com a historia do culto da Virgem»[1].

Conta a tradição escripta[2], firmada na oral, que um monge grego da Nazareth, cidadesinha da Palestina na Galilea, chamado Cyriaco, trouxera, escondida, a Hespanha, uma imagem de Nossa Senhora, por salval-a da heresia, que já grassava no Oriente, e visava a combater a adoração das imagens.

Esta heresia appareceu no seculo 8.º da éra de Christo e os que a seguiam e propagavam tiveram o nome de iconoclastas: destruidores de imagens.

Os fieis que as veneravam, procuravam salval-as, como podiam, d'aquella seita heretica: os mais d'elles, por maior segurança, escondiam-n'as soterradas.[3]

Assim foi que pelo tempo adeante succedeu apparecerem depois muitas imagens, occultas na terra ou entre brenhas, com grande jubilo dos povos circumvisinhos do local.

A origem do facto é historica e, portanto, conhecida.

O monge Cyriaco foi depositar e guardar a sua imagemsinha de Nossa Senhora, Ella e elle fugitivos, no mosteiro de Cauliana, junto a Mérida, onde Uma e outro cobraram

Finalmente, outra de 1899, folha volante em papel branco, publicada pelos mordomos da freguesia de S. Miguel de Alcainça. Lôa de um dos anjos recebendo o cyrio:

> Hoje nós, ó Mãe Santissima,
> Vossa imagem possuimos.
> Em triumpho aos nossos lares
> Alegres a conduzimos.

[1] Sermão prégado em 1857, na egreja da Nazareth.

[2] *Antiguidade da sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazareth, grandesas do seu sitio, casa, e jurisdicção real, sita junto á villa da Pederneira*, por Manoel de Brito Alão (presbytero secular). A 1.ª edição é de 1628; a 2.ª, de 1684. Ambas de Lisboa.

O mesmo auctor, que foi abbade de S. João de Campos e administrador da Casa da Nazareth, escreveu tambem *Prodigiosas historias e miraculosos successos acontecidos na casa de N. Senhora da Nazareth*, Lisboa, 1637.

[3] Tambem as guerras entre gentes de differente religião foram causa de esconder as imagens sagradas. Quando os suevos, álanos e outros barbaros invadiram a Gallisa, mandou o arcebispo de Braga, Pancracio, que todas as imagens de santos fossem escondidas em logar seguro: assim aconteceu em Guimarães á de Nossa Senhora, que se venerava na antiga capella que hoje tem o nome de S. Thiago.

O sitio onde occultaram a imagem era logo acima do campo de D. Affonso Henriques, no monte que ainda actualmente se chama de Santa Maria.

Finda a invasão, foi a imagem conduzida processionalmente ao seu templo.

repouso, Ella no seu altar, que a devoção, logo desperta, todos os dias engrinaldava de flôres, e elle repartindo o tempo entre a cella, onde mal tomava descanso, e o altar da sua Virgem da Nazareth, ante a qual, á porfia com os outros monges, fazia oração alheiado do mundo em devotos extasis.

O illustre poeta Castilho, que ao sabor antigo compoz o rimance da Senhora da Nazareth, conta os extremos e enlevos de Cyriaco ante a imagem da Virgem, de que fôra salvador, sendo Ella aliás salvadora do genero humano.

Nazareth em Terra Santa
Esta imagem possuia,
Mil venerada das gentes
Por milagres que fazia.

Mas vindo a ser perseguida
Pelas furias da heregia,
Acá se veiu fugida,
(Um monge grego a trazia).

Em braços do santo velho
(Cyriaco se dizia)
Morenita e graciosa,
Oh que bem que parecia!

Elle chorava de gosto,
Ella é fama que sorria;
Acompanhavam-n'a osa njos
Com celeste melodia.

Ali se conservou a imagem na maior veneração dos monges, que tão devotamente a guardavam no templo como na alma, emquanto durou na peninsula o imperio dos Wisigódos.

Mas a invasão sarracena fizera baquear esse poderoso imperio que durara quatro seculos, e o ultimo rei dos godos, Ruderico ou Rodrigo, tivera de fugir desbaratado.

Em campos de Guadalete
Acabado se era o dia,
C'o dia a grande batalha,
C'a batalha a monarchia.

Os anafiles dos mouros
Resoam brava alegria;
Dom Rodrigo Rei dos Godos
Á rédea larga fugia.

Os escriptores arabes, como podemos verificar na *Historia* de Conde [1], dizem que Ruderico caíra morto, na batalha de Guadalete, ferido por Thâryk, que enviara a Muza acabeça do rei vencido. Herculano seguiu a versão arabe no *Eurico:* «Um sceptro sem dono em Toletum e mais um cadaver junto ás margens do Chryssus, era o que restava do ultimo rei dos Godos!»

A versão hespanhola, que recebemos por tradição, é, porém, diversa.

«Os hespanhoes contam um pouco differentemente esta batalha famosa, cuja época, incerta e contestada, póde ser fixada no mez de julho do anno 711. Segundo elles, não durou trez dias, mas uma semana inteira; dão ao exercito de Thâryk trinta a quarenta mil homens, quasi todos de cavallaria; finalmente, segundo a sua versão, Ruderico não foi morto, nem por Thâryk, nem por nenhum outro cavalleiro. Escapou á carnagem, acolheu-se a Portugal ou Gallisa, entrou n'um convento, fez vida de penitencia e morreu em cheiro de santidade. O seu nome ficou celebre nas lendas cavalheirescas e nos *romances* populares [2].»

A tradição da fuga de Ruderico não é, pois, tão falha de alicerce, que se não apoie na opinião dos historiadores de uma nação, onde o proprio facto da batalha de Guadalete occorreu. D'elles a tomaram os nossos chronistas, frei Bernardo de Brito á frente de todos [3].

Perseguido pelos vencedores, fugiu á rédea solta o rei vencido, achando protecção nas trevas da noite, que eram cerradas e grandes. Inutilisou-se-lhe o cavallo em que montava. E, para maior disfarce, diz-se que Ruderico, despindo as vestes e insignias reaes, as trocara pelo trajo de um pastor, que lh'o cedeu caridosamente.

Fugindo, sem saber ao certo para onde, foi dar comsigo

[1] *Historia de la dominacion de los arabes en España,* por Don José Antonio Conde, Paris, 1840, pag. 16.
[2] Viardot —*Histoire des arabes et des mores de Espagne,* tom I, pag. 75.
[3] *Monarchia lusitana,* tom II, liv. VII, cap. III.

ao mosteiro de Cauliana, situado a duas léguas da cidade de Mérida, tão junto do Guadiana, que por vezes as cheias o innundavam.

Achou aberta a porta do templo, que estava deserto e nú, porque os mais dos frades, temendo as consequencias da batalha, haviam fugido dispartidos.

Os sobresaltos do espirito, o cansaço e a fome prostraram Ruderico em meio da oração com que principiava agradecendo a Deus o ter-lhe concedido aquelle refugio sagrado. Sopitou-o um desmaio; caiu por terra sem accôrdo.

Assim o veio encontrar um monge velho, de inculpavel vida, que se chamava Romano, e que lhe acudiu carinhoso. Ouviu-lhe as lastimas de sua desgraça, soube quem era, e deu-lhe auxilios, com que o corpo e o animo se fortalecessem.

Reconfortado, quiz o rei pôr-se a caminho, para melhor segurar a existencia, mas o frade não o deixou ir sem companheiro: offereceu-se para o ser. E ambos confiaram sua guarda áquella pequenina imagem que outro monge havia trazido da Nazareth a Cauliana, e que ficaria em grande risco de desacato se permanecesse n'um templo abandonado. Levaram, pois, comsigo a imagem, na esperança de que Ella os levasse a bom caminho e completaram a sua devota bagagem com um cofre que continha reliquias de S. Bartholomeu e S. Braz.

Deserto fica o mosteiro,
Mosteiro de Cauliana:
Peregrinos, rei e monge
Hão passado o Guadiana.

Guadiana, aquelle rio
Que aos pés o mosteiro lava.
Cêrca das aguas o velho
Se detinha e soluçava.

E dizia agora olhando
O mosteiro, e agora a barca:
—Mais perdi eu sendo monge,
Do que este sendo monarcha!

. . . .

Diz; encommendam-se á Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando á toa
Pela terra lusitana.

Caminhando ambos ao acaso, sempre na direcção do poente—que não tem coragem para seguir outro rumo quem se approxima do occaso da existencia—foram procurando a costa do mar, por ser caminho de maior solidão e segurança.

Ao cabo de mais de vinte dias de trabalhosa jornada, cansados e derreados, cortando montes e valles, brenhas e rios, areaes e charcos, avultou-se-lhes deante dos olhos um alto monte, que de longe lhes servira de balisa e que parecia logar convinhavel para quem, como elles, apenas queria tranquillidade e descanso, fóra do contacto do mundo.

Eram circumvisinhanças da actual villa da Pederneira [1] e o monte, que então se chamava *Siano* e hoje de S. Bartholomeu, é o pittoresco morro, cone gigantesco, que domina a extensa planicie de Vallado e a estrada que actualmente conduz á Nazareth pela Pederneira.

Frei Bernardo de Brito descreve-o sem comtudo nomeal-o:

«Este logar a que primeiro chegaram é nos coutos de Alcobaça, perto d'onde agora vêmos a villa da Pederneira, junto da qual para a parte da nascente se levanta no meio de certos areaes um monte de rochedo e terra firme, prolongado algum tanto de norte a sul, tão alto e bem proporcionado, que parece milagrosamente posto n'aquelle sitio, por estar de todas as partes cercado de campos cobertos de area, sem altura, nem rochedo, de que pareça ter dependencia.»

Pinho Leal calcula entre o monte e a Pederneira a distancia de mil e oitocentos metros.

Rei e monge, não certamente sem grande fadiga, chegaram ao topo do monte, onde encontraram uma ermida e dentro d'ella um crucifixo e uma sepultura rasa, sem lettra nem epitaphio [2].

Pareceu-lhes á primeira vista azado o sitio para retiro de fugitivos, que ambos o eram. Ficaram ali, contentes do

---

[1] Na Extremadura portugueza, districto de Leiria: séde de um concelho supprimido em 1855 e restaurado agora.

[2] A ermida, reconstruida e renovada decerto muitas vezes através dos seculos, ainda ali se conserva. Está hoje sob a invocação de S. Bartholomeu e S. Braz, cujas reliquias o monge Romano trouxera com a imagem da Senhora.

«Ao longe, dominando a estrada da Nazareth, o morro de S. Bartholomeu, phantasiosamnnte recortado, com a sua ermidinha entalada entre rochedos, parece olhar desdenhosamente para a planicie infinita que se lhe desenrola aos pés, timidamente, longamente.» (*Chronicas de viagem*, pelo auctor d'este livro.)

achado. Mas a breve trecho reconheceram que tinham a luctar com grandes difficuldades para obter sua frugal alimentação: era preciso descer do monte a buscar legumes, fructos e agua.

Frei Romano deixou o rei, a quem a solitude absoluta aprazia na desgraça, e foi-se, com a imagem, á procura de outro logar menos trabalhoso.

Achou-o: era, prosegue o chronista Brito, «um sitio distante do monte pouco mais de ũa milha, que ficando de uma parte chão, e de serventia facil, e mui acommodada, se deixa cair da outra sobre o mar com tão ingreme quebrada, que terá duzentas braças a pique, desde a ponta do rochedo até o remanso das ondas. Entre dous grandes penedos, cada um dos quaes sai com sua ponta ao mar, e ficam suspensos no alto da rocha, em fórma, que parecem ameaçar ruina a quem os contempla da praia, achou Romano uma pequena cova, feita naturalmente no penedo, que acrescentou com algumas paredes de pedra sêca, fabricadas por sua mão, e ordenada certa feição de ermida, poz n'ella a imagem da Virgem Maria da Nazareth, que trouxe do mosteiro de Cauliniana, que com ser pequena e de côr morena com o menino Jesu nos braços, tem certa perfeição no rosto, com ũa modestia tão notavel, que logo representa cousa miraculosa...»

Este monte descripto pelo chronista Frei Bernardo de Brito é aquelle da Nazareth actualmente conhecido pela designação de — O Sitio.

Assim, n'um e n'outro monte viveram solitarios o rei e o monge, não tendo decerto maior communicação entre si que a de algum signal convencionado com que se correspondessem de longe.

Morreu primeiro o frade, e Ruderico abandonou o monte Siano, talvez já cansado de tamanho apartamento.

> Morto o velho, D. Rodrigo
> Se foi para não voltar;
> E só se ouviam nas rochas
> O vento, os corvos, e o mar.

Conta a tradição que o desfortunado monarcha dos godos occidentaes fôra parar a Fetal, junto a Vizeu[1] e que ali acabou seus dias em grande penitencia.

---

[1] «. .S. Miguel de Fetal, extra-muros (de Vizeu), junto ao cemiterio» — *Vizeu, apontamentos historicos,* por Maximiano d'Aragão, tomo I, pag. 297.

Permaneceu a imagem de Nossa Senhora escondida na lapa onde o monge Romano a soterrou para que escapasse dos ultrages dos mouros que ficaram dominadores da peninsula, se exceptuarmos os morros das Asturias, refugio dos godos vencidos.

Chegou, porem, a hora de Affonso Henriques se propôr desbravar a mourama do sul, conquistando lhe Leiria, Porto de Mós e as terras largas e ricas que depois foram chamadas os coutos de Alcobaça.

Actual ermida que recorda o sitio onde a imagem appareceu

Um dos auxiliares illustres do valoroso principe portuguez foi um cavalleiro de nome Fuas Roupinho, que, segundo certa memoria do mosteiro de Santa Cruz, foi um dos lidadores portuguezes que assistiram á batalha de Campo d'Ourique, sendo então alcaide de Coimbra[1], bem como o fôra tambem de Porto de Mós, cujo castello defendeu habilmente, com um feliz ardil de guerra, contra a hoste do rei de Mérida, que ficou derrotada.

Após esta victoria, e por ella indicado, commandou a primeira frota que saiu a varrer a costa desde Lisboa a Setubal, dando batalha naval aos mouros na altura do cabo de Espichel, com pleno éxito. Recebido triumphantemente em Lisboa, voltou a embarcar e saiu novamente com a armada: percorreu o litoral da Andaluzia e chegou até Ceuta, em cujo porto entrou realisando ahi boas tomadias de baixeis. Depois fez-se na volta de Lisboa, onde o receberam com novas demonstrações de jubilo e veneração[2].

Camões, em mais de uma passagem dos *Lusiadas*, cele-

[1] Frei Antonio Brandão escreve no III tomo da *Monarchia Lusitana:*
«D. Fuas Roupinho, que aqui se nomeia alcaide de Coimbra, o foi tambem de Porto de Mós. É mui celebrado em nossas historias pela primeira batalha naval dos portuguezes que ganhou aos mouros, e por outras obras de valor, de que havemos de tratar adeante. De sua nobresa e geração não pude alcançar noticia.»

[2] *Monarchia Lusitana*, tom. III, liv. XI, cap. XXX e XXXI.

brou as proesas guerreiras, terrestres e navaes, de Fuas Roupinho, e o seu nome glorioso:

> Um Egas, e um dom Fuas, que de Homero
> A cithara para elles só cubiço [1].
>
> E Dom Fuas Roupinho, que na terra
> E no mar resplandece juntamente,
> Co'o fogo que accendeu junto da serra
> De Abyla nas galés da Maura gente.
> Olha como em tão justa e santa guerra
> De acabar pelejando está contente;
> Das mãos dos Mouros entra a felice alma
> Triumphando no Ceu com justa palma [2].

Voltando novamente a Ceuta foi desbaratado pelos mouros, já então apercebidos para a defesa do porto; e morreu valorosamente com o corpo retalhado de feridas, «contente de acabar pelejando», como diz o poeta.

Eis o que de sua biographia principalmente se sabe.

Pouco, mas bom; *pauca, sed bona.*

Os costumes cavalheirescos d'aquella edade eram todos fragoeiros: a guerra santa, dever e honra; a caça, por gandaras e montes sertanejos, exercicio habitual.

Foi n'uma das suas excursões venatorias que D. Fuas Roupinho descobriu a lapa fabricada pelo monge Romano, e a imagem da Senhora, que ali tinha altar humilde e recondito.

Venerou-a devotamente e tel-a-ia levado para o oratorio do seu castello, se não receiasse offendel-A tocando-Lhe.

No dia 14 de setembro de 1182 saiu Fuas Roupinho a montear. A manhã era de nevoa cerrada, que toldava terra e ceu.

Os cães, com a sua vista penetrante e olfacto penetrantissimo, iam levantando a caça através da bruma.

Avistando um veado, perseguiu-o toda a matilha em furiosa correria.

Fuas Roupinho, largando redeas ao cavallo, foi-lhe na pista até chegar, sem o saber, á ponta do rochedo que, junto da lapa, mede duzentas braças de altura sobre a praia.

N'um relance, conheceu o sitio e o perigo. Sofreando o

---

[1] Canto I, est. XII.
[2] Canto VIII, est. XVII.

ginete, invocou o auxilio de Nossa Senhora, de que era devoto, e o ginete estacou com tamanha firmesa, que ficaram as ferraduras para sempre gravadas na pedra.

. . . .
Sobre penha que duzentas
Braças prende ao mar, se viu

Um cavallo! e o bom dom Fuas
Que o remessára até ali,
Saltar por terra, clamando:
— «Por ti, Senhora, é por ti!»

Prostrou-se humilde e deu graças,
Depois benzeu-se e surgiu;
E ora ouvireis aos monteiros
Palavras que dirigiu.

Contando o prodigioso successo aos monteiros, todos se prostraram com D. Fuas Roupinho em reverencia á Virgem da Nazareth, e logo pelo alcaide foram chamados de Leiria e Porto de Mós artifices que viessem levantar um templo sobre a lapa. Ao excavar os alicerces appareceu o cofre com as reliquias de S. Bartholomeu e S. Braz e um pergaminho em que frei Romano contava a historia d'aquella imagem milagrosa.

Rematado o templo, que era aberto em quatro arcos, para que de todos os pontos cardeaes podesse avistar-se o altar, e divulgada a fama do prodigio, começou a romaria dos fieis, que de longes terras acudiram ali.

Deu a côrte o exemplo.

Affonso Henriques, então septuagenario, acompanhado do herdeiro do throno, que orçava pelos vinte e oito annos, foram á Nazareth em piedosa visita ao novo santuario da Senhora.

E, auctorisado pelo rei e principe, fez-lhe D. Fuas Roupinho doação das terras circumpostas, que eram mattos asperos, povoados de caça brava.

Em 1377 mandou elrei D. Fernando fabricar melhor templo, que depois foi acrescentado pela rainha D. Leonor em tempo de D. João II; e el-rei D. Manuel fez construir os alpendres destinados aos romeiros, que de anno para anno iam augmentando em numero e devoção.

«E agora em nosso tempo — diz frei Bernardo de Brito[1]

---

[1] *Monarch. Lusit*, tom. II, liv. VII, cap. IV.

—se fez uma capella-mór de boa fabrica á custa de esmolas e rendimento da confraria, e na ermida antiga fundada por Dom Fuas, procurei eu com soccorro de alguns devotos que se abrisse debaixo do chão outra capella, para ficar descoberto o mesmo rochedo e lapa em que a Santa Imagem estivera escondida tanto numero de annos, e se desce a ella por oito, até dez degraus, com notavel consolação de quem contempla a grande antiguidade d'aquelle santuario.»

N'uma inscripção composta em latim declarou frei Bernardo de Brito que, emprehendendo realisar aquella obra, cumpria um voto.

E o tempo vai seguindo seu curso, os annos succedem-se, e a devoção á Senhora da Nazareth não affrouxa nem cança. Chovem de toda a parte os votos e as offerendas; engrossa, em cada romagem, a torrente dos romeiros.

Real Casa da Nazareth

Aquella pequenina imagem, *morenita e graciosa*, como disse Castilho, tem escapado, por sua propria força a todos os naufragios da fé e da piedade. Abalam-se os thronos; fica de pé o solio que A sustenta. Vieram os francezes a Portugal e fizeram rapina de invasores. Salvou-se a imagem bem acautelada na capella real de Queluz, emquanto o perigo não passou[1].

De anno em anno, a 14 de setembro, reunem-se na Nazareth os maiores e mais brilhantes cyrios de Portugal.

Um poeta portuguez, Joaquim da Costa Cascaes[2], con-

[1] Veja-se a narrativa d'esta trasladação em *O romeiro da Nazareth*, por Bento José Machado.

[2] Morreu no posto de general reformado, em 1898.

seguiu dar, em versos singelos, a impressão de um cyrio — transumpto de todos os outros, — taes como é tradição celebrarem-se ao sul do paiz[1] e tambem n'uma ou n'outra terra

[1] No sul da paiz, alem do cyrio da Nazareth, realisam-se annualmente os seguintes:

Nossa Senhora do Cabo — No cabo de Espichel (Promontorio Barbarico). Sobre a apparição da imagem veja-se o livro: *Memoria da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo; descripção do triumfo com que os Festeiros, e mais Povo de Bemfica, a conduzirão á sua Parrochia em 1816, para a festejarem em 1817*, etc., por Frei Claudio da Conceição — Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1817.

O templo é uma fabrica magestosa, com trez portas e duas torres. Ao norte, e perto do templo, está a ermida da Memoria, em cujo sitio é tradição que Nossa Senhora appareceu.

A imagem tem o Menino nos braços. O manto foi bordado pela rainha D. Maria I. A ermida doou-a Diogo Mendes de Vasconcellos, em 1428, aos dominicanos de Bemfica que a habitaram e por fim a abandonaram em razão da aspereza do clima. Depois passou a administração para a camara de Cezimbra, começando então o cyrio do termo de Lisboa, chamado dos *saloios*. Um dos duques de Aveiro pediu licença para ir caçar ali; desde esse tempo ficou a ermida isenta de direitos parochiaes.

São muitas as lôas da Senhora do Cabo, impressas em folhas volantes. Citarei uma, a dos festeiros de Carnaxide, em 1859, que n'esse anno entregaram a bandeira aos de S. Julião do Tojal. Assistiram á passagem do cyrio el-rei e a rainha. Um dos anjos refere-se a este facto dizendo:

> Aqui, excelso monarcha,
> Este povo piedoso,
> Vem acompanhando a Virgem
> Mãe do Todo-Poderoso.
>
> . . . .
>
> De Pedro Quinto e Estephania
> Seja Ella a protectora,
> Subditos fieis o imploram
> A' Virgem Nossa Senhora.

Elrei D. José, que assistiu em 1779 á festa do Cabo, fez muitas doações á respectiva ermida.

Nossa Senhora da Atalaya — Na margem esquerda do Tejo, freguezia de Aldegallega, a quatro kilometros da villa d'este nome. Sobre a apparição da imagem veja-se *Portugal antigo e moderno*, vocabulo *Atalaya*. São muitos os cyrios que vão ali; este anno (1899), no domingo 27 de agosto, concorreram os seguintes: de Santos, termo de Cezimbra; Azoia, termo de Palmella; Santa Izabel, Cezimbra, villa; Palmella, Quinta do Anjo; S. Francisco de Paula, Francezinhas, Setubal, Ajuda, Carregueira e Olhos d'Agua.

O *Seculo*, referindo-se á vespera da festa, dizia (n.º 6.335):

«Durante a noite, até ás 10 horas, varias pessoas, cumprindo promessas, encaminhavam-se de rastos, de joelhos, amortalhadas e em esquife, desde o cruzeiro até á capella, onde depunham as suas dadivas que, na maior parte, consistiam em velas, pernas e cabeças de cera.»

Nossa Senhora da Arrabida, na serra do mesmo nome, junto a Cezimbra.

Este cyrio foi instituido em 20 de maio de 1839. Possuo numerosas lôas a elle referentes.

Nos ultimos annos fazem-se em Setubal grandes festejos, que duram de 30 de junho a 10 de julho. Os programmas são distribuidos em folha volante. Tenho presente o «numero unico» de um periodico, que este anno foi publicado, por iniciativa de alguns setubalenses, sob o titulo *Arrabida*.

Sobre os cyrios do Cabo e da Arrabida veja-se o opusculo *A luz de Portugal, historia da Nossa Senhora do Cabo* pelo presbytero Diogo Francisco da Piedade e Costa — Lisboa, 1899. Mas a mais completa noticia ácerca da Senhora e dos cyrios do Cabo é a que se encontra no 1.º volume do *Summario de varia historia*, pelo dr. Ribeiro Guimarães, pag. 194.

do norte, na Beira Baixa por exemplo *(Nossa Senhora de Sacaparte)*. Abrange essa composição um quadro de costumes populares, suggerido pela inspiração da fé nacional. Relel-a vale tanto como banhar a alma n'um caudal de crença pura. E' uma descripção minuciosa, gradual, completa. Os versos são correntios e singelos; mas a observação é tão exacta que lhes duplica o valor. E a devoção popular, sincera e profunda, resalta nitida e commovente:

Veste galas toda aldêa,
Illuminam-se os altares;
E gente de toda a parte
Concorre, chega a milhares.

Nem ha pobre, que precise,
Nem rico, que hoje não dê,
Milagres são da Senhora,
Ao povo, que n'Ella crê.

Algumas das lôas cantadas pelo povo, durante o transito dos cyrios, têm sido compostas por afamados poetas.

João de Deus escreveu em 1877 umas, que são notaveis, a Nossa Senhora do Cabo. Constituem um poema de ardente fé na Virgem, um poema encantador. Transcrevemos trez estrophes:

Virgem mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses ceus!

D'olhar fito n'esse olhar,
D'olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem
Nova onda; e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem mãe!

(Lôas a Nossa Senhora do Cabo, consagradas pelos festeiros do Almargem no anno de 1877.)

Vem de longe;—mas que importa?
A Senhora a visital-o;
Os de pé, ficam-a esperando,
Vão buscal-a os de cavallo.

Mas, á festa ninguem falta,
Que a Virgem Nossa Senhora
O seu povo quer ver junto,
N'esse dia a essa hora.

Quem gostoso Vos não vira,
Senhora, d'instante a instante?
Quanto mais, sendo visita,
D'éra a éra tão distante!

Vêem-se arcos de triumpho
Nas entradas do logar;
Signal certo, que a Senhora,
Por alli ha-de passar.

Não ha joia, que se occulte,
Jardim que fique com flôr,
Nem desvélo que se poupe,
Não ha peito sem amor.

E gente que sóbe e desce
Em ondas pelo arraial,
Repica o sino da torre,
Os foguetes dão signal.

Sôam gritos de alegria,
Que a Senhora, e seu cortejo,
Vem já perto;—e só p'ra vê-la
Todos morrem de desejo.

Vêl-o o povo, que se agrupa,
Em ala, bem ordenada,
E passando, já começa
A devota cavalgada.

Vêl o o povo reverente,
Se descobre, sem demora;
Foi a sagrada bandeira,
Que elle viu passar agora.

Instrumentos já s'escutam,
Harmonias alternando,
Com as lôas que os Anjinhos,
Recitam, de quando em quando.

Eil-o em devoto silencio,
O povo que ajoelhára!
Que bem vinda é a Senhora,
Se a não visse adivinhára.

Seu rico manto bordado,
Sua dourada berlinda,
Corôa posta na cabeça...
O que Ella vem de linda!

Oh! que scena deleitosa
De fé viva e devoção,
Ver prostrado um povo inteiro
Em tributo d'affeição.

Tributo, que não opprime,
Que livre brota no peito,
Como o lyrio da montanha,
Que a ninguem vive sugeito.

E novos hymnos se escutam,
O fogo estala nos ares,
Repicam sinos da torre,
Arde incenso nos altares.

Que, para o templo, é já ida
A Senhora em procissão,
Onde cultos do seu povo
Agora rendidos são.

As pias, singelas, antigas usanças,
Memorias da patria, que o berço nos déra,
São ellas tão cheias de gratas lembranças
Que n'alma derramam louçã primavera.
São vivo reflexo que a mente nos doura
Dos feitos illustres de nossos avós;
Legados que a patria mal hoje enthesoura,
Que muitos desprezam, — saudemol-os nós.

Este anno (1899) assisti em Mafra á chegada do cyrio da Prata Grande que, depois das festas da Nazareth, conduzia a imagem de Nossa Senhora da freguezia da Carvoeira para a de Alcainça. Este cyrio percorre dezesete freguezias, de modo que só transcorridos dezesete annos volta ao mesmo logar[1].

Depois de breve paragem na ermida da Paz, ficou a Senhora hospedada na basilica de Mafra até que no dia se-

guinte viessem buscal-a os festeiros de Alcainça. Entrou o cyrio em Mafra já noite fechada. As janellas do sumptuoso templo resplandeciam com a luz do interior; no largo do edificio havia luminarias em todos os predios. Ouviam-se musicas; estalavam foguetes. O carrilhão repicava em jubilo.

Dentro da egreja — aquella linda egreja de Mafra — foi a imagem recebida com um *Te Deum*. O padre Xavier Machado subiu ao pulpito e celebrou as virtudes e milagres da Senhora da Nazareth. Era funda em todos os assistentes a impressão religiosa d'aquelle momento: lia-se nos rostos o que se passava nas almas.

Ao outro dia, logo pela manhã, muitos habitantes da Carvoeira vieram fazer as suas despedidas á Senhora. Os velhos choravam lastimando sua velhice, porque talvez, dezesete annos passados, não sejam já do numero dos vivos para tornar a receber a imagem. Sobre a tarde chegaram os mordomos de Alcainça em carruagens e a cavallo. Era um prestito numeroso. Organisou-se o cyrio, um dos mais luzidos que temos visto. E, quando o cyrio abalou e o carrilhão de Mafra enviou á Senhora as ultimas saudações, uma vaga sombra de tristeza annuveou a physionomia dos que tinham de ficar ali.

Durante a noite e o dia não occorreu o menor conflicto.

Assim, sete seculos depois de fundada a monarchia portugueza, resurgia vívida e fervorosa a fé com que Affonso Henriques levantára e reverenciára os primeiros altares da Virgem Maria em Portugal.

---

[1] As freguezias são: Egreja Nova, Mafra, Santo Isidoro, Montelavar, Chelleiros, Encarnação, S. Pedro da Cadeira, Ericeira, Carvoeira, Alcainça, Terrugem, S. João das Lampas, Sobral da Abelheira, Santo Estevam, Gradil, Azueira e Enxara.

II

Consolidação da nacionalidade sob os auspicios de Maria Santissima

---

OI a par e passo desenvolvendo-se com o sentimento da nacionalidade a crença religiosa dos portuguezes, especialmente a devoção a Maria Santissima.

O exemplo d'esta devoção, tão fortemente inspirado por Affonso Henriques, converteu-se n'uma viva fé nacional, que invocava o nome da Mãe de Deus para consolidar a independencia da patria nascente.

Ia-se generalisando por todo o paiz o culto de Nossa Senhora. Surgiam de um dia para o outro os pequeninos templos, os modestos oratorios em Sua honra, como primeira expressão da piedade christã do povo. Agora era Lisboa que erigia um altar á Senhora de Penha de França, casa tão antiga que foi fundada pouco depois da tomada da cidade aos mouros[1]; logo era junto aos alcantis da serra da

[1] *Sant. Mar.*, liv. I, tit. VIII.

Estrella que se afervorava a devoção dos montanhezes á imagem de Nossa Senhora dos Açores[1]. Agora era na villa

Egreja da Penha de França

de Sosa, junto a Aveiro, que D. Sancho, 1.º do nome, fundava um hospicio para romeiros e peregrinos posto sob a mesma invocação com que essa piedosa instituição de caridade viera de longes terras: Santa Maria de Roca Amador[2]. Logo era em Leiria que o povo dirigia ardentemente suas orações e memoriaes á Senhora da Pena no templo que dentro do castello d'aquella cidade mandára erigir Affonso Henriques[3].

Duas causas principaes, alem da que resultava do exemplo do primeiro reinado, contribuiram para avivar a devoção á Santissima Virgem no tempo de Sancho I: a fome e peste, que dizimaram o novo reino de Portugal, sendo talvez geraes na Europa, e a guerra no Algarve contra os mouros.

Naturalissimo era que em tão perigosas circumstancias se voltassem para o ceu, invocando a protecção de Nossa Senhora, os olhos e as almas de todos os portuguezes.

[1] *Mon. Lus.*, tom. IV, liv. XII, cap. V.

[2] O ultimo trabalho que conhecemos sobre esta instituição hospitalar é o do sr. Cherubino Lagoa — *Hospital e albergaria de Santa Maria de Roc'Amador.* Tratando do hospital do Porto, tambem dá noticias ácerca da historia geral do instituto.

[3] «Por sem duvida se tem, ser esta Santissima Imagem a mesma e a primeira que mandou fazer el-rei D. Affonso, e que elle mandou collocar n'aquella egreja, logo que lh'a dedicou». *Sant. Mar.*, tom. III, liv. III, tit. I.

Aquelles dois flagellos, fome e peste, foram atrozes, grandemente mortiferos.

«Não só em Portugal, mas em muita parte do mundo — diz frei Antonio Brandão[1] — parece que foi geral a calamidade de fome e peste por aquelle tempo; porque em o livro de Noa de Santa Cruz de Coimbra se diz, que houve grande fome por todo o mundo, qual se não tinha visto desde seu principio, e que houve tambem grande pranto em toda a gente, e mortes vehementes que abrangiam assim a homens, como a animaes, e que isto aconteceu na éra de mil e duzentos e quarenta que é anno de mil e duzentos e dous. Parece que estas miserias se anteciparam no reino de Portugal, e duraram mais tempo, e assim referem nossos auctores que ficou despovoada grande parte do reino, e que andavam os homens como attonitos, vendo sobre si tantos castigos do ceu».

A peste victimava familias e communidades inteiras. Entrando no mosteiro de S. Julião, junto á serra da Pescaria, nos coutos de Alcobaça, dizimou quasi todos os monges, que parece seriam ermitães de Santo Agostinho.

Os poucos ainda não contagiados, fugiram, levando comsigo uma imagem de Nossa Senhora. Demandaram o mosteiro de Alcobaça, mas antes de chegar a elle pararam n'um sitio alto, que lhes pareceu proprio para restaurarem suas forças. Como, porém, já trouxessem em si o germen da doença, ahi mesmo foram alcançados pela pestilencia. Conhecendo a morte, esconderam a sagrada imagem, que, encontrada depois, deu origem á fundação da egreja de Nossa Senhora da Ajuda.

A guerra no Algarve, os combates sanguinolentos ahi travados entre portuguezes e mouros, foram origem da fundação de varios templos em honra da Mãe Santissima. Mencionaremos o de Nossa Senhora dos Martyres, junto aos muros de Silves, para a banda do occidente[2]; e o de Nossa Senhora, tambem dos Martyres, em Castro Marim, sobre a foz do Guadiana.

A invocação — dos Martyres — como acontecêra em Lisboa, caracterisa a época da guerra contra os mouros pela

---

[1] *Mon. Lus.*, tom. IV, liv. XII, cap. XX.

[2] Este santuario ou foi fundado logo ao tempo da conquista de Silves por D. Sancho I, ou quando D. Payo Peres recuperou a praça quando já reinava D. Sancho II.

independencia do solo nos primeiros tempos da monarchia portugueza.

Referindo-se á imagem de Castro Marim, diz frei Agostinho de Santa Maria:

«Este titulo se devia dar á Senhora, sem duvida, porque no tempo dos mouros se enterrariam junto ao seu altar os corpos d'aquelles soldados, que em defeza da fé sacrificaram as vidas, como vêmos em as imagens da mesma Senhora dos Martyres das cidades de Silves e de Tavira[1]».

A propria tradição popular refere, quanto á imagem de Castro Marim, que se constituira advogada dos captivos portuguezes na época em que os nossos antepassados disputavam aos mouros a posse do Algarve:

Captivo de um pêrro mouro
Em terras de mouraria,
Debaixo de duros ferros,
Um pobre christão vivia.
Negro pão e agua turva
Só lhe davam por medida.
De manhã até á tarde
A um moinho moía;
E á noite o pêrro infiel,
Com medo que lhe fugisse,
N'um caixão grande o fechava,
Muito forte em demasia.
Depois, em cima deitado,
Em tom de mofa dizia,
Como quem Deus não conhece,
Esta horrivel heresia:
— Livre-te d'aqui agora
A tua Virgem Maria! —
Chorava o pobre christão,
Mas seus males não carpia:
A blasphemia que escutava
Era o que só lhe doía.
Todo em lagrimas banhado,
D'esta maneira dizia:
— Senhora! que não castigas
Esta grande aleivosia!

Se elle bem A invocava,
Melhor a Senhora o ouvia.
Uma noite, á meia noite,
O caixão que se movia!
Sem que ninguem lhe tocasse,

[1] *Sant. Mar.*, tom. VI, liv. II, tit. XXVI.

Ao mar direito corria:
O mouro, no melhor somno,
Em cima d'elle dormia.
Já lá vai por essas aguas,
Cercado de ondas se via:
Adeus, terra de mourama!
A terra ao largo fugia.
Assim trez noites vogaram,
Trez noites e mais dois dias:
O mouro, como encantado,
Do somno não se bulia.

Já desponta a manhã clara,
Manhã do terceiro dia:
Novas areias se mostram,
Novos ceus, nova alegria!
Já perto se ouve roncar
O mar pela penedia;
O ladrar de muitos cães
Por toda a costa se ouvia.
Da torre o gallo trez vezes
Este milagre annuncia:
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia,
Sem que ninguem os tangesse,
Porque tudo inda dormia.

Com os sinos acorda o mouro,
Sem atinar com o que via;
Já mui contricto e humilhado
Para o captivo dizia:
— Christão, que terra é esta
De tão alta senhoria?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães,
Logo ao despontar do dia?
— Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia...
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos,
Logo ao despontar do dia...
— Ergue-te, christão, perdoa-me
Todo o mal que eu te fazia:
Hontem eras meu escravo;
Teu servo sou n'este dia.

Para vêr este milagre
Toda a gente ali corria;
Com seus gibões encarnados

Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem,
Caminho da santa ermida;
O mouro, por Deus tocado,
D'esta maneira dizia:
— Oh mãe de Deus poderosa,
Piedosa Virgem Maria,
Perdoae-me os meus peccados,
Que eu christão me tornaria! —
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria;
Tão crystallina e tão pura,
Que linda que ella corria!
Com esta agua bemdita,
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptisado
O mouro da Barbaria.
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias
Mesmo no meio das aguas
Um verde freixo nascia;
Tão copadinho e tão verde,
Oh que bem que parecia!

Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria;
De Portugal e Castella [1]
Tudo ali corre em seu dia.

Não affrouxa durante o reinado de Affonso II, antes se robustece, o sentimento religioso dos portuguezes, especialmente o culto da Mãe de Deus. O proprio rei, cuja resolução de animo orçou ás vezes pela dureza até nas relações de familia, foi um devoto de Nossa Senhora, como elle mesmo confessa em documentos publicos.

Um d'estes documentos é a carta de doação, ao convento de Santa Cruz, de Coimbra, dos dizimos das terras que a corôa recolhia em Leiria. O diploma tem a data de 1218 e n'elle declára Affonso II que fazia esta doação por *devoção de Nossa Senhora* e remedio de sua alma e de seus filhos.

Outro, é a escriptura, tambem de doação, a mestre Vicente, deão da sé de Lisboa, do prestimonio [2] que foi de D. Pedro Affonso.

[1] Como se sabe, Castro Marim fica quasi em frente de Ayamonte. A povoação, comquanto esteja algum tanto separada do rio, dá accesso ás embarcações por meio de um esteiro ou canal.

[2] «Esta palavra se fez hoje inteiramente ecclesiastica: é uma porção dos ré-

«Esta concessão vos fazemos—diz o rei—pelo amor de Deus e «da bemaventurada Virgem Maria», e pelo muito serviço que nos fizestes no concerto que tivemos com nossas irmãs, etc.»

Merece nota a circumstancia de que a carta de doação foi passada em Santarem *na festa de Santa Maria de agosto* (dia 15, festa da Assumpção) da era de 1260.

O reinado de Affonso II ainda alcançou cinco annos do pontificado de Innocencio III, que engrandeceu a Egreja Romana e passa por ser o auctor do *Stabat Mater*, doloroso grito de angustia que as dores de Nossa Senhora arrancaram ao coração de um poeta [1]

Este hymno religioso, espalhando-se rapidamente na Europa, reaccendeu o fervor pelo culto de Nossa Senhora, a piedade christã pelos tormentos incomportaveis da *Mãe Dolorosa*, junto á cruz em que viu expirar o Filho amado.

Na sequencia do tempo o *Stabat Mater* tem sido glosado

---

ditos de um beneficio, que se confere a um ecclesiastico ou leigo *in quocumque statu*. Differe da *pensão*, *tença* ou *cavalleirato*: porque estes são em vidas, e o *prestimonio* é para sempre; e por isso vem hoje debaixo do nome de beneficio. Viterbo—*Elucidario*.

[1] Outros o attribuem ao franciscano Jacopone, italiano de nação, que viveu na segunda metade do seculo XIII e morreu em 1306. Seguimos, porém, a opinião do papa Benedicto XIV, por quem é attribuido a Innoecncio III.

em musica por Scarlati, Pergolesi, Haydn, Mozart, Lesueur, Cherubini e Rossini. [1]

Entre as versões portuguezas do *Stabat Mater* adoptaremos a do illustre bispo de Angra, Dom Frei Alexandre da Sagrada Familia, tio e educador do visconde de Almeida Garrett; e incluimol-a n'esta obra como testemunho de que todos os louvores da Mãe de Deus têm sempre encontrado sentido écco no coração dos portuguezes:

Estava a Mãe dolorosa
Ao pé da Cruz lacrimosa,
E o filho pendente d'ella.
    Dura espada lhe rasgava
    A alma pura, e lh'a ensopava
    Em dôr, tristeza e gemidos.
Oh quão triste, quão afflicta
Foi a Donzella bemdita,
Mãe do Unigenito Filho!
    Dor, e angustia a possuia,
    E toda trémula via
    As penas do inclyto Filho.
Que homem ali não chorara,
Se a Mãe de Christo observára
Padecendo tal supplicio!
    Que peito não se partira,
    Quando a Mãe piedosa vira
    Com seu Filho suspirando!
Porque o povo delinquiu,
Jesus em tormentos viu
Soffrendo crueis flagellos.
    Viu o Filho seu amado,
    Morrendo desamparado,
    Lançar o espirito extremo.
Eia, Mãe, fonte de amores,
Fazei que essas fortes dôres
Eu sinta, e comvosco chore.

[1] «No meio de todas estas composições destaca-se a obra de Pergolesi, pela simplicidade dos recursos em que exprime um sentimento intenso, quando ainda não estavam creadas nem a Sonata, nem a Symphonia, nem a instrumentação ia além do chamado quartetto de arco. E comtudo esta apparente pobreza de meios, dá-lhe uma belleza extraordinaria. Primeiramente, Pergolesi era um apaixonado, um homem que morre de amor aos vinte e seis annos; seguindo a esthetica da Escola de Napoles, da divisão dos sentimentos em tenues e vehementes, escreveu o *Stabat Mater* para duas vozes de mulher, em que melhor do que nenhum outro instrumento, se podia exprimir a piedade, a angustia e a supplica, dividindo esta expressão pela voz de soprano e pela de contralto, segundo os seus timbres especiaes, e unificando-as em duettos cuja fórma acabava de ser creada por seu mestre Davante. A belleza do *Stabat* de Pergolesi encerra todos os caracteres da Escola de Napoles; a unidade de motivo no meio da variedade das modulações; a idéa melodica simplesmente traduzida em diversos movimentos rythmicos, e a palavra sempre transparecendo pura no seu sentido através da ingenuidade do canto nas suas ligaturas e syncopas.»—*Theophilo Braga.*

Fazei que a alma se me inflamme
Porque a Christo Deus só ame,
E só busque o seu agrado.
Santa Mãe, isto Vos peço,
Fique o peito bem impresso
Das Chagas do Crucifixo.
De Vosso Filho chagado,
O que por mim se ha dignado
Soffrer, reparti comigo.
Fazei me em quanto eu viver
C'o meu Jesus condoer,
Comvosco chorar devéras.
Junto á Cruz comvosco estar,
Vosso pranto acompanhar
Unicamente desejo.
Virgem das Virgens preclara,
Não sejaes comigo avara,
Fazei-me chorar comvosco.
Fazei que eu seja consorte
Das Chagas, Paixão e Morte
De Christo e que em mim se vejam.
Fazei-me d'ellas chagado,
D'esta Cruz embriagado,
Por amor do doce Filho.
Porque a chamma não me queime,
Doce Virgem, defendei-me
No derradeiro juizo.
Ao sair do corpo esta alma,
Dae-me da victoria a palma
Por Vossa Mãe, meu Jesus.
Quando a morte me levar,
Fazei que a alma vá gosar
A gloria do Paraizo. *Amen.*

São muitos os poetas portuguezes que se têm inspirado no assumpto do *Stabat Mater;* torna-se quasi impossivel enumeral-os.

Mencionaremos, de passagem, apenas trez, nossos contemporaneos: Camillo Castello Branco, Thomaz Ribeiro e João de Lemos:

O primeiro cantou *As sete dores de Maria Santissima* [1] no livro *Duas epocas na vida;* o segundo intitulou *Stabat Mater* o seu mavioso threno, de que desengastamos duas estrophes:

---

[1] I Prophecia de Simeão — II Fugida para o Egypto — III Desapparecimento de Jesus no templo — IV Maria encontra Jesus no caminho do Calvario — V A morte de Jesus — VI Jesus golpeado pela lança e descido da cruz — VII Jesus encerrado no sepulchro.

Na eminencia do Calvario
Morreu de Deus o cordeiro!
E o soluço derradeiro
Foi o perdão de Jesus!
Treme em seus eixos a terra,
Que nos parece tamanha
E é fraquissima peanha
Para suster uma cruz!

D'uma dôr sem semelhante
A triste Mãe traspassada,
Cai na terra, ensanguentada,
E ao pé da cruz se abraçou!
Nos olhos tem tal angustia,
Nos labios tanta meiguice,
Que o anjo puro que disse
— *Ave Maria* — chorou! [1]

Do *Stabat Mater*, de João de Lemos, as estrophes iniciaes:

Eil-a só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Eil-a, a mãe, nos braços tendo
O filho de infindo amor;
O filho chagado, exánime;
O filho que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dor!

Eil a junto á Cruz, patibulo
D'onde seu filho pendêra;
Ai! Como a triste lhe dera
Mil vidas, todas de amor!
Mas vê já aberto o tumulo,
Lá cai a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dor! [2]

A commemoração das Dores é celebrada com grande apparato em muitas das principaes cidades e villas de Portugal [3], mas em nenhuma parte é mais imponente do que na egreja dos Congregados no Porto. O templo reveste riquissimas colgaduras, illumina-se com grande numero de candelabros,

---

[1] *Sons que passam.*
[2] *Cancioneiro*, III vol — *Impressões e recordações.*
[3] O papa Benedicto XIII, em 12 de agosto de 1725, mandou rezar das *Dores* ao estado ecclesiastico, e em 22 de agosto de 1727 ordenou que se rezasse d'ellas em toda a Egreja Catholica.

e o altar da Senhora converte-se n'um jardim em que as mais delicadas flores da estação abundam n'uma profusão enorme. Incumbe-se do sermão, por convite da «juiza», um dos prégadores de maior fama [1]. A concorrencia de fieis chega a ser caudal; as damas apresentam-se de mantilha de rendas preta, na cabeça.

O *Stabat Mater* costuma ser cantado pelos melhores artistas lyricos do theatro de S. João.

Em Braga, nos ultimos annos, damas e cavalheiros de boa sociedade têm-se encarregado, para o mesmo effeito, de supprir a falta de cantores de profissão [2].

O *Stabat Mater*, como iamos dizendo, achara em toda a Europa um sentido écco no coração de todos os fieis; pode calcular-se a impressão que produzira, pela que produz ainda hoje, seiscentos annos transcorridos sobre a sua genése, porque, qualquer que fosse o auctor, não ha duvida que é uma composição do seculo XIII.

Os sentimentos religiosos que, estabelecidas estas correntes suggestivas, dominaram o attribulado reinado de Sancho II, inferem-se *á priori* da devoção com que, em razão dos achaques de que soffreu na primeira infancia, lhe foi vestido por seus pais um habito monastico, d'onde proveio o cognominarem-n'o *capêllo*.

Na familia real continuava muito viva a devoção á Virgem, do que dá prova a infanta D. Sancha, tia paterna do rei, que foi religiosa de Lorvão e fundou o convento de Cellas, junto a Coimbra.

D'esta piedosa princeza diz frei Antonio Brandão que de seus primeiros annos foi inclinada á vida religiosa, á lição de livros espirituaes e vidas de santos, e «sobretudo devotissima da Virgem Maria Senhora Nossa [3]».

É de notar que os nossos primeiros reis não davam a suas filhas o nome de — Maria — em respeito á Mãe de Deus, por escrupulo de profanal-o, pois que pertencia á mais perfeita e pura de todas as mulheres. O mesmo acontecia n'outros paizes, onde esse nome ou não era dado a

[1] A maior parte d'estes sermões correm impressos. Lembram-me agora, para cital-os, os do conego Alves Mendes e do rev. Patricio.

[2] No breviario bracharense, a devoção das *Dores* vem mencionada por addição em caderno especial, o que prova não ser muito antiga n'aquelle arcebispado, mas é muito fervorosa, como se pode vêr nas *Memorias de Braga*, por B. J. Senna Freitas, vol. II, pag. 460. Havia d'antes o terço das *Dores*, que saía da egreja de Maximinos ás 6 horas da tarde.

[3] *Mon. Lus.*, tom. IV, liv. XIV, cap. IX.

nenhuma creança do sexo feminino ou era mais tarde substituido por exigencia dos noivos [1].

É no reinado de Sancho II que floresce o famoso thaumaturgo de Lisboa, Santo Antonio.

D'elle escreve o mais auctorisado chronista de Cistér:

«Era por extremo devoto da Virgem Maria, e grande zelador de suas excellencias. Um dia da Assumpção da Senhora se resolveu a não ir a Matinas, só porque se liam no côro certas lições que se attribuiram a S. Jeronymo, em que fallava com duvida na Assumpção da Virgem em corpo e alma, e parecia-lhe ao devoto capellão da Senhora indecencia grande ouvir cousa que notoriamente não fosse em louvor Seu. Agradeceu-lhe Ella o santo zelo, certificando-o como fôra sublimada ao Ceu em ambas as substancias de alma e corpo com estas palavras: «Antonio, seguramente podes prégar, e crêr esta verdade [2]».

Entre as imagens da Virgem, que n'este tempo inspiravam maior devoção em Lisboa, contava-se a de Nossa Senhora da Piedade, *de pincel,* estabelecida n'uma capella da claustra da sé.

A respectiva irmandade, cuja bandeira representava Nossa Senhora com o Filho morto em Seus braços, tinha por exercicio enterrar os mortos, visitar os encarcerados e acompanhar os criminosos que iam a padecer pena ultima. A bandeira da Senhora da Piedade foi substituida, para identicos fins, pela da Misericordia, depois do reinado de D. João II.

Aquella mesma irmandade, com a sua bandeira, acompanhou á forca o pae de Santo Antonio, a quem as justiças condemnaram pelo crime de homicidio, que lhe fôra imputado.

Foi Sancho II quem mandou erigir o convento de S. Domingos em Lisboa, posto que a egreja, que deixára principiada, se concluisse no reinado de Affonso III.

Ora, segundo o testemunho de frei Agostinho de Santa Maria, [3] logo desde a origem do convento de S. Domingos

---

[1] Affonso IV, rei de Castella, estando para casar com uma jovem moura, declarou que não a tomaria por esposa se lhe puzessem no baptismo o nome de Maria.

Vladislau, rei da Polonia, exigiu que o nome da sua noiva fosse trocado pelo de Aluysa, e seu pai, Casimiro I, já tinha procedido do mesmo modo quando pensou em desposar Maria, filha do duque da Russia.

[2] *Mon. Lus.*, tom. IV, liv. XIV, cap. XIII.

[3] *Sant. Mar.*, tom. I, cap. XIV.

Imp. de Libanio da Silva

REPOUSO DA VIRGEM

(Quadro do pintor francez LUC OLIVIER MERSON.)

em Lisboa, começou ali a devoção á imagem de Nossa Senhora do Rosario.

O seu depoimento é confirmado por frei Luiz de Sousa, quando diz que tendo sido o patriarcha S. Domingos quem primeiro prégou esta devoção, ella viera no curso dos tempos a estar quasi esquecida e apagada, porque é propria dos homens a versatilidade, e eram homens os que mantinham aquelle culto [1].

Não ha duvida que foi em 1484 que resurgiu a devoção do Rosario no convento de S. Domingos em Lisboa, e resurgiu mais vívida, porque se organisou uma confraria, na mesma capella que desde a origem do templo fôra dedicada á Virgem d'aquella invocação.

O chronista dominicano distingue entre a antiguidade do rosario (ramal de contas) e a do culto da Senhora assim invocada; e, sem distinguir as idades, distingue tambem as etymologias.

O rosario, ramal de contas, traz origem dos ermitães do Egypto, de que o evangelista S. Marcos fôra pai espiritual: «é cousa certa que para terem conta e ordem no que haviam de rezar entre dia e noite, se aproveitariam, como gente necessitada de tudo, dos fructos silvestres e sêccos do matto, infiados em seus ramaes. E já por aqui fica colhida a etymologia das contas pelo effeito em que serviam [2].»

Em verdade, a antiguidade do rosario remonta a uma epoca anterior a S. Domingos, e n'isto são concordes os historiadores, excepto Mézeray, mas foi a ordem dominicana que lhe deu maior voga, e tambem n'isto estão de accôrdo muitos investigadores do passado, entre outros Luc d'Achery.

Tendo começado por uma simples enfiada de «fructos silvestres e sêccos», o rosario chegou, em nossos dias, a ser de marfim e ouro, materias preciosas; e aqui me acodem ao pensamento os bellos versos de Gonçalves Crespo, tão doces e tão profundos:

Quando, á noite, contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
    Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos das longinquas eras
    De santas devoções.

---

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. III. cap. XXV.
[2] Mesma obra, liv. I, cap. XIV.

A cruz eburnea, onde agonisa Christo,
E' de um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merencoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Quanto á etymologia da devoção á Senhora, explica o mesmo chronista que mereceu o nome de Rosario, a que em portuguez corresponde Rosal, por ser a rosa a rainha de todas as flores e Nossa Senhora a rainha de todas as mulheres.

«E' a rosa a mais nobre de todas as flores, por fineza da côr, por excellencia do cheiro, por utilidade da virtude: alegra a vista, deleita o olfacto, conforta o coração; e é conservadora da vida humana, com a agua sendo estilada, com o oleo em infusão, com a sustancia em conserva. Por estas calidades, e porque nasce armada de espinhos e abrolhos, que offendem e magoam, é symbolo da honestidade e vergonha virginal: como parece das sagradas lettras, onde o Espirito Santo para declarar as excellencias da Esposa Santa por termos do campo humildes e pastoris, não buscou melhor comparação, dizendo em nome d'ella: *Ego flos campi et lilium convallium*. E, n'outra parte: *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias*. E, fallando tambem do Esposo Divino não lhe quiz dar maiores gabos, que dizer d'elle: *Qui pascitur inter lilia*. E muito tempo antes tinha dito: *Pulchritudo agri mecum est*. E não obsta apontar o texto só em lirios. Porque no hebraico lirios e rosas têm um mesmo nome como advertiu o M. Sotto Maior por estas palavras: *Vox enim hebræ utrumque significat tam rosas quam lilium*. E onde o latino diz: *Ego flos campi*, traduzem os hebreus: *Ego rosa Saron*. E a versão que anda de hebraico hespanhola, que não tem pouca auctoridade, onde a latina lê: *Qui pascitur inter lilia*, diz: *entre rosas*. E Santo Ambrosio nos ensina que estes lirios e rosas são as Virgens santas, e que a Egreja sagrada affirma o mesmo de si. São as palavras: *Christi lilia sunt specialiter Virgines, quarum est splendida et immaculata virginitas. Unde plerique accipiunt, quod Ecclesia videatur dicere, Ego flos campi et lilium convallium*.

«Não se podia logo achar nome mais proprio para uma devoção toda alternada em mysterios de gosos e maguas da Virgem, e Mãe bemditissima, de dores e glorias da Mãe, e do Filho Deus, e homem verdadeiro. Assim depois que foi

approvada pela Egreja, logo se lhe foi applicando tudo o que se acha escripto de rosas nas lettras sagradas. Já lhe chamamos *Rosa puritatis* e *rosa sine spina*, já *rosa sapientiæ*. Já lhe cantamos *Sicut plantatio rosa in Jerico*. E para que tudo quadre com a fórma da devoção, temos auctor que affirma, eram tão dobradas estas rosas de Jericó em Palestina, que se contavam em cada uma cento e cincoenta folhas. Do que não discrepa muito Plinio, que nos avisa de outras que chama centifolias, em uma provincia de Italia, e n'outra de Grecia. E foi tão acceito á Senhora este serviço e nome, que por muitas vezes se deixou ver de seus devotos ora coroada, ora cercada de rosas: e estas, para nos confirmar na ordem, que seu servo tinha dado da resa, entresachadas a cada dez brancas, de uma maior encarnada. Do que houve tantos testemunhos, que d'elles nasceu dar-se o nome de Rosal á devoção, e passar da devoção ao instrumento, de maneira que já hoje está recebido por nome proprio das contas: e não por pintura d'esta invocação da Senhora, que deixe de vir semeada de rosas [1].»

Quem fez resurgir a confraria do Rosario, prégada por S. Domingos e esquecida pelos seus successores, foi o famoso prégador dominicano, de nação inglez, e Alano de nome, por inspiração da propria Senhora.

O padre Manuel Bernardes conta na *Luz e calor* que frei Alano, perseguido de tristezas e desalentos durante sete annos crudelissimos, avistára a Virgem Santissima, a qual prometteu premiar seus longos soffrimentos, dando-lhe como penhor da promessa um annel.

«De que materia ou metal—diz o suave oratoriano—nos sobe ao pensamento que seria? De ouro e diamantes? Isso é cousa vilissima no céu; e ainda na terra para os que no céu têm a sua conversação. Era o annel composto e tecido de cabellos proprios da mesma Virgem Mãe. Oh dignação incomparavel! oh favor inaudito! E como os do céu dignificam uns para recebermos outros: tambem lhe lançou a Virgem ao pescoço um preciosissimo collar feito dos mesmos cabellos, quasi em fórma do Rosario, entresachadas n'elle quinze pedras de alto valor, porque eram outros tantos privilegios ou prerogativas espirituaes, que a Senhora das Virtudes lhe concedia [2].»

---

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. I. cap. XIV.
[2] 1.ª parte, doutrina VIII.

Como elucidação ao texto diremos que entravam na composição do rosario primitivo quinze dezenas de *Ave Maria*, das quaes cada uma começava por um *Pater;* sendo depois o rosario vulgar composto apenas de cinco dezenas [1].

A renovação da confraria, no convento de S. Domingos em Lisboa, data do anno 1484, e logo creou mais vigorosas raizes esta devoção resuscitada. Acudiam a cultival-a nobres e plebeus, reis e vassallos, com donativos de prata, sedas e brocados, e constantes orações.

A capella, visinha da de Jesus, era de talha dourada, e illuminada a cinco lampadas de prata.

Introduziu-se o costume de benzer as rosas no mez de maio, em nome e honra da Virgem Santissima.

Toda Lisboa acorria á devoção do Rosario e então sobrevieram «casos peregrinos», que mais reaccenderam a fé no coração dos devotos.

Frei Luiz de Sousa conta, entre outros, o seguinte successo prodigioso:

«Agueda Lopes se chamava uma pobre mulher em Lisboa, que sendo accusada de seu marido por adultera, foi posta em prisão, e feito processo judicial contra ella. Correndo a causa, era grande a efficacia com que continuava em encommendar sua innocencia á Virgem por meio do santo Rosario, que muitas vezes passava cada dia, consolando sua tribulação com as dores, que considerava da Senhora, alegrando-se nos passos de seus gosos, e esperando remedio nos de sua gloria. Mas por occultos juizos de Deus saiu por sentença condemnada á forca pela culpa, que o successo mostrou que não tinha. Ouviu a sentença afferrada todavia ao seu Rosario: e com elle no seio e sobre o coração foi a padecer. Fez-se a execução, e dizem que ao tempo, que o algoz a empurrou da escada para ficar pendurada, deu um grande grito chamando nomeadamente pela Virgem do Rosario. Quando veio sobre tarde, passadas muitas horas depois da justiça feita, houve quem quiz tratar de a enterrar; descido o corpo, notaram os auctores da caridade que parecia ter signaes de vida, e começaram a tratar d'ella mais que da sepultura. A primeira palavra, com que tornou, foi nomeando a Senhora do Rosario; e dizendo que Ella lhe valêra, pedia que a levassem ao altar. Deu-se recado no convento, e levada com o resguardo necessario, lançou-se deante da Senho-

[1] *Histoire de la rose*, por *LoiseleurDeslongchamps*, cap. XII.

ra regando a terra com lagrimas em lugar de graças pela restituição, que alcançára, de duas vidas em uma só vida [1].»

Ainda que perturbando um pouco a ordem chronologica d'este livro, quero deixar aqui registada uma tradição açoriana, que diz respeito a Nossa Senhora do Rosario, e tem um doce sabor popular. Encontra-se no *Agiologio Lusitano*, cujo auctor julga ser apenas um excerpto ou trecho: a nós parece-nos completa—pelo menos no sentido:

Em Villa Franca do Campo
    Que de nobre precedia
    Na ilha de S. Miguel
    A quantas Villas havia;
Era de mil e quinhentos
    E vinte dous que corria,
    Vinte dous dias de outubro,
    Quarto da lua seria;
Correu a terra de um monte,
    Que d'alta serra pendia,
    E com impeto furioso
    Sobre a Villa se estendia.
Alli começa a dar gritos
    A gente que se affligia:
    D'elles chamavam por Deus,
    D'elles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
    Nenhum d'elles parecia,
    Todos cobertos de terra
    E de grande penedia,
Que correu d'aquella serra
    Que sobre a Villa jazia.
    Essa gente que escapára
    Como pasmada morria.
Outra que viva ficava,
    Vivendo assim não vivia.
    Aqui chega Fr. Affonso
    E com a tocha que trazia
Da ordem de S. Domingos
    De Toledo reluzia.
    Esse padre glorioso,
    Que da gloria parecia,
Para consolar o povo
    Assim fallava e dizia:
    Confessae-vos, irmãos meus,
    Em quanto vos dura o dia.
Resae todos o Rosario
    Da Virgem Santa Maria;

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. III cap. XXV.

Edificae-lhe uma casa
Indo a ella em romaria.
Tomae-A por valedora,
Que Ella por vós rogaria;
Tende n'Ella confiança,
Que certo vos valeria!
Não acaba de fallar,
Quando a Casa se fazia;
Uns acarretavam pedra,
Outros madeira á porfia.
Trabalham moços e velhos,
Pessoas de grã valia;
Até as nobres mulheres
Serviam sem phantasia.
Trazem telhas e telhados,
Que no arrabalde havia;
Como formigas ligeiras,
Andam a quem mais faria.
Tanto que em poucos dias
A ermida já servia,
Já celebram missas n'ella
Já lá vão em romaria [1].

Da enumeração dos milagres recordados por frei Luiz de Sousa e outros chronistas, tomada a proporção dos que em Portugal aconteceram, não deve parecer exagerado o padre Manuel Bernardes quando diz que é a devoção do Rosario a que mais almas tem ganhado para o céu [2].

Foi no reinado de Affonso III que umas piedosas mulheres de Evora resolveram constituir-se em communidade monastica; e, impetradas as devidas licenças, vestiram o habito de Cister.

[1] Sobre a ermida do Rosario, em Villa Franca do Campo, erigiu-se (1525) um sumptuoso mosteiro da ordem seraphica.

[2] Esta devoção está hoje muito generalisada em Portugal e muitissimo em Lisboa, durante o mez de outubro, que lhe é consagrado. No corrente anno (1899) a solemnidade final celebrou-se no 1.º de novembro, por ser dia santificado; e em quasi todas as egrejas da capital foi celebrada.

Do zelo com que a Santa Sé acompanha a devoção do Rosario dá testemunho a seguinte noticia, que se me deparou em alguns jornaes do mez de setembro:

«Ao aproximar-se o mez de outubro, o Summo Pontifice quiz prestar o tributo de suas homenagens a Nossa Senhora do Rosario, offerecendo aos fieis os thesouros de indulgencias de que tem sido enriquecida a devoção do Rosario.

«Na ultima Constituição apostolica, do anno passado, sobre o assumpto, Leão XIII annunciára que seria publicada uma lista completa e authentica d'essas indulgencias, tanto das que respeitam ás confrarias propriamente ditas do Rosario, como das que têm sido concedidas aos fieis em geral pela recitação do terço.

«A sagrada Congregação das Indulgencias acaba, por esse motivo, de dirigir a todos os bispos do mundo uma Carta circular, convidando-os, em nome do Summo Pontifice, a levar ao conhecimento dos seus fieis os privilegios unicos concedidos pela Santa Sé á devoção do Rosario»

O abbade de Alcobaça, D. Estevam, ordenou que o mosteiro, que ellas «haviam d'antes principiado, se affastasse mais da cidade de Evora, e se dedicasse á gloriosa Virgem Mãe de Deus, a cujo nome estão offerecidas todas as casas da religião cisterciense [1].»

E' o convento de S. Bento, edificado em sitio pittoresco, a breve distancia da cidade de Evora.

Na Bibliotheca da mesma cidade guardam-se ainda seis formosissimos azulejos, representando a Annunciação, que estavam sobre a porta de uma capella da claustra [2].

D. Affonso teve particular devoção com a imagem de Nossa Senhora da Escada, que primeiro se chamou da Purificação, e ainda primeiro da Corredoura, pois que era este o nome do sitio onde havia sido fundada a sua ermida ao norte do Rocio de Lisboa.

Depois da edificação do convento de S. Domingos, no tempo de D. Sancho II, veiu a ermida a ficar encostada ao corpo da egreja do convento, do lado do evangelho; e a invocação — da Escada — certamente tivera origem nos degraus de pedra que lhe davam accesso.

Era tão popular em Lisboa a imagem da Senhora da Escada «que todas as procissões, que a cidade ordenava, ou para pedir a Deus remedio em necessidades publicas, ou para Lhe dar graças por mercês recebidas, a esta ermida vinham [3].»

Antes da fundação do convento, um esteiro do Tejo chegava até ao Rocio e não raro o engrossavam as aguas que, durante as invernias, rolavam do monte de Sant'Anna vindo espraiar-se pelo grande valle da Mouraria.

Muito tempo depois da fundação, quando em 1571 se lançaram os alicerces do dormitorio, ainda se encontraram silhares de pedraria bem lavrada e grossas argolas de ferro, que outr'ora serviram de amarração para os navios fundeados no esteiro.

Os barcos de pesca procuravam o remanço d'este canal, e os pescadores invocavam devotamente a imagem da Senhora da Escada, cuja ermida ali tinham deante dos olhos, para que lhes protegesse as rêdes e abençoasse a companha.

[1] *Mon Lus*, tom IV, liv. XV, cap. XXXXII.

[2] Gabriel Pereira, *Estudos eborenses—Conventos de freiras*, 1.ª parte—*Paraiso—Santa Clara — S. Bento*, pag. 17.

[3] *Hist. de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX.

De modo que, nos primeiros tempos da monarchia, a cidade, dominada no alto pela alcáçova mourisca, recebia o Tejo pela terra dentro, e os pescadores não precisavam melhor altar para suas orações e votos que o da Senhora da Purificação, que ali estava velando por elles de dia e de noite.

Cuida a gente ver largar do esteiro algum dos bateis dos primeiros pescadores de Lisboa, já quando a embarcação começava a singrar: elles com os gorros sobraçados, as mãos erguidas, a cabeça alta e os olhos fitos ainda na ermida, que lhes ia recuando á medida que o batel avançava para o curso do Tejo.

Ou então suppomos que é dia de procissão por motivo de alguma grande calamidade publica, talvez a peste que os cruzados trouxeram do Oriente. Sobre o caes passa o cortejo religioso, entoando canticos ungidos de viva fé: é todo o povo de Lisboa, amalgamado sem distincção de classes. E os pescadores, dentro de suas embarcações, respondem ás ladainhas e antiphonas em accorde com os sacerdotes e o povo que vão passando no caes, caminho da ermida.

N'uma das suas primorosas noticias insertas na *Revista universal lisbonense,* Castilho (posto não venha assignado, mas pelo dedo se conhece o gigante) pinta com vivas côres a fé que os homens do mar depositam em Nossa Senhora e memora o costume, proprio d'elles, de Lhe offerecerem a vela do barco em occasião de perigo no mar:

«O mar é o pregão da immensidade e da omnipotencia: o marinheiro é religioso: uma lanterna para a sua bitácula: a estrella polar para o seu leme e a luz da fé para a sua alma: navegará assoviando e cantando toda a zona espumosa do globo. Rude no seu aspero viver e apoucado nas suas idéas pela monotomia do seu destino, o marinheiro não ousaria jámais levantar, cara a cara, o seu pensamento na hora da torvação para o throno do Potentissimo, d'onde vê sair, por entre montes de nuvens, os tufões e os coriscos: necessitava de mediação para as suas preces e esta não devia, nem podia ser outra, senão a Virgem, objecto o mais afinado pelo seu coração amante e saudoso da terra onde se teve a mãe, da terra que é mãe ella mesma e mãe muito querida e muito sonhada pelo navegante.

«Por isso em todas as costas maritimas da Christandade, as egrejas, as ermidas, as capellinhas da Virgem, estão, de dia com as suas faces candidas, de noite com os seus olhos

accesos sorrindo para o mar, abençoando o navio que passa ao longe, e como que exultando e tripudeando á vista ávida dos nautas, que demandam com a cabeça já descoberta a praia conhecida. Despovoem-se muito embora os templos da terra a dentro: que estas cazinhas, assentadas á orla espumante do oceano ou sobre elle pendentes de cima de uma penedia, ou de uma encosta um pouco mais affastada namorando-o com esquivanças, como a Galatéa do poeta por entre os salgueiros, serão sempre—em que peze a materialisadores—visitadas e prendadas com votos e offerendas pelos salvados da tormenta, pelas mulheres e filhos dos marinheiros e dos pescadores. Dizei-nos, se conheceis mais affectuosa scena, que uma turba d'estes homens de fé, que depois de haverem vencido com o seu religioso esforço o mar e a morte, vêm em procissão, descalça e humilde ao som da —Ave, Maria,—que ainda em tão roucas vozes sôa doce, trazer o traquête da promessa aos pés da Virgem risonha do manto azul, que poisa sobre lua e estrellas!»

E exemplifica o costume descrevendo um voto feito e cumprido pelos tripulantes do *Paquete de Santos* a Nossa Senhora da Bonança, de Gaya.

«Um vendaval incontrastavel os havia accommettido no desamparo do mar alto com tão crescida furia, que de todas as vellas só uma lhe deixára, tendo-os, quasi por momentos, sossobrados. Invocar com fé viva a Consoladora dos Afflictos o mesmo foi que esconjurar as ondas e os furacões; para logo abonançou o pêgo, e os ventos se trocaram em obzequioso sôpro, que d'ahi ávante os seguiu no rumo de sua derrota: por isso foram, conforme ao promettido, levar a pobre vella a quem lh'a tivera de sua mão, pregoando pelo caminho ao povo, que lhes accorria com os olhos arrazados de agua, o seu milagroso livramento. A esmola que elles pediam para a votiva solemnidade da Sua Senhora, ninguem deixava de lh'a dar tão larga quanto o seu haver lh'o consentia: o festejo foi apparatoso sobre devoto. Missa cantada com instrumental e sermão, repiques e girandolas, e no meio da egreja diante do altar. o traquête, branco e guarnecido de flores como uma noiva, cercado dos seus marinheiros, que não choravam quando viram voar todos os outros pannos, mas choravam agora de ternura e alegria.»

Para os homens do mar, cuja vida solitaria na amplidão das aguas, em face de constantes e temerosos perigos, os leva a meditar na grandeza de Deus e nas maravilhas da

creação, Nossa Senhora é a estrella que orienta a sua fé e guia a sua barca.[1]

Por isso a Egreja lhe chamou, e com razão *stella maris:*

Ave, maris stella,
Dei Mater alma
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta. [2]

Comprehendendo toda a grandiosa poesia d'esta invocação, os poetas portuguezes dos seculos XIV e XV glosaram-n'a nas estrophes dos seus rudes cancioneiros, como se póde vêr nos inéditos de Alcobaça:

Ave Maris Stella,
Dei mater alma.
Salve-te, estrella do mar.
Deus, que te creou mui Santa,
Estrella pera adorar,
Estrella digna de louvar,
Que a todo mal espanta.
Estrella resprandecente,
Estrella de toda luz,
Estrella de toda gente,
Estrella d'amor fervente,
A que lastimou a Cruz.

Atque semper Virgo.
Felix cœli porta.
Virgem foste escolhida
E ab inicio creada,
Virgem depois de parida,
Non ficando corrompida,
Antes mui glorificada;
Ditosa porta do Ceo,
Porta mui resprandecente,
Ditosa que mereceo,
Ditosa pois te escolheo
Pera salvação da gente.

N'este mesmo cantico [3] Nossa Senhora é invocada por

[1] O nome de Maria, diz Sousa de Macedo na *Eva e Ave*, tem entre nós derivação de *mar*, porque Nossa Senhora o é de todas as graças. Na lingua hebraica significa—estrella do mar ou do norte.

[2] Este hymno, que se canta nas vesperas de todas as festividades de Nossa Senhora, é attribuido a S. Bernardo.

[3] Copiado, por frei Fortunato de S. Boaventura, do códice n.º 475 da livraria manuscripta do mosteiro de Alcobaça—*Collecção de inéditos portuguezes dos seculos XIV e XV.*

Transmontana [1] do mar,
Que os mareantes guya.

E no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende as palavras *maris stella* apparecem conjugadas n'uma só, *marystella*, como acontece n'uma trova de Luiz Henriques (1506).

As diversas classes sociaes, a exemplo dos reis, foram-se apossando do culto de Maria Santissima, cada qual segundo suas aspirações e necessidades; segundo o seu ideial de felicidade terrestre.

A *Ladainha*, oração sublime, cuja origem se perde na noite dos tempos, [2] resume todas essas aspirações, todo esse ideial inseparavel da alma do homem, individual ou collectivamente considerado.

Assim, para os famintos de justiça, que a não encontram nos tribunaes ou na consciencia dos outros homens, Nossa Senhora é—*Speculum justitiæ*—a justiça do ceu na sua puresa absoluta.

Para os pastores solitarios, a quem a claridade do dia sorri depois de uma noite desagasalhada e longa, Nossa Senhora é a estrella da manhã, que traz a luz, o calor, a alegria da terra: *Stella matutina.*

Para os enfermos, que, atormentados de terriveis dores corporaes, se revolvem no leito do soffrimento, é a esperança da saude quando a confiança na medicina já vai perdida: *Salus infirmorum*, saude e salvação dos enfermos.

Para todos os affligidos, de dores do corpo ou da alma, para os que padecem visões de remorso, torturas de arrependimento, sobresaltos de consciencia, inquietações da fortuna, Nossa Senhora é o supremo refugio e o supremo amparo: *Refugium peccatorum.*

Maternalmente desceram até á alma dos portuguezes as graças de Maria Santissima, porque todas as classes sociaes reis ou vassallos, careciam da sua protecção e auxilio.

[1] Estrella do norte.

[2] A ladainha de Nossa Senhora é antiquissima, mas não se lhe conhece a data nem o auctor. Suppõe-se, em razão da sua fórma symbolica, que seja do seculo XIII ou XIV, e que tivesse origem na egreja de Nossa Senhora do Loreto, em Italia, pelo que se lhe dá o nome de ladainha lauretana.

Pio V, depois da victoria de Lepanto, em signal de reconhecimento, ordenou que se acrescentasse á ladainha—*Auxilium christianorum—Ora pro nobis.*

Clemente VIII prohibiu que se cantasse a Nossa Senhora outra ladainha além da lauretana, e Alexandre VII que se lhe introduzissem quaesquer alterações ou acrescentamentos.

A ladainha não faz parte da lithurgia, mas a Egreja recommendou-a aos fieis e concedeu indulgencias a quem a rezasse. (Bulla de Sixto V—*Reddituri.*)

O quadro que, em pleno reinado de Affonso III, nos offerece a Senhora da Escada, com suas procissões e romarías e com o culto especial que lhe tributava a gente maritima, merecia demorada referencia n'este livro, porque é justamente n'aquelle reinado que a vida do povo portuguez começa a relacionar-se directamente com a historia patria.

Até aqui tratamos especialmente da devoção dos reis, figuras preeminentes que absorviam a existencia da nação mal saida ainda das faxas infantis; d'aqui por deante teremos de acompanhar a devoção do povo, que se fortaleceu á sombra dos reis.

Referindo-se ás côrtes de 1254, as primeiras em que foram admittidos os delegados dos municipios, diz Alexandre Herculano: «O povo, constituido e vigorisado lentamente, vê emfim assentarem-se os seus representantes no conselho dos reis, e a voz do homem de trabalho pôde patentear solemnemente os seus aggravos e invocar os seus direitos contra as classes privilegiadas. . . Assim constituidas, as côrtes, se não foram o fundamento da liberdade municipal, unica liberdade verdadeira, que, em nosso entender, tem existido no mundo, e talvez a unica possivel, foram por certo desde essa epoca uma grande manifestação d'ella, e até certo ponto uma garantia da sua conservação futura». [1]

A alma do povo, respirando já menos opprimida, pôde alar-se mais facilmente para o ceu, agradecendo á Providencia a justiça que principiava a encontrar nos homens.

E fixava-se principalmente n'esse divino espelho de justiça incorruptivel, que a religião lhe dava como refugio de todas as angustias e consolação de todos os soffrimentos: Maria, *Speculum justitiœ.*

Por esta epoca quatro homens de notavel piedade contribuiram para orientar a alma do povo dando-lhe o exemplo da fé em Deus e da devoção a Maria Santissima: dois d'elles eram portuguezes; dos outros dois, um francez, e o outro castelhano.

Refiro-me a S. Gonçalo de Amarante, a S. frei Gil, de Vouzella, a S. Luiz rei de França, e a Affonso X, rei de Castella e de Leão.

De S. Gonçalo, que falleceu no anno 1259, conta frei Antonio Brandão: «O mesmo *(desde menino)* lhe succedia vendo a imagem da gloriosa Virgem Nossa Senhora, que não havia

---

[1] *Hist. de Port,* tom. III, cap. I.

podel-o apartar d'Ella sem muitas lagrimas e difficuldade [1].»

É a Nossa Senhora que elle dedica a pequena ermida de riba Tamega, quando na volta da Terra Santa se fez solitario, resignado á expoliação de que fôra victima.

De S. frei Gil, que nasceu em 1265, refere o mesmo chonista cisterciense: «No primeiro tempo de sua vocação foi perseguido dos espiritos infernaes com graves tentações, em particular com as desconfianças que lhe causava o escripto que lhes dera, que no fim se lhe tornou á mão como a outro Theophilo por meio da Sacratissima Virgem Mãe de misericordia, de quem foi devotissimo [2].»

Luiz IX, de França, hespanhol por sua mãe, Branca de Castella, e flamengo por sua avó Isabel, bebeu com o leite, na phrase de Michelet, «uma piedade ardente» que o levou a fazer-se cruzado, a soffrer grandes trabalhos e humilhações.

Era tão devoto de Nossa Senhora [3], que aos sabbados (por Lhe serem consagrados) recebia nos seus aposentos grande numero de pobres e, depois de lhes lavar os pés, servia-os elle proprio á mesa.

Pedia a Deus que lhe concedesse morrer n'um sabbado, sob a protecção da Mãe de Deus, e assim aconteceu.

Na hora da morte, as suas ultimas palavras foram: «Ó Jerusalem! Ó Jerusalem [4]!»

Affonso X, rei de Castella e Leão, cognominado o *Sabio*, [5] alliou a mais acrysolada fé á mais vasta erudição, que o seu tempo permittia.

A Hespanha deve-lhe o codigo das «siete partidas», o restabelecimento da universidade de Salamanca, e as taboas astronomicas chamadas *affonsinas*, que foram geralmente seguidas até ao seculo XVI.

Como poeta compoz o *Libro del Tesoro*, que representa o seu ideal sobre a alchimia, o *Libro de las querellas*, onde se queixa das ingratidões de seu filho Sancho e as *Cantigas de Nuestra Señora*, que fazem particularmente ao nosso proposito.

Affonso X compoz este cancineiro em gallego antigo,

---

[1] *Mon. Lus.*, tom. IV, liv XV, cap. XXV.

[2] Mesmo tomo e livro, cap. XXXII.

[3] O exemplo de Luiz IX, n'esta devoção, foi seguido por Luiz XIII, que tomou a Virgem Santissima como protectora de seu reino, pessoa e familia, o que, seculos antes, havia feito em Portugal Affonso Henriques.

[4] Morreu em 1270 e foi canonisado em 1297. A Egreja celebra a sua festa a 25 de agosto.

[5] Nasceu em 1221, começou a reinar em 1252 e morreu em 1284.

que se parece muito com o portuguez, o que deu origem a que alguns escriptores hespanhoes suppozessem que seria em portuguez que esse famoso monarcha escreveu.

Portugal, antes da sua independencia, fazia parte da Gallisa, onde a lingua fallada era uma unica. No decorrer do tempo, o portuguez emancipou-se acompanhando a evolução da nacionalidade, e o gallego ficou sendo apenas um dialecto provincial [1].

Não obstante, como um vestigio da antiga encorporação, os nossos poetas da escola provençal ainda começaram a escrever em gallego.

Affonso o *Sabio* teve tanta devoção com Nossa Senhora, que desde a mocidade começara a compor as suas trovas piedosas, mas presume-se que só as reuniria em cancineiro, tal como appareceu no celebre codice de Toledo, o mais antigo que se conhece, passado o anno 1257, quando já era pretendente ao imperio da Allemanha.

A circumstancia de ter escripto n'uma linguagem, que se não differença da dos nossos primeiros poetas lyricos, seria bastante para dar logar n'este livro a Affonso X. Mas acresce outra circumstancia, de todo o ponto decisiva, e vem a ser que algumas das canções foram inspiradas em devotas tradições portuguezas.

Daremos apenas dois *specimens.*

Seja o 1.º a commemoração do milagre operado em favor de um sacerdote, que estando a dizer missa consumiu uma aranha.

---

[1] «Tem-se respondido á questão por que é que succedeu : 1.º que os reis castelhanos-leoneses, ou melhor, que Affonso X, tão justamente louvado pelo progresso que deu ao castelhano, quando queria cantar, tomava um dialecto provincial identico além d'isso ao idioma nacional d'outro Estado, e 2.º, que o portuguez se tornou a lingua de todo o lyrismo peninsular não pertencente ao dominio occitanico :—que a lingua castelhana mais energica, mostrando-se tão propria para a narração épica, prosa e romance populares, não estava ainda educada para a expressão lyrica no tempo em que o gallego, mais brando, tinha já formado muitas especies de canções. Tem-se posto em duvida que Affonso X passasse uma parte da sua infancia e mocidade na Galliza. Sem razão ! Pois, não só elle, mas quasi todos os monarchas leonezes-castelhanos que reinaram entre 1037 e 1300, fallavão, ao que me parece, habitualmente o dialecto occidental. Era justamente uso, e uso muito explicavel nos brutaes tempos das guerras contra os mouros, mandar educar os filhos dos reis, até que vestissem as armas, em seguros castellos, longe bastante dos elementos mouriscos e affastados dos ruidos da guerra, educação dirigida pelos nobres de mais azul sangue, habitantes do Noroeste, e proximo do venerando e visitado Santuario de Santiago, em cujo altar erão armados cavalleiros e em cuja egreja descançavam tantos reis. — *Grundriss der romanischen Philologie*, por D.r Carolina Michaelis de Vasconcellos, 2.º volume e 2.ª divisão, pag 182.

Esta é do capelan que cantaua missa no mõesteiro das donas d'Achelas[1] *que é en Portugal, consomyú hua aranna et depois sayullle pelo braço.*

Cantiga

Qven ouuer na Groriosa
fiança con fe conplida,
non lle nozirá poçonya,
et dar-ll'-á por sempre uida.

Ca ela troux' en seu uentre
vida et luz uerdadeira
per que os que errados son
saca de máa carreira:
demáis, contra o diabo
ten ela por nós fronteira
como nos nozir non possa
én esta uida escarnida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conplida...

Pois dizer uos quer eu' d'ela
un miragre mui fremoso,
et ben creo que uos seia
d'oil-o mui saboroso,
et de máis pera as almas
seer-uos á proueitoso:
et per mí quant'ei apreso,
non será cousa falida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

En Portugal, a par d'ua
uila, mui rica cidade
que é chamada Lixbõa
com'eu achei en uerdade,
á y un mõesteyro
de donas, et castidade
manteen, que póis nos ceos
aian por senpre guarida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

Este mõesteyr'Achelas
á nom'e ssi é chamado;
et un capelan das donas,
bõo om'e enssinado,
estaua cantando missa
com'auía costumado,
et auẽo-ll assi, ánte
que foss'a missa fijda,
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

Sentido dos versos

Quem confiar na Virgem Gloriosa com inteira fé, não soffrerá damno de peçonha e viverá illimitadamente.

Porque a Virgem trouxe em seu ventre a verdadeira vida e luz. Aos que vão errados tira-os do mau passo. E' uma barreira contra o diabo, para que não possa prejudicar-nos n'esta miseravel existencia.
Quem confiar, etc.

Quero contar vos um formoso milagre da Virgem, e creio que vos será agradavel e proveitoso ouvil-o. Pela minha parte louvo-me no que me teem ensinado.
Quem tiver, etc.

Em Portugal, junto de uma opulenta cidade, que se chama Lisboa, ha um mosteiro de donas, que guardam castidade, pelo que receberão no ceo recompensa eterna.
Quem confiar, etc.

E o mosteiro de Chellas. Um capellão das donas, homem douto, estava cantando missa, como era seu costume, quando lhe succedeu este caso, antes que concluisse a missa.
Quem confiar, etc.

---

[1] Chellas, a 3 kliometros de Lisboa, no concelho dos Olivaes.

Quando consomir ouue
o Corpo de Ihesu-Christo
per que o demo uenzudo
foi iá por senpre conquisto,
caéo dentro do cáliz
(esto foi sabud'e uisto)
per un fi'una aranna
grande, negr'e auorrida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

Quando ia consumir a sagrada eucharistia, eterna aniquiladora do demonio, desceu por um fio da tea e caiu dentro do calix, como foi publico e notorio, uma grande, negra e repellente aranha.
Quem confiar, etc.

O capelan hua peça
esteu así en dultança
et non soube qué fezesse;
pero ouue confiança
na Uîrgen Santa María,
et logo sen demorança
a aranna con o sangui
ouue logo consumida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

O capellão hesitou sobre o que havia de fazer, mas, confiando na Virgem, resolveu-se a embocar o calix e consumir o sangue de Christo e a aranha.
Quem confiar, etc.

Pois que ouu'a missa dita,
o capellan logo d'essa
foi contar esta aas donas
des i aa prioressa;
et con medo de poçonya,
mandou-o sangrar log essa
dona e toda las monias:
esta cousa foy ordida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

Cantada a missa, foi o capellão contar o successo ás donas e á prioresa, que, receiosas do damno da peçonha, o mandaram sangrar, e assim foi feito.
Quem confiar, etc.

Mmais agora oyredes
todos a mui gran façanna
que all mostrou á Uírgen;
numca uistes tan estranna:
pelo braço lle sayú
uiua aquela aranna,
ánte que sangue saîsse
per ú deran a fferida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

Mas agora vereis o grande milagre que operou a Virgem, e não o ha maior. A aranha sahiu viva pelo braço do capellão, antes que o sangue rebentasse da lancetada.
Quem confiar, etc.

As donas marauilhadas
foron d'esto feramente,
et a aranna mostraron
enton a muita de gente;
et loaron muit'a Madre

As donas ficaram assombradas d'este caso, e com a aranha o testemunharam perante muita gente. E renderam graças á Mãe de Deus Padre Om-

de Deus Padr'omnipotente
que todos ao sseu regno
cuminalmente conuida.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida...

nipotente, a cujo alto reino são convidados todos os mortaes.
Quem confiar, etc.

E nós, outrossi, or loemos
a Uírgen Santa María
por tan fermoso miragre,
et roguemos noit'e dia
a ela que do diabo
nos guard e de ssa perffía,
que pera o parayso
uaámos dereita yda.
Quen ouuer na Groriosa
fiança con fe conprida,
non lle nozirá poçonya,
et dar-ll'-á por senpre uida.

Louvemos tambem nós a Virgem Santa Maria, por tão formoso milagre, e noite e dia lhe roguemos que nos livre das ciladas de Satanaz, e nos encaminhe direitos ao paraiso.
Quem confiar, etc.

A segunda transcripção, que vamos fazer, é referente a outro milagre, realisado em Estremoz (Alemtejo).

Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora,
assí quen guarez'a Uirgen
é guarid'en pouca d'ora.

E' demorada a cura das grandes enfermidades; só a Virgem o póde fazer em pouco tempo.

Onde d'esta razon grande
miragre contar uos quero
que fezo Santa María,
a Madre do gran Deus uero
que no dia do iöizo
uerrá mui gran'e muy fero
et iiiygará o mundo
tod en mui pequena ora.
Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora...

Assim vos quero contar um prodigioso milagre, realisado por Santa Maria, Madre d'aquelle Deus poderosissimo, que em o dia de juizo julgará todos os mortaes n'um rapido golpe da sua inquebrantavel justiça.
E' demorada a cura, etc.

En Estremoz, hũa uila
de Portugal, foi aquisto
que guareõ hũa enferma
a Madr'onde Ihesu-Christo
naceu por saluar o mundo,
que foi connosçud'e uisto,
ond'o o sol, quand'el pres morte,
tornou máis negro ca mora.
Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora...

Em Estremoz, villa de Portugal, occorreu esse prodigio na cura de uma enferma por intercessão da Mãe de Christo. E tão claro prodigio foi esse, que o sol no occaso, se o comparamos com tal maravilha, parece mais negro que a amora (?)
E' demorada a cura, etc.

Aquesta moller manceba
era et grand'e fremosa;
mais hũa enfermidade
ouue mui perigoosa;
ca o braço ll'inchou tanto
de que foi temerosa
de o perder, et o corpo;
mais a inchaçon foi fóra,
Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora...

Era aquella mulher na flor dos annos, e notavelmente bella. Poz-lhe a vida em perigo uma grave enfermidade. Inchou-lhe tanto um braço, que se julgou preciso que o perdesse, e com elle a vida. Mas a inchação não cedia, antes avolumava.
E' demorada a cura, etc.

E en mui pequeno tenpo
foi o braço tan inchado
que máis seer non podía,
et uermell'e ampolado
muit'e de máa maneira;
et sol carne nen pescado
non comía, nen ál nada.
Mais aquela que senpr'ora
Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora...

Dentro em breve tempo todo o braço se lhe poz vermelho e empolado, que horrorisava vel-o. Já a doente não comia vianda, nem peixe. Todos os alimentos lhe repugnavam. Então Aquella...
E' demorada a cura, etc.

A Deus, s'amercẽou d'ela;
ca, pois foi en a eigreia
sua, a que a leuaron,
log'a que bẽeita seia
a guariu ben d'aquela
enfermidade sobeia
por mostrar a sa uertude
que mui toste lauora.
Com'a grand'enfermidade
en sãar muito demora...

Então Aquella que eternamente implora a misericordia de Seu Filho, amerceiou se da enferma, que foram apresentar lhe n'um templo. E logo a Mãe de Deus, bemdita seja! a curou de tamanho mal, por effeito de Sua virtude, cuja efficacia é rapida.
E' demorada a cura, etc.

Quand'esto uíron as gentes,
deron loores granadas
aa Uírgen groriosa
a que senpre seian dadas,
que as portas do jnferno
ten por noss'amor sarradas
et o dem'auezimáo
en o auisso ancora.
Com'a grand'enfermidade
en sãar muto demora,
assí quen guarez'a Uírgen
é guarid'en̄ pouca d'ora. [1]

Quando o povo isto viu, entoou louvores á Virgem Gloriosa, a quem sempre sejam dados, pois que por nosso amor tem as portas do inferno cerradas e o perverso demonio seguro de Sua mão no abysmo.
E' demorada a cura, etc.

A linguagem singela d'estes cantares, de que se evola

[1] *Cantigas de Santa Maria* na edição da Academia Hespanhola de Madrid, 1889.

para o ceu um doce perfume de devoção a Maria Santissima, traduz, para assim dizer, toda a expressão religiosa do sentir e pensar dos povos da peninsula no seculo XIII.

Graças a esta evocação historica, podêmos ouvir fallar a linguagem de então e mentalmente nos transportamos á presença dos altares da Virgem Santissima, ante os quaes se curvavam para louval-A e amal-A os principes e os plebeus ao tempo em que a nacionalidade portugueza se firmava sob os Seus auspicios protectores.

III

De triumpho em triumpho

nome de *Maria*, que era evitado no baptismo das creanças por escrupulo, começou a ser adoptado como homenagem á Mãe de Deus, por especial devoção das pessoas mais dedicadas ao seu culto, tanto em Portugal como em Castella.

Assim, uma filha de D. Affonso III recebeu o nome de Maria, e este mesmo nome teve a ama de D. Diniz, mulher nobre, que parece haver nascido em Guimarães e usar o appellido de Migueis.

O successor de Affonso III, posto tomasse como patrono S. Dionisio ou Diniz, em cujo dia nascera, foi muito devotado a Nossa Senhora. No compromisso dos capellães d'Odivellas, diz que fundára o convento d'esta denominação «á honra de Deus, *e da Virgem Maria*, e de S. Diniz em cujo dia nasci, e que tenho por meu padrom para com Deus».

As primeiras freiras de Odivellas entraram ali no mez de março, e não pareça que foi casual a escolha do mez. Frei Francisco Brandão explica-a dizendo: « . . . no mez de março, no qual cái a festa da Encarnacão e Annunciação de Nossa Senhora, que é a protectora de nossa religião, por ser fundado o mosteiro de Cister, cabeça d'ella, a vinte

d'este proprio mez, cinco dias antes da Annunciação, que foi a causa de tomarem nossos primeiros fundadores por protectora da Ordem a Virgem Maria, e de entrar nosso Padre S. Bernardo tão empenhado n'este mysterio em seus escriptos, d'onde resultou o sujeitarem os reis de Portugal a Nossa Senhora do Claraval o seu reino, e de lhe mandarem pagar o feudo dia da Annunciação; pelo que edificando el-rei D. Diniz o mosteiro de Odivellas por devoção de Nosso Padre S. Bernardo, como elle declara, quiz que sahisse patrocinado com o mysterio da Senhora, que á religião e ao reino era tão propicio [1]».

Quando Affonso III poz casa ao herdeiro da corôa — sendo D. Diniz então mancebo de pouco mais de 16 annos — recebeu este principe, entre outros objectos preciosos, uma reliquia de grande devoção. Era uma ambula de vidro, assim descripta no respectivo inventario: «Item uma ambula de vidro, e dizem que tem dentro leite de nossa Senhora».

O mesmo chronista cisterciense, que ha pouco citámos, escreve sobre o assumpto: «Esteve esta reliquia na egreja da Pena da cidade de Leiria, até a mudarem abaixo á Sé, em que hoje a vemos em uma ambula de crystal do tamanho de uma noz, e engastada em uma custodia pequena de ouro: tirando-a em procissão nas occasiões de necessidade de agua, a concede a Senhora: e offerecendo-se-lhe tambem ás mulheres a que falta leite, pondo-lhe a ambula sobre os peitos, o alcançam muitas. Depositou-a n'aquelle logar el-rei D. Diniz, por viver n'esta terra com a rainha santa Izabel sua mulher, e ennobrecerem com fabricas de torres e aposentos áquelle castello, que é um dos notaveis do toda a Hespanha [2]».

Outras reliquias identicas possuiu Portugal, segundo o mesmo chronista indica [3].

Em tempos de el-rei Diniz, um fidalgo castelhano, Alvaro Nunes de Lara, desavindo com o filho e successor de D. Affonso o Sabio, á conta de doações que lhe foram cerceadas, refugiou-se em Portugal e, tendo armado uma hoste

[1] *Mon. Lus.*, tomo VI, liv. XVII, cap. XXIII.

[2] *Mon. Lus*, tomo V, liv. XVI, pag. 46.

[3] «Alem da reliquia de Leiria, foi venturoso o nosso Portugal em ter outras tambem do leite de Nossa Senhora nos reaes mosteiros de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra, na egreja de S. Pedro de Torres Vedras e no mosteiro de Santo Antonio de Alcacer do Sal. A este convento a trouxe de Roma o embaixador D. Pedro Mascarenhas, que depois foi viso-rei da India». *(Mesmo tomo, livro e capitulo).*

em som de guerra, começou a fazer incursões pela fronteira de Castella, em riba Côa. Parece que seria favorecido pelo infante D. Affonso, irmão d'el-rei Diniz, ao qual convinha toda a causa de agitação.

Ter-se-ia ferido uma batalha, em que o de Lara e os seus auxiliares portuguezes se viram em grande apêrto por vir já caindo a noite, e invocaram uma antiga imagem de Nossa Senhora do Incenso que ali havia, dizendo-Lhe: — Virgem, sáca-nos a boa parte!

E de pressa succedeu que toda a gente de Lara, propria e alheia, pôde ordenadamente recolher-se dentro da fronteira portugueza, salvando-se do perigo em que a confusão a trazia.

Desde então ficou a esta imagem o nome de Senhora de Sacaparte, por corrupção d'aquella phrase, e o povo, que dos factos historicos não conserva mais do que uma turva memoria, diz e crê que a denominação proviera do tempo de uma batalha ali ferida entre os reis de Castella e Portugal, quando certamente apenas seria o conflicto em que o fidalgo de Lara andou empenhado.

O santuario fica n'um valle deleitoso e amplo, em riba Côa, entre a villa de Altayates e a aldea da Ponte, perto do Sabugal. Tem por annexos a casa do ermitão e hospedaria para os romeiros, que não são poucos os que ali affluem, desde remotas eras, procedentes do Sabugal, Villar Maior, Castello Mendo, Castello Bom, e até de Hespanha.

A devoção recresce nos sabbados da quaresma, e principalmente nas oitavas da Paschoa e pelo Espirito Santo, em que se organisa um cyrio, que faz lembrar os que é uso fazer na Extremadura, julgando muitas pessoas erradamente que só n'esta provinca se effectuam.

Toda a gente da villa e termo de Castello Mendo vai, de guião alçado, em romagem á Senhora de Sacaparte, com muitos cavalleiros, além de vinte homens, de cada logar do termo, com uma tocha na mão e nús da cintura para cima, em signal de humildade.

Chega o cyrio, faz seus giros ao redor da casa da Senhora e depois Lhe offerecem suas dadivas e orações.

Diz-se que esta tradição foi voto feito pelos habitantes do termo, quando viram seus campos devastados por um monstro, que bem podia ser um urso, dos que havia em Portugal nos primeiros tempos da monarchia.

Referem chronistas que el-rei Diniz, andando a mon-

tear em terras de Beja, encontrou no sitio de Belmonte um urso conhecido n'aquelle districto por ser de grande ferocidade. Seguiu-o o rei a cavallo, mas o urso, escondendo-se n'uma quebrada, assaltou o rei, derrubou-o e tel-o-ia morto, se a D. Diniz não acudisse a inspiração e o alento para desembainhar o punhal e ferir o urso.

D'este caso, que foi reputado como favor do ceu, querem alguns que derivasse a fundação do convento de Odivellas, mas creio que erradamente.

Os povos de Castello Mendo e seus arredores dizem que se o cyrio falhasse um anno, o monstro voltaria a devastar seus campos, e por isso não afrouxam na tradição.

Junto ao santuario da Senhora de Sacaparte fazem-se trez feiras annuaes pelas festas da Annunciação, Assumpção e Natividade [1].

A antiguidade d'esta devoção, ainda que não a apre-

---

[1] As principaes festividades a Nossa Senhora são cinco, a saber: Immaculada Conceição, 8 de dezembro; Annunciação, 25 de março; Purificação, 2 de fevereiro; Assumpção, 15 de agosto.

Além d'estas, celebra a Egreja a Natividade a 8 de setembro; o Santissimo Nome de Maria no domingo da oitava da Natividade; a Apresentação no templo a 21 de novembro; os desposorios com S. José a 23 de janeiro; a Visitação a Santa Izabel a 2 de julho; a Expectação a 18 de dezembro.

A festa da Purificação é conhecida no vocabulario do povo pela designação de Senhora da Luz ou Senhora das Candeias *(Candelaria)* que envolve um sentido mystico facil de comprehender: *lumen ad revelationem gentium*. Esta significação tornou-se concreta na procissão das candeas, ainda usada em França e que tambem se fez em Portugal, depois da batalha d'Aljubarrota. Frei Luiz de Sousa, referindo-se na *Historia de S. Domingos* á ermida de Nossa Senhora da Escada em Lisboa e á festa do dia 2 de fevereiro, escreve: «São mordomos sempre da confraria da Senhora dous cidadãos, os quaes com o povo, que se junta em grande numero, assistem ao officio da benção das Candeas, que se faz na capella de Jesus *(no convento de S. Domingos)* e d'ella vão em procissão com suas velas nas mãos á ermida em companhia de todos os religiosos do convento, que cantam a missa solemne da festa, e ha prégação».

Na capella do paço real tambem era celebrada com grande pompa a festa das Candeas. Diz João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*: «Em dia de Nossa Senhora das Candeas iam primeiro tomar as velas os prelados, e capella, e depois el-rei. Dava as velas quem fazia o officio, e depois que el-rei vinha do altar, a entregava ao capellão mór, e este a dava a um moço fidalgo; e, quando queria sair a procissão, tornava este a dal-a accêsa ao capellão-mór, o qual a entregava a el-rei. A véla, que se dava a sua magestade, era de uma vara e dois terços de comprido, e tinha cinco arrateis de peso: a da rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza e peso: a dos infantes de vara e meia, e de trez arrateis e meio de peso: a dos embaixadores e duques de vara e terça, e de trez arrateis: a dos arcebispos e marquezes de vara e sesma e de dois arrateis e meio: a dos bispos e condes de uma vara, e de dois arrateis: a dos do conselho de uma vara menos uma sesma, e de arratel e meio, e assim á proporção a das outras pessoas.

«Na procissão da mesma festividade ia sua magestade atraz do bispo com os commendadores ornados com os seus mantos; e havendo alguns prelados, iam atraz dos capellães, diante do celebrante».

Reconhecendo a influição da festa da Candelaria nos phenomenos meteorologicos de cada anno, diz o nosso povo:

goassem os auctores que sobre ella escreveram, denunciar-se-ia pela locução *Sacaparte*, em que apparece o verbo sacar, que Viterbo classifica de «antiquissimo [1]» e que explíca outras remotas etymologias, como na palavra Bussaco *(saco bus)*.

Frei Francisco Brandão, referindo-se ás trovas de D. Diniz, trovas de amôr, *á maneira de provençal*, diz que «além de outras é de maior estima um cancioneiro, que escreveu em louvor de nossa Senhora, melhorando n'este assumpto o talento, que em outros empregos tinha divertido. Pode sem falta ter competencia com o cancioneiro de N. Senhora composto por el-rei D. Affonso Sabio, o qual se guarda na livraria do Escurial. O Conde D. Pedro de Barcellos, que escreveu o livro das linhagens, no testamento que fez, enterrando-se no nosso Mosteiro de S. João de Tarouca, entre outras mandas, deixa o seu livro das cantigas a el-rei de Castella, que então era este D. Affonso Onzeno seu sobrinho, pelos annos 1350. Estas canções presumem alguns, que deviam ser d'el-rei D. Diniz seu pai; mas tenho por mais certo serem do mesmo conde [2]».

O sr. Theophilo Braga não crê que o livro fosse composto pelo conde D. Pedro, que «não era grande trovador e até se servia das canções de Pero da Ponte e de Cotom», mas tambem não crê que fosse escripto por D. Diniz. Presuppõe um engano, a saber: «Este segundo *Cancioneiro dos Louvores de Nossa Senhora* é sem duvida o exemplar do Livro das *Cantigas* de Affonso o Sabio, que existiu na livraria de el-rei D. Duarte; o *Livro das Trovas d'el-rei Dom Diniz*, que existiu na livraria d'este monarcha, é inquestionavelmente o exemplar que se conservou até 1793 na livraria do Convento dos Freires de Christo em Thomar, ordem fundada pelo monarcha trovador. A attribuição dos *Louvores de Nossa Senhora* a Dom Diniz, é um equivoco resultante de serem essas canções escriptas em portuguez [3]».

Se a Senhora da Luz chorar,
Está o inverno a acabar.
Se a Senhora da Luz rir,
Está o inverno para vir.

Chorar é aqui empregado no sentido de chover.

[1] *Elucidario*, voc. *Sacada*.
[2] *Mon Lus.* tom. V, liv. XVI, cap. III.
[3] *Trovadores galecio-portuguezes*, pag. 188.

Aliás, dialecto galesiano, como o proprio sr. Theophilo Braga diz no mesmo livro [1].

Ora se o equivoco resultou das cantigas devotas de Affonso o Sabio terem sido escriptas «em portuguez», o fundamento achado pelo sr. Theophilo Braga, desapparece, quando se verifica, como o mesmo auctor o fez em outros logares, que o monarcha castelhano escreveu em gallego [2]; e se o conde D. Pedro não podia ter composto as cantigas a Nossa Senhora por ser fraco trovador, bem póde admittir-se que El-rei D. Diniz, á imitação de seu avô Affonso XI, versejasse piedosamente em louvor da Virgem Santissima, em cuja devoção fôra educado por Aymeric d'Ebrard, francez de origem e bispo de Coimbra, que na sua patria erigiu em Paradis d'Espagnac um mosteiro sob a invocação da Virgem, e ahi se mandou sepultar [3].

No reinado de D. Diniz (1279-1325) o anno de 1309 foi lastimosamente assignalado por um terremoto e pela invasão da peste.

Sobresaltados os moradores de Lisboa pela violencia da epidemia, resolveram muitos d'elles, se a peste acabasse, ir festejar a Virgem Santissima á Merceana [4], a exemplo da romagem annual da rainha santa ao Espirito Santo em Alemquer.

E prometteram mais: que desde Lisboa á Merceana apenas se alimentariam a pão e agua—pelo que teve logo o nome de «cyrio do pão e agua» esta devota peregrinação.

Sahiu pela primeira vez o cyrio da egreja de S. Bartholomeu dos Navegantes a 25 de novembro d'aquelle anno, e devia repetir-se todos os annos em igual dia. Mas em 1431, perante uma nova invasão da peste, que flagellava Lisboa, os moradores da Merceana, cortadas as relações com a capital, negaram-se a receber o cyrio por defender suas vidas.

Desgostosos, os festeiros lisboetas resolveram desde logo organisar na mesma egreja de S. Bartholomeu uma confraria de Nossa Senhora das Mercês, invocação que a

---

[1] Mesma obra, pag. 40.

[2] «Os *Canticos* de Affonso o *Sabio*, se se não acceitar a authenticidade da traducção manuscripta da historia de Servando, por Pedro Seguin, são o mais antigo monumento do dialecto gallesiano distincto do portuguez».
Introducção á historia da litteratura portugueza—Porto, 1870, pag. 120.

Qualquer que seja a nossa opinião, o que é certo é que o fundamento do equivoco, achado pelo sr. Theophilo Braga, é pelo mesmo escriptor destruido n'esta e outras passagens.

[3] Ferdinand Denis, *Portugal*, pag. 23. nota.

[4] Na Extremadura, concelho de Alemquer.

rainha santa, desde a sua chegada a Portugal, recommendara pelo exemplo á devoção dos portuguezes [1].»

O grande terremoto de 1755 abateu a egreja de S. Bartholomeu, e a confraria perdeu por esse motivo o seu cartorio e alfaias.

As imagens, salvas das ruinas, foram trasladadas para a ermida de Nossa Senhora da Pureza na Calçada da Gloria e d'ahi, em 1769, para a ermida de Nossa Senhora da Victoria.

Por occasião d'esta transferencia organisou-se uma solemne procissão, de que aliás resultaram desgostos, por ter havido discordancia entre as irmandades que a compunham, ácerca da precedencia de logares.

Para evitar novos conflictos, os mesarios da confraria de Nossa Senhora das Mercês transferiram a imagem da sua padroeira para a egreja da Conceição Velha, onde ainda hoje se conserva na sachristia chamada dos Passos e onde é festejada por uma associação de devotos [2].

Foi n'este reinado, quando o paiz estava agitado pela guerra civil travada entre o rei e o infante D. Affonso, que o bispo de Coimbra, D. Raymundo, instituiu na sua cathedral a festa da Immaculada Conceição.

Na constituição que deu na villa da Vacariça, distante cinco leguas da séde do bispado, disse o prelado referido: «Stablecemos e mandamos, que na nossa egreja cathedral de Coimbra fação festa em cada hum anno, no oitavo dia do mez de dezembro, no qual dia a Virgem Gloriosa Santa Maria foy concebida, assim como a fazem pelas outras terras, e como a Ella mandou fazer [3]».

A exemplo do bispo de Coimbra, o conego da Sé de Lisboa, João Escola, deu vinte libras, em moeda d'aquelle tempo, para que a 6 dos Idos de dezembro, que são o dia 8, se celebrasse n'esta sé a festa da Conceição.

O conego João Escola era filho de Lourenço Escola, porteiro-mór da rainha santa Izabel, e as relações que manteria no paço real, em virtude do cargo de seu pai, tal-

---

[1] Da egreja parochial de S. Pedro em Alcantara saía outr'ora um cyrio para o sitio das Mercês, freguezia de Rio de Mouro, concelho de Cintra.

[2] Noticia colhida no opusculo *Nossa Senhora do Restello, os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha*, Lisboa, 1897.

[3] «Imitando o zelo do seu antecessor D. Raymundo, annos adeante, o bispo D. Jorge de Almeida applicou rendas para que todos os sabbados do anno se dissesse missa d'esta celebridade n'aquella egreja». *Mon. Lus*, tom. VI, liv. XIX, cap. XXII.

vez contribuissem para inclinar facilmente o animo piedoso da rainha a esta devoção.

O que é certo é que a rainha santa mandou erigir, no convento da Santissima Trindade, de Lisboa, uma capella, que dedicou ao mysterio da Conceição. A imagem era vestida, e de suas alfaias cuidava a rainha com fervoroso zelo.

Frei Agostinho de Santa Maria escreve no *Santuario Mariano:*

«Com esta Santa Imagem tinha a Santa Rainha amorosos colloquios, a ella lhe dizia muitas finezas; e quando por haver sido esta Imagem (sem duvida) *a primeira que se viu em Lisboa com este titulo*, e era razão se conservasse, com toda a veneração e culto, e se tivesse em tabernaculos preciosos e ricos; um imprudente zelo (ao que parece) de evitar qualquer sombra de profanidade humana, nos ornatos d'aquella Santa Imagem, fez que os irmãos da sua confraria mandassem fabricar outra de talha, que collocaram em seu logar, recolhendo a primeira na sachristia da irmandade, com grande pena e sentimento d'aquelles, que com piedosos affectos buscavam n'aquella primeira imagem os effeitos de suas devotas orações. Fez-se esta mudança pelos annos de 1670, pouco mais ou menos. [1]»

A respeito da rainha santa conta frei Luiz de Sousa que fôra retratada, *tirada ao natural*, diz elle, na imagem de Nossa Senhora que el-rei D. Diniz mandou pintar em o retábulo da capella dos Santos Reis Magos na Egreja de S. Domingos, de Lisboa. E o menino Jesus, que a Senhora tinha nos braços, era o retrato do principe real, que depois veiu a reinar com o nome de Affonso IV. «Quem fosse o auctor de tal memoria não consta, mas bem é de crêr, que seria el-rei pois o foi da obra do retábulo, e sem sua ordem se não atreveria o pintor[2]».

[1] Liv. I, tit. XI.

[2] *Historia de S. Domingos*, liv. III, cap. XXVII.

Vem a ponto dizer que Nossa Senhora só depois do concilio de Ephéso (anno 431) começou a ser pintada com o Menino ao collo.

Quanto á bellesa physica da Virgem Maria, os pintores e esculptores de todos os tempos têm-se deixado guiar pelas palavras de Santo Ambrosio: que a Sua physionomia annunciava a pureza da Sua alma. *Ut ipsa corporis species simulacrum fuerit mentis, figura probitatis* [1]. Raphael foi de todos os pintores o que mais se avantajou na concepção de um ideial de formosura celeste, digno da Virgem, pois que ao mesmo passo logrou exprimir com verdade encantadora «a innocencia de uma donzella, a ternura de uma mãe, o respeito da creatura mortal pelo seu Deus[2].»

D. Diniz estabeleceu uma lei, dada em conselho da sua côrte, determinando «que quem quer que descrer de Deus, e de sua Madre, ou os doestar, que lhes tirem as linguas pelos pescoços, e que os queimem».

Digamos desde já que este mesmo principio repressivo da heresia contra Deus e a Virgem passou depois para as *Ordenações Affonsinas*, as quaes determinam: «... poemos por Ley, que todo aquelle, que sanhudamente renegar de Deus, ou de Santa Maria, se fôr Fidalgo, Cavalleiro, ou Vassallo, pague por cada vez que assy renegar mil réis pera a arca da piedade; e se fôr piam, dem-lhe vinte açoutes no Pelourinho, e em quanto o assy açoutarem metam-lhe pela lingoa huma agulha d'albardeiro, a qual tenha assy na lingoa, ataa que os açoutes sejam acabados [3]».

A respeito da rainha santa Izabel resta ainda dizer que nos documentos que subscreveu depois da morte do rei, é sempre invocado Nosso Senhor Jesus Christo e «a Vigem Maria sa madre».

Toda a vida d'aquella boa rainha foi um poema de virtude e devoção, digno de inspirar a musa dos poetas christãos [4].

E a sua vida foi igual á sua morte. *Talis vita, finis ita.* E' tradição que falleceu cantando a puresa de Nossa Senhora, repetindo o formoso hymno da egreja catholica:

---

[1] *De Virgin.* liv. II, cap. II.

[2] *Histoire de la peinture por* Émeric-David, pag. 22.

[3] Liv. V, tit. 99.

[4] *Historia da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação de Sancta Izabel* por Fernando Corrêa de Lacerda, bispo do Porto — Lisboa, 1680, pag. 294.

Maria mater gratiæ,
Dulces parens clementiæ:
Tu nos ab hoste protege,
Et mortis hora suscipe [1]

El-rei D. Affonso IV *mandou reedificar com magnificencia a capella mór da sé de Lisboa;* continuou a devoção que os seus antecessores tiveram com a igreja de Santa Maria Maior (sé cathedral) [2].

Mandou reedificar a capella-mór, arruinada pelo terremoto de 1321 e construir as capellas da charola [3] «á honra e louvor de Deus, e da sagrada e gloriosa S. Maria», como dizia a inscripção que fôra então collocada e que se teria perdido completamente se D. Rodrigo da Cunha não a transcrevesse na sua *Historia ecclesiastica.*

Da devoção que na côrte d'este rei havia por Nossa Senhora dá ainda testemunho. n'aquella mesma egreja, o tumulo de Lopo Fernandes Pacheco, rico-homem senhor de Ferreira de Aves e valído de Affonso IV, no qual tumulo se vê lavrada a vulto a figura do cavalleiro que ali jaz e se lê em volta da bainha da espada a piedosa inscripção: Ave Maria Gratia Pna.., VS... No tumulo de sua segunda mulher, ahi tambem collocado, a figura sustenta entre as mãos um livro no qual se lê o Pater Noster e a Ave Maria em latim.

[1] Refiro-me ao poema heroico *Elysabeth triumphante*, composto em latim por frei Jeronymo Vahia e trasladado a vulgar por J. A. C. H. (José Antonio de Campos Henriques); e ao certamen poetico que se realisou em Coimbra nas festas da canonisação da rainha santa em 1625. (Veja-se o interessante livro *Santissimæ reginæ Elisabethæ poeticum ceriamen*, etc. Coimbra, 1626. O exemplar qu- eu possuo pertenceu a C. Castello Branco e está por seu proprio punho annotado).

A titulo de curiosidade direi que o conego Soares Franco, tomando por assumpto Santa Izabel, rainha de Portugal, escreveu uma oratoria, na qual dramatisou suas virtudes e milagres. Eu proprio escrevi *O livro das flôres,* que versa o mesmo assumpto.

[2] D. Sancho I deixou-lhe em testamento mil maravedis e um calix de oiro; Affonso III mil libras (720$000 réis).

[3] « .. o meio circulo, a que a semelhança deu o nome de charola porque no centro está a capella-mór, como se fôra imagem em andor». Mon. Lus, tom VII, liv. VII, cap. IX.

Tambem durante o reinado de Affonso o Bravo foi erigido em Guimarães um padrão a Nossa Senhora da Oliveira. E' uma construcção modesta, composta de quatro arcos ogivaes, coberta de abobada de pedra, e quasi defronte da porta principal da igreja de Nossa Senhora da mesma invocação. Maís tarde fez-se ali um altar de estuque, dedicado á Senhora d'aquelle titulo, para commemorar a batalha de Aljubarrota.

No centro do padrão, sob a abobada, levanta-se um elegante cruzeiro, que foi mais tarde adquirido na Normandia por Gonçalo Esteves e ali collocado a 8 de setembro de 1380, por devoção de Pero Esteves, irmão d'aquelle, ambos mercadores em Guimarães [1].

Ordenava-se ali uma procissão e para descanço do andor construiu-se no antigo campo do Salvador um pilar de pedra tosca: d'este facto ficou memoria n'um lettreiro gothico, que dizia:

HIC SITA FUIT S.TA MARIA
E.A M.A V.A [2]

Por este tempo o nome de Maria, já adoptado nas familias reaes e na classe nobre, tornou-se popularissimo: em muitas escripturas o encontramos designando mulheres do povo, esposas e filhas de mesteiraes.

E causou impressão n'essa epoca que a filha do rei de Portugal, rainha de Castella, esquecendo os ultrages que publicamente lhe fazia seu marido, viesse a Portugal pedir auxilio contra os mouros, tal como a descreve Camões:

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados...

Parecia ser condão do nome a abnegação com que a rainha de Castella esquecia todas as affrontas recebidas do marido e vinha ajoelhar supplicante aos pés do pai.

---

[1] *Guimarães, apontamentos para a sua historia* pelo padre Antonio José Ferreira Caldas, vol. II, pag. 268 e seg.
[2] Mesma obra, vol. II, pag. 151 e seg.

Desde essa hora o nome de Maria tornou-se ainda mais prestigioso e popular em Portugal.

Nas nossas provincias, os camponezes, relacionando a devoção a Nossa Senhora com alguns factos da vida domestica ou agricola. conservam o maior respeito pelo nome de Maria, que traz bençãos á casa e ao campo.

Assim, os lavradores que têm muitos filhos e filhas devem pôr a um filho o nome de Manoel e a uma filha o nome de Maria.

Ha um proverbio que diz:

Mal vae á casa,
Que leva á pia,
E que não tenha
Manel ou Maria.

Para que as searas sejam abençoadas e prosperem, é preciso que lance as sementes á terra uma ragariga chamada Maria.

Para afugentar a passarada, infesta ás culturas, os lavradores penduram na seara um pucaro novo com fel de boi (o boi é o animal abençoado no Presepio) e levam uma cachopa, que tenha o nome de Maria, a dar tres voltas ao campo dizendo:

Passarinhos! ao monte, ao monte,
Que o meu campo tem fel
E o do meu visinho mel.

Comquanto transpareça n'esta exhortação o egoismo humano, revela-se um fundo de credulidade piedosa no colloquio da camponesa, que tem o nome de Maria, com os passarinhos innocentes, que a entendem e lhe obedecem.

Para curar a quebradura das creanças, passando-as através da fenda aberta n'um carvalho cerquinho ou n'um vimieiro, são precisas tres Marias (solteiras) e tres Joões.

Logo voltaremos a procurar novas relações entre a vida do povo e o culto de Nossa Senhora.

Affonso o Bravo cedendo aos rogos da filha, resolveu-se a entrar na lide. Frei Raphael de Jesus põe na bocca do rei portuguez a protestação da sua fé, quando em Juromenha se avistou com o genro: «Eu creio firmemente que o filho de Deus, por remir o genero humano, tomou carne passivel nas purissimas entranhas da sempre Virgem Maria Senhora Nossa, nas quaes por obra do Espirito Santo foi

concebido, que d'ellas nasceu verdadeiro Deus e Homem, etc. [1]».

Depois da victoria, os reis de Portugal e Castella dirigem-se a Sevilha, onde são recebidos com grandes festas, e juntos rendem graças a Nossa Senhora do Pilar [2].

Foi durante o reinado de D. Pedro I, pelo anno de 1362 seria talvez, que em Portugal se propagou com maior fervor a devoção de cantar nos templos, em cada sabbado, a *Salve Rainha*.

Aconteceu que alguns pescadores de Cascaes, lançando as suas rêdes ao mar na vespera da Assumpção, prometteram a Nossa Senhora offerecer-Lhe todo o peixe que recolhessem n'aquelle lanço, querendo assim mostrar-se reconhecidos á Virgem Santissima pela boa fortuna com que n'aquella temporada tinham sido favorecidos.

Quando recolheram as rêdes, notaram que vinham muito pesadas: a pesca tinha sido abundantissima. Mas cresceu ainda mais o seu jubilo quando encontraram entalada na malha de uma das rêdes uma imagemsinha de Nossa Senhora com o Menino nos braços.

Vinha tão perfeita, que logo se alvoroçou a fé de todos com lembrarem-se que o mar quizera respeitar a sua *Estrella*, não Lhe desmerecendo sequer o colorido.

Prostrados em terra, renderam os pescadores homenagem áquella linda imagemsinha, que as rêdes lhes haviam

---

[1] *Mon. Lus.* tom. VII, liv. XI, cap. VII.

[2] As imagens d'esta invocação são muito veneradas em toda a Hespanha, principalmente nos lances em que periga a independencia nacional.

Da Senhora do Pilar de Saragoça cantavam os hespanhoes, quando o seu paiz foi invadido pelos francezes:

> La Virgen del Pilar dice
> Que no quiere ser francesa;
> Que quiere ser capitana
> De la tropa aragonesa.

Em Lisboa, na egreja de S. Vicente de Fóra, ha uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, feita á semelhança da de Saragoça e doada por um devoto no seculo XVII.

Como a seu tempo contaremos, teve grande devoção com esta imagem a rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya.

No Porto ha uma senhora do Pilar, que se festeja a 15 de agosto, no seu templo da margem esquerda do rio Douro, em frente da cidade.

Conheço a trova popular que lhe é dedicada:

> A Senhora do Pilar
> Tem o seu pilar de vidro,
> Que lhe deu um marinheiro,
> Que se viu no mar perdido.

trazido, e que as ondas pareciam haver-lhes dado. Tomaram como graça do ceu tão inesperado presente, e áquella Senhora começaram logo a chamar — *da Graça*.

Mas ficaram hesitantes no melhor modo de louval-A e glorifical-A, não sabendo se haviam de erigir-Lhe um oratorio que só podia ser modesto segundo suas posses, ou leval-A a algum templo dos melhores da visinhança, onde com maior grandeza pudesse ser venerada.

Conta a tradição que uma creancinha atalhára prodigiosamente a duvida, exclamando que conduzissem a imagem ao mosteiro de Santo Agostinho.

Assim se fez. Veio em triumpho a imagem de Cascaes a Lisboa, trazida pelos pescadores. Os frades augustinianos receberam-n'A amoravelmente, contentes de terem sido preferidos. Collocaram-n'A no altar-mór da sua igreja, que desde então se ficou chamando — da Graça. «E cantando deante d'ella com grande devoção a *Salve Regina* — diz frei Agostinho de Santa Maria — deram principio á devoção que ha n'aquelle convento de se cantar solemnissimamente todas os sabbados esta agradavel antiphona da Senhora em seu altar: exercicio, que logo se praticou em todos os mais conventos da Provincia Eremitica de Portugal. E em breve tempo se estabeleceu em todos os mais conventos da religião Augustiniana, Observante, e Recoleta [1]».

Assim se começou a generalisar em Portugal a devoção da *Salve Rainha*, oração maviosa, de uma doçura infinita.

E' de notar que todos os canticos dirigidos a Nossa Senhora são bellos e grandiosos, apesar de simples; e quasi todos tão antigos, que se lhes não encontra origem certa.

A este proposito, diz frei Agostinho de Santa Maria que a *Salve Rainha* tivera por auctor Pedro Compostellano ou Hermann Contratto, se é que os apostolos a não compuseram em grego, d'onde a traduziria D. Rodrigo, arcebispo de S. Thiago.

Estas duvidas representam por si mesmas grande antiguidade; mas ainda são maiores do que poderia deprehender-se do texto de frei Agostinho de Santa Maria.

E' certo que alguns attribuem a *Salve Rainha* a Hermann Contratto, monge benedictino do seculo XI e outros a Pedro de Moson, que foi abbade de S. Pedro e depois bispo de Compostella. Mas ainda outros lhe dão como auctor

---

[1] *Sant. Mar.* tom I, liv. I., tit. XII.

Amiard de Monteil, bispo de Puy, no tempo de Urbano II. Esta conjectura tem a seu favor a circumstancia da *Salve Rainha* haver sido por muito tempo denominada — *a antiphona de Puy.*

Fachada, sobre o largo do Carmo, do mosteiro de Santa Maria de Lisboa
(Reproduzida da chronica dos carmelitas)

Finalmente, outros a attribuem a S. Bernardo, mas parece ser equivoco facil de esclarecer. S. Bernardo, quando legado apostolico na Allemanha, tão impressionado ficou ao ouvir cantar «a antiphona de Puy» na igreja de Spira, que lhe acrescentou, por um feliz improviso, estas palavras, que são um bello remate para tão mavioso cantico: *ó clemens, ó pia, ó dulcis Virgo Maria*».

Por muito tempo, ainda no seculo XIV, dizia-se no principio da antiphona: *Salve regina misericordiæ.* Parece ter sido no seculo XVI que se acrescentou a palavra *Mater.*

Gregorio IX, em 1238, ordenou que a *Salve Rainha* fosse resada nas matinas em todo o mundo.

A musica d'esta antiphona tem variantes: a dos trapistas passa por ser a mais bella. A ella se refere o abbade Migne n'estes termos: *il n'est rien de plus touchant que cette meditation tout à la foi si tendre et si grave*[1]».

São muitos os compositores e poetas que se têm inspirado na *Salve Rainha.*

---

[1] *Enclyclopédie théologique*, vocabulo respectivo.

Entre os *maestros* merece especial referencia Pergolesi, cuja *Salve* passa por ser superior ao seu *Stabat Mater*, posto que se não tenha divulgado tanto.

Dos poetas, só permitte a indole d'este livro que nos possamos referir aos portuguezes; e veda-nos a magnitude do assumpto e estreitesa do espaço que fallemos de todos.

Para observar a ordem chronologica darei o primeiro logar ao quinhentista Balthasar Dias, fazendo no texto leves alterações, onde me pareceu haver erro typographico:

Salve, Senhora benigna,
Madre de misericordia,
Paz de nossa gran discordia,
Dos peccadores mésinha;
Vida, doçura e concordia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.
A ti, Senhora, chamamos,
Desterrados filhos de Eva,
A ti, Virgem, suspiramos
A ti gemendo e chorando
Em aqueste lagrimoso
Valle sem nenhum repouso,
Sempre Virge, a ti chamamos,
Que és nosso prazer e goso.
Ora pois, nossa advogada,
Amparo da christandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Pois que és nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude
Contra todos meus imigos;
Pois que és a nossa saude,
Eu te rogo, que me ajudes
Nos temores e perigos;
Roga tu por mim, Senhora,
Oh santa madre de Deus,
A quem minha alma adora,
Pois és rainha dos ceus,
E dos anjos superiora. [1]

É notavel circumstancia que o poeta satyrico Gregorio de Mattos Guerra, que pelo seu azedume teve a alcunha

[1] Balthasar Dias nasceu na Ilha da Madeira e floresceu no reinado de D. Sebastião. Era cego de nascença. Os seus autos tornaram-se populares, bem como a *Historia da Imperatriz Porcina* e a *Tragedia do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno*, que entraram na litteratura de cordel.

O trecho por nós transcripto pertence a esta ultima composição, e tem no original a forma de dialogo.

de *Bocca do inferno*, compozesse um cantico devoto a Nossa Senhora; mas este facto não pareça unico.

Muitos poetas de vida destragada, entre elles o nosso Bocage, mantiveram egual devoção e a deixaram celebrada em seus versos.

É certo que alguns criticos attribuem a poesia que vamos transcrever, não a Gregorio de Mattos, mas a seu irmão Eusebio, que tambem cultivava as musas.

E parece vir em reforço d'esta opinião o facto de na collecção manuscripta das composições de Gregorio de Mattos, a qual existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, se não encontrar esta poesia, que aliás bem podia ser posterior ao tempo em se formou aquella collecção.

Não ha duvida, porém, de que corre impressa sob o nome de Gregorio de Mattos, o que, comquanto destôe do seu genero especial, não repugna acreditar pelas razões que deixamos expostas.

Salve, celeste pombinha,
Salve, Divina Belleza;
Salve dos Anjos Princeza;
E dos ceus *Salve, Rainha.*

Sois graça, luz e concordia
Entre os maiores horrores;
Sois guia de peccadores
Madre de Misericordia.

Sois divina formosura;
Sois entre as sombras da morte
O mais favoravel Norte;
E sois da *vida doçura.*

Porto, em que mais se resalve
Nossa fé que sois se alçança:
Sois, por ditosa esperança,
Esperança nossa; salve.

Vosso favor invocamos
Como remedio o mais raro:
Não nos falte o vosso amparo;
E vêde que *a vós bradamos.*

Os da patria desterrados,
Viver na patria desejam.
Quereis vós que d'ella sejam
D'este mundo *os degredados?*

Se Deus tanto agrado leva
De com os homens viver,
Como póde ausentes vêr
Os mesmos *filhos de Eva?*

Humildes vos invocamos
Com rogos enternecidos;
E a esse amparo rendidos,
Senhora, *a vós suspiramos.*

Se Deus nos perdoa, quando
A nossa culpa é chorada;
Todos, por ser perdoada,
Estão *gemendo e chorando.*

Mas vós, por quem menos vale
Lyrio do valle, chorais?
E o vosso pranto val' mais
N'este de lagrimas valle.

Já que tão piedosa sois,
Senhora, com o vosso rogo
Alcançai-nos perdão logo;
Apressai-vos: *eia pois.*

Porque desde agora possa
Triumphar qualquer de nós
De inimigo tão atroz,
Pedi, *advogada nossa.*

E em quanto n'estes abrolhos
Do mundo postos estamos;
De nós que o caminho erramos,
Não tireis *os vossos olhos.*

Sejam sempre piedosos
Para nos favorecer;
E para nos defender
Sejam *misericordiosos.*

Pois remediar-nos quereis
De vossos olhos co'a guia,
Gloriosa Virgem Maria,
Sempre elles *a nós volvei.*

Livrai-nos de todo o erro,
Para que assim consigamos
Graça, em quanto aqui andamos
E *depois d'este desterro.*

E pois vosso filho é a luz,
E alumiar-nos quereis;
Para que esta luz mostreis,
Nos amostrae a Jesus.

E se como raio bruto
O fructo vemos vedado,
N'outro paraiso dado
Veremos *o bento fructo.*

Em vossos corações entre
Seu amor; pois é rasão,
Seja meu do coração
O que foi *do vosso ventre.*

De Jericó melhor rosa,
Puro e candido jasmim,
Quereis vós que seja assim,
Oh! clemente! Oh! piedosa!

Tenhamos nossa alegria,
Esta doçura tenhamos;
Pois que tanta em vós achamos
Oh doce Virgem Maria!

Se quem mais póde sois vós,
Chegando a Deus a pedir;
Para melhos vos ouvir,
Pedi-*lhe, rogai por nós.*

Qne então os favores seus
Muito melhor seguramos;
Pois que n'elles empenhamos
A *Santa Madre de Deus.*

Dai-nos fortaleza e tinos,
D'este mundo contra os sustos;
Porquc os bens sigamos justos,
Para que sejamos dinos.

E se nos concedeis isto
Que vos pede o nosso rogo,
Mui dignos nos fazeis logo
Ser *das promessas de Christo.*

Seja pois, divina luz;
Melhor estrella, assim seja,
Para que por nós se veja
Vosso amparo. *Amen Jesus* [1].

---

[1] Gregorio de Mattos Guerra, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, exerceu differentes cargos na magistratura. Nasceu na Bahia a 20 de dezembro de 1633 e falleceu em 1696. É portuguez, como todos os brazileiros que floresceram antes da independencia do Brazil.

Do pobre poeta Domingos dos Reis Quita, a quem a inspiração sorriu mais do que a fortuna, diz Garrett que o considera o nosso melhor bucolico.

Fachada, voltada ao Rocio, do mosteiro de Santa Maria de Lisboa
(Reproduzida da chronica dos carmelitas)

São maviosos, é certo, os seus melancolicos poemas. Apesar de exercer a humilde profissão de cabelleireiro, logrou fazer-se admittir na Arcadia Ulissiponense, onde tomou o nome pastoril de *Alcino Micenio.*

Alguns dias antes de morrer, compoz este soneto paraphraseando a *Salve Rainha:*

Salve dos anjos inclita Princeza!
Salve piedosa Mãe, por quem bradamos
Os tristes degredados, que arrastamos
As cadeias de quem triumphaste illeza!

A nós os olhos volve, aonde acceza
Brilha a misericordia, em que esperamos:
As lagrimas consola, que choramos
No valle de amarguras e torpeza.

Virgem pura, das virgens soberana:
Ouve os ais, os gemidos allivía
Da fragil geração, da culpa insana.

Eia pois, oh Santissima Maria!
Do misero desterro a turba humana
Clemente á promettida patria guia [1].

Dos poetas nossos contemporaneos, mencionaremos apenas trez, que para mais não temos espaço.

Salve Regina, de Palmeirim:

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrai-vos de nós, Senhora;
N'este valle de amarguras,
Sede nossa protectora:

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrai-vos de nós, Senhora.

Lembrai-vos de quem na terra
Arrasta a cruz do peccado,
Do vosso auxilio, Senhora,
De todo desamparado:

Lembrai-vos de quem na terra
Arrasta a cruz do peccado.

N'este mundo de tristezas
Sois a nossa só esp'rança;
Sois como ao nauta nas ondas,
Se vê luzir a bonança:

N'este mundo de tristezas
Sois a nossa só esp'rança.

Não deixeis que nos percamos
Nos baixios d'este mundo,
Onde ha tormentos que os homens
Arrastam do mar ao fundo:

Não deixeis que nos percamos
Nos baixios d'este mundo.

Senhora, vós sois piedosa,
Sois mãe d'immensa ternura,
Não deixareis vossos filhos
N'estes trances d'amargura:

Senhora, vós sois piedosa,
Sois mãe d'immensa ternura.

---

[1] Quita nasceu na freguezia de S. Sebastião da Pedreira a 6 de janeiro de 1728 e morreu a 13 de julho de 1770.

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrai-vos de nós, Senhora;
N'este valle d'amarguras
Sede nossa protectora:

Volve a nós teus olhos puros,
Lembrai-vos de nós, Senhora [1].

Salve Rainha, de João de Deus:

Salve Rainha, Mãe
Da paz e da concordia!
Mãe de misericordia!
Fonte de todo o bem!

Rainha! nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!
Da mais humilde choça,
Aos altos ceus querida!

Salve, Rainha eterna,
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel!
Rainha sempre terna!

A vós, *a vós bradamos*
Cá d'estes descampados,
Por onde *os degredados,*
Os *filhos de Eva* andamos.

Por vós, n'estes anceios
De insupportavel dor,
Ah! *suspiramos*, cheios
De saudade e amor!

Gemendo e sempre assim
Chorando o nosso mal,
N'este profundo *valle*
De lagrimas sem fim!

Das nuvens *eia pois,*
Oh, *advogada nossa,*
Rompa um clarão que possa
Mostra-nos já quem sois.

---

[1] *Poesias* de Luiz Augusto Palmeirim, nascido a 9 de agosto de 1825, fallecido a 4 de dezembro de 1893.

Sim: *esses vossos olhos*
Tão *misericordiosos*,
Que tornam os abrolhos
Lyrios deliciosos,

A nós volvei, Senhora
Do ceu, e mar e terra!
Onde o que ha bom se encerra,
Que todo o mundo adora.

E se um viver sem luz
Expia tanto erro,
Depois d'este desterro
Mostrai-nos a Jezus!

Oh! Mãe sempre *clemente!*
Oh! Mãe sempre piedosa!
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Oh nossa *doce* Mãe!
Oh *sempre Virgem* pura!
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz,
Ouvi-a lá nos ceus!
Rogai, *rogai por nós*
Oh *santa Mãe de Deus!*

Para que auxiliados
D'essa divina graça
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos (ás avessas
Do mal que nos attrai)
Ah! *dignos das promessas*
De Christo — Deus e Pai! [1]

Salve Rainha, de Thomaz Ribeiro [2]:

[1] João de Deus Ramos, nascido em S. Bartholomeu de Messines (Algarve) a 8 de março de 1831; fallecido em Lisboa a 11 de janeiro de 1896. Em toda a sua obra, de uma grande delicadesa lyrica, sobresai a feição mystica, a fé pura de uma alma sincera e crente. Até os dois nomes, com que habitualmente assignava, o enfileiram a par de outros escriptores portuguezes seus homonymos que cultivaram o genero mystico. E' o mesmo citado a pag. 31.

[2] Thomaz Ribeiro, auctor do *D. Jayme*, nascido em Parada de Gonta, districto de Vizeu, a 1 de julho de 1831.

Esta *Salve Rainha* é extraída do poemeto *A Rocha* (Lisboa, 1898) em que o poeta celebra a *Senhora da Rocha*, de Carnaxide.

Tambem conhecemos um *Hymno, a voz da gratidão, offerecido em louvor da milagrosa Senhora da Rocha* por Jeronymo Ezequiel da Costa Freire — Lisboa, 1825.

Salve, Rainha!
Mãe de misericordia, nossa vida,
Esperança e doçura, ouve estes brados
Dos pobres filhos d'Eva, os degredados
N'este valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
Pharoes de tanta luz,
Advogada nossa! e após tamanhas
Penas, miserias, maldições d'um erro,
Ao cabo do desterro
Oh! mostra-nos Jezus,
Filho das tuas virginaes entranhas;
E, dignos das promessas do Senhor,
Consegue-nos a paz e o seu amor [1].

A *Salve Rainha* tinha desde o principio, como vimos, o seu dia especial, o sabbado, consagrado a Nossa Senhora; mas tão depressa foi acceita pela devoção popular, que era cantada em publico n'outro qualquer dia, sempre que se tornava preciso invocar a protecção da Mãe Santissima.

Vel-o-hemos melhor quando nos referirmos á epoca de D. João I.

O sabbado é, na tradição do nosso povo, um dia abençoado, em que não falta o sol, como dizem os adagios, por isso mesmo que é o dia da semana dedicado á Virgem.

Não ha sabbado sem sol,
Nem domingo sem missa,
Nem segunda sem preguiça.

Não ha sabbado sem sol,
Nem rosmaninho sem flor,
Nem casada sem ciume,
Nem solteira sem amor.

[2] Em muitos livros de missa vem uma *Salve Rainha*, cujo auctor ignoro, e que principia assim:

Salve, ó doce amparo
Dos tristes mortaes,
Virgem sempre pura,
Bemdita sejaes.

Salve, Rainha,
Que *Mãe* vos chamaes
De misericordia,
Bemdita sejaes.

E, quando o sol não apparece ao sabbado, é indicio, segundo a superstição popular, de que, faltando a protecção de Nossa Senhora, vai cahir grande invernia, que alague as terras:

Sabbado sem sol
Chuva de maior

Dois annos depois de ter vindo de Cascaes a imagem da Senhora da Graça, ordenou frei Miguel Valente, provincial da ordem de Santo Agostinho, já então vulgarmente denominada *graciana*, que no altar d'aquella imagem se cantasse todos os sabbados uma missa da festa da Annunciação, «por dizer o Evangelho que n'este mysterio lhe chamou o Anjo cheia de Graça».

Organisou-se uma confraria, que, segundo o testemunho de frei Agostinho de Santa Maria, é a mais antiga de Lisboa, e d'ella faziam parte as pessoas reaes e a côrte.

Os pescadores não abandonaram nunca a devoção pela imagem da Senhora com que as aguas do mar os presentearam. Levavam-Lhe donativos em dinheiro e peixe, e recebiam da confraria uma vela benta, que em occasião de perigo accendiam.

Tornou-se vulgar invocar em qualquer angustia o auxilio d'aquella venerada imagem: «*Virgem da Graça, valei-me* [1].»

No seculo XIV era usual proferir-se o nome de Nossa Senhora em fórma exclamativa de surpresa ou espanto. Acenheiro conta que a rainha de Castella D. Beatriz, filha do rei D. Fernando de Portugal, reconhecendo um dos portuguezes que ficaram prisioneiros n'um combate do Tejo, exclamou: «*Santa Maria!* Vasco Rodrigues, aqui sois vós! [2]».

Os reis raras vezes deixavam de testemunhar a sua devoção por Nossa Senhora nos documentos que por elles proprios eram dictados em algum lance solemne. No testamento de el-rei D. Pedro I, este monarcha encommenda o seu corpo e a sua alma «a Deus Padre, Filho e Espirito

---

[1] Mathias de Albuquerque, quando na India, de que foi governador (1591) lhe dispararam contra o peito um mosquete, exclamou: *Virgem da Graça de Lisboa, valei me.* O pelouro batendo n'uma lamina que continha a imagem de Nossa Senhora, e que Albuquerqne trazia pendente ao pescoço, despedaçou-a, mas não o feriu.

[2] *Chron. dos snrs. reis de Portugal*, pag. 187.

Santo, trez Pessoas e um Deus, e á *Virgem gloriosa Santa Maria sa Madre*».

Durante o reinado de Fernando, o *Formoso*, o espirito publico preoccupou-se seriamente com as questões politicas, que os desatinos d'aquelle monarcha aggravaram. Mas não foi absolutamente esteril em actos de devoção á Virgem esse tempestuoso reinado. O proprio rei mandou lançar os alicerces da egreja de Nossa Senhora dos Martyres em Estremoz, que por sua morte ficou incompleta. Foi o condestavel D. Nuno Alvares Pereira que a completou. Um grande valído d'el-rei D. Fernando, Pedro Affonso Mealha, védor da fazenda, restaurou em Lisboa a ermida de Nossa Senhora da Escada.

Por morte do rei a independencia de Portugal esteve em cheque: não ha, não póde haver maior attribulação para um povo livre.

Mas foi sob a protecção de Nossa Senhora, muitas vezes invocada então, que Portugal repelliu o jugo de Castella.

O Mestre d'Aviz, á medida que a sua causa triumphava, devotava-se, com inexcedivel dedicação, ao culto da Virgem Santissima, do que subsistem grandes testemunhos por elle dados tanto na vida como na morte.

N'este anno de 1899 em que estou escrevendo, succedeu, como no de 1385, que o dia 15 de agosto cahiu á terça feira.

Foi na vespera da Assumpção que se feriu entre portuguezes e castelhanos a batalha de Aljubarrota.

Lá o diz Fernão Lopes: «A' segunda feira, ante manhã, vespera da Virgem Maria, bem cedo de madrugada, mandou o conde dar ás trombetas, e... logo como foi de dia, partiu d'ali (Porto de Mós) toda a hoste e foram caminho d'aquelle campo, onde depois foi a batalha, que é d'ahi uma pequena legua».

Aos portuguezes urgia cortar a projectada marcha dos castelhanos sobre Lisboa, tanto mais que já estava no Tejo a armada de Castella.

Em momento assim decisivo para a independencia de Portugal, pois que no mesmo lance se jogava a sorte do rei e do povo, o destino da nação inteira, e poucos momentos antes do choque de dois exercitos desiguaes em numero, pois que o de Castella se avantajava ao nosso, em grandeza, não em valor, natural era que ao espirito dos combatentes, uns e outros catholicos romanos, acudisse a lem-

brança de invocar a Mãe de Deus, cujo transito para a gloria eterna a Egreja ia commemorar dentro de poucas horas.

Dos portuguezes sabemos nós que, a exemplo do seu novo rei, confiavam do auxilio divino a victoria, que sem tamanha fé pareceria improvavel.

Muitos d'elles guardavam o jejum da vigilia da Assumpção. Sem comer nem beber, *por ser vespera de tal festa*, formados em batalha desde sol nado, com o rosto ao sol, aguentando até ao meio dia o calor de uma ardente manhã de agosto, mostravam-se alegres e despreoccupados, depois de terem confiado o seu destino á Virgem Santa Maria, protectora dos portuguezes, a quem jámais desamparara.

Um cavalleiro gascão, micer João de Montferrat, que já tinha corrido aventuras em sete batalhas, prophetisara a victoria, porque, dizia elle, jámais vira soldados tão ledos na hora de combater.

O rei, firme na sua fé, com o pensamento em Nossa Senhora, cuja festa se aproximava, respondeu-lhe n'um tom que inspirava animo:

— Essa fiuza (confiança) tenho eu em Deus e na Virgem Maria, que assim será como vós dizeis, e eu vos prometto muito boa alviçara de vossa boa prophecia.

Ouvindo estas palavras, que davam coragem, alguns dos mais jovens guerreiros fizeram audiciosos votos, a que então se chamava «denodamentos». Vasco Martins de Mello, o moço, prometteu prender o rei de Castella ou ser o primeiro a pôr-lhe as mãos; Gonçalo Annes de Castel Vide jurou que a primeira lançada a jogaria elle contra os castelhanos.

O rei conhecia e pesava o valor dos seus homens d'armas, mas conhecia ainda melhor o auxilio com que a Mãe de Deus sempre lhe tinha acudido na sua aventurosa vida de bastardo que chega a conquistar um throno.

Faria secretamente, no fundo da sua alma, votos á Divina Protectora, que jámais lhe havia faltado. Parecia-lhe designio celeste que se ageitasse o dia da batalha na vespera da Assumpção, fim e corôa da vida de Maria Santissima, que fôra exaltada ao ceu, *exaltata est sancta Dei genetrix*, onde eternamente havia de permanecer em gloria perenne.

Promettia mandar erigir um mosteiro a Nossa Senhora no logar em que ia dar-se a batalha, se a vencesse.

Dil-o no testamento com que falleceu:

«Porque nós promettemos, no dia da batalha, que houvemos com elrei de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandarmos fazer a honra da dita Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, ali cêrca d'onde ella foi, um mosteiro...»

> A vespera é do dia consagrado
> A' Assumpção gloriosa de Maria;
> Os olhos levantando, o rei soldado:
> «Senhora, exclama, nosso esforço guia!
> «Se vencermos, um templo magestoso
> «Te erguerei sobre o campo da batalha!»
> Diz, e esporeando seu corcel fogoso
> Brios em todos com a voz espalha [1].

Prometteu uma romagem a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, santuario que lhe não inspirava menor fé que a ermida da Escada em Lisboa, tantas vezes por elle devotamente visitada.

O mysterio da Assumpção, que no decurso dos tempos inspirou os maiores pintores do mundo, Ticiano, Corregio, Julio Romano, Murillo, Rubens e Poussin, inspirou ao rei de Portugal uma tela mais grandiosa e bella, mais viva do que todas as outras, porque a pedra é eterna como o tempo e a «Batalha» nasceu da victoria de Aljubarrota.

Egreja de Santa Maria da Victoria (Batalha)

O condestavel D. Nuno, a cavallo, o escudo no braço para aparar os primeiros virotões castelhanos, que vinham pelo ar como carteis de desafio, estimulava o brio da vanguarda, correndo de uma ala a outra, lembrando a todos que «a Madre de Deus, cuja vespera entonces era, seria avogada por elles».

El-rei, na resguarda onde estava, rectaguarda dizemos

[1] Soares de Passos, *Poesias:* «O mosteiro da Batalha».
Este notabilissimo poeta portuense nasceu a 17 de novembro do 1826 e falleceu a 8 de fevereiro de 1860. Alexandre Herculano considera-o o maior poeta do seu tempo.

hoje, animava os seus companheiros d'armas gritando: «Em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia de manhã é, sejamos todos fortes e prestes».

A batalha foi um choque tremendo, rapido e decisivo.

No primeiro impeto, os castelhanos, bandeira tendida, romperam a vanguarda portugueza. D. João I, para conjurar o perigo imminente, abala do seu logar, anima a hoste gritando — «S. Jorge! Portugal! S. Jorge! Portugal!» empenha-se no combate, a coragem renasce com o seu exemplo, e um momento depois, quasi um milagre, os castelhanos recuam, desmantelam-se, debandam ao som da grita dos nossos, que bradam — «Já fogem! já fogem!»

O propio rei de Castella toma um cavallo possante, com que os seus lhe acodem, e solta as rédeas na direcção de Santarem.

Vasco Martins de Mello, querendo cumprir a seu denodamento, lança-se no encalço do rei fugitivo. Quer tocar-lhe com as mãos, se não puder prendel-o. A cruz de S. Jorge denuncia-o. Conhecem-n'o como portuguez. Paga com a vida o esforço da sua coragem.

Como foi que á mesma hora da batalha, ou pouco depois seria, constou em Lisboa a victoria dos portuguezes?

O povo, que desde que os castelhanos entraram a fronteira entoava em altas vozes, de egreja em egreja, a *Salve Rainha*, e por ser vespera da Assumpção especialmente solemnisava com hymnos e canticos a vigilia de tamanha festa, alvoroçou-se ledamente com a boa nova, que não sabia como chegára, nem como tinha vindo.

Queria explicar-se o facto, mas enlabyrintava-se ainda em maior mysterio.

Contam-se de Aljubarrota a Lisboa vinte e duas leguas, não podia haver corcel que as vencesse em tão escasso tempo, porque já depois do meio dia tinha começado a batalha.

— Quem dissera aquello? perguntavam os grupos de uns a outros.

— Um homem vestido de roupas vermelhas, respondiam vagamente.

— Quem n'o viu? Onde pousa?

— Em tal casa.

Corriam ao logar indicado, e de semelhante homem ninguem sabia dar melhor noticia.

Mas a atoarda da victoria passava de bocca em bocca,

com a rapidez de um relampago, que tivesse brilhado no ceu...

Na fé que a boa nova era certa, sem d'ella haver maior certeza, foi-se o povo a suas pousadas, e no dia seguinte, que era o da Assumpção, logo de manhã começou a correr á Sé, em cujo throno a imagem de Santa Maria era fervorosamente adorada desde o tempo de Affonso Henriques.

Passára-se o dia na commoção da boa nova, que tão mysteriosamente se espalhára, e na esperança, que todos nutriam, de que a Mãe de Deus, no anniversario solemne da sua exaltação ao ceu, se dignaria confirmal-a.

Era posto o sol, bem tarde, diz o chronista, e ia chegando á Sé a piedosa turba que entoava a *Salve Rainha* n'um côro de muitas vozes.

A calma de um dia canicular de agosto tinha declinado docemente, refrescada pela aragem da noite, que principiava a soprar benigna. O clarão dos cirios incendiava de reflexos purpureos as paredes negras da Sé. E as vozes afinadas de centenas de pessoas ondulavam como uma nuvem de harmonia alando-se para o ceu n'uma saudação vibrante de fé e gratidão.

Um moço, de agraciado semblante, rompeu egreja dentro affastando a turba.

Fôra enviado por João Martins, escudeiro de Alemquer.

— E' ganha a batalha! exclamára elle.

— Quem vol-o disse, moço?!

— E' ganha a batalha! repetia o mancebo, como se viera de Aljubarrota por ganhar alviçaras

Suspenderam-se as vozes n'um pasmo de surpreza alegre, para melhor ouvir o moço, que repetia:

— E' ganha a batalha! é ganha a batalha!

E então, obedecendo a uma batuta invisivel, o côro rompeu mais alto e melodioso, continuando a *Salve Rainha*, como um olho d'agua que, reprimido um momento, ganhasse maior impulso para subir a vertiginosa altura.

No texto da oração o pensamento dos fieis certamente intercallava, com devoção profunda, as palavras do moço alviçareiro: «E' ganha a batalha!»

No dia seguinte, á «quarta feira pela manhã muito cedo» chegou de Oeiras um homem, de nome Martim Mealha, que trouxe a confirmação da boa nova.

Era um captivo dos castelhanos, que estava a bordo da nau de Pêro Afam, no Tejo, quando lá chegou desbara-

tado, vindo de Santarem, o rei de Castella. No envorilho, que vale tanta como dizer — reboliço — pudera fugir e não tivera outra ideia senão ganhar a nado a praia de Oeiras com a mensagem da victoria.

Tamanha confiança merecia o testamunho e o mensageiro, que logo se ordenou uma procissão á ermida de Santa Maria da Escada, junto ao rocio.

Mulheres, homens, frades, clerigos, todos descalços, acompanhando a imagem de S. Jorge, puzeram-se a caminho cantando. Um bello sol de agosto, derramando um luz de ouro n'um ceu azul bem portuguez, dava a esse espectaculo religioso um brilho phantastico. E nos corações e nos labios dos fieis afervorava-se a crença, em pulsações e palavras, de que Santa Maria, mãe de Christo, quizera assignalar com esta victoria o dia em que subira até Deus depois de Deus ter descido até Ella.

Antes da batalha o povo de Lisboa havia promettido trez procissões, se Portugal vencesse, e assentou que se fizessem no 1.º de janeiro, no 1.º de maio e no dia de Santa Cruz a fim de tirar a esses dias a feição gentilica, com que até ahi eram celebrados, ficando combinado que ninguem mais cantasse janeiras, nem maias, nem outros cantos profanos.

Uma d'essas procissões, a do 1.º de maio, dirigia-se a Santa Maria da Escada com grande pompa e solemnidade.

«Punha-se a casa de festa, diz frei Luiz de Sousa[1] — armada de tudo o bom, que havia na terra, e ornada de toda a frescura de flores, e boninas que traz abril.»

No correr do tempo esta procissão foi mudada para o dia da Purificação de Nossa Senhora (2 de fevereiro).

Depois de alcançada a victoria, para a commemorar, os homens bons da cidade, reunidos na casa da camara, resolveram que todos os annos, na semana da Assumpção, se fizessem trez procissões seguidas, uma ao mosteiro da Trindade, outra ao de S. Francisco, e que na ultima «se juntassem todos e fossem calçados a Santa Maria da Graça, do mosteiro de Santo Agostinho, com aquella solemnidade e festa que tinham costume fazer por dia do corpo de Deus, e depois do sermão dizerem sete missas cantadas á honra dos sete gosos da Virgem Maria[2]».

---

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX.
[2] Fernam Lopes — *Chronica d'el-rei D. João I*, parte segunda, cap. L.

Ainda se combinou fazer mais outras procissões: duas em honra, e nos dias, de S. Vicente e dos Martyres de Lisboa; duas na vespera do nascimento de Nossa Senhora e na vespera da Annunciação.

Outrosim ficou estabelecido que por todo aquelle anno, até 14 de agosto do anno seguinte, se continuasse a devoção de cantar a *Salve Rainha*[1].

Em acção de graças pela victoria de Aljubarrota, o condestavel Nun'Alvares foi a pé visitar a ermida de Santa Maria de Ceiça na ribeira de Ourem e, para dar mais um claro testemunho da sua devoção á Virgem Santissima, como explanaremos no decurso da narrativa, fundou, além de uma ermida no sitio da batalha, o convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Lisboa.

D. João I, para cumprir os votos que fizera no dia da batalha, tratou sem demora de erigir o mosteiro, que em honra de Nossa Senhora promettera fundar.

Apenas, por uma razão, que é conhecida, o não fez construir no mesmo terreno em que se ferira o combate. Essa razão mencionam-n'a frei Luiz de Sousa e frei Manuel dos Santos. Diz este ultimo chronista, cuja lição preferimos para aproveitar o ensejo de corrigir um lapso em que incorreu:

«El-rei, porque o sitio, onde foi a batalha, é uma charneca sêcca, e infructifera, escolheu outro mais adeante indo para Leiria; o qual sitio era uma boa quinta encostada á ribeira, que desce de Porto de Mós, e se chamava a quinta do Pinhal; comprou-a el-rei, a Egas Coelho, e a sua mãe Maria de Meira; e ahi mandou fundar o real templo, e mosteiro, a que elle mesmo poz o nome de Nossa Senhora da Victoria; e nós hoje de Nossa Senhora da Batalha; e o deu á sagrada Ordem de S. Domingos; chamou-se o mestre da obra Affonso Domingues, natural de Lisboa na freguezia da Magdalena; merecedor de eterna memoria pela capacissima idéa com que delineou a fabrica; e el-rei de eterno louvor pela actividade, com que lhe applicou o fim; porque sendo a batalha, e feito o voto em agosto de 1385, já estava acabada em abril de 1388[2].»

---

[1] *Mon. Lus.*, tomo VIII, pag. 775.

[2] Frei Manuel dos Santos equivocou-se dando por concluida a obra trez annos depois da batalha. Confundiu a data da carta de doação á ordem de S. Domingos (4 de abril de 1388, era de Christo) com a data da conclusão do templo. E' certo que a obra se fez com grande celeridade; frei Luiz de Sousa diz, na sua linguagem pittoresca: «voava a obra, não só corria». D. Francisco de S. Luiz *(Me-*

Para cumprir outro voto, foi um mez depois da batalha a Guimarães, em romaria á Senhora da Oliveira. Fez o caminho a pé, unicamente acompanhado, diz um chronista, por cem bésteiros, para guarda da sua pessoa.

Mas do testamento de D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, se deprehende que não só o rei foi em romagem á Senhora da Oliveira a Guimarães, senão que tambem todos os cavalleiros que com elle tinham entrado na batalha.

Diz o testamento:

«Deixo as minhas peças de prata, e movel de minha casa, á egreja de Santa Maria de Guimarães, pela muita devoção que tenho, e sempre tive a esta Senhora; pelo muito favor e ajuda que sempre me deu, principalmente na batalha real, onde muitos a vimos com os nossos olhos, e el-rei D. João, e assim prometteu vir a pé á sua casa; e a *ella virmos todos*, e lhe offerecemos muitos dons».

Chegando D. João I a Guimarães, onde foi recebido com uma procissão, prostrou-se por terra ao entrar no templo, e vestindo a armadura de ferro com que andou em Aljubarrota, pezou-se a prata, a qual offereceu ao culto da Virgem no seu respectivo altar.

D. João fez por muitas vezes a romaria da Senhora da Oliveira, a pé, por virtude da devoção especialissima que tinha com a Virgem d'aquella invocação e aquelle templo a Sua honra consagrado [1].

Offereceu el-rei a Nossa Senhora o pellote que trazia vestido sobre a armadura no dia da batalha, e que ainda hoje se conserva no thesouro da collegiada da Oliveira em Guimarães.

---

morias da Academia, tomo X) suppõe, pelo testamento da rainha D. Filippa, que o templo já estava acabado em 1416, tendo começado em 1387 ou quando muito em 1386. Mas, como se vê do testamento de D. João I, ainda ao tempo da morte do real fundador (1433) o mosteiro estava por concluir.

A proposito da doação á ordem de S. Domingos, diz este mesmo testamento (o que tem especial interesse n'este livro) que o dr. João das Regras e frei Lourenço Lampreia pediram ao rei, estando em Melgaço, que doasse o mosteiro á ordem de S. Domingos.

«E nós — explica o rei — duvidamos de o fazer, porque assi foi nosso promettimento de se fazer á honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E respondêrão nos que a dita Ordem especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as razões porque: as quaes vistas por nós, acordamos, e prouve-nos de ordenar o dito Mosteiro que fosse da dita Ordem, etc.»

[1] «Chegados a Almeida el-rei de Portugal e o duque de Lencastre, tratou aquelle de ir cumprir logo a pé a sua romaria a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, que havia promettido, e *tantas vezes tinha feito*, sendo estes sempre n'elle os primeiros effeitos da sua gratidão».

Soares da Sylva, *Memorias de el-rei D. João o I*, tomo terceiro, pag. 1349.

O pellote, especie de casaco sem golla nem mangas, era de brocado de ouro e sêda, mas hoje o tempo consumiu o ouro, que já mal se lhe divisa.

Ainda agora, no dia 14 de agosto, está em exposição, suspenso de uma vara, n'um dos arcos do Padrão de Nossa Senhora da Victoria.

Tambem ainda hoje, n'esse mesmo dia, se faz uma procissão commemorativa, em que se incorporam o cabido e a camara municipal. A procissão sai pela Porta da Villa, actualmente rua da Rainha, e entra pela da Senhora da Guia na collegiada, cantando-se uma missa no padrão, com sermão prégado junto a esse mesmo monumento [1].

É riquissimo e de alto valor archeologico o thesouro da Senhora da Oliveira em Guimarães.

Ali está guardado o oratorio que foi tomado em Aljubarrota a D. João I de Castella. No interior é todo de prata dourada e com obra de esmalte.

«O corpo do armario, que terá de fundo uns dez centimetros, divide-se na largura em duas partes: a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma camara; a superior apresenta a fórma d'uma fachada gothica, puxada á frente do armario, e fazendo abobada á inferior. N'esta acha-se a cama em que está deitada uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus: e aos pés da cama S. José sentado e encostado ao seu bordão» [2].

Na Sé de Braga conserva-se uma imagem de Nossa Senhora, feita de prata, que o santo arcebispo primaz D. Lourenço Vicente, o qual estivera na batalha de Aljubarrota, trazia sobre o elmo em logar de plumagem, por voto que fizera em acção de graças desde que recuperára a audição que tinha perdido [3].

O auctor do *Santuario Mariano* diz que todas as cathedraes foram dedicadas ao mysterio da Assumpção da Senhora, «no anno de 1394, por concessão de Bonifacio XI em memoria da celebre victoria de Aljubarrota, alcançada em 14 de agosto de 1385 na vespera da admiravel Assumpção da Virgem Maria».

Certamente por erro typographico se lê Bonifacio XI, quando devia ler-se Bonifacio IX.

[1] *Guimarães, apontamentos para a sua historia*, vol. II, pag. 262.
[2] Mesma obra e vol., pag. 69.
[3] *Memorias de Braga*, por B. J. Senna Freitas, vol. II, pag. 390.

Não encontrei documento que provasse ser a batalha de Aljubarrota o facto determinativo de haverem sido dedicadas as cathedraes ao mysterio da Assumpção.

D'aquelle papa apenas se me depararam duas bullas relacionadas com a vida e pessoa de D. João I, rei de Portugal; a saber: 1.ª, de fevereiro de 1391, dispensando el-rei dos votos que fizera para poder casar [1]; 2.ª, de 1394, erigindo a egreja de Lisboa em metropolitana, a instancias de D. João I [2].

É certo que na primeira d'estas bullas Bonifacio IX se refere á batalha de Aljubarrota, mas apenas para classifical-a de milagrosa. E não sei que se lhe referisse em outro logar e para diverso fim.

Conheço, porque a encontrei no *Bullarium*, uma bulla de Bonifacio IX instituindo a festividade da Visitação de Nossa Senhora a 2 de julho; mas não descobri qualquer outra que dissesse respeito ao mysterio da Assumpção e ás cathedraes, dedicadas a este mysterio.

Comtudo seria honroso para Portugal que se pudesse provar o facto enunciado por frei Agostinho de Santa Maria.

Alguns auctores de boa nota, entre os quaes João Baptista de Castro [3], confirmam que todas as cathedraes de Portugal são dedicadas a Nossa Senhora, mas não dizem se por espontaneo consenso ou por qualquer determinação official do poder real ou ecclesiastico.

Só no padre Malhão encontrei noticia de que fôra D. João II quem assim o ordenára, mas não se me deparou documento que comprovasse a fixação d'esta epoca [4].

---

[1] *Collecção dos documentos para as Memorias de D. João I*, tomo IV, pag. 58.
[2] *Provas da Historia Genealogica*, tom. I, pag. 364.
[3] *Mappa de Portugal*, 3.ª edição, vol. II, pag. 10.
[4] «D. João II ordenou que a Virgem fosse o orago de todas as sés portuguezas». Sermão de Nossa Senhora dos Martyres, prégado em Lisboa a 13 de maio de 1855.

IV

Até ao fim da idade-media

victoria de Aljubarrota produziu em honra de Nossa Senhora dois dos mais bellos templos de Portugal, posto que a Batalha sobrelevasse o Carmo, hoje em ruinas.

O cardeal Vicente Justinianno classificou a Batalha como outro templo de Salomão; frei Luiz de Sousa achou que excedía todos os famosos da christandade; Alexandre Herculano chamou-lhe um poema de pedra. E nenhum dos trez foi além da verdade.

Do exterior do templo diz aquelle famoso chronista dominicano:

«O portal e frontispicio da *(porta)* principal merecia só um livro pela calidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de lavores e variedade de feitios, desde a primeira pedra, que descobre sobre a terra, até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que vêr de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho e embota a penna para o declararmos, e se attender com todas suas partes. [1]»

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. VI, cap. XVI.

Venha agora um poeta, ainda que frei Luiz de Sousa excedeu na prosa a maior poesia, venha agora um poeta reforçar a rapida impressão que nos deixa no espirito o templo da Batalha:

E eil-o ahi que se levanta
Com magestosa grandeza,
D'aquella gentil proeza,
Sublime recordação;
Eil-o ahi aos ceus erguido,
Como um colosso gigante
Apontando ao caminhante
O sitio da grande acção.

Altos porticos, lavores
D'ostentosa architectura,
Corucheus d'immensa altura
Roçando a fronte nos ceus;
Dentro, a nobre magestade
Do santuario profundo,
Onde, extincta a voz do mundo,
Só lembra o passado, e Deus.

Sobre os gothicos pilares
Brilham tremulos fulgores,
Que das vidraças de cores
Entorna a mystica luz.
Tudo cala, mas, se o orgão
Por entre as naves resôa,
Tudo se anima, e apregôa
O santo Verbo da cruz [1].

O cardeal D. Francisco de S. Luiz, na sua excellente monographia, diz que sejam quaes forem os defeitos architectonicos d'este templo e em geral os da architectura normando-gothica, o que é certo é ser a Batalha «um edificio grandioso e sublime, que eleva a alma do espectador, que exalta a sua imaginação, que o enche de profundo respeito, e que lhe rouba invencivelmente toda a sua admiração [2]».

O mosteiro de Santa Maria da Victoria ou vulgarmente da Batalha, como todos dizemos hoje, continuou a ser protegido pelos immediatos successores de D. João I [3].

---

[1] Soares de Passos, *Poesias*.
[2] *Mem. da Acad.*, tom. X.
[3] Pouco poderia fazer D. Duarte durante o seu curto reinado. Talvez ape-

Quanto ao convento do Carmo em Lisboa, erigido em honra de Nossa Senhora do Vencimento, a sua primeira pedra foi lançada em julho de 1389 (éra de Christo).

Faria e Sousa, frei Agostinho de Santa Maria, Jorge Cardoso, e outros ainda, entendem que na sua edificação cumpriu o condestavel um voto feito, como o d'el-rei, durante a batalha de Aljubarrota.

Tambem alguns suppõem que, se houve voto, não foi em Aljubarrota, mas em Valverde.

Frei Diogo Coria Maldonado conta que Nossa Senhora apparecêra um dia ao condestavel, quando elle estava em oração, e lhe insinuára que contribuisse para o brilho e augmento do Seu culto consagrando-Lhe um convento em Lisboa.

Frei Jorge Cotrim, na impossibilidade de tirar a limpo este pormenor, diz que certamente a verdadeira causa foi a profunda devoção que Nun'Alvares durante toda a sua vida demonstrára pela Virgem Santissima [1].

Com larga mão planeou o condestavel a obra, e a começou. Vistas de fóra, a capella-mór e as collateraes, formando cinco corpos semicirculares, davam a impressão de uma fortaleza solidissima. Assentando sobre escarpas, eram reforçadas com pilares de cantaria em lavores. E na parte superior avultavam avantajadas ameias, pelo que Manoel de Galhegos disse que topetavam com as nuvens:

Jaz no sitio mais alto de Lisboa
Um templo, que a mil templos eminente
Sóbe até que das nuvens se corôa;
Porque o ceu em seus hombros se sustente
Sobe tanto, que n'elle faz escala
O sol, e por seus frizos se regala.

---

nas, além de quaesquer retoques, mandasse lagear os terrados. D. Affonso V mandou fazer o claustro segundo, que tem as suas armas e divisa. Querem alguns que a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, fosse a fundadora das *capellas imperfeitas;* mas com maior segurança pendem outros a crer que fosse el-rei D. Manuel. D. João III deu auxilio pecuniario para se edificar o grande dormitorio do nascente.

Muitos são os reis e principes portuguezes que têm visitado o templo e mosteiro da Batalha. Ali esteve D. Sebastião em agosto de 1569. E ainda ultimamente (outono de 1899) ali foi de visita o principe real D. Luiz Filippe, acompanhado do seu aio.

[1] «No puede... considerar-se este edificio como los anteriores, dedicado exclusivamente á dicha batalha *(Aljubarrota):* mas, teniendo presente la fecha en que él *(o condestavel)* lo determinó, la probable certeza del voto de erigir á la Virgem un templo digno de su culto; y la consideracion de que las honras e mercedes que de ella creyó recibir fueron en esa guerra, cujas acciones princi-

Rodrigues Lobo [1], no seu poema o *Condestabre de Portugal*, tambem dá idéa da grandeza e altura da egreja do Carmo, quando diz:

O condestabre a quem seu pensamento
Sobre as estrellas põe mais firme a planta,
N'outro edificio lança o fundamento
Que á cidade divina se alevanta;
O alto templo acabou do vencimento
A' Virgem dedicado clara e santa,
Cuja capella, de obra estranha e rara,
Trez vezes da ruina alevantara [2].

E porque o seu intento verdadeiro
E o fim do mór cuidado que trazia
Era este templo seu fazer mosteiro
De frades só do nome de Maria,
A Moura manda o pio cavalleiro,
Aonde ua casa só no reino havia,
Da ordem que elle tem determinado,
Chamar religiosos e prelado [3].

Nun'Alvares, ao tempo da sua morte, deixou acabadas seis capellas collateraes, que todas eram dedicadas á Mãe de Deus sob invocações diversas, a saber: Nossa Senhora do Carmo, dos Prazeres, da Boa Morte, da Encarnação, do Pranto e da Conceição.

Mas não é a egreja do Carmo o unico monumento que o santo condestavel nos legou da sua fervorosa devoção a Maria Santissima.

Outros factos a testemunham, e não poucos. Rapidamente os vamos enumerar.

Quando nomeado fronteiro-mór do Alemtejo, mandou fazer uma bandeira em que duas vezes apparecia a imagem de Nossa Senhora.

---

palmente señeladas y gloriosas para él son las de Aljubarrota y Valverde, nó será despropósito darle lugar en nuestra reseña, etc. — Ximenez de Sandoval, *Batalha de Aljubarrota*, pag. 271.

[1] É seguramente o nosso primeiro poeta bucolico, menos feliz, todavia, no genero épico, que tentou em o *Condestabre*. Nasceu em Leiria, talvez no ultimo terço do seculo XVI.

Esta e outras notas biographicas, com que annotamos as transcripções, têm por fim mostrar que todos os maiores escriptores de Portugal renderam homenagem a Nossa Senhora, qualquer que fosse o seculo em que floresceram.

[2] Os alicerces, muito difficeis de segurar no pendor do terreno para o lado do Rocio, desmoronaram-se por varias vezes: trez seriam. Dizia Nun'Alvares que, se fosse preciso, os mandaria fazer de bronze.

[3] Allusão ao convento de carmelitas calçados, o mais antigo d'esta ordem em Portugal, fundado em Moura no reinado de Sancho II.

«Em campo branco fez pintar com primoroso artificio uma cruz vermelha no alto, debaixo da haste vermelha outra de inferior grandeza com a imagem de Christo pendente entre a Senhora e o evangelista S. João: no lado esquerdo em correspondencia outra Senhora com o Menino Jesus nos braços: no fundo respondiam ás pinturas de cima, de uma parte S. Jorge, da outra S. Thiago Maior, armados, ambos de joelhos e as mãos levantadas: nos quatro cantos quatro escudos das armas dos Pereiras. Debaixo d'esta bandeira, em que se deixava vêr esculpida primeiro a religião, que o imperio, fez todas as campanhas [1]».

Depois da batalha dos Atoleiros, foi descalço, em quinta feira maior de 1384, visitar a capella de Nossa Senhora do Assumar, que encontrou profanada pelos castelhanos, os quaes ali haviam alojado seus cavallos.

Elle mesmo tratou de varrer as immundicies, e alimpar a capella, com piedosa humildade.

Quando, para vir reunir-se ao Mestre d'Aviz, fez a audaciosa travessia do Tejo, dirigiu-se á ermida de Nossa Senhora da Escada, a que tinha especial devoção, a dar-Lhe graças e louvores.

A ermida que mandou erigir no campo da batalha de Aljubarrota, como já dissemos mais longe, foi por elle posta sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria e de S. Jorge, e edificada no sitio em que estivera a sua bandeira.

Presume frei Agostinho de Santa Maria que a imagem de Nossa Senhora, ali collocada, no altar-mór, tral-a-ia comsigo o condestavel durante a batalha: «porque é de madeira estofada, com o Menino Jesus nos braços, e tão pequena, que tem pouco mais de dois palmos [2]».

Quando professou, adoptou como divisa monastica o nome de Nossa Senhora.

«O mesmo exemplarissimo D. Nuno Alvares Pereira, em demonstração da total renuncia, que fazia dos bens temporaes, antes de receber o habito, entregou nas mãos do prelado o seu testamento: e logo com edificação dos assistentes, trocou pelo sagrado escapulario Mariano a cota militar, querendo parecer novo homem pelo estado, e pelo appellido, pois no mesmo acto do seu ingresso começou a chamar-se *Nuno de Santa Maria*. Por este sobrenome, em obsequio da

[1] *Vida de D. Nuno Alvares Pereyra*, por fr. Domingos Teixeira.
[2] *Sant. Mar.*, tom. III, liv. III, tit. VII, cap. VII.

Mãe de Deus, deixou com meritoria descrição os decorosos titulos, que antes o engrandeciam, etc. [1]».

Mandou construir na cêrca do convento do Carmo uma ermida em honra de Nossa Senhora da Assumpção e ali, solitario, deante da imagem, que era de fino alabastro, passava largas horas em meditação e orações.

Na hora da morte, abraçado a um crucifixo, testemunhou por a Virgem Santissima a mesma devoção que sempre manifestou em vida.

«Entre estes temores *(os da salvação da sua alma)*, em que vacillava, é constante nos escriptos, que se guardam no archivo do Carmo, lhe apparecêra a Senhora, segurando-lhe com rosto benigno seu patrocinio. Facilitado com tão soberana protecção tão apertado passo, rogou lhe lessem a sagrada Paixão escripta pelo evangelista S. João. Chegando áquellas palavras, em que por legado do mesmo Christo se nos concedeu Mãe a Rainha dos Anjos, rendeu seu espirito a onze de maio de mil quatrocentos e trinta e dous, uma terça feira, segunda oitava do Espirito Santo [2]».

Foi, pois, o condestavel devotissimo de Nossa Senhora, em cuja honra ouvia trez missas cada sabbado.

Alem do convento do Carmo em Lisboa e da ermida de Aljubarrota, fundou o templo de Nossa Senhora da Conceição em Villa Viçosa; reedificou, desde os alicerces, a egreja matriz de Monsaraz, a de Portel e a de Souzel, todas da invocação da Virgem Santissima. Perto de Mourão erigiu uma ermida a Nossa Senhora com o titulo — do Alcance, por memoria do triumpho ali conseguido sobre os castelhanos, quando elles se recolhiam com os roubos praticados no termo de Evora. Junto á ribeira de Alcaraniça, que desde certo logar do seu curso toma o nome de Sorraya, fundou uma capella em honra de Nossa Senhora da Orada.

Rodrigues Lobo, no poema, exalta em oitava rima as memorias da devoção de Nun' Alvares por Nossa Senhora.

O proprio poeta invoca, no principio da epopea, a protecção da Virgem Santissima, cantando-a n'uma vivissima apostrophe, ardente de piedade christã:

---

[1] Frei Joseph Pereira de Sant'Anna. *Chronica dos carmelitas*, tom. I, part. III, § 927.º

[2] Frei Domingos Teixeira, *Vida de D. Nuno*, pag. 726.

Ó vós, Virgem mais pura que as estrellas,
Que pisando-as estaes no claro assento,
E vestida do sol, que é senhor d'ellas,
Dais honra, gloria e luz ao firmamento;
A quem das creaturas, as mais bellas,
Ajudando dos ceus ao movimento
De anjos e cherubins diversos córos,
Cantam hymnos e versos mais sonoros;

Vós, throno do ceu, certa esperança
Dos homens, e dos bens que Eva perdeu
Doce restauro; vós, justa balança
Em que já se igualou a terra e ceu;
Vós, sustentai, Senhora a confiança
De quem em Vosso nome se atreveu.
Fazei que a minha penna o ceu coroe,
E como de tal ave, escreva e vôe.

....
Este é o capitão [1] que só triumphava
Dos armados contrarios que vencia
Quando ante vossas aras pendurava
Os famosos tropheus, que adquiria.
Este o que os altos templos fabricava
Todos ao santo nome de *Maria*.
Do vosso Nuno canto humilde e forte
A valerosa vida, e santa morte.

Vossa é, alta Senhora, a nova empresa,
Meu este bem nascido atrevimento,
Os louvores da gente portuguesa,
Que dos vossos não tira o pensamento,
Onde ha tanto valor, tanta grandesa;
Tenha meu verso algum merecimento
Que, nos vossos mui firme e mui seguro,
Contra os mores perigos me aventuro.

O condestabre recebêra de seu pai o exemplo da devoção á Virgem Santissima, porque D. Alvaro Gonçalves Pereira, gran-prior do Crato, foi o fundador do templo de Flor da Rosa, no Alemtejo, dedicado a Nossa Senhora.

N'essa região fertil transtagana
Fez da Ameeira a força bellicosa,
E novamente a terra lusitana
Edificou a alegre frol de rosa,
Aonde á Virgem pura e soberana
Fez do seu nome a casa milagrosa,

[1] D. Nuno Alvares Pereira, o heroe do poema.

Da ordem lhe annexou mui grossa renda,
Ordenando de novo ũa commenda.

Dissemos que uma das capellas collateraes da egreja do Carmo fôra pelo santo fundador posta sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres.

É certo ter sido a egreja portugueza (Lisboa, Evora e Braga) a primeira da christandade que festejou as alegrias da Virgem Santissima pela resurreição de Seu amado Filho, dando-lhe a invocação de — *Senhora dos Prazeres* [1].

O licenceado Jorge Cardoso [2], querendo investigar a antiguidade d'esta devoção, declara não ter achado data certa, mas noticia que o padre Paulo, da congregação de S. João Evangelista, que viveu no anno 1480, já no seu *Flos Sanctorum* marca esta festa no dia 8 de abril, dizendo: «Em aqueste dia S. Maria dos Prazeres, ou onde quer que se acerta a ser a primeira segunda feira depois das outavas da Paschoa...»

Tambem vem mencionada no calendario da Sé de Lisboa, que o cardeal D. Affonso mandou imprimir (1536), bem como no do cardeal D. Henrique (1566).

Um hymno, em contraste com o *Stabat Mater*, celebra o jubilo ineffavel de Nossa Senhora quando Jesus Christo resuscitado Lhe appareceu primeiro do que ás santas Marias:

Jam læta mater filium.
Gaudens redivivum videt:
Quem videt alto stipite,
Toto cruentum corpore.

Como se viu, porém, a devoção pela Senhora dos Prazeres remonta entre nós ao seculo xiv, podendo aliás a instituição da sua festa ter sido posterior, posto que tambem antiga.

Mas foi no seculo xv que essa devoção, tão portugueza na sua origem, tomou maior desenvolvimento pela apparição de uma imagem na quinta dos condes da Ilha sobre a ribeira de Alcantara, em Lisboa.

«Diz a tradição que a imagem se mostrára a uma innocente menina, mandando-lhe que dissesse aos visinhos e a seus pais, que lhe edificassem uma ermida n'aquelle logar.

---

[1] *Map. de Port.*, 3.ª edição, vol. II, pag. 10
[2] *Agiol. Lus.*, tom. II, pag. 581.

Imp. de Libanio da Silva

A MADONA DE HOLBEIN

(Quadro existente no Museu de Dresde)

A menina cumpriu o mandado, e foi acreditada. Tambem a imagem disse á menina que desejava que Lhe dessem a invocação da Senhora dos Prazeres: e, porque assim fosse, ou porque a imagem apparecesse no dia em que a egreja celebra os prazeres da Virgem, pela resurreição do seu divino Filho, assim se explica o chronista. Lhe deram effectivamente aquella invocação [1]».

Constituiu-se a ermida, para a qual os condes da Ilha deram o terreno.

«A procissão que sái da egreja parochial de Santos, na segunda feira, depois do domingo da Paschoella, para a ermida dos Prazeres, foi instituida pelos moradores da mesma parochia, por voto que fizeram na occasião da peste de 1559 [2]. Como todas as procissões de voto, fazia-se de manhã, agora, porém, sai de tarde.

«No sitio dos Prazeres ha uma especie de arraial [3]».

Este arraial é principalmente motivado pelo facto de ser n'esse dia que o povo vai *buscar as séstas* ao cemiterio dos Prazeres. Quer dizer: é n'esse dia que os operarios começam a ter descanço desde o meio dia até ás duas horas da tarde. As séstas terminam a 8 de setembro.

Como já mais longe dissemos, o nosso povo, umas vezes conscientemente, outras vezes inconscientemente, associa ás festas de Nossa Senhora a fixação de certas epocas da sua vida de trabalho ou de folga, como n'este caso. Tem um calendario seu, como em geral tem «uma sciencia» sua, que se apoia na fé, e um vocabulario proprio, que entra pelos dominios da poesia da linguagem.

Assim, quem regula o bom tempo é Nossa Senhora que, segundo a crença popular, attráe o sol, promettendo-lhe donativos:

> Solsinho, vem, vem,
> Pela porta de Belem,
> Que lá está Nossa Senhora,
> Que te dá um vintem.

É Nossa Senhora que, segundo a tradição do povo, torna propicia a lua nova:

---

[1] *Sum. de var. hist.*, vol. III, pag. 147.

[2] É erro typographico: deve ser 1569. No seculo XVI os annos de peste foram 1506, 1530, 1569 *(a grande)*, 1579 e 1598.

[3] *Sum. de var. hist.*, vol. III, pag. 148.

Lua nova,
Benza-te Deus;
Minha Madrinha,
Mãe de Deus.

Nossa Senhora preside a quasi toda a therapeutica do povo.

Diz uma formula de defumadouros:

A Virgem Nossa Senhora
Pelo Egypto passou:
Co'um raminho de alecrim
Seu divino Filho defumou.

Assim como Nossa Senhora
Defumou seu amado Filho
Para bem cheirar,
Assim eu te defumo
Para o mal te deixar.

Para preservar de febres quando se bebe agua estagnada:

Esta agua encharcada,
Valha-me a Virgem sagrada.

Para cortar «a toupa», diz o povo bezendo o furunculo nove vezes:

Bicho, bichinho matei,
Do que segredo guardei:
Em louvor da Virgem Maria,
Padre Nosso e Ave Maria.

Na botanica maravilhosa do povo, por exemplo, a «*herva de Nossa Senhora*», apanhada no dia de S. João, conserva-se sempre verde como signal de ser feliz a pessoa por cuja sorte foi colhida[1], e livra, em qualquer circumstancia, da perseguição de tentações malignas:

Herva de Nossa Senhora,
Aqui te venho colhêr,
P'ra me livrares do demonio,
Que me não torne a appar'cer.

A aquilegia vulgar, que é indigena do continente portu-

[1] Theophilo Braga, *O Povo Portuguez*, vol. I, pag. 174.

guez, conhece-a o nosso povo pela designação de «herva pombinha» ou «*luvas de Nossa Senhora* [1]».

Mas tornemos a fallar de el-rei D. João I, em cuja vida e feitos se encontram muitas coincidencias com a vespera da Assumpção de Nossa Senhora, além da batalha de Aljubarrota.

Foi tambem a 14 de agosto (1415) que a expedição por elle organisada, e em que tomou parte, avistou a cidade de Ceuta.

N. S.ª da Assumpção

Bom prenuncio de victoria, que não falhou.

Foi, finalmente, a 14 de agosto de 1433 que o grande rei expirou, não sem ter significado mais uma vez a sua sincera devoção pela Virgem Santissima.

Referindo-se á ermida de Nossa Senhora da Escada, em Lisboa, diz frei Luiz de Sousa:

«El-rei Dom João o Primeiro a mandou em sua vida renovar com curiosidade. E depois, no cabo d'ella, estando enfermo em Alcochête da doença de que falleceu, e sentindo-se acabar, mandou-se trazer a Lisboa, e antes de entrar em sua casa veio a esta a despedir-se, e tomar a benção da Senhora d'ella, e encommendar-lhe sua alma, e seus reinos. D'aqui se foi para os paços do Castello, onde se finou brevemente [2]».

E já agora, para ultimarmos o que ha a dizer da festa da Assumpção, acrescentaremos que é uma das quatro grandes festas do anno — as maiores e mais solemnes de todas.

Essas quatro festas são: Natal, Paschoa, Pentecostes, e Assumpção.

As constituições dos nossos bispados ordenam muito expressamente aos dignitarios da egreja que celebrem missa

[1] *Hist. das plantas medicinaes portuguezas* por Manuel dos Santos Costa, pag. 73.

[2] *Hist. de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX

no dia da Assumpção e aos beneficiados e mais clerigos de ordens menores que communguem nas referidas quatro festas [1]».

Sousa de Macedo, na *Era e Ave*, refere que o papa portuguez S. Damaso, natural de Guimarães, mandou que de preceito se celebrasse tão grande festa no decimo quinto dia de agosto, em que a Senhora passou d'esta vida para a gloria eterna do ceu [2]».

As quatro festas do anno eram outr'ora guardadas com o maximo respeito em Portugal.

Além das orações nos templos, a que todas as pessoas concorriam com os seus melhores fatos (e d'aqui veiu o dizer-se que os melhores fatos apenas saíam do guarda-roupa pelas *quatro festas* do anno) eram esses dias solemnissimos commemorados em cada lar com muitas demonstrações de alegria, sendo os escolhidos de preferencia para effectuar-se a reconciliação de parentes mal avindos.

Essa etiqueta pomposa com que todas as familias procuravam corresponder á solemnidade das quatro festas do anno, tem, infelizmente, declinado muito no espirito dos maiores centros de população.

Mas o que não decaiu ainda, nem decairá jámais, porque será eterno como o mundo, é o culto de Nossa Senhora, e por isso a festa da Assumpção é ainda, e será sempre, celebrada em muitas partes do nosso paiz com exuberantes demonstrações de fé e jubilo popular.

No Porto, onde fui nascido e creado, realisa-se, além da festividade na Sé e na egreja redonda [3] da serra do Pilar, uma linda funcção religiosa no elegante templo dos Clerigos, construcção do seculo passado, e celebre principalmente pela sua torre.

A padroeira do templo é Nossa Senhora da Assumpção, cuja imagem se levanta, subindo ao ceu, no alto da tribuna, toda de marmore, da capella-mór.

A torre dos Clerigos hombrea em altura com as de Bristol, Utreck, Hamburgo, Riga e Bolonha [4], e em Portugal é a maior do reino. Muito esbelta e solida sobrepuja todos os

[1] *Constituições do bispado do Porto.* Anno de 1735. Pag. 52.

[2] Cap. LXXII

[3] Era dos conegos regulares de Santo Agostinho. Já a ella nos referimos, quando em uma nota fallámos da Senhora do Pilar. Este templo tem a fórma de circulo: imitação da egreja *redonda* de Santa Maria em Roma.

[4] Padre Agostinho Rebello da Costa. *Descr. topog. e hist. da cidade do Porto*, pag. 96.

outros edificios da cidade e avista-se do mar á distancia de dez leguas, servindo de balisa aos navios que demandam a barra do Porto.

Conhecendo desde a primeira infancia a torre dos Clerigos, só agora relaciono no meu espirito as arrojadas proporções d'este famoso obelisco com as inexcediveis virtudes de Nossa Senhora e principalmente com o mysterio da Assumpção.

Certamente — não póde deixar de ter sido assim — houve o pensamento de, n'um templo dedicado a Nossa Senhora da Assumpção, erigir um monumento que se aproximasse do ceu quanto possivel, mais que todos os outros da cidade e do reino, visivel do mar, significando pela sua eminencia que a Mãe de Deus está mais alta que todas as virgens e que todas as santas, porque foi a mulher santissima, a virgem das virgens, *Regina virginum*, ella propria uma torre de pureza e candura, *Turris eburnea*, ella mesma a gloria culminante da casa de David, *Turris Davidica*, realisando em sua pessoa immaculada aquelle vaticinio de Isaias: «Sairá uma vara da raiz de Jessé, e sairá uma flor da sua raiz [1]».

De mais a mais o templo é votado a Nossa Senhora no mysterio da Assumpção, isto é, da Sua entrada triumphal no ceu, no momento em que attinge a maior altura que medea entre Deus e os homens.

A torre dos Clerigos, pelas suas colossaes proporções, dá a impressão de se arrojar para o empyreo, apontando a mansão celeste onde a Virgem Santissima permanece em gloria eterna.

Explica-se assim a sua construcção, que á primeira vista pode parecer apenas caprichosa.

Quem a lançou no papel, para ser reproduzida em pedra, foi certamente um poeta, uma alma de artista commovida de devoção, e inspirada pela fé.

Tem esta torre muitos campanarios, completando ao todo doze sinos, um dos quaes, chamado *o grande*, sómente se faz ouvir nas occasiões solemnes.

Todos os sinos repicam annunciando á cidade a festa da Assumpção, e desde a ante-vespera da solemnidade, durante

[1] Na egreja que no Porto pertenceu aos frades franciscanos ha um altar que representa a *arvore de Jessé*, de que Nossa Senhora foi gloriosissima vergontea, porque S. Joaquim era da raça de David.

trez noites consecutivas, a torre é illuminada no varandim sotoposto ao ultimo campanario.

Nitida e saudosamente me lembro agora da anciedade com que, na minha infancia, eu esperava o dia em que as luminarias deviam apparecer no alto da torre, annunciando a festa da Assumpção, a que a minha velha criada Joanna me levava sempre.

Que alegria derramava na minha alma o repique alegre dos sinos, que parecia rolar sobre toda a cidade como um hymno cantado pelo bronze em honra de Nossa Senhora!

Deixo aqui mencionado n'este livro, que ha de viver longamente sob as azas purissimas da Rainha dos Anjos, o nome da velha mentora da minha infancia, não só porque ella foi uma serva devotissima da Virgem Maria, mas tambem porque dedicadamente me encaminhou ao doce estadio da religião christã, onde tantas vezes, cansado da jornada do mundo, tenho repousado das amarguras da vida.

Se ella nunca tivesse existido não faria eu agora este livro, o unico de que me não arrependerei jámais.

Na egreja dos Clerigos ha lausperenne perpetuo em cada sabbado por ser o dia consagrado a Nossa Senhora [1].

E parallela á egreja, do lado do nascente, corre uma rua que tem o nome de Assumpção.

Seria trabalho quasi impossivel de realisar o fazer menção de todas as ruas que nas principaes cidades e villas de Portugal se condecoram com diversas invocações de Nossa Senhora [2].

São muitas as festas e romarias que se realisam no dia da Assumpção em todo o reino [3].

[1] Tambem na egreja de Nossa Senhora da Esperança, a S. Lazaro, ha lausperenne aos sabbados, por legado de Antonio José Soares, que para esse fim deixou 20:000$000 réis.

[2] Exemplificaremos, quanto a Lisboa, com alguns nomes que nos forem lembrando entre muitos: Ajuda, Amparo, Anjos, Arrabida, Assumpção, Belem, Boa-Hora, Bom-Successo, Carmo, Conceição, Desterro, Encarnação, Esperança, Estrella, Gloria, Graça, Guia, Lapa, Loreto, Madre de Deus, Martyres, Mercês, Monte, Navegantes, Nazareth, Necessidades, Paz, Pena, Penha, Remedios, Soccorro, Victoria, etc.

[3] *Sul:* na Amora, á Senhora da Conceição; na Arruda dos Vinhos, á Senhora da Salvação: no Barreiro, á Virgem d'Assumpção: no Paço do Lumiar, idem; em Collares, idem; em Coruche, á Senhora do Castello; em Calhariz de Bemfica, á Senhora da Saude, etc.

Norte: na Figueira da Foz, á Senhora da Assumpção; na Povoa de Lanhoso e em Villa Nova de Gaya, á Senhora do Pilar; em Villa Nova da Cerveira, á Senhora da Encarnação, a que costuma concorrer muita gente de Hespanha; á Senhora da Peneda, em Castro Laboreiro, romaria que dura até fins do mez; á Senhora dos Milagres, proximo de Monsão; á Senhora da Saude, no logar dos Carvalhos, concelho de Gaya; á Senhora d'Assumpção, na Regoa, etc.

Fallarei principalmente de duas, referindo-me apenas ligeiramente a algumas outras.

Especialisando aquellas, darei em primeiro logar noticia da que se effectua na Povoa de Varzim a expensas da real irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, instituida por pescadores e estabelecida na egreja da Lapa, privativa da classe [1].

Faz-se uma notavel procissão, composta de cinco andores.

As imagens, uma das quaes se estreiou em 1893, que a vi eu, podem, sem favor algum, considerar-se primorosas: S. Pedro, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora da Annunciação, Nossa Senhora da Assumpção, e Nossa Senhora da Boa Viagem. Esta ultima era a nova; acabava de ser esculpturada por um artista de muito merito, o sr. João d'Affonseca Lapa, de Villa Nova de Gaya, que já produzira tambem a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, estreada no anno anterior.

A egreja da Lapa fica ao sul da villa, á beira do mar, para o qual olha um nicho onde está encerrada a imagem da padroeira.

Os pescadores têm uma profunda devoção com Nossa

[1] Esta irmandade foi approvada por alvará de 21 de fevereiro de 1791 e logo posta sob a protecção da rainha D. Maria I. Desde então todos os monarchas de Portugal lhe têm dispensado protecção identica.

Alem do soberano reinante, o numero de irmãos protectores é sempre muito restricto. Em 1892 era-o tambem o conde de Móser, e n'esse mesmo anno foi nomeado o auctor d'este livro, do que muito se honra. O respectivo diploma, que mais considero do que qualquer outro, diz o seguinte: «A Mesa administrativa d'esta benefica e piedosa Irmandade, tendo em muita consideração as altas virtudes e os importantes serviços prestados em especial a esta Irmandade, e em geral á classe piscatoria d'esta Villa, pelo ... Sr. Alberto Pimentel e querendo dar-lhe um testemunho do seu reconhecimento, deliberou nomeal-o seu Irmão Protector, devendo gosar de todas as graças e regalias que pelo seu Estatuto são concedidas a todos os irmãos. E para constar se passou o presente diploma que vai assignado na Villa da Povoa de Varzim, aos 3 de novembro de 1892—O Juiz da Real Irmandade, José da Costa Marques — O Escrivão, João Francisco Moça — O Thesoureiro e depositario geral, Antonio Filippe de Carvalho».

Senhora da Lapa, que ali está abençoando o oceano, e vigiando pela sorte da pobre e boa gente maritima.

A pequena distancia do templo fica o pharol grande, de luz branca: mas a imagem de Nossa Senhora da Lapa é, para os homens do mar, um pharol não menos luminoso e valedor.

A nota mais brilhante da festa da Assumpção é a procissão, que sái de tarde, e que, em verdade, apresenta um notavel luzimento.

A imagem de S. Pedro, patrono dos homens do mar, vae á frente da procissão. Nas suas feições rudes, de pescador, accentua-se uma feliz expressão de bondade patriarchal, que as barbas brancas tornam mais solemne e veneranda.

Longas filas de homens do mar compõem a procissão, acompanhando os andores, que são intervallados por numerosos grupos de anjos representando assumptos biblicos, personagens do antigo Testamento, taes como Débora, Judith, Esther e outros.

A imagem de Nossa Senhora da Assumpção é de uma grande belleza e solemnidade: levantada sobre nuvens brancas, ascendendo para o céu, parece abençoar ainda a terra com os braços abertos.

Durante o transito da procissão, todas as imagens são muitas vezes voltadas para o mar, com a intenção de chamar o Seu valimento para a heroica e devota classe piscatoria.

A cada paragem, uma antiphona é entoada pelos sacerdotes que, sempre em grande numero, precedem cada andor.

Quando a procissão sái do Passeio Alegre para atravessar o areial, passa por entre duas linhas de barcos, que estão empavesados, sobre a areia, e povoados pelas respectivas tripulações.

De bordo dos barcos são arremessados para o ar innumeros foguetes, que se cruzam, como n'um fogo de guerra. Este tiroteio festivo dura emquanto a procissão vae passando.

Antigamente era costume dos pescadores adornarem os seus barcos com grande porção de lenços de côr, á laia de bandeiras, e d'aqui veiu dizer-se «procissão dos lenços». Este costume tem declinado um pouco nos ultimos annos: bem como diminuiu tambem a quantidade dos foguetes, que chegou a ser prodigiosa.

Attribue-se isto ao augmento dos encargos publicos, que tem cerceado os rendimentos da classe piscatoria, e das outras classes.

Mas a devoção dos homens do mar é tão sincera e afervorada, que estou capacitado de que a festa na rua readquirirá o seu antigo esplendor logo que a classe piscatoria se veja mais desafogada nas transacções da sua industria, logo que o estado economico do paiz se torne, para todos, mais suave.

Os anjos que acompanham a procissão, pertencem a familias de pescadores, porque a festa da Assumpção é, como já disse, uma festa de classe, a grande festa que celebram em terra os homens do mar.

Escusado seria dizer que nenhuma companha trabalha n'esse dia. É um dia solemne, consagrado á Virgem, de folga, de alegria para todas as companhas. As *pescadeiras* exhibem os seus melhores trajos, o seu melhor oiro, e acodem a postar-se nas ruas do transito para vêr passar a procissão uma e muitas vezes.

A devoção á Senhora da Abbadia teve principio na vida eremitica de Pelagio Amado e frei Lourenço, a que já nos referimos, os quaes no seu retiro, em terras de Bouro, encontraram uma imagem de Nossa Senhora, talvez escondida ao tempo da invasão dos sarracenos pelos moradores do antigo convento, que de Bouro tinha o nome.

Logo os dois cenobitas Lhe edificaram por suas proprias mãos uma rude ermida, mas um prelado bracharense, qualquer que fosse, visitando aquelle logar de eleição, mandou edificar á sua custa uma egreja de pedra lavrada.

Após os primeiros eremitas acudiram outros, e muitos, de modo que já pareciam collegiada.

É tradição que Affonso Henriques, passando em Braga, fôra em romagem a Santa Maria de Bouro.

Conta-se mais que o rei aconselhára os eremitas a constituirem congregação e que elle proprio, por lhe ser requerido, escolhêra a ordem de Cistér e mandára buscar frades a Alcobaça. Logo lhes concedeu mercês e isenções, como era seu piedoso costume.

Os religiosos, abandonando o primeiro convento, que seria modesto, edificaram outro de maiores dimensões em logar menos agreste e mais proximo ao rio Cávado.

D'aqui veiu chamar-se «da Abbadia» á imagem da Senhora encontrada em Bouro, se é que a invocação não pro-

veiu logo do primitivo nucleo de eremitas, porque era costume dar o tratamento de abbade ao maioral de qualquer communidade de monges ou solitarios [1].

Assim, fabricado o novo convento com sua respectiva egreja, em cuja frontaria se vê uma colossal estatua de Affonso Henriques recordando a apparição de Ourique, succedeu que o primitivo santuario da Senhora da Abbadia veiu a ficar distanciado do convento obra de sete kilometros.

Este santuario, tão celebre Entre-Douro-e-Minho, compõe-se do templo, de bom aspecto, com duas torres [2], e de 11 capellas, 8 das quaes representam episodios da vida de Nossa Senhora e da infancia de Christo, a saber: Nascimento da Virgem — Apresentação no templo — Os desposorios com S. José — Annunciação do Anjo S. Gabriel — Visitação a Santa Izabel — Nascimento de Jesus — Adoração dos Magos — Fugida para o Egypto.

A romaria, que é concorridissima, faz-se a 15 de agosto, e dura nove dias.

MATER DOLOROSA

O santuario está hoje muito augmentado com hospedaria para romeiros, e outras officinas e dependencias.

Na fachada do templo, sobre a porta principal, ha um oratorio contendo a imagem da Senhora da Abbadia; é ahi que no dia da Assumpção um sacerdote celebra missa para ser visto de todos os romeiros [3].

Vem a ponto dizer que no tempo de D. João I os frades de Bouro intervieram em prol da independencia do reino, armando o abbade 600 vassallos seus, com que bateu os castelhanos na Portella do Homem, pelo que o condestavel Nun'Alvares fez com que d'ali por deante todos os abbades d'aquelle

[1] *Memorias de Braga*, tom. II, pag. 398.

[2] Vem reproduzido no 1.º vol. do *Minho Pittoresco*, a pag. 440.

[3] O mesmo acontece n'outro sanctuario famoso, o da Senhora das Necessidades, a duas leguas da Povoa de Varzim, cuja romaria se verifica no dia 8 de setembro.

convento tivessem o titulo de capitães-mores e fronteiros-mores e pudessem appellidar gente de guerra, uzar apenas a cogula e trazer pagem d'armas.

Como insensivelmente tornamos a cair na epocha de D. João I, diremos que, depois da conquista de Ceuta, realisára este monarcha uma das suas muitas romarias a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, para lhe render graças e louvores.

Ainda hoje, n'aquella vetusta cidade, existe um padrão — que se chama de D. João I — commemorativo da romaria depois do regresso de Ceuta. Está erigido quasi em frente da capella de S. Lazaro [1] e desde 1863 mais recuado do seu primitivo logar, para maior saída e alinhamento da rua.

Tanto D. João I como toda a sua familia foram devotissimos da Virgem Santissima.

D'elle se sabe pelo *Leal Conselheiro* que composera um livro de *Horas de Santa Maria*, o qual se perdeu. Diz textualmente el-rei seu filho e successor:

«E semelhante o muy excellente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deus aja, fez hun livro das *Horas de Santa Maria* e salmos certos para os finados, e outro de *Montaria* [2]. . .»

De el-rei D. Duarte faremos mais demorada menção no decurso d'este capitulo.

O infante D. Pedro, chamado o das «sete partidas», deixou assignalada a sua devoção por Nossa Senhora não só na egreja matriz de Tentugal, [3] mas tambem em alguns versos por elle compostos, que chegaram até nós:

> Alcançôo ser madre del su padre santo,
> nuestra gloriosa e santa senhora;
> porque obedeció, nos libró despanto,
> seyendo de todos la reparadora [4].

Do infante D. Henrique quando iniciou os descobrimentos maritimos, diz frei Agostinho de Santa Maria: «N'esta sua empreza escolheu por sua principal estrella a Maria Santissima, e aos Santos Reis Magos, rogando-lhes que

---

[1] No extremo da rua de D. João I.

[2] *Leal Conselheiro*, cap. XXVII, pag. 169.

[3] Cujo orago é *Nossa Senhora d'Assumpção*, vulgarmente de *Mourão*.

[4] Excerpto das trovas, que sobre o menospreço das cousas do mundo compoz o famoso infante D. Pedro, filho do rei D. João I de Portugal. Foram publicadas no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende.

mostrassem outras novas estrellas, novos homens e novos mundos». [1]

Azurara escreveu por sua vez:

«E porque era muy devoto da virgem Marya, mandou fazer aa sua honra hua muy devota casa de oraçom, hua legua de Lisboa, acerca do mar, onde se chama Restello, cuja envocaçom se diz Sĉta Marya de Belleem [2]».

No mesmo sentido, explicando a intenção do infante, escreve Damião de Goes: «...dixe o mais compendiosamente que pude os trabalhos, que o Infante dom Henrique tomou, e despesas que fez com as naos, que mandaua a descobrir pela costa Dafrica, o qual como catholico Christão em todollos portos, donde ordinariamente estas naos partiram, edificou casas doraçom, em que tinha capellaens pera administrarem os Sacramentos da Egreja áquelles que andauam nestas viagens. Entre estas casas huma era da aduocaçom de Bethlem no surgidouro de Rastello, huma legoa de Lisboa, na qual por ser lugar donde mais naos partiam a fazer estas viajens, e tornauão, tinha certos Freires sacerdotes da ordem de caualleria de Christus, de que elle era governador e administrador. Desta casa tinha feito doaçam á mesma ordem, com algumas heranças de pumares, fontes, e terras que comprara pera se manterem os Freires, com encargo de todollos sabbados dizerem huma missa por sua alma, o que sempre se fez, etc. [3]».

Na carta de doação da ermida de Belem aos freires da ordem de Christo (1460) diz o proprio infante: «...por onde, por serviço de Deus e de seu Santo Nome e em louvor e reverencia da Gloriosa Virgem Maria, minha Senhora, madre de meu Senhor Deus, mandei ali fazer uma egreja; pondo-lhe o nome de Santa Maria de Betlem, etc».

Diz-se que o infante mandára vir de Sagres tudo quanto guarnecia a sua egreja de Belem, o que faz suppôr que tambem viesse do Algarve a imagem de Nossa Senhora, talhada em pedra, que ali foi collocada e venerada.

Esta mesma imagem, que representa a Mãe de Deus sentada com as mãos postas, e o menino deitado nú sobre os joelhos; esta mesma imagem, á qual dirigiram suas orações e votos os nossos primeiros navegantes e em cuja pre-

[1] *Sant. Mar.*, tom. I, cap. XV.
[2] *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné*, cap. V.
[3] *Chr. d'el-rei dom Emanuel*, 1.ª part., cap. LIII.

sença Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral ouviram misssa antes de embarcar para suas ouzadas navegações; esta mesma imagem, tão antiga e memoravel, existe ainda na egreja da Conceição Velha, para onde veio trasladada do Restello, rio acima, solemnemente, n'uma galeota, acompanhada por muitas embarcações e povo.

Parece que para relembrar grandes feitos heroicos, de que foi contemporanea e protectora, quizera ser salva das ruinas e do incendio, d'aquella egreja, por occasião do terremoto de 1755 [1].

O povo dá-lhe hoje a invocação de *Senhora do Parto*, por ter o menino nú sobre os joelhos, e de *Nossa Senhora da Cadeira*, por estar sentada [2].

Quando el-rei D. Manuel, como opportunamente diremos, deu principio ao templo monumental de Belem, destinando-o aos religiosos de S. Jeronymo, doou aos freires por troca dos terrenos, que lhes pertenciam em Restello, a *Judearia Grande*, que fôra esnoga ou synagoga dos judeus, na rua da Prataria ou dos Prateiros, em Lisboa, junto á Sé.

Purificado o terreno, mandou D. Manuel fazer um novo templo, consagrado a Nossa Senhora da Conceição, o de mais vastas dimensões que sob esta invocação até então tinha havido em Lisboa.

Este templo, arruinado pelo grande terremoto do seculo 18.º, foi demolido e reconstruido por ordem do marquez de Pombal, com os restos da egreja da Misericordia, situada em outro local, como veremos no capitulo seguinte.

É a actual egreja da *Conceição Velha*, assim chamada desde que se construiu a *Nova*.

A capella fundada pelo infante D. Henrique em Restello rodeava-se de pomares e hortas com agua, da qual se podiam servir os navegantes para abastecer seus navios, sem mais encargo que o de rezarem um Pater Noster e uma *Ave Maria* por alma do fundador.

Os freires deviam dizer «uma missa de Santa Maria» em cada sabbado.

Damião de Goes informa que os alicerces do mosteiro dos Jeronymos em Belem foram abertos em redor da capella do Restello, mas parece que esta capella ainda subsis-

[1] Indicações extraídas do interessante opusculo *Nossa Senhora do Restello, os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha*, publicado em 1897 (Lisboa).

[2] Tendo ficado intacta a imagem de Nossa Senhora do Restello, el rei D. José mandou-a trasladar para a egreja logo que foi reedificada.

tiu durante alguns annos depois da fundação do mosteiro, porque ali estiveram os restos mortaes de D. Manuel até que D. João III os mandou trasladar para o novo templo [1].

As gloriosas navegações dos portuguezes tiveram, pois, inicio sob a protecção de Maria Santissima na ermidinha do Restello, fundada pelo infante D. Henrique.

Era ali que os primeiros exploradores do *Mar Tenebroso* iam buscar as bençãos e graças de que tanto precisavam para affrontar perigos temerosos, em mares aparcellados e desconhecidos, em cuja incerta rota só a confiança na Mãe de Deus lhes poderia servir de fanal.

Nada admira que essa empresa colossal, que nos tornou conhecidos e respeitados em todo o mundo, não fosse tentada sem a invocação da Mãe Santissima, *Estrella do Mar.*

Vasco da Gama fez vigilia na ermida do Restello antes de partir para a India. Elle e os que o acompanharam quizeram offerecer a Nossa Senhora a sua empresa: passaram ali a noite de 7 de julho de 1497, fazendo orações e votos. O dia escolhido para a partida da frota foi um sabbado — dia consagrado á Mãe de Deus.

> Partimo-nos assi do santo templo,
> Que nas praias do mar está assentado,
> Que o nome tem da terra, para exemplo,
> D'onde Deus foi em carne ao mundo dado. [2]

Pedro Alvares Cabral tambem na ermida do Restello ouviu missa a 8 de março de 1500, antes de partir para a viagem de que resultou o descobrimento do Brazil. Ali lhe entregou el-rei D. Manuel a bandeira, que o bispo de Ceuta benzêra, e o barrete que o papa lhe havia mandado.

[1] «A tradição diz que a ermida estava collocada ao nascente do monumento, pouco mais ou menos no logar aonde hoje existe um chafariz a distancia de uns cem metros». Opusculo já citado.

[2] *Os Lusiadas*, cant. IV, est. LXXXVII.

N'aquelle tempo de fé pura qualquer acto, ainda quando de menor alcance, não era realisado sem primeiro ter sido invocado o auxilio de Nossa Senhora no proprio logar em que Ella recebia culto.

Assim, quando depois da morte de el-rei D. Duarte o infante D. João veio a Lisboa para conferenciar com o infante D. Pedro, que pretendia então a regencia do reino, avistaram-se na capellinha de Nossa Senhora do Rosario, em cujo sitio depois foi edificado o mosteiro de Santos, das religiosas de S. Thiago [1].

Quando, por esse mesmo tempo, o povo de Lisboa resolve que o infante D. Pedro seja nomeado regente, o accôrdo feito entre todos os fidalgos e cidadãos principia por estas palavras: «Em nome de Deus nosso Senhor e Redemptor Jesu Christo, e de sua Santissima mãe a Virgem Maria nossa Senhora, accordamos em uma voz, etc. [2]».

Do infante santo D. Fernando, cuja vida foi um captiveiro incomportavel, se sabe que, em devoção a Nossa Senhora, jejuava todas as suas vigilias, e todos os sabbados.

Antes de embarcar para a desastrosa jornada de Tanger, d'onde não mais voltou, foi commungar á ermida de Nossa Senhora da Escada por mão de frei Gil Mendes, seu confessor.

Era esse um dia já celebre na estrea da segunda dynastia: 14 de agosto, vespera da Assumpção da Senhora e anniversario da victoria de Aljubarrota. Seria escolhido propositadamente tal dia, no qual a frota largou de Lisboa e foi pousar em Restello. Fundeadas as naus, o infante voltou a terra, para solemnisar na côrte o dia seguinte, consagrado á Santissima Virgem.

Quando no captiveiro a morte se aproximava, o infante D. Fernando colhia na sua devoção á Mãe de Deus a resignação e coragem de que ainda carecia para soffrer as ultimas dôres da vida.

«A quarta feira seguinte, diz o seu biographo [3], poderia ser uma hora ante manhã, o confessor accordou, e levantou-se em pé por vêr se dormia o infante, que elle, e o phy-

[1] *O infante de D. Pedro*, chronica inédita por Gaspar Dias Landim, vol I, cap. XV.

[2] Mesma obra, e vol, cap. XVIII.

[3] *Chronica dos feitos, vida e morte do infante santo D. Fernando, que morreu em Fez*, por João Alvares, seu secretario. Revista e reformada agora de novo pelo Pedre Frei Jeronymo de Ramos — Lisboa, 1730.

sico continuamente de dia e de noite o vigiavam, e tinham o mór cuidado, que podiam, ácerca de sua doença. E quando o confessor poz os olhos no rosto do infante, víu d'elle sair mui grande claridade, o gesto alegre e muito risonho, e os olhos abertos e cheios de lagrimas, e as mãos ao ceu alçadas.

«E como assim o viu, muito maravilhado começou de o chamar por trez vezes, perguntando-lhe se dormia; e o infante a ultima vez lhe respondeu que bem ouvia.

«Não curou mais o confessor de lhe perguntar, nem fallar, cá entendia que lhe não prazia, e tornou-se a lançar, e esteve assim esperto até que foi manhã, que os porteiros vieram abrir a porta.

«E logo o infante chamou o confessor (e disse ao physico, que lhe deixasse a casa por um pouco) dizendo ao confessor n'esta maneira: «Vós me perguntastes esta manhã pelo que fazia, e eu não vos respondi, porque não quiz que outrem nos ouvisse. Agora vós me promettereis que assim como em confissão recebais quanto vos ora disser, e que o não digaes a alguma outra pessoa aqui n'este captiveiro, salvo depois que fordes em Portugal, ou que virdes que sobre este corpo alguma cousa se encaminha ou que sintaes que é louvor de Deus e da Virgem Maria. E então começou de dizer: «Duas horas seriam antes da manhã que eu jazendo e imaginando nas angustias d'este mundo, e na gloria dos bemaventurados, me começou de vir ao coração uma grande soidade e desejo de me ir d'este mundo; e n'isto firmei os olhos n'aquella parede, e vi em direito de mim uma senhora assentada em um alto estrado junto de muitas gentes fermosas; e logo conheci, e me pareceu, que aquella seria a Virgem Maria Madre de Deus, e dos peccadores defensora e advogada; e ante ella se poz em giolhos um dos d'aquella companhia, dizendo-lhe: «Peço-te, Senhora, que te queiras condoer d'este teu servo, e que tanto n'este mundo te honrou e serviu, sempre. Vê, Senhora, quanto já tem padecido, e roga a teu Filho que determine suas paixões, que tantas são: offereço-te eu, Senhora, por elle meus rogos, porque é meu devoto. Praza-te de o pores e collocares entre nós outros». Quando lhe eu isto ouvi, attentei por elle e vi-lhe ter um pendão com a Cruz na mão, e na outra uma balança, signaes com que os christãos costumamos pintar o archanjo S. Miguel, e entendi ser elle aquelle, que Deus por aquelles signaes m'o quiz dar a co-

nhecer, e por tal o conheci. E logo traz elle outro se poz em giolhos, que trazia em uma mão um calix, e na outra um livro aberto, em que eu li o principio do Evangelho de S. João, que diz: *In principio erat Verbum;* pelo que logo o conheci sem duvida alguma. Este lhe disse: «Madre e Senhora, havei piedade d'este vosso servo e meu devoto, não o deixeis mais padecer, que tempo é que entre ao convite da gloria com os nossos irmãos.» A' supplicação d'estes dous, que eu sómente conheci e ouvi, a Senhora Virgem Maria com vulto mui gracioso, olhando para mim, disse que em este dia seria trazido e posto entre elles. E dito isto me desappareceu; e n'aquillo me começastes vós de fallar; da qual visão eu fui muito consolado; e verdadeiramente eu me hei hoje de partir d'este mundo».

N. S. DAS MERCES

Effectivamente falleceu n'esse dia sobre a noite, acabando piedosamente seus grandes tormentos.

No *Leal Conselheiro*, el-rei D. Duarte consagra um capitulo á «concepçom de Nossa Senhora Sancta Maria».

Sobre este mysterio largamente disputaram os theologos durante muitos seculos, até que a Bulla *Ineffabilis Deus*, de Pio IX, decretada em 8 de dezembro de 1854, o definiu como dogma da Egreja.

«Sobre a duvyda que se tem — diz D. Duarte — da concepçom de Nossa Senhora Sancta Maria, se foy sem pecado original, eu tenho que sy, por estas quatro razoões».

Para que possamos entender a argumentação do illustrado monarcha portuguez, convem observar desde já que a crença na immaculada conceição foi reavigorada por uma serie de revelações, em paizes diversos.

O auctor do *Santuario Mariano* enumera-os dizendo: «A primeira foi pelos annos de 900 feita a um irmão de el-rei de Hungria, devotissimo de Nossa Senhora; o qual depois se fez monge e veio a ser bispo, e patriarcha de Aquileya. A segunda pelos annos de 1066 feita a Elvino, abbade do convento Becense, em Inglaterra. A terceira em França a um sacerdote conego, e depois penitentissimo anachoreta.

Todos estes trez devotos de Maria Santissima tiveram com a revelação, preceito de celebrar a festa da Conceição da Senhora em oito de dezembro, e de a publicarem, e prégarem ao povo, exhortando a todos os fieis á mesma devoção. Fielmente o cumpriram todos, com que se começou a introduzir esta festa logo, em Inglaterra, França e Hungria[1]».

Santo Anselmo (1033-1109), arcebispo de Cantorbery em Inglaterra, acudiu eloquentemente em defesa d'aquellas revelações, cuja verdade sustentou.

Por isso, o bispo de Coimbra D. Raymundo, quando, como vimos, estabeleceu na sua diocese a festa da Immaculada Conceição, dizia na constituição respectiva: «assim como a Ella mandou fazer».

Posto isto, estamos preparados para entender as quatro razões em que D. Duarte apoia a sua argumentação.

«Prymeyra, porquanto da sua parte foy declarado que della lhe fezessem festa, expressamente nomeando que da concepçom a chamassem, e assy rezassem seu oficio, o que se nom mandaria se fora em pecado, ou em ella nom ouvera special pryvylegio, a seus parentes outorgado, pois naquel tempo creatura dalma racional nom era».

A segunda razão não é senão o desenvolvimento da primeira, tomando em consideração o tempo que medeia desde a conceição em 8 de dezembro até á natividade em 8 de setembro — periodo da gestação ordinaria — para mostrar que fôra privilegio outorgado aos genitores da Virgem, predestinada desde a sua origem para ser a mais pura e casta de todas as creaturas, o procreal-a segundo a natureza quanto ao tempo, mas prodigiosamente quanto á origem geratriz.

«Segunda, se quysera que fora feita per santificaçom quando a alma foy creada, nom mandara tal festa se fezesse em tal tempo, porque daquy a seu nacimento som nove mezes, mas deverasse fazer aaquel que segundo geeral openyom as almas nas moças som criadas; e pois specialmente foy mandado que fosse agora cellebrada, mostrasse que por o pryvylegio, que foy ortorgado a seus geeradores, que sem original pecado a geerassem, tal festa lhe prouve seer feita».

Estabelecida a revelação, D. Duarte declara acceital-a.

[1] Tom. I, liv. I, tit. XI.

porque, procedendo assim, honra a Santissima Virgem e os seus progenitores:

«Terceira, quando avemos livre autoridade pera de nossos senhores, ou amygos, poder de duas cousas hua creer e afyrmar, aa[1] mylhor devemos seer inclinados; pois como assy seja que a Igreja nos da logar que tenhamos que foy concebida sem origynal pecado ou o contrario, em esta, que, segundo nosso parecer, he maior prerogatyva sua, e de seus padre e madre, nos devemos afirmar».

A quarta razão é o resumo de toda a argumentação de D. Duarte, uma synthese da sua maneira de pensar sobre o assumpto:

«Quarta, por se fazer deferença antre ella e sam Joham, ca del se faz festa do nacymento, porque no ventre de sua madre foi sanctifycado: e della, por mayor prerogatyva de seus parentes, da concepçom, mostrando que receberom tam excellente pryvylegio contrairo do geeral fallicimento de todollos homeẽs e molheres. Porem dereitamente della se diz que foy sem maldiçom de pecado mortal, venyal e original, concebida, e pois eu tenho liberdade pera poder teer qual teençom destas me prouver, e vejo que a festa se mandou em tal tempo fazer, e per ordenança sua de Nossa Senhora da Concepçom foy chamada, em aquesta parte com a sua graça me acordo sem duvyda teer e afirmar: e assy faço que he no ceeo em corpo e em alma per muy evidentes razoões que os leterados demostram, e por escolher aquella parte que a meu juizo he pera ella de mayor louvor e prerogatyva[2]».

Aqui temos pois um rei portuguez da idade-media, o qual nasceu duzentos e oitenta e um annos depois do fundador da monarchia, personificando, como Affonso Henriques, a veneração profunda de todo seu reino pela Virgem Santissima no decurso de quasi trez seculos de ininterrompida devoção.

O primeiro rei, vivendo n'uma epoca de conquista guerreira, entre homens de armas ainda rudes e simples, não curou senão de erguer altares á Divina Creatura que o concilio de Epheso, oppondo uma barreira á heresia de Nestorio, havia declarado ser a verdadeira Mãe de Deus. Affonso Henriques não discutia, mas acceitava como dogma o que

[1] A repetição da vogal preenchia o effeito do accento agudo na orthographia moderna: deve lêr-se *á*.

[2] Capitollo XXXV.

os concilios tinham discutido e approvado, e pelo exemplo da sua mesma fé procurava firmar uma religião n'um reino onde ainda nada era firme, porque tudo era novo e incipiente.

O undecimo rei, D. Duarte, encontra a independencia da patria consolidada em Aljubarrota e já iniciada a dilatação do imperio d'alem mar, que tenta seus irmãos; vive mais a pensar em livros do que em campanhas, é elle proprio escriptor e se bem que, empunhando uma penna ainda mal aparada, defende, com mais intenção do que proficiencia, a immaculada conceição de Nossa Senhora, tomando parte n'uma discussão em que tão notavelmente se haviam empenhado pela mesma causa Santo Anselmo e Duns Scoto.

Já então se feriam controversias sem ser com as armas na mão, e Portugal mostrava ter homens para tudo: para defender uma religião, de espada em punho, como Affonso Henriques; e para a defender com a palavra, como D. Duarte.

Durou apenas cinco annos o reinado d'este infeliz monarcha; foi ephemero e tristemente accidentado pelo desastre de Tanger. Mas o rei deixou edificante exemplo da sua illustração e da sua fé. Da primeira, dão testemunho as suas obras litterarias; da segunda, os seus actos de piedade.

Na devoção a Nossa Senhora seguiu a esteira do pai; — especialmente na predilecção á imagem da ermida da Escada.

«El-rei D. Duarte seu filho e primeiro successor — diz frei Luiz de Sousa — acrescentou a ermida, e a poz no estado e capacidade que hoje tem, e lhe fez esmola para arder uma alampada perpetua deante da Senhora [1]».

Tomava parte, cada anno, na procissão que, por memoria da batalha de Aljubarrota, se fazia a Nossa Senhora da

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX.

Graça [1], e larga materia daria a este livro se a morte o não derrubasse do throno tão depressa.

A peste que se alastrou em Portugal, que matára a rainha D. Filippa de Lencastre e que matára D. Duarte, a peste, terrivel contagio que não poupava categorias nem idades, contribuiu decerto muito para atiçar no coração dos portuguezes sobresaltados e receosos a devoção pela Virgem Santissima, unica valedora possivel em tamanha calamidade: *consolatrix afflictorum.*

Todos os grandes reis e principes da dynastia de Aviz, que foram os maiores de Portugal, assignalaram a sua devoção a Maria Santissima nos mais salientes lances de sua vida e fortuna.

O valoroso Affonso V, antes de partir para a terceira jornada d'Africa, foi como seu tio, o *infante santo,* encommendar-se á protecção de Nossa Senhora da Escada.

Depois de se ter referido áquelle infante, diz frei Luiz de Sousa: «Com melhor successo fez semelhante despedida seu sobrinho elrei D. Affonso Quinto, filho d'elrei D. Duarte, no anno de 1471, quando foi tomar Arzilla e Tanger aos Mouros. Acompanhado de toda a côrte veiu visitar a Senhora *(da Escada)* na manhã do dia de Sua gloriosa Assumpção, a quinze de Agosto. Ouviu missa, e deixando-Lhe esmola para arder outra alampada perpetua com a de seu pai, se foi embarcar, e no mesmo dia saiu do porto [2]».

Durante as conquistas em Africa, Affonso V vai associando o culto de Nossa Senhora ás victorias realisadas.

Em Alcacer-Seguer, como «a Villa foi despejada, que seria a horas de meio dia, elrei entrou n'ella a pé, e em procissão se foi á mesquita, e a fez consagrar, e dedicar ao nome de nossa Senhora da Conceição, onde já achou um altar posto em ordem para deante d'elle poder fazer oração, como fez... [3]».

Em Arzilla, Affonso V, depois da victoria, poz a mesquita sob o nome de Nossa Senhora da Assumpção «em memoria e porque n'aquelle dia partiu elrei D. João seu avô, quando tomou Ceita aos Mouros: e porque em tal dia venceu a batalha real de Aljubarrota, e no mesmo nasceu [4] e

[1] Mesma obra, liv. VI, cap. XXVI.
[2] *Hist. de S. Domingos,* livro III, cap. XIX.
[3] Damião de Goes, *Chr. do Princ. D. João,* cap. XIII.
[4] Variam as opiniões quanto ao dia do nascimento de D. João I. Segundo Soares da Silva e frei Manoel dos Santos, nasceu a 11 de abril (1357).

morreu, e elle tambem no proprio dia partiu de Lisboa para aquella conquista, de que Nosso Senhor então lhe fizera mercê acabar com victoria [1]».

Como se vê, continuou pelo tempo adeante a coincidencia de muitos factos importantes, praticados pela dynastia de Aviz, com o dia da Assumpção de Nossa Senhora.

Tambem, annos antes, D. Affonso V, com toda a côrte e grande pompa, lançou a primeira pedra da ermida de Nossa Senhora da Luz em Carnide, construida por effeito de revelação que Pedro Martins, natural d'aquella localidade, recebêra durante o seu captiveiro em terras d'Africa.

Diz o auctor do *Santuario Mariano* [2]: «... foi tão grande a devoção que o povo e nobresa de Lisboa tomaram á Santa Imagem, que logo instituiram uma confraria, em que se assentou por irmão o mesmo rei D. Affonso V e o arcebispo D. Affonso Nogueira, com toda a fidalguia e nobresa, cuja administração correu por ella até o anno de 1467 em que foi eleito o arcebispo D. Jorge da Costa, o qual a tirou aos confrades, annexando-a á parochial egreja de S. Lourenço de Carnide. E ultimamente elrei D. João III no anno 1545 a deu aos religiosos da ordem de Christo, para fazerem n'ella convento, em que residem de ordinario trinta, em serviço da Mãe de Deus [3]».

Assim, congregados na mesma devoção, o rei, a nobresa e o povo rendem fervorosa homenagem á Mãe de Deus na pequena ermida de Carnide desde o seu inicio.

O exemplo d'esse valoroso monarcha, que tivera perante os seus vassallos o prestigio de vingar em Africa o desastre de Tanger, exemplo de amor á patria e de fé em Deus, exemplo de uma especial veneração pela Virgem Santissima, crença tradicional na dynastia de Aviz, reflectira-se não só na familia do monarcha [4], mas em toda sua côrte e reino todo.

Foi no reinado de Affonso V que uma dama portugueza,

---

[1] Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, dialogo IV.

[2] Tom. I, liv. I, tit. XIII.

[3] D'esta imagem foi muito devota a infanta D. Maria, filha de elrei D. Manoel, que largamente protegeu a construcção do novo templo em 1575, promoveu o brilho dos actos religiosos ali celebrados, e se mandou sepultar na capella-mór.

[4] A princesa Santa Joanna, freira em Aveiro, foi muito devota de Nossa Senhora das Dores. Diz frei Luiz de Sousa: «O pensamento então applicava todo a considerar os passos da sagrada Paixão, e em particular as penas da Virgem bemditissima, quando, descido da arvore da Cruz o sagrado Fructo do seu ventre, Jesu, o teve em seus braços defunto». (*Hist. de S. Dom.*, liv. V, cap. I).

D. Beatriz da Silva — irmã d'aquelle famoso fidalgo D. João de Menezes da Silva, que veiu a ficar conhecido pela designação de *Beato Amadeu*, — fundou em Hespanha uma nova ordem chamada da Conceição de Nossa Senhora, que teve principio nos paços de Galiana em Toledo.

D. Beatriz tinha ido para Castella no séquito da infanta D. Izabel, filha do infante D. João e sobrinha de el-rei D. Duarte[1].

Foi tambem no reinado de Affonso V que os mouros tomaram Constantinopla (1453), facto que determina na historia do mundo o *terminus* d'esse longo periodo de dez seculos, que se chama «edade-media».

Oito egrejas de Constantinopla, incluindo o bello templo de Santa Sophia, foram por Mahomet II transformadas em mesquitas.

Nossa Senhora da Encarnação

Entre os povos christãos a queda do imperio grego provocou, como era natural, uma forte reacção religiosa, que deu novo vigor e talvez nova poesia ao culto de Maria Santissima.

Os mais abalisados criticos de arte são concordes em que a Renascença, pintando a imagem de Nossa Senhora, Lhe deu todo o esplendor da bellesa physica, o que se reconhece principalmente nas *Madonas* de Raphael em opposição ás *Madonas* byzantinas.

Os templos tornam-se mais alegres e vivos. A pedra é trabalhada como uma renda. Em Portugal vamos dentro em pouco encontrar, na egreja de Santa Maria de Belem, um formoso monumento d'esse florido estylo *manuelino*, genero de architectura propriamente portugueza, que succedeu ao gothico puro. O lioz de Lisboa prestar-se-ha maravilhosamente ao lavor

[1] Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, vol. II, pag. 344; Alberto Pimentel, *Vida mundana de um frade virtuoso*, pag. 15.

e ao ornato. A Virgem Santissima irá ter ali um dos Seus mais bellos e graciosos templos — de todo o mundo.

Com razão notou um critico nosso que a Renascença europea deve tudo á Renascença do seculo XIV em Portugal. Sem o impulso do infante D. Henrique, os mares não teriam sido explorados como foram, a exemplo dos portuguezes.

Entramos no periodo gloriosissimo das navegações, conquistas e descobrimentos. D. João I foi a Africa armar seus filhos cavalleiros. Affonso V e o principe real D. João ali foram tambem, e de lá voltaram victoriosos. O culto de Nossa Senhora ficou estabelecido em terra de mouros, irradiando da Europa para o continente africano. Foram os portuguezes que o levaram lá.

A vida do mar ia tornar mais concentrada e meditativa a alma portugueza, portanto mais religiosa e crente. Nossa Senhora é a «Estrella do Mar»; o Seu nome pairava, pois, sobre as caravellas dos nossos marinheiros, guiando-as ávante.

Não contentes com implantar o culto de Nossa Senhora em Africa, levamol-o tambem á Asia. E lá, lançando a semente das nossas crenças á terra do Oriente, especialmente a devoção pela Mãe de Deus, deixámos profundas raizes de fé christã, que ainda hoje florescem e fructificam em louvor de Maria Santissima [1], Mãe de Deus.

---

[1] É muito interessante na India portugueza a romaria dos Maxins pescadores gentios, que, facto curioso! vão a Damão render homenagem á Senhora dos Remedios. Em grande numero, mulheres e homens, com os seus trajos carateristicos, acorrem á romaria, e passam pelas ruas a entoar, ao som de tambores, cantos improvisados em honra de Nossa Senhora.

É admiravel o fervor com que esses pagãos se vão prostrar diante da Virgem, na egreja christã, offerecendo oblatas, e distribuindo esmolas aos «parias» que se juntam em volta do templo.

V

Monumentos architectonicos e litterarios em honra da Mãe de Deus

UCCEDIAM-SE os reis e com elles variavam as epocas, sendo umas bonançosas, outras revôltas, umas prosperas, outras infelizes, e comtudo só o culto de Nossa Senhora não soffria alteração no palacio dos nossos monarchas e no domicilio de seus vassallos.

De rijo animo, bem açacalado para a lucta, foi el-rei D. João II, e comtudo teve uma profunda devoção pela Virgem Santissima [1]. Conta Garcia de Rezende que o *Principe Perfeito* «todalas noites per ordenança, e polas manhãs na cama, e á mesa rezava sempre as oras de N. Senhora [2]».

Quando el-rei e a rainha, depois do lastimoso desastre que victimou o herdeiro do throno, regressam a Lisboa, dirigem-se logo ao templo da Graça a pedir resignação e con-

[1] *Hist. Gen*, tom. III, pag. 137.
[2] *Chronica dos valerosos, e insignes feitos del Rey Dom Joam II*, edic. de 1798, pag. XXII.

torto áquella milagrosa imagem de Nossa Senhora, que os pescadores de Cascaes haviam entregado aos frades gracianos.

Só Ella, a divina protectora de todas as angustias, poderia valer-lhes em lance de tão ingente amargura como é a perda de um filho unico, morto por sinistro na flôr dos annos.

Continuando Portugal a propagar a religião christã em terras de Africa, foi no reinado de D. João II que no reino do Congo se edificou rapidamente uma egreja da invocação de Nossa Senhora Santa Maria.

Todos os dias mil negros acarretavam ás costas a pedra precisa para a construcção, e lêdamente a iam buscar a duas e trez léguas de distancia «com tantas cantigas de prazer e alegria — diz o chronista — e com tão boa vontade, que era de maravilhar, e muitos a que o não mandavam se convidavam para isso».

Não perdia el-rei D. João II occasião de afervorar o culto de Nossa Senhora, ao longe ou ao perto, na metrópole ou alem-mar, dando elle proprio o exemplo ou estimulando os outros a que o dessem.

Sabe-se, porque nol-o contam as chronicas, que el-rei e a rainha foram fazer uma novena á ermida de Nossa Senhora da Pena (ou Penha) em Cintra, ermida a que deu origem o apparecimento da imagem ali, e que D. Manoel tomou mais tarde como fundamento de um mosteiro [1] para a religião de S. Jeronymo, mandando cortar a penha a todo o custo [2].

Na ermida de Cintra, emquanto durou a novena, se isolaram em sua profunda devoção á Virgem el-rei e a rainha: «estiveram muito sós, diz Garcia de Rezende, porque então a casa era uma bem pequena ermida, e os que com elle (D. João II) estavam, pousavam em tendas que el-rei ahi mandou levar».

Na morte, que foi christianissima, quiz D. João II ter presente um retábulo representando Christo na cruz, a *Mater Dolorosa* e S. João, o apostolo. E por disposição testa-

[1] El-rei D. Manoel, andando a montear na serra de Cintra (1503), perseguira um veado branco, que não eram ali raros, e de certo ponto da serra vira no mar nove vellas. Era a segunda frota que enviára á India. Por este feliz regresso mandára edificar o mosteiro. (Abbade de Castro, *Memoria historica sobre a origem e fundação do real mosteiro de N. S. da Pena da Serra de Cintra*, Lisboa, 1841.

[2] *Cintra pinturesca*, pag. 137.

mentaria mandára collocar trez lampadas de prata na egreja de Nossa Senhora da Annunciada em Florença.

Foi a rainha D. Leonor de Lencastre, esposa de D. João II, uma dama de altos espiritos e assignaladas virtudes.

De Portugal se pode dizer, como este livro o demonstrará, que não houve ainda aqui um entendimento superior e um coração de bom quilate que deixasse de render sincero culto á Santissima Mãe de Deus.

A rainha D. Leonor possuia essas duas preeminentes qualidades, alem de outras. De mais a mais soffreu grandes desgostos de familia, e o soffrimento é um crysol d'onde sahe acendrada a fé.

Foi devota e piedosa. Fundou os mosteiros da Madre de Deus e da Annunciada, a misericordia de Lisboa, o hospital das Caldas, que depois por isso mesmo se chamaram «da Rainha», fundou merceerias e gafarias, alliando a devoção com a caridade, que é certamente a melhor maneira de honrar na terra a grandeza de Deus.

Foi intelligente e illustrada. Animou a implantação da imprensa em Portugal, auxiliando a publicação dos primeiros livros que sahiram dos nossos prelos, e favoreceu na pessoa de Gil Vicente os inicios do theatro nacional.

Tinha D. Leonor, como el-rei seu esposo, uma veneração profunda pela Virgem Santissima, cujas perfeições supremas comprehendia e admirava, e cujas dôres e tribulações melhor do que ninguem podia comprehender, porque essa notavel rainha amou tambem seu filho unico, e desastrosamente o viu morrer.

No luto da sua alma, na orphandade inconsolavel em que a deixou a morte do filho idolatrado, a rainha D. Leonor devia pedir muitas vezes á *Mater Dolorosa* do Calvario resignação e coragem, auxilio e refrigerio em seus desgostos e tormentos domesticos.

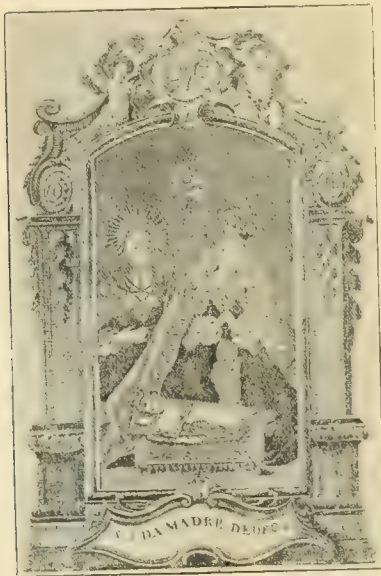
Não admira, pois, que com a maior solicitude viesse a honrar a Mãe de Deus dedicando-lhe um templo, não faustoso, que o não sonhava assim, mas expressão sincera, posto que modesta, do seu preito á Rainha do Ceu.

Esse templo, que depois foi reconstruido por D. João III, é o da Madre de Deus, em Xabregas [1].

[1] No Porto tambem houve um convento da *Madre de Deus*, de religiosas de S. Francisco, observantes. Era o de Monchique. Foi fundado em 1575 por D. Pedro da Cunha e sua mulher D. Beatriz de Vilhena.

Pensou D. Leonor de Lencastre edifical-o, com um mosteiro, annexo, para vinte freiras Claras, no terreno que possuia junto a Santo Eloy, defronte da egreja de S. Bartholomeu, á costa do Castello.

Fel-a mudar de resolução na escolha do sitio a visão de uma mulher, que as chronicas dizem ser muito illustrada, e que residia em Xabregas, á qual fôra patente uma nova escada de Jacob que, apoiando-se na terra, dava ingresso no Ceu aos que por ella subiam.

Pareceu á rainha que este logar seria de eleição e tratou de adquirir ali umas casas, que pertenciam a Alvaro da Cunha, e cujos ornatos, no tecto das salas, representavam cordões, pintura decorativa que os artistas copiavam certamente da esculptura da epoca.

Por darem a impressão de cordões franciscanos, extranhou a rainha o facto, e quiz conhecer-lhe a origem.

Respondeu-lhe Alvaro da Cunha que aquellas casas alguma vez seriam da ordem de S. Francisco para honra e gloria de Deus.

Este pormenor vemol-o ainda hoje memorado nos cordões da casa do capitulo e da torre.

Adquirido o predio, e cheio o pensamento da rainha pela devoção que votava a Nossa Senhora, pensou D. Leonor em escolher uma invocação da Virgem Santissima que melhor pudesse satisfazer a sua profunda fé e especial affeição á Rainha dos Anjos.

Conta a tradição que entraram um dia no Paço dois moços, flamengos no traje, que pretendiam vender a D. Leonor uma linda imagem de Nossa Senhora, á qual porventura chamariam pelo seu mais bello e sublime titulo: Madre de Deus.

Não podendo entender-se quanto ao preço, deixaram os flamengos a imagem em poder da rainha, dizendo-lhe que no outro dia voltariam. Não voltaram mais. D. Leonor, espantada do caso, que não podia explicar-se em pessoas que vinham a fazer negocio, e em tanto o estimavam, poz a

imagem na capella real, e em Suas mãos depositou as chaves do novo convento, cuja invoção estava descoberta desde essa hora: seria da Madre de Deus.

Quiz a rainha D. Maria, mulher de el-rei D. Manoel, poder residir por algum tempo em Xabregas. Aprazia-lhe o sitio, que é de bons ares, e tem a pittoresca visinhança do Tejo, largo e magestoso ahi.

Lembrou logo ao rei pedir á rainha sua irmã que lhe cedesse as casas que ella comprára a Alvaro da Cunha. Tinha-se como certa a desistencia, em homenagem ao rei. D. Leonor, porem, resistiu ao pedido, dizendo: «Que já entregára as chaves das casas de Xabregas a outra Rainha maior, que era a do Ceu».

Perante esta resposta, todas as instancias cessaram.

Começou a fundar-se o mosteiro em 1509 [1]. Por ser modesto, correu rapidamente a construcção: em junho entraram as primeiras freiras, que vieram de Setubal; em julho, o arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, benzia a egreja.

Portal da egreja da Madre de Deus

Logo no outro anno, 1510, poz a rainha o mosteiro sob a obediencia da ordem de S. Francisco.

Realisara-se a prophecia de Alvaro da Cunha.

Foi, como dissemos, D. João III que, não menos de trinta ou quarenta annos mais tarde, au-

gmentou o mosteiro, levantou nova egreja, mandou fazer novo claustro com muitas capellas.

O templo primitivo aproveitou-se para casa do capitulo. O singelo mas gracioso portal do tempo da fundadora, depois de estar entaipado durante trez seculos, foi em nossos dias encontrado, restaurado [2] e logo substituido ao que datava de D. João III, se lhe não fosse posterior.

[1] Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um manuscripto do seculo XVII (1639) que dá interessante *Noticia da fundação do convento da Madre de Deus*.

[2] Em conformidade com um quadro, que existe na sachristia e, representando a recepção do corpo de Santa Auta, em 1512, mostra a fachada do primitivo templo.

Diz-se que a rainha D. Leonor, que para si concluira o paço de Xabregas, frequentava com assiduidade a egreja e mosteiro da Madre de Deus, trocando por vezes o paço pelo mosteiro.

Os sabbados e domingos eram dias de festa na casa religiosa de Xabregas, especialmente em certa epoca do anno. Aos sabbados havia sermão. E a concorrencia de fieis chegava a constituir uma verdadeira romaria.

Da egreja construida por D. João III diz o auctor do *Santuario Mariano:* é um ceu aberto.

Bastaria a confirmar esta opinião o deslumbramento do côro, obra riquissima de talha. As paredes estão cobertas por dezenove quadros, entre elles os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina, bem como o panorama de Jerusalem, offerta do imperador Maximiliano á rainha D. Leonor, e que tem valor duplicado como antiguidade historica, porque n'elle se vê ajoelhada uma freira que é a propria rainha D. Leonor — unico retrato seu que se conhece [1].

Tambem a rainha D. Leonor foi a fundadora da confraria da Misericordia em Lisboa, diz-se que a instancias do seu confessor, frei Miguel de Contreras, natural de Castella e religioso trinitario, cujo retrato existe na Bibliotheca Nacional e no gabinete do provedor da Santa Casa.

Garcia de Rezende, dando noticia d'esta piedosa instituição, assignala os seus fins humanitarios:

> Vimos tambem ordenar
> a misericordia santa,
> cousa tanto de louvar,
> que não sei quem não se espanta
> de mais cedo não se achar:
> soccorre a encarcerados,
> e conforta os justiçados,
> a pobres dá de comer,
> muitos ajuda a suster,
> os mortos são soterrados [2].

Não podia esta caridosa instituição deixar de ser posta sob a protecção da Mãe de Deus, soccorro e amparo de todos os affligidos.

Por isso a séde da confraria, cujo compromisso D. Manoel approvou, foi estabelecida na capella de Nossa Senhora

[1] Foi reproduzido pelo sr. Benevides no 1.º vol. das *Rainhas de Portugal.*
[2] *Miscellania.*

da Piedade, vulgarmente denominada da «Terra Solta»[1], que ainda existe nos claustros da Sé Patriarchal.

Escolheu-se para essa solemnidade o dia da Assumpção da Virgem: 15 de agosto de 1498[2].

D. Manoel quiz, porém, que a Misericordia tivesse um templo privativo e mandou-o edificar, amplo e bello, na praia do Tejo, junto á egreja (Conceição Velha) que tinha doado aos freires por escambo dos terrenos do Restello.

Foi D. João III quem, treze annos depois, viu o remate ás obras do templo, para onde se transferiu dos claustros da sé a confraria da Misericordia aos 25 de março (dia da Annunciação de Nossa Senhora) do anno 1534.

Esta egreja, que tambem foi arruinada pelo terremoto de 1755, era, como dissemos, notavel, a melhor de Lisboa depois da de Santa Maria de Belem.

«A porta principal, segundo refere um chronista, olhava para o occidente. A capella-mór tinha as costas voltadas para o oriente. A porta travessa deitava para o sul. Portas e janellas ostentavam todas as galas da architectura gothica. Vinte columnas de marmore de elevadissima altura e curiosamente lavradas, seis dividindo a egreja em trez amplas naves e quatro meio embebidas nas paredes, sustentavam a abobada, toda de laçaria de pedra, com artesões e florões, onde se alternavam os emblemas da fé christã com as divisas do rei fundador. A capella-mór era um monte de ouro em obra de talha, relevada de excellente esculptura. No cruzeiro viam-se duas ricas e elegantes capellas occupando os topos, e dois bem armados altares nas paredes lateraes. No corpo da egreja não havia primitivamente capella ou altar, mas no terceiro quartel do seculo XVI uma dama abastada, chamada D. Simoa, edificou n'elle uma capella do lado do Evangelho, que dedicou ao Espirito Santo, dotando-a liberalmente.

. . . .

«Dois recolhimentos de orphãos, um hospital, espaçosas salas para a secretaria, cartorio e mais officinas, formavam juntamente com a egreja um edificio vasto e grandioso».

O grande terremoto fez desabar parte da abobada do cruzeiro da egreja e a torre dos sinos, que ficava sobre a

[1] Esta denominação proveio do pavimento da capella ser de terra solta.

[2] Um anno depois foi a confraria da Misericordia instituida no Porto em a capella de Nossa Senhora da Encarnação, nos claustros da Sé, e só em 1555 se concluiu a egreja privativa, que a confraria mandou fazer na rua das Flores.

porta travessa, a qual porta dava sahida para a rua então chamada da Misericordia, e hoje Nova da Alfandega. O incendio, no dia seguinte ao terremoto e consequencia d'elle, acabou por destruir o resto do templo, os dois hospitaes e todas as suas dependencias.

Apenas escaparam a capella do Espirito Santo e a porta travessa.

O marquez de Pombal, tratando de restaurar a cidade, ordenou que se aproveitassem aquelles restos preciosos da egreja da Misericordia para a fabrica de um novo templo, que substituisse o de Nossa Senhora da Conceição, dos freires, que tambem o terremoto havia destruido.

Assim se fez. A capella do Espirito Santo passou a ser a capella-mór da nova egreja, e a porta travessa ficou sendo porta principal.

A egreja da Misericordia estava situada no mesmo local onde hoje se vê a da Conceição Velha; a antiga egreja da Conceição, que D. Manoel doára aos freires, ficava no lado norte de uma rua, que, pouco mais ou menos, correspondia á actual rua dos Retrozeiros.

É pois um erro dizer que o templo da Conceição Velha, agora existente, fôra a synagoga dos judeus e se acha localisado no mesmo sitio em que ella estivera.

Os freires tomaram posse da nova egreja da Conceição, depois que o marquez de Pombal a restaurou. Em 1818, para dar mais claridade ao templo, tiraram da fachada um grupo de figuras de pedra, que ficava sobre a porta principal, substituindo-o por uma grade de ferro. Em 1848 foi reposto no seu logar esse grupo, que ainda hoje se conserva, e representa Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto, sustido por dois anjos, e a Seus pés, de um lado, el-rei D. Manoel, a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e o principe e infantes filhos de D. Manoel, todos de joelhos, e do outro lado, na mesma posição, frei Miguel de Contreras e varios prelados. Ao auctor do folheto, que temos citado [1], parece que tambem figura no grupo o papa Leão X.

O sr. Vilhena Barbosa, que escreveu sobre a instituição da confraria da Misericordia um interessante artigo [2], é de opinião que este quadro de pedra pertencêra á antiga egreja da mesma invocação, e para ella fôra feito expressamente.

[1] *Nossa Senhora do Restello, os freires de Christo e a egreja da Conceição Velha.*
[2] *Estudos historicos e archeologicos*, tom. I, pag. 321.

Imp. de Libanio da Silva

A VIRGEM, DE MURILLO

(Quadro existente no museu do Prado, em Madrid)

São as suas proprias palavras: «A imagem da Virgem, abrigando, sob o seu manto amplamente aberto, os que vêm implorar seu auxilio e protecção, representa «Nossa Senhora da Misericordia». É assim que na egreja universal de Jesus Christo é symbolisado o coração misericordioso da Mãe de Deus [1]».

O marquez de Pombal, depois do terremoto, fez transferir a confraria da Misericordia, que ficára sem edificio proprio, para a casa professa da Companhia de Jesus, em S. Roque.

Representam os iconógraphos, como já sabemos, Nossa Senhora da Misericordia com o manto aberto, para acolhêr n'elle todos os desgraçados, qualquer que seja o aviltamento em que tenham cahido, quer haja sido por má sina ou por má indole.

Assim, tanto Nossa Senhora da Misericordia protege as creanças innocentes, as viuvas e orphãos desvalidos, como aquelles que, tendo prevaricado, podem ainda salvar sua alma pelo arrependimento e com a intercessão piedosa da divina graça.

Do mesmo modo que a instituição da Misericordia, a que preside a Senhora de igual invocação, acompanha na vida e na morte os bons e afflígidos, tambem não desampara os que, repellidos dos homens, só na protecção da Virgem Clemente podem ainda encontrar auxilio e refugio, porque Ella o é de todos os peccadores: *Refugium peccatorum.*

Logo que a justiça da terra entregava á do ceu as almas e corpos dos condemnados a pena ultima, cahia sobre elles a protegel-os a «bandeira da Misericordia», e algumas vezes succedeu que ou por ter quebrado o laço da forca ou a

[1] Devo ao favor de um amigo o ter-me facilitado o exame de uma copiosa collecção de registos de Nossa Senhora, sob muitas das Suas invocações, quasi todos estampados em Portugal. Um d'elles, sem logar de impressão, mas cuja legenda revela ter sido impresso em Lisboa, não representa Nossa Senhora da Misericordia com o manto aberto e sustido por anjos. Mas a Senhora d'esta invocação é geralmente representada do modo que Vilhena Barbosa descreve. Assim tambem a figura a téla que existe actualmente no gabinete do provedor da Santa Casa da Misericordia.

Aquelles registos, todos elles sem data, eram estampados ou vendidos nas seguintes lojas e officinas de Lisboa: rua Nova do Almada, 77; em casa de Francisco Manuel, no fim da rua do Passeio; loja de Francisco Lima Pinheiro, quasi defronte dos Martyres; travessa de S. Domingos, 58; loja de Antonio Joaquim Ribeiro, rua da Padaria, 17; Peyssonneau, rua Nova do Almada, 45; rua do Salitre, 296, 3.º; rua do Ouro, 13; mesma rua, n.º 6, onde tambem estivera a casa Peyssonneau; casa de José da Fonseca, ao Arsenal; officina de J. B. Morando, sem designação de rua, etc. Vê-se que a casa de Pedro Luiz Peyssonneau era a que tinha maior numero de registos á venda.

asphyxia no padecente não ser completa e a morte prompta, a Misericordia, apossando-se d'elle, o levava para o seu hospicio, e ahi o acolhia e tratava com desvelo, para lhe restaurar a vida ou para o ajudar a morrer mais suave e menos ignominiosamente.

Aos pobres, que eram miserrimos, aos cidadãos que a familia ou a patria repelliam por vingar affrontas e ultrages, fornecia a Misericordia o lençol em que os seus cadaveres eram envoltos: foi a Misericordia que pagou a mortalha de Miguel de Vasconcellos, o traidor.

Mãe de quem a não tem, enfermeira dos indigentes, amparo das viuvas, protectora das donzellas, não podia a instituição da Misericordia ter outra padroeira que não fosse a Virgem Santissima, resumo de todas as virtudes, a santa das santas, a mais pura, a mais doce, a mais clemente de todas as mulheres.

Bandeira da Misericordia: — ambas as faces

Foi abolida a pena de morte nos crimes communs, foram desarvoradas as forcas e licenceados os carrascos, mas ainda se conserva nos nossos vocabularios a locução «bandeira da misericordia», que relembra a relação pela qual se ligam indissoluvelmente a piedosa instituição de D. Leonor de Lencastre e o culto da Mãe de Deus em Portugal.

Bandeira da Senhora da Piedade[1], nos primeiros tempos da monarchia; bandeira da Misericordia desde o reinado

[1] Veja pag. 46 d'este livro.

de D. Manuel; simples locução memorativa em nossos dias, o que é certo é que tem atravessado os seculos, facto ou palavra, realidade outr'ora ou allegoria hoje, como equivalencia historica do manto da Virgem Santissima, que a todas as miserias e angustias agasalha ternamente.

El-rei D. Manoel dedicou a Santa Casa da Misericordia de Lisboa ao mysterio da Visitação de Nossa Senhora, tendo obtido por um breve apostolico auctorisação para que a respectiva festa se celebrasse como especial do reino. Identico titulo têm todas as egrejas das irmandades da Misericordia em Portugal [1].

E, para perpetuar esta solemnidade, fundou D. Manoel uma procissão annual, como consta das suas *Ordenações* (liv. I, tit. 78.º): «Ordenamos, e Mandamos que em todos os annos Nossos Reynos, e Senhorios, em cada huũ anno em o dia da Visitaçam de Nossa Senhora, que vem aos dous dias do mes de Julho, se faça hũa Precissam solene a louuor de Nossa Senhora, pera que assi como ella quis visitar corporalmente, a Sancta Isabel, assi espiritualmente nos visite, e a todos os fiees Cristaõs, pera que nossas obras sejam feitas, e aderençadas a seruiço de Nosso Senhor, e seu».

Sob o mysterio da Visitação nasceu, pois, floresceu e floresce ainda em todo Portugal a santa instituição da Misericordia [2].

No tempo de D. Manuel recebeu o povo portuguez o exemplo de uma piedade sem limites, que chegou a exceder a dos reinados anteriores.

Fundou e reconstruiu este monarcha muitas egrejas e mosteiros, mas a principal das suas fundações religiosas é aquella que eternisou em honra da Mãe de Deus a gratidão dos portuguezes pelo descobrimento do caminho maritimo da India — o mais avantajado passo dos nossos marinheiros na exploração dos «mares nunca de antes navegados».

[1] *Agiologio lusitano*, tom. IV, pag. 17.

[2] O hospital do Porto é monumental e os seus recursos pecuniarios são larguissimos, graças a successivos legados.

Na sala das sessões da mesa, no edificio da secretaria, rua das Flores, existe um notavel quadro gothico, denominado *Fons vitæ*, que representa Jesus Christo na cruz, Nossa Senhora e o evangelista, alem de outras figuras a que se tem querido dar representação historica.

Este quadro tem sido attribuido a Gran-Vasco ou Vasco Fernandes; a Hubert Van-Eyck, a Memling, a Holbein, etc.

Vejam-se, sobre este tão contestado assumpto, as brochuras *Argumento sobre o quadro da Misericordia do Porto*, por Moreira Freire, Lisboa, 1896; *Un problème d'art, l'école portugaise créatice des grandes écoles*, pelo mesmo auctor, Lisboa, 1898; *A obra prima da Misericordia do Porto*, por Cherubino Lagôa, Porto (1898).

Damião de Goes, tendo-se referido á ermida que em honra de Nossa Senhora o infante D. Henrique levantára no surgidouro do Restello, falla da fundação do grandioso mosteiro que el-rei D. Manoel ali mandou erigir, em substituição da ermida, por memoria da tornada de Vasco da Gama quandou achou a róta da India.

«. . . esta capella se conuerteo no sumptuoso mosteiro, que no mesmo lugar fundou el rei dom Emanuel depois que Vasquo da Gama tornou da India, o que certo he muito de louuar em el Rei, que com não ter mais conquistado da India que saber que se podia ir a ella per mar, foi tanta sua fé em Deos, que, como se já tiuera ajuntados muitos thesouros da conquista della, logo de sua propria fazenda mandou abrir os alicerces ao redor d'esta capella, sobre os quaes se fez hum dos grandes, e magnificos edificios de toda Europa, de que antes que fallecesse deixou acabada huma gram parte, e no que ficou por fazer, posto que el Rei dom João seu filho continuasse com grande despeza, lhe falta ainda muito pera se acabar na perfeição que requere huma tal obra. As causas que mouérão el Rei dom Emanuel a fazer tamanha despesa, *foi huma grande deuoção que tinha em nossa Senhora, a cujo nome dedicou toda esta machina*, pondolhe o mesmo sobrenome que tinha de Bethlem a outra, por o lugar, em que edificcaua este mosteiro, ser hum dos frequentados de todo o mundo, de naos, que cada dia nelle entrão de diuersas partes, pera os que uiessem acharem nos religiosos consolaçam pera suas almas, e consciencias, recebendo nelle os sacramentos da Egreja, e ouuindo os officios diuinos que se nelle fazem com muita solemnidade. A terceira causa foi pera no mesmo mosteiro fazer ho jazigo, e sepultura de sua real pessoa e da rainha donna Maria sua molher, e filhos, posto que naquelle tempo ainda não tiuesse nenhum [1]».

N'outra parte da sua chronica, Damião de Goes volta a fallar da traça monumental do edificio, e ahi acode com novos esclarecimentos, aliás justificados, dizendo: «. . . obra a que nenhuma de quantas a em toda a Europa faz auantagem, nem em grandeza nem em magnificencia, etc. [2]».

N'esta apreciação são concordes todos os escriptores

[1] *Chr. del Rei dom Emanuel*, part. I, cap. LIII.
[2] Part. quarta, cap. LXXXV.

nacionaes e extrangeiros que se têm occupado do mosteiro de Belem[1].

Crê-se que os alicerces foram começados no anno de 1499, e a primeira pedra lançada no de 1501.

Vinte annos depois d'esta data (1521) fallecia el-rei D. Manoel e o edificio estava por acabar; mas tanto o estimava o seu illustre fundador, que recommendava em testamento (1517) a continuação das obras[2].

Tudo, no exterior de Belem, pregôa a devoção da dynastia de Aviz pela Mãe de Deus.

Porta lateral da egreja dos Jeronymos

No arco da porta que olha para o mar, contra a praia segundo a expressão de Goes, está sobre o capitel de uma columna a estatua do infante D. Henrique, fundador da primitiva ermida de Restello. No vulto d'este infante alliam-se a devoção á Virgem e a gloria maritima de Portugal, sob Seus auspicios iniciada. É, pois, um duplo symbolo. Encimando o arco maior, vê-se dentro de um baldaquino a imagem da Senhora dos Reis.

No alto da porta que olha para o occidente, e que é a

[1] Citaremos, de passagem, entre outros: o abbade de Castro, na *Descripçâo do real mosteiro de Belem;* Vilhena Barbosa, no *Universo pittoresco;* Varnhagen (visconde de Porto Seguro), *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem;* J.L. Domingos de Mendonça, *Noticia historica ácerca do sumptuoso mosteiro de Santa Maria de Belem* no supplemento á *Historia de Portugal*, de Schaeffer; conde de Raczynski, *Les arts en Portugal:* Latino Coelho, *Archivo pittoresco:* Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, vol. III; um anonymo, no interessante *Guia do viajante em Belem* (1872); varios, no periodico *Artes e lettras*.

[2] «Item eu tenho dado em minha vida a N. Senhora de Belem, a vintena do dinheiro das partes da Mina, e a vintena das mercadorias e cousas das partes da India, sómente, e não do meu, segundo é declarado em sua doação; encommendo que lhe não seja tirado, até se acabar, pela dita renda, a casa na fórma em que o tenho ordenado, e mandado fazer, e que responda toda a obra com a que está começada no dormitorio, o qual mandava fazer para cem frades, e acabada a dita obra, encommendo que se dê na dita vintena tanta renda como abaste para a mantença dos ditos confrades e necessidades da casa. Porem dando N. Senhor tanta largueza na fazenda, por que se bem possa fazer, encommendo que para se este mosteiro mais cedo acabar, se lhe aparte, alem da dita renda, alguma mais somma, tanto como se bem possa fazer, e o soffrer a fazenda, em maneira que com isso se possa acabar esta casa o mais cedo que possivel seja, *porque assim foi minha devoção, primeiramente*, e depois por ahi haver de ser o meu jazigo, assim folgarei muito que se faça, e encommendo muito que assim se cumpra, como por este capitulo o declaro».

principal, ha, sobre as armas do reino, esculpturas figurando o nascimento de Jesus, a Annunciação e a Adoração dos Reis Magos, isto é, a representação das passagens biblicas que mais engrandecem a santidade de Maria Santissima, concebendo o Seu Filho immaculada e dando-O ao mundo para redempção da humanidade.

Aos lados d'esta porta, e sob lindos baldaquinos lavrados, el-rei D. Manoel, posto em joelhos n'uma almofada ou setial, está em attitude de oração e humildade, tendo por detraz S. Jeronymo com o leão; e a rainha D. Maria corresponde-lhe na mesma posição de humildade e supplica, tendo por detraz S. João Baptista com o cordeiro aconchegado ao peito.

Porta occidental da egreja dos Jeronymos

O interior do templo é um encanto, uma maravilha de arte, um santuario digno da Rainha dos Anjos e da Virgem das Virgens. A abobada do corpo da igreja, assim como a do cruzeiro, apoia-se sobre seis pilares, que separam as trez naves, constituidos, cada um, por um feixe de oito columnellos intervallados de prodigiosa profusão de figuras humanas, aves, e outros animaes — quanto a imaginação do artista pôde dar de gracioso e de bello.

Em 1836 veiu a Portugal o barão de Taylor, architecto do rei dos francezes, expressamente para copiar os pilares de Belem.

«Em qualquer paiz, diz o sr. Vilhena Barbosa, o mosteiro de Nossa Senhora de Belem seria um monumento artistico de muito apreço. Mas para nós, os portuguezes, ainda é mais alta a sua significação como gloriosissimo padrão da historia patria».

Com elevada intuição artistica sentiu Edgar Quinet pulsar a alma navegadora de Portugal na egreja maritima de Belem. O templo deu-lhe a impressão de ser o navio prestes a largar para os ousados descobrimentos: seus cabos e mastros são de pedra. O claustro recordou-lhe a fauna e a flora da India, já conquistadas para os portu-

guezes, exuberando-se n'uma profusão de deslumbramento oriental.

E, pairando sobre todo este esplendor de architectura manuelina e de esculptura decorativa, a gloria da Mãe de Deus parece ainda illuminar com os raios da sua divina graça a epopea de um povo, que sob a Sua protecção e auxilio, foi grande na terra e no mar.

O padre Carlos Rademaker cantou em 1864 a viagem da India, o voto de el-rei e a grandeza architectonica e historica do templo monumental de Belem.

É um hymno ao mesmo passo religioso e patriotico, que não nos dispensamos de copiar:

SANCTA MARIA DE BELEM

I

Salvè templo venerando,
Salvè rendado Belem!
Que lembranças d'outras eras
Teu portal gravadas tem!
Na vistosa frontaria,
Das naves na laçaria,
Nas pratas do teu altar,
Em teus arcos magestosos,
Em teus claustros espaçosos,
Memorias que é bem cantar!

Que diz essa torre linda,
Que parece de marfim,
Sobre o Tejo segredando
Ás ondas que vão sem fim?
Esse mosteiro, tão bello,
N'esta praia do Rastêllo
Ao mareante o que diz,
Senão memorias d'outróra
Quando Lysia foi senhora,
Quando foi grande e feliz?

Quatro naus empavezadas
Se viam aqui surgir;
E na praia mil abraços
Aos fortes que vão partir.
É de Deus a voz que os chama:
Lá vão com Vasco da Gama
Cento e setenta, não mais...
Cento e setenta só vejo!
Que importa? São de sobejo;
Não busques quantos, mas quaes!

Embarcam: e o cabrestante
Oiço a compasso ranger;
A companha pela enxarcia
As velas a distender,
O pendão no tope içado
Já tremúla desfraldado;
Levantou-se o portaló,
Largam mezena e cutello:
Adeus Tejo, adeus Rastêllo!
Já o mar descobrem só.

II

E correm, e voam por ondas infindas,
Por pégos immensos, alem, mais alem...
Os mezes se passam: e novas algumas
Dos fortes que foram não sabe ninguem.

Da praia na ermida, por elles rogando,
O pio monarcha faz votos ao céu:

«Guiae-m'os, ó Virgem; se vingam a empresa,
Aqui tereis logo sublime trophéu».

Grande rei, para o teu sceptro
É pequeno este torrão;
Novos mares, novas terras
Hão de entrar em teu quinhão.

Muito alem do *mar escuro*
Outro mundo será teu;
Seres rei de cem monarchas
É condão que Deus te deu.

De *Belem* a Estrella sancta
Aos teus nautas sôbreluz:
Vai com elles o Evangelho,
São arautos de JESUS.

São elles que longe da terra adorada,
Da terra d'encantos que os vira nascer,
Mil transes correndo, recifes, tormentas,
Dos mares o espanto procuram vencer.

Do cabo em demanda, na torrida areia
Sofala os viu já, Quelimane tambem;
Depois Moçambique, Mombaça, Melinde:
A India, eis a India descobrem alem!

Mil ricos penhores do rico Oriente
O Gama recolhe p'ra o seu Portugal.
Venceu na porfia... De glorias cobertos
Voltae, valorosos, á terra natal.

Voltae, que esperando por vós sobre a praia
O vosso monarcha faz votos ao céu,
Que já, por lembrança de heroica jornada,
Um templo grandioso erigir prometteu.

Já voltam... já surgem no Tejo anilado
Duas naus que das Indias o mar respeitou.
Quem sois? — Um vassallo que ao rei venturoso
O imperio dos mares alfim sujeitou!

III

Eis á praia do Rastêllo
Cavalgando chega el-rei,
De fidalgos rodeado,
Fidalgos todos de lei:
Vem receber o valente
Que ao pendão da lusa gente
Um oceano rendeu;
Aos pés de SANCTA MARIA,
Vem admirar a ousadia
Da fé, que tudo venceu.

E por memoria do feito,
E d'essa fé por padrão,
Surge *Belem* no Rastêllo,
Trophéu d'alta gratidão.
É o que dizes, templo sancto!
Tu tens de glorias um canto
Escripto nos arcos teus:
O monarcha afortunado
Quiz-te ver aqui fundado
Por gratidão ao seu DEUS.

Salvè templo venerando,
Salvê rendado Belem!
Que lembranças d'outras eras
Teu portal gravadas tem!
Das naves na laçaria,
Na vistosa frontaria,
Na custodia singular,
Aberto, letra por letra,
Este mote se soletra:
Lysia rainha do mar.

Não se pode fallar da India e de Belem sem recordar o nome de Vasco da Gama — que, alem de um glorioso navegador, foi, certamente por isso mesmo, um dedicado devoto de Nossa Senhora.

Em Sines, sua patria, onde ainda ha poucos annos ha-

via vestigios — e não sei se haverá hoje — das ruinas de um palacio chamado «de Vasco da Gama», e uma horta tambem chamada «de D. Vasco» existe, olhando ao poente, uma linda ermida da invocação de Nossa Senhora das Salas.

No frontispicio, relevam duas molduras circulares contendo inscripções.

Na da esquerda lê-se em gothico:

Nossa Senhora das Salas em Sines

«Esta casa de nosa S.ra das Salas mandou fazer o m.to manyfico S.or dõ Basco da gama cõde da vidig.ra almyrãte vyse rey das yndias. foy fea no ano de noso S.or jhũ apõ de 1529.»

As incorrecções d'esta legenda fazem suppôr que tambem estará errada a designação do anno 1529, pois que Vasco da Gama já tinha fallecido cinco annos antes.

Na moldura da direita vê-se o escudo d'armas da casa do Almirante (hoje Niza e Vidigueira)[1].

A romaria da Senhora das Salas realisa-se no mez de agosto e costuma reunir cêrca de trez mil pessoas.

Na cidade do Porto fundou el-rei D. Manoel, tambem em honra da Virgem Santissima, um convento a que deu a invocação de *Ave Maria*[2]. E aqui nos detiveramos nós a considerar a altissima poesia d'esta invocação, se não o houveramos de fazer a breve trecho, talvez com maior opportunidade.

Da devoção de el-rei D. Manoel a Nossa Senhora da Escada dá testemunho frei Luiz de Souza, como se fossem precisos novos testemunhos do muito que o venturoso monarcha estimou e engrandeceu o culto da Mãe de Deus em Portugal[3].

[1] Francisco Luiz Lopes, *Breve noticia de Sines*. Lisboa, 1850.

[2] Instituido em 1518 com as religiosas benedictinas de quatro conventos da mesma ordem: Tuyas, Rio Tinto, Villa Cova e Tarouquella.

[3] «Em caso muito differente mostrou elrei D. Manoel a veneração que em sua alma tinha a esta Ermida. Porque dando-se por mui offendido, como era rezão, do desastrado caso, que em seu tempo succedeo no anno de 1506 da matança dos Judeus, que de fresco erão bautizados, e mandando, que no Convento de S. Domingos não ficasse nenhum Frade, porque n'elle tevera principio a desordem: logo exceituou o que tinha a seu cargo a Ermida, e este só ficou. Apon-

Por incidente diremos que no reinado d'este monarcha vieram a Lisboa uns esculptores italianos, que cinzelaram em pedra algumas imagens de Nossa Senhora, taes como a de Santa Maria do Castello em Pombal, talvez as da edicula da Senhora da Piedade em Povoa e Meadas (alto Alemtejo) e outras em Coimbra[1].

E' tempo agora de dizer que a poesia portugueza, desde a sua infancia, cantou, honrou, glorificou as virtudes supremas e os dons unicos da Virgem Santissima.

Fallem os nossos cancioneiros, que são monumentos perduraveis e incorruptiveis. Natural era que os poetas, tendo a faculdade de exprimir os seus proprios sentimentos e os alheios, cantassem as suas crenças religiosas, a sua devoção pela Mãe de Deus, sentimento sincero e profundo que observavam em si mesmos e em todos os seus conterraneos.

No *Cancioneiro do Conde de Marialva*, cuja existencia Frei Bernardo de Brito revelou e que o dr. Antonio Ribeiro dos Santos confirmou, encontra-se o rastro da Canção da *Reyna groriosa*, que D. Mariano Fuertes[2] aproveitou para dar uma idéa da poesia portugueza no seculo XII e principios do seculo XIII.

Theophilo Braga reproduziu este precioso excerpto:

A Reyna groriosa
tan é de gran santidade,
que con esto nos defende
do demonio de sa maldade;
e tal razom com'esta
un miragre contar quero,
que fez a Santa Maria,
apôsto e grande e fero
que nom foi feito tan grande
ben des lo tempo de Nero,
que emperador de Roma
foi daquella gram cidade[3]

Frei Fortunato de S. Boaventura, na *Collecção de inéditos portuguezes dos seculos XIV e XV* traz uma *Parafrase da*

tão as memorias antigas, que ajudou a boa tenção d'el Rei ser o Frade varão santo, e por tal havido em toda a cidade». *Hist. de S. Domingos*, liv. III, cap. XIX.

[1] *Portugal antigo e moderno*, vol. III, *Povoa e Meadas*.

[2] *Historia de la musica en España*.

[3] *Curso de historia da litteratura portugueza*, pag. 140.

Ave Maria, composta por Frei João Claro[1], que estudou lettras sagradas em Pariz, pelo que é chamado *Doctor Parisiensis*, e que foi abbade do mosteiro de S. João de Tarouca desde 1514 até 1520, anno em que se presume ter fallecido.

PARAFRASE DA AVE MARIA

Ave preciosa Maria,
Que se deve interpretar
Transmontana do mar,
Que os mareantes guya.
Ave tu, Senhora minha,
Exempta daquel pecado,
Que o mundo ha contaminado,
Ave resplendor do dia.

Ave tu plena gracia,
Ave precioso sacrario,
Ave santo relicario
Cheo daquel pam, que farta
Todo o mundo, e o espaça
Em esta angustiosa vida,
E nos chama e convida
A seus gozos sem falacia.

Ave, que o Santo Senhor
Dos ceeos he contigo,
Non contigo soo digo,
Mas em ti preciosa flor,
Templo do Divino amor,
Ave, pois tua ternidade
Catando tua humildade
Magnificou teu valor.

Ave Reynha gloriosa,
Bendita antre as molheres,
Deste nome só eres
Digna tu, Virgem preciosa.
Porque a madre golosa
Da fruita devedada,
Toda molher obfuscada,
Leixou com pena dampnosa.

[1] O sr. Theophilo Braga diz que esta paraphrase é tomada de Hernan Perez de Gusman. Não discutimos que seja d'este ou d'aquelle; transcrevemos a composição, por amor do assumpto e da época.

Ave, que o fruito bendito,
Senhora do ventre teu
Non abasta ao louvor seu
Lingua, nem pena, nem scripto,
Ave, porque o mundo aflicto
Por o pecado primeiro,
Triunfando no madeiro,
El o salvou, livrou e quitou.

Por esta Santa Saudaçom,
Mui Sanctissima Senhora,
Ora ao Rrey, a quem o mundo adora
Por a Christãa naçom,
Que a tua obsecraçom
Nunca desdem recebeo,
Nen sem efecto quedou
Tua Santa suplicaçom [1].

A *Ave Maria* é uma das mais encantadoras orações com que se honra o culto da Virgem Santissima.

Singela e profunda, compõe-se de trez partes conjugadas n'um sublime poema de poucas linhas: das proprias palavras do Anjo na Annunciação, da saudação de Santa Izabel a Nossa Senhora, sua prima, e da *Santa Maria*, que é de data mais recente e attribuida ao concilio de Epheso, em 431, comquanto só entrasse em uso nas orações publicas a partir do seculo XVI e por determinação de Pio V.

Das duas primeiras partes encontram-se vestigios antiquissimos na lithurgia de S. Thiago Menor e no antiphonario de S. Gregorio Magno.

Tem.se procurado investigar a origem do piedoso costume de recitar uma *Ave Maria* quando o dia começa e quando acaba.

Dizem uns que certo monge milanez, de appellido Riva, que vivia em 1287, fizera tanger os sinos de Milão á hora do crepusculo vespertino, mas parece mais seguro que o

[1] Transcripta do I vol., pag. 237-238, da *Collecção de inéditos.*

uso das trez badaladas, quando amanhece e morre cada dia, haja sido instituido por Leão X em 1500.

A «saudação angelica» ou *Angelus*, recitada ao romper da manhã, ao meio dia e ao anoitecer, quando os sinos vibram por trez vezes constitue, repitamol-o, uma das mais suaves e formosas tradições do culto de Nossa Senhora.

O abbade Maynard, no seu excellente livro *La Saint Vierge*, observa com verdade e elevação que o *Angelus* sauda Maria, pela manhã, como a eterna Aurora do mundo: ao meio dia, como o Sol da Egreja; á noite, como a Lua, modelo de toda a belleza. E accrescenta: «Ao alvorecer chama sobre cada dia a benção que Maria trouxe á primeira manhã da era de Christo; ao meio dia, convida ao recolhimento e propicía um minuto de descanso e paz; á noite, corôa como recompensa o trabalho do homem recordando a obra de Deus e provoca docemente o repouso a noite, imagem do repouso da eternidade. E', em verdade, a hora santa, porque traz á lembrança a hora adoravel que sanctificou todas as horas[1] . . .»

Na vida rumorosa das cidades nem todas as pessoas dão a esses momentos sublimes a attenção que elles merecem: mas no campo aquellas trez badaladas, pausadas e sonoras, ouvidas por todos no silencio da natureza, infundem um profundo respeito e elevam o pensamento do homem para o ceu.

São muitos os poetas portuguezes que têm «sentido» a poesia religiosa da hora da «ave-maria» no campo: recordarei apenas trez, que o cital-os a todos daria para encher infolios:

Não ha, não ha poesia
Que restaure almas penadas,
Como as longas badaladas
Da singela *Ave-Maria!*. . .

(Julio de Castilho[2]).

No sino da freguezia
Trez badaladas ouvi.
Sobre a terra humida e fria,
De joelhos, mesmo aqui,
Oremos, que é findo o dia:
Ave Maria!

(Francisco Palha[3]).

[1] Pag. 417.
[2] Segundo visconde de Castilho, nascido a 30 de abril de 1840.
[3] Nascido a 15 de janeiro de 1827; fallecido em 11 de janeiro de 1890.

Cavou, cavou desde que é dia...
Cavou, cavou... Bateu meio dia...
— Oh, dor! oh, dor! —
De pé na encosta erma e bravia,
Triste na encosta erma e bravia,
— Oh, dor! oh, dor! —
Largando a enxada, «Ave Maria!...»
Reza em silencio... «Ave Maria!...»
Fantasma negro, o cavador!

(Guerra Junqueiro [1]).

Depressa notarei que tambem é antiquissimo o costume de dizer a *Ave Maria* depois do exordio dos sermões: remonta ao seculo XIII. Foi introduzido por Alberto de Padua, celebre prégador da ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

Se muitos são os poetas que têm cantado a hora da «saudação angelica», muitos são tambem os que têm glosado o texto da *Ave Maria*, seguindo o exemplo de Dante.

Gil Vicente (seculos XV-XVI) o fundador do theatro em Portugal, paraphraseou-a n'um dos seus autos, o de *Mofina Mendes*, em que o anjo Gabriel é um dos interlocutores:

Oh! Deus te salve, Maria,
Cheia de graça, graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é comtigo.

O' Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer.
Benta és tu entre as mulheres,
Mais que todas as mulheres
Nascidas, e por nascer.

Alta Senhora, sab'rás,
Que tua santa humildade
Te deu tanta dignidade,
Que um filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado
Jesu e Filho de Deus;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu — Princeza dos Ceus.

[1] *Os Simples*, Porto, 1892.

E a virtude do Altissimo,
Senhora, te cobrirá;
Porque seu filho será,
E teu ventre sacratissimo
Por graça conceberá.

Desde Gil Vicente até hoje destila por deante de nós uma legião de poetas entoando a *Ave Maria* n'um extasi de purissima fé. Mencionaremos trez ou quatro dos nossos, pois que só dos nossos tratamos:

Ave, Maria,
Que n'este dia
De pranto e dor,
Oh! casto lyrio
Viste o martyrio
Do Salvador.

Cheia de graça,
Viste-lhe a taça
Beber de fel.
Mãe sem conforto,
Do filho morto
Viste o painel.

Deus é comtigo
No eterno abrigo
Da salvação,
Virgem celeste,
Que aqui soffreste
Cruel paixão.

Tu és bemdicta
Lá na infinita
Mansão do ceu,
Oh Mãe piedosa,
Mystica rosa,
Astro sem veu.

Entre as mulheres
Tu, Virgem, queres
De um Deus ser Mãe,
De um Deus que expira
Dos maus á ira
Por nosso bem.

Bento é o fructo
Por quem de luto
Sião gemeu,

Que a dura pena
Já Deus condemna
No seio teu.
....

(ANTONIO DE SERPA PIMENTEL [1]).

Ave, Maria,
Cheia de graças mil, Deus é comtigo,
Fulge em teus olhos a divina luz:
És bemdicta entre todas as mulheres,
Bemdicto o Filho Teu, doce Jesus.
Santa Maria que de Deus és Mãe!
Agora, e quando findem nossas dores,
Roga, pede por nós, os peccadores,
Amen.

(THOMAZ RIBEIRO [2]).

«Ave, Maria!»
Ella ergueu tristemente o rosto bello,
A face desbotada,
Singela miniatura encastoada
Sob as fartas madeixas de cabello...
E ao suave clarão do rosiclér
O archanjo disse n'um sorrir magoado:

«Deus é comvosco, ó timida mulher;
«Bemdicto seja, pois, lyrio nevado,
«O fructo que o teu seio conceber.»

(EUGENIO DE CASTRO [3]).

Tambem alguns musicos portuguezes se têm inspirado na *Ave Maria:* citaremos um, o sr. Vargas Junior [4].

O assumpto convida a cantal-o, por grande e bello, todos os poetas [5] e artistas. Reside n'elle essencialmente o poema da graça absoluta, personificada em Maria Santissima. Judiciosamente observa a este respeito frei Amador Arraes: «Em tanto que saudando-A o Anjo, não ouviu da sua bôca, Ave chea d'esta, ou d'aquella graça, mas Deus

[1] Nascido a 20 de novembro de 1825. Estadista e publicista muito considerado. Fallecido a 2 de março de 1900.

[2] Já citado a pag. 89.

[3] Nascido em Coimbra a 4 de março de 1869. Poeta lyrico dos melhores da actualidade.

[4] *Ave Maria*, poesia de Delphim de Brito Guimarães, musica de Vargas Junior. O producto liquido d'esta composição reverte a favor do Albergue das Creanças Abandonadas e da Associação Protectora das Creanças. Editores: Sassetti & C.ª.

[5] Antonio Prestes, no auto da *Ave Maria*, que foi talvez escripto em 1530, traz esta passagem que, além do titulo do auto, faz ao nosso proposito:

vos salve chea de graça, sem vos faltar algua das que Deus communicou ás creaturas [1]». As palavras da *Ave Maria* são palavras de um anjo, e por isso dignas de serem glosadas por quantos homens a inspiração do genio levantou a cima da craveira vulgar dos homens.

A esta oração sublime só ha uma que corresponda: é o cantico *Magnificat*, composto pela propria Virgem Santissima.

Fechemos o parenthesis, que já vai longo, para tornarmos á epoca de que vinhamos tratando.

Continuando a procurar, nos antigos monumentos da poesia portugueza, as primeiras canções entoadas em honra de Nossa Senhora, não podêmos deixar de folhear o copioso *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, onde se nos deparam algumas compostas pelos trovadores da côrte.

Transcrevemos textualmente, para lhe não arrancarmos á pátina pregoeira de antiguidade, e porque serão mais facilmente intelligiveis do que as cantigas galaicas do rei D. Affonso o *Sabio:*

CAVALLEIRO — Mestre, quero sobre o friso
do portal do meio em chave
uma tarja grande e grave,
e n'ella um plano mui liso
com letras que digam *Ave
Maria*

MESTRE — Si, far se-ha:
mas senhor,
eu traçava isso melhor
quiçá lhe parecerá
que assi leve mais primor.
Hão de ser tres portaes?

CAVALLEIRO — Si,
os mais nobres e mais graves.

MOÇO — Já o vejo.

CAVALLEIRO — E os mais suaves
do architecto.

MESTRE — Digo assi
que nos mesmos architraves
que hãode levar os portaes
á querena
antre as molduras sem pena
uns campos ou frisos quaes
o architecto mais ordena.
Onde póde ir esculpido
no primeiro *Ave Maria*,
e no segundo poria
gracia plena.

(*Autos de Antonio Prestes*, edição feita no Porto em 1871 por Tito de Noronha sobre a de 1587).

[1] *Dialogos espirituaes*, dial. sexto, cap. XIV.

De Luys Anrriquez, em louuor de nosa señora, sobre aue marystela, na era de quinhentos & seys, estando o rreyno muy emfermo de peste & de fames [1].

Marystela, deos te salue,
madre de deos, tanto santa,
que sempre virgem te canta
a jgreja, muy suaue!
O tam bemaventurada,
porta do çeo, mater pya,
ante secula cryada,
em teus louuores me guya!

Tu, tomante aquele aue
por boca de Gabryel,
concebeste Emanuel
per mesajem tanto graue.
Funda nos em paz, senhora;
poys mudaste o nome d'Eua,
todo pecador s'atreua
pedir graça, qu'en ty mora.

Tyras presões os culpados,
os çegos das crarydade.
destruy nossos pecados
por tua gram pyadade.
Nossos males de nos lança,
da nos beens esprituaes,
rrogua polos temporaes,
segundo tua ordenança.

Amostra-te seres madre,
rreçebe os rrogos per ty
quem carne tomou de ty
& see a destra do padre.
& poys que por nos naçydo
teu filho lhe prouue ser,
saluar-nos de padeçer
lhe seja per ty pydydo.

Uirgo syngularys, manssa
mays que todalas naçydas,
a yra do padre amanssa,
nam pereçam tantas vydas!
& sendo nos desatados
de culpas & de maldade,
em manssydões & castidade
nos tem madre consseruados.

[1] *Cancioneiro* de Rezende, edição de Stuttgart, vol. II, pag. 252-253.

Da nos vyda limpa & puro
caminho, per onde vamos,
aparelha nos seguro
este ser que desejamos,
Por tal que, vendo a Jhesu,
com ele nos alegremos;
o qual bem nam mereçemos,
se o nam alcanças tu.

O padre por eyçelençya,
louuor a Crysto vytorya,
o esprito santo, grorea,
tres em huum deos por essençia!
Graças a nossa senhora!
que tanto bem mereçeo,
& o padre a escolheeo
pera nossa jntercessora!

Fym

Por tua grande cremençea,
o rraynha anjelycal,
pyd'ao rrey celestryal,
c'aleuante a pestelençea
& fames de Portugual.

(Luiz Henriques [1]).

De Dioguo Brandam

Vilançete seu a nossa señora [2].

Raynha celestrial,
rrepayro de nossas dores,
grandes sam os teus louuores.

Senhora, como naçeste,
tua vertude foy tanta,
qu'aquela enbaxada santa,
com grande fe mereçeste.
tam contynente vyueste,
que nom bastam oradores
rrecontar os teus louuores.

A merçe que percalçaste,
nossa vyda rrepayrou,
poys com teus peytos cryaste
aquele que te cryou.

[1] Este poeta, contemporaneo de D. João II. foi um dos que, em «estylo de lamentação», celebraram a morte d'aquelle rei (1495).
[2] *Cancioneiro* de Rezende, edição de Stuttgart, vol. II, pag. 219 e 220.

foste causa, que mudou
o gram senhor dos senhores
em prazer as nossas dores.

Por em ty ser encarnado
& por seres sua madre,
o nosso prymeyro padre
foy dos tormentos lyurado.
somos liures de pecado,
quando queres dar fauores
os que ssam teus seruidores.

O fonte de piadade,
madre de misericordia,
quem de ty nam faz memoria
vay muy longe da verdade!
es chea de carydade
& de tamanhos primores,
que sam grandes teus louuores.

Mytygua nossos tormentos,
que com tantos males creçem,
poys nossos merecymentos
sem os teus nada mereçem.
socorro dos que padeçem,
que sejamos pecadores,
faze-nos mereçedores.

Fym

E assy por teu respeyto,
dyna vyrgem decora,
faze que ajam effeito,
as nossas preçes, senhora!
que se nos deyxas huma ora
a nossos persyguydores,
nam teremos valedores.

(Diogo Brandão [1]).

D. Anrrique de Saa a nossa Senhora, estando com doentes de peste em sua casa [2].

Oo fonte de perfeyção,
oo piadosa senhora,
senhora da conçeyção,
lembra-te de nos aguora

[1] Este poeta, filho de João Brandão e de sua mulher D. Brites Pereira Peixoto, foi contemporaneo de D. João II, cuja morte celebrou. Era natural do Porto, onde exerceu o cargo de contador da fazenda real, e foi cavalleiro de elrei D. Manoel. Teve sepultura no convento de S. Francisco d'aquella cidade.

[2] *Cancioneiro* de Rezende, edição de Stuttgart, vol. II, pag. 330 e 331.

em nossa trebulação,
manda nos consolação,
Qu'estamos desconssolados!
tão bem nos pyde perdão
a teu filho dos pecados,
senhora, que tantos são,
que sem sua jnterçessão
nom podem ser perdoados.

(Henrique de Sá [1]).

De dom Joham Manuel, estando na Graçiosa em louuor de nossa senhora [2].

Ho virgem, madre de quem
todalas cousas criou,
o rey, qu'em Jerusalem
por seu sangue nos comprou,
O qual te poryficou
dando-te vertude tanta,
que te fez cousa mais santa
de quantas ele formou.

Tu, louuada dos profetas
& dos anjos noyte & dya,
tu vytoria nos envya
dos danados Macometas.
Perdam de culpas secretas
a teu filho nos enplora,
& tambem das descubertas,
poys es nossa entrecessora.

(D. João Manuel [3]).

A poesia portugueza, mal desembaraçada ainda da sua timidez infantil, não podia attingir, na epoca do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, o brilho que, nos assumptos religiosos de que tratamos, tem logrado em nossos dias e nos que, passado a dentro, nos são mais proximos.

Mas a sinceridade da sua fé, o fervor da sua convicção, a singelesa grave e rude da sua linguagem, ao cantar a Mãe de Deus, caracterisam os nossos primeiros monumentos litterarios na sua relação historica com o culto de Nossa Senhora em Portugal.

Por isso os intercallamos na modesta narrativa que vimos traçando.

[1] Cavalleiro do conselho de el-rei D. João II (1481-1495).
[2] *Cancioneiro* de Rezende, edição de Stuttgart, vol. I, pag. 383.
[3] Dignitario da côrte.

VI

Fome, peste e guerra

A côrte de D. João III, que vamos atravessar rapidamente, porque nos chamam ingentes successos, duras calamidades publicas, que não tardarão em surgir, foi grandemente devota, como a dos reis precedentes, e muito se assignalou no culto de Maria Santissima.

A rainha D. Catharina tinha no seu oratorio um painel de Nossa Senhora, sentada com o Menino nos braços: a Ella recorria em todas as suas afflições e desgostos, e tanto a venerava, tantos favores do ceu por Sua intercessão obtinha, «que não podia estar sem a ter á vista [1]».

Depois da morte da rainha veio esta imagem ao poder do 4.º conde de Penaguião, sem que saibamos como, e com egual fervor era venerada, e com egual efficacia invocada. Por morte do conde, continuou a devoção a condessa viuva, D. Luiza Maria de Faro, que redobrou em desvélos do culto por não desmerecer o exemplo dos primeiros possuidores da imagem.

Tinha D. Catharina um notavel *Livro de Horas de Nossa Senhora*, illuminado pelo famoso Simão de Bruges, natural

[1] *Sant. Mar.*, liv. II, tit. XXI.

de Flandres, que era então o artista mais avantajado em toda a Europa no trabalho de illuminura.

Fôra presente de Damião de Goes, que certamente conheceu o artista em Bruges e com elle tratou de perto.

Era tão notavelmente precioso este livro de *Horas,* que um julgador competentissimo, Antonio de Hollanda, o avaliou em 750 cruzados.

Como irradiação do exemplo da rainha, e do rei, todas as pessoas da côrte se devotavam fervorosamente ao culto de Nossa Senhora. Mencionaremos entre ellas o medico de D. Catharina, Francisco Lopes, que compoz um livro de *Versos em loor de Nuestra Señora.* Innocencio diz no 2.º vol. do *Diccionario Bibliographico* que o não vira nunca; e no *Supplemento,* vol. 9.º, dá a entender que um exemplar, menos mal conservado, fôra parar ás mãos de um bibliómano nosso contemporaneo, no que me parece ter havido equivocação.

Fiz diligencias para encontrar o livro do dr. Francisco Lopes e todas foram baldadas.

Uma das calamidades publicas do reinado de D. João III foi o terremoto de 1531, que damnificou em Lisboa varios edificios, sendo um d'elles o convento de S. Domingos.

O respectivo prior, frei Affonso de Madail, impetrou ao rei que mandasse proceder ás necessarias obras de reparo: obtemperou o monarcha, fazendo um importante donativo, mas poz por condição que teria logo concerto todo o damno causado pelo abalo á ermida da Escada, a cuja imagem de Nossa Senhora votou D. João III a devoção especial, que de seus antepassados herdara[1].

Tanto o rei como a rainha deixaram memoria de ter recorrido á Senhora da Pena no convento de S. Jeronymo em Cintra n'um lance afflictivo da vida domestica: o parto trabalhoso da rainha em 1531, quando a familia real estava em Alvito, no Alemtejo.

A respectiva inscripção, mandada collocar junto ao altar e á parte da epistola, ficou commemorando o acontecimento «*ob fælicem partum Catharinæ Reginæ, conjugis, incomparabilis suscepto Emmanuele filio Principe...*»

Este infante D. Manuel, que nascêra muito debil, falleceu em 1537.

A devoção á senhora da Pena de Cintra vinha por tra-

[1] *Hist. de S. Domingos,* liv. III., cap. XIX.

dição de familia: já el-rei D. Manuel lhe havia offerecido um diadema feito com o primeiro ouro que lhe trouxeram da India[1].

Tambem D. João III herdou de seu pai o amor á casa de Nossa Senhora da Serra em Almeirim, como D. Manuel tinha imitado n'isto o exemplo de D. João II, seu parente e antecessor.

Não só D. Manuel mandou fazer novo templo, mas tambem lhe doou um retabulo com o seu retrato, o da rainha D. Maria e todos os seus filhos[2].

Sendo ainda principe, D. João III emprehendeu ali a construcção de um mosteiro para frades dominicos; e depois de rei, ali edificou, a par do convento, uma casa de campo para seu uso e commodo proprio[3].

Pelo que respeita a poetas d'essa época, outros, de maior nomeada e valia que Francisco Lopes, tornaram conhecidos na côrte os seus hymnos religiosos em honra e louvor da Mãe de Deus: refiro-me especialmente a Sá de Miranda e Antonio Ferreira.

A poesia, como vimos, tinha nascido nos cancioneiros desde logo inclinada a celebrar a pureza e bondade de Maria Santissima.

O theatro nascêra com Gil Vicente não menos devoto do Seu culto. A primitiva feição dos autos é essencialmente religiosa. Já citamos um excerpto de Gil Vicente, em louvor da Mãe de Deus e, se o espaço o permitisse, poderiamos citar outros muitos: mas não deixaremos passar o ensejo sem recordar ao menos um trecho, que é dos mais fervorosos e que vem opportuno, porque pertence a um auto que foi justamente representado na presença de João III, em Evora, no Natal de 1523:

> O' gloriosa Senhora do mundo,
> Excelsa princeza do ceu e da terra,
> Fermosa batalha de paz e de guerra,
> Da santa Trindade secreto profundo!

[1] *Sant. Mar.*, tom. II, liv. I, cap. XV.

[2] *Hist. de S. Domingos*, liv. VI, cap. XVI.

[3] O cardeal rei tambem foi muito dedicado a este mosteiro de Almeirim, a que offereceu um retrato, não obstante já ali estar retratado com seus pais e irmãos. D. Sebastião mostrou egualmente particular affeição a esta casa religiosa. Filippe I de Portugal revelou identica predilecção, e ali se foi encontrar com sua irmã D. Maria, viuva do imperador Maximiliano.

Os restos mortaes de D. Sebastião, quando vieram de Africa, estiveram primeiro depositados na egreja de Nossa Senhora da Serra em Almeirim, e depois foram trazidos a Belem, onde ficaram.

Sancta esperança, ó madre d'amor,
Ama discreta do filho de Deus.
Filha e madre do Senhor dos Ceus,
Alva do dia com mais resplandor!

Fermosa barreira, ó alvo e fito,
A quem os profetas direito atiravam!
A ti, gloriosa, os Ceus esperavam,
E as tres pessoas um Deus infinito.

O' cedro nos campos, estrella no mar,
Na serra ave phenix, uma só amada.
Uma só sem macula, e só preservada,
Uma só nascida, sem conto e sem par!

Do que Eva triste ao mundo tirou
Foi o teu fructo restituidor;
Dizendo-te *ave* o embaixador,
O nome de *Eva* te significou.

O' porta dos paços do mui alto Rei,
Camera cheia do Spirito Santo.
Janella radiosa de resplandor tanto,
E tanto zelosa da divina lei!

O' mar de sciencia, a tua humildade,
Que foi senão porta do ceu estrellado?
O' fonte dos anjos, ó horto cerrado,
Estrada do mundo para a divindade,

Quando os anjos cantam a gloria de Deus,
Não são esquecidos da gloria tua;
Que as glorias do filho são da madre sua,
Pois reinas com elle na côrte dos Ceus.

Pois que faremos os salvos por ella,
Nascendo em miseria, tristes peccadores,
Senão tanger palmas e dar mil louvores
Ao Padre, ao Filho, e Esprito, e a ella [1]!

O doutor Sá de Miranda, pouco mais velho que D. João III, teve pela sua illustração e sisudez grande influencia na côrte do seu tempo, especialmente no espirito do rei, a quem não duvidava dizer as verdades que os outros lhe occultavam.

Austero nos costumes, e como tal exemplo de poetas, altivo deante dos reis, é á Virgem Santissima, Rainha do

[1] Hymno *O gloriosa Domina* rezado pelos clerigos no *Auto pastoril portuguez*.

Ceu, que elle confessa em voz alta os seus desgostos e erros, pedindo-Lhe amparo e protecção, como unico refugio em que podia crêr quem já se presumia descrido dos homens:

. . . .

Virgem, seguro porto, amparo e abrigo
Ás mores tempestades, ah que tinha,
Aos ventos, esta vida encommendada,
Sem olhar já a que parte ia, ou vinha,
Descuidado de mim, e do perigo
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em despreso esta coitada
Alma, que ante vós vem,
C'os receios que tem
De imigos grandes, mal ameaçada,
E que eu tão peccador, e errado seja;
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, e assim sobeja.

Virgem, do mar Estrella, e n'este lago,
E n'esta noite um Faro [1] que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte:
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sómente os olhos, vendo o estrago
Que atraz olhando, deixa feito a Morte?
Quem me daria prôa, com que córte
Por tão brava tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo seu, e forte,
Mas tudo que será c'o a vossa ajuda?
Nevoa da lagôa,
Que ao vento vôa, e n'um momento a muda.

. . . .

Virgem, Horto precioso, alto e defeso,
Rico ramo do tronco de Jessé
Que floresceu tão milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fé,
Que vós tivestes só de todo em peso,
Tendo um, e outro Sol sua luz ausente:
Alma que os seus enganos tarde sente,
Altissima Senhora,
Por vós suspira, e chóra;
Hontem menino, sou velho ao presente,
Vou-me de dia em dia, d'anno em anno,
A minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha, e o damno.

[1] Farol.

O doutor Antonio Ferreira, que tinha 29 annos quando D. João III falleceu, deixou tambem assignalada a sua devoção á Mãe de Deus no rythmo decassyllabo que a escola italiana, em que militava litterariamente, havia posto em voga:

Serr. Ó Maria ditosa, Mãy, e Filha
De Deos, Esposa, e Serva, hoje pariste
Deos teu Pay, teu Senhor, que a ti se humilha.

Cast. Ó Maria ditosa, pois já viste
O fruito do teu ventre promettido,
O que Eva nos tirou restituiste.

Serr. Onde quer que teu nome for ouvido,
Tudo se alegre, todos lêdos cantem.
Seja nos Ceos, e terra engrandecido.

Cast. Teus segredos se cream, inda que espantem
A quem os não entende, Deos os faz.
A Deos por ti as almas se levantem [1].

As romarias e peregrinações devotas, que desde o principio da monarchia foram uma expansão necessaria á fé tradicional da nossa gente, associam gloriosamente á sua historia o nome do dr. Antonio Ferreira, como se vê do seguinte soneto, cujo texto dispensa maiores commentarios, tão expressivo é:

A esta lapa vimos, Virgem santa,
Humildes, e devotos peregrinos;
Que os olhos sejam de te ver indinos,
Ver o que o Mundo todo alegra, e espanta,

E que a pureza em nós não seja tanta,
Tua graça nos fará, Senhora, dinos
De ouvires nossos versos, nossos hynos,
Que cada alma fiel te offrece, e canta.

Grandes são teus poderes, tuas grandezas.
Novos sinaes, Senhora, não esperamos.
Despois de Deos, de ti tudo mais crêmos.

Alimpa em nossas almas suas torpezas.
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos:
E estes grandes milagres cantaremos.

[1] É um trecho da écloga *Natal*, dialogado entre pastores.

Foi o seculo XVI, especialmente o reinado de D. Sebastião, flagellado em Portugal pelo contagio da peste, sendo a de 1569 denominada *a grande* pelo incremento da epidemia e pelo horror do morticinio.

Ainda hoje causa profunda impressão a leitura das memorias avulsas que nos ficaram d'esse tempo calamitoso, em que a população de Lisboa foi dizimada aos milhares, sem excepção de classes, nem de sexos, nem de idades, porque o contagio, tendo começado a dar rebate no fim de 1568 [1], foi-se ateiando no anno seguinte com a primavera e attingiu o maximo desenvolvimento, uma intensidade medonha, nos mezes de julho, agosto e setembro.

O inverno, tendo sido excessivamente rigoroso, favorecêra pela intemperie uma serie de enfermidades, que dentro em breve tomaram o caracter de contagio. Eram erysipelas, carbunculos, febres de má qualidade acompanhadas de manchas e inchaços.

Foram alastrando todas estas pestilencias á medida que o tempo melhorava; cresceram com a primavera, aggravaram-se com o estio.

Os medicos velhos diziam que era peste, a terrivel peste do Egypto, que hoje chamamos bubonica: os novos contradictavam o diagnostico, dizendo: «Não é nada; foi o inverno muito grande, e de suas humidades procedem estes aposthemas no corpo».

Prevaleceu, porem, o parecer dos medicos velhos, que tinham de seu lado a experiencia. Acreditou-se que era peste, e logo as familias poderosas se deram pressa em fugir. El-rei D. Sebastião, que então contava 15 annos apenas, retirou-se com sua avó para uma casa proxima do real mosteiro de S. Vicente de Fóra (travessa das Bruxas a S. Vicente) e depois fugiu [2] para Cintra: o mesmo fizeram outros nobres do reino.

Como se comprehendia no seculo XVI o «officio de reinar»! Que contraste entre D. Sebastião e D. Pedro V, um, evitando os apestados, outro procurando-os para lhes dizer palavras de conforto e estimular a coragem dos medicos e enfermeiros!

Procurando-se explicar a rasão da entrada da peste de

[1] *Hist. de S. Domingos*, liv. VI, cap. IX.
[2] Abbade de Castro, *Origem da procissão de Nossa Senhora com a invocação da Saude*, Lisboa, 1851.

1569 em Portugal, pareceu que teria vindo de Veneza trazida em mercadorias. Dil-o frei Luiz de Souza [1]. «A historia esclarece a asserção do chronista dominico. Grassava n'estes tempos a peste por toda Italia, com excepção de Turim, e a dominadora do Adriatico debatia-se ainda nos horrores da fome. E bem pode crêr-se que fôra trazida a Lisboa pelos navios mercantes, que não raro ancoravam no seu porto, e pojada em terra pela equipagem, ou carregação dos mesmos; sendo que de Constantinopla, ou Alexandria, onde então faziam grande commercio, a importassem para Italia as galés da republica [2]».

Quando aqueceu o estio, os casos de peste fulminante amiudaram-se, e o numero total dos casos orçava por 600 ou 700 cada dia [3]. Não chegavam já os cemiterios para enterrar os mortos. As creanças orphãs não encontravam quem as amparasse. Os mortos não tinham quem os quizesse levar á sepultura; foram obrigados a esse serviço os forçados das galés. O espirito publico estava desvairado pelo terror. Sob esta impressão nasceu o alarma de que no dia 13 [4] de julho se havia de subverter a cidade juntando-se o Castello com o Carmo e com Almada. O jesuita Diogo Carvalho, escrevendo ao padre provincial de Coimbra, dizia-lhe no dia 12, alludindo ao terror que allucinava a população de Lisboa: «A mim me veyo o desejo de prégar pelas ruas, por onde ando, porque me cercam as gentes, assim nobres, como bayxos, pedindome pelas chagas de Christo que os desengane, e queyra ally morrer com elles».

O boato, que logo se acreditou por annunciar desgraça, pois que de desgraças parecia ser então maré alta, afugentou muita gente para os arredores de Lisboa. Como não houvesse ahi casas para tanta gente, os fugitivos ficaram no campo, á sombra das arvores, tremendo de pavor. Se se lhes perguntava por que tinham fugido, respondiam «que por ver fugir os outros».

«E não duvideis, diz o manuscripto citado no *Summario de varia historia*, que a abusão que ouvistes se teve depois por mandado de Deus; porque como era ar corrupto, se se

[1] *Vida de D. Frei Bart. dos Mart.*, liv. III, cap. XXVII.
[2] *Memorias de epidemologia portugueza*, por Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, pag. 91.
[3] *Summario de varia historia*, vol. II, pag 161.
[4] O manuscripto citado no *Sum. de var. hist.* diz 10 de julho; seguimos porem a versão das *Mem. de epid.*, que se funda n'uma carta da epoca.

não despejára a cidade, o fogo fôra ateado de maneira com posse que nunca se acabára, pois na gente que ficou se ateiou de maneira que ardeu a cidade».

Perante o incremento que a epidemia havia tomado, D. Sebastião mandára buscar a Sevilha dois medicos hespanhoes. Por coincidencia, succedeu que a peste refinou quando elles chegaram. Então dizia o povo de Lisboa «Mate-me Deus com os meus» e não lhes queria acceitar os serviços clinicos [1].

A cidade offerecia um aspecto desolador. Ruas desertas, cheias de herva, que livremente crescia. Diz o manuscripto já citado que ás vezes se não encontravam mais de cinco pessoas e essas mesmas descóradas e tremulas de susto.

Não sendo efficazes os remedios humanos, lembraram os divinos. Organisaram-se procissões de penitencia. A 16 de agosto sahiu a imagem da Madre de Deus da ordem de S. Francisco da cidade para a Misericordia, e no dia seguinte os carmelitas descalços conduziram processionalmente a sua Virgem do Carmo á mesma igreja da Misericordia [2].

Quem melhor do que a Virgem Santissima poderia acudir, em tão ingente angustia, á desgraça em que se encontravam todos os moradores de Lisboa?

Assim o comprehenderam elles invocando a Sua divina clemencia, e fazendo voto de Lhe renderem graças especiaes se os libertasse de tamanha calamidade.

O certo é que a peste, na primavera de 1570, começou a declinar e a cidade a respirar mais desopprimida.

Foi em cumprimento do voto e acção de graças que se organisou a procissão da Senhora da Saude, no dia 20 de abril de 1570 [3].

Festejou-se alegremente a vespera do dia marcado para essa solemnidade religiosa, em que todo o povo de Lisboa tomou parte.

«A quarta feira, vespera do dia d'esta procissão, se mandou deitar pregões, que toda a pessoa puzesse de noite uma vella accesa ou candea a cada janella da banda do mar e da terra; fez-se assim. Estava a cidade muito para vêr. Houve

[1] Bayão, *Portugal cuidadoso, e lastimado*, pag. 135.
[2] Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a historia de Portugal*, pag. 146.
[3] *Sum. de var. hist.*, vol. cit., pag. 166. Ribeiro Guimarães contesta a data de 20 de abril de 1569, que é a mencionada pelo auctor do *Sant. Mar.*

tambem toda a noite fogueiras e festas pelas ruas. O campanario da Sé e os de outras egrejas ardiam em fogos, sendo muito para vêr [1]».

Eram outras tantas lampadas accêsas em honra da Mãe de Misericordia as luminarias que luziam em todos os predios. A cidade inteira se convertera n'um templo onde resoavam cantos de alegria e gratidão, hymnos de reconhecimento e jubilo.

Ao outro dia sahiu a procissão.

«Iam n'ella todas as religiões d'esta cidade, e toda a cleresia, e confrarias, e freguezias. Ia no cabo uma riquissima charola com todas as principaes reliquias d'esta cidade, e adiante d'esta, outra com Nossa Senhora da Saude. Houve em S. Domingos tres pregações, uma cá fóra no alpendre, outra dentro, e outra que já tinham feito dentro, antes da procissão, onde se prégaram muitos milagres, e tudo o que succedeu no mal. Ouvi ao prégador de dentro, que foi fr. João da Silva, que nas mais das covas se botavam quarenta, cincoenta defuntos, e que passaram de cincoenta mil almas, os fallecidos do mal [2]».

A imagem da Senhora da Saude, que é de roca, foi mandada fazer por essa occasião, e collocada na egreja do Collegio de Jesus dos Meninos Orphãos, á Mouraria. Ahi se conservou, com a respectiva confraria, até que, por desavenças entre esta confraria e a do Menino Jesus, pensou aquella em edificar casa propria para a sua imagem.

Ora, em 1505 [3], por causa d'outra revoada de pestilencia, tinham os artilheiros da guarnição de Lisboa constituido uma irmandade, sob a invocação de S. Sebastião, advogado contra a peste, n'uma ermida fóra das portas da Mouraria, (arco do Marquez de Alegrete).

Sabendo os artilheiros das desavenças entre as duas confrarias, offereceram a sua ermida á confraria da Senhora da Saude. Foi acceito o offerecimento, e no dia 20 de abril de 1662, depois da costumada procissão, conduzida a imagem para o templo da Mouraria, onde se conserva ainda hoje.

[1] Manuscripto citado no *Sum. de var. hist.*, a pag. 167 do mesmo volume.
[2] Manuscripto citado.
[3] *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, pag. 227. Sobre esta data lavra grande confusão, e n'ella caiu principalmente o abbade de Castro. Mas pouco importa a data: o facto é que, n'uma invasão de peste, se constituiu a irmandade dos artilheiros.

D. Sebastião, quando a peste chegou a Cintra, fugiu para Alcobaça, deixando de acudir paternalmente aos cidadãos de Lisboa com outra coisa que não fossem providencias tomadas de longe. Mas a Virgem Santissima, rainha do Ceu e Mãe de todos os afflictos, não lhes faltou com a sua piedade e misericordia inexgotaveis: acompanhou-os e valeu-lhes.

Aspecto actual da capella da Saude

A peste tentou alastrar tanto para o sul como para o norte de Lisboa, levada pelas familias fugitivas.

Evora chegou a experimentar, na phrase de um chronista, as primeiras faiscas d'este voraz incendio.

Mas Evora é ao sul, o que o Porto é ao norte: a cidade da Virgem.

Na primavera de 1167 D. Affonso Henriques, a pedido dos moradores, dedicára a cidade a Maria Santissima [1].

Da profunda devoção que os eborenses votavam a Nossa Senhora, já n'esses remotos tempos, subsistem vestigios [2].

Assim Portugal que ao norte, alem da antiga *Terra de*

[1] Padre Francisco da Fonseca, *Evora gloriosa*, pag. 43.

[2] «Ajudam a esta dedicaçam da Cidade a Nossa Senhora algũas conjecturas: I, a ser a See que começou a fundar o Bispo D. Payo aos 24 de abril de 1186, dedicada, e consagrada a N. Senhora da Annunciada, ou do Anjo aos 21 de Mayo de 1204, dia de S. Manços. II. estarem sobre as quatro portas da cidade principaes quatro capellas dedicadas a N. Senhora ao Norte, ao Sul, ao Nacente, e ao Poente; sobre a de Aviz ao Norte Nossa Senhora do O: sobre a da Mesquita ao Sul N. Senhora do Amparo: sobre a de Machede ao Nacente N. Senhora do Machede: e sobre a de Alcunchel ao Poente N. Senhora d'Ajuda. E ainda que estas portas já nam sam as que a Cidade tinha na entrada de Giraldo porque essas foram derrubadas juntamente com os muros de cantaria em que estavam, por mandado del Rey dom Fernando, quando se fez a nova cerca: tambem entam se mudariam as capellas das portas antigas para as novas, que sam as que hoje existem. E talves que seja esta a rezam de serem so quatro as capellas, sendo dez as portas da nova Cerca; por se nam acharem mais nas portas antigas de Sertorio. III. He averem dentro na Cidade, e nos coutos, e termo della muitos Mosteiros, Hermidas, e Freguezias dedicadas a N. Senhora com differença notavel de todas as Cidades, e Villas deste Reino». (Gaspar Estaço, na *Collecçam das antiguidades de Evora*, Lisboa, 1785, edição Farinha).

Vem a proposito dizer que em Santarem ha a tradição de que Affonso Henriques dedicou todas as portas da cidade á Mãe de Deus, levantando-Lhe uma ermida junto a cada uma d'ellas.

Santa Maria, tem uma cidade, o Porto, dedicada á Virgem, conta ao sul, no Alemtejo, outra cidade, das mais importantes, votada especialmente ao mesmo culto, e no Algarve um cabo, tambem chamado de Santa Maria, o qual pregôa aos hespanhoes, proximos visinhos, que lhes não cedemos primasias nas homenagens e fervores á Virgem Santissima.

Fica ali perto, separada de nós pelo Guadiana, a provincia da Andaluzia, onde floresce Sevilha, a capital, que toda se ufana da sua devoção á Mãe de Deus [1], e Portugal, para não ser excedido por tão devota visinhança, deu á ultima saliencia de terra, na costa do sul, correndo de oeste para éste, do Cabo de S. Vicente para Aymonte, o nome de *Cabo de Santa Maria* [2].

E ali se mandou collocar um pharol, que não só serve de aviso aos navegantes, mas tambem de lampadario ao culto da Mãe de Deus.

Não deve esquecer que sobre um rochedo de mediana altura, cinco milhas a léste da barra de Portimão, denominado Cabo Carvoeiro, foi edificado um forte a que se deu o nome de Nossa Senhora da Encarnação [3].

Um illustre escriptor nascido no Porto [4] ficou encantado com a paizagem que o Cabo de Santa Maria offerece: notou a vastidão do mar, de que Maria Santissima é estrella; a pureza azul do ceu, onde é Rainha dos Anjos; e compara a esbelta columna do pharol a uma pyramide de neve, o que pode ainda fazer lembrar a Virgem Santissima que tambem, como columna, sobrepuja a altura de todas as virgens; como pharol, brilha nos mares aparcellados da existencia humana; e como cheia de graça, *gratia plena*, é mais branca do que a neve.

O mesmo escriptor, fallando do aspecto phantastico do

[1] «A Andaluzia chamar-se-ha terra de «Maria Santissima» porque em cada povo terá não um, porém muitos sanctuarios, em cada peito um altar e em cada lingua um cantor das suas glorias. Separam-n'a os montes Marianos do resto da Peninsula; Sevilha ufana-se com o titulo de cidade marial, n'ella o culto virginio alcança tão subido esplendor que as gentes a designam com o epitheto de Roma do meiodia, e, n'aquella ponta extrema, que, em frente da Africa, é protegida pelo monte Calpe, construiram os hespanhoes, quando Gibraltar ainda não gemia sujeita pelo leopardo inglez, um modesto e venerando tabernaculo para o enriquecer com a imagem de «Nossa Senhora da Europa». (Artigo de Francisco Tubino no n.º das *Artes e letras* correspondente a junho de 1872).

[2] Este cabo teve outr'ora o nome de *Cuneum* «pela semelhança que diziam ter com uma cunha a sua ponta». (*Corographia do reino do Algarve* por João Baptista da Silva Lopes, Lisboa, 1841, pag. 28).

[3] Mesma obra e pag.

[4] Julio Lourenço Pinto: *O Algarve*, Porto, 1894, pag. 41.

litoral, pouco adeante de Albufeira, talhado caprichosamente em calcareo jurassico, falla da capellinha de Nossa Senhora da Rocha, ao nascente do Cabo Carvoeiro, face a face do oceano, como duas grandezas que se medem n'um olhar caricioso: a do Ceu, Maria Santissima; a da terra, o oceano ingente [1].

E confessa que então lhe passou pela mente a visão das ermidas solitarias descriptas por Guerra Junqueiro nos *Simples.*

Lá nos altos montes sem trigaes, nem vinhas,
Sem o bafo impuro que dos homens vem,
É que a mãe de Christo com as andorinhas,
E as estrellas d'oiro mesmo ali visinhas,
N'um casebre terreo se acomoda bem.

. . . .

E nas brutas, rudes solidões tão calmas
Ai, muito se engana quem a julga só!
Entre o luar dos hinos e o verdor das palmas,
Para lá caminham romarias d'almas...
Todos nós lá fomos com a nossa avó!...

. . . .

E essas almas todas ella apasigua
Com o dos seus olhos balsamo efficaz:
Verte sobre as penas sugestões de lua,
Montes dá d'estrellas á miseria nua,
Lagrimas aos crimes e ao remorso paz...

. . . .

Mas a sempre linda Virgem da Amargura
Baixa do altarsinho toda afadigada,
E atravez de serras, pela noite escura,
De menino ao colo, — santa creatura!...
Lá vai ella andando, não tem medo a nada!...

Lá vai ella andando... no caminho estreito
Deixa um rasto d'oiro pela escuridão...
Deixa um rasto d'oiro de divino efeito,
Porque as sete espadas, a fulgir no peito,
Põem-lhe um setestrello sobre o coração...

E de povo em povo, que é de serra em serra,
Almas na agonia visitando vae;
Quando chega, a Morte já as não aterra,
Ella lhes dá azas p'ra voar da terra,
Seu menino beijos p'ra levar ao Pae...

. . . .

---

[1] Mesmo livro, pag. 57.

A deshoras mortas eil-a vigilante,
Prompta a dar soccorros ao menor queixume:
Acender estrellas para o navegante,
Ir levar ás mães o cordeirinho errante,
Defender das cobras a ninhada implume...

Pois como não ha-de consolar as dores
Dos humildes, simples, engeitados, nus,
Se inda se recorda de só vêr pastores,
Com cordeiros brancos, cantilenas, flores,
Na sagrada noite em que pariu Jesus!...

Sim! adora a rude gente da lavoira,
Sementeiras, gados, matagaes, lebreus,
Porque não se esquece da vaquinha loira,
Que se poz de joelhos ante a mangedoira,
Quando nas palhinhas dormitava Deos...

E por isso arréda pestes, ventanias,
Fomes e procellas, bruxas e trovão,
Lá para malditas, negras penedias,
Onde silvam cobras doudas e bravias,
E onde não existe nem christão, nem pão!...

E por isso ex-votos, que relembram dores,
Cobrem de ternura todo o seu altar:
Bustos de meninos, mãos de cavadores,
Tranças de donzellas, soluçando amores...
Corações e peitos, de fazer chorar!...

Alvas capellinhas, sempre milagrosas,
Sois n'essas alturas para os olhos meus,
Como ninhos virgens d'orações piedosas,
Miradoiros brancos de luar e rosas,
D'onde as almas simples entrevêem Deos!...

Como de mais longe vinhamos dizendo, os eborenses, aos primeiros assomos da peste grande, apegaram-se com a Senhora de Benafilé, que primittivamente se chamou das Nascenças (Natividade) e tem um templo no termo da cidade de Evora á parte do occidente.

Por occasião de outra grande e mortifera pestilencia, que devastára Portugal, fosse no tempo de el-rei D. Fernando, como quer André de Rezende, ou no tempo de Sancho I[1], como quer frei Agostinho de Santa Maria, os eborenses, sobresaltados e afflictos, recorreram á protecção de Nossa Senhora das Nascenças.

[1] Já nos referimos a esta peste a pag. 97.

Guiava-os n'esta devoção um religioso, frei Joanne, que promoveu, com praticas e exhortações, uma solemne festividade.

Quando se estava ao offertorio, e o povo cantava em voz alta uma antiphona da Senhora, que pricipia *Recordare Virgo Mater*, foi visto um anjo que, limpando uma espada ensanguentada, a recolhia na bainha; e com este signal deu a entender que a mortandade ia acabar, o que em verdade aconteceu[1].

Um relance da actual procissão da Saude

O povo gritou em altas vozes, n'um desafogo de jubilo que lhe fazia vibrar os corações: «Esta é a Senhora da Boa Fé.»

E d'ahi por deante «da Boa Fé» se ficou chamando áquella imagem, que antes era «das Nascenças». Com o andar do tempo veiu a dizer-se de Benafilé por alteração de pronuncia, aliás muito vulgar entre o povo[2].

---

[1] Na peste que em 1477 assolou Coimbra, quizeram as freiras de Santa Clara abandonar o seu convento, já infeccionado, por fugir ao contagio. Quando se preparava o exodo, appareceu á abbadessa um mensageiro que lhe disse estas palavras, ao entregar-lhe um escripto: «Mandai resar todos os dias no côro esta santa devoção da Virgem Senhora Nossa, que nos deu escripta n'este pergaminho, e logo vereis as suas misericordias». O mensageiro, que não foi conhecido, nem mais visto, desappareceu; a devoção foi cumprida, e a peste deixou em paz o convento, (*Apud Memorias de epidemologia portugueza*, pag. 226 e seg.)

[2] *Sant. Mar.*, tom. VI, liv. I, tit. XCVI.

Foi ainda a Senhora de Benafilé quem livrou o povo de Evora na peste grande de 1569.

Tambem esta epidemia, espraiando-se para o norte, chegou no principio de 1570 a Vianna e a Braga, onde era então arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, que piedosamente se constituiu enfermeiro de seus subditos espirituaes. Escreveu-lhe o rei, escreveu-lhe o cardeal D. Henrique, a advertil-o ambos do perigo a que expunha a sua vida. Excusou-se o virtuoso prelado não desistindo de seu humanitario proposito, e dando lição e exemplo ao rei e á côrte, que bem careceram, n'este lance, de taes exemplos e lições.

O voto feito pelos moradores de Lisboa tem sido fielmente cumprido até hoje.

A procissão actual sai da ermida da Saude, cêrca das dez horas da manhã, e encaminha-se para a sé patriarchal, onde se canta um *Te-Deum*. D'ahi, acompanhada pelo cabido, dirige-se á egreja de Santa Justa (S. Domingos), onde ha sermão. Saindo d'esta egreja, o cabido recolhe á sé e a procissão segue o seu itinerario até á ermida da Mouraria.

O prestito é composto pelos irmãos das confrarias da Senhora da Saude e S. Sebastião, estes com balandraus azues e murças brancas, aquelles com balandraus encarnados e murças côr de café.

Leva a procissão dois andores, de S. Sebastião, cuja imagem parece ser ainda a primitiva, e de Nossa Senhora da Saude.

Encorporam-se no acompanhamento contigentes de todos os corpos da guarnição de Lisboa, com as respectivas banda de musica[1].

[1] Transcrevemos de um jornal de Lisboa, *O Popular*, de 20 de abril de 1899, uma noticia que completa a informação sobre a procissão actual:

«Hoje, pelas 9 e meia da manhã, sae da sua capella na Mouraria esta antiga procissão denominada dos «Artilheiros».

«Precede o pendão uma numerosa força de artilheria montada, e encorporam-se no prestito todas as bandas militares da capital, com os respectivos contigentes, commandadas por officiaes subalternos.

«A procissão, que é acompanhada de anjos e virgens, percorre o seguinte itinerario: rua do Arco do Marquez de Alegrete, calçada dos Caldas, rua da Magdalena, entrando na Sé, de onde volta, seguida do cabido, basilicas e a camara municipal, pelas ruas dos Retrozeiros, Augusta e praça de D. Pedro (lado Oriental), entrando em S. Domingos, d'onde, depois do sermão pelo reverendo Carlos Fragoso, se dirige á sua capella pela travessa de S. Domingos, ruas da Palma, Fernandes da Fonseca, Mouraria, etc.

«Dirige o cortejo monsenhor Carlos Rego.

«Além de outros officiaes superiores, o sr. infante D. Affonso, e o sr. ministro da guerra acompanham a imagem de Nossa Senhora da Saude em todo o percurso.

«Suas magestades, a exemplo dos mais annos, irão de tarde orar junto da veneranda imagem de Nossa Senhora da Saude na capella da Mouraria.

Lisboa inteira se alvoroça com esta procissão, e durante todo o dia a concorrencia de fieis á ermida da Saude é enorme.

Alguns arruamentos da Baixa embandeiram festivamente.

A imagem da Senhora tem rosto formoso e dulcissima expressão.

Dos nove vestidos, com os respectivos mantos, que a Senhora da Saude possue, um, de gorgorão côr de cereja bordado a ouro fino, é tradição que servira a D. Marianna d'Austria no dia do seu casamento com el-rei D. João V, e que depois fôra offerecido áquella imagem como era uso fazer-se [1]; o de setim branco, pintalgado de estrellas de ouro, foi dado por devoção em 1856 ao tempo da segunda epidemia de colera-morbus.

Imagem de Nossa Senhora da Saude

Ribeiro Guimarães falla de dois vestidos roxos, um de setim, outro de damasco: alem d'estes haveria o que o sr. D. Miguel de Bragança offereceu, e que era carmezim, segundo o testemunho do marquez de Vallada, que me informou sobre essa dádiva [2].

O reinado de D. Sebastião foi infelicitado pelas maiores

---

[1] *Sum. de var. hist.*, vol. III, pag. 237.

[2] «Em Queluz, segundo o costume, havia muitas criadas pretas. Uma d'ellas, Maria Joaquina, tinha grande familiaridade com D. Miguel e com as infantas. Lembrou-se de pedir ao rei que mandasse fazer um vestido novo para Nossa Senhora da Saude. D. Miguel prometteu-lhe attender o pedido. Mas foi passando tempo, e o vestido não apparecia, Maria Joaquina tornou a dizer a D. Miguel:

«— *Pensé qui palavra de ré não torna átráz.*

«D. Miguel concordou:

«— Tens razão, Maria Joaquina: vou mandar fazer o vestido.

«Fez-se. É o vestido encarnado, que Nossa Senhora da Saude tem ainda.

«— Vamos preparar uma surpreza á Maria Joaquina, disse D. Miguel quando o vestido chegou. Ella mesma o ha de desencaixotar.

«Abriu a preta o caixote, e ficou doida de alegria, vendo o vestido.

«A infanta D. Maria da Assumpção objectou quanto á côr:

«— Era melhor que fôsse antes azul, que é a côr do ceu, ou branco, que é o symbolo da pureza,

«D. Miguel replicou:

«— Está a mana enganada. Nossa Senhora chorou lagrimas de sangue, e o sangue é vermelho». (Alberto Pimentel, *A ultima côrte do absolutismo em Portugal*, Lisboa, 1893, pag. 269).

calamidades que podem affligir um paiz: a fome, a peste e a guerra.

Quanto á fome, muito concorreu para ella a depreciação da moeda de cobre, um anno antes da peste grande. A Inglaterra mandava para Portugal grande porção d'aquella moeda, por contrabando, e em troca levava-nos todo o oiro e prata que tinhamos. Foi para obstar a este inconveniente que se decretou a reducção da moeda de cobre.

Mas isto veiu lançar na miseria as classes inferiores da sociedade, especialmente os operarios, que assim viam os salarios cerceados.

Alguns, n'um momento de desespero, attentaram contra a propria existencia.

A guerra foi uma preoccupação constante no espirito de el-rei D. Sebastião. Um dia, em S. Roque, retirado n'uma capella onde tinha commungado, ficou em meditação, chorando copiosamente. Perguntou-lhe o aio por que chorava. Respondeu que estava pedindo a Deus, que assim como a outros principes havia concedido victorias, imperios, e monarchias, lhe concedesse a elle sómente o ser Seu capitão [1].

Os sentimentos religiosos do joven rei impelliam-n'o de preferencia para a guerra contra os infieis, por querer dilatar a fé de Christo; mas com a verde impaciencia propria de seus poucos annos, e talvez por insoffrido humor, a emprehendeu com maior precipitação do que convinha.

Entre os sentimentos religiosos de D. Sebastião avulta a sua especial devoção a Nossa Senhora.

«Da Virgem Maria, foy tam devoto, que todos os Sabbados álem da Missa quotidiana, que ouvia em publico, ouvia outra em particular, em seu louvor, e lhe ajudava muitas vezes ministrando a ella, e todo o mais tempo estava de joelhos com muita attenção: e até huma vez, que estava levemente sangrado, se levantou, e o fez assim, por mais, que o Padre Amador Rebello resistio pelo prejuizo, que lhe podia causar, que era a quem tinha dado ordem lha fosse dizer nestes dias ao Oratorio do Paço. Mandando-se assentar na Confraria do Rozario, trouxerão-lhe a assinar a Portaria da esmola, que lhe dava; e vendo, que dizia: *ElRey nosso Senhor dá de esmola á Confraria de Nossa Senhora*, etc., disse: *Esta Portaria não está boa, rompa-se, e fação outra;*

---

[1] Bayão, *Portugal cuidadoso, e lastimado,* pag. 118.

porque onde se nomea Nossa Senhora, não se ha de dizer ElRey nosso Senhor. Ouvindo nomear Jesus, e Maria, logo se descubria, e sempre trouxe ao peito um Relicario seu [1]».

Movido pelos seus instinctos guerreiros e sentimentos religiosos, quiz D. Sebastião emprehender a jornada de Africa a todo o custo. Não lograram dissuadil-o os conselhos dos fidalgos velhos, que não viam o rei rodeado de capitães assaz experimentados na guerra ultramarina, nem assaz precavidos contra os ardis estrategicos dos mouros; e que previam os conflictos a que poderia dar logar não ter el-rei ainda successão. Tambem não lograram despersuadil-o a representação dos vereadores da cidade e as reflexões de outras pessoas gradas, que foram mal recebidas por D. Sebastião.

O pretexto da jornada era o auxilio que Muley Hamet ou Mahomet tinha pedido ao rei de Portugal contra a usurpação dos reinos de Marrocos e Fez por Muley Moluco.

O proprio usurpador procurara evitar a intervenção de Portugal, propondo meios de pacificação.

O monarcha portuguez não lhe deu ouvidos e, deixando o reino entregue a cinco governadores, partiu para Africa no dia 24 de junho de 1578, com um exercito composto de 18:000 homens, dos quaes 3:000 eram castelhanos, 3:000 allemães e 900 italianos.

O exercito de Muley Moluco compunha-se de 150:000 homens; na sua maior parte, cavallaria.

A batalha feriu-se a 4 de agosto d'aquelle anno, sendo o exercito portuguez inteiramente vencido e desbaratado.

Conta Bayão que n'esse dia, vespera da festa de Nossa Senhora das Neves [2], e no mosteiro de Aguiar da Beira, em Riba-Côa, fôra vista a imagem de Nossa Senhora da Lapa, que ali se venéra, suar bagas como de sangue [3].

---

[1] Mesma obra, pag. 112.

[2] A Senhora das Neves é muito festejada em Portugal. Em Grijó de Gaya faz-se uma grande romaria no dia 5 de agosto.

A devoção á Senhora das Neves veio de Roma. Reinando no imperio romano Constancio, dois vassallos nobres e opulentos, João Patricio e sua mulher, que não tinham filhos, avistaram cada um por sua vez Nossa Senhora, que lhes disse querer ser sua herdeira. Resolveram ambos erigir um templo á Virgem, mas não sabiam qual local escolhessem. Ao outro dia, porém, appareceu uma notavel mancha de neve em pleno estio, no monte Equilino: este facto prodigioso determinou a escolha do local e a invocação da Senhora. Consulte-se a este respeito o *Epitome Marianno das festas e mysterios principaes de Maria Santissima* pelo padre João Croiset, traduzido do francez por Dona M. de L. — Lisboa, 1760.

D'esta obra, cuja edição é primorosa, possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa um bello exemplar, e eu outro.

[3] *Portugal cuidadoso, e lastimado* pag. 694.

El-rei D. Sebastião ficou morto no campo, depois de ter praticado prodigios de temeridade. O seu corpo foi reconhecido por Sebastião de Rezende, moço da camara real, e sepultado por Belchior de Amaral[1]. Sem embargo, formou-se a lenda do sebastianismo, isto é, da volta do *Rei desejado*, lenda cuja origem está sufficientemente explicada n'uma passagem da *Jornada de Africa*, quando Jeronymo de Mendonça, tendo dado noticia da fuga dos portuguezes depois do desbarato, diz: «... permittiu Deus que chegárão a Arzilla na mesma noite tres ou quatro homẽs, e como a tal tempo, e a tais horas lhe não quizessem abrir, vendo elles o perigo que corríão se esperassem até polla manham, disseram que vinha ali el Rey dom Sebastião (cautela certo digna de um grande castigo, pellos danos que della resultárão, posto que sua tenção não fosse mais que buscar seu remedio, sem imaginar o que podia acontecer). Abríraõse logo as portas com tanto aluoroço e cõtentamento de todos, como se pode imaginar, e como o Capitão mãdasse acender algũas tochas, hũ delles se embuçou, que parece era o principal, fingindo os outros nelle grande respeito, por escaparem desta maneira da furia do povo e dos soldados, pois não podião cõtestar cõ a verdade, do que auião dito, e realmente cõ rezão se pudérão temer se o engano se manifestára[2]».

Aspecto actual da egreja
da Conceição Velha em Lisboa

Tambem na *Academia dos Humildes* (tomo I) vem noticia de que os fidalgos, que mais apoiaram a empresa do rei, foram apedrejados em Lisboa pelo povo quando puderam remir-se e repatriar-se. Para escaparem á sanha popular, levantaram a fabula de «que o Rey estava vivo, fôra a Reinos extranhos buscar soccorros para se vingar dos barbaros, e cedo havia apparecer em Portugal, vivo, com muitos soldados».

Demoramo-nos n'estas informações por julgarmos que

[1] Jeronymo de Mendonça. *Jornada de Africa,* liv. II, cap. II.
[2] *Jornada de Africa,* cap. II.

ellas pódem assignalar sufficientemente as origens do sebastianismo.

Dos portuguezes, os que não ficaram mortos no campo de Alcacerquibir, ficaram captivos dos mouros, que lhes infligiam duros tratos, horrores de miseria e tortura.

Só uma profunda crença no auxilio do Ceu lhes podia amparar a vida e alimentar a resignação. Muitos d'elles, se não todos, recorreram ao valimento de Nossa Senhora, confiando d'Ella sua redempção e liberdade.

Um dos captivos era o poeta Diogo Bernardes[1]; irmão de Agostinho Pimenta (na religião, frei Agostinho da Cruz).

No seu livro *Varias rimas ao Bom Jesus e á Virgem Gloriosa Sua Mãi* encontramos ainda hoje, não esmorecido pelo tempo, o ecco das ardentes supplicas que á Virgem Santissima dirigiu implorando-Lhe a liberdade depois de por Sua intervenção ter salvo a vida na batalha.

CANÇAM A NOSSA SENHORA,

Que o Autor fez estando cativo.

Oh Virgem sobre todas soberana,
De resplendor vestida, e luz divina,
De lucidas estrellas coroada,
Se logo a dar remedio vos inclina
Qualquer estremo de miseria humana,
Em que se vê a vida attribulada,
A minha tantas vezes desmaiada
Nesta desaventura,
Virgem serena, e pura,
Espera ser por vós remediada.
Esta gram fé que tenho, esta me valha,
Pois esta me valeo,
Oh Rainha do Ceo, na gram batalha.

Oh Virgem, sempre Virgem, do Pai vosso
Sacratissima Mãi, Filha, e Esposa,
Alegria do Ceo, da terra emparo:
A Lua, porque fosse mais fermosa,
Por chapis volla deu o Filho vosso,
O qual vos escolheo como Sol claro,
Aquelle eterno amor, a vós tam caro
Do vosso amor dino,

[1] Nascido em Ponte do Lima entre os annos de 1530 e 1540 e fallecido, segundo o visconde de Jerumenha, em 1605.

Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do Reino avaro,
Tenha conta comigo á vossa conta,
Antes que mais descaia,
Para que livre saia desta affronta.

Oh Virgem, das mais Sanctas a mais Sancta,
Do inconstante mar fiel estrella,
Porta do Paraiso, estrada, e guia,
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vede tanta estreiteza, magoa tanta,
Quanta com magoa chóro a noute, e o dia.
Não me deixeis sumir, doce Maria,
Neste profundo pégo;
Porque povo tam cego,
Como se ri de mi, de vós não ria,
E saiba que deixastes castigarme
Por gram peccador ser,
E não por não poder do seu livrarme.

Oh Virgem d'humildade, e graça chea,
Que converteis em riso o triste pranto,
Da triste miseravel vida nossa;
Como vos cantarei alegre canto
Cativo, sem repouso, em terra alheia,
Entre barbara gente imiga vossa?
Desatai vós esta cadea grossa,
Que meus erros sem fim
Forjárão para mim,
Porque solto por vós, cantar vos possa
Na ribeira do Lima sem receo,
(Oh Madre de Jesus)
Não do turvo Lucuz, de sangue cheo.

Oh Virgem milagrosa, Virgem branda,
Amor do summo amor, prazer dos Sanctos,
Ouvi, Senhora, lá sospiros tantos,
Quantos meu triste peito de cá manda,
Pois vedes que em vós só tenho sperança,
Pesai as minhas culpas na balança
De vossa piedade,
Que d'outra qualidade
Mal póde em tal fortuna haver bonança:
Vede que tal me vejo, vede qual
Tam pouco ha me vi,
E com tempo acudi a tanto mal.

Virgem, por cuja mão são repartidas
Mil graças, que Deos faz na terra, e Ceo,
Que o mesmo Ceo, e terra encheis de graça:
Essa mão, que das mãos me defendeo
Que derão cruel fim a tantas vidas,

D'ajuda me não seja agora escaça;
Porque a dilação em mi não faça
Que não fez o ferro,
E a dôr deste desterro,
Que vai roendo a vida como traça,
Antes de ser de todo consumida
Levaime, pois podeis,
Onde de mi sereis milhor servida.

Oh Virgem singular, pura, sem magoa,
Sem sombra d'erro algum, por cujo rogo
Se conserva no mundo o ser humano,
Oh Çarça de Moisés verde no fogo,
Oh platano fermoso junto d'agoa,
Esperança do povo Lusitano,
Por vosso amor acuda a tanto damno
O poder infinito,
Que já no duro Egypto
Outro povo livrou d'outro tyranno:
Não olhe o clementissimo Jesus
A nossos erros só,
Mas olhe que por nós se poz na Cruz.

Oh Virgem Imperatriz do Ceo empyreo,
Preservada de culpa, e escolhida,
Quem vos póde louvar, quem entender?
Ditosos os que soffrem nesta vida
Tribulação por Deos, cruel martyrio,
Pois a elle, e a vós merecem ver.
Se com penar aqui, se com soffrer
As penas em que vivo,
Se com morrer cativo
Tam alto bem se póde merecer,
Tal vida tenha aqui, tal morte tenha,
Daqui não saia mais,
Porque por meios tais a tal fim venha,

Neste mal, que me rouba o sentimento
A que valer não posso
Virgem, o Filho vosso
Algum remedio dé, ou soffrimento:
Aquillo, que mais for sua vontade,
Póde faser de mi;
Que tudo o mais em fim he vaidade.

Após a canção, vêm os sonetos, e em todos elles a mesma fé e devoção em Nossa Senhora estúa no coração do poeta, que, no apêrto de tamanha miseria, não pode ver luzir-lhe outro pharol de esperança e salvação:

A' MESMA SENHORA ESTANDO CATIVO

SONETO

Qual naufragio no mar, ou qual perigo
Na terra tẽ sem vôs por mim passado
Quando me vi, Senhora, attribulado,
Que vos não visse logo alli comigo?

A certa experiencia do que digo
Me tem nesta miseria confiado
Que cedo me verei desapressado
Dos ferros deste vosso, e meu imigo.

Logo mil brandos versos pendurados
Deixarei em lugar do grilhão duro
Diante da sagrada Imagem vossa:

Porque vejão os mais desemparados
Que sois emparo certo, bem seguro
Em quantos males tem a vida nossa.

A NOSSA SENHORA ESTANDO CATIVO

SONETO

Quãto o remedio humano mais incerto
Estou vendo, ó Sanctissima Maria,
Quanto mais delle a vida desconfia,
Tanto o divino em vós está mais certo,

Bem vedes qual estou neste deserto,
Onde cativo choro a noute, e o dia,
Onde me dão por cama a terra fria,
Onde me tolhem ver o ar aberto.

Este meu desemparo, estas cans tristes,
Que mais alvas se fazem com meu prãto,
Vos inclinem, Senhora, a soccorrerme

Pois sempre em minhas pressas acudistes,
Virgẽ, não tardeis mais, não tardeis tãto;
Que, se tardais, quem poderá valerme?

A' MESMA SENHORA ESTANDO CATIVO

SONETO

Oh do meu doce amor doce cuidado,
Oh defensora minha em paz, e em guerra,
Em cuja mão todo o poder s'encerra,
Em cujo ventre andou Deos encerrado.

Abri hum dia já alvo, e dourado,
Em que deixando atraz est'alta serra,
Passando o bravo mar, abrace a terra,
Onde n'elle se crê cruxificado.

Mereça-vos, Senhora, isto, que peço,
Hũ coração contrito, humilde, e prõpto
A vos servir, podendo, com mil vidas.

Ou seja, se por mi o não mereço,
Á conta das mercês que não tem conto,
Que tendes para todos merecidas

Os clamores devotos do poeta foram ouvidos e attendidos pela Virgem Santissima: Diogo Bernardes pôde resgatar-se e voltar á patria, onde logrou viver ainda bastantes annos.

Entre os portuguezes captivos em Africa, depois da batalha de Alcacerquibir, tambem se contou D. João de Portugal, da casa de Vimioso; e seu pai D. Manuel de Portugal.

Suppondo morto na catastrophe o marido, a viuva de D. João de Portugal, D. Magdalena de Vilhena, desposára em segundas nupcias Manuel de Sousa Coutinho.

Em plena felicidade domestica d'este segundo casamento, appareceu vivo o primeiro marido: é a tragedia com que Almeida Garrett cimentou os alicerces do moderno theatro portuguez.

Como se sabe, Manuel de Sousa Coutinho tomou em Bemfica o habito de S. Domingos e o nome de frei Luiz de Sousa; sua mulher professou no convento do Sacramento em Lisboa.

Na vida monastica, frei Luiz de Sousa foi, alem de um escriptor notavelmente elegante e mavioso, um ardente devoto de Nossa Senhora, especialmente da que tem a invocação do Rosario [1].

Do insigne chronista dominicano ficam espalhadas por todo este livro muitas perolas da sua altissima devoção á Mãe de Deus; mas d'elle queremos especialisar aqui o opusculo *Considerações das lagrimas que a Virgem Nossa Senhora derramou na sagrada paixão, repartidas em dez passos, para a devoção dos dez sabbados.*

Tenho deante de mim este opusculo (que é das obras de

---

[1] Frei Lucas de Santa Catharina, no complemento da *Historia de S. Domingos*, quarta parte, liv. I, cap. XXIV.

frei Luiz de Sousa talvez a menos conhecida) na edição de 1850, feita em Lisboa, e que aliás não é das mais correctas.

Outro dos captivos portuguezes foi o eremita augustiniano frei Thomé de Jesus, filho de Fernão Alvares de Andrade, thesoureiro mór de D. João III, e irmão do abalisado theologo Diogo de Paiva de Andrade e do illustre chronista Francisco de Andrade.

Tendo ficado ferido e prisioneiro na batalha, foi levado para Maquinez e lançado no fundo de infecta masmorra. Certamente por valimento de sua irmã a segunda condessa de Linhares, trasladaram-n'o, medeante instancias do embaixador de Portugal, para Marrocos, onde, rejeitando a pousada que lhe destinavam, quiz internar-se n'um carcere para melhor soccorrer com os auxilios espirituaes da religião os seus compatriotas ali captivos.

Propunham-lhe de cá o resgate: não o acceitou, para não soffrer quebra o seu zelo pelas desgraças alheias, que lá pretendia mitigar pelo exemplo de sua resignação.

Compoz em Africa a obra que tem por assumpto e titulo os *Trabalhos de Jesus*, a qual consagrou *Á Rainha do Ceu, e da Terra, a sempre Virgem Maria Senhora nossa.*» Pede-se-vos — diz elle na consagração — que nos alcanceis de vosso Filho pelos vossos merecimentos um grande espirito para os meditarmos, e uma grande dôr para os sentirmos, para que por meio d'este sentimento, e meditação vivamos (como elle quer, e vós quereis) muito agradecidos a tantos beneficios, quantos nos fez padecendo tantos trabalhos».

Os *Trabalhos de Jesus* foram escriptos com uma notavel heroicidade christã, porque faltava ao seu auctor o papel, a tinta, que só por artificios podia obter, e até a luz, que, recebendo-a coada pelas fendas e postigos do carcere, era escassa e pallida.

Elle mesmo o declara:

«Commetti esta obra, havendo por industria, e muito segredo papel, e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros, e buracos das paredes. Furtava para isto o tempo, por me não verem, e os mais apparelhos necessarios, se não só o que de graça a luz divina a meus interiores, e cegos olhos dava, sem eu lh'o merecer».

N'uma carta aos portuguezes, a qual occupa algumas das primeiras paginas do livro, poz a seguinte antefirma: «D'este captiveiro de Marrocos, e do indigno companheiro

dos captivos attribulados pelo nome do attribulado Jesus, o vosso portuguez frade indigno dos eremitas de Santo Agostinho. A oito de novembro de 1581. Fr. Thomé de Jesus [1].

Outro dos captivos foi Miguel Leitão de Andrada, natural da villa de Pedrógão, bispado de Coimbra, onde nasceu em 1555.

E' o auctor do interessante livro, em prosa e verso (se bem que o verso seja inferior á prosa), que se intitula *Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão grande*, etc., Lisboa, 1629.

Todo este livro é um monumento em honra e louvor de Nossa Senhora, sendo aliás um valioso repositorio de noticias historicas, entre as quaes merecem especial menção as que se referem á perda da batalha de Alcacerquibir.

Uma gravura representa o auctor com o seu trajo de commendador da ordem de Christo, em joelhos, adorando Nossa Senhora, que tem o Menino posto sobre o braço direito e aconchegado ao seio.

A obra é offerecida a Nossa Senhora da Luz n'uma dedicatoria em verso, na qual se allude á estampa acima referida:

A vós este livro, tosco novêlo
De varia lição, mas bem fortunado,
Pois fala de vós e vosso reinado:
C'os giolhos no chão vos venho ofrecelo.

Em muitas passagens se refere o auctor a factos da sua propria vida relacionados com a grande devoção que desde a infancia teve por Nossa Senhora.

Assim, o «Dialogo terceiro» traz o seguinte summario: *Contãse as muytas, & quasi milagrosas mercês, que nossa Senhora da Luz fez ao Autor, no discurso de sua uida, etc.*; e o «Dialogo oitavo: *Contãse algũas cousas notaueis do catiueiro, & mercês que N. Senhora fez ao Autor, e o liurou de huns tratos de polé, & delles o trouxe fugido a Melilha, etc.*

Nas tribulações do captiveiro, Miguel Leitão de Andrada fez voto a Nossa Senhora da Luz pela sua liberdade: «Senhora, vós sabeis o que eu pesso, & o estado em que meos

[1] Nasceu em Lisboa pelos annos de 1529. Falleceu em Marrocos aos 17 de abril de 1582, contando 53 annos de idade e quasi 4 de captiveiro. Compoz tambem, alem de algumas obras em latim, a que se intitula *Oratorio sacro de soliloquios do Amor divino, e varias devoções a Nossa Senhora.*

peccados me tem posto, isso que eu puder ajũtar melhor será pera vos ir fazer hũa festa na vossa casa, & sitio, o que vos prometo se lá me leuares com liberdade. Feito este voto, & contrato com minha Senhora, permetío ella que desde aqui crecessem ainda mais os trabalhos, & perseguições, pera que eu visse, que só ella me tiraua delles como por milagre, & não outra diligẽcia nẽ saber».

Andrada, com o auxilio de Nossa Senhora, logrou fugir do captiveiro e repatriar-se, existindo ainda no anno de 1629, em Lisboa.

No «Dialogo undecimo» descreve as grandes festas que se realisaram na villa de Pedrógão Grande, em cumprimento do voto, e acção de graças.

O que no desastre d'Africa valeu a estes e demais captivos foi a sua fé e esperança em Deus e na Virgem Santissima. Conta Jeronymo de Mendonça, o qual tambem lá soffreu as torturas do captiveiro [1], que em Fez os portuguezes, por impulso de D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso, ordenaram na sejana [2] uma egreja «resgatando os ornamentos que no campo foram por muito preço para celebrar os officios divinos». E accrescenta: «Armou-se logo a egreja o melhor que foi possivel com algumas *imagens de nossa Senhora*, e de outros santos que todos custaram muito, porque os mouros faziam grandes escrupulos de as darem aos christãos, porem o dinheiro os tirava logo [3]».

Ali celebraram a semana santa, fazendo em quinta feira maior uma solemne procissão dentro da mesma sejana.

Os mouros obrigaram os captivos de menor idade a renegar a religião christã e a abraçar a de Mafoma. Uma d'essas creanças foi Amaro, natural de Collares, filho de Silvestre Gonçalves e Francisca Jorge. Puzeram-lhe o nome de Mamy. Mas o rapazinho guardou sempre a fé christã e uma especial devoção a Nossa Senhora [4]. Soffreu com inquebrantavel animo a pena ultima, sendo enforcado pelos mouros, aos dezoito annos.

O mesmo succedeu a Antonio da Silva, natural de Setubal, filho de Manuel Esteves e de Catharina Cardoso, que,

[1] Jeronymo de Mendonça, natural do Porto, pôde resgatar-se e voltar a Portugal, onde, com a segurança de testemunha ocular, escreveu a *Jornada de Africa*, que foi impressa em Lisboa, no anno 1607.

[2] Sejana significa: cadea de christãos entre os mouros.

[3] *Jornada de Africa*, liv. II, cap. IX.

[4] Mesma obra, liv. III, cap. XII.

posto a tratos, «dizia que christão era, e christão havia de morrer, por mais penas que lhe dessem». Era tambem muito devoto de Nossa Senhora[1]. Morreu de modo igual, enforcado, aos dezoito annos e a 4 de julho de 1588.

Faz horror lêr nas chronicas da epoca a narração da allucinação dolorosa que agitou o espirito dos portuguezes ao terem conhecimento da perda da batalha e do exercito. O povo, no primeiro momento, vagueava pelas ruas lastimando-se, carpindo-se, ululando. Tudo estava perdido: a vida de tantos portuguezes, a alegria de tantas familias, a tradição gloriosa das victorias colhidas em tantas outras batalhas, a estabilidade da dynastia, pois que teria de succeder no throno um clerigo velho e enfermiço, e, mais que tudo, peior que tudo, a todos parecia prestes a perder-se a independencia da patria.

No primeiro momento, pois, a desorientação era geral.

Mas a pouco e pouco cada coração ferido pelo luto, que era de todos, procurou o unico balsamo que podia suavisar suas dores: a religião. E o nome da Virgem Santissima, Mãe de Misericordia, Consoladora dos afflictos, foi invocado com mais viva fé e devoção do que nunca, tanto no reino pelos que se julgavam captivos de sua dor, como em Africa pelos que ficaram captivos dos mouros.

Certo entalhador de Lisboa, de nome Antonio Simões, esteve com D. Sebastião na batalha de Alcacerquibir.

Perdida a batalha, Antonio Simões, muito devoto de Nossa Senhora, prometteu fazer-Lhe sete imagens, para outros tantos altares, se conseguisse evadir-se, são e salvo.

Logrou escapar-se, de feito; voltou a Portugal, e tratou de cumprir a promessa. Fez seis imagens de Nossa Senhora, mas, á setima, vacillou na invocação que lhe daria.

O celebre jesuita padre mestre Ignacio Martins, auctor da famosa cartilha do *Padre Ignacio*, com quem o entalhador se foi aconselhar, lembrou-lhe que puzesse á imagem o nome de Nossa Senhora da Penha de França, por memoria de outra imagem, de igual invocação, que tinha um santuario em Hespanha, junto a Salamanca, e estava enchendo a peninsula com a fama dos seus milagres.

Assim fez Antonio Simões, que mandou collocar a imagem na ermida de Nossa Senhora da Victoria, situada en-

[1] Mesma obra, liv. III, cap. XIII.

tão no sitio da Caldeiraria, na baixa, e hoje na travessa da Victoria, esquina da rua do Crucifixo.

Mas, parecendo-lhe que melhor ficaria Nossa Senhora da Penha de França em ermida privativa, propriamente sua, tratou de adquirir terreno no pittoresco sitio de Cabeça de Alperche (hoje Penha de França), sendo a primeira pedra lançada a 25 de março de 1597.

Concluida a ermida um anno depois, e transferida processionalmente a imagem, a peste, que já tinha voltado em 1579 e tornou em outubro de 159[illegible], foi causa de que a população de Lisboa, vendo-se todos os dias dizimada ás centenas, se apegasse fervorosamente com a Senhora da Penha.

O senado de Lisboa fez voto de dar melhor templo, e alfaias, áquella imagem se livrasse da peste a cidade, e de ordenar todos annos, em Sua honra, uma procissão, indo no primeiro anno todos os penitentes descalços.

Este voto foi gravado no arco da capella-mór, na pequena egreja da Penha.

Declinou a epidemia, e o senado cumpriu o voto, saindo a procissão, em 5 de agosto de 1599, depois da meia noite, por causa do calor, e da distancia, de Santo Antonio da Sé para a ermida da Penha.

Todos os penitentes iam descalços, com tochas accesas, acompanhando a imagem de Santo Antonio.

Foi esta a origem da procissão chamada dos *Ferrolhos*, que continuou sahindo de noite, e que se chamou assim porque os da procissão, quando ella passava, iam batendo ao ferrolho das casas, para chamar a attenção dos moradores [1].

Em 1604, Antonio Simões fez doação da ermida, e casas contiguas, aos eremitas de Santo Agostinho, que ali principiaram a edificar o mosteiro dois annos depois.

Em 1604 o senado de Lisboa alargou o templo, em cumprimento do voto que fizera. Choveram esmolas de toda a parte, e Antonio Cavide, que tanto figurou nos dois primeiros reinados da dynastia brigantina, doou importantes bens a Nossa Senhora da Penha de França.

O Papa Clemente VIII concedeu altos privilegios ao templo da Penha: que não pudesse haver em Portugal outro com egual invocação, e que mais nenhum se construisse n'uma área de trez milhas.

[1] O cumprimento d'este voto deixou de continuar-se em 1833.

Começaram a affluir ali romarias de penitentes em grande numero.

Um peregrino devoto subiu, como tantos outros, em romagem a Nossa Senhora da Penha. De longe seria e, por fatigado, adormeceu sobre a relva. Uma grande cobra ia mordel-o prestes, quando um lagarto, saltando sobre o romeiro adormecido, o accordou. Pareceu ao peregrino que o lagarto fôra prodigiosamente intencionado por Nossa Senhora para evitar a mordedura da cobra, e aqui está a razão por que tanto a cobra como o lagarto se perpetuaram ali em lenda piedosa.

O templo da Penha caiu no terremoto de 1755, sepultando nos escombros grande numero de pessoas.

Uma inscripção latina, posta em lapide na balaustrada da egreja actual, memóra que ella fôra reconstruida [1], trez annos depois do terremoto, a expensas de el-rei D. José, do segundo marquez de Marialva, dos maritimos de Lisboa e dos devotos de Nossa Senhora.

E' formosa, sem ser monumental, a egreja da Penha, revestida de marmores variegados e de paineis pintados pelo fecundissimo Pedro Alexandrino de Carvalho, auctor do celebre quadro «Salvator mundi», que está na Sé Patriarchal.

No altar-mór, em camarim, avulta a imagem de Nossa Senhora: é a mesma que Antonio Simões esculpturára, pois que pôde ser desenterrada, com ligeiro damno, das ruinas do terremoto. A antiga corôa de Nossa Senhora tambem foi salva; está deposta sobre uma mesa, á entrada do templo.

E' de uma belleza deslumbrante o sitio da Penha de França. Para um lado a casaria da cidade, que se condensa ao occidente na sua imponente grandeza. Ao sopé do monte o valle amenissimo de Arroyos, uma veiga bordada a esmeraldas vivissimas. Para o outro lado, o Tejo, na sua corrente magestosa, e ao longe, branquejando, as povoações ribatejanas da margem do sul.

Assim, no decurso d'este capitulo, tivemos occasião de vêr Portugal, esmagado pela fome, pela peste e pela guerra, voltar-se, a pedir coragem e resignação, para os templos e imagens da Virgem Santissima, refugio dos peccadores e arca de alliança collocada por Deus Todo Poderoso entre o ceu e a terra.

---

[1] Veja-se a respectiva estampa a pag. 36 d'este livro.

VII

Poetas, missionarios, navegadores e prophetas

SEIS annos antes da desastrosa batalha de Alcacerquibir, um homem, que então seria de 48 annos de idade, tinha divagado por longes terras, Africa e Asia, arrostado perigos e reveses, soffrido desastres e desfortunas, golpes que ou tinham vindo do acaso ou da sua irquieta indole, deu ao prelo de Antonio Gonçalves, impressor em Lisboa, um poema onde todas as glorias de Portugal refulgiam como n'um monumento que os outros homens e os seculos e até os povos extranhos haviam de respeitar eternamente.

Era Luiz de Camões, que fôra cognominado o principe dos poetas portuguezes.

Este inclito cantor das glorias da sua patria não conseguira apenas assignalar-se na epopea, o que já seria triumpho inexcedivel; mas tambem se notabilisou como poeta lyrico, mavioso, apaixonado, brando e terso.

Filiado na escola italiana, logrou livelar-se com Petracha no soneto, como se livelara na epopea com Ariosto e se havia de livelar com Torquato Tasso, cujo poema fôra concluido trez annos depois da publicação dos *Lusiadas.*

Nas suas rimas varias, Luiz de Camões canta principalmente o amor, que para muito amar parece virem fadados os poetas; mas não deixou por vezes de erguer o seu pen-

samento a mais puros e altos assumptos, áquella esphera crystallina onde os astros cantam a gloria de Deus e Nossa Senhora compendía em Suas virtudes todo o brilho dos astros e todas as perfeições dos anjos todos.

E' um bello soneto este, em que Luiz de Camões honra a Mãe de Deus bemditissima:

> Para se nambrar do que criou,
> Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura.
> Vêde que tal seria esta feitura
> Que para si o seu Feitor guardou!
>
> No seu alto conceito te formou
> Primeiro que a primeira criatura,
> Para que unica fosse a compostura
> Que de tão longo tempo se estudou.
>
> Não sei se digo em tudo quanto baste
> Para exprimir as raras qualidades
> Que quiz criar em ti quem tu criaste.
>
> És Filha, Mãe, e Esposa: e se alcançaste
> Huma só, tres tão altas dignidades,
> Foi porqu'a Tres de Hum só tanto agradaste.

Não houve, não tem havido em Portugal homem illustre, ainda dos mais abalisados para alem da craveira vulgar, em qualquer classe ou estado, que se recusasse a render a Maria Santissima a homenagem da sua fé e devoção.

Desde o «principe dos poetas portuguezes» até ao mais ignorante improvisador das romarias de aldea; desde o *maestro* inspirado na Castalia da harmonia até ao rude menestrel errante e pedinte; desde o esculptor que bebe na estatuária grega o ideal da perfeição plastica até ao obscuro oleiro que mal sabe ageitar o barro ao desenho de uma imperfeita imagem; desde o pintor que se occupa em educar a sua aptidão no traço e colorido dos mestres da Renascença até ao aprendiz de *atelier* que não penetrou ainda o segredo das côres e das linhas e porventura o não penetrará jamais; desde o astronomo que procura devassar os segredos do firmamento até ao geologo e botanico que mergulham na profundeza da terra para estudar sua composição e florescencia; desde o theologo que para defender os mysterios da religião encontra argumentos e provas com que discute e demonstra, até á alma dos simples que sabem crer e não sabem argumentar: todos os portuguezes, por tradição na-

Imp. de Libanio da Silva

SÊLLO DA PROVINCIA DA CONCEIÇÃO EM PORTUGAL

(Reproduzido da respectiva *Chronica*)

cional e educação religiosa, têm em todos os tempos elevado o seu pensamento, exprimindo-o melhor ou peior, á comprehensão e adoração d'esse prodigio de graça absoluta e perenne, que Deus escolheu entre todas as mulheres e todos os anjos para encarnar n'uma Creatura digna do Creador.

Assim pois, na escala hierarchica dos poetas portuguezes, Luiz de Camões, principe entre todos os outros, remontando o pensamento ás alturas do Calvario, desfere na lyra de ouro um threno em que vibra sua profunda dor pelas dores de Maria Santissima e em que afloram lagrimas de piedade christã fervorosamente choradas sobre o corpo branco de Jesus chagado e morto:

. . . .

Mas qual será o humano qu'as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover á dôr e mágoa dellas?

E que dos olhos seus não destillasse
Tanta cópia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto sinalasse?

Oh quem te vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo,
Co'os accentos dos Anjos retumbando!

Quem vira quando o puro rosto ergueo
A vêr o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!

Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes,
Para o Ceo, para a gente espalharia!

Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes?

Não era este o licôr suave e claro,
Que para o confortar então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.

Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sêde vieis?

Não era só, não, esse o verdadeiro
Porto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o mundo em hum madeiro;

Mas era a salvação que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.

Pois, ó pura e Santissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta mágoa, quanto
A grave causa della o requeria;

Dessa fonte sagrada e peito santo
M'alcançae huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto.

Do licôr salutifero e suave
M'abrangei, com que mate a sêde dura
Deste mundo, tão cego, torpe e grave.

Assi, Senhora, toda criatura
Que vive e viverá, e não conhece
A Lei de vosso Filho, a abrace pura;

O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado e falso esprito
Perturba a Santa Igreja, que florece;

O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o destêrro seu, que tanto dura,
Lhe diz qu'he pena igual ao seu delito;

O torpe Ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos tão viciosos
Na terra estende a seita falsa e impura;

Os idólatras máos, supersticiosos,
Varios de opiniões e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;

As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa Fé não chega, nem que tenhão
Religião alguma se presume;

Assi todos, emfim, Senhora, venhão
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenhão.

E d'um e d'outro o vicio já deixado,
O seu nome, co'o vosso nesse dia,
Seja por todo o mundo celebrado;
E respondão os ceos: *Jesus, Maria.*

Morre Luiz de Camões dois annos depois do desastre de Africa, dois annos quasi completos, porque a batalha se perdeu a 4 de agosto de 1578 e elle perdeu a vida a 10 de junho de 1580, e a todos parecia que a patria ficaria perdida com a batalha, irremediavelmente.

Fallecêra o cardeal, rei sem successão: sobre a corôa de Portugal pairava a cubiça de seis pretendentes, portuguezes ou extrangeiros mais ou menos aparentados com a dynastia cessante: o reino estava ainda mal convalescido de seus grandes desastres, e os animos desalentados e receiosos: parecia que o poema de Camões seria o epitaphio glorioso de nossa nacionalidade.

Garrett poz na bôcca de Camões moribundo estas palavras sinistras, que o proprio Poeta havia escripto algum dia[1]:

— . . . *Patria, ao menos juntos morremos.*
E expirou co'a patria.

A patria resistiu a sessenta annos de dominação castelhana: sobreviveu á perda de Alcacerquibir e á morte de Camões — dois desastres — porque a preservou de maior ruina a sua valedora e protectora Virgem Santissima, que desde o tempo de Affonso Henriques, invocada por elle, tomára todos os portuguezes sob Sua misericordiosa tutella.

Os mais notaveis poetas do mesmo seculo, se bem que inferiores a Camões, pois que os de todos os outros seculos o têm sido, honraram suas lyras cantando a Virgem Santissima.

Acuda já em abono da nossa asserção Pedro de Andrade Caminha[2]:

Á VIRGEM SACRATISSIMA N. SENHORA.

SONETO

Virgem e Mãi de Deos, quem tanto atina,
Que saiba em voz fallar? Quem mais levanta
A vós o intendimento, mais se espanta,
E perde a luz em vossa luz Divina.

[1] N'uma das suas cartas, que se julga ser a ultima: «Emfim, acabarei a vida; e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella».

[2] Nasceu no Porto em anno incerto, e morreu em Villa Viçosa a 9 de setembro de 1589. As suas *Poesias* foram publicadas pela Academia Real das Sciencias.

Ante vós todo o Ceo se humilha, e inclina,
De vós, Senhora, toda a Igreja canta,
Todos vos chamam Santa, Santa, Santa,
Que assi a santa verdade nolo ensina.

Fostes de vosso Filho tam amada,
Que toda, como a si, vos quiz na gloria,
Como d'um cremos, d'outro confessamos.

Só de Reliquias de vosso uso ornada
Deixou a terra indigna a tal memoria,
Essas amamos, essas veneramos.

Venha logo depois, para o mesmo effeito, aquelle que, sendo irmão de Diogo Bernardes, se chamou no seculo Agostinho Pimenta e na religião frei Agostinho da Cruz.

Tendo nascido em 1540, tomou o habito monastico aos vinte annos, e santamente viveu como eremita na serra da Arrabida desde 1605.

Foi deante da imagem d'esta invocação, tão sua predilecta, e n'aquella serra, que compoz este soneto:

Aqui, Senhora minha, onde soía
Cantar na minha leve mocidade
O muito que de vossa saudade
Desejei d'accender n'esta alma fria:

Aqui torno outra vez, Virgem *Maria,*
Desenganado já, mais de verdade,
Pois me mostrou do mundo a falsidade,
Que a lagrimas comprei quem me vendia.

Conselhão-me tão claros desenganos
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa;

Mas são conselhos vãos, leves, humanos,
Que vós nunca quizestes ser servida,
Se não por puro amor, Virgem fermosa.

Apenas outro soneto mais, porque nos é impossivel acompanhar n'este livro todos os louvores entoados por frei Agostinho da Cruz á Virgem Santissima, especialmente a Nossa Senhora da Arrabida:

Oh Virgem Mãi de Deos, Senhora minha,
A quem me soccorri; por quem chamava,
A quem servir minha alma desejava
Nesta Serra do Ceo vossa vizinha:

Tornarme á saudade que me vinha,
Quando mais docemente contemplava,
Como com favor vosso caminhava,
Daqui donde mais livre se caminha:

Esta terceira ves que determino
(Se Vós assim tambem determinais)
Sem mudança fazer a sepultura,

Mostrai-vos liberal de amor Divino,
Arça [1] neste meu peito tanto mais,
Quanto mais vos dotou de fermosura.

Quando enfermou gravemente, frei Agostinho da Cruz mais uma vez invocou, para bem de sua alma, o patrocinio de Maria Santissima, «que buscou sempre», expressão sua, e certamente lhe acudiriam ao espirito, n'essa hora, postos os olhos no ceu, aquellas ternas redondilhas, que no seu êrmo compozera, talvez emquanto os passarinhos da serra lhe vinham pousar no hombro:

De que lyrios, de que flores
Com que versos, com que prosas
Cantarei vossos louvores?
        Sois aquella,
Que do mar se chama Estrella,
Dos tristes consolação,
Rosa que se creou n'ella,
Toda a nossa Redempção.
        Sois Rainha,
Do Ceu; mas nossa visinha,
Tão solicita de nós,
Que menos tarda a mézinha
Do que chamemos por Vós.

Deponha ainda Fernam Alvares do Oriente, portuguez

---

[1] Arça, fórma antiquada do presente do conjunctivo do verbo arder; frei Amador Arraes ortográpha «arsa».

da India [1], auctor do apreciado romance pastoril *Lusitania transformada*, livro que alguns criticos attribuiram a Camões, o que parece não ter fundamento.

O visconde de Jeromenha convenceu-se de que Fernam Alvares estivera na batalha de Alcacerquibir [2].

Damos apenas um excerpto do *labyrinto* intercallado, com outras trovas, na *Lusitania transformada:*

Virgem de mil graças chea,
Co' Senhor por graça unida,
Sois luz que o ceo fermosea.
Em vós tem certa guarida
A vida que mais recea.

. . . .

Da divina Mente idéa,
Fostes por graça escolhida.
A lua, quando mais chea,
Sua luz vendo rendida,
A vossos pés se recrea.

Á vossa luz inclinada,
A divina natureza
Em si vos dá larga entrada;
Recorre á vossa belleza,
A vós se chega humilhada.

Já se enxerga a luz phebea
Á vossa graça rendida.
De vós se veste e se arrea
Alma que he sem vós perdida
Quando o mór dano a saltea.

De Deos filha, mãi e esposa,
Desse mesmo Deos figura,
Vossa presença amorosa
Neste mundo a vida escura
Faz alegre e faz ditosa.

Nesse mar estrella e guia,
Benigna, branda, lustrosa,
Luz que as trévas alumia,
Já se inclina a vós chorosa
Nossa passada alegria.

. . . .

[1] Nasceu em Gôa em 1510. Era militar; commandou no Oriente um navio de guerra.

[2] *Dicc. bib.*, de Innocencio, tom, II, pag. 280.

Minha vida trabalhosa.
A minha alma em vós segura,
Por vós de mil glorias goza.
A dor muda em gloria pura,
Fermosura tão fermosa.

Finalmente, oiçamos o poeta Affonso Alvares, criado do bispo de Evora D. Affonso de Portugal, que se não foi dos maiores e melhores poetas do seculo xvi, ficou lembrado pelos seus autos e pelas suas requestas com o trovista Chiado:

Ave, Virgem graciosa,
Que concebestes a Jesus,
Madre de Deus gloriosa,
Mais clara estrella que a Luz,
Colorada mais que rosa,
Mais que lirio branco ornada,
Pois que em perfeição, Senhora,
Dos Santos todos honrada,
Que fostes merecedora
De ser no Ceo coroada,
Dos captivos redemptora,
Madre de consolação,
Fonte de todo perdão,
Em quem minha alma adora
Com mui limpo coração:
Rogo-vos, Santa Rainha,
Mézinha dos peccadores,
Perdão dos nossss errores,
Que sejaes minha mézinha,
Pois que de tantos primores,
Da dor de todo o perdão,
Eu humildemente rogo
Que quem tiver devoção
Em mi [1], não lhe empeça fogo
Do inferno, nem trovão,
Por vossa santa Paixão
Que ouçaes os meus clamores;
Mandae-me consolação
Pois sois gloria e salvação
De todos os peccadores.

E, a respeito de poetas, não podêmos por agora ir mais longe.

Mas já nos está tentando outro assumpto, que trazemos um pouco esquecido: a homenagem prestada pelos nossos

[1] Estas palavras são postas na bocca de Santa Barbara.

navegadores, depois do inicio das emprezas maritimas, a Nossa Senhora em novas terras descobertas.

No anno 1431 o infante D. Henrique mandou a Gonçalo Velho Cabral, commendador de Almourol, que fosse correr os mares a oéste. Cumprida a ordem, Velho Cabral encontrou os baixos das Formigas, nos Açores, cujas ilhas aliás não viu, e voltou com a boa nova.

Ordenou-lhe o infante que proseguisse suas explorações no mesmo rumo, e então (1432) foi descoberta a primeira ilha do archipelago açoriano, a que o descobridor poz o nome de ilha de *Santa Maria*, por a ter achado a 15 de agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora [1].

Nossa Senhora do Restêllo

(É a antiga imagem, certamente muitas vezes retocada, a que já se alludiu: pag. 122-123. Os ornatos parecem ser modernos, e a cadeira talvez não seja a primitiva.)

E agora vem mais uma vez a proposito lembrar quanto o dia da Assumpção da Senhora se relaciona com muitos factos notaveis da historia do nosso paiz.

Foi tambem em igual dia que D. Fernando Annes, mestre da ordem de Calatrava em Portugal, fundou na era de 1252, anno de Christo 1214, a villa de Aviz, como se vê da inscripção da porta principal da villa: *in festivitate Assumptionis S. Mariæ* [2].

A ilha de Santa Maria [3], cuja capitania foi dada ao descobridor, recebeu da Extremadura e do Algarve os seus primeiros povoadores [4].

Depois da morte do infante D. Henrique, Pedro de Cintra, cuja viagem foi descripta por Cadamosto, explorou mais de 629 milhas de costa para o sul, e a um dos logares que descobriu e era assombreado de basto arvoredo, deu o

[1] Padre Antonio Cordeiro, *Hist. Insul.*, liv. IV, cap. II.

[2] *Agiol. lus.*, tom. IV, pag. 357.

[3] «... tem 4 leguas de comprido e 3 de largo, é toda assente em pedra viva com mui pouca altura de terra; a grande quantidade de aguas a faz muito amena; é abundantissima de trigo e de cevada que é a melhor dos Açores; produz milho, tem vinho e gado para consumo; os arvoredos são poucos, as fructas são excellentes: e tem muitas perdizes. N'ella se fabríca a melhor louça dos Açores. Exporta para as outras ilhas muito bom barro para obras de oleiro, e pedra calcarea; para Lisboa e Madeira cereaes e legumes» *(Folhinha da Terceira)*.

[4] Accurcio Garcia Ramos, *Noticia do archipelago dos Açores*, pag. 116.

nome de bosque ou matta de *Santa Maria*, logar que navio algum tinha ainda passado.

Vasco da Gama, na sua gloriosa viagem, quando, á volta de Calecut, descobriu a ilha de Anchediva, poz aos ilheos, que tambem então descobriu, o nome de *Santa Maria*, deixando por memoria collocado ali um padrão.

João Homem, capitão de uma caravela pertencente á armada do vice-rei D. Francisco de Almeida (1506), descobriu, antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança, trez ilhas, a dez leguas umas das outras, e a uma d'ellas denominou de *Santa Maria da Graça*.

Assim foi que os nossos navegadores levaram o nome da Santissima Mãe de Deus ás remotas paragens que se lhes iam patenteando, e alguns d'elles, para mais feliz derrota, punham ás suas mesmas naus o nome de Nossa Senhora.

Diogo Bernardes traz o seguinte soneto, que desde já corrobora a nossa asserção:

Á mesma (Nossa Senhora) encommendandolhe huma nao da India, a que se poz nome Nossa Senhora da Boa Viagem.

Fermosa Virgem, mais que o Sol fermosa;
Onde o Sol de justiça recolheo
Sua divina luz; porta do Ceo,
Do mar estrella firme, e luminosa:

Em viagem tam larga, e perigosa
(Pois vedes como a vós s'offereceo
Esta náo quando tal nome escolheo)
Livre seja por vós, por vós ditosa.

Nem a furia do mar, nem a do vento,
Nem outros mil perigos sejão parte
Para não ver o fim, que ver deseja.

Vós a levai, Senhora, a salvamento,
Salva a tornai, Senhora, a donde parte,
Tudo nella conforme ao nome seja.

Na *Historia tragico-maritima*, que detidamente trata dos naufragios nos seculos XVI e XVII que, depois dos *Lusiadas*, é o livro que mais engrandece a coragem navegadora dos portuguezes, a cada pagina se encontra um monumento de fé christã levantado sobre o mar, na voz e alma dos nautas, em honra da Mãe de Deus.

Faremos algumas transcripções referidas ao seculo XVI:

Trata-se do *Naufragio da nau S. Bento* em 1554:

«E como esta afflicção fosse em crescimento cada dia, vendo nós como quanto hiamos descobrindo era cheyo deste brejo; e com muy certas mostras de chegarmos primeiro ao cabo das vodas, que delle; desconfiando poder d'alli sahir por deligencia humana, determinámos recorrer á Divina; peloque, pondonos todos de joelhos em oração, pedindo a Nossa Senhora pela sua Santa Conceição, nos alcançasse de seo Glorioso Filho outro novo milagre semelhante ao que fizera com os filhos de Israel na sahida do Egypto, e passagem do Mar Roxo, mostrandonos caminho por onde d'alli sahissemos, e achassemos algum modo de mantimento, com que reformassemos nossos já quasi perdidos espiritos, e não perecessemos em tal mingoa. E como seo officio seja rogar sempre por peccadores, prouve a ella, que naquelle mesmo dia accometessemos o brejo por parte, que parecia impossivel passallo; e por alli com sua guia (que sem ella não puderamos) achámos maneira com que atravessassemos á outra banda. Pelo que vendo tão evidente milagre, nos puzemos outra vez em oração, dando (não com olhos enxutos) graças a nosso Senhor por tamanha mercê; e afóra os votos particulares, promettemos, em nome de todos, huma romaria a Nossa Senhora de Guadalupe com huma Missa officiada solemnemente, e outra tal na primeira Casa da Virgem, a que fossemos ter; porque vendo o que ella Madre de Deos por nós fizera naquelle dia, d'alli por diante começámos, mediante sua ajuda, de cobrar alguma esperança de salvação, e confiar mais no remedio de nossos desconfiados trabalhos; e nesse mesmo dia, para que claramente conhecessemos de cuja mão tal obra sahîra, e nos não faltasse o Maná do Deserto, achámos muitos cocos de palmeiras bravas, e aquella noite fomos dormir junto de huma alagoa que estava perto do mar, onde achámos certas frutas, quasi como peras, de muito arrezoado sabor, e vierão Cafres ter comnosco».

Naufragio da nau Santa Maria da Barca em 1559:

«Ao Sabbado, que forão vinte e cinco do mez, pela manhãa determinámos de sahir fóra, e por ser pouca a agoa, disse o Guardião ao Capitão mór, e ao Contra-Mestre, que lhe não parecia bem sahirmos tão cedo, que esperassemos para haver mais agoa; e comtudo determinámos de sahir; e sahindo atravessou o batel com hir a maré teza para dentro, aonde esperámos que houvesse mais maré; e quando

fomos para sahir, disse o Guardião, que dissessemos huma Ave Maria a Nossa Senhora da Nazaré; e nisto puzemonos ao remo, com darmos á véla; sendo já na Barra, quebrou em nós hum mar, e apoz elle outro muito mayor, que nos houvera de meter no fundo, e nos arrazou o batel, e quebrou a verga, que era hum bambú grosso, e valeo-nos hir o Guardião de proa com outro homem que levava hum Traquete lésto, que era de mantas; e quando a gente vio o batel arrazado, foy tamanho o alvoroço, que estiverão muito perto de desmayar, e corriamos muito risco de nos perder, e fomos assim correndo nossa róta caminho da Ilha de Santa Maria. E quando foy ao Sabbado ao meyo dia, vimos huma Almadia com negros; elles vendonos fogirão de nós; e hindo mais ávante, obra de meya legoa, vimos huma Ilhota pequena que estava em dezouto gráos. Aqui forão muitos homens fóra a ella, e achárão muitas laranjas, que foy mantimento para a mayor parte de nossa jornada, porque havia homem, que comia vinte laranjas; e aqui estivemos aquella noite, e nisto insistio o Guardião, e alguns homens, que fizerão com que partimos com o vento Susudueste muito rijo, e fomos correndo athé a meya noite hum bolcão ao mar, e fomos a elle, dizendo que era terra. Aqui havia muitos pareceres aveços dos outros, que dizião que não era terra; e quando foy ás duas horas despois da meya noite, achamonos com a Ilha de Santa Maria, que está da terra quatro legoas; e parece que ainda que foramos muito correntes na navegação, não tomáramos melhor porto, que não parecia senão que Nossa Senhora nos trazia pela mão, porque nunca puzemos a proa do batel em terra, que não achassemos agoa, e infinidade de laranjas, que era o nosso pão».

Naufragio da nau S. Paulo, em 1560:

«Ao seguinte dia, que foy da Gloriosíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição Madre de Deos, foy ella servida de nos abonançar o vento, e aclarar o tempo, e mitigar o mar de sua furia e braveza, para celebrarmos com Missa e Prégação, e muita fésta que fizemos seo glorioso dia; governavamos já em Léste, e começavamos já a diminuir».

Da relação do mesmo naufragio:

«O que acabado, perguntou a todos em voz muy alta, se havião assim por bem o que havia ditto, ou não? e que respondessem claramente. O que ouvido, a huma voz respondêrão todos juntos com muitas lagrimas, como em toda

a Oração se derramárão sempre, que fosse seo Capitão Ruy de Mello da Camera, e assim o juravão, e promettião áquella Imagem Santissima de Nossa Senhora, de cumprir e obedecer seos mandados, como de seo Rey, e Senhor; o que ouvido do Padre, se poz em continente de joelhos, vendo o fruto que de suas palavras tirára e recolhia, dandolhe, primeiro que outro nenhum, a obediencia, com algumas fallas, e grossas lagrimas, que por suas venerandas e honestas faces lhe cahião; a que o Capitão acompanhou com outras muito mayores, e o levantou, e abraçou, como fez com todos, hum por hum, dandolhe e jurandolhe a obediencia com tantas lastimas, lagrimas, e suspiros tão alternados, que não houve nenhum, que não derramasse, e estillasse por seos olhos muito mais do que no principio cuidou; porque, que coração houvera ahi tão inhumano, ainda que criado entre Tigres lá nos desertos de Hircania, alimentado com o leite das Viboras, que não abrandasse, e commovesse, e rasgasse de todo em mil partes, lembrandolhe onde estava, em terra tão remota e inhabitada, nas derradeiras partes do mundo, hum terço de gráo da banda do Sul, no meyo da Ilha de Samatra, onde o Piloto veyo a varar de trezentas legoas, cercado de todas as partes de inimigos, para onde quer que houvesse gente?

«O que tudo acabado, jurou o Capitão em hum livro, em que pôz a mão, dos Santos Evangelhos, e pela Imagem Sacratissima da Virgem Nossa Senhora, de se não bolir, nem partir daquella Ilha, nem mover o pé, sem o mais pequeno da companhia».

Na *Descripção da ilha de Samatra:*

«Ao outro dia dezanove de Março, estando prestes para deitar a embarcação ao mar, e ella muito embandeirada com muito fermosas bandeiras, que lhe fizemos; acabada huma Missa, que dentro nella disse o Padre Manoel Alvares, a benzeo, e lhe pôs nome Nossa Senhora da Salvação. E repontando a maré, foy ao mar sem nenhum dano, nem perigo, tão bem feita, como o pudera ser na Ribeira de Lisboa, com que nos dava muito alegre mostra, por nos mostrar tão bom fruto de nosso trabalho, em que, despois de Deos, tinhamos toda a esperança de nossa salvação. E sendo amarada, que demandaria meya braça de agoa, disparou toda a artilharia, que alterou o animo dos homens, e criou em nós novos espiritos, de quão derribados os traziamos».

Relação do *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho* em 1565:

«Vendo Jorge de Albuquerque tamanho espanto na gente, foy cercado de grandissima tristeza e dor, por ver que já não tinha nenhum modo de mantimento, nem que beber; havendo já muitos dias que não bebiamos agoa, nem vinho, e que o vinagre que se dava para molhar o padar, estava já na borra, e que já não havia quem pudesse dar á bomba, nem terem-se nas pernas com fraqueza: poz-se assim muito triste a cuidar que meyo teria para consolar seos companheiros, e supitamente se levantou tão rijo e lédo, como se sahira de alguma festa, e começou a chamar a todos cada hum por seo nome, e tirando de hum livro de rezar seo, que escondêra dos Francezes, duas folhas, em huma dellas estava Nosso Senhor JESUS Christo Crucificado, e em outra a Imagem de Nossa Senhora, as quaes poz pregadas ao pé do mastro, que todos vissem, e chamando-os a todos lhes disse em alta voz: Ora sus companheiros, não haja quem enfraqueça, nem desmaye, ponhamos os olhos naquellas Imagens, com cuja vista nos podemos alegrar e consolar, conhecendo que quem tanto padeceo por nós, pois he todo misericordioso, e piedosissimo, nos salvará deste temeroso perigo, e nos levará a salvamento, e mais tendo nós por advogada, e intercessora a Sacratissima Virgem MARIA Nossa Senhora Rainha dos Anjos, por cuja intercessão, rogos, e merecimentos eu espero e confio, que nos havemos de ver fóra de tamanho perigo: e tornovos a dizer, que não havemos de hir a qualquer terra, senão que pella intercessão da Virgem Nossa Senhora havemos de hir ter a Lisboa, para que nossa chegada em salvo faça notorios os milagres que por nós obrou. E sabey amigos quão confiado estou nisto, que antes me quero aqui comvosco, que na Nao dos Francezes, porque levandome, não quiz hir como vistes, senão mantendovos companhia, e ser testemunha de vista dos perigos que passámos, e das grandes misericordias que Deos comnosco usou.

«Acabando estas palavras nos puzemos todos de joelhos diante das Imagens de Christo Crucificado, e de sua Mãy Santissima, pedindo em altas vozes misericordia, com tão dolorido e lastimoso som, que por sem duvida tenho, que de ninguem pudéramos ser ouvidos, que se pudéra, nos não soccorrêra, doendose de nossa desaventura, por duro e barbaro que fôra: porque era couza lastimosa, e de grandissima

compaixão ver o estado, em que esta misera gente estava, de trabalhos e necessidades, e tão disformes e magros, que nos hiamos já desconhecendo huns aos outros. Jorge de Albuquerque, posto que o não dava a entender a pessoa alguma, vendo que a miseria que passavão não dava lugar a terem muitas esperanças de salvação, nem vida, fez huma declaração por escrito de couzas que cumprião a couzas de sua consciencia, a qual com outros muitos papeis, que relevavão, meteo em hum barril de páo pequeno, e o fechou, e breou muito bem para o deitar no mar, quando se todos vissem na derradeira hora da vida, para que pelos papeis que se nelle achassem, se soubesse o fim que todos houveram. Mas isto se fez com tanto segredo, que nenhum de nós outros então o soube. Vendonos sem léme, ordenámos hum modo de espadella, como remo, de taboas, e páos, que tirámos da Nao, e todas estas couzas, e algumas mais que erão feitas, faziamos com hum machado velho, e hum escopro, e os furos que se havião de fazer com verrumas, os faziamos com prégos quentes, e Jorge de Albuquerque era sempre o inventor de todas estas couzas, e dos primeiros que lançavão mão de tudo o que se fazia. A espadella que fizemos em lugar de léme aproveitou tão pouco, que não queria a Nao governar com ella, e com tudo, com caçar e alargar as pobres e fracas escotilhas, e com remarem dous remos por banda, dava a Nao algum geito de si, e com huma cevadeira, que fizemos de dous mantos com que se os companheiros cobrião: mas tudo isto não aproveitava por ser o vento rijo, e os mares grossos, e sómente nos servia quando havia bonança. Já Jorge de Albuquerque nos não consolava, senão que fiava que como se acabasse o mez de Settembro (que estavamos já a vinte e sete delle) se havião de acabar os trabalhos, e com o mez de Outubro esperava, que havia de vir bonança, e o favor do Bom JESUS, e da Virgem Nossa Senhora».

Ainda da relação do mesmo naufragio:

«Andavamos já todos de maneira, que quasi nos não podiamos alevantar com fome, com sede, e com trabalho continuo que tinhamos em dar á bomba hum espaço de hora, e outro descançavamos, porque ainda que com a hida do Marinheiro abaixo tomámos muita agoa, toda-via nunca deixamos de fazer tanta, que nos era necessario dar á bomba. Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede, e trabalho que contey, sem saber-

mos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nosso Senhor, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreo tão favoravelmente, que milagrosamente a dous dias do mez de Outubro, a huma terça feira, sem o cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas, e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas de meyo dia, acabandose de desfazer hum grande nevoeiro e nebrina, que se fizera pela manhãa, e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Galiza, depois que conhecemos bem onde estavamos, nos alegramos como cada hum póde cuidar; mas feznos tristes o não ter com que hir a ella. E chegandose a Nao para terra muitos fizerão prestes taboas e páos para se lançarem ao mar com elles, quando a Nao desse á Cósta, na qual se desse parecia couza impossivel escapar nenhum de nós, por aquella paragem de Cósta ser tão fragosa e brava, como todos sabem. E querendo por conselho do Piloto e Mestre fazer jangadas para sahir, lhes disse Jorge de Albuquerque: Ah senhores, que vergonha he essa? tão pouca fé tendes, e tão pouco confiais na misericordia de Nosso Senhor, que livrandonos de tantos trabalhos e perigos, vos havia de trazer á vista de terra para vos perderdes? Não creais tal, porque quem vos aqui trouxe, e á vista de tal casa, como he a de Nossa Senhora, não hade permittir, que nos percamos, senão que nos salvemos todos; porque eu espero, que nos leve a parte, onde todos saltemos em terra a pé enxuto, assim como eu vo-lo disse algumas vezes lá nesse Golfão, e bem longe de terra, que agora vemos. Neste comenos houvemos vista de muitas vélas, ás quaes capeámos, e o bem era, que quanto mais lhes capeavamos, mais se desviavão de nós; e alguns dos nossos cuidavão, que havião medo de nossa Nao, por lhes parecer fantasma, porque nunca se vio no mar couza tão dessemelhada para navegar; como o pedaço da Nao, em que vinhamos».

Naufragio da nau Santiago em 1585:

«Tornouse nadando ao penedo, onde as despio de todo, e se lançou atrás do batel, o qual seguio nadando por espaço mais que de tres horas, rompendo grandissimas correntes das agoas, dando muitos e lamentaveis brados por JESU Christo Nosso Senhor, e pela Virgem Sacratissima sua May, que quizessem valer-lhe naquelle tão grande conflito. E seu irmão Gaspar Ximenes estava tal no batel, e tantas

lastimas dizia, vendo o trabalhoso transe de seo irmão, de quem pouco antes tal beneficio de amor tinha recebido, não lho podendo pagar mais que a troco de lagrimas e gemidos, de modo que hum amigo seo se chegou a elle, e lhe disse manso, que se callasse, que estavão todos tão molestados de o ouvirem, que dizião que o deitassem tambem ao mar pelo não ouvirem mais. Pelo que conveyo a Gaspar Ximenes callarse, chorando sómente no coração, e pedindo misericordia a Deos, encomendandose com muita devoção á Virgem Nossa Senhora dos Prazeres da Freguezia de S. Christovão de Lisboa, onde ambos se havião creado».

Naufragio da nau Santo Alberto em 1593:

«Vinda a monção, partio o Navio (que se chamava Nossa Senhora da Salvação) aos vinte e dous de Julho a Moçambique, e metido do Cabo das Correntes para dentro, houve hum tempo Sul tão rijo, que se tiverão os nossos por mais perdidos, que na Nao S. Alberto. Alijarão muitos mantimentos ao mar, e passados dous dias desta borrasca, voltou bonança, com que chegárão a Moçambique a seis de Agosto: onde desembarcados todos, forão em procissão com os Frades Dominicos (que avizados os esperavão na praya) a Nossa Senhora do Baluarte, dando graças a JESU Nosso Redemptor, e á Sacratissima Virgem sua Mãy pelos extraordinarios beneficios, e singulares mercês recebidas de suas Divinas, e liberaes mãos, neste seo Naufragio, e jornada».

Vem agora a ponto recontar, ainda que muito pela rama — pois que o assumpto daria thema para grossos volumes — o zelo com que os missionarios portuguezes foram derramando nas possessões ultramarinas o nome e culto da Virgem Santissima.

Logo que no reinado de D. Manuel se descobriu a India, começaram os frades da metropole, especialmente os da ordem de S. Domingos, a preoccupar-se com a salvação do gentio d'aquella região oriental [1].

O primeiro dos dominicanos que para lá partiram foi o padre frei Rodrigo Homem, o qual estava já na India quando ali chegou Affonso de Albuquerque pela primeira vez (1503).

Aquelle religioso tomou a seu cuidado a egreja de Nossa Senhora da Misericordia em Coulão, na qual era infatigavel na cathequese ao gentio.

[1] Frei João dos Santos, *Ethiopia oriental*, 2.ª parte, liv. II, cap. I.

Outros religiosos, tambem da ordem dos prégadores, foram fixar residencia a meia légua de Baçaim, pela terra dentro, na casa de Nossa Senhora dos Remedios, casa que desde seu principío inspirou grande fé aquelles povos da India e tem fama de muitos milagres.

«Pela qual razão — diz frei João dos Santos — não sómente os christãos, mas tambem os gentios d'aquella terra lhe têm muita devoção, e lhe levam azeite para accender sua alampada, e lhe vão pedir o remedio que todos n'ella acham para suas doenças e enfermidades; e por esta mesma razão muitas pessoas nobres de todas as cidades do Norte, e ainda da cidade de Gôa, que está d'ali a oitenta léguas, lhe promettem novenas, que vão cumprir a sua casa, e muitas mulheres honradas tomam por devoção varrer-lhe os degraus do seu altar com os cabellos, por lh'o terem assim promettido em muitas pressas e necessidades em que a Virgem commummente lhe soccorre [1]».

Ruinas do Carmo (Velha Gôa)

Na velha Gôa a egreja e convento de Nossa Senhora do Carmo eram de uma grandeza e magnificencia superior [2].

Tambem ali havia em Daugim a egreja da Madre de Deus, fundada a expensas de D. Gaspar de Ornellas, primeiro arcebispo de Gôa,

«Era n'esta egreja da Madre de Deus de Daugim, que os vice-reis e governadores da India portugueza tinham por costume ir todos os sabbados de tarde fazer oração; pratica esta que durou até ao tempo do vice-rei conde do Rio Pardo (1816) [3]».

Uma das quatro portas da primitiva cidade de Gôa era constituida por um arco de granito, que ainda se conserva de pé, situado entre palmeiras.

Chamava-se *Porta de Nossa Senhora da Serra*, e tambem da «despedida dos justiçados» por ser ali, na capella assente

---

[1] *Ethiopia oriental*, cap. X.
[2] Lopes Mendes, *A India portugueza*, vol. I, pag. 168.
[3] Mesma obra, volume e pag.

sobre o arco, que se dizia a ultima missa a que assistiam os criminosos condemnados á morte [1].

A devoção á Virgem Santissima foi-se a pouco e pouco propagando por todos os dominios ultramarinos da corôa de Portugal, na Africa e na India.

Na costa occidental de Africa, que foi a primeira descoberta e christianisada, já vimos que em tempo de D. João II fôra levantado no Congo um templo a Nossa Senhora [2], e desde então até hoje tem-se desenvolvido, de seculo em seculo, em toda aquella costa, o culto de Maria, que ali chega hoje a extremos da maior devoção.

Convento da Madre de Deus (Velha Gôa)

Em Loanda, na margem esquerda do Quanza, ha uma egreja denominada de Nossa Senhora da Muchima (Nossa Senhora da Conceição). Esta egreja (a Quissama) está sempre aberta, quer de noite, quer de dia, confiada á vigilancia do gentio que zelosamente a guarda, velando ao mesmo tempo pela conservação das riquezas com que a devoção dos fieis a tem dotado.

As mulheres estéreis fazem continuadas romarias áquelle sanctuario a fim de obter, por intercessão da Virgem Santissima, o dom da maternidade [3].

Na Africa oriental, ilha de Cabo Delgado, conseguiram os missionarios portuguezes que fosse construida uma formosa egreja da invocação de Nossa Senhora do Rosario, obtendo para esse fim uma doação de terras e palmares, que fôra feita pelo senhor da ilha de Quirimba.

O culto de Maria ali ficou implantado, n'aquella costa, desde o tempo das primeiras missões, e ali se encontra ligado a algumas designações geographicas [4].

Tambem os nossos missionarios, na Oceania, levaram á ilha de Solor, que já não é hoje portugueza [5], o culto de Nossa Senhora e a Sua devoção.

[1] Mesma obra, e volume, pag. 158.

[2] Pag. 136.

[3] Este facto vem referido na *Novena da Conceição* distribuida pelas Irmãsinhas dos Pobres.

[4] Chama-se «da Conceição» o porto situado ao sul da embocadura do Zambeze.

[5] Portugal cedeu á Hollanda em 1856 o que lhe restava das ilhas das Flores e Solor na Oceania.

Havia ali, dentro da fortaleza, a egreja de Nossa Senhora da Piedade e era parochial de dois mil christãos. Havia, na terra chamada Guno, um templo que se chamava da Madre de Deus; na povoação de Larantuca, outro, da invocação de Nossa Senhora; em Bayballo, outro, de Nossa Senhora da Esperança; em Quena, outro, de Nossa Senhora da Assumpção.

No Brazil foram igualmente incansaveis os nossos missionarios em espalhar o culto da Virgem Mãe.

A todos se avantajaram n'esse piedoso zêlo os padres da companhia de Jesus.

Na cidade de S. Salvador da Bahia edificaram um templo a Nossa Senhora da Ajuda, que foi o primeiro que no Brazil teve a companhia [1].

Em Porto Seguro construiram por suas mãos, estimulados pelo padre Francisco Pires, uma capella á Senhora d'aquella mesma invocação, e a este respeito conta o padre Simão de Vasconcellos um successo prodigioso.

«Iam aquelles servos de Deus obrando a fábrica da ermida no alto de um monte, e ficava-lhes a agua, assim para a obra, como para beber, muito longe; haviam de descer a buscal-a ao baixo do valle, e entrar de força pelas terras de um morador: levava-o este gravemente, dizendo, que era devassar-lhe sua fazenda: largava queixas contra os padres, e contra suas obras. Dobravam-lhe estas o trabalho, e sentiam mais a paixão do bom homem, que o cansaço de trazer ás costas a agua.

«No meio d'este sentimento, é tradição desde aquelles tempos, que entraram os religiosos em apertados requerimentos com a Virgem. O Senhora (diziam) se agora nos concedêreis aqui uma fonte, ficáramos nós alliviados, aquelle homem assocegado, e vossa obra iria por deante! Eia irmãos (accrescentou o padre Nóbrega, que então se achava presente) sabei ter fé, porque com esta nenhuma cousa é difficultosa: vamos a dizer missa. Cousa maravilhosa! Eis que no meio do sacrificio (que já se fazia na capella, postoque imperfeita) ouvem soar um borbolhão de agua, que brotando de debaixo do altar, foi sair por meatos da terra fóra da ermida perto d'ella e ao pé de uma arvore [2].»

---

[1] Padre Simão de Vasconcellos, *Chron. da Comp. de Jesu do estado do Brazil*, liv. I, pag. 46.
[2] Mesma obra, liv. II, pag. 223-224.

Esta agua ficou acreditada como milagrosa, e a ella se refere o padre José de Anchieta dizendo que n'aquella «fonte tão afamada por toda a costa do Brazil, em que se fizeram, e fazem muitos milagres, saram muitos de diversas enfermidades; aonde vão em romaria em busca de saude, e a acham: e outros para o mesmo effeito mandam por agua d'ella [1]».

Porta de Nossa Senhora da Serra (Velha Gôa)

Tambem o padre Simão de Vasconcellos conta outro outro caso prodigioso acontecido no Brazil ao tempo que n'aquella costa naufragou uma nau de castelhanos, que navegava para o Rio da Prata.

«Na occasião do naufragio — diz elle — houve um caso digno de historia, porque voltando Diogo Alvares Caramurú de soccorrer os castelhanos, se foi a elle sua mulher Catharina Alvares Paragaçú, e lhe pediu com muitas instancias grandes que tornasse a buscar-lhe uma mulher, que viera na nau, e estava entre os indios, porque lhe apparecia em visão, e lhe dizia que a mandasse vir para junto a si, e lhe fizesse uma casa. Tornou o marido, e não achando mulher alguma em todas as aldeas, não se aquietou a devota Catharina Alvares, instava que n'aquellas aldeas a tinham, porque não cessavam as visões, que a certificavam. Feita a segunda, e terceira diligencia, se veiu a dar com uma imagem da Virgem Senhora nossa, que um indio recolhêra da praia, e tinha lançado ao canto de uma casa. Foi-lhe apresentada, e abraçando-se com ella disse que aquella era a mulher que lhe apparecia: pediu ao marido lhe mandasse fazer uma casa, fez-se uma entretanto de barro, e pelo tempo outra de pedra e cal, onde foi honrada com o titulo de Nossa Senhora

[1] Sobre a efficacia maravilhosa das aguas de Lourdes, em França, escreve Henrique Lasserre paginas fortalecidas por uma ardente convicção, no seu bello livro *Nossa Senhora de Lourdes*, que eu traduzi em edição da casa Mattos Moreira (1876). No nosso paiz são reputadas como tendo milagrosa acção (*aguas santas* lhes chama o povo) muitas aguas mineraes, algumas das quaes receberam o nome de Maria Santissima, como, por exemplo, as da Senhora da Abbadia, em Santa Raia do Rio Côvo, da Senhora de Campanhã no Porto, etc.

da Graça, enriquecida de muitas reliquias e indulgencias, que então mandou o Summo Pontifice, etc. [1]».

Os missionarios que em nome de Portugal, e ao seu serviço, foram levar o christianismo á Africa, á India, á China, ao Japão, á Cochinchina, ao Tonkin, á America e ás ilhas da Oceania, derramaram no coração do gentio a devoção á Virgem Santissima, Mãe Immaculada do Divino Homem, cuja religião apostolavam.

Madonna da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto

Entre os missionarios famosos do seculo XVI — e só d'esses tratamos agora — avulta, ao serviço de Portugal, S. Fran-

---

[1] *Chron. da Comp.*, liv. I, pag. 40-41.

cisco Xavier, hespanhol nascido em Navarra, mas que, a pedido de D. João III, viera para Portugal, e d'aqui partira para a India.

A fama de suas virtudes e prodigios tornou-se universal: é o grande apostolo das Indias, cujo nome a Egreja santificou e os povos abençoaram.

Sempre que se via mal tratado dos espiritos malignos, recorria a uma imagem da Virgem, deante da qual se conservava em oração [1].

Era invocando o nome de Nossa Senhora, e a sua divina graça, que elle ia doutrinando a religião christã em terras do Oriente: «Santa Maria, Madre de Jesus Christo filho de Deus, alcançai-nos graça para crermos firmemente, e sem duvidar nada, este artigo da santa fé».

De artigo em artigo, fazia repetir ao gentio esta invocação, que era seguida pela Ave-Maria rezada mentalmente, cada um de per si [2].

Um dos mais insignes missionarios da Companhia de Jesus foi o padre Ignacio de Azevedo, natural da cidade do Porto, visitador no Brazil, onde deu principio ao collegio do Rio de Janeiro.

Voltando ao reino, a buscar mais gente, foi a Roma, onde o Papa Pio V lhe deu um retrato da Virgem Maria, copiado do que S. Lucas pintou.

Tendo recrutado em Portugal e Hespanha 69 companheiros, embarcou em Lisboa novamente para o Brazil.

Na altura da ilha de Palma, foi assaltado por uma nau de corsarios calvinistas.

O padre Ignacio de Azevedo, em tamanho perigo, rodeado pelos seus companheiros que entoavam a ladainha, exhortou-os a morrerem corajosamente pela fé catholica.

E mostrava-lhes, para animal-os, o retrato de Nossa Senhora.

Apresada a nau pelos corsarios, foram trucidados logo alguns dos padres jesuitas, e Ignacio de Azevedo, pois que a todos exhortava, distinguindo-se na heroicidade religiosa que lhe não faltou, recebeu uma cutilada na cabeça e trez estocadas no peito. Cahiu banhado em sangue, não

[1] Padre Manuel Barradas, *Descripção da cidade de Columbo*, na *Hist. Trag. Marit.*

[2] João de Lucena, *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier*, liv. II, cap. III.

largando nunca da mão o retrato da Virgem, e exclamando: «Sejam-me testemunhas o mundo, e os anjos, e os homens, que morro pela fé catholica e egreja romana, e por tudo o que ella confessa».

Ainda se reconciliou com um dos seus companheiros, e, a todos os que ainda restavam, dirigiu uma ultima e fervorosa exhortação, convidando-os a morrer por Christo.

«E n'estas palavras, escoado de sangue, fixos os olhos na santa Imagem da Virgem, que nunca largára, sem signal de sentimento algum, passou a gozar do premio de seus grandes trabalhos [1]».

Passou-se este notavel acontecimento no dia 15 de julho de 1570.

O papa Pio IX, por decreto de 11 de maio de 1854, beatificou o padre Ignacio de Azevedo e os seus companheiros, que pereceram ás mãos dos corsarios.

Entre os mais audazes peregrinos que não pertenciam á classe ecclesiastica avantajou-se, por seus trabalhosos errores alem mar, o famoso portuguez Fernão Mendes Pinto, que se encontrou com o padre S. Francisco Xavier e que nasceu em Monte-Mór-o-Velho (1509).

O seu livro *Peregrinação*, que tão calumniado foi por fabuloso, especialmente nas noticias relativas ao Japão, está hoje plenamente justificado, e é dos mais preciosos que possue a litteratura portugueza.

Em algumas das paginas d'essa obra verdadeiramente notavel se encontram claros vestigios da fé com que os nossos viajantes reverenciavam, em suas explorações ultramarinas, o nome da Mãe de Deus.

Assim nos conta a *Peregrinação* que Antonio de Faria, querendo ir libertar aquelles dos seus companheiros que tinham sido aprisionados pelos chins, dissera aos que deviam auxilial-o n'essa empresa:

—Juro á Casa de Nossa Senhora de Nazareth, que qualquer que me contradisser, me terá por tanto seu inimigo, quanto eu entendo que o será de minha alma quem fôr contra isso [2].

Nos maiores perigos de mar ou de terra era invocado o nome da Mãe de Deus, e o Seu amparo não faltava aos nossos mareantes.

[1] Padre Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. IV, pag. 415.

[2] *Peregrinação*, edição de 1762, pag. 62.

Succedeu, na viagem do Japão para a China, que a nau em que navegavam S. Francisco Xavier e Fernão Mendes Pinto, contrastada por uma grande tormenta, teve de arrear o escaler (batel, como então se dizia) o qual, pela força do mar, se affastou com os seus tripulantes, a ponto da nau o perder de vista.

A propria nau correu grande risco de sossobrar, e então era ouvir-se a bordo a afflictiva grita dos que com muita instancia chamavam por Nossa Senhora que lhes valesse.

Foi ouvido pela Virgem Santissima este clamor, e a nau pôde segurar-se nos vagalhões, mas faltava o batel, que se não via, nem do alto da gávea.

Um dos tripulantes, de nome Pedro Velho, já proferia palavras de desanimo pela sorte dos que o mar levára no batel, mas a isto acudiu o padre S. Francisco Xavier, dizendo: — Ó irmão Pedro Velho, muito pequena fé é essa, que tendes; e duvidaes vós por ventura que pode ser alguma cousa impossivel a Deus Nosso Senhor? Pois confio n'Elle, e na Sacratissima Virgem Maria Sua Mãe, a quem pelo batel tenho promettido trez missas na sua bemdita casa do Outeiro em Malaca, que ha de permittir que aquellas almas, que vão n'elle, se não percam.

De novo o gageiro subiu á gávea a procurar com a vista o batel. Entretanto o padre S. Francisco ficou esperando mergulhado em dolorosa anciedade.

Fernão Mendes Pinto descreve-o n'esse lance angustioso:

«E encostando a cabeça no prepáo do chapiteo, esteve assim com aquella tristeza um pouco impando, como quem queria chorar; e já por derradeiro abrindo a bôcca, e tomando o folego, como que desabafava d'aquella tristeza que tinha, e levantando as mãos ao Ceo, disse com lagrimas: «Jesu Christo, meu verdadeiro Deus, e Senhor, peço-vos pelas dores de vossa sacratissima morte e paixão que hajaes misericordia de nós, e nos salveis as almas dos fieis, que vão n'aquelle batel»; e tornando com isto a reclinar a cabeça sobre o prepáo, a que estava encostado, se deixou assim estar como que dormia obra de dous, ou trez Credos, quando um menino começou a gritar, dizendo: «Milagre, milagre, que eis aqui o nosso batel[1]».

[1] Mesma obra, e edição, pag. 335-336—*Hist. da vida do P. Francisco de Xavier,* liv. IX, cap. XV.

Estão as nossas chronicas de viagens esmaltadas devotamente de casos prodigiosos, como este, que fortaleciam nos corações dos navegadores portuguezes a fé, a devoção, o culto da Virgem Santissima, Mãe de Deus.

Pode dizer-se que a historia das nossas aventurosas navegações é um poema que o mar cantou em honra de Nossa Senhora.

Voltando a reatar a narrativa, após esta breve interrupção consagrada muito em escorço ás missões e viagens dos portuguezes sob os influxos de Maria Santissima, chegaremos á triste epoca em que, succedida a morte do cardeal-rei [1], Portugal entrou nos dominios de Castella, cuja rainha era uma princeza nossa.

De passagem direi que a princeza D. Maria, filha de D. João III e esposa de Filippe II de Castella, teve por confessor um religioso franciscano, frei Antonio de Portalegre, que versejou em honra de Nossa Senhora, rememorando Seus prantos e gemidos no Calvario:

....
Oh cruel cutelo forte,
Oh crueza desmedida,
Oh mortal dor tão crescida,
Vêr morto e vêr a morte
Á vida de minha vida:
Oh morte, porque acrescentas
Mais mortes com teus espaços?
Filho meu, morto nos braços,
Oh, como não arrebentas,
Coração, em mil pedaços!

Se é, infelizmente, certo que muitos portuguezes acceitaram de bom grado ou pelo menos com servil sujeição o jugo castelhano, especialmente a classe nobre, não padece duvida que o povo manteve o seu instincto de liberdade e independencia, seguindo a principio a mallograda causa do Prior do Crato, acompanhando com ardente credulidade o ideal do sebastianismo e as predicções dos prophetas patriotas e manifestando-se logo que pôde nas alterações da ci-

[1] Este monarcha foi muito devoto de Nossa Senhora. No dia da Assumpção costumava distribuir grande numero de esmolas e donativos. (*Chron.* por Miguel de Moura). Beneficiou com importantes melhoramentos a egreja e mosteiro de Santa Maria de Coz (*Agiol. lus.*, tom. III, pag. 699) e fundou em Villa Verde um mosteiro da ordem de S. Francisco, da provincia de Nossa Senhora da Piedade.

dade de Evora, prologo audacioso da restauração de Portugal.

O povo portuguez voltava os seus olhos para o ceu, porque só de lá podia esperar o remedio em tão calamitosas circumstancias, que tanto se iam demorando de anno para anno.

Com profunda magua viu acabar a procissão, commemorativa da victoria de Aljubarrota, que se fazia a Nossa Senhora da Escada, e certamente que essa procissão seria prohibida desde logo, ao contrario do que dizem alguns auctores, porque as auctoridades hespanholas não a consentiriam por affrontosa ao seu orgulho de occupadores e dominadores [1].

Era um voto tradicional, a que o povo ligava um duplo sentimento de devoção e patriotismo, e certamente que a prohibição despertaria na sua alma surdos protestos confidenciados na oração a Maria Santissima para que se dignasse ouvir os brados de Portugal, e o libertasse.

Cria o povo que Nossa Senhora, protectora dos portuguezes, havia de valer-lhe em tamanha angustia [2], tanto mais que logo ao tomar conta do reino Filippe II de Castella se divulgou um caso, que causou profunda impressão e atiçou a fé popular.

Mandou a regencia castelhana que fossem cortados alguns pinheiros, dos melhores que então havia no sitio da Atalaya, onde é venerada a Senhora d'esta invocação.

Marcados os pinheiros, que eram destinados á construcção de naus, e designado dia para o córte, foram encontral-os tortos, inutilisados para o fim a que deveriam ser applicados.

[1] Veja-se sobre este assumpto o 2.º tomo da *Academia dos humildes e ignorantes*, conferencia XII.

[2] Durante o periodo da occupação hespanhola tinham muita procura os livros de devoção a Nossa Senhora, como se pode vêr pelas seguintes informações.

Em 5 de abril de 1596 frei Francisco Dias, religioso da ordem de S. Francisco, teve privilegio, por dez annos, para imprimir o livro *Marial de Nossa Senhora.*

Em 10 de junho de 1602 foi concedido identico privilegio a frei Miguel Pacheco, procurador geral da provincia de S. Domingos em Portugal, para imprimir e vender o *Livro de Nossa Senhora do Rosario*, composto por frei Nicolau Dias.

A respeito d'este livro traz Innocencio larga noticia no seu *Diccionario Bibliographico* (tom. VI, pag. 271).

Em 16 de fevereiro de 1608, privilegio a Bento Gil para imprimir e vender a sua *Obra ácerca da excellencia da oração da Ave Maria, do Padre Nosso, e da Salve Rainha* [1].

[1] Indicações colhidas nos *Documentos para a historia da typographia portugueza nos seculos XVI e XVII*, Lisboa, 1881 1882

Ainda quizeram aproveitar um d'elles para fazer um leme que servisse á nau, que de Nossa Senhora da Atalaya tinha o nome. Feito o leme, e posto no seu logar, não governava certo, pelo que teve de ser substituido [1].

Sem embargo, um dos Filippes, segundo de Portugal, trabalhou junto do Papa para que fosse definido e proclamado o mysterio da purissima Conceição, enviando para este fim a Roma um religioso hespanhol e escrevendo á Universidade de Coimbra a insinuar-lhe que reforçasse esta solicitação com o peso da sua auctoridade collectiva.

Subsiste um documento comprovativo d'este facto: é o seguinte:

«Enos noue de desembro de 617 na sala dos autos publicos desta vnde se aiuntou oSnõr dom Joaõ Coutinho. do Conso desua magde Reitor davnae de Coimbra Bpo elleito do Algarue eos Sñrs drs lentes de todas as faculdades deputados e conselheiros s. ope mestre fr Egio fr. frco Carreiro fr. gregorio fr. frco da fonseca dom Andre dalmada fr. leaõ fr. João aranha, os drs Anto (hemera?) Dos antunes fabricio de aragaõ Luis ribeiro deleiua frco uas degouueia miguelSoares Do mendes godinho Duarte brandaõ os drs Joaõ de Carualho Anto Lco Anto uiegas christouaõ dazeredo christouaõ motinho Esteuaõ dafonseca frco de Andrade, fr. Bento Anto uellozo Anto pinto: Dom lopo dalmda Jeronimo demattos mel daCunha mel Saldanha Vte defigdo Josephe dafonseca mel pinto dom fernando demenezes eoSindico davnde Easi todos iuntos en claustro pleno se uio huma Carta desua magde que o Snr Reitor memandou lesse eeu ali en uos alta e otreslado da Carta de ubo ad ubm he o seginte *Reitor lentes deputados econselheiros davnde de Coimbra. Eu ElRei uos enuio mto saudar Jadeueis ter entendido quaõ affectuosa mte desejo que o Sto padre de clare omisterio dapurissima Concepsaõ da uirgem nosa Snorã, e como pa osolicitar en uiei aRoma aomestre fr. Placido detodos os santos Religioso da ordem de S. Bento da congregacaõ destes Reinos de Castela, Eainda que por minhas Cartas significquei aS.Sde amuita deuocaõ Egeral alueroso Conque em todos meus Reinos se ispera que defina ede clare; todauia entendendo que sera mui emportante pra mouer oanimo deS. S.de que emparticular selhe sinifique por outras uias: uos encomendo eencarrego mto que por uossa parte mani festeis aS. Sde oque asercadisto sentis esente*

[1] *Sant. Mar.*, tom. II, liv. II, tit. LV.

essa vn[de]; E a consolacaõ que vniuersal m[te] causara nello deffenido pedindolhe que omande resoluer combreuidade p[a] que obrigado da aclamasaõ detodos ohaia assi porbem, Eacarta que lhe escreueres me enuiareis deregida amanõs de fr[co] delucena domeo Cons[o] emeo Secretario destado p[a] que se encami nhe a Roma escrita em madrid a 21 de nouembro de 612 Rey e depois de lida acarta se uotou Easentou que se escreuesse a sua mag[de] agradesendo ozello queteue nesta materia Eam que fes avn[de] de lhe comonicar este negocio eque se escreuesse huma carta a sua Santidade na Conformidade quesua mag[de] manda eque esta carta se cometia ofzella ao doutor fr. Egidio ep[e] mestre fr fr[co] Carreiro e adoutor dom Andre dalmada. eque depois defeita esta Carta se uisse en iunta detodos os lentes theologos e oslentes de Canones eprima euespera das outras faculdades digo que se asentou que antes de sefazer esta Carta ouuesse adita aiunta p[a] nella semanifestar oque avn[de] sentia namateria na conformidade da carta desuamag[de] aquem seescreueria que se fosse seruido que a vn[de] dese seoparesser enforma sobre esta materia porescrito Ealegasois seria mais conuiniente ser sua mag[de] seruido pedir a sua Santidade que mandasse aesta vn[de] dese seo pareser ofazer detodas estas cartas se cometia aos sobreditos Easi humas eoutras asentou oclaustro, que fosem asinadas portodos os dr[s] davd[de] alem daspessoas que asistem noclaustro, ese mandaria huma copia asua mag[de] dacarta quese escreue asua Santidade doquetudo fis este termo que elles Sñs asinaraõ dis aentre linha Sua Santidade, e aoutra agrade cendo quetudo fis nauerdade Rui dalbuquerque ofis — dis aoutra entrelinha adita iunta eusobre dito fis

DOMJOAÕ COUTINHO. R[tor]

FR. EGIDIO DAPRESÈTACAÕ	ANT[o] HOMÈ.
·/. OD[r] FABRICIO D'ARAGAÕ	ANT[o] L[co]
	⊥
DOM LOPO D'ALM.[da]	MANOEL DA CUNHA [1]»
C. T.	

N'isto seria Filippe II de Portugal talvez estimulado pelo exemplo da Italia, onde em 1617 recrudesceu a devoção a Nossa Senhora com o projecto de se instituir uma ordem de cavallaria em Sua honra.

[1] *O mysterio da Immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*, pelo sr. dr. Antonio de Vasconcellos. *Instituto*, n.º VI, do vol. XL.

Este projecto mallogrou-se por então, mas foi o germen da instituição da ordem militar da Conceição da Virgem Maria Immaculada, que Urbano VIII veiu a confirmar em 1623.

O que é certo é que, tendo fallecido Filippe II de Portugal, Filippe III, seu successor, renovou junto do Papa Gregorio XV as instancias que haviam sido apresentadas a Pio V no anterior reinado.

Logo a camara municipal de Lisboa, tendo conhecimento dos actos praticados pelo rei castelhano em homenagem ao mysterio da Conceição, se lhe quiz avantajar affirmando mais uma vez a devoção portugueza á Mãe Santissima de Deus.

Prova-o uma representação da mesma camara, cujo teor apenas é conhecido pela resposta do rei:

«Vreadores, etc. Recebeosse a nossa carta, por que me daes conta de como, mouidos da deuaçaõ do misterio da Consceição da Virgem Maria, nossa s^ra^, e para que no pouo se acrescente, querieis fazer pôr nas portas principaes dessa cidade letreiros abertos em pedras, em que se affirme que foy concebida sem pecado original, e approuo m^to^ a piedade com que uos mouestes, e assy o podereis executar: e muito uos encarrego que seja sem dilação [1]».

Passava-se isto no anno de 1618; e assim se fez.

Desappareceram com o tempo os lettreiros então mandados collocar pela camara municipal nas portas principaes da cidade; mas ainda hoje o nome — Conceição — subsiste nos arruamentos de diversos bairros, em abundancia, talvez como um vestigio d'aquella epoca [2].

Teremos ainda occasião de mostrar que o facto a que diz respeito a carta dos vereadores ao rei, não foi privativo de Portugal, antes se renovou por differentes vezes em ou-

---

[1] *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, 1.ª parte, tom. II, pag. 411 e 412.

[2] Ha em Lisboa as seguintes ruas, travessas e pateos *da Conceição:* rua, á praça das Flores, acrescentando-se-lhe de «Nossa Senhora da» por edital de 1859; travessa da Conceição, a Buenos-Aires; rua da Conceição da Gloria, ao occidente da Avenida da Liberdade; pateo da Conceição, a Campo de Ourique; rua da Conceição (vulgo dos Retrozeiros), na Baixa; arco da Conceição, na rua dos Bacalhoeiros; bêco da Conceição, á rua Formosa; quinta da Conceição, a Entremuros; pateo da Conceição, em S. Sebastião da Pedreira; travessa da Conceição de Cima, que finda na rua da Mãe d'Agua.

Havia mais uma rua da Conceição, na freguezia de Santa Engracia, mas em 1859 foi-lhe mudada a denominação para rua das Beatas.

tros paizes catholicos; e que em Portugal o secundou e ampliou a devoção popular.

Na sua ancia de liberdade e independencia, o povo portuguez não só procurava todos estes meios de invocar a favor da sua causa o auxilio da Mãe de Deus, mas tambem dava ouvidos e fé ás prophecias de Simão Gomes, o *Sapateiro Santo*, e Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro em Trancoso, considerando-os inspirados por dom celeste para predizerem a restauração de Portugal.

E relacionava as prophecias com a devoção a Nossa Senhora, porque se lembrava de quanto, alem de outros, aquelles dois prophetas eram dedicados á Mãe de Deus, especialmente Simão Gomes, de quem o seu biographo escreve: «Assim era o devoto Simão favorecido da Virgem Senhora, que se lhe dava por obrigada a lhe acudir cada vez que a invocava, sustentando-o na confiança, e devoção, que lhe tinha, e fomentando com umas mercês a esperança de alcançar outros semelhantes [1]».

A confiança no ceu, após já tão longos annos de captiveiro, ia até ao ponto dos sacerdotes, que mais seguros deviam estar dos designios de Deus e Sua Mãe Santissima, ouzarem animar, do pulpito a baixo, o espirito de reacção patriotica.

Assim, quando o duque de Bragança visitou Evora em agosto de 1635, o padre Gaspar Correa, prégando por occasião do *Te-Deum* celebrado na sé, concluiu o sermão dizendo que esperava vêr o duque com uma corôa... — fez pausa e accrescentou — de gloria.

O povo recebeu esta audaz peroração com tal enthusiasmo, que só faltou acclamar logo ali rei o duque de Bragança [2].

S. Bernardo, tão devoto como foi da Virgem Nossa Senhora, haveria escripto a Affonso Henriques uma carta, datada de Claraval no anno de 1136, prophetisando que a Portugal nunca faltariam reis portuguezes, *salvo se pela gravesa de culpas por algum tempo* (Deus) *o castigar; não será porem tão comprido o praso d'este castigo, que chegue a termos de sessenta annos.*

Com todos estes avisos do ceu, o povo sentia-se animado

[1] *Vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomes, portuguez,* vulgarmente chamado o *çapateiro santo,* pelo padre Manoel da Veiga — Lisboa, 1759. Pag. 22.
[2] Gabriel Pereira, *Estudos eborenses, As vesperas da restauração,* I, pag. 10.

para reagir contra o dominio de Castella, e assim se explica o arrojo com que se aventurou ás alterações de 1637 em Evora.

A devoção á Virgem recrescia.

O padre João de Vasconcellos, sendo provincial da ordem de S. Domingos em 1638, ordenou que na egreja do convento de Lisboa o rosario de Nossa Senhora fosse rezado a vozes, pelos religiosos e seculares, cantando-se apenas um terço para menor fadiga dos devotos.

Commentando este facto, diz Fernão Homem de Figueiredo: «Considerado o tempo em que começou esta santa devoção, não se pode negar (antes piamente se deve crêr) que foi poderoso meio e caminho para Deus pôr seus divinos olhos n'este reino captivo, trabalhado e affligido, usurpado a seu legitimo senhor, a quem Deus hoje o tem restituido; fructos gloriosos do santissimo Rosario da Virgem Senhora nossa, que obrigada d'este singular serviço, que mais que todos lhe agrada, alcança da Misericordia Divina restituir os reinos usurpados, e injustamente reteudos, a seus verdadeiros principes e senhores... [1]»

Não foi indifferente aos clamores, cada vez mais afflictivos, dos escravisados portuguezes, a Virgem Santissima. porque a revolução de 1640, pelas circumstancias em que se fez, mais parece milagre do ceu que esforço dos homens.

Convem lembrar que o 1.º de dezembro cahiu n'esse anno a um sabbado, dia da semana consagrado á Mãe de Deus.

Bem pode ser, e é para acreditar-se, que a devoção de D. João IV pela Virgem Santissima encontrasse novos estimulos n'essa coincidencia, mas o que é certo é que o duque de Bragança, acclamado rei de Portugal, tanto creu dever a corôa real ao favor e patrocinio da Mãe de Deus, que a invocou como padroeira do reino, protectora da sua dynastia e vassallos, renovando e reforçando assim o voto feito por Affonso Henriques cinco seculos antes.

Vamos agora assistir ao desenrolar d'esses acontecimentos, que tanto contribuiram para o esplendor do culto de Nossa Senhora entre os portuguezes.

---

[1] *Resorreiçam de Portugal e morte fatal de Castella*, 2.ª parte, pag. 8.

VIII

Nossa Senhora e a restauração de Portugal

ITO dias depois de acclamado D. João IV, isto é, a 8 de dezembro de 1640, assistiu o novo rei á festa da immaculada Conceição na capella real.

Era a primeira solemnidade religiosa a que assistia investido em tão alto cargo.

Prégou o sermão frei João de S. Bernardino, franciscano, definidor perpetuo da provincia de Portugal.

Este sermão, que foi impresso na officina de Antonio Alvares em 1641, e que é hoje estimado como raridade bibliographica, occupa-se largamente do facto da acclamação.

Na peroração, o orador, recordando a devoção com que a corôa e a nobreza de Portugal desde remotas éras reverenciaram a Virgem Santissima, conclue dizendo:

«Em sabbado dedicado á Mãe de Deus se acclamou rei por geração, linha e sangue o invictissimo rei D. João o quarto do nome, nosso senhor. Hoje é o oitavo dia da sua acclamação, sabbado dedicado pela Egreja á Immaculada

Conceição da mesma divina Senhora: quiçá assignalou Deus este dia do sabbado em seu descanso, *requievit die septimo*, para que ficasse assignalado por dia deputado ao descanso de Portugal. Os dous setimos avós de vossa magestade, que ha pouco mais de duzentos e cincoenta annos restauraram este reino, devotissimos foram da Mãe de Deus, e alem de muitas casas, que lhe dedicaram, levantaram em seu nome esses dous templos da Batalha e do Carmo, émulos de todas as idades. O grande rei D. João o primeiro teve tanta devoção á Mãe de Deus, que elle mesmo trasladou as suas *Horas* de latim em a lingua portugueza, que em a côrte accendeu muita devoção da mesma Senhora. O fortissimo Dom Nuno Alvares Pereira foi o primeiro, que levantou egreja em Portugal da Immaculada Conceição, como os dous infantes Dom Fernando e Dona Beatriz, quartos e quintos avós de vossa magestade, foram os primeiros, que lhe dedicaram mosteiro, qual é o insigne e religioso convento da Conceição de Beja: falta-me o tempo e a lingua para referir o mais.

«Grandes serviços, santissima e gloriosissima Senhora, vos tem feito os avós do nosso invictissimo rei, fructo de nossas lagrimas, amoroso objecto de nossas saudades, e suspiros, sobre que tantas vezes luctou o desejo com a esperança. Bem creio que, postas as corôas a vossos pés, estarão hoje de joelhos deante de vossa grandesa, agradecendo-vos o que está feito, e pedindo-vos prospero successo em tudo o que se deseja. Ouvi-os, soberana Senhora, elles vos mostram o escudo d'este reino, em que vêdes o hierogliphico divino, do preço, sangue, e chagas, a que deve tudo vossa preservação e puresa. Direi a Vosso divino Filho que nunca Portugal teve victoria, que não fossem victoriosas suas Chagas. E vós, invictissimo rei, saudade, e já hoje possessão nossa, cingi a espada, *accingere gladio tuo, potentissime, intende, prospere procede, et regna.* Procedei prosperamente, e reinai. Verdade, mansidão e justiça vos hão de levar adiante. Vossas armas serão victoriosas e vosso reino eterno. Oh, *estitit regina a dextris tuis*, que tudo vos está promettendo a soberana Rainha do Ceu, a Mãe de Deus, com a assistencia que faz a vossa mão direita, *a dextris tuis*, que se com essa mão haveis de mover a espada, quer esta divina Senhora ajudar-vol-a a mover. Seja assim, Senhora, seja assim, e eu vos prometto em nome de todo este reino que elle agradecido levante um tropheu a Vossa Immaculada

Conceição que, vencendo os seculos, seja eterno monumento da restauração de Portugal [1]».

É certo que Nossa Senhora da Conceição favoreceu maternalmente a restauração de Portugal; e é tambem certo que a promessa de frei João de S. Bernardino, comprehendida nas ultimas palavras do seu discurso, foi devidamente cumprida.

Vamos seguir, desde os primeiros passos, os esforços, diligencias e solicitude com que o novo rei se desobrigou do compromisso tomado no pulpito por tão illustre orador e da divida de gratidão nacional a Maria Santissima pelas mercês e graças com que acudira a pôr termo á escravidão do reino.

Reconhecendo quanto D. João IV era devoto do mysterio da Conceição, lembraram-lhe os frades franciscanos que o jurasse e fizesse jurar pelos estados do reino.

«E para disporem melhor esta notavel empresa — diz frei Fernando da Soledade — diligenciárão com o proprio Monarca ordenasse á Universidade de Coimbra não désse gráo a sugeyto algum sem o tal juramento. Allegárão que isso mesmo se praticava na de Pariz (a qual foy a primeyra que jurou a Conceyção) na de Colonia, na de Moguncia, na de Napoles, e em oyto, ou nove de Hespanha, & que não correspondia á grande devoção, que os Portuguezes tem á Mãy de Deos, estar ainda a sua principal Universidade sem lhe render aquella veneração, que tantas lhe dedicavão».

El-rei D. João IV logo attendeu do melhor grado a petição dos franciscanos, e d'ella mandou dar vista ao reitor e claustro da Universidade.

Um documento authentico refere o que se passou em Coimbra por essa occasião e sobre esta materia:

«Emos 9 de junho 645 nasala dos autos da Vn^{e} ce aiuntarõ ocenhor m^{el} de Saldanha R^{tor} da Vn^{e} Bispo eleito de

[1] Modernisamos a orthographia do texto, para tornar menos monotono este capitulo, em que alguns documentos terão de ser transcriptos na sua orthographia originaria.

Viseu eos d[s] lentes deputados e concelheiros acaber fr leõ fr Paulo fr. jorge fr d[o] artur fr luis Ponsote fr miguel Valentim Ant[o] leitõ cebastiõ de guarda m[el] dAlmeida.... marcal Cacado fr vahia V[te] Correa d[tor] (vas?) mathias... jose mendes D[tor] Fernõ magro.... de sousa dor fr[o] (de Castro?)..... Ambrosio trigueiros dr Carualho Jo[m] Peixoto martim..... mel.Alues correa Bernardo dacevedo Thomas cerrõ P[o] de sousa o Conceruador, ecindico casi iuntos propos o Sr R[tor] hũ provisõ desua mg[de] ...... aordem de sua mg[de] p[a] que ce vice neste Claustro Pleno hũ peticõ do prouinsia d. S. fr[co]... edos lentes e doutores desta vn[de] nella aci... pediõ a sua mg[de] mande ler juramento defender nesta vn[de] a pureca da Virgem nosa srã cq̃ fora concebida cem peccado original e propondo o sr R[tor] esta materia em Claustro, e lendo nelle os papeis na forma da ordem de sua mg[de] ce acentou por trinta equatro uotos dos trinta eceis que ce acharõ presentes q̃ uistas e concideradas bem as resoẽs grandes pordantes q̃ ce apontarõ nõ auia porq̃ alterar ojuram[to] q̃ nesta vn[e] cefas eprofisõ de fee nas ocacioẽs que estatuto manda antes que ce ofersiõ grandissimos inconuenientes p[a] ce jurar o q̃ os ditos padres pretendiõ acerqua da pureca de nosa Sr.[a] os quaes todos emcomendarõ aosenhor R[tor] q̃ os apontase asua mg[e] dandolhe conta deste acento do Claustro edas resoẽs porq̃ ce tomou ⌊ eordenarõ q̃ acopia da Carta q̃ se escrevece asua mg[e] fiquase (acostada?) aeste liuro dos Claustros p.[a] q̃ emtodo o tempo (houuece?) memoria das resoẽs deste acento ⌉ eisto he o q̃ ce acentou neste Claustro pellos ditos trinta e quatro uotos dos quais forõ alguns dos que asinarõ adita petiçõ dos Padres ese (retratarõ?) depois que ouuirõ as resoens efundam[tos] q̃ ce considerarõ eaos dous uotos q̃ mais ce votarõ por certo pareceo q̃ ce deuia p[ro] q̃ tudo ouuir as resoẽs q̃ nesta materia podiõ alegar os Padres de S. fr[co] q̃ fizerõ apeticõ oq̃ cenõ fes neste Claustro por parecer Escucado eaordem de sua mg[e] nõ dar logar aisto doq̃ fis este termo q̃ asinarõ Joõ Sylua ofis

M.[el] de Saldanha R.[tor]

+

fr: Diego Arturo	D.[or] Ant.[o] Letaõ Homem
fr Leaõ de s[to] Thomas	D[r] Sebastiaõ da g[da] ERego [1]»

[1] *Conselhos*, I. 22 (1645-1651), cad. 2.º, fol. 75 v.º-76 v.º Estes e outros documentos são transcripções do excellente estudo que o sr. dr. Antonio de Vasconcellos publicou no *Instituto* de Coimbra em 1892.

Como se vê, a Universidade de Coimbra entendeu que o juramento não devia ser alterado.

O reitor fundamentou em nove argumentos a sua resposta, e em outros tantos baseou o claustro a sua.

Mandou el-rei aos padres franciscanos uma e outra resposta, para que dissessem de sua justiça.

O provincial da ordem delegou esta missão no padre frei Manoel da Esperança, natural do Porto [1], que foi o auctor da 1.ª e 2.ª parte da *Historia seraphica*, e que respondeu ás objecções da Universidade desfazendo-as.

Frei Fernando da Soledade, continuador da *Historia seraphica*, dá uma summula dos argumentos do reitor e claustro, bem como da resposta do padre Manoel da Esperança:

«O Reytor se escusou offerecendo nove razoens, pelas quaes lhe parecia inconveniente o juramento; & da mesma sorte appresentou outras tantas o Claustro, as quaes todas mandou ElRey aos nossos Padres para que lhes respondessem, & o Provincial commetteo esta diligencia ao Padre Frey Manoel da Esperança, que a todas deo satisfação em hũ tratado, do qual nesta memoria lançaremos huma breve summa.

«Na primeyra razaõ dizia o Reytor que a opiniaõ de ser Maria Santissima concebida em graça não era nova, mas de novo movida pelo Padre Frey Alexandre de JESUS Leytor de Theologia desta Provincia de Portugal. A este ponto respondia o Padre Fr. Manoel da Esperança com boas razões, concluindo que no caso presente não se tratava da opiniaõ, mas do juramento, o qual pelo mesmo principio de naõ ser aquella nova, & estar em toda a Cristandade aceyta, devia ser abraçado sem repugnancia

«Na segunda propunha que não era necessario o juramento, pois que os Breves Apostolicos favoreciaõ tanto esta causa: & lhe respondia que com o dito juramento se corroborava, & juntamente se acendia mais nos corações dos Fieis a devoçaõ da Mãy de Deos, vendo q̃ os Varões doutos em publico promettiaõ defender esta sua especial excellencia.

«Em terceyro lugar dizia que sem ordem do Papa não se podia accrescentar cousa algũa ao juramento, & profissaõ da Fé, que os Doutores faziaõ na fórma, que ordenou o Santo Pio V. Ao que lhe replicava, que esta razão naõ valia

[1] Falleceu em Lisboa no anno de 1670 com mais de 84 annos de idade.

senão em juramentos, que cahem sobre materia de Fé: porq̃ ainda que estes não pudessem accrescentarse, não deyxavão de ter lugar (como confessava o mesmo Reytor) os outros de cousas pias, qual era o pretendido. E porque a mayor força desta razão incluhia a duvida de poder, ou não poder sua Magestade obrigar os vassallos a hũa cousa, que a Igreja deyxava livre ao parecer dos Fieis, o Padre discorria desta maneyra: que nos termos dos Breves Apostolicos permittido era a cada hũ dos homẽs julgar no seu entendimento o que lhe parecesse a respeyto da Senhora ser, ou não ser concebida em graça, por não estar definido este ponto: & que se hum tivesse para si que fora concebida em peccado, no seu mesmo entendimento havia de ter encarcerado este conceyto, porque confórme os ditos Breves, já não o podia pronunciar com a lingua, & só tinha liberdade para fallar quem fosse do contrario parecer. Donde resolvia que a pretenção dos Franciscanos não hia encaminhada a que os Doutores no seu entendimento julgassem que a Senhora fora immaculada, nem que jurassem o Mysterio em si, mas de defender a opinião, que só podia sahir a publico, segundo a determinação Apostolica. Logo mostrava q̃ era pio o juramento, & licito a ElRey mandar que o tomassem todos os graduados: trazendo depois dos pareceres dos Theologos varios exemplos de juramentos, que se tomavão de defender doutrinas, de não se doutorarem fóra de certas Universidades os Licenciados, de não se admittirem aos Collegios senão os que tivessem certas qualidades. Ultimamente concluhia que ElRey não obrigava neste caso a jurar por força, mas usava do seu direyto, ordenando na sua Universidade o que lhe parecia serviço de Deos, & louvor de sua Mãy Santissima. E assim como já estava posto por condição aos que se encorporavão o jurar de assistir na sua festa, & em outras, as quaes pela razão do juramento se chamão *Prestitos*, tambem sua Magestade podia assignar por condição aos que se quizessem doutorar q̃ primeyro promettessem com juramento de defender a opiniaõ da Conceyção immaculada: & que deste modo, assim como elles livremente pediaõ o grao, tambem por sua vontade renunciavão a liberdade, & direyto que d'antes tinhão para deyxarem de tomar juramento.

«Dizia a quarta razão que os graos em Theologia, & Canones se davão por authoridade Apostolica; & que por isso se duvidava de poder sua Magestade assignar nelles a con-

dição referida. A' qual se mostrava que tambem nenhum Frade Franciscano fazia profissaõ sem ser por authoridade Apostolica, & com tudo isso antes de professar tomavão todos o sobredito juramento, porque assim o determinavão os Prelados nos Estatutos: & que era abater, & diminuir muyto o poder de hum Rey, mostrando que este na sua Universidade sem prejuizo das resoluções Apostolicas não podia mandar que se observassem cousas justas, & licitas. E porque o Reytor accrescentava nesta razão que não lhe constava terem jurado as outras Universidades, o Padre Mestre Fr. Manoel da Esperança allegando a Canisio, Suares, Surio, Cavello, & Portel, lhe respondia que só em Castella, que he o Reyno mais vizinho a este, se tomava o juramento nas de Salamanca, Alcalà, Sevilha, Valhadolid, Ossuna, Valença, Çaragoça, Huesca, Saona, & outras.

«Propunha logo o mesmo Reytor em quinto lugar, suppondo os sobreditos exemplos, que a Universidade de Coimbra em não os seguir atè este tempo devia fundarse em algũa razão de desconveniencia. Ao que satisfazia o Padre Mestre, dizendo que não era atè aqui chegado o que estava disposto pela Divina Providencia, a qual suavemente vay offerecendo meyos para mais se affervorarem os corações Catholicos na devoçaõ da Senhora, como se vio na mesma opinião da sua Conceyção immaculada, que principiou como Aurora, & foy subindo a ser Lua, & ultimamente a ser Sol.

«A sexta razaõ era repetição da terceyra.

«Na setima allegava que os Religiosos de N. Padre Saõ Domingos não quereriaõ jurar, & que por este modo ficariaõ impossibilitados para se graduarem. Mas o Padre Mestre lhe mostrava q̃ fazia grande aggravo a huma Religiaõ tão santa, tão prudente, & tão devota da Mãy de Deos, que no seo Manual impresso em Sevilha no anno de 1524, declarou não ser conveniente dizerse que a Senhora fora concebida em peccado; porque se o Doutor Angelico escrevèra naquelle tempo, no qual o applauso gèral da Igreja acclamava a sua preservação, o mesmo havia de sentir. Allegava no sobredito a Egidio, Salazar, Canisio, & muytos, que refere o mencionado Cavello, o qual nomea mais de trinta Escritores graves da mesma Ordem, que em seus livros defendèraõ a pureza da Conceyçaõ de Maria Santissima. Ultimamente lhe propunha o exemplo de Salamanca, aonde elles a juravão; & se hoje fora vivo, acabaria de conhecer na mesma de Coimbra o quãto hia desviado da verdade o seu discurso.

«Na oytava razaõ dizia que estando nesta materia tantos Doutores graves por ambas as partes, não era decente à Universidade ordenar hũa cousa, que naõ fosse commua na approvação de todos. Aqui lhe mostrava o Padre Mestre a desigualdade, que havia confrontado de hũa, & outra banda o numero dos Padres, & Doutores: & concluhia com Suares, & Vasques, dizendo o primeyro que de duzentos annos atè a sua idade quasi todos os Escritores Ecclesiasticos, Universidades, Religiões, & Prelados acclamavaõ de commum consentimento por immaculada a Conceyçaõ da Virgem Maria. E o segundo fallando do seu tempo escreve o seguinte: *Non solùm omnes Theologiæ professores, & Doctores, exceptis... sed etiam omnes, qui Christiani nominis fidem profitentur, in hanc sententiã uno animo, & affectu ita conspirant, ut sine magno populi scandalo, ut rectè notavit Corduba, jam nemo possit oppositum populo in concionibus exponere.* Na mesma razão accrescentava o Reytor que, jurando a Universidade, pareceria a muytos que se metia em cousas, q̃ pertenciaõ mais á Igreja, do que a ella; & lhe replicava que assim seria, se a dita Universidade se metèra em defenir, ou em affirmar por juramento que a Senhora fora concebida sem peccado: porèm que o jurar de defender a opinião a seu favor era cousa muyto diversa, & pertencente a hũa Universidade Catholica, porq̃ nisso mesmo se accommodava com a Igreja Romana, que favorece a propria opinião.

«Em a nona razão dizia o Reytor que o fim, porque os Pontifices havião passado tantos Breves a respeyto deste Mysterio, era aquietar a Christandade, & obviar motins, & brigas; & que agora com o juramento se renovarião as pendencias. Ao que o Padre satisfazia, mostrando que as inquietaçoens não procederaõ do juramento, mas da muyta licença, & liberdade, que algũs tomavaõ para condenar a Mãy de Deos á culpa original. E porq̃ os ouvidos Catholicos naõ podiaõ tolerar tam escandalozas razões, se perturbavão os animos, & sahiaõ a campo defendendo a preservaçaõ da Virgem Santissima. E porque esta era a lenha, em que se acendiaõ as discordias, acháraõ as Universidades que não havia meyo mais proporcionado para extinguilas, do que fazer o juramẽto publico, porq̃ com este exemplo ninguem se deliberaria a sahir à prezença dos fieis com aquella cõdenação. Em fim concluhia que para se estabelecer hũa paz perpetua entre os Catholicos, não havia cousa mais conveniente que o juramento dos Doutores.

. . . .

«Depois das escusas do Reytor da Universidade seguiraõ-se as do Claustro, & assim humas, como outras naõ foraõ correspondentes aos empenhos, q̃ mostrárão por parte de Maria Santissima no anno de 1617. quando a instancias delRey D. Filippe II. de Portugal escrevèrão ao Papa, ajudando ao mesmo Rey, que nesse tempo pretendia com força que a Igreja definisse o mysterio da Conceyção.

«Diziaõ os Lentes em primeyro lugar o que agora acabàmos de referir, & que tendo feyto supplica a sua Santidade, não devia innovarse cousa algũa sobre a materia.

«Em segundo que a Universidade celebrava este Mysterio no seu dia, achando-se toda na propria solemnidade *sub præstito juramento*, & nisto dava a entender que fazia o que bastava. Mas o Padre Fr. Manoel da Esperança, agradecendo-lhes muyto estes dous serviços, que haviaõ feyto, & faziaõ à Mãy de Deos, lhes mostrava que as outras Universidades o mesmo obrárão, & com tudo isso lhe rendiaõ de mais o obsequio de se obrigarem a ser defensores da sua pureza. Advertia porèm aqui o dito Padre a sua Magestade que havendo tantos Lentes na Universidade de Coimbra, pois só de Theologia tinha nove, neste Claustro não se ajuntárão por todos mais do que seis, & tão apayxonados quatro, que clamando os dous que se nos dèsse vista da sua resolução, não foy possivel, antes a mandárão entregar na mão delRey, a quem a Santissima Virgem moveo para que nos fizesse sabedores da súa indevoção.

«Expunhão em terceyro lugar que se duvidava de ser licito o juramento pretendido por tres fundamentos. O primeyro, porq̃ ninguem podia jurar contra o que entendia; ao qual já estava respondido na terceyra razão do Reytor. O segundo, porque deste juramento podia nascer escandalo, & o povo perceber algũa opiniaõ errada contra quem tinha affirmado o contrario. A isto satisfazia o Padre Mestre, propondo que ninguem se escandalizava de ver favorecidos os seus desejos; & que supposta a devoção gèral, com que os Fieis se inclinavão a esta opinião, appetecendo todos q̃ a Igreja a definisse, mal poderião sentir desprazer, vendo-a corroborada com juramento. Accrescentava que o escandalo seria não fazer a Universidade de Coimbra o mesmo, que todas as de Hespanha, & muytas da Europa. E que se dos juramentos destas não resultou ao povo opinião errada contra os que eraõ de cõtrario parecer, menos havia agora que recear entre Portuguezes, que não saõ temerarios. Aqui

nomeava os Bispados que tinhaõ feyto o mesmo sem algum prejuizo. O terceyro fundamento era que a ninguem se podia obrigar a jurar o que a Igreja deyxou ao arbitrio de cada hum; o qual ponto já estava satisfeyto nas razões do Reytor.

«A quarta dizia que a Sè Apostolica para aquietar ambas as partes havia ordenado o que constava dos seus Breves, por onde não parecia conveniente fazer de novo o juramento. Ao que respondia o Padre, mostrando que esta razaõ valera, se o dito juramẽto naõ servira de corroborar a disposiçaõ dos mesmos Breves, que em effeyto corroborava, como havia declarado, & manifesto na contrariedade á segunda razaõ do Reytor. E porque esta agora dizia de mais que seria deslustre da Universidade guardar com juramẽto o que os Pontifices mandavaõ observar sem elle, lhe provava q̃ antes era honra obrigarse por outros titulos (como filha obediente da Igreja) a observar o que a mesma Igreja lhe ordenava.

«Na quinta razaõ dizia que a determinaçaõ dos Põtifices nos seus Breves, seguindo a parte mais pia, se encaminhava a consolar o animo dos Fieis: & que quando o seu juramento isto grãgeasse, seria mais justificado. Ao que já se tinha respondido, mostrando que do tal juramento havia de resultar grande consolaçaõ aos Catholicos. E porque se additava a esta razaõ, que estando tudo em paz, serviria o juramento de inquietar as Religiões; se convencia o vão temor pelo contrario, como em outro logar se havia exposto.

«Propunha a sexta razão que o Vigario de Christo quando queria tomar algua resolução notavel nas cousas da Igreja, costumava consultar as Universidades, & que não seria acertado á de Coimbra jurar de guardar, & defender aquillo mesmo, sobre que podia ser arbitra. A isto respondia cõ admiração o Padre-Mestre, notando que entre tantas Universidades da Europa, as quaes naõ repararaõ em semelhante ponto, só a de Coimbra considerava que podia ser juiz na causa da Mãy de Deos. E depois de mostrarlhe que não era incompativel o juramento com o seu parecer, quando o Summo Pontifice a quizesse consultar; dizia ultimamente que para este negocio não havia de esperar a Igreja o seu voto; porque para definir semelhãtes pontos, naõ se valia dos pareceres das Universidades, senaõ da luz, doutrina, & inspiraçaõ do Espirito Santo, que he quẽ assiste nas suas definições. Na mesma razão continuava o Claustro que parecia inconveniente jurar a Universidade huma cousa, que

a Igreja podia depois definir pelo contrario. Ao que o Padre Frey Manoel da Esperança deo tres respostas. A primeyra fundado em Suares Granatense, o qual resolve que não póde a Igreja definir pela parte cõtraria, porque naõ define falsidades. *Non potest terminare hanc litem definiendo contrariam sententiam, cum falsa sit* [1]. A segunda, que ainda supondo que assim acontecesse, nenhum inconveniente redundava à Universidade pelo juramento de defender a opiniaõ, que estava applaudida por verdadeyra, pia, & confórme com a Sagrada Escritura, com a doutrina dos Santos, & com a authoridade da Igreja. Que mais importava o credito da mesma Igreja, q̃ o de todas as Universidades & Doutores; & que se ella sem recear o futuro mandava sahir a publico sómente a opiniaõ de que a Senhora fôra concebida em graça, que desconveniencia podia resultar a quem defendesse com juramento a mesma opiniaõ? A terceyra, que os juramentos promissorios, qual era este, sempre estavaõ subordinados de sua natureza ao arbitrio, & disposiçaõ do Superior, confórme a doutrína dos Theologos; pelo que jurando a Universidade de defender a opiniaõ da Conceyçaõ immaculada, por virtude do mesmo juramento se obrigava a estar pelo q̃ depois determinasse, ou definisse a Igreja.

«Em a setima razão dizia o Claustro que na Universidade se liaõ duas cadeyras de Santo Thomás author da opiniaõ contraria, & que seguindo-se a doutrina deste Santo, era grande inconveniente jurar o contrario della. Ao qual respondia que a dita opiniaõ já naõ se lia por determinaçaõ da Sè Apostolica.

«A oytava razaõ expunha que em todas as cousas se attentava para o principio, & fim. Que o principio dos Padres Franciscanos neste juramento era só competencia literal, que se havia agora renovado por occasiaõ do Padre Fr. Alexandre de JESUS Mestre da propria Ordem; & que o fim era a conservação da mesma opiniaõ. Ao que naõ ficou devendo cousa algũa o Padre Fr. Manoel da Esperança, mostrando qual era a sua payxaõ contra a causa da Senhora, & admirandose de que tendo affectado a sua liberdade para julgarem sobre a materia, juntamẽte se manifestassem taõ captivos da propria inclinaçaõ. Logo lhe expunha a muyta antiguidade, que tinha este fervor, & desejo

[1] Suar. to. 2. in 3. Part. Disp. 3. Sect. 6. §. *Dico.*

da honra da Mãy de Deos em os nossos Religiosos, os quaes unicamente em obsequio da sua pureza, & naõ por outro algum particular respeyto solicitavaõ que fosse de todos celebrada. Trazia o exemplo da Imagem da mesma Santissima Virgem, que inclinou a cabeça ao Veneravel Escoto, quando hia defender esta sua causa, & o do Frade Leygo da nossa Ordem, que em prova de ser a Senhora preservada entrou em huma fogueyra, guardando-lhe prodigiosa cortezia o fogo, como referem os Padres Bustis, & Daça[1]. Em fim confirmava o zelo Serafico com as palavras do Summo Pontifice Julio II. (que já escrevemos na terceyra Parte)[2] o qual querendo agradecello, sugeytou à nossa Ordem a da Conceyçaõ, & dando no quarto Capitulo da sua Regra a causa, porque assim o fazia, fallava desta maneyra: *Quia ex quo Frates Minores tam indefesso studio, & vigilantiâ puritatis, & innocentiæ Dei Genitricis defensores existunt.* Pelo que concluhia mostrando a pouca razaõ, que tinha o Claustro em chamar cõpetencia literaria ao q̃ fora sempre fervor, & empenho de devoçaõ.

«Pela ultima razão queria o dito Claustro corroborar a oytava, dizendo que se provava a competencia referida em naõ elegermos outra excellencia da Mãy de Deos, senaõ a da sua Conceyção. Que podiamos tratar da Assumpçaõ da mesma Senhora em corpo, & alma ao Ceo, que tambem naõ estava definida; & finalmente que naõ lhe constava do juramento das outras Universidades, senaõ por tres Authores. A tudo satisfez o Padre Mestre, sendo que a nenhum destes pontos devia resposta. Ao primeyro de naõ eleger a nossa Ordem a Assumpçaõ antes que a Conceiçaõ, naõ estava obrigado, como não estaõ todas as outras Religiões a dizer a causa, ou o porque se inclinou cada hũa dellas a huma especial excellencia, ou Mysterio da Rainha do Ceo. Ao segundo menos, porque dizendo o Claustro que fallavaõ tres Authores no juramento das outras Universidades, nisso mesmo se excluhia de ser respondido; porque tres testemunhas contestas bastaõ, & sobejaõ para prova do facto. Ultimamente expunha o Padre Mestre a ElRey algumas razões, pelas quaes devia fazer a Maria Santissima o obsequio de mandar que se effeytuasse o juramento pretẽdido, mostrando-lhe algũs exemplos de Monarcas seus antecessores, que

[1] Bust. p. 1. Sermo 7. *de Cõcept.* — Daça 4. p. liv. I, cap. II.
[2] 3. Parte da *Hist. Seraf.* n. 735.

se empenhárão em exaltar o proprio Mysterio, como fôra ElRey D. Affonso III. solicitando hũ Decreto Apostolico em seu favor; & D. Affonso V. que em Africa erigira Templos de N. Senhora da Conceyção; & sobre todos o mesmo Senhor Dom Joaõ IV. o qual a tinha escolhido com o proprio titulo por sua Protectora, & Defensora de seus Reynos. Foy escrita esta resposta em 21. de Novembro de 1645. & taõ feliz a sua resultancia, que naõ só conseguimos o juramento dos Doutores, mas o do mesmo Rey, & Reyno. etc.»

Não sabemos se a Universidade treplicou, mas é natural que o não fizesse, para evitar conflictos com a Corôa.

Quasi dois mezes depois, D. João IV escrevia imperativamente ao reitor, ordenando-lhe que, á semelhança do que se começara a fazer em Salamanca no anno de 1618, mandasse proceder ao juramento na forma prescripta:

«Manoel de Saldanha, Reitor, Amigo. Ev El-Rey vos Enuio m.^to^ saudar; Pellos papeis que com esta carta vos mando remeter, Entendereis aforma do votto, que a Vn.^de^ & Cidade de Salamanca. fizeraõ no anno de 618. dedeffender aImmaculada Conçeiçaõ da Virgem nossa Senhora, & aclauzula, que com intento de seguardar inuiolauel m.^te^ por todos seus successores, sepoem nos autos dos graõs que nella se daõ: & porque mouido de deuaçaõ particular, dezejo m.^to^ que assy & daman.^ra^ que naquella Vn.^de^ se faz, &seguarda deprez^te^; se faça tambem, & seguarde nessa Vn.^de^ de Coimbra, Vos Encomendo, & encarrego m^te^: que tanto que esta Reçeberdes, deis as ordẽns neçessarias, para assy se Executar muy pontualm^te^: & que detudo o que ordenardes, & se fizer, me Enuieis a copia (dirigida ao meutribunal damesa da Consçiençia Eordẽns, pormaõs do Escriuaõ da Camara que esta sobescreueo) para ater em meupoder, & mandar á Vn.^de^ de Euora, que namesma forma seproçeda. Escrita Em Lx.^a^ a 17 de Ian.^ro^ de 646. Marcos Rõiz tinoco a fis escreuer.

Rey ∴

Para o Reitor da Vn.^de^ de Coimbra

(No verso)

Por decreto de S Mg.^de^ de 8 de Dez.^ro^ 645.
Antonio de Mendoça

cũprasse e Registes-
se ẽ Claustro pleno
a 20. de iul. 646

*Dom Leaõ den^ra^*

o R.^tor^ [1]»

[1] *Provisões antes da nova fundação da Univ.*, t. III, fol. 237.

A este tempo estavam reunidos os trez estados, que funccionaram desde 28 de dezembro de 1645 até 16 de março de 1646.

D. João IV consultou-os sobre negocios da guerra, especialmente soccorro de dinheiro e, appellando para o auxilio divino, conseguiu que elles elegessem Nossa Senhora da Conceição por defensora e protectora do reino e seus dominios, promettendo e jurando confessar e defender, com sacrificio da propria vida, se necessario fosse, que a Virgem Nossa Senhora tinha sido concebida sem peccado original.

Uma provisão do rei[1], carta de lei como hoje dizemos, sanccionou a deliberação dos trez estados, nos seguintes termos:

«Dom João, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha Provisão virem, que, sendo ora restituido, por mercê muito particular de Deus Nosso Senhor, á Corôa d'estes meus Reinos e Senhorios de Portugal; considerando que o Senhor Rei Dom Affonso Henriques, meu Progenitor, e primeiro Rei d'este Reino, sendo acclamado e levantado por Rei, em reconhecimento de tão grande mercê, de consentimento de seus Vassallos, tomou por especial Advogada sua a Virgem Mãe de Deus, Senhora Nossa, e debaixo de sua sagrada protecção e amparo, lhe offereceu a todos seus Successores, Reinos, e Vassallos, com particular tributo, em signal de feudo e vassallagem — desejando eu imitar seu santo zelo, e a singular piedade dos Senhores Reis meus Predecessores — reconhecendo em mim avantajadas e continuas mercês e beneficios da Liberal, e Poderosa Mão de Deus Nosso Senhor, por intercessão da Virgem Nossa Senhora da Conceição:

«Estando ora junto em Côrtes com os Trez Estados do Reino, lhes fiz propôr a obrigação que tinhamos de renovar e continuar esta promessa, e venerar com muito particular affecto e solemnidade a Festa de Sua Immaculada Conceição — e n'ellas, com parecer de todos, assentamos de tomar por Padroeira de nossos Reinos e Senhorios a Santissima Virgem Nossa Senhora da Conceição, na forma dos Breves

[1] «... sendo digno de reparo a observação que depois se fez, que no mesmo dia em que ElRey passou este Decreto havia formado outro semelhante ElRey Dom Affonso Henriques, em que tomava por Protectora do Reyno a Nossa Senhora do Claraval...» *Portugal Restaurado*, liv. nono.

do Santo Padre Urbano VIII, obrigando-me a haver confirmação da Santa Sé Apostolica.

«E lhe offereço de novo, em meu nome, e do Principe Dom Theodozio, meu sobre todos muito amado e prezado Filho, e de todos meus Descendentes, Successores, Reinos, Senhorios e Vassallos, á Sua Santa Casa da Conceição sita em Villa Viçosa, por ser a primeira que houve em Hespanha d'esta invocação, cincoenta cruzados de ouro em cada um anno, em signal de tributo e vassallagem.

«E da mesma maneira promettemos e juramos, com o Principe e Estados, de confessar e defender sempre, até dar a vida, sendo necessario, que a Virgem Senhora Mãe de Deus foi concebida sem peccado original; tendo respeito a que a Santa Madre Igreja de Roma, a quem somos obrigados seguir e obedecer, celebra, com particular Officio e Festa, sua Santissima e Immaculada Conceição; salvando porem este juramento no caso em que a mesma Santa Igreja resolva o contrario.

«Esperando com grande confiança na infinita Misericordia de Nosso Senhor, que por meio d'esta Senhora Padroeira e Protectora de nossos Reinos e Senhorios, de quem por honra nossa nos confessamos e reconhecemos Vassallos e tributarios, nos ampare e defenda de nossos inimigos, com grandes accrescentamentos d'estes Reinos, para gloria de Christo nosso Deus, e exaltação de nossa Santa Fé Catholica Romana, conversão das gentes, e reducção dos herejes.

«E se alguma pessoa intentar cousa alguma contra esta nossa promessa, juramento e vassallagem, por este mesmo feito, sendo vassallo, o havemos por não natural, e queremos que seja logo lançado fóra do Reino; e se fôr Rei, o que Deus não permitta, haja a sua e nossa maldição, e não se conte entre nossos descendentes; esperando que pelo mesmo Deus que nos deu o Reino, e subiu á Dignidade Real, seja d'ella abatido e despojado.

«E para que em todo o tempo haja certeza d'esta nossa eleição, promessa e juramento, firmada e estabelecida em Côrtes, mandamos fazer d'ella trez autos publicos, um que será logo levado á Côrte de Roma, para se expedir a confirmação da Santa Sé Apostolica, e outros dous, que, juntos á dita confirmação, e esta minha Provisão, se guardem no Cartorio da Casa de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e na nossa Torre do Tombo.

«Dada n'esta nossa Cidade de Lisboa, aos 25 dias do mez

de Março. Luiz Teixeira de Carvalho [1] a fez. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1646. Pero Vieira da Silva a fez escrever — ElRei» [2].

No mesmo dia em que foi publicada esta provisão, 25 de março de 1646, festa da Annunciação da Senhora, que coincidiu com o domingo de Ramos, depois do doutor Pedro Vieira da Silva, secretario de estado, ter lido a provisão [3], jurou el-rei, solemnemente, na capella do Paço da Ribeira, reconhecer Nossa Senhora da Conceição como padroeira do reino, outorgando-lhe o feudo annual de cincoenta cruzados de ouro em cada anno.

A' noite, para festejar este acontecimento notavel, houve luminarias na cidade, com o que o senado da camara dispendeu 100$440 réis [4].

Mandou D. João IV, em testemunho da sua devoção, e d'aquelle facto, collocar sobre as portas das cidades [5] e villas do reino a seguinte inscripção:

ÆTERNIT SACR.
IMMACVLATISSIMÆ
CONCEPTIONI MARIÆ
IOAN. IV. PORTVGALLIÆ REX
VNA CVM GENERAL. COMITIIS
SE, ET REGNA SVA
SVB ANNVO CENSE TRIBVTARIA
PVBLICE VOVIT,
ATQVE DEIPARAM IN IMPERII TVTELAREM
ELECTAM
A LABE ORIGINALI PRÆSERVATAM PERPETVO
DEFENSVRVM
JURAMENTO FIRMAVIT
VIVERET VT PIETAS LVSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE
PERENNE
EXARARI JVSSIT
ANN. CHRISTI M. DC. XL. VI.
IMPERII SVI VI.

[1] Algumas copias dizem: Balthazar Rodrigues Coelho. *Vid. Hist. Gen.*

[2] Livro IV de Leis da Torre do Tombo, fol. 181 v. Reproduzida em varios logares, taes como *Historia Genealogica*, tomo VII, pag. 204; *Collecção chronologica da legislação portugueza*, etc., por J. J. de Andrade e Silva, pag 314, etc.

[3] *Mon. Lus.*, tom. VI, liv. XIX, cap. XXIII.

[4] *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, 1.ª parte, tom. V, pag. 6.

[5] No Porto sobre a porta da Ribeira, da antiga muralha da cidade.

Sabe-se de quem partiu esta ideia, e quem compoz a inscripção. Dil-o Antonio de Sousa de Macedo na *Eva e Ave:*

«Pouco depois o muyto Reverendo Padre Fr. Antonio das Chagas, que por seu engenho chamárão Scoto, Lente jubilado em Theologia, e Padre da mesma Provincia serafica, me praticou quanto glorioso seria escrever-se em marmores para eterna memoria sobre as portas das Cidades, e Villas do Reyno, aquelle juramento das Côrtes. Seja-me licito honrar-me com referir, que o representey ao dito Senhor Rey D. João IV, e o zelo de Sua Magestade o approvou logo; e me mandou, que eu mesmo compuzesse a inscripção, dizendome, para mayor honra, que só de mim a fiava. Eu a compuz, e appliquey por-se n'aquelles lugares, etc. [1]».

Tambem D. João IV mandou cunhar, pelo mesmo motivo, uma medalha de ouro e prata, com a imagem da Senhora: a de ouro pelo valor de doze mil réis; a de prata por seis tostões.

Lopes Fernandes [2] diz que veiu de França Antonio Ruitier expressamente para cunhar estas medalhas que foram depois admittidas como moeda corrente e são «excessivamente raras». No tempo de D. Pedro II foram reproduzidas na Casa da Moeda.

No anverso teem a legenda *Joannes IIII, D. G. Portugaliæ et Algarbiæ Rex*, a cruz da ordem de Christo, e no centro as armas portuguezas.

No reverso: Imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre o globo e a meia lua, com a data de 1648, e nos lados o sol, o espelho, o horto, a casa de ouro, a fonte sellada e a arca do santuario.

João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, diz que o primeiro feudo a Nossa Senhora foi pago com estas medalhas em o anno de 1648, e que no de 1651 tiveram ellas

---

[1] Parte II, cap. XV.
[2] *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas*, etc., Lisboa, 1861, pag. 13.

curso legal como moeda corrente com o nome de Conceição [1].

«Elrei D. Affonso VI — informa o mesmo auctor — continuou tambem a mandar lavrar as sobreditas moedas em todo o tempo do seu governo, e da mesma sorte elrei D. Pedro II, e n'esta moeda se fazia a offerta de vinte e quatro mil reis no dia da festa da Conceição, em cujo dia trazem pendente ao pescoço os trez officiaes, que administram a casa da Senhora, uma das trez moedas. No anno porem de 1685 teve fim a fabrica d'estas moedas, porque desde então nunca mais se lavraram, entregando-se os referidos vinte e quatro mil reis em outra qualquer moeda para a despeza da festa de Villa Viçosa [2]».

Vejamos agora como foi que a Universidade de Coimbra deu cumprimento á carta regia de 17 de janeiro e á provisão regia de 25 de março de 1646.

«Em os 20 dias de Iulho de 646 annos na sala grande dos actos p^{cos} de Canones e Leis desta mui insigne Vnd^{e} de Coimbra, se iuntaraõ o Illustrissimo sõr Manoel de Saldanha do Conc.^{o} de S. Magd.^{e} R.^{or} dadita Vd^{e} e Bpõ eleito de Vizeu: eos sõrs Doutores Lentes detodas as faculdades, Deputados, e Consellr.^{os} fr Leaõ de S. Thomas, fr. Paulo da Natiuidade fr. Luis Poinsot fr. Miguel Valentim P.^{o} Rib.^{ro} do Lago. Joaõ Leite de Aguilar Marçal Cazado Jacome, fr.^{co} Vahia Teixeira, Vicente Correia, Mathias Alures Mouraõ (Irn.^{o}?) de Britto Caldeira, Joseph Mendes Salas, Vicente Pereira da Silua, P.^{o} de Souza da Cunha, Fernaõ Magro Freire, Dionisio Rebello Ambrosio Trigueiros, Sebastiaõ Ribeiro M^{el} Guedes Diogo da Costa, Manoel Ferreira Brandaõ o P.^{e} Domingos Mendes, o P.^{e} Antonio Roiz', D^{os} P.^{ra} Conseruador esinco, e assi todos juntos em Claustro pleno, sevio huã carta de S. Magd.^{e} q' osõrR.^{or} me mandou ler em vos clara e intelligiuel, cujo traslado de vbo ad vbum he oseg.^{te} *Manoel de Saldanha R.^{or} amigo* etc *(Transcripção integral da carta regia de 17 de janeiro)*, e al naõ dis adita carta, e depois de lida adita carta, sevotou, e assentou nemine discrepante q' se desse a execussaõ a d.^{a} carta de S. Magd.^{e} e sefizesse o juram^{to} ha immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora nossa comtoda asolennidade possiuel, deq' tudo fis este termo, q' assinaraõ. Francisco Bar-

[1] Veja-se a respectiva lei na *Hist. Gen.*, tom. IV, pag. 287.
[2] *Mappa de Portugal*, parte 1.^{a}, cap. XII.

retto eSouza Secretrº ofis. no dia etempo, e com as solennidades, q' parecessem aosõr R.or sobredito ofis

M.el de Saldanha R.tor
fr. Leaõ de s.to Thomas   Dor Pº Ribro do Lago
+
Diogo da Costa   Manoel Frrª Brandaõ
D.or Sebastiaõ Rib.ro giraõ   Domingos Pereira [1]

Aos nouedias do mes de Ag.to de 646, annos nas cazas, esolita morada do Illustriss.º sõr M.el deSaldanha Ror desta muj insigne Vd.e do Con.º deSua Mag.de eBpõ eleito de Vizeu pareci Eu Secretario chamado por mandado do d.º sõr e por elle mefoi mandado fazer este termo, p.ª q' por elle constasse em todo tempo do acto da conceiçaõ digo do acto do juram.to da immaculada conceiçaõ de Nossa Srã, edasolemnidade comq' se celebrou, como se hauia assentado no Claustro pleno proximo acima.

E em conformidade delle ordenou od. sõr R.or atodos os Collegios dad. Vd.e Lentes e D.ors della, q' viessẽ assistir aod. acto, eq' nodia dantes puzessẽ todos Luminarias nos dos Collegios, e cazas particulares como fizeraõ, e a Vd.ª da mesma manr.ª cercandose toda por cima deluminarias na d.ª noite de antes, com muitos repiques dos sinos, assi dadita Vd.e como detodos os collegios, tangendose charamelas, trombetas, e atabales por toda aVd.e e as portas detodos os Collegios; e ordenou mais, q' o P.e Dom Leonardo de S. Aug.to Geral de S. Crus, e Chancellario da Vnd.e viesse no dia seguinte celebrar Pontifical na Capella da Vid.e com Licença q' pera isto se impetrou do Cabido Sede Vacante, E assi em Sabbado pla manhã 28. de Julho de 646. sejuntou od.º sõr R.or Lentes e D.ors eMestres comsuas insignias nasala grande dadita Vd.e eassi todos juntos porsua ordẽ foraõ em p.cissaõ te adita Capela Leuando diante charamelas, etrombetas, aonde estauaõ juntas as Religioes, officiaes, justiças epessoas nobres desta Cidade: e nella fes Pontifical o d.º P.e Chancelr.º e se armou toda adita Capella, epregou oPe fr. Leaõ de S. Thomas Lente de Vespera igualado a Prima dasagrada Theologia na mesma Vd.e Acabado o dº Pontifical. postos de giolhos od.º sõr Ror Lentes e D.ors

[1] *Conselhos,* I. 22 (1643-1651), cad. 2.º, fol. 89.

diante o altar da Capella mor, o d.º Geral reuestido de Pontifical com bago, emitra em pe posto aolado doaltar, em cujo nicho principal se pos a Imagẽ de Nossa Srã da Lus da dita Capella, leo em vos alta o juramento, q' se segue.

TRASLADO

«Purissima Virgem Srã nossa, Sanctiss.ª Maj de Ds'. e Rainhados ceos, esta insigne Vnᵉ vossa muj deuota, humilde, e affeiçoada, offerecida, ededicada avosso seruiss.º reconhecendosempre por vosso particular fauor, e in'cessaõ, o augm.ᵗᵒ eperfeiçaõ aq' tem subido desdeseus principios: emouida hoie dagrande piedade esanto zelo doserenis.º Rej Dom Joaõ o 4. nosso sor: edadeuaçaõ particular avossa ineffauel, enunca maculada conceiçaõ, naõ contente com insinar, defender, eter perasi esta snçã mais pia, desdeq' foi fundada, hoie o manifesta com este acto solenẽ dejuram.ᵗᵒ por mostrar agrande deuaçaõ e obrigaçaõ q' vos tem: eoq' senteda pureza devossa Santiss.ª Conceiçaõ cõ a solen'idade deste sagrado, editoso dia. E assi Srã juntos aqui todos em hu' corpo detoda esta insigne Vd.ᵉ votamos, promettemos, ejuramos firmem.ᵗᵉ denossa Liure vontade, a Ds' todo poderoso: e a Vos sanctiss.ª egloriosissima Virgẽ M.ª Maj sua, de d'fender, ler, pregar, e ensinar p.ᶜᵃ eparticularm.ᵗᵉ q' Vos Virgẽ bem a uenturada, sancta, Immaculada, e Bendita entretodas as m.ᵉʳˢ fostes preseruada por singular priuilegio da maculado peccado original, deq' vos liurou aGraça diuina, santifficandouos desde oditoso instante devossapurissima Conceiçaõ. E peraq' cõ mais certo eduranel successo este nosso voto se confirme, fazemos Lei, e estatuto (attento a ordẽ de S. Magd.ᵉ) q' valha, etenha força pera sempre, q' em nenhũ tempo seja admittido aos graos desta Vd.ᵉ oq' naõ fizer o mesmo juram.ᵗᵒ obrigandose adefender p.ᶜᵃ eparticularm.ᵗᵉ esta s'nça evoto. E todos postrados humilm.ᵗᵉ diante devossa sagrada Imagẽ, vos fazemos esta promessa, assi Ds' nos ajude, e estes santos eVangelhos».

E feito assi o d.º juram.ᵗᵒ se tornarão todos aseus lugares. E baixando o dº Geral ao ult.º degrao do altar, e sentado em huã cadeira de espaldas de Pontifical com hũ Missal nas maõs, foraõ fazendo cada hũ de persi juram.ᵗᵒ singelo naforma seg.ᵗᵉ oqual estaua escrito em hũ pergaminho, q' Eu Secretr.º posto de giolhos diante od.º Chancellario tinha namaõ, e odaua aler, e he oseg.ᵗᵉ *Ego* N. *idem voueo, spondeo.*

& p.fiteor, sic me Deus adiuuet, & hæc sancta Dei EVangelia. E logo o d.° sõr R.or a companhado de Mestre das ceremonias cõ seu bordaõ deprata, e Bedeis cõ suas maças, seleuantou dasua Cadeira, eposto degiolhos diante do d.° Geral fes od.° juram.to E depois delle o Mestre das ceremonias chamando em uos alta afaculdade de Theologia, veio toda junta, eposta degiolhos fes hũ por hũ o d.° juram.to e depois seleuantaraõ todos juntos, ese tornaraõ aseus lugares. E logo chamou afaculdade de canones q' fes o mesmo; e logo ade Leis, edepois ade Medicina, e ultimam.te a das Artes, chamando o d.° Mestre das ceremonias acada huã depersi, e em quantosefes este juramento setangeraõ charamelas. e outros instrumentos, e assi se ouue por findo od.° acto do juramento.

E ordenou od.° sor R.or q' daqui emdiante nos actos p.cos que sefazẽ nesta Vd.e emq' se recebe grao, jurassẽ todos dedefender a immaculada conceicaõ de Nossa Srã, como S. Magd.e tinha ordenado, eq' este juram.to se ajuntasse, em primr.° lugar ao ordinario q' se costuma dar atodos os graduandos, como logo com effeito sefoi dando aos q' segraduaraõ deste dia emdiante, e he oseguinte:

Traslado do juram.to q' seda aos graduandos nesta Vd.e

«Da fidem, Vir doctissime, imprimis, tesemper & ubiq' d'fensurum, Beatam Mariam Virginem Dei Genitricem absq' macula peccati originalis conceptam extitisse: dein'te (qntum fieri posit) obseruaturum fore statua, & priuilegia huius Almæ Vniuersitatis, cujus augmentum, & honorem semper curabis Reuerendissimo Chancellario max° reuerentiam exhibebis Illustrissimo Dnõ Rectori fidem præstabis: itidem sapientiss.° Dnõ Doctori Patrono tuo a q° nunc insigniri speras: cæterisq' sapientissimis Dnis Doctoribus atq' Magistris reuerentiam obsequentissime dabis, ö hanc Almam Vniuersitatem nunquam venies, nec alios ö eam venientes 'Iris, aut v'bis, alioue q°libet m'o sollicitabis, promittis iterũ cum juramento, te hæc o'ia p'æq' obseruaturum fore?»

E assi mais ordenou od.° sõr R.or na juntados Lentes pera estas couzas deputada, q' na Capella de Nossa Srã desta Vd.e no lugar, q' melhor parecesse, sepuzesse huã pedra, e nella escrito resumidam.te este acto esolenidade q' adita Vd.e fez, etudo em honra, egloria de Nossa Srã. E Eu fr.co Barretto e Souza Secretr.° damesma Vnd.e dou fẽ detudo

assi passar na verdade, deq' tudo fis este termo, q' o d.º sõr R.or assinou.

M.el de Saldanha R.tor

o p.e Domingos Mendes [1]»

A lapide, a que se refere o documento supra, ainda hoje existe junto ao altar lateral, da parte do evangelho, que na capella da Universidade é dedicado a Nossa Senhora.

Diz, fielmente reproduzida:

ANNO 1646 SABBATO 28. IVLII INNOCENTIO 10. PONTIFI=
CE MAXIMO, IOANNE 4.º FŒLICISSIMO LVSITANIÆ REGE, RE=
CTORE EMMANVELE DE SALDANHA, VISENSI EPISCOPO ELE=
CTO. FLORENTISSIMA CONIMBRICENSIS ACADEMIA PIETA=
TIS CVLTV ERGA DEIPARAM INSIGNIS, CVNCTIS RITE, AV=
GVSTÈQVE PERACTIS SOLEMNI VOTO, INVIOLABILI IVRA=
MENTO SE SE OBSTRINXIT, VT IN POSTERVM TAM PVBLI=
CÈ, QVAM PRIVATIM D CEAT, PRÆDICET DEFENDAT, SAN=
CTISSIMAM VIRGINEM, IN PRIMO SVÆ CONCEPTIONIS INSTÃ=
TI, AB OMNI ORIGINALIS CULPÆ LABE, GLORIOSÈ PRÆ=
SERVATAM EXTITISSE. ET TAM SACRUM RELIGIONES
OBSEQVIVM HOC SAXO POSTERITATI COMMENDAVIT.

Constando a D. João IV que os lentes da ordem de S. Domingos não assistiram ao acto do juramento, enviou ao reitor da Universidade a carta seguinte:

«Manoel deSaldanha Reitor amigo: Ev El Rey Vos Enuio mto saudar. Fuy informado que no Juramento que fez essa Vniuerçidade por ordem minha sobre deffender apuresa daimaculada concepçaõ da Virgem Nossasra, naõ assestiraõ os Lentes daordem de Saõ Domingos sabendo do acto, e estando naterra sem impedimento para assestirem cõ os mais. Se estainformaçaõ he uerdadeira, mandareis logo chamar estes Lentes, elhes direis daminhaparte que Vos dem arazaõ quetiueraõ para dispois de eu, cõ o Reyno Junto em Cortes, jurar deffender aimaculada concepçaõ da Snõra, e atomar porpadroeira destes Reynos, e mandar fazer o mesmo aessa Vniuerçidade á semelhança do q' se tem feito namayorparte das da christandade, mandando primeiro uer.

[1] *Conselhos*, l. 22 (1643-1651), cad. 2.º, fol. 89 v.º-91.

e considerar estamateria com aponderaçaõ que ellapedia, seapartarem do commum do Reyno, e do commum dessa Vniuerçidade, em materiatanto do seruiço de Deõs, emeu e como tal mandada fazer por my' comparticular recomendaçaõ, E a repostaque Vosderem meenuiareis poreste Correo que naõ uay aoutracouza; Escrita em Lix.ª a 13 de Agosto de 1646.

Rey ∴

P.ª o Reitor da Vn.de de Coimbra [1]»

Um mez depois, D. João IV enviava ao reitor a formula do juramento tal qual entendia e queria que fosse prestado:

«Manoel de Saldanha, Reitor Amigo, Ev ElRey vos enuio m.to saudar; Reçebeosse avossa carta de 30 de Julho passado, em reposta daque vos mandey escreuer, sobre o juramento e uoto que resoluy se fizesse nessa Vn.de; e fizessem ao diante, todas as pessoas que nella tomassem graos, em deffensaõ do misterio da immaculada Conçeiçaõ da Sanctissima Virgem Maria; e hauendoavisto, e o papel que com ella enuiastes, mepareçeo agradeçeruos tudo o que fizestes em ordem ádeçençia, e ornato do acto do dito juram.to, e encomẽdaruos, que na forma do papel que com estacarta sevos enuia, Eclausulas, Edeclaraçoẽs delle, haõ, os graduados de fazer o juramento daquy em diante Escrita em Lx.ª a 11 de Setembro de 646. Marcos Roiz Tinoco a fiz escreuer.

Rey ∴

Para o Reitor da Vn.de de Coimbra
Por cons.ta de 9 de Agosto de 646. *Dom Carlos den.ro*
Resp.ta de smg.de em 4 de set.ro

FORMA DO JURAMENTO QUESEDEUEFAZER

«Purissima Virgem, eS.ra nossa, Sanctissima may de Deos, ERainha dos Ceos, Esta insigne Vn.de, vossa muy deuota, humilde, Eaffeiçoada, offereçida, Ededicada a Vosso seru.o reconhecendo sempre por Vosso particular fauor, Eintercessaõ, o augmento, Eperfeiçaõ, aq' tẽ sobido, desde

[1] *Provisões antes da n. fund. da Univ.*, t. III, fol. 247.

seus principios, Emouida hoje da piedade E sancto zello, comque oserenissimo Rey Dom Joaõ o quarto, nosso snõr, Leuado da Deuaçaõ, que sempre teue Emostrou ao sacrosancto misterio de Vossa purissima Conçeiçaõ, conuocados em Cortes os tres Estados do Reino, de Vnanime consentimento detodos, solemne mente vos Ellegeo por Padroeira delle, Eem veneraçaõ domesmomisterio, se fez Vassalo Vosso, com tributo annual a Vossa Sancta casa, Ejurou comtodo odito Reino dedeffender sempre, que fostes consebida, sem pecado original: nos s.ra juntos aquy todos em corpo desta insigne Vn.de, votamos, prometemos, Ejuramos firmemente de nossa liure vontade, a Deos todo poderoso, EaVos, Sanctissima May sua, dedeffender, ler, prégar, Eensinar publica Eparticular mente, que Vos Virgem bemaventurada, Sancta, immaculada, Ebendita, Entretodas as molheres p'los mereçimentos de Ihũs Xpõ, filho Vosso, Snõr, ERedemptor Vniuersal detodo o genero humano, preuistos Eaçeitados desde a Eternid.e fostes totalmente preseruada da macula do peccado original, por particular fauor, Epreuilegio da Diuina graça, Desorteque nunca, Eemnenhum instante, contrahistes em Vossa sanctissima pessoa, atal macula Epeccado, Eque fostes sempre pura, sancta, immaculada, Echea de graça, Eparaquecom mais certo, Eduravel successo, este nosso voto seconfirme, fazemos ley EEstatuto, (atenta aordem do serenissimo Rey) quevalha Etenha força para sempre, que emnenhũ temposeja admittido aos graos E Cadeiras desta Vn.de oque naõ fizer omesmo Juramento, obrigandosse adeffender publica Eparticular m.te esta snçã, Evoto,

«E Prostrados todos humildem.te diante de Vossa sagradaImagem Vos fazemos estapromessa, assy Deos nos ajude eestes s.tos Euangelhos [1]».

Por carta regia de 11 de setembro de 1646 determinou D. João IV que as camaras municipaes, com o cabido e o clero, elegessem Nossa Senhora da Conceição por padroeira, na forma do Breve do Papa Urbano VIII sobre a eleição dos «Patronos».

O cabido da sé primacial de Braga prestou o juramento da «immaculada Conceição» nos termos seguintes:

[1] *Provisões antes da n. fund. da Univ.*, t. III, fol. 253-254. Esta carta regia e formula de juramento acham-se registadas ne collecç. *Conselhos*, l. 22 (1645-1661), cad. 2.º, fol. 91 v.º-92 v.º

«Nós, Dignidades, Conegos e Cabido da Santa Sé de Braga, Primaz das Hespanhas, *sede vacante;* e mais clero presente, com os regedores, nobresa e povo d'esta cidade; conformando-nos com o que Sua Magestade tem obrado, e nos encommenda e manda, segundo os *Breves* de Sua Santidade, em conformidade dos quaes o dito senhor Rei, seguindo o exemplo dos senhores Reis d'este reino, seus predecessores, tem tomado por *Padroeira* dos reinos e senhorios d'esta coroa de Portugal a Santissima Virgem *Nossa Senhora da Conceição;* — promettemos e juramos, de confessar sempre até dar a vida, se necessario fôr, e assim defender, que a Virgem Maria, *Mãe de Deus*, foi concebida sem peccado original, etc.»

Este documento é assignado pelo cabido, clero, nobresa, povo e camara municipal [1].

Em Elvas o juramento foi prestado a 26 de dezembro.

Ao favor de um amigo [2] devemos o poder publicar o interessantissimo documento que se segue, e que consta do livro de Actas da Camara de Elvas em 1646 (folhas 114). Interessantissimo lhe chamamos, por trez razões: a 1.ª, porque, melhor que outro qualquer documento, estabelece o modo, escrutinio secreto, como se fazia a eleição de Nossa Senhora para padroeira do reino, seguindo-se á eleição a proclamação e o juramento: a 2.ª, porque assignala o facto (reinado de D. Sancho II) que deu origem ao culto de Nossa Senhora em Elvas; a 3.ª, porque menciona a victoria obtida em 1644 n'aquella cidade contra os castelhanos com o auxilio da mesma Senhora, poisque só a milagre foi attribuido o vencimento dos portuguezes em tão difficeis circumstancias.

Do documento, que vai fielmente copiado, apenas supprimimos as assignaturas, por serem muito numerosas:

Auto da Eleição q̃ fizerão o Clero, Nobreza, e povo desta Cidade de ellvas tomando por padroeira do reino a Virgẽ Nossa Sñra da conçepção

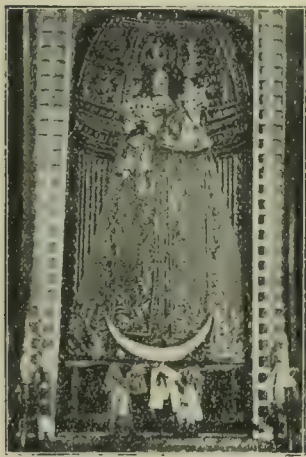
«Anno do nassimento de nosso Sñr Ihũs Xpõ, de mil e seis centos e quarenta e seis annos, prezidindo na Igreia de deus o papa Inusẽcio desimo; Reinando nestes reinos o m.^to

[1] Arch. da Cam. de Braga, Livro de Varias Cart. dos Reis — *Memorias de Braga,* por B. J. de Senna Freitas, tom. III, pag. 207.
[2] O sr. Antonio Thomaz Pires, indefesso investigador elvense.

Alto e poderozo Rei dom Ioão quarto do nome; sendo bispo deste bispado oIllustrisimo Sñr dõ M.el da Cunha Capelão Môr de S. Mag.de Arcebispo nomeado de Lx.a; Aos vinte e seis dias do Mes de dezembro do ditto Anno, se juntarão na Santa Sé desta ditta çidade, o reverẽdo deão, dignidades, conegos, cabido, e o clero desta ditta çidade e bispado, hũs por ssi, e outros por seus procuradores: E bẽ assim o Iuis Vreadores e procurador da çidade ẽ nome da Nobreza della, e os procuradores dos Misteres ẽ nome do povo: e sendo todos Iuntos, o reverẽdo deão mostrou hũa Carta de Sua Mag.de q̃ D. g.de em que se dizia q̃ cõ os tres estados destes Reinos Iuntos ẽ Cortes na çidade de Lx.a tinha eleito por padroeira destes reinos a Virgẽ Nossa Sñra da Conseição, e tinhão Iurado defender a pureza de Sua Sagrada Consepção ate derramamento de sangue sendo nesseçario, sugeitandosse em tudo ao que sobre esta materia determinasse a Sãta Sé apostoliqua e por que segundo a iñstrusão q̃ da ditta Santa Sé apostoliqua lhe fora ẽviada; e cõ a ditta Carta vinha, era nesseçario q̃ os povos fizessẽ atal eleição de padroeiro por votos secretos p.a cuio effeito erão Iuntos nesta Santa Sé; E logo pello Iuis Vreadores e procurador da çidade foi ditto q̃ por semelhãte Carta, eInstrução que tiverão de S. Mag.de se aIuntavão cõ o ditto R.do Cabido p.a se por ẽ exzecução o q̃ Sua Mag.de ordenava e ẽ cõprimento disto o reverẽdo deaõ como prezidẽte do Cabido, eo Iuis, como prizidente da Camara, forão tomando os votos das pesoas eccleziastiquas, e seculares, em segredo, e depois de todos acabarẽ de votar (nemine discrepante) e por votos uniformes e aclamaçõis de vozes foi eleita por padrueira deste Reino AVirgẽ Maria Nossa Sñra da Cõseição, e prometerão todos de defender sua pureza ate derramar o sangue, e perder as vidas; (não ordenando a Sé apostoliqua o cõtrario) e assi o Iurarão aos Santos evangelhos obrigados não pellas rezõis do comum cõ q̃ se devião confirmar, mas pellas particulares q̃ esta çidade tinha de confessar e defender alinpeza da conseição, por quanto no anno de mil e duzẽtos e vinte e seis em q̃ elrrei dõ Sancho Capello a veio çitiar sendo de Moiros; no dia da conseição de nossa Sñra foi entrada pellos cristãos, levãtado Altar, sellebrada Miça de Sua festa, e depois edefiquada Igreia q̃ he a mesma em que se fas solenidade; e do ditto anno de mil e duzẽtos e vinte eseis ate o prezẽte a tiverão por padrueira, e lhe sellebrarão sua festa, e agora cõ oitavario; E alẽ

disto no anno de mil eseiscentos e quarẽta equatro vindo o castelhano cõ grãde poder cõtra esta çidade a tenpo q̃ estava mais desapreçibida, fiquou vitorioza por favor epatroçinio particular da Virgẽ Nossa Snr̃a da Conseição sua padroeira por que no seu dia levãtou o enemigo o serquo; de q̃ tudo se mandou fazer este auto p.ª figuar no Cartorio da Camara e se enviar hũa copia ao bispo Capelão Mor como Sua Mag.de ordena e otra se lançar no Cartorio deste Cabido: e todos asinarão, e foi pobliquada esta acção na ditta Santa Sé cõ proçição e missa sollene da soberana Snr̃a da cõseição, pregação e mais solenidades cõ cõcurço do povo, eu M.el Sard.a Alcaforado escrivão da Camara o escrivi». *(Seguem-se as assignaturas).*

Frei Francisco Brandão, na *Monarchia Lusitana*, faz sentir a devoção e respeito especial que a casa de Bragança sempre manifestou por Nossa Senhora da Conceição, especialmente D. João IV desde os seus primeiros annos, pois aponta o facto de que «tendo só sete de idade sahiu a jogar as cannas no dia d'aquella festa em Villa Viçosa [1]».

Depois, fallando do solemne reconhecimento da mesma Senhora como padroeira do reino, accrescenta:

Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa

«O beneficio de sua restituição reconheceu o Senhor Rey D. João ao amparo da Conceição da Virgem, e assim o recompensou com aquelle Decreto, e assento de Côrtes, e mais clausulas delle. Por esta causa os vassallos de sua Coroa, que instituírão a companhia naval do Brazil escolhêrão tambem por protectora a mesma Virgem da Conceição, cuja effigie trazem em todos seus estendartes, bandeiras, e insignias; e assim não foy de espantar. que com a ajuda della, vissemos no anno de 1654 restituido o Estado do Brazil gloriosamente [2]».

Foi á Senhora da Conceição de Villa Viçosa que D. João IV estabeleceu o feudo de cincoenta cruzados de ouro, como vimos.

[1] Tom. VI, liv. XIX, cap. XXIII.
[2] Logar citado.

A fundação do respectivo templo deve-se ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira, como tambem já mais longe vimos; mas aqui vem a proposito recordar que não se sabe ao certo ainda hoje de que materia é feita a imagem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Sobre este assumpto conta o auctor do *Santuario Mariano* um interessante pormenor, cuja breve narração não dispensamos.

«Tão grande é o respeito, e veneração com que todos tratam a esta sagrada Imagem, que parece, que nenhum se atreve a examinar nada do que a ella pertence. Sem duvida nascerá este respeitoso temor, do que se refere succedêra, e o que affirmava um Thesoureiro muito velho, e que havia muitos annos servia a Nossa Senhora n'aquelle templo; e foi, que vindo um Bispo de Elvas a visitar Nossa Senhora, quizera este com curiosidade saber se a materia da Santa Imagem era de pedra (como diziam) e que com um alfinete o examinára no pescoço, e que immediatamente sahira logo sangue, e se lhe fizera uma nodoa, que ainda no tempo presente perseverava [1]».

A tradição oral, ainda subsistente em Villa Viçosa, diz que a pessoa, que fizera a experiencia, ficára cega.

No cancioneiro devoto do nosso povo, andam algumas trovas que testemunham a devoção nacional pela Imagem de Villa Viçosa:

Senhora da Conceição,
Que estaes em Villa Viçosa,
Tambem estaes no Carrascal,
Mãe da Lapa Piedosa.

Senhora da Conceição,
Que estaes em Villa Viçosa,
Tende de mim compaixão,
Mãe de graça e piedosa.

Durante a guerra da independencia, que se prolongou desde 1640 até 1668, muitas vezes a victoria alcançada pelas armas portuguezas foi attribuida á intercessão milagrosa da Mãe de Deus.

A batalha do Ameixial ou do Canal, não longe de Estremoz, no Alemtejo, travou-se no dia 8 de junho de 1663

[1] Tom. VI, liv. I, tit. LX.

entre os exercitos do conde de Villa Flor e conde de Schomberg contra o exercito castelhano de D. João d'Austria.

Dias antes occorrêra em Santarem um caso prodigioso, que pareceu feliz prenuncio das boas disposições de Maria Santissima em favor das armas portuguezas.

Um documento emanado da auctoridade ecclesiastica refere e authentica esse acontecimento, que tamanha impressão causou em todo o paiz, e tanto estimulou a coragem e fé dos nossos soldados.

Eis o documento:

«Nós Deão e Cabido da Santa Sé Metropolitana desta cidade de Lisboa, *Sede Archiepiscopali Vacante &c.* A todos os fieis christãos destes reinos, e senhorios de Portugal, em particular do Arcebispado desta cidade, e da villa de Santarem, a quem esta nossa Carta Pastoral fôr mostrada, ou della por qualquer via tiverem noticia: saude e paz para sempre em Jesu Christo nosso Salvador, que de todos é verdadeiro remedio, e salvação. Fazemos saber que por portaria nossa, passada em vinte e sete de Junho do anno passado, de mil seis centos e sessenta e tres, mandámos vêr em nossa Relação uns summarios, que se processaram na Villa de Santarem, sobre alguns casos ao parecer sobrenaturaes, e algumas maravilhas, que se referiram haver obrado o Altissimo, e Omnipotente Deus, por intercessão da Purissima Virgem Maria sua Mãe da ermida da invocação da *Piedade* sita na Freguesia da parochial egreja do Salvador da mesma Villa: ordenámos com a consideração, e importancia de tal materia, se nos consultasse o que parecesse, para que podessemos com a certeza que se requeria, declarar aos fieis christãos, o credito que podiam e deviam dar aos sobreditos casos, ao parecer sobrenaturaes, e ás chamadas maravilhas, para com isso satisfazermos a obrigação que nos corria pela cura pastoral, que agora exercitamos, e de presente fazemos, e se poder venerar com o devido culto aquella Santa Imagem da invocação da *Piedade*, e se affervorar a devoção da Virgem Nossa Senhora, e havendo-se dado satisfação a esta nossa ordem, e feita relação por menor de tudo o que constava dos ditos summarios, ordenamos de novo que com o parecer dos religiosos mais doutos, que se achassem n'esta côrte, se determinasse e sentenciasse a causa conforme a disposição do Direito Canonico, Concilio Tridentino, e Constituições do Arcebispado; em execução da qual ordem foram de novo vistos na mesma delega-

ção os ditos summarios e os mais documentos, e com toda a madureza e attenção, que tão grave negocio merecia, se pronunciou a sentença do theor seguinte:

«Accordão em Relação etc. Vistos estes autos, summarios de testemunhas, perguntadas sobre o que succedeu e se viu pelo povo christão na Veneravel imagem de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, Consulta que sobre o caso se fez d'esta Relação ao Reverendo Cabido, á qual assistiram os theologos, que para elle foram chamados de especial commissão do mesmo Reverendo Cabido, mostra-se, que sendo em vinte e seis dias do mez de maio do anno passado de mil seis centos e sessenta e tres, estando na ermida da dita invocação de Nossa Senhora pessoas devotas fazendo oração e encommendando á Senhora e a seu Unigenito Filho que tem em seus braços morto, as necessidades d'este reino, em que se experimentavam os golpes da sua divina justiça, foi visto o rosto da Senhora muito encarnado e resplandecente, e o do Senhor muito enfiado e differente do que se costumava vêr, e comtudo as devotas pessoas por então o não revelaram ou tendo-se por indignas de tanto favor, ou por lhes parecer impossivel o que a seus olhos se representava. Mostrando-se mais que sendo domingo vinte e sete do dito mez de maio, estando outrosim as mesmas pessoas e outras muito devotas continuando a sua oração com aquelles affectos que cada uma sentia em sua alma, pedindo á Senhora para seus filhos, que estavam prisioneiros, a liberdade, e para as armas do reino o vencimento, e pondo todos os olhos n'aquellas divinas imagens, foi vista a da Virgem Maria Nossa Senhora muito mais inclinada para fóra, e a do Senhor, que visivelmente ia levantando seu divino rosto para cima, mostrando o lado patente e rasgado para a porta, e a côr do seu precioso sangue viva e fresca, estando d'antes denegrido e encuberto; movendo outrosim o seu divino corpo de sorte que ficou muito mais levantado do que estava nos mesmos braços da Senhora, na qual prodigiosa acção foram vistos ambos os divinos rostos tão chegados um ao outro, que difficultosamente havia logar de caber pelo meio d'elles um dedo, sendo assim, que pelo mesmo summario consta estarem d'antes tão desviados, que bem seria mais de uma mão travessa de distancia, conhecendo-se assim no gesto, forma, côr e postura das ditas imagens notavel differença da que tinham antes d'este successo, o qual divulgado pela Villa, concorreram com

muita devoção, zelo e fervor á dita ermida muitas pessoas, assim religiosas como seculares que todas foram testemunhas de vista do tal successo e conhecendo d'antes a architectura com que estavam e vendo com seus olhos o prodigioso movimento que faziam, o acompanhavam com lagrimas de reverencia e affecto de admiração, o que tudo se prova plenariamente com muito grande numero de testemunhas, examinadas com a circumspecção que o caso pede, todas de vista fidedignas maiores de toda a excepção. Mostra-se mais em confirmação do referido successo, serem de barro estas sagradas imagens e que sendo vistas e examinadas pelos officiaes peritos da arte imaginaria, juraram não poder ser movimento por ordem natural ficando sãs e sem abertura alguma, o que tudo visto e o mais que dos autos consta e resulta, disposição do Direito n'estes casos, disputa dos theologos, theologicamente n'esta Relação, em presença dos padres que para se conferir foram chamados: e como para se provar haver milagre, necessariamente devem concorrer os requisitos de ser feito por Deus Nosso Senhor em corroboração da nossa Santa Fé Catholica e a fim de Sua Divina Magestade ser melhor servida e ser o successo raro, fóra das regras da natureza; e como no caso presente concorrem os taes requisitos, resultando em tanto louvor da Virgem Santissima, Senhora Nossa e de seu Unigenito Filho: portanto, *auctoritate ordinaria*, na forma do sagrado Concilio Tridentino, julgam e declaram estes casos por milagrosos e que por taes se possam publicar e prégar aos fieis christãos para sua consolação e para gloria e louvor da Virgem Senhora Nossa e de seu Unigenito Filho. Lisboa, onze de Dezembro de mil seis centos e sessenta e tres. E sendo publicada a dita sentença na forma do estylo, e vista por nós em Cabido, sendo para isso chamados na forma dos estatutos d'esta Santa Sé Metropolitana, mandamos em virtude d'ella passar a presente Carta Pastoral, pela qual denunciamos a todos es fieis christãos d'estes reinos e senhorios de Portugal e particularmente aos subditos d'este Arcebispado d'esta cidade e villa de Santarem, que podem e devem ter os sobreditos casos por sobrenaturaes, maravilhosos e milagrosos, e dar inteiro credito a tudo o que na dita sentença se refere haver Deus Nosso Senhor obrado, e os exhortamos a que se afervorem muito na devoção d'aquellas sagradas imagens para por meio d'ellas e da intercessão da Virgem Purissima Senhora Nossa, alcança-

rem de seu Unigenito Filho os bens espirituaes e temporaes que mais nos convem; e mandamos em virtude de santa obediencia a todos os priores, vigarios, curas e mais pessoas ecclesiasticas a quem esta nossa carta fôr mostrada e com ella forem requeridas, a publique ou faça publicar em suas Egrejas na hora da missa *de Tertia* estando o povo junto, e depois de lida será fixada nas portas principaes das ditas Egrejas para que venha á noticia de todos e possa com isso crescer a devoção que se deve ás sobreditas imagens. Dada em Lisboa sob signaes dos nossos Assignadores e sello da nossa Meza capitular aos quinze dias de janeiro. Domingos de Mesquita Teixeira, escrivão da Camara a fez escrever na era de 1664. D. Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa, Alvaro Soares de Castro. Feio. Peixoto».

Esta carta pastoral foi publicada a 22 de janeiro de 1664, e no dia seguinte partiu para Santarem el-rei Affonso VI, acompanhado por seu irmão o infante D. Pedro.

Foram ali recebidos com grandes festas e pompa.

No dia 25 el-rei e seu irmão, montando a cavallo, dirigiram-se á ermida de Nossa Senhora da Piedade, onde D. Affonso VI solemnemente lançou a primeira pedra do templo que devia memorar a batalha do Ameixial e o favor com que a Mãe de Deus acudira aos portuguezes n'esse arriscado lance das nossas armas contra as castelhanas [1].

Uma inscripção ficou assignalando ali o facto; é a seguinte:

Deiparæ. Virgini. a. Pietate. denominatæ
Alphonsus. VI. Lusitaniæ. Rex
Quod. ejus. ope. ad. miraculum. insigni
Joannem. Austriacum. Philippi IV. Regis. filium
pugna Canalensi. sexto. idus. junias
An. Dñi. MDCLXIII. circa. Stremotium. commissa
profligaverit. multos. hostium. interfecêrit
plures. ceperit, tormentis. armis. impedimentis
potitus. sit. Hoc. sacellum. impensis. suis
faciendum. curavit. primumque. fundamentorum
lapidem. propria. manu. in. æternum

[1] «Foi o Rey a Santarem com o Infante lançar a primeira pedra na egreja de N. Senhora da Piedade, a quem se attribuio a victoria do Canal, pelos raros movimentos sobrenaturaes que esta Soberana Imagem de barro fez na vespera da batalha, á vista de todo o povo d'aquella villa». (*Academia dos Humildes*, tom. III, conferencia VIII).

grati. devotique. animi. monumentum
posuit. seq. anno. octav. Kal. Februar.

Ainda hoje a Senhora da Piedade é tida em grande veneração na cidade de Santarem [1] e em Sua honra se pratica uma devoção todos os sabbados.

Em 1665 o exercito do marquez de Caracena poz cêrco a Villa Viçosa, cujas fracas fortificações puderam resistir ao embate dos castelhanos, sendo o caso lançado á conta de milagre ali operado por Nossa Senhora da Conceição e «preludio da memoravel batalha de Montes Claros, aonde aquella grande victoria, julgou como com sentença final, e decisiva, ser a coroa lusitana do monarca, que a possuia [2]».

D'este cêrco posto pelo marquez de Caracena a Villa Viçosa foi conservado um pormenor, que não nos dispensaremos de recontar: «... as bombas he que nos faziaõ grande damno, supposta a pequenhez do sitio, e huma dellas rompeo o telhado, e abobeda da nave do meyo da Igreja de N. Senhora da Conceição Padroeira do Reyno nesta Soberana Imagem; porem todo o damno, que fez n'aquelle augusto Templo, servio para os Soldados de feliz annuncio, porque vírão o singular prodigio, com que se ficou sustentando aquella alta abobeda aberta a largura de hum palmo desde a Capella mór, até o frontispicio; milagre ainda hoje permanente [3]».

Da batalha de Montes Claros dá larga noticia o conde da Ericeira no *Portugal restaurado*, e da sua narrativa se infere quanto as nossas armas deveram á protecção de Maria Santissima.

Montes Claros fica a uma legua de Villa Viçosa e outra de Estremoz.

Eis como o conde da Ericeira refere os preliminares da batalha:

«Ao romper da menhãa de dezasete de Junho (1665) distribuidas as ordens; e signalados os postos, se poz em marcha o exercito, e foy o primeyro pronostico de felicidade a attenção com que todos os Catholicos buscárão nos Sacramentos das Confissões, e Communhões o socego das consciencias. Repartiu-se-lhe por nome, para usarem no con-

[1] O bispo de Damão, fallecido este anno (1900) em Santarem, d'onde era natural, deixou diversos paramentos e objectos do culto á egreja da Piedade.
[2] *Sant. Mar.*, tom. VI, liv. 1, tit. LX.
[3] *Academia dos Humildes*, tom. III, conferencia IX.

flicto, *a costumada invocação da Conceyção de N. Senhora*, cuja devota Casa (que foy a primeyra que se instituiu neste Reyno) estava sitiada em Villa Viçosa, e fundando-se as esperanças da victoria naquella fé, e nesta confiança, ficava muyto duvidosa a infelicidade [1]».

Esta batalha de Montes Claros foi a sexta que os portuguezes ganharam aos castelhanos depois da acclamação de D. João IV. Sabida a noticia da victoria, D. Affonso VI e o infante D. Pedro foram dar graças ao Altissimo na capella do Paço e depois á sé. O rei de Castella, sabendo da derrota do seu exercito, exclamou desalentado: «*Parece que lo quiere Dios*».

A batalha de Montes Claros foi ferida proximo do convento de Nossa Senhora da Luz, de frades paulistas, chamado vulgarmente *Convento de Montes Claros.*

As duquezas de Bragança tinham especial devoção com esta Senhora, que assistiam e vestiam como aias. A duqueza D. Leonor, mulher do duque D. Jayme, visitava-a muitas vezes, e D. Luiza de Gusmão, quando veiu occupar em Lisboa o throno de seu marido, deixou aquella imagem muito recommendada [2].

Na casa de Bragança foi sempre tradicional a devoção á Mãe de Deus, tanto nos duques, como nos seus criados.

D'estes citaremos um, Francisco Galvão, natural de Villa Viçosa, estribeiro do duque D. Theodosio II, pai de D. João IV. Galvão era poeta, e compoz em honra de Nossa Senhora um soneto, que principia:

> Oh! clara luz, formosa e bem nascida,
> De nossa salvação certa esperança,
> Por que já o mortal de novo alcança
> A sua paz, por Eva e Adão perdida [3].

El-rei D. João IV, que foi um abalisado compositor e critico musical, especialmente no genero sacro, tambem por meio d'esta encantadora arte rendeu homenagem á Virgem Santissima compondo em Sua honra uma *Magnificat* a quatro vozes e um concerto sobre o cantochão do hymno *Ave maris stella* [4].

[1] *Portugal restaurado*, part. II, liv. X.
[2] *Portugal antigo e moderno*, vocab. *Montes Claros*, no V vol.
[3] As *Obras inéditas* de Galvão foram publicadas por Antonio Lourenço Caminha; Lisboa, 1791.
[4] *Hist. Gen.*, tom. VII, pag. 242.

D. Catharina de Bragança, sua filha e viuva de Carlos II de Inglaterra, mandou edificar o palacio da Bemposta, cuja capella real consagrou a Nossa Senhora da Conceição.

A imagem da Virgem que se vê pintada no retabulo da capella-mór, data, porém, do tempo de D. Pedro III, que engrandeceu muito este templo.

O retabulo é obra do pincel de José Throno, natural de Turim, que veiu ao nosso paiz para retratar a familia real.

Tambem na capella da Bemposta havia um bello quadro representando Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, e rodeada de virgens. Era por uns attribuido a Grão Vasco, e por outros a Holbein. Está hoje na galeria de pintura do palacio das Necessidades [1].

Uma dama da rainha D. Luiza de Gusmão e da rainha D. Catharina, foi a fundadora da egreja da Encarnação em Lisboa.

O seu titulo era condessa de Pontével, D. Elvira Maria de Vilhena.

Do mallogrado principe D. Theodosio, que devia ser successor de D. João IV, conta o seu biographo: «As primeiras palavras, que disse, foram: *Jesus*, *Maria*, repetindo-as muitas vezes, e com aquella veneração, que se deve a tão Sagrados Nomes; a primeira vez, que nomeou *Mãe*, apontou para uma imagem de Maria Santissima, que de São Lucar, villa da Andaluzia, trouxera a duqueza sua mãe [2]».

Este principe possuia aptidão para a pintura, sendo um dos seus assumptos predilectos a imagem de Nossa Senhora ou de algum santo [3].

«Da idade de doze annos resava o officio divino todos os dias; depois de Deus tinha o principal logar Maria Santissima na sua devoção desde os sete annos de idade. Resava todos os dias o officio d'esta Advogada dos peccadores, e o seu rosario. Dizia que com a pensão de alguma devoção á Senhora nos mostravamos escravos seus; porém com a imitação das suas virtudes nos mostravamos seus filhos. Mandou pintar em o meio de um purissimo espelho a imagem da Senhora da Conceição, com esta letra: *Speculum sine*

---

[1] *Portugal antigo e moderno*, vol. 4, pag. 138.
[2] João Baptista Domingues, *Vida do principe D. Theodosio*, pag. 6.
[3] Mesmo livro, pag. 47.

macula, espelho sem mancha, e a este espelho compunha as suas acções. Tão devoto era da Conceição Immaculada d'esta Virgem sempre pura, que determinava pedir ao Santissimo Padre a declarasse entre os mysterios da Fé. Quando fallava da Senhora, ou com ella, sempre lhe chamava, May admiravel. Tanta devoção lhe causava este titulo, que quando em a sua Ladainha. rezada todos os dias, o nomeava. o repetia muitas vezes. Em Alcantara fazia muitas Praticas em louvor desta Mãy admiravel com grande fruto dos ouvintes [1]».

D. Pedro II deu repetidas demonstrações publicas de devoção á Mãe de Deus, especialmente ao mysterio da Immaculada Conceição.

O primeiro convento dedicado em Portugal á Conceição de Maria foi o de Braga; como já dissemos, esta ordem havia sido fundada em Hespanha por uma dama portugueza, D. Beatriz da Silva.

Soror Maria Benta do Ceu, religiosa n'aquelle convento, escreveu a historia da sua fundação no livro intitulado *Jardim do céo, plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga; em que se tracta das memorias da fundação d'este primeiro convento do reino dedicado á Conceição purissima de Nossa Senhora, e se expõe a vida da veneravel D. Beatriz da Silva, fundadora d'esta ordem, e as de outras religiosas illustres em sanctidade, que no referido convento floreceram desde o anno de 1629 até o de 1764* (Lisboa, 1766).

Tambem tivemos uma provincia monastica da mesma invocação.

Esta provincia, da Immaculada Conceição de Portugal, constituiu-se no seculo XVII por separação da provincia de Santo Antonio, para melhor serviço de Deus e dos religiosos.

A primeira vez que veiu a publico a ideia da desmembração foi no capitulo provincial d'esta ultima provincia celebrado no convento de Santo Antonio da Castanheira em 16 de janeiro de 1694.

O Papa Clemente XI confirmou a separação por um breve expedido em 24 de abril de 1705.

El-rei D. Pedro II declarou-se padroeiro da nova provincia e «pela grande devoção que tinha ao ineffavel Mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, determinou que a Provincia erigenda a tomasse por sua Titu-

[1] Mesmo livro, pag 90-91.

lar, e Padroeira, e que no seu sello se collocasse a Sua Imagem sobre o escudo das Reaes Armas de Portugal [1]».

Este sêllo, que foi «ideado» pelo proprio rei, representava a Senhora com as mãos levantadas e a cabeça coroada de estrellas, tendo debaixo dos pés a lua. As armas reaes serviam-lhe de throno. A imagem era cercada pelo cordão da ordem seraphica, formando a um e outro lado graciosos laços.

Egreja de N. Senhora da Lapa no Porto

(No frontispicio do templo lê se esta inscripção: *Omnia per manus Mariæ*.)

Foi em Portugal recebido com muito fervor o livro *Mystica cidade de Deus, historia divina y vida de la Virgem Madre de Dios*, composto por soror Maria de Jesus, abbadessa do convento da *Immaculada Conceição*, da villa de Agreda, provincia de Burgos.

Suscitaram-se escrupulos sobre a leitura d'este livro, e foi mandado recolher em Castella. Em Lisboa corria com grande applauso. Mas a inquisição geral em Roma prohibiu-o. O Papa Innocencio XI, a instancias de Carlos II de Castella, auctorisou o curso d'aquelle livro, em 1681, mas novos embaraços e escrupulos nasceram, e el-rei D. Pedro II escreveu ao Papa Innocencio XI pedindo-lhe que concedesse licença para que a *Mystica cidade de Deus* pudesse correr livremente.

Dizia a carta do rei de Portugal:

«Santissimo Padre em Christo, e Senhor Beatissimo. Vosso devoto, e obedientissimo Filho D. Pedro pela graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves beija humildemente vossos pés. Santissimo Padre em Christo, e Beatissimo Senhor, o grande affecto de devoção, que tenho á Virgem Santissima Senhora nossa, cuja vida escreveu a sua serva Maria de Jesus de Agreda, Freira Franciscana, me obriga para que supplique humildemente a V. Santidade, não permitta que fiquem destituidas de defensa as duvidas, que resultão dos seus livros, antes sim se dê a copia das objec-

[1] *Chronica da santa, e real provincia da Immaculada Conceição de Portugal*, por frei Pedro de Jesus Maria José, tom. I, liv. I, cap. I.

ções, que contra elles se fazem, á Religião Seraphica, para que plenamente possa dar inteira satisfação a todas ellas, e assim possa ser participante toda a Igreja da grande utilidade, que resulta da licção destes livros, sendo ordenados estes escritos para maior gloria de Deus, e de sua Santissima Mãi, cuja devoção he o maior beneficio, que se pode conceder a toda a Christandade, a qual conseguirá ter por medianeira a Rainha dos Anjos. Espero da piedade de V. Santidade que benignamente favoreça esta causa, cujo nobre, e santo fim he a devoção, e gloria da Mãi de Deus, e Senhora nossa, etc.».

A morte de Innocencio XI obstou á prompta resolução d'este assumpto; mas Alexandre VIII, succedendo no solio pontificio, attendeu a reclamação do rei de Portugal e expediu um decreto, em 1690, para que sem o menor impedimento se pudesse ler a *Mystica Cidade de Deus.*

Este livro começou desde então a tornar-se popularissimo em todo o orbe catholico.

No nosso paiz, alem de correrem varias edições em castelhano, frei Pedro de Jesus Maria José ordenou uma traducção dividida em cinco tomos com o titulo *Mystica cidade de Deus praticada em meditações para todo o tempo do anno* e compoz uma recopilação — *Espelho Mariano*, livros de que Innocencio não deu noticia no corpo do seu *Diccionario*, posto venham citados na dedicatoria a Nossa Senhora, na *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição.*

Possuo um outro resumo ou compendio da obra de soror Maria de Jesus: intitula-se *Maria Santissima, Mystica Cidade de Deos*, por um devoto natural de Lisboa occidental. Esta obra foi impressa em Lisboa, na officina de Domingos Gonçalves, em 1738.

Tambem possuo o livro de soror Maria de Jesus n'uma bella edição, em dois tomos, feita em Antuerpia: *en Amberes, por Cornelio y la viuda de Henrico Verdussen, mercaderes de libros. Año M. D. CC. XXII.*

D. Pedro II confirmou, em 1694, a confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição, erecta na respectiva egreja de Villa Viçosa.

A rainha D. Maria Francisca de Saboya, 1.ª mulher de D. Pedro I, que nos ultimos annos da sua vida procurára redimir pelo arrependimento os erros de que a historia faz menção, adoeceu gravemente no inverno de 1683 e foi a ares para o palacio do conde das Sarzedas em Palhavã.

A rainha apegou-se, no desejo de melhorar, com a Senhora do Pilar, do mosteiro de S. Vicente. Pediu que lh'a trouxessem, e d'essa missão se encarregou o conego D. Leonardo de S. José, conduzindo a imagem com a devida pompa [1].

«Não quiz Deus que a intercessão de Sua Mãe Divina operasse d'esta vez o milagre. Altos juizos! estava fixada a hora da agonisante [2]».

A rainha, que falleceu a 27 de dezembro d'esse anno, deixou instituida a capella da Virgem, no noviciado da Companhia de Jesus, á Cotovia [3].

Entre os homens eminentes d'este periodo da nossa historia, o da restauração de Portugal, avulta o padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, grande orador sagrado, diligente missionario e abalisado escriptor [4].

Muitos dos seus sermões tiveram por assumpto a Virgem Purissima, e são certamente dos mais bellos. D'estes torna-se notavel pela subtilesa da argumentação o de Nossa Senhora do Ó, pregado em 1640 na Bahia [5].

Antonio Vieira teve especial devoção a Nossa Senhora do Rosario, á qual dedicou os vol. IX e X dos seus *Sermões*, dando-lhes o titulo de *Maria Rosa Mystica, excellencias, poderes, e maravilhas do Seu Rosario* (I e II parte).

Declara que esta dedicatoria é originada n'um voto que fez e repetiu «em grandes perigos da vida, de que por Sua immensa benignidade e poderosissima intercessão sempre sahiu livre».

Não podêmos dizer ao certo qual seria a primeira occasião em que fez o voto de que se trata, mas são conhecidos os grandes trabalhos que soffreu em diversas conjuncturas

[1] Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, tom. III, pag. 6.

[2] Julio de Castilho, *Lisboa antiga*, vol. V, pag. 27 e seg.

[3] Benevides, *Rainhas de Portugal*, vol II, pag. 119.

[4] Nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608 e morreu na cidade da Bahia (Brazil) a 18 de julho de 1697.

[5] «Celebrando se em Toledo o Concilio decimo, em que presidiu S. Eugenio, arcebispo d'aquella egreja, se determinou que a festa da Annunciação se celebrasse e transferisse para o dia 18 de Dezembro, oito dias antes do Natal; depois succedendo no arcebispado S. Ildefonso, sobrinho de S. Eugenio. e havendo disputado e convencido os herejes, que queriam macular a Virgindade purissima da Mãe de Deus, ordenou que a mesma festa se celebrasse n'esse dia com o titulo de Expectação do Parto da Beatissima Virgem Maria, e como nas suas vesperas se começam a dizer as Antiphonas maiores que principiam pela exclamação ou suspiro — Oh! — por isso se chama a esta solemnidade de Nossa Senhora do O». *Flores a Maria*, pelo Padre Martinho da Silva, presbytero bracharense.

Em Portugal ha muitas imagens d'esta invocação, sendo popularissima a da villa de Torres Novas, de que trata o *Sant. Mar.*, tom. II, liv. I, tit· LXIII.

da sua agitada existencia: perigo de naufragio quando em 1641 regressava do Brazil a Lisboa; sua prisão em Peniche, onde o povo o quiz matar e a D. Fernando de Mascarenhas, por suspeitar de suas opiniões politicas; perseguição pelo governo hespanhol, quando partiu para Roma; naufragio á vista dos Açores n'outra viagem em regresso do Brazil; prisão no Maranhão e fuga para o reino; prisão em Lisboa como cumplice nos disturbios do Paço; luctas com a Inquisição; conflicto com o governador da Bahia; doenças, erysipelas e sezões frequentes; quedas desastrosas, etc.

A proposito do voto de Antonio Vieira lembra-nos outro, tambem feito no seculo XVII e continuado em alguns annos do seculo seguinte.

O doutor André Nunes da Silva, presbytero do habito de S. Pedro, prometteu em 1665 compôr cada anno um soneto em honra da purissima Conceição da Virgem Maria.

Cumpriu o voto durante quarenta annos, que tantos foram os que lhe restaram de vida, desde 1665 até 1705.

O primeiro soneto com que se desempenhou da promessa, foi este:

> No decreto maior, que do eminente
> Sacro solio alcançou o amor constante
> A favor do universo naufragante,
> Que agonisava lastimosamente;
>
> O Padre poz a mão omnipotente,
> A penna concedeu a Pomba amante,
> Foi o verbo a palavra relevante,
> E o papel foi Maria mais decente.
>
> Como pois, sendo taes n'este traslado
> A mão, a penna, e a palavra, havia
> O papel d'este assumpto ser manchado?
>
> Oh pura sempre, ó singular Maria,
> Mal o borrão teria do peccado
> O papel, em que o Verbo se escrevia.

Depois da morte do dr. Nunes da Silva, outro devoto de Nossa Senhora se propoz continuar o voto, e assim fez até ao anno de 1715 [1].

[1] *Voto metrico, e anniversario, de cincoenta sonetos á purissima Conceyçam da Virgem Maria Nossa Senhora, compostos desde o anno de 1665 até o de 1705 pelo doutor André Nunes da Silva, presbytero do habito de S. Pedro, e continuados depois da sua morte até o anno de 1715 por outro devoto, e indigno escravo da mesma Senhora* — Lisboa, na officina de Pascoal da Sylva, M. DCCXVI.

Entre os prégadores illustres do seculo XVII merecem especial menção frei Antonio das Chagas [1], que durante as suas missões em Setubal instituiu ás mulheres a obrigação de rezarem todos os dias em casa o Terço de Nossa Senhora; e o oratoriano Manuel Bernardes [2], o auctor mavioso da *Luz e calor*, obra que já citamos mais longe.

Egreja de Nossa Senhora do Bom Despacho em Cervães concelho de Villa Verde

(O altar-mór é de riquissima talha da Renascença e em fórma de gruta).

Não só nos sermões de Bernardes, mas em todos os seus livros se encontram ternos hymnos em prosa dedicados á Mãe de Deus, taes como este: «Oh Maria Santissima, Maria Dulcissima, Maria Amabilissima; desejo ardentemente estar em vossa companhia! Oh se me cumprireis estes desejos! Espero que sim: porque em vós são maiores os que tendes de salvar as almas. N'esta esperança vivo, n'esta quero morrer, para que viva eternamente [3]».

Entre os poetas do seculo XVII que, por obedecerem á suggestão do gongorismo, são os menos brilhantes da nossa historia litteraria, deve ter especial menção n'este livro o dr. Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos [4], natural de Verde-milho, proximo de Aveiro: e a razão da preferencia é ter composto um poema heroico em XX cantos e oitava-rima, cujo assumpto é a vida de Nossa Senhora e cujo titulo é *Virginidos* [5].

O poema é offerecido á rainha D. Luiza de Gusmão.

Barbuda explica no prologo os motivos que o levaram a tentar tão alta empresa: foi ter lido na puericia a vida do grande patriarcha S. José e ter sentido desde então uma nobre inveja e fervoroso desejo de ver estampado em poema

[1] Nascido na Vidigueira a 25 de junho de 1631 e fallecido no Varatojo a 20 de outubro de 1682.

[2] Nasceu em Lisboa a 20 de agosto de 1644 e morreu na casa do Espirito-Santo em 17 de agosto de 1710.

[3] *Exercicios espirituaes*, exerc. VI.

[4] Nasceu em 1607; falleceu a 30 de março de 1670.

Durante algum tempo se teria assignado apenas Manuel Mendes Barbuda, como se vê do alvará de privilegio, que lhe foi concedido a 7 de julho de 1668.

[5] O alvará a que nos referimos na anterior nota, dá ao poema o titulo de — *Vida da Virgem Mãe de Deus*, sendo comtudo certo que sahiu, em 1667, com o titulo de *Virginidos* ou *Vida da Virgem Senhora nossa.*

epico e lingua portugueza «um epitome da vida d'aquella suprema Rainha Esposa sua».

Transcorreram annos, e como não tivesse apparecido em nossa terra nenhum poema sobre tão magestoso assumpto, resolveu Barbuda metter hombros ao emprehendimento.

«Passárão annos, diz elle, e passou por alto aos Cysnes do Tejo, Mondego, e Douro aparar a pena, e apurar a harmonia para emprehender tão alto intento: despertoume então o Vouga com seu murmurio, parece que censurãdo com elle esta remissão».

Como era costume nos poemas epicos, o poeta declara o assumpto nas primeiras oitavas:

Canto as Armas da Torre sublimada,
Do Palestino Rey, sempre triumphante,
Que d heroicas acções, d'esforço armada,
Foi da forte Mulher, Forte constante:
A que do bello, e bellico adornada,
D'ouro foi fabricada, e de diamante,
Porque, assistindo n'ella o Ceu na Terra,
Fosse constante a Paz, fermosa a Guerra.

Aquelle alto Castello illustre, e bello,
Em que primeiro entrou Deus humanado,
Que entrasse de Bethania no Castello,
Onde este mais gentil foi figurado:
O que de Martha tem, sómente anhello
De MARIA cantar, d'ella inspirado,
Porque a parte melhor, de que se esmalta,
Vozes do Ceu requer, solfa mais alta.

A vida dizer quero esclarecida
D'aquella Ave do Ceu, Phenix sagrada,
Que por dar morte á Morte, foi nascida,
E, por dar vida á Vida, foi creada:
Que do Ceu para Porta preferida,
Por Cedro incorruptivel foi buscada,
Por quem o mesmo Deus e Mundo apporta,
Que, sem abril-a, entrou por esta Porta.

D'aquella, que com força mais prestante,
Imitando o Avó, sacro Amphionte,
Postrou outro mais forte, e mór gigante,
Co'a Pedra, que sem mãos caiu do Monte:
Que figura tem clara, e rutilante

Na Estrella de Jacob, sellada Fonte,
Cuja Corrente clara, e Luz felice,
Já nunca se turbou, nem teve eclice.

D'aquella, que por sua fortalesa,
Torre chamada foi, que ella figura,
Que seu divino Corpo é na bellesa,
Torre na guarnição, e na Estatura:
De alicerce lhe serve a Lua accesa
Em fúlgido candor, em prata pura,
De paredes o Sol, que doura os muros,
D'ameias de crystal os Astros puros.

Porta, e Janella tem no Ceu traçada,
E Casa, em que a habitar Deus se offerece,
E tem, com ter tambem fermosa Escada,
Cisterna, que do Ceu a agua merece:
Que Janella do Ceu, Porta sagrada,
E Casa de Deus foi, que elle enriquece,
Escada de Jacob celeste, e altiva,
E de Bethlem Cisterna de agua viva.

....
Esta é a Torre, que excede os Horisontes,
Que em rouca e inculta voz cantar intento,
A que as vozes d'Orpheus e de Ariontes
Indignas são de dar condigno accento:
Se um encantou os Mares, outro os Montes
Inda é assi sua voz falta de alento,
Para poder cantar com digna traça,
Estes Montes de Luz, Mares de Graça.

Feita a exposição do assumpto, segue-se, segundo as regras da poetica, a invocação, que é dirigida ao Espirito Santo, e depois a dedicatoria, á rainha D. Luiza.

A narração abrange toda a vida de Maria Santissima nas suas alegrias e tristesas ou, como disse o padre André de Christo [1], nas suas duas phases capitaes: uma que vai até á morte de Jesus, e abarca todos os trabalhos e dores que Nossa Senhora padeceu; outra que principia no mysterio da Resurreição e transmuda dores e trabalhos em felicidades e jubilos sem fim.

O canto XVIII descreve a Paixão e Morte de Christo, largamente, podendo este episodio considerar-se, pela sua amplitude, um poema engastado n'outro.

Entre os numerosos poetas gongoricos do seculo XVII,

[1] No «juizo poetico», appenso ao poema.

que renderam homenagem á Virgem Santissima [1], avultam em grande numero as freiras professas. de que seria impossivel dar uma relação completa.

Indicaremos apenas duas, a começar por soror Violante do Ceu [2].

Breve excerpto da sua canção A Nossa Senhora do Rosario:

Embarquemo-nos, senhores,
No mar da mais bella aurora,
Que sendo o mar de Maria,
Será o porto da gloria.

Embarquemo-nos no immenso
De devoção tão ditosa,
Pois do Rosario divino
Dependem as ditas todas.

Naveguemos sem temores
De tormentas rigorosas,
Que aonde tudo é bonança
Nenhuma tormenta assombra.

Norte divino é Maria,
Mar de graças o das Contas,
Pois n'elle tudo são graças
Para serem tudo glorias.

Tambem outra freira lisbonense, soror Maria do Ceu [3],

Referimo-nos ao livreiro Francisco Lopes, que no opusculo *Favores do ceo*, publicado em 1642, e allusivo áquelle facto historico, diz, invocando Nossa Senhora:

Virgem Mãy, & creatura
Pura só entre os mortaes
Graça alcançai Virgem pura
Que se graça me alcançais,
Eu terey graça, & ventura.
    Daime graça com que faça
    Cõ graça o que hei de escreuer,
    Porque se graça hei mister
    Sendo vós chea de graça
    Graça me heis de conceder.

[1] Na impossibilidade de citar todos, que todos são mais ou menos dessaboridos por effeito de preoccupação de escola, mencionaremos um, não porque se avantajasse litterariamente aos outros, mas porque relacionou a sua musa com o facto da acclamação de D. João IV

[2] Religiosa dominicana no convento da Rosa em Lisboa. N'esta cidade nasceu em 1601 e falleceu em 1693.

[3] Nasceu em Lisboa em 1658; ainda vivia em 1752.

que foi abbadessa no convento da Esperança, cantou louvores ao Rosario, a cujo respeito compoz um livro [1].

Entre os prosadores mencionarei, alem dos já citados por effeito de transcripções incorporadas no texto, D. Rodrigo da Cunha, que foi successivamente bispo de Portalegre e do Porto; arcebispo de Braga e de Lisboa [2].

Foi tão devoto de Nossa Senhora, que lhe dedicou dois livros.

Um d'elles é a *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga* (1634) *offerecida á Serenissima Virgem Santa Maria de Braga*.

No frontispicio do livro vem a imagem da Senhora com o Menino ao collo, emmoldurada entre lindos ornatos, que a cruz archiepiscopal remata no alto.

Na dedicatoria diz o arcebispo:

Á Virgem
Senhora Nossa
Padroeira da Igreja, e
cidade de Braga

«Pelos mesmos titulos (Virgem Santissima) que vos offereci o tratado da Primazia de Braga [3], he tambem vosso o com que agora sayo a luz dos Arcebispos da mesma Igreja. Injusto fora se para os publicar, lhe buscasse outro fauor. Obra foi vossa subirem á dignidade desta Sé primeira de Hespanha, que vos leuantou altares, & se consagrou a vosso nome. Taes os escolhestes, quaes os pedia vosso seruiço, & auerem de ficar por esta uia o exemplar do clero de hũa Prouincia taõ Catholica, a quem vosso Filho Christo Jesu tinha guardada a empreza de leuarem pello mundo a gloria de sua sagrada Cruz. Em vosso emparo confio resucitar na memoria dos homens a fama, que debaixo do mesmo emparo ganháraõ tantos Prelados, viuendo perfeitos, e morrendo Santos».

No seculo xvii os missionarios portuguezes, succedendo

[1] *Triumpho do Rosario, repartido em cinco autos do mesmo*, etc., Lisboa, 1740.

[2] Nasceu em Lisboa em 1577 e morreu na mesma cidade a 3 de janeiro de 1643.

[3] É o outro livro a que nos referimos: *De Primatu Brachar. Eccl.;* Bracharæ, 1632.

aos descobridores e navegadores audazes do seculo anterior, proseguiram na meritoria obra de propagação da fé, levando a religião de Christo a remotas plagas e com ella o culto da Virgem Santissima.

A sua missão é pacifica, puramente religiosa, mas tambem heroica.

O padre Antonio de Andrade, da Companhia de Jesus e natural da Beira Baixa (Oleirós), exerceu piedosissimamente o cargo de superior da missão do Mogol e, não contente ainda com tão pesado encargo, avançou até á Asia Central, desejoso de avistar e reconhecer o Thibet.

Para realisar tão arriscado intento teve de disfarçar-se com o trajo de mogol e, através de rudes trabalhos, chegou ao Thibet em 1624 [1].

Ahi, em plena Asia, e no fóco do culto budhista, conseguiu erigir no alto do Thibet um templo a Nossa Senhora.

Outro padre da Companhia, Manoel Godinho, que tambem missionou no Oriente, escreveu um interessante livro em que nos dá noticia do culto votado a Nossa Senhora n'aquellas regiões, que os nossos missionarios iam pacientemente christianisando.

O seu livro intitula-se *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o padre Manoel Godinho da Companhia de Jesus.*

Ahi refere como não longe de Baçaim invocou o auxilio de Nossa Senhora para levar a cabo sua tão arriscada peregrinação.

«. . . de Baçaim em quinze de Dezembro de 1662, me fui á egreja de Nossa Senhora dos Remedios, distante dois tiros de canhão da cidade. Diante daquella milagrosa imagem, que é venerada de christãos, gentios, e mouros, offereci a Deus todos quantos trabalhos em uma tão arriscada, como trabalhosa viagem, me esperavam; e tomada sua benção, com uma grande confiança no patrocinio de tal Senhora, me puz a caminho».

Ahi nos falla tambem do santuario de Nossa Senhora das Angustias em Danú, imagem muito milagrosa, que notabilisa aquella terra em toda a India.

[1] D'esta sua odyssea religiosa deixou o padre Andrade memoria no livro que se intitula: *Novo descobrimento do grão Cathay, ou dos reinos do Thibet;* Lisboa, 1626.

Um frade franciscano, Gaspar de S. Bernardino, deixou o seu—*Itinerario da India por terra até á ilha de Chypre* — repleto de curiosas informações para a historia do culto de Nossa Senhora em terras portuguezas do Oriente.

Refere pormenores de suas perigosas navegações e do modo como elle e seus companheiros foram salvos por intercessão da Virgem Santissima.

Reproduzamos um d'esses episodios, verdadeiramente tocante:

«O Sotapilloto Manoel Rodrigues, que andaua enfermo, me chamou a parte, dizendo: Padre meu, a náo da India como se encosta, não se sabe mais virar, por tanto auise ao Capitão Mór, ponha cobro nos bateis, pera que assi nos possamos todos saluar. Desta maneira se passou aquella noyte, que por me parescer hũa Imagem do Iuyzo, creo sempre me lembrará, e lá pela madrugada a náo com a enchente da maré, se foy pouco, e pouco leuantando. Quem auerá que sem o ver o crea? Mas testemunha me he Deos, que em tudo digo verdade, e testemunhas saõ tambem della quãtos na nao hiamos, pois por sua misericordia, e intercessão da Serenissima Raynha dos Anjos, por quem todos chamamos, nenhum de nós faleceo em todos estes trabalhos. Graças lhe démos, por tam presto nos liurar de tantos, a que pouco antes estauamos offerecidos, e quasi desconfiados de nos vermos liures delles. Vinda a menhaã os Religiosos cõ toda a mais gente fizemos voto de com procissão solemne irmos a sua sancta casa, na primeyra terra de Christãos a que fosse seruida leuar-nos: e juntamente prometemos darlhe hũa boa esmola, e o preço de hũa pequena anchora, e de hũ delgado virador, se o guardase por ya nã auer outro.

«O Capitão mandou logo, que em nome da Virgem MARIA se desse hũa espia, pera com ella sahirmos fora da coroa de area, porque vindo outra maré, não tornassemos a cahir nella. Em quanto os homens do mar nisto se occupauão, pedio o Padre Custodio a todos os passageyros passassemos a popa, e nella de joelhos, diante de hum deuoto Retabolo da Senhora, com lagrimas, e gemidos de deuação entoamos as suas Ladaynhas: e indo naquella palaura que diz (*Consolatrix afflictorum ora pro nobis*) o que repetimos tres vezes, a nao que começa a hir andando, té nos hirmos poer em fundo de oyto braças, sem leme, ou masto grande, sem forças, e sem fazẽda, mas com tudo muy ledos, e contentes».

Outro episodio relatado por frei Gaspar e por elle recolhido da bocca de navegantes portuguezes:

«Grandes saõ verdadeyramente os trabalhos do mar, se os que lanção nos direytos da casa da India aqui se achárão, cuydo que mais piadosamente se ouuerão com as partes. Contárão mais, que vendose sem gouerno, hum dos passageyros que na nao vinha posera hũ Retabolo que trazia da Senhora de Penha de Frãça, na cadeyra do Pilloto pera que ella gouernasse como mãy de Misericordia; assi o fez tres dias, e noytes, sem a nao nelles atrauessar nunca, nem tomar de luua, ou por dauante, o que certo foy euidentissima marauilha».

Assim de seculo em seculo, no Oriente como no Occidente, por mar ou por terra, os portuguezes propagavam a devoção a Maria Santissima e alimentavam o fervor do Seu culto.

Eu não poderia, por mais que o desejasse, dar noticia completa de quantos livros recontam os actos de reverencia á Mãe de Deus praticados pelos portuguezes no seculo XVII.

Mencionarei comtudo um facto pará mostrar quanto a devoção e o culto mariano caminhavam rapidamente.

N. S. DA PURIFICAÇAÕ

As freiras flamengas, fugidas aos hereges do Brabante, tinham vindo para Portugal em 1582, e aqui lhes foi permittido fundar convento no limite de Alcantara.

Trouxeram comsigo uma imagem de Nossa Senhora, com o titulo de Monteagudo, a qual, por agradecer serviços recebidos, offereceram a Gonçalo Pires Carvalho, provedor dos paços e obras reaes.

Em 1692, um neto d'este provedor mandou construir uma pequena ermida na quinta que possuia junto á Penha de França e n'ella fez collocar e venerar aquella imagem, que de seu avô herdara [1].

[1] *Historia dos milagres que Deus Nosso Senhor foi servido obrar por meio da sagrada imagem de Nossa Senhora de Monteagudo,* traduzida do castelhano pelo padre Manoel de Coimbra. Lisboa, 1694.

Começou logo tamanha romaria de fieis a visitar a ermida, e a crescer tanto de dia para dia a devoção, que menos de um anno depois, note-se bem, menos de um anno depois, o fundador da ermida teve de mandar augmental-a a fim de poder comportar todas quantas pessoas ali concorrjam [1].

[1] A nota que se segue devemol-a ao favor de um amigo, a quem a tinhamos pedido, e que é residente em Villa Viçosa. Havendo chegado tarde, já não pudémos incluir no texto as interessantes informações que contém; mas aproveitamos a ultima pagina do capitulo, em que se trata do assumpto, para inseril-a a titulo de elucidação supplementar

«No archivo da Regia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa faltam alguns livros de contas de annos remotos; comtudo, dos que existem pode concluir-se que o feudo que Sua Magestade El Rei o Senhor D. João 4.º se obrigou a pagar annualmente por si e por todos os seus descendentes e successores, segundo a provisão de 25 de março de 1646, á Casa de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, foi effectivamente satisfeito até ao anno de 1739 na rasão de 20$000 réis annuaes; que de 1740 em diante esta quantia variou, sendo n'uns annos de 37$500 réis, n'outros de 35$720 réis e ainda n'outros de 31$800 réis, não constando o motivo d'estas alterações.

«Os ultimos annos pagos foram os de 1803 e 1804, lançados nas contas de 1807, occasionando naturalmente a cessação do pagamento a invasão franceza, que se deu n'esse anno

«Os pagamentos até 1728 eram feitos umas vezes pelo almoxarifado e outras pelo Visitador de Estremoz, e por este ultimo continuaram a ser até 1807. Em alguns dos annos acha-se assim descripta a verba de receita: «Do feudo que Sua Magestade El Rei o Senhor D. João 4.º se obrigou a pagar não só por si, mas por todos os seus descendentes, em acção de graças pela restauração do Reino, etc.».

«De 1807 para cá não ha noticia de que á Regia Confraria tenha sido pago aquelle feudo.

«As noticias dadas pelos jornaes de Lisboa em sentido contrario, não são exactas, nem authenticas».

IX

Durante o seculo XVIII

—

seculo XVIII, que tanto se assignalou em França pela impiedade e successivos ultrajes á religião, alem do sangue que as paixões politicas fizeram correr, foi em Portugal um seculo de fé viva, de gloria para a egreja de Christo, de louvores á Virgem Santissima Mãe de Deus.

Foi o seculo de Mafra, das duas patriarchaes, do titulo de *fidelissimo* concedido aos nossos reis, e da basilica da Estrella.

Bastariam apenas estes factos para definir a feição piedosa do seculo XVIII em Portugal, mas ha outros muitos que não podem ficar no escuro ou em silencio.

D. João V teve especialissima devoção a Nossa Senhora, e a sua oração mais predilecta era a *Salve Rainha.*

«Esta grande devoção, que consagrou a Maria Santissima, o fez entrar no desejo de constituir nas sobreditas Igrejas, que se achão fundadas em todos os Dominios da sua Coroa, festividades solemnes para os mezes de Abril, Mayo, Junho, e Novembro, em que não as ha universalmente fixas: e alcançando da Santa Sé as duas referidas do Patrocinio, e Desterro para os mezes de Abril, e Novembro, por se proporem algumas duvidas na Congregação de Ritos sobre as

da Maternidade, e Coração da Senhora, que havião encher os de Mayo, e Junho, e não estarem dissolvidas; ficou incompleto o anno, sem embargo de que não descançava o seu devoto coração de supplicar ao Summo Pontifice a graça d'esta concessão. Não satisfeito este Piissimo Monarcha com a Real pompa, que o seu affecto tributava todos os annos na insigne Collegiada de S. Thomé, depois erecta em Basilica Patriarchal, ao Mysterio da Immaculada Conceição da mesma Senhora, Purissima em todo o instante do seu ser; mandou, por Carta firmada pela sua Real mão, de 12 de Novembro de 1717, a todos os Prelados das Cathedraes, e Collegiadas do Reyno, que nas suas Igrejas fizessem celebrar esta Festa com todas as mayores demonstrações de grandeza, e solemnidade [1]».

Tambem enviou carta, no mesmo sentido, ao reitor e corpo docente da universidade de Coimbra, que foi acompanhada de um officio de remessa pelo ministro Diogo de Mendonça Côrte-Real.

Encontramos no *Instituto* [2] estes dois documentos fielmente trasladados pelo sr. dr. Antonio de Vasconcellos. Dizem assim, conservada a orthographia da epoca:

«Reitor, Lentes, Deputados, Conselheiros do Claustro da Vniversidade de Coimbra. Ev El Rey vos invio muito saudar. Por carta de seis de Dezembro de mil, eseis centos, e quarenta, e quatro, sevos avizou haver rezoluto, e ordenado meu Avo o s.r Rey Dom Ioaõ o 4.º que Deos haja, que todas as Cidades, Villas, e Lugares de Meus Reynos, tomassem por Padroeira a Virgem Nossa Senhora da Conceiçam: ejuntos os Tres Estados do R.no ajurou em Vinte, e sinco de Março de mil, eseis centos quarenta, eseis: epor que a devaçaõ geral, que todos devemos ter asua purissima Conceiçaõ, como Padroeira, pede que o culto dasua festa se faça com mayor aumento, fazendose, ecelebrandose com asolemnidade que a Igreja ordena, ao que se falta em algumas: meparereceo mandarvos dizer, que vos hey, por muy recomendado, que em observancia d'aquella rezoluçaõ procureis com o zelo, que a materia pede conformarvos com o que a Igreja dispoem na solemnidade desemelhantes festas; e assim o mando recomendar atodos os Prelados paraq'

[1] Francisco Xavier da Sylva, *Elogio funebre, e historico*, etc., *do Senhor D. João V*, pag. 48 — Lisboa, 1750.
[2] N.º 12, da 3.ª serie. Vol. XL. Junho de 1893.

cada hum faça o mesmo nas suas Igrejas. eespero. que neste particular obrareis de maneira. que tenha muito que agradecervos. fazendome prezente teres mandado executar o q' nesta vos recomendo. Escrita em Lisboa Occidental a 12 de Novembro de 1717.

Rey ·:·

Para o R.^{r} Lentes, Dep.^{dos} e Cons.^{ros}
do Claustro da Vnid.^{e} de Coimbra [1]»

«Remeto a VS a Carta firmada da real mão em q' SMg^{e} q' Ds' g^{e} recomenda a VS.^{a} afesta da purissima Conceipção da Virgem Nossa S.^{ra} e ordena o mesmo S.^{r} q' daSua p.^{te} diga a VS fia da Sua grande devoção a mesma S.^{ra} porá todo o Cuid.^{o} emfazer celebrar todos os annos a quella festa em q' asua real pied.^{e} he mui empenhada ehe o mesmo S^{r} Servido q' VS mande registar ad^{a} Carta p.^{a} q' por falta de not.^{a} se naõ deixe de fazer a mesma festa nessa Capella e nas Igrejas q' lhe pertençem tendo VS entend.^{o} q' tudo o q' obrar nesta matr.^{a} será m^{to} do agrado de SMg^{e} e tambem mandará VS registar as ordens q' houuer depassar p^{a} outras quaes quer Igr.^{as} q' lhe pertençerem p^{a} q' continuem sempre na forma dellas. Ds' G^{e} a VS Lx^{a} occidental 13 de Nour^{o} de 1717

D^{o} de m^{a} Cortereal

S.^{r} Reitor, Lentes, Deputados,
e Conselhr.^{os} do Claustro da Vnid.^{e}
de Coimbra [2]».

D. Antonio Caetano de Sousa, nas *Provas da Historia Genealogica* [3], traz, renovada a orthographia, copia da mesma carta regia e do officio de remessa, que foram dirigidos ao Dom Prior da Collegiada de Guimarães, e que reproduzem o teor da circular:

Copia das Cartas, em que El-Rey D. João o V encomenda aos Prelados do Reyno, que a Festa da Purissima Conceição se faça com toda a solemnidade

«Remetto a Vossa Senhoria a Carta, firmada da Real mão, em que Sua Magestade, que Deos guarde recomenda

[1] *Provisões antes da n. fund. da Univ.*, t. IV, fol. 53.
[2] *Provisões antes da n. fund. da Univ.*, t. IV, fol. 54.
[3] Tom. V, n.^{os} 310-311.

a Vossa Senhoria a Festa da Purissima Conceição da Virgem Senhora nossa, e ordena o mesmo Senhor, que da sua parte diga a Vossa Senhoria, fia da sua grande devoção a mesma Senhora, porá todo o cuidado em fazer celebrar todos os annos aquella Festa, em que a sua Real piedade he muy empenhada; e he o mesmo Senhor servido, que Vossa Senhoria mande registar a referida Carta nos livros da Camera Ecclesiastica, e do Cabido, para que por falta de noticia se não deixe de fazer a mesma Festa: Tendo Vossa Senhoria entendido, que tudo o que obrar nesta materia, será muito do agrado de Sua Magestade, e tambem mandará Vossa Senhoria registar nos mesmos livros as ordens, que passar, para que a celebridade continue sempre na fórma dellas. Deos guarde a Vossa Senhoria, Lisboa Occidental, a 13 de Novembro de 1717 = Diogo de Mendonça Corte-Real.

Senhor Dom Prior da insigne Collegiada de Guimaraens.

Copia da outra Carta, de que faz menção a acima

Dom Prior da insigne Collegiada de Guimaraens, Eu El-Rey vos envio muito saudar. Por Carta de 6 de Dezembro de 1644 se vos avisou haver resoluto, e ordenado meu avô, o Senhor Rey D. João o IV, que Deos haja, que todas as Cidades, Villas, e Lugares de meus Reynos, tomassem por Padroeira a Virgem Nossa Senhora da Conceição: e juntos os Tres Estados do Reyno, a jurou em 25 de Março de 1646, e porque a devoção geral, que todos devemos ter a sua Purissima Conceição, como Padroeira, pede que o culto da sua Festa se faça com mayor augmento, fazendo-se, e celebrando se com a solemnidade, que a Igreja ordena, ao que se falta em algumas, me pareceo mandarvos dizer, que vos hey por muy recomendado, que em observancia daquella resolução procureis, com o zelo, que a materia pede, conformarvos com o que a Igreja dispoem com a solemnidade de semelhantes Festas: e assim mando recomendar a todos os Prelados, para que cada um faça o mesmo nas suas Igrejas, espero que neste particular obrareis de maneira, que tenha muito, que agradecervos, fazendome presente teres mandado executar o que nesta vos recomendo: escrita em Lisboa Occidental, a 12 de Novembro de 1717.—Rey».

Em provisão de 28 de abril de 1720 ordenou D. João V que o prestito que sahia da Universidade de Coimbra, nas

vesperas e dia da Conceição, para o Collegio d'esta invocação, que era de religiosos da ordem de Christo, se fizesse com maior solemnidade do que anteriormente.

Ordenou outrosim que os doutores se incorporassem no prestito com suas insignias, e recebessem propinas; que a offerta, que o reitor, acompanhado dos bedeis e officiaes da secretaria, fazia no offertorio da missa, fosse de vinte mil réis, quando até ahi era apenas de quatro [1].

Ainda hoje se celebra na capella da Universidade de Coimbra a festa da Immaculada Conceição, com assistencia do corpo docente. Canta a missa um lente da faculdade de theologia; e outro préga o sermão.

Mas não é esta a unica festa que na capella da Universidade se celebra em honra de Nossa Senhora e em condições identicas.

Tambem ali se festeja solemnemente a Purificação a 2 de fevereiro e a Annunciação a 25 de março.

E na cidade de Coimbra ha outra festa da Conceição, não menos brilhante por certo: é a que se realisa na egreja de Santa Cruz.

Diz o autor do *Santuario Mariano* que indo a Roma, pelos annos de 1550, os dois conegos de Santa Cruz de Coimbra, D. Filippe e D. Clemente, sendo prior geral D. Lourenço Leitão, trouxeram um breve, não só para poderem rezar perpetuamente da festa de Nossa Senhora da Conceição, mas tambem para se renovar a antiga confraria e religiosa irmandade da mesma Senhora.

E accrescenta fr. Agostinho de Santa Maria:

«Estabelecida a irmandade em todos aquelles padres professos, com a obrigação de se dizer em todos os sabbados uma missa da festa da Conceição, e em todos os terceiros sabbados de cada mez, cantada pelo convento dos conegos em o côro; para se dar principio áquella irmandade se mandou fazer logo a Lisboa uma imagem nova da Senhora da Conceição, e se lhe fez um retabulo novo para o altar

[1] *Elogio funebre, e historico*, pag. 51-52.

em que se havia de collocar. Signal de que ainda parece não tinham imagem propria d'este mysterio.

....

«Sabendo da nova instituição, ou renovação da confraria da Senhora da Conceição, a serenissima e muito devota infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel, quiz que corresse a fabrica da santa imagem pela sua conta, e assim ella foi a que a mandou fazer, para ter tambem parte nos espirituaes interesses da irmandade.

«Depois, no anno de 1566, em o capitulo geral, que se celebrou em o mesmo convento de Santa Cruz, se mandou rezar em todos os sabbados, não impedidos, da Conceição da Senhora, o que acceitou o convento. Deu-se-lhe principio no seguinte anno de 1567, com o referido breve de Roma.

....

«Todos os sabbados do anno (nos tempos presentes) se lhe canta missa com muitas luzes, e grande solemnidade, e com as alegres vozes do orgão e instrumentos. Em todos os domingos e dias santos de tarde se lhe canta o terço, a que acode muita gente da cidade e Universidade, que assiste com grande devoção.

«Fazem-lhe duas novenas: a primeira antes da festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo: e a segunda antes da festa do Espirito seu Divino Esposo, com oração e com ladainhas, com muita solemnidade e devoção. Não só é buscada esta Senhora dos moradores d'aquella cidade, mas ainda da gente de fóra de todas aquellas terras circumvisinhas, pelos favores que a todas reparte».

Acerca do estado actual de todas estas devoções na egreja de Santa Cruz de Coimbra, diz um jornal da mesma cidade:

«Ainda presentemente se faz na egreja de Santa Cruz com muita pompa, a festa annual a Nossa Senhora da Conceição. Tambem ha a missa todos os sabbados, de que falla Fr. Agostinho de Santa Maria; mas é só rezada, deixando ha tempos por falta de recursos, de ser acompanhada a orgão, como era de uso ha largos annos. Em logar das duas novenas, que elle menciona, ha só a do mez de Dezembro.

«Em quanto ao terço, nas tardes dos domingos e dias santos, terminou ha proximamente 30 annos, depois de existir essa pratica durante dois seculos [1]».

[1] *O Conimbricense*, de 9 de dezembro de 1899.

Imp. de Libanio da Silva

CASAMENTO MYSTICO DE SANTA CATHARINA DE ALEXANDRIA

Quadro de Antonio Allegri — *Correggio* existente no Museu do Louvre

Em Lisboa, na sé patriarchal, a festa da Conceição faz-se ainda com a solemnidade ordenada por el-rei D. João V em 1717[1].

Assistem a familia real, a côrte, os ministros, etc.

El-rei, durante a missa, offerece um donativo pecuniario, que deveria ser destinado á egreja da Conceição em Villa Viçosa[2].

A Academia Real da Historia, fundada por D. João V, que lhe confiou o encargo de escrever a historia ecclesias-

[1] Do *Correio Nacional*, folha lisbonense, de 9 de dezembro de 1899, reproduzimos a seguinte commemoração da festa n'aquelle anno:

«Realisou-se hontem na Sé Patriarchal, com a pompa do estylo, a festividade da Immaculada Conceição, Padroeira do reino e conquistas.

«Assistiram Suas Magestades El rei e a Rainha, o sr. infante D. Affonso, acompanhados dos seus dignitarios de serviço, sr.ª D. Maria Francisca de Menezes e sr. marquez de Pombal, conde da Ribeira Grande, coronel Duval Telles, D. Antonio de Noronha e major Alfredo de Albuquerque. Vimos tambem as sr.as duqueza de Palmella, marqueza do Fayal, condessa do Seisal, de Sabugosa e de Figueiró, damas de Sua Magestade a Rainha, e os srs. ministros da justiça, fazenda, guerra, estrangeiros, marinha e obras publicas, governador civil, almirante Baptista d'Andrade, marquez do Fayal, condes de Ficalho, de Sabugosa, de Mesquitella, da Figueira e de Figueiró, marquez d'Angeja, coronel Malaquias de Lemos, capitão tenente Antonio Pinto Bastos, D. Luiz Lobo da Silveira, e vario elemento official.

«Depois dos cumprimentos no atrio do templo, a familia real seguiu para a capella do Santissimo, precedida pelo sr. Cardeal Patriarcha e Arcebispo de Mitylene e por todo o cabido.

«Terminada a oração, suas magestades deram entrada na capella mór, tomando logar no solio erguido junto da cadeira patriarchal.

«Foi celebrante Sua Eminencia, sendo presbytero assistente o reverendo deão dr. Boavida; diaconos do solio os reverendos conegos Jeronymo, arcypreste, e Ruas de Abreu, arcediago; diaconos da missa os reverendos conegos Sá Pereira e Lisboa; e ministro do baculo o reverendo conego Alves de Mattos, thesoureiro-mór.

«Como assistentes estavam os reverendos conegos Saccadura Botte, chantre; Agostinho, Manuel Anaquim, Cruz Caldeira, Senna Freitas, Botto, Serrano, Dias da Silva, Diniz, Almeida e Romão Guimarães.

«Antes do offertorio, conforme é de uso tradicional, sua magestade el-rei ajoelhou em frente de Sua Eminencia e fez-lhe a offerta regia que, minutos antes, lhe entregára o sr. conego Almeida, thesoureiro-mór das reaes capellas.

«A offerta, que é pecuniaria, destina-se ao convento (*aliás egreja*) da Conceição de Villa Viçosa *(Veja-se a nota a pag. 279)*.

«Finda a missa, foram lidas as tabellas de indulgencia e o Breve Pontificio auctorisando a Benção Papal.

«Em seguida o sr. Cardeal Patriarcha lançou a Benção Papal, que foi recebida com o maior respeito, conservando-se todos os assistentes ajoelhados.

«N'esse momento as duas baterias de artilheria, postadas no Terreiro do Paço, o cruzador *D. Carlos* e corveta *Duque da Terceira*, o couraçado *Vasco da Gama* e a fragata *D. Fernando* salvaram com 21 tiros.

«No largo da Sé o regimento de infanteria 2 fazia a guarda de honra.

«As carruagens reaes foram escoltadas por um esquadrão de cavallaria 4.

«No templo era grande a concorrencia de fieis.

«— Em todas as igrejas que annunciámos na nossa *Chronica religiosa*, celebrou-se tambem com brilhantismo a festividade da Immaculada Virgem, principalmente nas Mercês, Soccorro, Conceição, Santos, etc.».

[2] Veja-se nota a pag. 279.

tica e secular d'estes reinos e suas conquistas, nasceu sob os auspicios de Nossa Senhora da Conceição.

No decreto organico, que tem a data de 8 de dezembro de 1720, diz o rei: «... ordeno que o presente Decreto na primeira Conferencia, para que escolhi o dia de N. Senhora da Conceição, Padroeira dos Reynos, se lea na mesma Academia, e se registe nos seus livros, e nas mais partes em que for necessario, para que conste que a minha Real intenção he concorrer para o augmento de uma Academia, de que espero resulte huma Historia tão util, conservando-se as acções tão dignas de memoria, que nestes Reynos se tem obrado no augmento do serviço de Deos, da Igreja Catholica, dos Reys meus predecessores, e meu».

Effectivamente, no dia 8 de dezembro d'aquelle anno, D. Manoel Caetano de Sousa, clerigo regular, lente de theologia e deputado da Bulla da Santa Cruzada, expoz perante os consocios os trabalhos preparatorios e os fins da Academia, declarando a sua constituição e que elle havia sido escolhido para director, para censores os marquezes de Fronteira, de Abrantes, de Alegrete e o conde da Ericeira, para secretario o conde de Villarmayor.

«Tenho obedecido — disse o conferente — ao honroso preceito de Sua Magestade, expondo a este erudictissimo Congresso as suas Reaes ordens, e todas as que nesta tarde se ouvirão devem ser adoradas pelos que temos a incomparavel felicidade de ser seus Vassallos; porque todas estão respirando devoção para com a Virgem Senhora nossa, beneficencia para toda a Monarquia, e benignidade para esta Academia.

«Não he a obra da *Lusitania Sacra* [1] outra cousa senão huma illustração historica de todas as Igrejas de Portugal; e he gloria da Senhora que esta illustração se principie no dia, em que della se canta: *Cunctas illustrat Ecclesias.* Será o empenho da *Lusitania Sacra* illustrar as Igrejas Cathedraes deste Reyno, mas tudo redunda em gloria da mesma Senhora, a quem todas ellas são dedicadas.

[1] N'uma reunião preparatoria, celebrada a 19 de novembro no aposento de D. Manoel Caetano de Sousa, em a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, tinha ficado assente que a Academia começasse por escrever a historia ecclesiastica do reino com o titulo de *Lusitania Sacra*, e depois tratasse da historia secular.

Veja-se a *Collecçam dos documentos, estatutos, e memorias da Academia Real da Historia Portugueza,* 1.º vol., Lisboa, 1721.

«Que outra cousa he instituir ElRey nosso Senhor em dia da Conceição da Virgem Santissima, e á sombra da Sua Imagem huma Academia para se escrever a *Lusitania Sacra*, senão o protestar que tem consagrado o Reyno de Portugal á Rainha dos Anjos á imitação do seu Augusto Avô o Senhor Rey D. João o IV e do seu decimo sexto Avô o Senhor Rey D. Affonso Henriques?

«Mandar que em dia da Conceição se principiem a immortalisar por meio da Historia as Igrejas Catholicas de Portugal, he agradecer-lhe a piedade, com que todas ellas seguindo a Metropolitana de Lisboa jurárão no anno de 1646 a Conceição immaculada, como tinha feito no mesmo anno o Senhor Rey D. João o IV, segundo escreve o discretissimo Padre Sebastião de Novaes no seu *Lilium inter spinas*, etc.».

A Academia, por determinação do rei, funccionou no palacio dos duques de Bragança, situado no local onde agora se levanta o *Hotel* d'aquelle nome.

N'esse mesmo palacio se tinham reunido por vezes os conjurados de 1640.

D. João V mandou-o reconstruir em 1712, e era n'uma das salas restauradas que a Academia funccionava [1].

Todos os annos, a 15 de dezembro, dia oitavo da festa da Conceição, rendia a Academia solemne homenagem á sua padroeira.

O primeiro anno em que se celebrou este culto foi o de 1733, e a solemnidade começou pelo acto de todos os academicos jurarem o mysterio da purissima Conceição.

D. João V e o principe assistiram e foram os primeiros a jurar.

O auctor da *Historia Genealogica* diz-nos a este respeito:

«E para mayor evidencia do cordeal affecto, com que *(D. João V)* reverencea a Purissima, e Immaculada Conceição da Virgem Maria, referiremos, o que succedeo a 15 de Dezembro do anno de 1733, dia, que a Academia Real da Historia destinou para festejar a sua Sagrada Padroeira, a que El Rey todos os annos assiste, e se lhe dedica na Ca-

[1] O palacio tinha duas portas, uma para o poente, outra para o nascente. Sobre esta porta havia uma lamina de Nossa Senhora da Graça, imagem muito querida dos visinhos, que lhe rezavam á noite ladainhas e lhe accendiam candeas (*Lisboa antiga*, vol. VI, pag. 91).

Por occasião da restauração do palacio, D. João V levantou capella especial á Senhora da Graça, com porta para a rua da Cordoaria Nova, a que depois se deu o nome de Thesouro Velho e agora o de Antonio Maria Cardoso.

pella do Paço da Serenissima Casa de Bragança, onde a Academia tem a Casa das suas Assembéas, como dissemos. Neste anno, que era o primeiro deste especial culto, determinou a Academia, que todos os Academicos jurassem o Mysterio Purissimo da Immaculada Senhora. Dita a Missa por Nuno da Sylva Telles, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, sendo Ministros os Padres Dom Joseph Barbosa, e Dom Antonio Caetano de Sousa, Clerigos Regulares, todos Academicos, fez o Celebrante o juramento sobre o Altar, e depois os Ministros. Estando para se dar principio ao acto, El Rey movido de hum ardente impulso da purissima devoção, com que venera este prodigioso Mysterio, querendo tambem jurar como Protector da mesma Academia, mandou suspender o acto, e descendo da Tribuna com o Principe, acompanhado do Duque Estribeiro mór, do Marquez de Abrantes, e do Conde de Assumar, Gentishomens da Camera, que estavão de semana; e chegando ao Altar com o Principe, postos de joelhos, leu o Marquez de Alegrete, Manoel Telles da Sylva, Secretario da Academia, a fórma do juramento em voz intelligivel, que El Rey repetia, e acabado, poz as mãos sobre o Missal, que estava aberto, e logo o Principe fez o mesmo. Os Academicos depois de acompanharem a El Rey, e ao Principe até entrarem no coche, voltárão á mesma Capella, onde se proseguio o juramento, e principiando pelo Director, e Censores por sua ordem, se seguio a Academia [1]».

Para a capella do côreto, na basilica patriarchal, mandou D. João V fazer uma rica estatua de Nossa Senhora da Conceição, esculpida em prata dourada. Custou cento e vinte mil cruzados, foi sagrada pelo Papa Benedicto XIV, e collocada em seu altar no dia 26 de maio de 1750.

Teve este monarcha tambem fervorosa devoção com as invocações do Rosario e do Monte do Carmo. No dia da festa do Rosario, costumava rezal-o com os joelhos em terra. De Nossa Senhora do Monte do Carmo trazia sempre comsigo o respectivo bentinho, e para a sepultura o levou.

Tamanha piedade lhe inspirava o nome de — Maria —, que ordenou o puzessem a todas as suas quatro netas.

A monumental basilica de Mafra dedicou-a a Nossa Senhora e a Santo Antonio, cujas imagens mandou collocar,

[1] Tom. VIII, pag. 252-253.

entre festões de flores, e seraphins, no frontispicio do templo, no meio de um grande ovado de pedra jaspe: Nossa Senhora com o Menino nos braços; Santo Antonio, de joelhos, adorando o Menino.

O painel do altar-mór representa Nossa Senhora offerecendo o Menino a Santo Antonio.

Outros altares são tambem dedicados a Nossa Senhora, a saber: á Sua Coroação, á Conceição, ao Rosario, etc.

No convento ha muitos retábulos da Virgem, merecendo um especial menção: é o da casa dos *Actos*.

Assim o descreve frei João de S. Joseph do Prado, primeiro mestre de cerimonias que teve a basilica de Mafra:

«Defronte da cadeira na parede está hum grande painel de N. Senhora da Conceição de vinte e cinco palmos de alto com moldura de pedra preta, fazendo arco por sima, e ornado com pedra amarella, chamada emboiçada por fingir varias cores. Tem o painel tres corpos de pintura distincta, no meyo se venera a Maria Santissima em pé com o minino Deos nos braços, metendo a extremidade da cruz, que sustenta com ambas as mãos, pela boca da serpente, que está debaixo dos pés da Senhora; no corpo superior está o Padre Eterno em huma nuvem, acompanhado de Espiritos Angelicos, e no inferior do painel estão dous Anjos de fórma grande de cada parte assistindo á Senhora: he obra de Roma [1]».

Mas uma das maiores demonstrações da veneração que el-rei D. João V tributou a Maria Santissima foi o grandioso projecto de reunir na Casa da Congregação do Oratorio [2] uma Bibliotheca Mariana, isto é, a collecção completa de quantas obras, escriptas no mundo todo, tivessem por assumpto Nossa Senhora.

Este monumento litterario seria por certo maior e mais assombroso que o da basilica de Mafra, e só um monarcha tão devoto e generoso como D. João V o poderia emprehender.

El-rei cedeu logo todas as obras raras que versavam o assumpto e possuia na livraria do Paço; alem d'isto fez o donativo annual de trinta mil réis para conservação e augmento da *Bibliotheca Mariana*.

[1] *Monumento sacro da fabrica, e solemnissima sagração da santa basilica do real convento, que junto á villa de Mafra dedicou a N. Senhora e Santo Antonio a magestade augusta do maximo rey D. João V*, etc , pag. 121.— Lisboa, 1751.

[2] No sitio chamado as Fangas da Farinha (rua Nova do Almada).

Infelizmente, o terremoto de 1755 anniquilou esta colossal bibliotheca, que seria uma das grandes maravilhas do culto de Nossa Senhora em Portugal.

Depois do terremoto, os padres da Congregação, despojados de tantas e tamanhas riquezas, passaram a residir no convento das Necessidades (hoje palacio real) onde continuaram exercendo o magisterio com grande fama de lettrados e doutos, que sempre tiveram.

Aos primeiros assaltos da doença, que durante muito tempo o teve suspenso entre a vida e a morte, a devoção de el-rei D. João V por Nossa Senhora renasceu ainda mais vivida, profunda e intensa.

A imagem da Senhora do Monte do Carmo, levada em procissão á presença do rei, ficou exposta em adoração na camara real e, quando voltou para o Seu convento, deu-Lhe o monarcha um riquissimo vestido e depois Lhe mandou duas corôas imperiaes de ouro com diamantes, uma para a Senhora, outra para o Menino.

El-rei, durante a doença, quando já não podia sair, ia encostar-se, todos os dias, depois de jantar, ás janellas da casa da livraria, d'onde se avistavam, n'uns longes de horizonte, os sitios da Atalaya, da Arrabida, do Cabo e, dentro da cidade, as egrejas do Carmo e da Penha, celebrados santuarios de Nossa Senhora; então, meditativo, «deprecava os auxilios para a perfeição da vida, e a graça de uma boa morte [1]».

D. João V expirou tendo em frente do seu leito a imagem da Senhora das Necessidades, em cuja contemplação se lhe desluziu o ultimo olhar.

Esta imagem tem uma historia interessante.

Durante a *peste grande*, dois conjuges da freguezia dos Anjos fugiram para a Ericeira, onde, junto á villa, encontraram uma ermida de Nossa Senhora da Saude, que lhes inspirára grande affeição.

Quando regressaram a Lisboa, furtaram a imagem, trouxeram-n'A comsigo e tiveram-n'A escondida em casa.

Solicitaram donativos e esmolas para Lhe erigir capella. Uma dama, D. Anna Gouvea de Vasconcellos, doou, para a edificação, o terreno que possuia no Alto de Alcantara.

Fez-se a capella e n'ella se constituiu uma irmandade de maritimos.

[1] *Elogio funebre, e historico*, etc., pag. 54.

A fama dos milagres da Senhora cresceu, divulgou-se, pelo que principiaram a chamar-Lhe — das Necessidades.

D. João IV e seus filhos tinham tido muita devoção a esta Senhora, e D. João V, em 1742, aos primeiros rebates de doença, quiz que a imagem viesse para a sua camara. Ali a conservou e, melhorando algum tanto, mandou construir um rico templo no mesmo logar em que existia a capella. Junto á egreja fez construir um palacio, onde residiram seus irmãos D. Manuel e D. Antonio. Tambem edificou um convento para os congregados de S. Filippe Nery, edificio que o terremoto de 1755 respeitou, e de que já nos occupamos n'este mesmo capitulo.

A rainha D. Maria Anna de Austria foi, igualmente, muito devota de Nossa Senhora.

Logo que el-rei D. João V falleceu, a rainha offereceu o seu rico annel nupcial á imagem de Nossa Senhora das Necessidades, e o seu vestido de casamento á imagem de Nossa Senhora da Saude, como já dissemos.

Viuva, fizera voto de castidade para o resto de seus dias, e todos os annos renovava este voto no dia da Immaculada Conceição.

O padre Joseph Ritter, seu confessor, escreveu em latim a *Vida e virtudes* d'esta rainha, obra que foi traduzida em castelhano pelo padre Joseph Guerra (Madrid, 1757) e na qual diz o auctor:

«Não havia congregação alguma de Maria Santissima em que se não achasse o nome da rainha, para que suas orações, unidas aos suffragios e merecimentos de muitos, fossem mais efficazes e acceitos á commum Madre de todos. Mas como a rainha muito bem sabia não haver obsequio mais grato á Mãe de Deus que a imitação d'aquellas virtudes, de que deu tantos e tão altos exemplos, poz a maior attenção em celebrar os dias dedicados a Maria Santissima, com a pratica d'aquellas virtudes, que n'elles especialmente se propõem por imitação. Assim o havia aprendido nos livros espirituaes, que tratam d'esta materia, e com o continuo exercicio de medital-os os havia impresso em seu coração de tal maneira, que a exemplo da Virgem se exercitava com frequencia, e fervor, quer na humildade christã, quer em obras de caridade, agora na preparação de animo para soffrer com fortalesa as adversidades, logo em louvar e amar a Deus. Comtudo, o dia que celebrava com singulares demonstrações de ternura, e devoção, era a sexta feira

de Quaresma, que a Egreja consagra ás Dôres de Maria Santissima. Este dia, que não é de festa, quiz em certo modo que o fosse para si, e para a sua familia: por este motivo ia á Patriarchal, e no altar da Dolorosa mandava que a expensas suas se expuzesse o Santissimo, e que toda a manhã houvesse missas sem interrupção; de tarde cantavam-se as ladainhas, e havia sermão sobre o assumpto para excitar e mover os fieis a acompanharem Maria Santissima em Suas Dôres. Mas não havia sermão tão eloquente, como o vêr a rainha, que, transportada na contemplação das Dôres da Virgem, mostrava no semblante e nos olhos chorosos a afflicção e pena de seu coração».

Muitas vezes dizia a rainha que assim como havia nascido na vigilia da Natividade de Maria Santissima, assim contava fallecer na vigilia da Assumpção.

E assim succedeu, no anno de 1754.

O infante D. Francisco, irmão d'el-rei D. João V, apesar da malignidade da sua indole, teve muito respeito e veneração por Nossa Senhora.

Conta-se d'elle que, indo a cavallo, proximo á Atalaya, cahira tão desastradamente, que fracturou uma perna. Prometteu á Senhora d'aquella invocação uma perna de prata, se melhorasse; e cumpriu o voto, como consta do inventario dos objectos de prata que pertenciam a Nossa Senhora da Atalaya e por ordem superior foram entregues na Casa da Moeda, d'onde nunca mais voltaram: «Uma lampada de feitio antigo com o letreiro do Snr. Infante D. Francisco: *uma perna de prata*, que deu o Snr. Infante D. Francisco [1]».

D. João V rodeou a monarchia com os esplendores de tamanho fausto, que os exemplos da corôa se tornaram ainda mais suggestivos. Aos actos do culto deu maior brilho e pompa e, como sabemos, a sua devoção a Maria Santissima testemunhou-se em numerosas demonstrações publicas.

Os sentimentos religiosos tornaram-se tão vivos e intensos em todo o reino, que puderam resistir incolumes á efeminação e denguice dos costumes imitados de França.

Mais uma vez reconhecemos, n'esta epoca, que o povo e a corôa, os vassallos e o rei, caminhavam unidos por um espirito de solidariedade tradicional.

[1] *Narrativa historica da imagem de Nossa Senhora da Atalaya*, etc., coordenada pelo padre Manoel Frederico Ribeiro da Costa; Lisboa, 1887.

A devoção popular desenvolveu-se e augmentou á sombra do monarcha, o apparato do culto adquiriu maior luzimento, os templos attingiram proporções grandiosas como em Mafra, riqueza e primores artisticos inexcediveis como na capella de S. João Baptista; os altares scintillaram de ouro vivo n'essa esplendida talha, n'essa deslumbrante *rocaille* que caracterisam a epoca de D. João V.

Não admira, pois, que o seu successor seguisse, por educação. o exemplo recebido da piedade paterna e que o povo portuguez caminhasse na mesma esteira acompanhando a orientação piedosa da côrte.

De mais a mais sobreviera no reinado de D. José uma ingente calamidade publica, o grande terremoto de 1755, que se fizera sentir em todo o reino, principalmente em Lisboa, que em sete minutos perdêra muitos dos seus melhores edificios, alguns tão notaveis como o sumptuoso paço da Ribeira.

O povo, vendo-se constricto entre as convulsões do solo e a agitação do Tejo, sem saber para onde fugisse, nem onde pudesse salvar-se, erguia os olhos ao ceu, n'uma extrema angustia, n'um terror extremo, invocando a misericordia divina, unica que em tão afflictivo transe podia valer-lhe.

Em ambas as margens do Tejo, especialmente na do sul, o rio invadia as povoações, como aconteceu em Aldegallega, cujos habitantes, fugindo espavoridos, foram refugiar-se na capella de Nossa Senhora da Atalaya.

Ahi puderam escapar sãos e salvos, porque a Atalaya quasi nada soffreu, o que foi attribuido á intercessão da Virgem Santissima.

Em virtude d'estes acontecimentos instituiu-se desde então o cyrio de Aldegallega, tambem chamado do *terremoto*, que não deixa de sahir todos os annos.

Este cyrio, que acompanha uma pequena imagem, entra na capella da Atalaya rezando o terço de Nossa Senhora e completa ahi a sua romaria entoando a ladainha.

Em Lisboa deram-se factos, que muito impressionaram o espirito publico.

Um d'elles foi ter desabado a torre do relogio na Sé, e outras porções do edificio, onde ao abalo se seguiu o incendio, ficando, porém, intacta a imagem de Nossa Senhora a *Grande*.

Em Braga o povo da cidade dirigiu principalmente as

suas orações e supplicas a Nossa Senhora da Torre, que inspirava geral devoção.

Desde então começou a constituir-se definitivamente, e com grande ardor, a respectiva irmandade. Celebrava-se festa no 1.° de maio e um Terço solemne no dia 1.° de novembro, por memoria do terremoto, fazendo-se procissão com a imagem da Senhora em volta dos muros da cidade [1].

Ao terremoto succederam-se preces publicas, que foram ordenadas no dia 13 de novembro e que, nos animos ainda mal convalescidos do terror que soffreram, mais afervoraram a devoção e a fé em Deus Nosso Senhor e em Maria Santissima, Mãe de Deus humanado.

Por isso dissemos nós no principio d'este capitulo que o seculo XVIII, ao contrario do que aconteceu em França, timbrou de religioso e devoto em Portugal.

A litteratura do seculo reproduz a expressão d'essa fervorosa religiosidade, que entre nós o ficou retratando historicamente.

Não só nas obras dos poetas que então mais distinctamente floresceram, mas tambem nas collecções das academias que foram moda no seculo passado, se encontram sobejas provas da nossa asserção.

Entre as academias mencionaremos em primeiro logar, como é dever, a Academia Mariana, fundada em Lisboa no anno de 1756 por D. Manuel do Cenaculo Villas Boas [2], que foi religioso da ordem de S. Francisco e por sua grande illustração subiu ás honras prelaticias, sendo o primeiro bispo que teve a diocese de Beja, depois de desmembrada do arcebispado de Evora.

A Academia Mariana, cuja sessão inaugural se realisou a 1 de agosto d'aquelle anno [3], teve por presidente o seu fundador.

O fim da Academia, a qual durou pouco tempo, era render adorações á Virgem Santissima e defender o Seu culto.

Cenaculo foi um dos mais strenuos e abalisados defensores do mysterio da Conceição Immaculada.

[1] *Memorias de Braga*, por B. J. de Senna Freitas, tom. III, pag. 464-465.

[2] Nasceu em Lisboa no 1.° de março de 1724 e falleceu, com 90 annos incompletos, a 26 de janeiro de 1814. É uma das figuras preeminentes da litteratura portugueza do seculo XVIII.

[3] Veja-se o opusculo *Oração que disse, sendo presidente em a primeira sessão da Academia Marianna, celebrada n'esta cidade no 1.° de agosto de 1756*. Este discurso de Cenaculo foi dado á estampa em 1758 por frei Vicente Salgado.

Quasi um seculo antes do papa Pio IX definir e proclamar o respectivo dogma, Cenaculo publicava em 1758 uma *Dissertação theologica, historica, critica sobre a definibilidade do mysterio da Conceição Immaculada de Maria Santissima.*

Ahi sustentava as seguintes proposições:

A sagrada escriptura é deposito da verdade da Conceição Immaculada.

Para que a Egreja defina o mysterio da Conceição Pura não é necessaria escriptura clara d'esta verdade, mas basta que n'ella se contenha virtualmente.

Nem a falta de escripturas (quando a houvesse), explicadas em sentido mystico; nem a allegação de outras, que parecem oppostas á sentença benigna, obstam á definição do Mysterio da Pura Conceição Mariana.

Os Santos Padres da Egreja persuadem a Puresa original de Maria Santissima.

O doutor Subtil e veneravel João Duns Escoto defendeu em a universidade de Pariz o Mysterio da Conceição Pura.

Favorece a tradição a sentença da immunidade original.

A Egreja, os pontifices, os doutos e os fieis de todas as ordens e condições têm reduzido a immunidade original de Maria Santissima a estado de proxima definibilidade.

A sentença da Conceição Pura de Maria Santissima gosa de certeza moral.

A certeza, que temos da preservação original de Maria Santissima, não se encontra com a definibilidade do Mysterio, nem embaraça a sua definição.

Digamos agora qual foi a causa occasional que provocou esta *Dissertação.*

Sem embargo dos louvores entoados á Immaculada Conceição pela maioria dos socios da Academia Real da Historia Portugueza, houve uma nota discordante na festa de 15 de dezembro de 1753. Foi o sermão prégado pelo dominicano frei José Malachias, natural de Lisboa. Como se sabe, os dominicanos discutiram sempre a definibilidade do mysterio com os franciscanos, seus ardentes defensores.

Alem da *Dissertação* de frei Manuel do Cenaculo, a que acabamos de referir-nos, frei Antonio dos Remedios, franciscano da provincia dos Algarves, escreveu sobre o mesmo assumpto, a proposito d'aquelle sermão, uma *Dissertação historico-critica, principalmente sobre a chamada fabula do glo-*

rioso triumpho que Escoto conseguiu em Paris, defendendo a Immaculada Conceição da Mãe de Deus, etc. (Lisboa, 1755).

Innocencio, no seu *Diccionario Bibliographico* (tom. IV, pag. 430) cita outra publicação, *Escudo Marianno critico e theologico*, etc. (Lisboa, 1755) cujo auctor foi o franciscano frei José de S. Gualter Lamatide, que falleceu nas ruinas do terremoto.

O sermão de frei José Malachias, alem de impugnado theologicamente, recebeu o correctivo, que merecia, em varias satyras que logo depois correram.

Uma d'ellas é attribuida a D. frei Manuel do Cenaculo e intitula-se *Ao P. Fr. José Malachias, frade dominico, prégando na festividade da Academia Real um escandaloso e abominavel sermão, contra a fé pia do mysterio da Conceição immaculada da sanctissima Virgem Maria, senhora nossa.*

Esta satyra é composta em decimas, das quaes a primeira diz assim:

Meu padre, quando intentaste
A *Conceição* offender,
Em logar de te benzer
Logo os narizes quebraste:
Dominico te mostraste
Dos que Blandello produz;
Mas dos reparos a luz
Demonio te fez mostrar,
Pois para te rebentar
Bastou o nome da cruz.

Transcreveremos ainda outra decima, pelo motivo de contêr allusão pessoal a Diogo Barbosa, que por parte do Desembargo do Paço reviu o sermão de frei José Malachias, e a seu irmão Ignacio Barbosa, que desempenhou igual commissão por parte da Academia Real da Historia:

Os Barbosas em parelha
Passaram no teu partido
Das composições de ouvido
A revedores de orelha.
Mas (oh homem da lei velha!)
Se a estes dous arganazes
Em teu seguimento trazes,
Não te apadrinha a jactancia,
Porque a perfida ignorancia
Sempre teve seus sequazes.

No *Diccionario Popular* (vol. 16, pag. 188) vem citada

outra satyra em verso, da qual apenas é ali reproduzida a seguinte decima:

O propheta Malachias
Disse coisas verdadeiras;
Fr. José só disse asneiras
Contra a Mãe do Deus Messias;
Irra com taes theologias
D'este fradinho asneirão,
Dêem-lhe por fr. Cabeção
E, se teimar mais na asneira,
Ponham-n'o lá na Ribeira
Com um barril de alcatrão.

Como se vê, a nota discordante, ferida por frei José Malachias, levantou vivos protestos e indignação vehemente.

Vem a proposito dizer, antes de nos referirmos a outras academias, que foi n'este seculo que sahiu a lume a notavel obra *Sanctuario Mariano*, um dos mais salientes monumentos litterarios que Portugal erigiu em honra de Maria Santissima.

Foi seu auctor frei Agostinho de Santa Maria, chamado no seculo Manuel Gomes Freire, natural da villa de Estremoz, que professou a regra dos agostinhos descalços e exerceu varios cargos importantes na sua ordem [1].

O livro que nos propozemos escrever, *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, deveria conter a relação de todas as imagens de Maria Santissima que se veneram em o nosso paiz. Mas esse trabalho, prodigioso trabalho de investigação e paciencia, foi realisado por frei Agostinho de Santa Maria e, portanto, limitar-nos-hemos a mencionar alguns dos templos e imagens mais notaveis, posteriores á publicação do *Sanctuario Mariano*.

A obra de frei Agostinho de Santa Maria comprehende 10 volumes a saber:

I — Historia das imagens de Nossa Senhora que se veneram na côrte e cidade de Lisboa — 1707.

II — Historia das imagens que se veneram no arcebispado de Lisboa — 1707.

III — Historia das imagens que se veneram nos bispados

[1] Nasceu a 28 de agosto de 1642 e falleceu no convento da Boa Hora em Lisboa a 3 de abril de 1728.

da Guarda, Lamego, Leiria, Portalegre, Priorado do Crato e Prelazia de Thomar — 1711.

IV — Historia das imagens que se veneram no arcebispado de Braga e nos bispados seus suffraganeos — 1712.

V — Historia das imagens que se veneram nos bispados do Porto, Vizeu e Miranda — 1716.

VI — Historia das imagens que se veneram no arcebispado d'Evora e nos bispados do Algarve e Elvas — 1718.

VII — Contém um supplemento aos seis tomos antecedentes — 1721.

VIII — Historia das imagens milagrosamente apparecidas na India oriental, e mais conquistas de Portugal, Asia insular, Africa e ilhas Filippinas — 1720.

IX — Historia das imagens milagrosamente apparecidas no arcebispado da Bahia e mais bispados de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande, Maranhão e Grão Pará — 1722.

X — Historia das imagens que se veneram em todo o bispado do Rio de Janeiro e Minas, e em todas as ilhas do Oceano — 1723.

Não admira que em tão vasto repositorio de informações, que chegavam ao auctor por interpostas pessoas, e de longes terras, haja alguma vez quebra de fidelidade historica e um ou outro lapso de escripta e apreciação.

Mas o que é certo é que a obra de frei Agostinho de Santa Maria representa um inventario copioso, muito especificado, digno, portanto, de subida estimação.

O nosso ponto de vista, ao emprehender a *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, foi outro, differente, traçar, quanto em nossos fracos recursos coubesse, um quadro synoptico, uma synthese rapida mas exacta, do sentimento nacional que em todos os tempos e em todas as classes da sociedade tem afervorado os portuguezes no culto da Virgem Santissima.

Voltemos agora a fallar das academias.

A Arcadia Ulyssiponense, fundada por Antonio Diniz da Cruz e Silva [1] e outros em 11 de março de 1756, adoptou por emblema um lirio, allegoria da Virgem Purissima, que, sob o mysterio da Conceição, era venerada como protectora nata d'aquella academia.

A 8 de dezembro de 1757 realisou-se uma conferen-

[1] Diniz, que na Arcadia tomou o nome de *Elpino Nonacriense*, nasceu na capital em 1731 e falleceu em 1799.

cia publica, na qual Diniz recitou uma ode pindarica coroando de louvores, em nome da Arcadia, a Virgem Immaculada:

ESTROPHE I

Ah! longe, longe d'este fertil monte,
A Phebo consagrado,
Fuja o vulgo profano,
Em cujo coração não alça a fronte
Das sanctas Musas o furor sagrado:
E vós, em cujo peito soberano
Celeste choro seu furor inspira,
Attenção; que hoje intento
Novo tocar altisono instrumento.

ANTISTROPHE I

Clara de immensa luz brilhante chamma,
Na rude, escura mente
Seus raios espalhando,
A negra nevoa rompe, e já me inflamma:
Transportar-se a minha alma já se sente.
Ah! nos campos, que réga murmurando
O crystallino Alpheu na bella Arcadia,
Não guardo pobre gado;
Noutra especie me sinto transformado.

EPODO I

Occulta força
Da opaca terra
Entre os céos a subir me anima e esforça,
De brancas plumas
Cobrir me vejo;
E qual de Thebas o cantor sonoro,
Pelo ar vagando vou, cysne canoro.
Já sacudindo as azas inquietas,
Vejo sob os meus pés astros, planetas.

ESTROPHE II

Mas que serpe feroz se nutre e ceva
Naquelle inferior globo?
Que estrago miserando
Em seus viventes faz! na densa treva
Tanto não faz no gado cerval lobo!
Uns nas garras crueis vai lacerando,
Outros traga, e co'o bafo envenenado
Ainda os mais distantes
Subito mata ou deixa agonisantes.

ANTISTROPHE II

Por todo o largo globo se derrama
O halito venenoso!
Em toda, em toda a parte
O contagio letifero se inflamma!
Gente infeliz! no estrago lastimoso
Quem te póde valer? quem ajudar-te?
Mas que brilhante luz lá vem raiando,
Qual a da roxa Aurora,
Quando em serena manhã as nuvens cora!

EPODO II

Que maravilha!
Do sol trajada
Da progenie de Adão a melhor filha,
Que a branca lua
Airosa pisa,
E tece as soltas, crespas tranças bellas
Diadema immortal d'aureas estrellas,
É a que derramando vem briosa
A torrente de luz pura e formosa!

ESTROPHE III

Oh! e que airosos passos vem formando
Toda de graça cheia!
Ao vel-a o monstro horrendo
As salpicadas conchas erriçando,
De que espantoso o negro corpo arreia,
Tinge de sangue os olhos, e batendo
Com a comprida cauda a dura terra,
De pó nuvens espalha,
Ensaio horrivel da cruel batalha.

ANTISTROPHE III

Ai! que contra a Donzella delicada
(De horror gélo e desmaio!)
Silvando se abalança!
Já sobre a grossa cauda levantada
Dardeja da farpada lingua o raio,
E para a devorar o collo avança.
Já em circulos mil, para prendel-a,
Umas vezes extende,
Outras em gyro estreito o corpo prende.

EPODO III

Mas á victoria
Em vão aspiras,
Serpe cruel, que cheia d'alta gloria
A Mulher forte
Firme resiste,
Qual o guerreiro exercito ordenado.
Ah! já deixas o campo ensanguentado,
Já foges, já te segue, e a sublime
Na indómita cerviz planta te imprime.

ESTROPHE IV

Valerosa Mulher, tu só soubeste
Domar a horrivel furia
Da medonha serpente.
Entre as filhas de Adão tu só podeste
De teu sexo vingar a grande injuria.
Mas que formoso, que esquadrão luzente
As nuvens rompe, e em torno a cérca e c'roa?
Ah! dos celestes choros
Estes são os espiritos canoros.

ANTISTROPHE IV

Taes sobre ella ao passar lançam velozes
Um diluvio de flores,
Taes ao som de instrumentos
A seu alto valor, soltando as vozes,
Cantando vêm celestiaes louvores.
Silencio, que já soam seus accentos.
Oh bemdicta Mulher, que entre as mulheres
Aos céos alçaste a fronte,
Qual o cedro do Libano no monte.

EPODO IV

A incombustivel
Sarça entre o fogo
Tu, Virgem, foste, á culpa inaccessivel.
Tu entre as filhas
De Adão brotaste,
Qual entre espinhos brota o branco lirio.
Tu dos anjos és gloria, tu do empyreo:
Tu filha do Senhor, e esposa amada.
Vem triumphante, vem, serás c'roada.

Camillo traz, no seu *Curso de litteratura*, uma oração inédita de Pedro Antonio Correa Garção[1], recitada no anniversario da fundação da Arcadia em 1758.

O orador principia dando graças á Virgem Santissima, protectora da Arcadia, e pergunta: «Quem será tão barbaro que olhando para os progressos da Arcadia não reconheça que só á força de tão alta protecção podia adiantal-os ou, para melhor dizer, coroal-os com tanta honra e gloria? Se fitarmos nossas reflexões no restabelecimento d'esta sociedade[2], e ponderarmos os terriveis embaraços que foi necessario vencer, ficaremos persuadidos que não houve circumstancia que deixasse de parecer milagre».

Proseguindo, o orador lembra o momento difficil em que foi creada a Arcadia:

«Em um tempo de calamidades e afflicções, quando parecia que os portuguezes só tratavam de reedificar Lisboa, e de restabelecer os seus particulares interesses — quando seria desculpavel que as musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as artes jazessem sepultadas nas ruinas da cidade — n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das sciencias, então, oh arcades! chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta sociedade, jurando padroeira d'ella a Immaculada Rainha dos Ceus e da terra, debaixo do inefavel titulo da sua purissima Conceição».

Garção, n'uma ode dedicada á Arcadia, comparando-a a um soberbo galeão, allude á padroeira e divisa que a academia adoptou:

> O Santo Numen, que entalhado leva
> Tua dourada, magestosa pôpa,
> Trazer-te nos promette a salvamento;
>   Naufragios não receies.

Domingos dos Reis Quita, de quem já tivemos occasião de fallar, e que na Arcadia uzou o nome pastoril de *Alcino Mycenio*, por varias vezes ergueu a voz da sua lyra em louvor de Maria Santissima:

[1] Na Arcadia, *Corydon Erymantheo*, nascido em Lisboa em 1724, fallecido em 1772.

[2] Allude ao facto da Arcadia ter sido uma renascença da Academia dos Occultos.

. . . .

Coroada de estrellas scintillantes,
Já do Libano desce a Mulher forte,
A cuja nova luz fica assombrado
O claro sol no ponto mais brilhante...
Deixa o pranto, Israel, sacode as cinzas:
Rompe em cantos de jubilo; os louvores
Canta da victoriosa Virgem pura,
Que a indomavel serpente vencer pôde,
Ficando illesa do mortal veneno.
Ella só entre todos os humanos
Foi do commum contagio preservada...
Assim uma só náu salvar-se pode
Das ondas vingadoras do diluvio;
Assim de Gedeão o secco vello
Entre o grosso chuveiro illeso fica,
Que as denegridas nuvens desatavam...
Fonte de graça, fonte de prodigios,
Á tua incomparavel formosura
Cedem as flores dos amenos prados,
A lua cede, que as estrellas vence,
E cede o mesmo sol, que a lua assombra.
Simples pastores, em louvor da Virgem...
As vossas doces frautas ás estrellas
Levantem de Maria o nome sancto,
E logo vereis como a mão piedosa
Espalha em vossos campos a abundancia...

Tambem é seu o seguinte soneto, dedicado a Nossa Senhora:

No fogo immundo do peccado horrendo
Abrazada gemia a redondeza;
Brota triumphando da mortal torpeza
Verde sarça entre as chammas florescendo.

Dos estrellados átrios vem descendo
Namorada da angelica pureza
Mystica Pomba, que na rama illeza
Descança, de alvoroço o mundo enchendo.

Os serafins ardentes acclamaram
Da pura Mãe do verbo o nome santo:
As montanhas de jubilo saltaram.

Tremeo o negro inferno, e com espanto,
De Adão os tristes filhos alternaram
No lagrimoso limbo alegre canto.

Outro arcade, frei José do Coração de Jesus[1], que foi

[1] Natural de Lisboa, onde falleceu a 16 de fevereiro de 1795. As suas poesias sahiram pósthumas, por diligencia do dr. Antonio Ribeiro dos Santos.

missionario apostolico do seminario de Brancannes em Setubal e teve na academia o nome de *Almeno*, compoz em honra de Nossa Senhora varias canções, entre as quaes escolheremos o soneto seguinte:

Venerada na sua ermida á Estrella

O Padre-Eterno vos creou formosa,
E sancta entre as mulheres, Virgem pura;
Como os filhos de Adão, a mordedura
Não soffrestes da serpe venenosa.

O Verbo que baixou da luminosa
Morada a ser humana creatura,
De vós a carne teve, que ventura
Da carne foi corrupta e criminosa.

Comvosco liberal o esposo sancto,
Que graças, e que dons vos não daria,
Que aos céos da terra vos subiram tanto?

Jámais de vos louvar me cançaria;
Mas co'o peso não póde o debil canto
Das vossas glorias, inclita Maria.

A collecção da supposta academia dos *Humildes* (1758), que aliás nunca existiu, não se dispensou, seguindo a devota tradição das academias, de logo na *1.ª conferencia* fazer uma referencia local ao culto de Nossa Senhora:

«No sitio de Nossa Senhora da Consolação, recreio delicioso entre a Lourinhã e Peniche, se juntaram no dia 20 de setembro, entre muitas pessoas, um theologo, um philosópho, um ermitão e um soldado: e depois de praticarem nos graves damnos da murmuração e a necessidade da Eutrapelia [1] nos que viviam (como elles) solitarios n'aquelle sitio desde o terremoto, assentaram que, para evitar aquelle damno, e poderem mutuamente instruir-se no miseravel estado, em que estavam, se juntassem com os romeiros, que ali fossem, uma vez cada semana, e cada um dissesse o que sabia na materia, que primeiro occorresse na Conferencia, e os mais nas que tivessem com ella similhança, etc.».

Um grupo de poetas da epoca floresceu extranho á Arcadia Ulyssiponense. São os chamados *dissidentes*. Mas n'um sentimento se encontraram uns e outros: no fervor da de-

[1] Graciosidade, chiste.

voção, no culto poetico que prestaram á Virgem Santissima.

Assim, um dos dissidentes, Nicolau Tolentino de Almeida [1], poeta satyrico notabilissimo, agradecia a Nossa Senhora a cura de uma enfermidade, n'este soneto repassado de uncção religiosa:

Se a febre atraiçoada emfim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
Por quem me quiz livrar a Mão divina:

Sem vós debalde a experta medicina
Traça e apparelha a desejada cura;
Sem vós o indio adusto em vão procura
A amarga casca da saudavel quina.

Quando em lucta co'a morte me contemplo,
Sem haver já no mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Venceste; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes d'este templo,
Rasgando um novo Lazaro a mortalha.

Em 1790, o padre Domingos Caldas Barbosa [2] fundou com outros a Academia de Bellas Lettras de Lisboa, geralmente conhecida por Nova Arcadia.

Nossa Senhora dos Martyres, de Castro Marim (Vid. pag. 38)

Um dos socios foi Domingos Maximiano Torres [3], que abraçou com enthusiasmo as ideias da revolução franceza. Foi preso como jacobino e falleceu no cárcere.

Não obstante a sua orientação politica, affirmou sinceros sentimentos religiosos e grande devoção a Nossa Senhora, como se vê da «Cantata pastoril» recitada n'uma sessão academica, que foi promovida pelo intendente geral de policia Diogo Ignacio de Pina Manique, director da academia, e se realisou a 8 de dezembro de 1787:

[1] Nascido em Lisboa a 10 de setembro de 1741; fallecido a 24 de junho de 1811.

[2] Nasceu no Brazil e veiu para Portugal depois de 1762. Falleceu a 9 de novembro de 1800. É auctor da *Viola de Lereno*, e outras obras.

[3] Nascido a 6 de fevereiro de 1748. Fallecido a 5 de outubro de 1810.

Á IMMACULADA CONCEIÇÃO

CORO

Pastoras do Tejo,
Louvae á porfia
A Virgem Maria,
Em graça gerada
E nunca manchada
Da culpa de Adão.

DULCE

Vamos, querida Elvira,
Os passos aligeira,
Augmentar vamos os devotos cultos,
Com que o pio, magnifico Manique
Neste ditoso dia
Sempre honra de Maria
A augusta Conceição Immaculada.
Não ouviste a harmonia concertada,
Que na ôca penedia circumstante
Ha pouco despertou Echo travessa,
Que com voz retumbante
De repetir não cessa?

ELVIRA

Vamos, Dulce amorosa,
Ao longo do ribeiro,
Que entre os seixos quebrando,
Vai saudosamente murmurando.
Que noite deleitosa!
A espaços no arvoredo surdamente
Rugir o brando zéphiro se sente:
Na abobada celeste
Milhões de astros se accendem,
Que as invejosas sombras
Com tremulos farpões de luzes fendem.

DULCE

Vê que immenso clarão sobe ás estrellas
Afogueando os ares!
Atravez das esplendidas janellas
Do sumptuoso alcáçar
Que torréa... eis resoa
A doce melodia encantadora
Que ouvimos inda agora.

CORO

Pastoras do Tejo,
Louvae á porfia
A Virgem Maria,
Em graça gerada
E nunca manchada
Da culpa de Adão.

Graças ao céo! Chegámos, cara Dulce.
Que luzida assembléa
De cidadãos honrados,
De egregios magistrados,
De illustres bellas damas,
E de augustos ministros
Do Senhor dos Senhores
Em torno se divisa,
Que vem hoje louvar a Sacra Virgem,
Que, vestida de sol, a lua pisa!

DULCE

Escutemos, Elvira;
Nossos ouvidos chama
A accorde immensa orchestra,
Que sonora rebrama
Dos aureos frisos e estucados tectos
Da majestosa sala,
Cujo intenso esplendor ao dia eguala.
Lá canta Dorothea,
Que com a maga voz o vento enfrea.

DOROTHEA

Soberana Rainha
Do Empyreo refulgente,
Do Universo alegria,
Sacrosancta Maria!
Não posso dignamente
Com o meu baixo ingenho e canto rude
Louvar tua virtude,
E a tua Conceição de graças rica,
Que da primeira culpa illesa fica.
Mas se tu prezas só o affecto puro
De um coração devoto,
Benigna acolhe o voto,
Que de louvar-te eternamente eu juro.

ARIA

Cobria ao mundo a noite,
Medonha e procellosa,
Da culpa venenosa
De nossos paes primeiros;
E os cantos lisongeiros,
E a fátua luz dos vicios
A tristes precipicios
Errante o vão guiar.
Doeu-se o Eterno Padre
Da cega humana gente;
Da graça omnipotente
O seu thesouro abria,
Sua alma pura envia,
Sanctissima Senhora,
Brilhante, bella aurora
Do justo sol, que amante
Com luz vivificante
O veio alumiar.

ELVIRA

Viva a linda pastora!
Que voz encantadora!
Que angelica toada!
Minh'alma alvoroçada
Correu aos meus ouvidos;
E enlevada a honrosa companhia
De seus labios gentis toda pendia.

DULCE

Escuta, amiga Elvira;
Eis solta a doce voz Mathilde bella
Para os louvores da real donzella,
Da raiz de Jessé ramo florente,
Nosso refugio, nossa mãe clemente.

MATHILDE

Malevolo dragão, pae do peccado,
De embustes sempre e de traições armado,
Que invejoso sahiste
Do reino dos horrores
A corromper a paz e a innocencia
Dos felices auctores
Da humana descendencia:
Onde está a barbara soberba
E a túmida vangloria,

Com que ajoelhado o mundo inteiro vias
De teus grilhões cingido?
Ou cego submergido
De vis idolatrias
Em mil torpes lameiros
Por teus vãos embusteiros?
Eu te vejo jazer sujeito agora
Áquella MULHER FORTE,
Do sangue de David alma Senhora,
Que, superando a culpa e a impia morte,
Com pé immaculado te quebranta
A esquálida garganta.

ARIA

Entre arbustos venenosos
Um fragrante lirio alvo,
Do geral negrume salvo,
Gosa só da luz solar.
Typo he teu, ó mãe da graça,
A quem o Sol Increado
Dos horrores do peccado
Te quiz sempre preservar.

CORO

Serranas do Tejo,
Gentis, engraçadas,
Cantae alternadas
Os pios louvores
Da que é os amores,
Delicias e encanto
Do Espirito Sancto,
A Virgem MARIA,
Dos céos alegria,
Da terra e do mar.

DULCE

Salve, porta do alto Empyreo,
Do empolado mar estrella,
Toda sancta, toda bella,
Obra prima do Senhor.

CORO

Dêm-te os anjos e os humanos
Perennal, digno louvor.

ELVIRA

Salve, throno de virtudes,
Esplendor de formosura,
Sempre Virgem, sempre pura,
Doce mãe do Salvador.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

DOROTHEA

Salve, templo da Trindade,
Que de immensas graças brilha,
Casta esposa, mãe e filha
Do Uno e Trino Creador.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

MATHILDE

Salve, branco véo enxuto,
Sarça ardente, não queimada,
Ab æterno preservada
Para mãe do Bom Pastor.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

DULCE

Tu, humilde, do céo abres
Os ferrolhos de diamantes,
Que a soberba fechou antes
Do primeiro nosso auctor.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

ELVIRA

Tu nos déste o suspirado,
Divinal, puro Cordeiro,
Conservando illeso e inteiro
O virgineo teu candor.

CORO

Dêm te os anjos, etc.

DOROTHEA

Tu do mundo naufragante
Salvação, porto seguro,
Nos quebraste o grilhão duro
Do infernal dominador.

CORO

Dêm te os anjos, etc.

MATHILDE

Tu, mudando de Eva o nome,
Quanto aquella rouba pagas;
Ficam sans de culpa as chagas,
Foge a morte, e foge a dor.

CORO

Dêm-te os anjos, etc.

TODOS E O CORO

Ó Virgem sacrosancta,
Acceita os nossos votos
E os nossos pios cultos;
Escuda os teus devotos
Dos barbaros insultos
Da languida doença,
E bens em cópia immensa
Lhes dá com larga mão.
Honrar cada anno juram
O dia, mãe amavel,
Da tua incomparavel
E pura CONCEIÇÃO.

Francisco Joaquim Bingre [1] foi outro dos fundadores da Nova Arcadia. No dia do 80.º anniversario do seu baptisado, a 17 de julho de 1763, compoz uma ode em que

[1] Chamado *O cysne do Vouga* por ter nascido no districto de Aveiro a 9 de julho de 1763.

memóra os antigos consocios da Nova Arcadia e que, a titulo de curiosidade, reproduzimos em nota [1].

Quatro annos depois, Francisco Joaquim Bingre compunha o seguinte soneto que dedicava á Immaculada Conceição de Nossa Senhora:

Era n'este Celeste Augusto Dia,
Por dever social, VIRGEM SAGRADA,
Que a Vossa Conceição Immaculada
Cantava a minha antiga Academia.

Eu, alumno tambem, a voz erguia
Para troar na Olympica morada;
E c'o a mente em fervor incendiada
Tres vezes Pura, Vos louvei, MARIA.

D'aquella vossa Arcadia eu o primeiro,
Que — voando nas azas do meu canto —
Era da vossa Gloria o pregoeiro.

Mas hoje, que do chão me não levanto,
Recebei d'esse alumno derradeiro
A lyra, sem cantor, banhada em pranto.

Pouco faltou a Francisco Joaquim Bingre para viver um seculo. Falleceu com 93 annos de idade a 26 de março de 1856.

[1] A transcripção é apenas um trecho da Ode:

Em seu sabio Athenêo — alli — com elles
Em tarefas poeticas cantava.
Francelio [1] era um d'aquelles,
Que as azas despregava,
Seguindo o rasto de seus grandes socios,
Alvos cysnes beócios.

D'alli subia ao cume do alto Pindo
Pelo trilho immortal do grande Elmano [2].
Quantas vezes — subindo —
Belmiro [3] Transtagano
Do alto lhe bradou: «Sobe sem custo
Póz mim... affronta o custo».

Outras vezes nas azas o tomava
O melico cantor — cysne Sadino:
E tanto o remontava
O epico Thomino [4],
Que nos raios de Phebo, onde voava,
A fronte lhe escaldava.

[1] Francelio Vouguense era o nome pastoril de Francisco Joaquim Bingre.
[2] Elmano Sadino era o nome pastoril de Manoel Maria Barboza du Bocage.
[3] Belchior Curvo Semmedo Torres de Sequeira.
[4] Thomaz Antonio dos Santos e Silva, natural de Setubal.

A pobresa, a velhice, a cegueira que precedeu a morte, todos os achaques do corpo e dores da alma que perseguem os velhos, não puderam quebrantar no poeta a sua devoção a Maria Santissima, antes a exaltaram.

Este soneto, alem de provar os sentimentos religiosos de Bingre, *eu o primeiro*, diz elle, dá testemunho do fervor com que a Nova Arcadia celebrava a festa da Immaculada Conceição, cantando-a todos os annos com grande enthusiasmo poetico.

A vêr estranhos lares o levávão
O assombroso Elmiro [1], o sabio Oleno [2]:
E os rumos lhe ensinávão,
Que o grão-cantor Ismeno [3],
Imitador de Pindaro e d'Horacio,
Descubrira no Lacio.

Assim, tomando força, audaz subia
Entre os Cysnes do Tejo ao Piério monte;
A lyrica Thalia
Muitas vezes a fronte
Alli lhe engrinaldou de verde louro
Ao som da lyra d'ouro.

Por taças de christal o estilo puro
Bebeo dos grandes Vates quinhentistas;
Nunca o caminho escuro
Seguio dos seiscentistas.
Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso
Bocage [4] luminoso.

Que lições lhe não deo do canto agrario
O seu dilecto amigo, o doce Aicino [5]!...
Com que fogachos, Clario [6]
D'alto fogo divino,
O estro lhe accendeo, e o grão-Jacindo [7]
Nas tarefas do Pindo!...

Mas ah!... De tantos Cysnes portentosos
Só o rouco do Vouga agora resta!...
De todos — seus famosos
Socios — vio a funesta
Passagem do Acheronte em fusca barca,
Onde elle agora embarca.

Ficou só o cantor do Vouga — annoso —
Para as portas fechar da Academia!...
Elle chorou saudoso
A nobre Companhia,
Á qual a Fama ind'hoje erige altares
Nos Lusitanos Lares.

[1] José Agostinho de Macedo.
[2] Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.
[3] João Vicente Pimentel Maldonado.
[4] Refere-se ao prologo do Poema — As plantas; — e á nota do soneto nos seus ultimos momentos.
[5] Joaquim Severino Ferraz de Campos.
[6] Sebastião Xavier Botelho.
[7] Joaquim Ignacio da Costa Quintela.

Tambem fez parte da Nova Arcadia o poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva, natural de Setubal [1], cuja vida foi uma serie de infortunios alanceantes: nasceu aleijado de ambos os pés e fraquissimo de compleição; a morte arrebatou-lhe o seu protector e a sua bem-amada; viveu sempre em lucta com a pobresa; tendo cegado, por effeito de uma grave ophtalmia, recolheu ao hospital de S. José sob a protecção do principe D. João, depois VI rei do nome, e ahi, como elle proprio diz, se «abrigou contra um fio de desgraças» que parecia tecido para o acabrunhar e perseguir.

Teve na academia o nome de «Thomino Sadino», e foi, descontados certos defeitos, poeta de valor, talvez aquelle que no seu tempo mais avançou para o futuro presentindo instinctivamente a escola romantica.

No meio de suas tribulações e contrariedades, conservou uma viva e forte devoção a Maria Santissima, que por mais de uma vez cantou, como n'este logar:

Mystica Rosa, Estrella Matutina,
Aurea Porta Celeste,
Que superior só vês a Luz divina,
Que em teu Ventre sem macula trouxeste!
Dá que dos salutiferos teus raios
Comigo um se dispenda;
Um que na minha palpebra em desmaios
O dia esperte, o morto lume accenda [2].

Ceus! de improviso o nevoeiro extincto
Me reluz o almo Facho:
Mas do teu milagroso, pulchro Cinto
Que súpplica pendeu sem ter despacho?
O cerúleo teu Manto refulgente
Já por mim se divisa;
A C'rôa triumphal, que te orna a Frente,
E a Serpe eu vejo, que a teus pés se pisa.

Servido em profusão meu terno rogo,
Da tua grata Effige
Volve a meu éstro turbilhão de fogo,
Que ao Empyreo, em que reinas, me dirige:

[1] Nascido a 12 de abril de 1751 e fallecido em Lisboa a 19 de janeiro de 1816.

[2] Começava n'essa epoca a ser atacado pela terrivel ophtalmia, que o levou á cegueira.

Do Protótypo excelso á sacra Planta
Me arroja meu destino;
E ao Côro que perenne lá te canta,
Minha harpa ajusto, minha voz affino.

Salve, formosa, Angelical Rainha,
Concebida alva, e pura
Do contagio fatal, como a que tinha
De logo conceber quem lhe foi Cura!
Filha sem Pai, e Mãe por alto effeito
Da potente Palavra,
Que tudo sem materia havia feito,
E a cuja voz tudo per si se lavra.

N'outro logar cantou a Immaculada Conceição de Maria sem declinar da grandesa do assumpto nem do confronto com outros poetas, como o trecho seguinte poderá provar:

Rasteira choça, ou tecto sublimado,
Provincia, ou vasto Imperio,
Do quente Polo ao Polo enregelado,
Cabeça curvam ao gentil Mysterio:
Blasphemo, que o refuta,
Hereje da razão já se reputa:
Onde o bom Senso está, onde a Sciencia,
De defendel-o o Voto ahi reside,
E, morto á evidencia,
Fica apenas o Cafre que o duvide.

Entre os novos arcades avulta pela preeminencia do seu talento, pelo ardor da sua inspiração, pelo colorido e harmonia dos seus versos, pela facilidade caudal do improviso e até pelo azedume da sua veia caustica e pela licença dos seus costumes, o famoso poeta setubalense Manoel Maria Barbosa du Bocage *(Elmano Sadino* [1]*)*.

Nos repetidos conflictos da sua existencia, quando a cegueira das paixões humanas ameaçava turvar-lhe o entendimento, Bocage invocava o auxilio da Virgem Santissima como estrella de guia e tábua de salvação nos mares aparcellados em que elle receiava naufragar:

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

[1] Nasceu a 15 de setembro de 1765. Falleceu contricto, em Lisboa, a 21 de dezembro de 1805.

Doce abrigo, sanctissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida;

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
Do Espirito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!

Os canticos de Bocage em honra de Nossa Senhora attingem um alto grau de lyrismo religioso, são bellos raptos alados de um poeta de superior ingenho, ardentemente inspirado, como n'esta calorosa apostrophe:

Mulher divina, exulta;
Celestial penhor, que os anjos cantam,
Que as estrellas, que o sol, que os céos adoram,
Virgem submissa, mereceu na terra
Circumscrever em si do Empyreo a gloria.
Salve, oh! salve, immortal, serena diva,
Do Nume occulto incombustivel sarça,
Rosa de Jerichó, por Deus disposta!
Flor, ante quem se humilham
Os cedros de que o Libano alardeia!
Ah! No teu gremio puro anima os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

Como arcade, Bocage celebrou por mais de uma vez a Immaculada Conceição de Maria, excedendo todos os seus consocios na grandesa dos conceitos e na sonoridade do metro:

. . . .
Tu, doce chamma, angelica ternura,
Que o Creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que aterramos Satanaz infenso,
Com que a tormenta das paixões se acalma,
Baixa dos céos e purifica esta alma.
Eis desce, eis desce, não me engano, é ella!
Agora sim, que posso, oh Virgem bella,
Enxugar criminoso, indigno pranto,
E a teus ouvidos elevar meu canto:
Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te engeita.

Inda no horror do cahos, ou do nada
Jazia a natureza inanimada:
Inda na vasta região dos ares
Os grandes, os pasmosos luminares,
Que o polo aclaram, que os viventes guiam,
Que as ondas abrilhantam, não luziam,
E já MARIA, para Deus guardada,
Na ideia omnipotente era creada.
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria
Do céo, da terra; acclame-se a victoria
Da immaculada Virgem sacro-sancta,
D'Aquella que te impoz a invicta planta,
Tartarea serpe, na cerviz medonha,
Ficando illesa da infernal peçonha.

....

Remir-vos, oh mortaes, do captiveiro
Eis que resolve o numen justiceiro:
Fecundada por elle idosa planta,
Brota o celeste fructo, a pura, a sancta,
Cujo louvor os seraphins entoam
No refulgente empyreo, que povoam;
E cuja CONCEIÇÃO, por Deus obrada,
Da mancha universal foi preservada.
Virgem depois de mãe, mulher bemdicta,
Debalde o torvo Lúcifer vomita
Contra ti do espumante, horrivel seio
O veneno letal, de que está cheio:
Contra ti seu furor em vão despede,
A teu alto poder o monstro cede:
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguêra para Deus; tu, vencedora,
Por terra deixas o dragão damnado,
Que nos infernos cáe desesperado.

....

Ah! Dos teus olhos um volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os ímprobos fulmina;
Apaga o raio, que na mão divina
A prumo sobre a fronte me chammeja:
A quem te invoca teu favor proteja...

As celebres pugnas travadas entre Bocage e o padre José Agostinho de Macedo (*Elmiro Tagideo* [1]) contribuiram para a desorganisação da Nova Arcadia, mas o exemplo do culto, que a Virgem Santissima mereceu a esta academia, ficou brilhando nas paginas da historia, como uma flor delicada sobre um monturo de irritantes rivalidades litterarias.

[1] Nasceu em Beja a 11 de setembro de 1761. Falleceu em Pedrouços a 2 de outubro de 1831.

José Agostinho de Macedo, querendo compôr uma epopea christã e desbancar impotentemente os creditos de Camões, produziu o *Oriente*, em cujo canto X se encontra esta referencia á Mãe de Deus:

Eis o mysterio incognito do Eterno,
O Filho, a mesma Divinal Substancia,
Para vencer, morrendo, a morte, o inferno,
Desce da immensa, e gloriosa estancia:
Do Ser mortal, e do Senhor Superno
Une com laço incognito a distancia,
Gerado no esplendor celeste, e santo,
Veste da humana naturesa o manto.

De pura Virgem nasce: os Ceos contentes
Afugentam, brilhando, a sombra fria;
Rompem no espaço estrellas refulgentes,
Que a noite mudam no clarão do dia:
Cá dos Reinos da Aurora os Sapientes
Vão adorar o filho de Maria;
O Ceo c'um Astro subitaneo exulta,
E o berço vai mostrar, que um Deus occulta.

Tendo relanceado os olhos pelas academias do seculo XVIII, ahi encontramos os poetas mais notaveis do seu tempo, todos elles concordes e unisonos na devoção á Virgem Santissima.

Sem embargo, outros poetas de merecimento contou Portugal n'esse seculo, os quaes não entraram nas academias, mas do mesmo modo testemunharam a sua veneração á Mãe de Deus.

Sirva de exemplo o abbade de Santa Maria de Jazente, Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos [1], de quem vamos transcrever um soneto allusivo ao facto de ter alluido a celebre ponte de Amarante poucas horas depois de haver sido retirada d'ali a imagem de Nossa Senhora:

Emquanto sobre a ponte, ó Virgem pura,
A vossa imagem se adorou patente,
De si mesma parece, que pendente
Se sostinha a desfeita architectura.

Ao tempo, ao terremoto, á guerra dura,
Comvosco resistiu, venceu valente;
Que a peanha da Mãe Omnipotente
Não podia deixar de ser segura.

[1] Nasceu na quinta do Reguengo, junto á villa de Amarante, a 6 de maio de 1720. Falleceu depois do anno de 1786.

Mas assim que outras áras vos destina
Dos homens a devota providencia,
Geme saudosa, e os marmores inclina:

E vai gritando a rôta corpulencia,
No estrondo rouco da total ruina,
Que é destrôço maior a vossa ausencia.

Crêmos ter provado exuberantemente a asserção com que abrimos este capitulo: que o seculo XVIII, tão racionalista e sanguinario em França, não abalou os sentimentos religiosos dos melhores espiritos portuguezes, que poderiam ser dirigentes da opinião publica, nem amesquinhou, antes engrandeceu, o culto de Maria Santissima, até mesmo no periodo que coincidiu com a revolução franceza e as suas primeiras consequencias.

X

Definição do dogma da Immaculada Conceição

FICOU proverbial na historia do nosso paiz a insigne piedade da rainha D. Maria I e indelevel a memoria dos seus profundos sentimentos religiosos.

Comquanto esta princeza tivesse uma especial devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por muitos actos publicos honrou o culto da Virgem Purissima, pois que naturalmente se fundem nas almas crentes o amor á Mãe e o amor ao Filho, como se constituissem uma só e divina individualidade.

Um d'esses actos foi o alistar-se a augusta princeza em 1751 na confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição, erecta, como sabemos, na egreja de Villa Viçosa.

Na magestosa basilica da Estrella, fundada por D. Maria I em 1779 e dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, as estatuas de Nossa Senhora e S. José, collocadas no vestibulo, dão testemunho de quanto a fé religiosa d'esta rainha englobava no mesmo affecto e veneração o culto da Sagrada Familia.

Tambem n'aquelle notavel templo teve especial altar o Coração de Maria, para o que concorreram com a sua collaboração artistica, como em outro logar diremos, a infanta D. Maria Anna e a princeza do Brazil, D. Maria Benedicta, irmãs da rainha.

O painel d'esse altar, que ambas pintaram, é assim descripto pela mão anonyma que biographou esta ultima princeza: «Bem no meio da parte quasi superior do painel está o Coração da Virgem, atravessado com uma espada, cercado de estrellas, e um grupo de serafins de cada lado. Sobre o Coração está o Espirito Santo em figura de pomba. Seguem-se ao lado direito os archanjos S. Gabriel e S. Miguel a quem correspondem do esquerdo S. Raphael, e o Anjo Custodio do Reino. No meio da parte quasi inferior do painel está uma almofada, em cima d'ella uma salva, e sobre esta uma corôa, um sceptro e um coração; que não podem significar senão a corôa e sceptro de Portugal e o coração da rainha fundadora, pois que o Anjo Custodio aponta com a mão esquerda para estes objectos, e com a direita para o Coração de Maria Santissima, em acto de lhe dedicar devota e humildemente o reino de Portugal e coração da rainha [1]».

Quando já a rainha D. Maria I havia sido acommettida de uma doença mental e superintendia na administração do estado, como regente, o principe D. João, passou Portugal por uma grande calamidade publica, trez vezes repetida: a invasão franceza.

Como era natural que acontecesse, o povo, temendo a sombra de Napoleão, que parecia, mesmo de longe, tão vasta como a grandeza e fama do seu exercito, volveu os olhos ao ceu a implorar a protecção da Santissima Padroeira do Reino em orações e cantares, que foram ouvidos e attendidos, como já o haviam sido em mais remotos tempos, sempre que Portugal batalhára pela sua independencia.

Cada vez que o paiz logrou libertar-se dos francezes, de toda a parte surgiram canticos em acção de graças, sendo muitos d'elles dirigidos a Nossa Senhora, e, se bem que incorrectos na factura poetica, ardentes de devoção sincera, inspirados em profundo reconhecimento, como se pode vêr por este *specimen*, publicado logo depois da primeira invasão:

[1] *Elogio historico da princeza D. Maria Francisca Benedicta*, Pariz, 1836.

Cantemos á Virgem
Louvores geraes:
Digam todos comigo:
Bemdita sejaes.

Bemdita e louvada
Mil vezes e mais,
Louvada e bemdita,
Bemdita sejaes.

. . . .

Saiam já cantando
Pelos seus casaes,
Todos vão dizendo:
Bemdita sejaes [1].

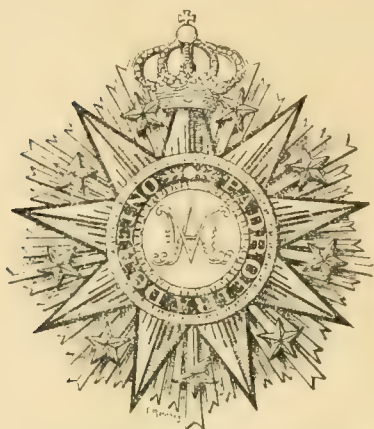
O principe D. João, começando a reinar, por morte de sua mãe, em 20 de março de 1816, deu claro testemunho, logo dois annos depois, de grande devoção á Virgem Maria, devoção que principalmente adquirira por effeito da piedosa educação com que fôra desde a infancia dirigido.

Este principe, sexto rei do nome, alistado, como sua mãe, na confraria dos Escravos da Conceição, creou, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, estando ainda no Rio de Janeiro, a ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cujos estatutos, e desenhos das medalhas, foram approvados por alvará de 10 de setembro de 1819.

Diz o decreto que instituiu a ordem:

«Tendo-se celebrado o Acto Solemne da Minha Acclamação, na Successão da Coroa d'estes Reinos; e Reconhecendo ser Graça de Deus Omnipotente, e uma poderosa protecção da Providencia, que, depois de tantos perigos, tem salvado a Monarchia: E Querendo que fique perpetuada a memoria de tão extraordinarios successos, e da Devoção que Consagro a Nossa Senhora da Conceição, invocada por Padroeira d'estes Reinos pelo Senhor Rei Dom João Quarto, Meu Predecessor e Avô: Tenho determinado Instituir uma Ordem Militar da Conceição, de que ficará sendo Cabeça da Ordem a Capella Real de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, na Provincia do Alemtejo; e terá as differentes Ordens de Gran-Cruzes, Commendadores, Cavalleiros, e Serventes, em numero prefixo, como se exporá nos Estatutos que lhe Hei de dar; sendo as Gran-Cruzes desti-

[1] *Cantico a Maria Santissima em acção de graças por nos ter livrado dos pérfidos e malvados francezes* — Lisboa, 1808.

nadas para os titulos, as Commendas para os que tiverem Filhamento de Fidalgos na Minha Real Casa, e similhantemente as mais condecorações. A Meza da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido: e formalizando os Estatutos, e mais providencias precisas para a sua execução, os faça subir em Consulta á Minha Real Presença. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Fevereiro de 1818 = Com a Rubrica de Sua Magestade [1]».

(Insignia da ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa)

A insignia d'esta ordem é uma *estrella* grande de nove pontas esmaltadas de branco e raiadas de oiro, com nove estrellas pequenas do mesmo esmalte, collocadas sobre os raios entre cada uma das pontas; sendo encimada a ponta superior da estrella pela coroa real. Tem no centro em campo de oiro fosco a *saudação angelica,* em cifra de oiro polido, e na circumferencia, sobre faixa esmaltada de azul claro, a legenda *Padroeira do reino.*

A fita que a suspende é *azul claro* com orlas *brancas.*

Mais que todos os outros seculos avulta o decimo nono pelos seus monumentos de affecto e homenagem á Mãe de Deus. Jámais a Sua devoção subiu tão alto, e nunca foi tão brilhante. Bastaria como prova, se não houvesse outras, e muitas, a definição dogmatica da Immaculada Conceição da Virgem Maria, em 1854.

Pio IX, desde o principio do seu pontificado, pensava dedicadamente n'este assumpto, a que o papa Gregorio XVI já havia consagrado muitas horas de meditação e enlevo.

[1] Em outros paizes foi tambem fundada a ordem militar da Conceição, a saber:

Ordine militare ed equestre — Concezione — instituida pelo duque Fernando I de Mantua, e o duque de Clèves, Carlos Gonzaga.

Ordem da Immaculada Conceição, restabelecida pelo duque Carlos da Baviera, depois imperador Carlos VII, em homenagem á memoria de seu pai, o duque Maximiliano.

Conceição, ordem tambem chamada de Carlos III, do nome do seu instituidor, Carlos III de Bourbon, rei de Napoles.

Sobre as ordens militares da Conceição a noticia do *Grand Dictionnaire,* de Larousse, é muito mais incompleta que a do *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastico;* Veneza, 1842.

Imp. de Libanio da Silva

A VIRGEM DE SEVILHA DE MURILLO
(Quadro existente no Museu do Louvre)

Ainda em Gaeta, Pio IX convidára por lettras apostolicas o episcopado a attentar em tão alto proposito, e a manifestar-se sobre elle, esperando este Pontifice realisal-o em melhores dias [1].

Esses dias chegaram, felizmente.

Reunido um concilio [2] no Vaticano, em Roma, o cardeal Brunelli apreciou todas as provas e o dogma foi definido no dia 8 de dezembro de 1854, em S. Pedro, perante uma enorme multidão de fieis [3].

Diz Pio IX na bulla *Ineffabilis Deus* em que foi communicada a todo o mundo catholico a definição do dogma:

. . . .

«É por isso que nós confiando no Senhor, e acreditando ter chegado o momento opportuno para a definição da Immaculada Conceição da Virgem Maria Mãe de Deus, admiravelmente illustrada esta definição pela palavra divina, pela veneranda tradição, pelo sentimento constante da Egreja, pelo accordo unanime dos bispos e fieis do mundo catholico, assim como pelos actos insignes e constituições de nossos predecessores; depois de termos cuidadosamente examinado todas as coisas, e de havermos derramado em presença de Deus fervorosas e assiduas preces, julgámos que não deviamos mais hesitar em sanccionar e definir por nosso supremo julgamento a Immaculada Conceição da Virgem para satisfazer assim a piedosa impaciencia do mundo catholico e a nossa propria devoção á Santissima Virgem, e para ao mesmo tempo honrar n'Ella de mais em mais o Seu Filho unico Nosso Senhor Jesus Christo, porque é sobre o Filho que recae a gloria e honra tributada á Mãe.

«Assim não tendo nunca deixado na humildade e no jejum de offerecer as nossas preces particulares e as preces publicas da Egreja a Deus Pae pelo intermedio de Seu Filho, para que Elle se digne dirigir e confirmar o nosso espirito pela virtude do Espirito Santo; depois de ter implorado a protecção de toda a côrte celeste, e invocado com

---

[1] Responderam ao Papa 603 prelados. Pediam instantemente a definição doutrinal, 546. Sómente alguns, como monsenhor Sibour, arcebispo de Pariz, apresentavam duvidas quanto á opportunidade.

[2] Assistiram a este concilio 2:092 bispos.

[3] Na basilica de S. Pedro reuniram-se n'esse dia cêrca de 50.000 christãos, que de toda a parte ali haviam concorrido. O papa era assistido, no momento solemne da proclamação do dogma, por 140 bispos, 54 cardeaes, muitos prelados e geraes de ordens religiosas. (*Novena meditada em honra da Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa para uzo do seminario patriarchal em Santarem por um de seus professores* — 2.ª edição, Coimbra, 1878.

gemidos a assistencia do Espirito Paraclito, e sentindo que elle nos inspira n'este sentido, para honra da Santa e indivisivel Trindade, gloria e dignidade da Virgem, Mãe de Deus, para exaltação da Fé Catholica, e triumpho da Religião Christã: pela auctoridade de Nosso Senhor Jesus Christo, dos Santos Apostolos Pedro e Paulo e pela nossa declaramos, pronunciamos, e definimos que a doutrina que ensina que a bemaventurada Virgem Maria foi, no primeiro momento da sua Conceição, por uma graça, e privilegio singular de Deus Todo Poderoso, e em razão dos merecimentos de Jesus Christo, salvador do genero humano, preservada intacta de toda a mancha do peccado original, é revelada de Deus, e que, por consequencia, deve ser acreditada firme e constantemente por todos os fieis.

«Pelo que, se alguem, o que Deus não permitta, tiver a presumpção de ter interiormente um sentimento differente do que nós temos definido, conheça e saiba bem que é condemnado pelo seu proprio julgamento; que fez naufragio na fé; que deixou de pertencer á unidade da Egreja; e que, alem disso, por esse mesmo facto é submettido ás penas comminadas pelo direito, se ousar manifestar o seu sentimento interior por palavras, escripto, ou outro qualquer signal exterior que seja.

«A nossa bocca está cheia de prazer, e a nossa lingua de exaltação. Rendemos e renderemos sempre muito humildes e muito grandes acções de graças a Jesus Christo Nosso Senhor por nos ter concedido por um beneficio insigne, sem merecimento da nossa parte, offerecer e decretar esta honra, esta gloria e este louvor á Sua Santissima Mãe».

Duas inscripções, lateraes á abside, perpetuam na grande basilica de Roma a memoria d'este grande acontecimento; dois candelabros, collocados perto da estatua de S. Pedro, alimentam a flamma symbolica, que recorda a luz d'esse dia memorabilissimo.

As primicias de ouro da Australia, offerecidas ao Papa por um bispo d'essa região, foram empregadas em medalhas commemorativas.

O commendador Podesti pintou sobre o assumpto *frescos* magnificos nas salas do Vaticano por cima do Belvedero.

Uma columna foi levantada na *Praça de Hespanha*, no ponto que conduz em linha recta á *Porta Flaminia*, sendo collocada no topo da columna a imagem de Nossa Senhora em bronze.

Animando o pedestal avultam as estatuas de Moysés, David, Isaías e Ezechiel, que annunciaram em suas prophecias a gloria perenne de Maria Santissima [1].

Vamos pôr deante dos olhos do leitor a copia fiel d'esse monumento, para cuja construcção todo o orbe catholico concorreu com espontaneos subsidios.

Foi principiado em 6 de maio de 1855 e benzido por Pio IX em 8 de setembro de 1857.

Emilio Castelar, na sua *Galeria historica de mujeres celebres*, consagrou o oitavo e ultimo tomo á Virgem Maria [2].

Ahi, n'esse livro tão opulento de recamos litterarios, como a grandesa do assumpto pedia, e o permittia a copiosa palleta do auctor, diz Castelar referindo-se á proclamação do dogma da *Immaculada Conceição:*

«Filippe II, Filippe IV, Carlos III, instituindo a Conceição como padroeira de nossa Hespanha, os reis de Portugal com sua ordem de Villa Viçosa, mantiveram viva sempre a piedosa crença, mui popularisada. No nosso século, Gregorio XVI tivéra já impulsos de proclamar o dogma da Conceição. Por fim Pio IX, ao qual um larguissimo reinado permittiu reunir concilios e intentar varias definições de fé, proclamou dois dogmas capitaes, que considerára gloria do seu pontificado, o dogma da propria infallibilidade e o dogma da Conceição de Maria. Em fevereiro de 1849 dirigiu aos prelados catholicos uma encyclica inquirindo da opinião que tivessem sobre tal crença. Todos, em suas respostas, declararam dogma de fé viva o dogma da Conceição Immaculada. Houve dissidentes, e dissidentes da importancia que monsenhor Sibour devia ter na Egreja, por occupar tão alta séde como é a do arcebispado de Pariz. Mas estes mesmos dissidentes não contestavam a verdade intrinseca do dogma, contestavam, attendendo ao tempo corrente, sua opportunidade. Finalmente, a 8 de dezembro de 1854, Pio IX, rodeado por numeroso cortejo de principes ecclesiasticos, proclamou a Maria Immaculada entre demonstrações de verdadeiro regosijo religioso [3]».

É porém certo que, antes da definição do dogma, era

---

[1] Para mais completa noticia da definição do dogma, veja-se — *Biographie du Souverain-Pontife Pie IX* par Francesco Massi, traduite par Adrien de Riancey, edição de luxo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Tambem deve ser consultada a obra — *De Immaculato deiparæ semper Virginis Conceptu*, Caroli Passaglia; Roma, 1854.

[2] Madrid, 1889.

[3] Pag 60-61.

A Marinho phot.

crença radicada na alma de todos os catholicos a origem immaculada de Maria Santissima, chegando muitos crentes sinceros e convictos a admirar-se de que fosse preciso que a Egreja de Roma, ao cabo de tantos seculos de existencia, decretasse uma doutrina que era geralmente acceita e acatada.

Com sobeja razão diz, pois, Castelar:

«Em 1854 Pio IX proclamou como a Virgem Maria, Mãe de Jesus, fôra isenta, por um acto especial da omnipotencia divina, no momento mesmo em que a concebêra sua mãe Anna, da culpa original transmittida por Adão a toda a sua descendencia, por conseguinte isenta do estado de condemnação a que todos, antes do baptismo, nos achamos submettidos pelo proprio facto da nossa geração e de nosso nascimento. Assim, pouco mais ou menos, a Egreja define e consagra o dogma da Immaculada Conceição. Os povos catholicos, adoradores, mui adoradores, da Virgem Maria, creram-n'a sempre Immaculada, sempre. Alem, em nossos campos meridionaes, á beira do Mediterraneo; quando as gentes annunciam sua entrada nos lares proprios ou alheios; quando o *sereno* apregôa em larguissimos psalmos as horas tranquillas da noite; ás usuaes saudações, ás formulas de communicação e de trato social vai unida uma recordação, mais ou menos consciente, mas emfim uma viva lembrança, da Immaculada Conceição. Recordo-me da extranhesa causada nas antigas devotas da minha terra quando souberam que a Conceição tinha sido decretada dogma de fé, pois que para ellas constituiu toda a vida um dogma consubstancial com o mesmo dogma da Divindade de Christo[1]».

Em Portugal a bulla pontificia não teve logo execução, o que levantou clamores por parte dos fieis mais fervorosos, porque o governo a submetteu á approvação das côrtes antes de receber o beneplacito regio, segundo o artigo 75.º, § 14.º da Carta Constitucional.

Foi por essa occasião muito discutida a regalia regia do beneplacito, travando-se uma viva polemica entre os jornaes *Revolução de Setembro* e *Nação*.

Um dos mais interessantes artigos que sahiram n'este ultimo jornal, foi o que appareceu em o numero de 31 de março de 1855.

Tambem no dia 24 do mesmo mez estampou a *Nação*

---

[1] Pag. 42-43.

um communicado, assignado pelo marquez de Lavradio, contra a prerogativa do beneplacito.

Causou desagradavel impressão que no discurso da Corôa, em janeiro 1855, se não fizesse referencia alguma á definição dogmatica nem ás respectivas lettras apostolicas, falta que o deputado Antonio da Cunha Sotto Maior notou na sessão de 24 de janeiro, apresentando a seguinte proposta:

«A Camara dos Deputados representante de um paiz catholico, faltaria a um dever sagrado, se n'esta occasião solemne *(a da discussão do projecto de resposta ao discurso da Corôa)* não expressasse a Vossa Magestade a profunda satisfação de que está possuida ao vêr, em fim, promulgado pelo breve pontificio de 8 de Dezembro proximo passado, em nome e com authoridade da Igreja, o dogma da Conceição Immaculada da Virgem Mãi de Deos, Padroeira d'este Reino, e lamenta que um facto d'esta transcendencia, que encheu de jubilo o orbe catholico, fosse esquecido pelos Ministros da Corôa do Rei Fidelissimo».

Esta proposta não foi admittida á discussão.

Allegavam os amigos do governo que elle e a sua maioria quizeram evitar qualquer discussão publica, que poderia tornar-se inconveniente sob o ponto de vista do duplo respeito devido á Mãe de Deus e á Egreja Catholica.

O que é certo é que só no dia 7 de março foi que o ministro da justiça, comparecendo na camara dos deputados, requereu, para tratar o assumpto, sessão secreta, que effectivamente se realisou e durou menos de trez horas, continuando no dia seguinte desde a hora e meia até ás quatro e meia da tarde.

O que ali se passou, não sabemos, porque se passou ás escuras, como disse um jornal da epoca, mas na segunda sessão secreta foi o governo auctorisado a conceder o beneplacito.

A camara dos pares tambem se reuniu secretamente a pedido do ministro da justiça no dia 12 de março.

Essa sessão durou desde as trez horas e meia até pouco antes das cinco horas da tarde.

Finda ella, e reaberta a sessão publica, o presidente mandou lêr o seguinte projecto de lei, que viera da camara dos deputados e fôra approvado pela dos pares:

«Artigo unico. É o Governo authorisado a conceder o Real Beneplacito e Regio auxilio, para todos os effeitos tem-

poraes competentes, ás Lettras Apostolicas do Santo Padre Pio IX, que começam = *Ineffabilis Deus* = sobre a Definição Dogmatica da Conceição Immaculada da Virgem Maria Mãi de Deos.

«Palacio das Côrtes, em 9 de Março de 1855 = Julio Gomes da Silva Sanches, Presidente = Carlos Cyrillo Machado, Deputado, Secretario = Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio, Deputado, Vice-Secretario».

Seguidamente o presidente nomeou a deputação que havia de levar á sancção real o decreto das côrtes geraes.

A deputação ficou composta, alem do presidente e do secretario conde de Mello, dos dignos pares arcebispo-bispo-conde, bispos de Bragança e Vizeu, Mello e Saldanha e J. A. de Aguiar.

É certo que a opinião publica esperava com viva anciedade a promulgação da carta de lei concedendo o beneplacito regio ás lettras apostolicas de Pio IX, o que, aliás, só aconteceu mais de trez mezes depois de ter sido dada em Roma.

Eis o teor da carta de lei, que finalmente appareceu no *Diario do Governo*, e da circular, que a acompanhou, dirigida aos prelados portuguezes:

«Dom Fernando, Rei Regente dos Reinos de Portugal e Algarves, etc.; em Nome de El-Rei. Fazemos saber a todos os subditos de Sua Magestade, que as Côrtes geraes Decretaram, e Nós Queremos a Lei seguinte:

«Artigo unico. É o governo authorisado a Conceder o Real Beneplacito e Regio Auxilio, para todos os effeitos temporaes competentes, ás Lettras Apostolicas do Santo Padre Pio Nono, que começam *Ineffabilis Deus*, sobre a definição Dogmatica da Conceição Immaculada da Virgem Maria Mãe de Deus. Mandamos, portanto, a todas as authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar, tão inteiramente como n'ella se contém. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço das Necessidades, em dezeseis de Março de mil oitocentos cincoenta e cinco — Rei, Regente, com rubrica e guarda = Frederico Guilherme da Silva Pereira.

«Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade, Tendo Sanccionado o Decreto das Côrtes geraes de doze de Março corrente, que authorisa o Governo a conceder, para os fins n'elle declarados, o Real Beneplacito, e Regio Auxilio ás

Lettras Apostolicas Dogmaticas, que principiam *Ineffabilis Deus:* Manda cumprir o mesmo Decreto na fórma acima referida. Para Vossa Magestade vêr = Joaquim Augusto Maya, a fez».

Teor da circular:

Ao Cardeal Arcebispo Primaz de Braga.

«Em.^mo e Rev.^mo Sr. — Tendo o Santissimo Padre Pio IX, ora por Providencia Divina Presidente na universal Igreja de Deus, pelas suas Apostolicas Lettras, que principiam — *Ineffabilis Deus* — datadas de Roma em São Pedro ao sexto dia dos Idos de Dezembro do anno proximo preterito, nono do seu feliz Ponficado, declarado, pronunciado e definido do alto do Solio Pontificio, a instancias e com geral approvação dos Prelados de todo o Orbe Catholico, que a Bemaventurada Virgem Maria, Mãe do Redemptor, fôra desde o primeiro instante da sua Conceição por singular privilegio e graça de Deus Omnipotente, e em attenção aos merecimentos de Nosso Senhor Jesu-Christo preservada de toda a macula da culpa original, a fim de que este sentimento fique firme e constantemente fixado no coração de todos os Fieis Catholicos, como Dogma da Nossa Santa Fé Catholica Apostolica Romana: E attendendo Sua Magestade Elrei, Regente em Nome do Rei, a que se na qualidade de filho devoto e verdadeiro da Santa Igreja Lhe incumbe toda a veneração e obediencia ás doutrinas dogmaticas por ella definidas e ensinadas, Lhe cumpre ao mesmo tempo, no exercicio da Soberania Catholica, que por disposição Divina é a defensora da Santa Fé de Jesu-Christo e a Protectora da sua Igreja, prestar todo o auxilio, que da Magestade Temporal dependa, para que as decisões da mesma Igreja, nos limites do Poder que lhe é privativo, sejam com a maior publicidade conhecidas, e com a mais exacta observancia cumpridas e acatadas: Attendendo a que o cumprimento d'este dever da Soberania Temporal Catholica é tanto mais estreito quanto se tracta de um paiz, no qual, como por Mercê de Deus succede n'estes Reinos, se tem por dominante a Religião Catholica Apostolica Romana, e se reconhece e protege exclusivamente o Culto publico da mesma Religião: E attendendo bem assim á circumstancia feliz de que, no caso sujeito, as Lettras Apostolicas Dogmaticas do Chefe da Igreja, além da veneração

e respeito que por si mesmas merecem de todos os Catholicos, não podem deixar de ser acceitas com animo gratissimo, e recebidas com o maior jubilo n'estes Reinos, em que já era crença universalmente professada e defendida a doutrina agora proclamada da Cadeira de São Pedro como Dogma definido; crença esta, de que dão testimunho em todas as partes da Monarchia Portugueza tantos, tão notorios e notaveis monumentos em honra e louvor da Purissima Virgem Maria debaixo da invocação da sua Conceição Immaculada: Ha Sua Magestade por bem, com authorisação competente do Corpo Legislativo, pela Carta de Lei de 16 do corrente mez, Declarar acceitas e recebidas n'estes Reinos e Dominios, nos termos e para os fins expressos na mesma Carta de Lei, as sobreditas Lettras Apostolicas Dogmaticas de Sua Santidade. E Ha outrosim por bem Resolver, que ellas sejam impressas e publicadas na Folha Official do Governo com o texto latino e a traducção em vulgar, a fim de que por esta solemne publicação se dê a todos os Subditos dos mesmos Reinos e Dominios mais prompta e geral noticia das disposições das referidas Lettras Apostolicas, e possam opportunamente ter logar quaesquer actos competentes, segundo a Legislação em vigor, de auxilio do Poder Temporal para devida e exacta observancia das mesmas Disposições Apostolicas.

Sua Magestade, Mandando communicar o referido a V. Em.ª, Tem por certo (e o Haveria por muito recommendado, se necessario fosse), que V. Em.ª, inteirado das Suas Regias Intenções, dará conhecimento d'ellas aos fieis, confiados ao seu Pastoral cuidado, e empregará os meios proprios do seu zelo e piedade, para que não sómente na Igreja Cathedral d'essa Metropole, mas tambem em todas as Collegiadas, Parochias, e Templos das Casas Religiosas, e de quaesquer Estabelecimentos Pios, se façam as festivas demonstrações de jubilo, e se rendam graças ao Todo Poderoso, por haver inspirado, com a luz do Seu Santo Espirito, ao Pai commum dos fieis, uma resolução de tamanha gloria para a Beatissima Virgem, que sob o titulo da Sua Conceição Immaculada, é a poderosissima Padroeira d'estes Reinos, e o refugio certo e seguro, a que nunca recorrem debalde nas occasiões de aperto e tribulação.

O que tudo, de Ordem de Sua Magestade, participo a V. Em.ª para seu conhecimento, e mais effeitos.

Deus guarde a V. Em.ª. Paço das Necessidades, em 19

de Março de 1855 — Em.mo e Rev.mo Sr. Cardeal Arcebispo Primaz de Braga. — Frederico Guilherme da Silva Pereira [1]».

N'esta conformidade e data se escreveu a todos os prelados das dioceses do reino e ilhas adjacentes; e bem assim se officiou ao ministro dos negocios da marinha e ultramar, para os effeitos competentes, quanto ás dioceses das provincias ultramarinas.

Á publicação d'estes documentos officiaes seguiu-se a celebração de um *Te-Deum* na sé patriarchal em acção de graças pela definição dogmatica da Immaculada Conceição.

Dizem respeito a este assumpto a portaria e edital, do teor seguinte, que appareceram no *Diario do Governo*:

«Tendo Sua Magestade El-Rei, Regente em Nome do Rei, Resolvido assistir com Sua Magestade O Senhor Dom Pedro Quinto á solemne Festividade, que ha-de celebrar-se na Santa Sé Patriarchal, no dia 16 do corrente mez, pelas onze horas da manhã, em acção de graças pela Definição Dogmatica da Immaculada Conceição da sempre Virgem Maria: assim se annuncia, em conformidade do Decreto de 8 de Novembro de 1843 [2], aos Titulares e mais pessoas que formam a Côrte, para que no mencionado dia, e á hora indicada, se achem n'aquelle templo, a fim de acompanharem a Suas Magestades na referida solemnidade. Paço das Necessidades, em 12 de Abril de 1855 — Rodrigo da Fonseca Magalhães [3]».

«Eu Rodrigo da Fonseca Magalhães, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima e do de Estado, Par do Reino, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, etc. etc. etc. Faço saber que Sua Magestade El-Rei Regente, e como Grão-Mestre da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, em Nome do Rei, Manda convocar todos os Grão-Cruzes, Commendadores e Cavalleiros da mesma Ordem, residentes n'esta capital, para assistirem, com as respectivas insignias, á solemne Festividade, que ha-de celebrar-se na Santa Sé Patriarchal no dia 16 do corrente mez, pelas onze horas da manhã, em acção de graças pela Definição Dogmatica da Immaculada Conceição da sempre Virgem Maria.

[1] *Diario do Governo* n.º 72 de 26 de março de 1855.

[2] Este decreto estabeleceu que a côrte fosse d'ahi em deante convidada collectivamente e não por avisos pessoaes para assistir ás funcções e actos publicos em que o rei tomasse parte.

[3] *Diario do Governo* n.º 86 de 13 de abril de 1855.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados esta Real Determinação se publica o presente Edital.

Paço das Necessidades, em 12 de Abril de 1855 Rodrigo da Fonseca Magalhães [1]».

O jornal *A Nação* publicava no dia 17 de abril um artigo de fundo, datado do dia anterior, com referencia não só á celebração do *Te-Deum*, mas tambem aos factos que o precederam.

Julgamos indispensavel transcrevel-o na integra para tornarmos o mais completa possivel a noticia historica dos acontecimentos que então se deram.

Diz assim:

«Celebrou-se hoje a declaração dogmatica da Immaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus.

«A' festa religiosa seguiram-se as demonstrações publicas de regosijo. Ainda que tarde, ainda que por effeito da interferencia anti-religiosa do poder civil, em Lisboa estas demonstrações só tivessem logar mais de tres mezes depois que a suprema auctoridade fallára, nem por isso deixaremos de celebrar um dia que basta ser dedicado a honrar Aquella sob cujo patrocinio nossos maiores collocaram estes reinos, para ser para todos os portuguezes um dia de jubilo.

«Lisboa não deu o exemplo aos povos de Portugal, foi precedida por Braga, mas só prova que a acção immediata não se fez sentir em Braga; se lá chegou não foi com a mesma força que por cá apresentou.

«Mas não accusem os habitantes de Lisboa de indifferentes, os seus votos eram outros, os seus desejos ardentes, tentaram e bem espontaneamente manifestar o seu amor e dedicação á Virgem Mãe: não lh'o consentírão, e os factos de que havemos feito menção n'esta mesma folha, provam isto.

«Mas Deus que lê nos corações de todos, sabe, que em todo o Portugal houve a mesma alegria, a mesma satisfação que no resto do orbe catholico ao receber-se a noticia da decisão da Egreja.

«Portugal que sempre se distinguiu pelo seu zelo religioso, e pela pureza da sua fé, Portugal, que nas suas côrtes, e universidades jura ha seculos a defeza da Immaculada Conceição, não podia, apezar de todas as suas desgraças,

[1] *Diario do Governo* n.º 86 de 13 de abril de 1855.

deixar de associar-se á alegria universal de todos os catholicos ao ver definido pela Egreja como dogma, o que para elle era uma crença religiosa, e um principio de nacionalidade.

«A festividade official que hoje teve logar, é para nós o signal de podermos sem estorvos do poder temporal, assignalar o nosso amor á Virgem Sem Macula, e de podermos publicamente pedir-lhe que attenda aos votos d'este povo tão seu, d'este povo que nas mais memoraveis epochas da sua vida social e politica, nunca separou a causa de Portugal da de Deus.

«Nós que começámos como nação, tomando por brazão as chagas do Redemptor; nós que sempre invocâmos o nome de Deus quando limpamos o torrão da nossa patria da presença dos mouros; nós que nos preparavamos para descobrir novos mundos, orando aos pés da Virgem, protectora dos mareantes; nós que, quando quebrámos o jugo dos castelhanos e alçámos ao throno a familia de Bragança, collocámos por um voto a nossa gloriosa e portugueza restauração sob a protecção de Maria na invocação da sua Conceição Immaculada, nós temos como catholicos e como portuguezes o pio dever, e o glorioso direito de lhe chamarmos Mãe e Protectora, e de pedir-lhe que a tantos e tam grandes beneficios como os que já d'Ella e por Ella havemos recebido, assignale mais a sua continuada protecção aos seus portuguezes com mais algum por occasião da definição do Dogma da sua Immaculada Conceição, por modo que esta grande data dos fastos catholicos se ligue com algum facto da nossa historia.

«E assim como o juramento de 1646 se liga ao 1.º de dezembro de 1640; as façanhas do Gama á ermida da Virgem do Restello; a batalha de Aljubarrota á Virgem da Victoria, da Batalha; o primeiro passo das nossas conquistas do Ultramar ao dia da celebração da Assumpção da Virgem; as nossas primeiras côrtes á Virgem de Almacave; D. Affonso Henriques á pia baptismal da Virgem da Oliveira, de Guimarães; a memoria da rainha sancta ao culto da Conceição n'estes reinos, e a caza de Bragança á dedicação da sua caza solar á Virgem da Conceição de Villa Viçosa: assim possa esta nossa Mãe e Protectora assignalar a data da definição do Dogma por um beneficio nacional.

«O nosso passado, os exemplos de beneficios recebidos, anima-nos a pedir-lh'o; a sua visivel e constante protecção

aos seus portuguezes, dá-nos esperanças de o conseguirmos.

«Se os votos populares dos nossos antigos reis elevaram esses magestosos templos, que dedicados á Virgem são monumentos do espirito religioso de nossos maiores, padrões de gloria nacional pelos altos feitos que recordam, brazões da nossa fidelidade ao culto da Virgem Mãe, ao mesmo passo que são testemunhos perennes da nossa gratidão aos seus beneficios; possam novas graças, novos favores, ao passo que augmentem a nossa divida de religião e affecto, impor-nos egualmente o dever de elevar á memoria do grande facto catholico e nacional o novo padrão e eterno monumento de gratidão e reconhecimento [1]».

Não era tão minuciosa a *reportage* dos jornaes n'aquella epoca como hoje.

Por isso têmos que contentar-nos com a seguinte minuscula noticia que, ácerca do *Te-Deum* official celebrado em Lisboa, se nos deparou n'um dos diarios da capital:

«Celebrou-se hoje na Sé Patriarchal a festividade em acção de graças pela definição dogmatica da Immaculada Conceição da sempre Virgem Maria. Assistiram SS. Magestades e Altezas. A côrte, o corpo diplomatico, e um grande numero de pessoas de distincção concorreram para solemnisar este acto. O concurso do povo era numeroso, e a igreja estava ricamente armada. Orou o ex.^{mo} conego Lacerda.

«A guarda de honra foi feita por uma força do batalhão de caçadores n.º 1. A' noite estiveram illuminadas as fachadas dos templos da capital, e houve repiques de sinos [2]».

Todos os prelados do reino dirigiram pastoraes aos seus diocesanos communicando-lhes, nos termos da portaria-circular de 19 de março, as disposições contidas nas lettras apostolicas e exhortando-os a commemorarem tão fausto acontecimento.

Como vimos pelo artigo da *Nação*, a cidade de Braga foi a primeira a festejar, independentemente da acção do governo e das côrtes, a definição do dogma.

Do que se passou n'aquella cidade, cujos sentimentos religiosos tomaram sempre a vanguarda aos de todas as ou-

---

[1] Do jornal *A Nação*, n.º 2:246 de 17 de abril de 1855.
[2] Do *Jornal do Commercio* n.º 446 de 17 de abril de 1855.

tras cidades do paiz, temos noticia algum tanto circumstanciada, que passamos a transcrever:

Festa da Immaculada Conceição da Virgem Maria em Braga nos dias 6 e 7 de janeiro de 1855

«Apenas a esta cidade chegaram as noticias do grande acontecimento, que teve logar em Roma no dia 8 de dezembro de 1854, logo em algumas pessoas devotas se excitaram os desejos de fazerem uma demonstração religiosa e publica em honra do novo triumpho da Augustissima Rainha dos ceos e da terra, e Poderosissima Padroeira d'este reino, no glorioso mysterio da sua Conceição Immaculada, agora definido dogma de Fé; mysterio, que esta cidade jurou defender ainda alguns annos antes, que egual juramento fosse dado nas côrtes de Lisboa no reinado do snr. D. João IV.

«Estes pios desejos encontraram sympathia e acolhimento na Meza da Associação do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, a qual resolveu celebrar na egreja do convento dos Remedios, onde se acha erecta, uma festa solemne com todo o esplendor, e por não ser possivel preparar-se com mais brevidade, designou-se o dia 7 do corrente Janeiro com vesperas solemnes na tarde precedente.

«A egreja foi adornada com todo o esmero, e illuminada com maior profusão de luzes; e o altar, onde está collodada a formosa Imagem de N. Senhora da Graça com o seu purissimo Coração patente no peito, estava composto e adereçado com toda a magnificencia. Na cupula que o cobre, lia-se a deprecação que se acha gravada na medalha da dita milagrosa, que se distribue aos associados, e que era muito analoga á presente circumstancia: O Maria concebida sem peccado, rogai por nós, que recorremos a vós; e em dois obeliscos, que se elevaram aos lados do altar, viam-se estas legendas: *Congratulamini mihi omnes, qui diligitis Dominum* (Congratulai-vos comigo vós todos que amais ao Senhor), *Tota pulchra es... et macula non est in te.* (Toda sois formosa... e em vós não ha macula).

«Na tarde do dia 6, depois das trez horas, dirigiu-se processionalmente a esta egreja a respeitavel corporação dos clerigos de N. Senhora da Lapa, S. Pedro, e S. Thomaz d'Aquino, que com a melhor vontade annuiram ao convite que se lhes fez, para virem tomar parte n'esta festividade. Em numero de mais de quarenta, todos com suas sobrepeli-

zes e murças, insignia da irmandade, formavam as alas do coro, e com os assistentes de pluviaes, e Sagrados Ministros do Altar, apresentavam um apparato de respeito e magestade.

«Uma girandola deu o signal do principio da funcção, e immediatamente os sinos da Cathedral, e os de todas as torres da cidade repicando festivalmente, annunciaram o immortal triumpho de Maria Immaculada, e o continuaram a celebrar á noite, e no dia seguinte. Exposto o SS. Sacramento no throno cercado de luzes, e ornado de flôres, cantaram-se as Vesperas, interpolando-se o grave e magestoso canto ecclesiastico do coro com as alegres harmonias da musica vocal da capella da Sé e dos meninos orphãos, a quem acompanhava uma grande orchestra.

«A' noite offerecia Braga um espectaculo, como ha muito se não gozára; quasi todas as casas geralmente se illuminaram e com especialidade o campo de S.ta Anna até S. Victor, e o campo dos Remedios estavam brilhantes de luzes; e n'este ultimo, um lindo fogo de artificio subiu ao ar, emquanto a musica militar do regimento n.º 8 entretinha com peças escolhidas o numeroso concurso de povo.

«No dia 7, depois das 10 horas, tendo chegado a irmandade dos Clerigos, e exposto o SS. Sacramento, entoou-se a hora de Tercia a cantochão, e seguiu-se a Missa solemne cantada a musica com a grande orchestra. O Santissimo ficou exposto no throno á adoração dos fieis até á tarde, na qual, vindo tambem a irmandade dos Clerigos, subiu ao pulpito o orador, e tomando por thema este texto de S. Lucas (c. 2. v. 10) *Evangelizo vobis gaudium magnum quod erit omni populo,* fallou sobre a definição dogmatica da Immaculada Conceição, e sua congruencia nas circumstancias actuaes. Seguiu-se o *Te-Deum,* em que a musica executou uma bella composição d'este hymno, e se concluiu com a benção do SS. Sacramento. A assistencia foi numerosissima, e de pessoas de todas as classes; e ainda que o templo fosse muito mais espaçoso, não seria sufficiente para a multidão dos fieis, que queriam vir render vassalagem ao Rei dos reis, e celebrar as glorias de sua Mãe Immaculada, de quem muitos alli teem implorado o patrocinio nas suas necessidades e afflições, e teem obtido soccorros e remedios efficazes, como o testificam as innumeraveis offrendas e memorias pendentes das paredes d'este sanctuario.

«Assim se festejaram em Braga os primeiros annuncios

d'este felicissimo acontecimento: permitta o Altissimo que o nosso Eminentissimo Prelado brevemente receba do Santissimo Padre o venerando Decreto, para o fazer publico ás suas ovelhas, e então, segundo a recommendação do orador, cresça o nosso fervor, augmente-se o nosso enthusiasmo, e multipliquem-se as demonstrações de alegria pelas glorias de Maria Immaculada [1]».

Em Lisboa seguiram-se ao *Te-Deum* official na sé muitas solemnidades commemorativas em quasi todas as outras egrejas.

Fallemos das que se realisaram na da Conceição Velha, cuja invocação certamente obrigava este templo a mais brilhantes commemorações.

O padre Raymundo dos Anjos Beirão organisou ali missões, que se effectuavam de tarde, e que tinham por fim fazer comprehender nitidamente aos ouvintes a grandesa do assumpto que se ia commemorar.

Um enorme concurso de fieis affluiu a todas estas missões.

Logo no primeiro dia o padre Beirão annunciou que ao terminar cada missão faria peditorio com o proposito de vestir doze meninas, filhas de familias honestas e necessitadas, que, com os seus fatos novos, viriam assistir ás festas solemnes.

— É para ellas que eu peço, não para mim, disse o padre Beirão. Eu de nada preciso; nada quero.

Assim conseguiu este virtuoso sacerdote associar a caridade, sempre tão bem acceita da Virgem Santissima, á commemoração de um acontecimento que encheu de jubilo todos os fieis do orbe catholico.

Começaram os actos religiosos na egreja da Conceição Velha no dia 28 de abril, ás 4 horas da tarde, pela celebração de *Vesperas* solemnes; depois, *Completas;* em seguida, missão; e por ultimo *Matinas* e *Laudes.*

Vesperas e *Matinas* foram executadas por musica vocal e instrumental: sendo os dois primeiros psalmos das *Vesperas*, de Marcos Portugal, e os trez ultimos, de Jordani.

As *Matinas* foram tambem d'aquelle nosso famoso compositor [2].

[1] Do jornal *Atalaia Catholica*, n.º 38, pag. 31-32, anno 1855, 10 de janeiro.

[2] Marcos Antonio da Fonseca Portugal, celebre e fecundo compositor portuguez, nasceu em Lisboa a 24 de março de 1762 ou 1763 e falleceu a 7 de fevereiro de 1830. Compoz, alem de muitas operas, que foram cantadas em Portugal e no extrangeiro, missas, officios, matinas, vesperas, laudes, etc. Em 1790 foi nomeado mestre da capella real.

Seja chronista do que se passou no dia seguinte uma testemunha ocular, o padre Rodrigo Antonio d'Almeida[1]:

«Alfim appareceu o tão suspirado dia 29 — dia de gloria insigne para a Senhora; de suprema galla para seus servos fervorosos. Erão cinco horas da madrugada, ou pouco mais, e já muitas pessoas piedosas se apressavam a vir receber no tribunal augusto da *Penitencia* a estóla de candura e graça, com a qual revestidas anceavam passar aquelle dia santificado.

«Soavam, apenas, as oito horas, e a communhão geral começou. *Perto de trezentas pessoas*, asseverou desde o Pulpito o Sr. Padre Beirão, *perto de trezentas pessoas* se alimentaram n'ella com o *Pão dos Anjos*. Foi isto sendo dada a communhão tão cedo: se as diversas particularidades da Festa o permitissem, e aquella tivesse logar algumas horas mais tarde, os que se chegassem ao banquete eucharistico — não serião *centenas*, contar-se-hião aos *milhares*. Apóz a communhão houve a exposição outra vez do Sacramento.

«O bôdo, que no annuncio da Festa fôra promettido, e que tinha de representar n'ella uma parte das principaes, foi então distribuido. Marcára-se ao principio o numero de — *cem* — pobres; a affluencia, porém, recrescente das offertas, que se succediam á porfia quasi, poz o respeitavel Vigario da Caza, com summa alegria de sua alma bemfazeja, pôl-o nos termos de o poder tornar extensivo a mais — *vinte e oito*. Deu-se-lhes, para cada um, um pão d'arratel, um arratel d'arroz, e 120 em dinheiro.

«Tenho de me transportar, agora, a novo theatro dos triumphos da Religião e da caridade santa n'este dia para d'ahi magestosamente voltar ao mesmo ponto, d'onde parto. Levo-vos em *espirito* ao primoroso Templo da Freguezia da Conceição em Lisboa; de lá regressaremos acompanhando, em *espirito* tambem, um prestito edificativo e tocante, que por entre alas de numerosa turba marcha a passo lento com universal admiração, e não menos universal approvação, marcha a recolher-se a este, de que vou tratando.

«Alli o Padre Beirão disse Missa rezada, com acompanhamento d'orgão, ás setenta meninas que vestira com as esmolas dos Fieis. Finda ella, benzeu outros tantos rozarios, que successivamente foi deitando ao pescoço de cada

[1] *As festas por motivo da definição dogmatica da Conceição Immaculada de Maria na egreja da Conceição Velha*. Lisboa, 1855.

uma — como remate da obra de christã beneficencia, que podéra realizar em seu favor. A' missa uma das meninas commungou pela primeira vez. Coroava-lhe, por isso, a fronte angelica uma bella grinalda de flores viçosas.

«Seguiu-se, em continente, um acto indizivelmente sentimental — internecedor a não mais: um acto de sublime apparato religioso, que enlevava ao mesmo tempo que compungia a todos. A emoção, que no peito excitava, não... a ninguem será dado descrevel-a!!...

«Quero fallar da Procissão das meninas do Templo da Freguezia da Conceição para o da Conceição Velha. Vinham caminhando a duas e duas, precedidas d'um elegante estandarte de grodnaple azul, orlado de franjas, que sustentava em suas mãos innocentes aquella, que pouco antes fôra digna de abrigar pela vez primeira em seu seio o Deus de magestade immensa, que os Ceos e a terra não podem comprehender. N'esse estandarte via-se bordado o signal da Redempção: a divina palavra — *Caridade* — o topetava e cingia. Concorriam a tornar mais solemne o sequito — a Irmandade do Sacramento da Freguezia mencionada, e bem assim seu Prior benemerito com varios outros Ecclesiasticos, que se lhe uniram no empenho de o tornarem mais pomposo e respeitavel, tornando-o d'est'arte mais — muito mais surprehendente e tocante.

«O povo precipitava-se em chusmas nas ruas da Procissão: a multidão era innumeravel. A impressão, que causava, era profunda, como será duradoura. Em muitos olhos borbulhavam lagrimas; e de bastantes ellas correram em fio a banharem as faces copiosamente.

«Pela ordem, porque vieram, foram entrando na Egreja, onde a festa tinha de se celebrar. Cantando o *Tantum ergo*, adoraram prostradas o Rei dos Reis no Sacramento Augustissimo; e se collocaram no Cruzeiro, em frente todas da Capella e Altar-Mór. Vestidas singela, mas decente, mas modestamente, alli estavam d'esta fórma para patentearem juncto á sua Protectora Excelsa, e perante o mundo, o jubilo que lhes transbordava de seus corações juvenis pelos tropheos da Mãe Purissima, alcançados sobre a malicia da serpente maldicta, cuja baba damnada nem de leve a tocára em sua animação gloriosa.

«Um véu de bobinet, um vestido de chita azul com ramos brancos (*côres da Conceição)*, uma saia de baetilha, um par de meias, um par de sapatos, um lencinho de assuar,

um rozario de continhas brancas, pendente do pescoço, uma vella de cera e um ramalhete de flores: eis aqui o trajo modesto, proporcionado pelo producto das esmolas, que o bondoso Missionario pôde haver dos Fieis, avidos sempre e cada vez mais de o escutarem.

«A verdade que prézo sobre modo, como devo, me leva a declarar que — os sapatos, a vella e as flores foram dadiva da Irmandade illustre, que acompanhara as meninas no seu transito, em testimunho de gratidão pelo desinteresse não commum, que com a mesma uzára na sua Festa, dias antes, por identico motivo o Sr. Padre Beirão.

«Pelas onze horas e meia cantou-se *Tercia;* e seria meio dia começou a Missa. Cantou-se a do Sr. Antonio Leal. Magistralmente composta, perfeitamente bem desempenhada, recreando os ouvidos e o coração com arrobadôras melodias, o seu — *Crucifixus* — no crédo é sobretudo sublime de propriedade, de belleza e de sentimento. Nada se póde imaginar de melhor effeito».

Prégou, ao evangelho, o padre Carlos João Rademaker, que tinha então apenas 27 annos de idade [1] e que, havendo sido educado em Turim, voltára a Portugal, onde celebrou a sua primeira missa a 29 de setembro de 1851.

Já se tinha assignalado como prégador e poeta christão, affirmando-se como um dos mais valiosos sustentaculos das doutrinas da Egreja em Portugal.

O joven padre Rademaker commemorára no pulpito e na lyra a definição do dogma da Immaculada Conceição.

Publicára, em opusculo de 8 paginas, uma ode saphica *O triumpho da Igreja Romana na definição do dogma da Immaculada Conceição de Maria* (Lisboa, 1855).

Na oração que recitou na egreja da Conceição Velha estabeleceu trez proposições, a saber: que a definição do dogma da Conceição Immaculada foi justa; que foi opportuna; que era necessaria.

A' missa assistiu o bispo resignatario de Angola, commisario da bulla da Santa Cruzada.

Terminado este acto religioso, as meninas foram jantar a casa de uma familia caritativa, que voluntariamente se prestou a assumir tão generoso encargo.

Depois da refeição, que foi abundante, voltaram as

---

[1] Nasceu em Lisboa no dia 1 de junho de 1828. Falleceu, na mesma cidade, a 6 de junho de 1885.

creanças ao templo, onde deram graças a Deus e á Virgem Immaculada.

Em seguida retiraram-se com suas familias.

Ás trez horas e meia da tarde distribuiu-se um segundo bôdo a cem pobres, constando de generos alimenticios e esmola em dinheiro: remanescente dos donativos arrecadados pelo padre Beirão nas tardes das missões.

Compareceu o Inter-Nuncio Apostolico, que, não tendo podido celebrar a missa, viera expressamente para dar a benção do Sacramento.

Subiu ao pulpito o padre Beirão, que prégou com a enthusiastica eloquencia que caracterisava as suas orações.

Seguiu-se a Ladainha e a Antiphona *Tota Pulchra;* depois o Inter-Nuncio Apostolico, revestido de pontifical, levantou o *Te-Deum*, que foi o «grande» de Marcos Portugal.

Os devotos de Nossa Senhora quizeram ainda prolongar por mais trinta dias os seus cultos á Virgem n'aquelle templo.

Para esse fim organisaram ali o *Mez de Maria*, que effectivamente se realisou, havendo sermão todas as tardes por diversos prégadores.

No Porto, cidade da Virgem, alem das festas de egreja, houve brilhantes demonstrações de regosijo nas ruas; foram promovidas por uma commissão, de que era presidente Antonio Ferreira Pinto Basto.

Como remate e corôa de todas as commemorações religiosas, celebrou-se na egreja de S. Bento da Victoria, a 14 e 15 de julho, uma pomposissima festividade, a que assistiram as auctoridades civis, militares e judiciaes, e na qual foi orador o doutor Antonio Bernardino de Menezes, lente de theologia na Universidade.

Esta festividade grandiosa deveu-se á iniciativa da archiconfraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, cuja historia bosquejaremos no seguinte capitulo.

Em Coimbra a commemoração religiosa realisou-se na sé cathedral a 10 de junho.

Havia sido convidado a prégar o dr. Francisco d'Arantes, chantre da mesma sé, o qual, não tendo podido comparecer por motivo de doença grave, fez depois publicar o sermão que para esse effeito havia composto [1].

[1] Impresso em Lisboa, na typographia de G. M. Martins, rua dos Capellistas n.º 62 — 1855.

Em Braga repetiram-se, agora com caracter official, as demonstrações de plena adhesão ao dogma e de acção de graças pela sua definição.

«A segunda feira de Paschoa, 9 do corrente (abril) foi o dia escolhido por sua eminencia rm.ª para se publicar solemnemente na Cathedral Primaz o infallivel Oraculo do Vigario de Christo, que declara e define como dogma a Immaculada Conceição da SS. Virgem Maria. A' estação da Missa conventual, o illm.º e rm.º Arcediago de Braga, paramentado de alva e pluvial, e acompanhado de dois assistentes paramentados de dalmaticas, subiu ao pulpito e leu em voz alta as Lettras Apostolicas na integra do texto latino. Logo os sinos da Cathedral, e das mais torres, repicando solemnemente annunciaram a toda a cidade esta tão desejada publicação, e a continuaram a festejar por trez dias. No ultimo d'elles, 11 do corrente, pelas 11 horas da manhã, cantou-se na mesma Cathedral, em acção de graças, um solemne *Te-Deum,* que foi officiado pelo exm.º e rm.º Deão da Sé Primaz, pois que o em.º e rm.º sr. Cardeal Arcebispo por motivo de seus dolorosos padecimentos não pôde assistir, como muito desejava; assistiram porém todas as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, grande numero de ecclesiasticos, e de pessoas de todas as classes. No terreiro da Sé esteve uma guarda de honra do regimento 8 com musica. A cidade toda espontaneamente se illuminou nas trez noites dos dias 9, 10 e 11 [1]».

A definição do dogma da Immaculada Conceição teve tambem na litteratura da epoca uma commemoração enthusiastica.

Não foi só o padre Rademaker que fez vibrar a sua lyra religiosa em louvor de tão grandioso assumpto, nem o imitáram unicamente os outros ecclesiasticos portuguezes. Da classe civil irromperam muitos canticos de jubilo e congratulação inspirados pelo mesmo assumpto. É-nos completamente impossivel relembral-os todos; mas, para não deixar em aberto uma deploravel lacuna que falsearia a verdade historica, reproduziremos alguns.

O insigne orador sagrado Francisco Raphael da Silveira Malhão [2], que tambem cultivou as musas e foi muito devoto

[1] Do jornal *Atalaia Catholica*, n.º 198, de 20 de abril de 1855.

[2] Já citado a pag. 20 d'este livro. Nasceu em Obidos a 12 de março de 1794 e ali falleceu a 10 de novembro de 1860. Era filho do advogado e poeta Manoel Gomes da Silveira Malhão.

de Nossa Senhora, a ponto de não deixar nunca de acompanhar o cyrio de Obidos á Nazareth, onde n'essas occasiões prégava todos os annos, compoz trez hymnos dedicados á Immaculada Conceição, commemorando assim, com o sincero tributo da sua lyra christã, a definição do dogma:

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

1.º HYMNO

Terna Mãe, cujos louvores
Nas harpas do Céu resôam,
Ouve os hymnos que te entoam
Na terra os filhos de Adão.

CORO

Gloria ao Senhor, que da culpa
Te isemptou por nós herdada,
Gloria, ó sempre Immaculada,
Gloria á tua Conceição.

A teu sceptro cravejado
De pedrarias luzentes,
Curvam os Anjos as frentes
Na celeste habitação.

Gloria ao Senhor, etc.

Os alvos lyrios do campo,
Da aurora o orvalho mimoso,
O raio do Sol formoso,
Mais que tu puros não são.

Gloria ao Senhor, etc.

Nem a neve que na crista
Alveja do alpino monte,
Nem o crystal que da fonte
Sáe na formosa estação.

Gloria ao Senhor, etc.

Só tu, quando a humanidade
Abrazada geme triste,
Cheia d'orvalho floriste,
Qual véllo de Gedeão.

Gloria ao Senhor, etc.

Bem o disse o Deus dos Prophetas,
Que com a planta calcarias
Na plenitude dos dias
A cabeça do dragão.

Gloria ao Senhor, etc.

A nossa idade se ufana
De ver n'ella decidido
O que em todas se tem crido,
Com firmeza e affeição.

Gloria ao Senhor, etc.

Toda a grei do Deus da Cruz,
Que ouve a voz da sua Esposa,
Abre a bôcca jubilosa,
E bemdiz a decisão.

Gloria ao Senhor, etc.

No meio dos puros hymnos,
Que toda a terra te canta,
Avulta a alegria Santa
Da Portugueza Nação.

Gloria ao Senhor, etc.

Desde o Tejo até ao Minho,
Desde a raia até ao mar,
Terna Mãe, tudo é cantar
Tua solemne ovação.

Gloria ao Senhor, etc.

O povo que te escolheu
Para sua Padroeira,
Não tem cousa que mais queira,
Que ame mais do coração.

Gloria ao Senhor, etc.

Volve a nós, ó Virgem pura,
Os teus olhos de piedade,
Aos males da nossa idade
Põe termo por compaixão.

Gloria ao Senhor, etc.

Faze que o sol da verdade
Alumie a Lusa terra,
Do erro as sombras desterra
Com seu fulgente clarão.

Gloria ao Senhor, etc.

Possâmos, findo o desterro,
Cantar no reino superno
Com voz firme, amor eterno,
Reformado o coração.

Gloria ao Senhor, etc.

2.º HYMNO

Formosa Flor de Jessé,
Pelo Senhor escolhida,
Por toda a raça remida
Sejas sempre celebrada.

CORO

Todos os eccos do mundo
A tua gloria pregoam,
Por toda a parte resôam
Hymnos á Immaculada.

Nos puros astros do Céu,
E nas flores da campina,
E na aurora matutina
Nós te vemos retratada.

Todos os eccos, etc.

Ao sol, á lua, ás estrellas,
Á oliveira formosa,
Ao cedro, ao lyrio, á rosa
Ao platano és comparada.

Todos os eccos, etc.

Tens o gemido da rôla,
Cabellos especiosos,
E teus olhos são formosos
Como os da pomba engraçada.

Todos os eccos, etc.

Como a pomba não manchaste,
No immundo lodaçal,
Do cataclysmo moral,
Tua planta delicada.

Todos os eccos, etc.

Por todas as gerações
Em casa de Zacharias,
Tu disseste que serias
A *venturosa* chamada.

Todos os eccos, etc.

E para todos os filhos
Do teu amor e piedade,
Ainda na nossa idade
És a *Bemaventurada.*

N. S.ª da Luz que se venera na egreja de S. Vicente em Braga

Todos os eccos, etc.

Ferida da aza do tempo
Toda a gloria humana morre:
Mas quanto mais elle corre,
Mais vê a tua augmentada.

Todos os eccos, etc.

Mais uma pedra formosa
Polida na nossa idade,
Foi por toda a christandade
Na tua c'rôa engastada.

Todos os eccos, etc.

Pelo Pastor dos Pastores,
Em numerosa assembleia,
Sem mancha, de graça cheia
Foste a final proclamada.

Todos os eccos, etc.

Os genios de ethereo paço
As puras vozes soltaram,
E a victoria celebraram
Pela fé tão desejada.

Todos os eccos, etc.

Os páes da raça perdida,
Vendo as festas d'este dia,
De lagrimas de alegria
Tinham a face banhada.

Todos os eccos, etc.

O mundo christão exulta,
A impiedade emmudece,
Indifferente parece,
Mas não falla de atterrada.

Todos os eccos, etc.

Excede a todos os povos
O Portuguez na alegria:
Terra de Santa Maria
Foi nossa terra chamada.

Todos os eccos, etc.

Terna Mãe dos Portuguezes,
Formosa Flôr de Jessé,
Conserva o archote da fé
Na terra a ti consagrada.

Todos os eccos, etc.

Escurecer esta luz
De fulgor, de brilho eterno,
Não venha nuvem do inferno
D'impio vapor carregada.

Todos os eccos, etc.

Esta nação que, com ella,
Colheu palmas immortaes,
Ás crenças de nossos páes
Viva sempre vinculada.

Todos os eccos, etc.

3.º HYMNO

Salve, nobre Padroeira
Do Povo, teu protegido,
Entre todos escolhido
Para povo do Senhor.

CORO

Ó gloria da nossa terra
Que tens salvado mil vezes,
Em quanto houver Portuguezes,
Tu serás o seu amor.

Embora ao rei piedoso,
Que, na tua Conceição,
Nos deu vaidoso Brazão,
Joia d'immenso valor.

Ó gloria, etc.

Como não exultariam
Suas cinzas n'esse dia,
Em que a Igreja *«o que elle cria»*
Definiu com santo ardor.

Ó gloria, etc.

Com tua graça e belleza
Um jardim não ornas só,
Linda Flor de Jericó,
De Portugal és a Flor.

Ó gloria, etc.

Flor de suave perfume,
Para toda a Lusa gente,
Entre nós, em cada crente
Tens esmerado cultor.

Ó gloria, etc.

Plantada na extrema ráia,
Por toda a parte se estende,
Além dos mares rescende
Teu aroma encantador.

Ó gloria, etc.

Quem ha que não deva honrar
Virgem de prendas tamanhas,
Que em suas castas entranhas
Concebeu o Redemptor?!

Ó gloria, etc.

És a obra mais sublime
Que sahiu das mãos de Deus,
Nem na terra, nem nos céus
Ha creatura maior.

Ó gloria, etc.

O teu nome gracioso,
Como o nome de Jesus,
É doce alimento, é luz,
É medicina na dôr.

Ó gloria, etc.

Com teu sopro virginal
Apagas o raio ardente,
Que na dextra omnipotente
Mette o nosso cego error.

Ó gloria, etc.

Sem que vá ferir o teu
Mais que humano coração,
Da terrena habitação
Não sóbe ao céu um clamor.

Ó gloria, etc.

A tua gloria é valer-nos,
Não tens maior alegria,
Ninguem chama por Maria,
Que não alcance favor.

Ó gloria, etc.

Teu amor, fogo sagrado,
Aquece a humana frieza,
Como o sol a natureza
Com seu nativo calor.

Ó gloria, etc.

Acode-nos, Mãe piedosa,
N'estes dias desgraçados,
Em que vivemos lançados
No pranto, no dissabor.

Ó gloria, etc.

Lobos famintos, raivosos
O teu rebanho atassalham,
As ovelhas se trasmalham,
Surdas á voz do pastor.

Ó gloria, etc.

Amansa as feras bravias,
Auctoras de tantos damnos,
Converte em peitos humanos
Peitos d'hircano furor.

Ó gloria, etc.

Da fé a alampada santa,
Que tão viva outr'ora ardía,
Se teu zelo a não vigia
Perde o restante fulgor.

Ó gloria, etc.

Ai! da Lusa sociedade
Se o sol do mundo moral
Se apaga!... O' noite fatal!
O' noite de negro horror!

Ó gloria, etc.

És a nossa Padroeira,
Não largues o padroado
Do rebanho confiado
A teu poder protector.

Ó gloria, etc.

Portugal, qual outra Phenix,
Á vida torne outra vez.
Não se chame Portuguez
Quem Christão de fé não fôr.

Ó gloria, etc.

Havia por esse tempo na capital do Minho um moço poeta, de 19 annos, João Joaquim de Almeida Braga, que desde a infancia manifestára talento litterario e estro poetico, bem como notavel puresa de sentimentos religiosos.

N. S.ª dos Desamparados
(Da ordem terceira de Braga)

Este novel poeta, que em 1857 deu a lume os seus cantos da juventude sob o titulo *A Grinalda*, cantou com arroubado lyrismo a definição do dogma, tomando desde então a Virgem Santissima como estrella do norte que durante toda a sua existencia lhe guiou os passos e illuminou o espirito.

N'esta composição affirma a sua vocação poetica e fé sincera; mais tarde, porém, se elevou a maior altura litteraria, especialmente quando celebrou em seus versos a Virgem do Sameiro, como opportunamente mostraremos.

Almeida Braga, que tinha nascido a 4 de fevereiro de 1836, falleceu a 11 do mesmo mez no anno de 1871.

Ainda o conheci e com elle tive algumas relações, apesar da nossa differença de idade.

Quando Almeida Braga falleceu, escrevi da sua morte no livro *Esboços e episodios* (1871) pondo em relevo a veneração que a sua sepultura e memoria inspiraram desde logo a todos os bracharenses.

Eis o cantico por elle, em 1855, dedicado á Immaculada Conceição:

Tres vezes salve! Virgem, que és purissima!...
Que d'Eva a culpa não tocou sequer!
Que entre as mulheres Tu de graça cheia
Bemdita o mundo te chamou mulher!

Lyrio, que exhalas cheiro tão suavissimo,
Rosa plantada no jardim dos céus
Junto dos rios celestiaes que manam
D'aquelle throno aonde fulge Deus;

Cedro frondoso, que vens lá do Libano
Erguendo a fronte magestosa em si,
Que entre as creaturas não encontra o mundo
Outra que possa comparar-se a Ti;

Arca da alliança, pomba que és sem macula,
Estrella d'alva de fulgor sem par,
Porto onde encontra o peccador refugio,
Mãe extremosa que só sabe amar;

Na Tua c'roa resplendente e fulgida
Hoje uma joia mais fulgores tem,
Brilha entre as outras tal como entre os astros
Costuma a lua fulgurar tambem!

A santa Igreja, que sempre é catholica,
Ergue louvor de celestial toada
A Ti, que foste d'essa culpa isempta
Que aos outros fôra por Adão legada!...

Quando Nestorio pelo quinto seculo
Ousou negar-Te como Mãe de Deus,
E a voz da Igreja, que na fé não erra,
Lançou-lhe o anathema e aos sectarios seus,

Logo todo Epheso exultou de jubilo;
Com elle a Igreja seu louvor ergueu
A Ti, Maria, que escolhida foste
Por Mãe d'Aquelle, que baixou do céu!...

Agora a Igreja tambem ergue um cantico,
Sobem louvores cá da terra aos céus;
E á voz do augusto successor de Pedro
O mundo louva a Santa Mãe de Deus!...

Celebra a Tua Conceição sem macula
Quem tem na terra verdadeira fé;
Que o que era apenas uma pia crença
Agora é dogma que a Igreja crê.

O drago immundo nem sequer um unico
Momento póde sujeitar-Te a si,
Se a primeira Eva seduzir podera,
Tu a cabeça lhe esmagaste alli.

Tres vezes salve! Virgem, que és purissima!
Que d'Eva a culpa não tocou sequer!
Que entre as mulheres Tu de graça cheia
Bemdita o mundo te chamou mulher!

Eburnea torre, magestoso portico
Da empyrea, excelsa, celestial morada,
Innocentissimo cordeiro puro,
Linda açucena que não foi manchada;

No empyreo os anjos Te offerecem canticos,
Celestes hymnos, p'ra Te dar louvor;
Na terra os homens sem cessar Te louvam...
Por ti seus peitos abrasára amor!...

Junto do throno celestial do Altissimo
Pois que é tão grande o nosso amor por Vós,
Pedi clemencia para as nossas culpas,
Ó Virgem pura, intercedei por nós.

Elle não nega quando é Vossa a supplica:
Filho extremoso tudo, ó Mãe, Vos faz;
Pedi-Lhe a graça, que nos leve firmes
Á eternidade na mansão da paz.

Outros poetas, mais obscuros, mas não menos crentes e sinceros, cantaram a definição do dogma, o que prova que foi extensivo ao maior numero dos espiritos e das classes sociaes o jubilo que dimanou d'aquelle facto grandioso.

Esta consideração leva-nos a transcrever a seguinte poesia, cujo auctor se não tornou conhecido na republica das lettras, comquanto dispozesse de uma technica espontanea e correcta:

HYMNO Á IMMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA

Virgem, das virgens a mais pura, salve!
Salve, estrella de luz sempre fulgente!
Em quem jámais cahiu sombra de culpa,
Nem o bafo soprou d'atroz serpente!

Gloria! Gloria, ó meu Deus, trez vezes Sancto!
Que o mundo reges, Pai d'infindo amor!
Pois que, das iras tuas sendo dignos,
Nos poupaste da pena alto rigor!

Se a mãe primeira, contra ti rebelde,
Do teu furor as chammas acendeu;
Maria, sol da graça e formosura,
Esses fógos de cólera absorveu.

Sobre as ruinas do crime eis triumphante
Maria, se ergue forte e destemida,
E aos pés calcando o fero, horrendo monstro
Salvou a humana estirpe já perdida.

Ao seu aspecto, que fulgura em glorias,
Cégo de raiva, inerme, jaz prostrado
O abysmo, que se cria victorioso,
Sobre a raça infeliz d'Adão culpado.

Da antiga Roma nos antigos muros,
Lá se ergue a voz de Pio augusta e sancta:
«Maria (diz) foi sempre immaculada»;
E esta só phrase o inferno aturde e espanta.

Se d'um pae infeliz herdamos culpa,
Que em toda a raça humana se espargiu,
Mãe tivemos depois que, mar de graças,
Á graça o triste pae reconduziu.

Foste, Maria, o unico despojo
Que ao naufragio do crime se escapou,
Foste, porque das vagas agitadas
O Senhor em seus braços te salvou!

Lirio sempre viçoso e sempre candido
Da terra no jardim, nunca murchaste,
Pois que em aguas d'amor, do amor eterno
Limpidas aguas sempre te banhaste.

Com rasão te saudou chêa de graça
O archanjo Gabriel, a ti mandado!
Nós saudamos-te Virgem formosissima
Sem macula original e sem peccado.

Benigna escuta as preces reverentes
Dos Lusos, que te applaudem fervorosos!
Derrama sobre nós as tuas graças,
Que sempre fomos filhos teus mimosos.

Aviva a nossa fé, por que floresça,
E nunca em nós descaia amortecida,
Que a tua Conceição Immaculada
Em Portugal foi sempre defendida.

Braga, 20 de março de 1855.

J. A. VELLOSO [1].

Seria talvez impossivel fazer uma resenha completa das novenas, hymnos e outras publicações que têm vindo a lume, no nosso paiz, em honra da Immaculada Conceição.

Ha 21 annos que se publica em Lisboa o *Almanack da*

[1] Do jornal *Atalaia Catholica*, n.º 49, de 1 de maio de 1855.— Pag 210 e 211.

Immaculada Conceição dedicado ás familias christãs, composto por dous devotos da mesma Senhora, e editado pela «Livraria Catholica» estabelecida na calçada do Carmo, 6, 1.º.

A já longa existencia d'este livrinho prova a sua geral acceitação.

Tambem não seria facil fazer completa menção de todas as associações devotas que prestam culto especial á Immaculada Conceição de Maria Santissima.

Entre outras, alem das já citadas, referir-me-hei apenas a duas existentes em Lisboa: á Associação dos devotos de Nossa Senhora da Conceição da Sé Patriarchal, de que em 1884 era presidente o sr. visconde de Castilho (Julio) e á Associação do Escapulario de Nossa Senhora da Conceição, canonicamente erecta na parochial egreja da Conceição Nova.

N'este templo todos os sabbados, ás 9 horas, ha missa no altar da Santissima Virgem e em seguida terço a que os associados assistem. Aos domingos, missas ás 7 e meia, 10 e meio-dia.

Em todas as outras terras do paiz estão organisadas associações analogas.

Em Coimbra existe a Congregação de Maria Santissima Immaculada ou Congregação Mariana Conimbricense, instituida na egreja de Santa Theresa. D'ella fazem parte ao presente (1900) 35 alumnos da faculdade de theologia, 31 de direito, 3 de medicina, 3 de mathematica e 3 de philosophia.

XI

O mez de Maria

NO fim do seculo XVI, S. Filippe Néry, o virtuoso florentino, fundador da congregação do Oratorio, impressionou-se com as demasias licenciosas a que os mancebos italianos se entregavam quando a renovação das forças vitaes da natureza, na estação das flores, principiava a aquecer-lhes o sangue.

Nossa Senhora, n'uma visão com que o honrou, inspirou-lhe o pensamento de, para trazer a bom caminho a mocidade desvairada, santificar o mez de maio por uma serie de devoções em Sua honra.

Cheio de zelo christão, S. Filippe Néry poz logo mãos á obra, e redigiu o plano d'essas devoções, que, sem embargo, durante os dois seculos seguintes, só foram praticadas nas casas do Oratorio.

Meado o seculo XVIII, o padre Lalomia publicou o primeiro *Mez de Maria* que appareceu e que elle procurou introduzir em Roma, bem como nas povoações circumvisinhas.

Assim, pois, se a inspiração de tão encantadora devoção veiu do Ceu, e da propria Virgem Maria, como a luz vem

dos astros e o aroma vem das flores, foi na Italia, paiz essencialmente religioso e artistico, que essa sublime concepção encontrou as primeiras adhesões e berço proprio.

Os antigos romanos saudavam a chegada de maio celebrando jogos em honra de Flora, d'onde veiu o costume pagão, ainda conservado em algumas das nossas provincias, de commemorar o 1.º dia d'esse mez adornando as portas e janellas com flores de giesta.

O christianismo, na sua aspiração para Deus, attingindo a noção do Bem e do Bello, de que Deus é a suprema expressão, tinha intuitivamente consagrado o mez de maio a certas solemnidades religiosas relacionadas com a florescencia e abundancia da terra, com o espanejar da flor, graciosa esperança, que annuncia o fructo, fartura providencial.

Refiro-me ás *ladainhas de Maio*, que uma illustrada dama portugueza, residente na ilha da Madeira, descrevia assim em 1859:

«O sacerdote, acompanhado do povo, cuja guarda lhe é confiada, sáe do templo cantando em procissão, chamando para sobre a terra as bençãos do ceo. Voltando á egreja, o povo prostrado deante dos altares do Senhor, crê e confia no Seu nome, parecendo-lhe desde logo vêr germinar o grão, vergarem as arvores com o pêso dos fructos, crescerem e desenvolverem-se as plantas que hão de nutrir-lhe os tenros filhinhos e alimentar-lhe os pais decrepitos [1]».

A intuição poetica, que o christianismo suggere e afina em todas as almas delicadas, devia, com effeito, fazer comprehender que o mez em que a terra pompea suas galas, e em que desabrocha a rosa, rainha das flores, tanto no jardim como no vallado, parecia o mais proprio para ser dedicado á mais bella e pura das mulheres, á «Rosa Mystica», á Flor de innocencia immaculada e de virtude diamantina, que floresce em todos os logares, nobres ou humildes, palacios ou choupanas, respondendo meigamente a todos os corações que a invocam e a todos os espiritos que a saudam.

D'esta intuição religiosa e poetica, que é seguramente um dos mais bellos poemas attingidos pelo christianismo moderno, e que Nossa Senhora avivou na alma de Filippe Néry, como um maestro inspirado faz vibrar um

[1] D. Mathilde J. de Sant'Anna e Vasconcellos, nota 1.ª á traducção dos *Fastos* de Ovidio por Antonio Feliciano de Castilho.

instrumento melodioso, nasceu «o mez de Maria», em que, á mistura com os aromas das flores, se elevam para o ceu as orações dos crentes.

«No fim do seculo passado — diz a mesma escriptora já citada, referindo-se agora ao tempo do padre Lalomia — a igreja dedicou o mez de Maio áquella que tanto concorreu para a redempção do mundo. E, no meio de toda a harmonia que entôa o hino universal da Primavera, o espirito do homem, penetrado das mais doces inspirações, unindo a idea da Virgem á da resurreição da terra, esquece as antigas festas do mez de Maio, e dá-lhe o nome de — *Mez de Maria!*»

No principio do seculo XIX a publicação do *Mez de Maria* de Muzarelli foi que verdadeiramente tornou popular esta devoção, e o apoio que lhe deu a Egreja, dispensando-lhe bençãos e indulgencias, conseguiu generalisal-a, fazendo-a penetrar em todos os corações bem formados e em todas as almas sensiveis, ás quaes não passa nunca despercebida a mysteriosa harmonia existente entre uma idea superior e o facto correlativo que melhor a possa traduzir.

Oiçamos, a este proposito, o que escreveu um sacerdote portuguez, de vida exemplar, inexcedivelmente devoto de Nossa Senhora, o padre Martinho Antonio Pereira da Silva, que illustrou a egreja de Braga e que, em meu parecer, foi quem melhor até hoje, entre os portuguezes, se compenetrou de toda a grandesa religiosa, de toda a sublimidade christã, que o mez de Maria encerra e testemunha.

Devemos notar, porém, antes de entrarmos na transcripção, que o padre Martinho traça uma synthese, englobando os factos tanto anteriores como posteriores á epoca de S. Filippe Néry.

Diz o virtuoso e illustrado sacerdote bracharense:

«O mesmo sentimento de devoção que desde longo tempo havia inspirado aos servos de Maria, que a honrassem trez vezes no dia, pela manhã, ao meio dia, e á noite; que lhe consagrassem um dia cada semana, que é o sabbado; e que celebrassem, ao menos uma festa cada mez em sua honra, lhes suggeriu a feliz lembrança de lhe consagrarem um mez inteiro no decurso do anno.

«Ora, quando se faz uma offerta (diz engraçadamente o P. Lalomia), deve sempre apresentar-se o melhor; por isso se escolheu de preferencia o mais formoso mez do anno, o mez de Maio, que pela renovação da natureza e agradavel

variedade de flores, de que a terra se esmalta, parece convidar a alma a renascer tambem para a graça, a enfeitar-se com os mais bellos actos de virtudes, e a formar d'elles como a corôa da Rainha do universo.

«Outro motivo não menos louvavel que deu causa ao estabelecimento d'esta devoção, foi afastar o povo dos perigosos prazeres, que a primavera traz comsigo, e aos quaes o mez de Maio era quasi inteiramente dedicado em algumas partes da Italia. Este mez era com effeito em muitos logares um tempo de dissipação, que se costumava passar em festas e divertimentos profanos, tantas e tantas vezes funestos á innocencia. Mas por meio d'esta feliz devoção, esse tempo de desordem se achou em breve transformado em dias de salvação.

«Não se pode formar idea do fervor, que então reina na Italia, tanto nas cidades como nos campos. Por toda a parte se ouvem resoar os louvores de Maria, nas egrejas, nos oratorios, nos mosteiros, nas casas particulares, e até nas ruas e praças publicas, onde o povo se reune a certas horas do dia diante de alguma Imagem da Mãe de Deus, para lhe pagar um tributo solemne de amor, de veneração e de louvor [1]».

O Santo Padre Pio VII, no intuito de generalisar esta pratica devota, que com tanto enthusiasmo havia começado sob suas proprias vistas, em Italia, concedeu, por um rescripto de 21 de março de 1815, a todos os fieis, que cada dia, durante o mez de maio, fizessem alguma oração publica ou particular, ou qualquer outra obra de piedade em honra da Virgem Santissima, 300 dias de indulgencia em cada dia e uma indulgencia plenaria no dia do mesmo mez em que, á sua escolha, se confessassem, commungassem e orassem pelas necessidades da Egreja.

Em Portugal a devoção do mez de Maria apenas se tornou conhecida no seculo XIX quando a Egreja a indulgenciou. Eu, pelo menos, não encontrei noticia mais antiga que

---

[1] *Flores a Maria ou o mez de maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus.* A 1.ª edição foi impressa em Braga, *Typ. Lusitana*, 1859. O mesmo assumpto foi pelo padre Martinho tratado na *Atalaia Catholica*, n.º 53, de 10 de junho de 1855. Possuo a 3.ª edição das *Flores a Maria*, impressa no Porto em 1867

Muitos outros livros, guias praticos do mez de Maria, têm sido publicados em Portugal, uns originaes, outros traduzidos. Citarei o *Mez de Maria da Immaculada Conceição* por A. Gratry, que foi traduzido do francez por D. Anna Augusta Placido (posto saisse anonymo) sendo o Prefacio da traducção escripto por Camillo Castello Branco.

Editora a livraria Moré, Porto, 1865.

a de já estar adoptada na egreja do convento dos Remedios, em Braga, no anno de 1855.

No periodico bracharense *Atalaya Catholica*, relativo a 10 de junho (n.º 53) d'aquelle anno, encontro as seguintes palavras, que supponho escriptas pelo padre Martinho da Silva:

«Felizmente tão bella devoção tem sido acolhida com interesse n'esta religiosa cidade de Braga, e no corrente anno se continua a celebrar na egreja das Religiosas dos Remedios diante do Altar do SS. e sempre Immaculado Coração de Maria».

N'estas palavras fica indicado o traço de intima união que relaciona a pratica do «mez de Maria» com a organisação das confrarias do Seu Immaculado Coração, assumpto que a breve trecho explanaremos.

A Imagem do convento dos Remedios, a que o padre Martinho se refere, e perante a qual se celebra a devoção do «mez de Maria», intitula-se de Nossa Senhora da Graça e do Seu Santissimo Immaculado Coração.

Tem aos pés trez anjos, suspensos em uma nuvem. No peito da Imagem, que é elegante, arde um coração, de que dardejam flammas. Da mão direita, estendida, partem os resplendores da divina graça; a esquerda apoia-se junto ao coração. Nossa Senhora tem, sobre tunica branca, um manto bordado. Na cabeça, véo e corôa com diadema.

No respectivo registo [1], ha dois anjos, que aos lados da Imagem desenrolam disticos, lendo-se n'um, o da direita — *Mater divinæ gratiæ* — e n'outro, o da esquerda — *Refugium peccatorum.*

No plano inferior, desdobra-se um terceiro distico em que se lê esta quadra:

> Do peccador Refugio, Mãi da Graça,
> D'afflictos efficaz consolação,
> Abri-nos, ó Maria, doce asylo
> Em vosso sacro, e puro coração.

Em Lisboa já no anno de 1858 se praticava a devoção do «mez de Maria», o que sou levado a affirmar pelo testemunho de um registo [2] em que se desenha a linda Imagem, que vai reproduzida na pagina seguinte.

---

[1] Foi-me facultado pelo sr. visconde de Castilho (Julio). Pertence á sua collecção.

[2] N. J. P. Lecoingt fecit; lith. R. do Loreto n.º 83.

No topo da estampa lê-se: *Lembrança do Mez de Maria, 31 de Maio de 1858.*

Mas só possuo noticia circumstanciada do «mez de Maria» em S. Luiz Rei de França no anno seguinte.

Devo-a a uma interessante nota, do rev. Bernardino de Barros Gomes, que obtive por interposta pessoa, e vou transcrever na integra:

«Foi em 1859, dois annos depois da missão dos srs. Sipolis e Miel, missionarios da Congregação da missão enviados a Portugal, que se celebrou o 1.º mez de Maria em S. Luiz. *Esta devoção era quasi desconhecida então em Lisboa.* O sr. Miel acabava de ser encarregado *ad interim* da capellania de S. Luiz, pelo sr. marquez de l'Isle, começando a desempenhar o seu serviço religioso na Paschoa d'esse anno. A egreja estava desprovida totalmente de paramentos, roupas sagradas, ornamentos. Chovia ali no altar-mór, porque o telhado achava-se arruinado. Apesar de tudo, tomou-se a resolução de celebrar o mez de Maria. O sr. duque de Bellune, 1.º secretario da legação de França, abriu a sua bolsa e poz elle mesmo mãos á obra, preparando o pequeno altar da Santissima Virgem.

«Tudo se fez modestamente, mas os exercicios agradaram e a concorrencia manteve-se devota e piedosa. Este 1.º mez de Maria excedeu o que se esperava.

«O marquez de l'Isle, satisfeito com o resultado, escreveu ao governo francez pedindo a nomeação definitiva do capellão de S. Luíz. O ministro dos negocios estrangeiros de França offereceu então a administração da egreja de S. Luiz á Congregação da missão, cujo Superior Geral a acceitou. Cumpre, porém, notar que a 3 de Dezembro de 1858 tinha já sido fundada uma associação que tomára o nome de *União d'orações aos corações angustiados de Jesus e de Maria*, e por certo que ás suas boas orações deveram os missionarios francezes, que a dirigiam, muitas bençãos de Deus para os seus trabalhos. Essa associação foi crescendo em numero d'associados, fervor de orações, e bons resultados, e nunca mais deixou de haver em S. Luiz festas do mez de Maria, com numerosa concorrencia dos membros d'ella, e inscri-

pção de novos socios, que hoje se contam por muitos milhares [1]».

No Porto a devoção do «mez de Maria» começou em 1862, mas só em 1863 foi que revestiu algum apparato [2]. Era então seu director o Padre Mestre Balthazar Velloso de Sequeira, egresso benedictino e professor de theologia dogmatica no Seminario d'aquella cidade.

Chegou agora a opportunidade de relacionarmos a pratica do «mez de Maria» com a organisação das confrarias do Seu Immaculado Coração.

Foi Benedicto XIV (1740-1758) o primeiro pontifice que erigiu confraria do Santissimo Coração de Maria. Pio VII (1800-1823) ampliou-a, favoreceu-a, procurou reanimar efficazmente esta devoção, que no seu tempo logo se estabeleceu em Lisboa no mosteiro da Encarnação, das Commendadeiras de Aviz.

Mas, o grande impulso dado a estas piedosas instituições, partiu de França.

No dia 3 de dezembro de 1836, o parocho de Nossa Senhora das Victorias, em Pariz, mr. Dafriche-Desgenettes, estando a dizer missa no altar da padroeira do templo, foi assaltado por um profundo desalento e desgosto de vêr improficuo todo o seu zelo em melhorar as condições religiosas dos parochianos.

Ao chegar ao Canon, tão mortificado se via com essa preoccupação, que implorou a Deus a affastasse de seu attribulado espirito.

Subitamente, um doce pensamento o acalmou, o de dedicar a sua parochia ao Sacratissimo Coração de Maria. Pôde, logo mais tranquillo, concluir o santo sacrificio.

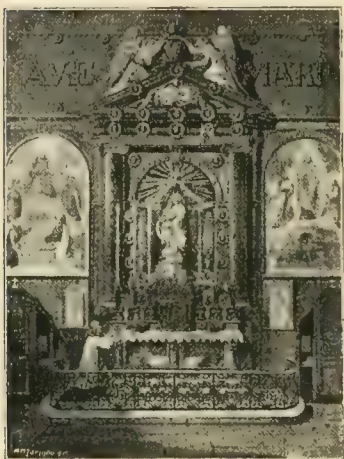
Quando acabou a missa, já senhor de si, lembrou-se nitidamente de tudo o que, durante ella, se tinha passado.

Acceitando, como aviso do ceu, a inspiração que tivera, tratou sem perda de tempo de redigir os estatutos de uma confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, para conversão dos peccadores. Feitos os estatutos, foram immediatamente approvados pelo arcebispo de Pariz.

[1] *Carta do sr. Maller, de 23 de janeiro de 1879, impressa nos Annaes da Congregação.* Tom. 44, pag. 562.

[2] Só relativamente a este anno existem as contas da despeza feita com a festividade do encerramento do mez. Esta e outras informações, todas ellas muito interessantes, devo-as ao rev. conego Illidio da Costa, actual director da archiconfraria do SS. e Immaculado Coração de Maria, erecta na egreja de S. Bento da Victoria, do Porto.

No domingo seguinte, 11 de dezembro, iniciou o rev. Desgenettes os exercicios religiosos da confraria, e a concorrencia de fieis, que não seriam menos de quatrocentos, excedeu a sua espectativa e encheu-o de coragem e alento.

No dia 12 de janeiro de 1837 foi, por ordem do arcebispo, aberto o registo da confraria, e dez dias depois já estavam inscriptas 214 pessoas.

(Capella da archiconfraria do Immaculado Coração de Maria na egreja de Notre Dame des Victoires em Pariz)

A egreja de Nossa Senhora das Victorias, que até então era pouco concorrida, começou a ser mais frequentada. A transformação nos costumes religiosos dos parochianos e outros fieis tinha sido rapida e profunda. O rev. Desgenettes sentia-se verdadeiramente feliz, e animado do melhor espirito para proseguir na sua missão de pastor de almas.

Por Lettras Apostolicas de 24 de abril de 1838, *In sublime Principio,* o Papa Gregorio XVI elevou a nova associação á categoria de archiconfraria, dando-lhe a faculdade de aggregar a si outras confrarias do mesmo nome e piedoso intuito. Sua Santidade, concedendo muitas graças á nascente archiconfraria, disse ao seu fundador que «queria que houvesse uma confraria do Santissimo Coração de Maria em todas as egrejas do orbe catholico».

E o seu successor, o Papa Pio IX, concedendo novas indulgencias á archiconfraria de Pariz, definiu-a dizendo que era «obra de Deus, pois que um pensamento do ceu a tinha produzido na terra para ser um recurso da Egreja».

Ao bispo de Pella, vigario apostolico em Madagascar, recommendou que estabelecesse esta santa instituição em todas as terras por onde fosse, e que dissesse aos seus collegas que procedessem de igual modo.

O que é certo é que não só na Europa, mas tambem na Asia, Africa, America e Oceania se acham hoje estabelecidas numerosas confrarias do mesmo nome e em cujos pios exercicios Nossa Senhora é constantemente invocada como refugio dos peccadores, consolação dos afflictos, saude dos enfermos e auxilio dos christãos.

Segundo o disposto pelo Santo Padre Gregorio XVI, a confraria do mosteiro da Encarnação, em Lisboa, buscou logo filiação na archiconfraria de Pariz, e o mesmo fez a confraria da ilha da Madeira: julgo serem ambas as mais antigas associações d'este genero que existem em Portugal.

No Porto, foi no fim do anno de 1845 que alguns devotos de Nossa Senhora procuraram fundar ali uma associação similar, na egreja dos Congregados, vulgo, de Santo Antonio da Porta de Carros.

Estabelecida canonica e civilmente a devota aggremiação, foi a sua inauguração marcada para o segundo domingo de fevereiro de 1846 pelos respectivos fundadores, que eram o padre José de Oliveira, oratoriano, seu 1.º director; D. Pedro da Annunciação Huet (que eu ainda conheci) o qual fôra cruzio; e Alexandre José da Silva d'Almeida Garrett [1].

No dia 8 de março de 1846, 2.º domingo d'esse mez e tambem 2.ª reunião solemne dos confrades no templo dos Congregados, houve um gravissimo conflicto, que tomou as proporções de desacato, dentro do templo, por parte de pessoas mal intencionadas, que queriam fazer acreditar que a archiconfraria não passava d'uma aggremiação politica contraria ás instituições. Foi preciso intervir a força armada para serenar o conflicto, que afinal não cessou, segundo consta, sem haver effusão de sangue, sendo ferido o proprio director.

A archiconfraria (pois que assim começou a denominar-se) teve de suspender os seus actos de culto publico até 1851, em que o duque de Saldanha, declarando-se protector d'ella, de accôrdo com o prelado diocesano, conseguiu que fosse estabelecida na egreja dos extinctos Carmelitas, onde o marechal foi pessoalmente, com o seu estado maior, assistir a uma missa celebrada na occasião da collocação da Imagem da Virgem n'esta egreja.

Era então director o padre mestre Balthazar Velloso de

---

[1] Era irmão do visconde de Almeida Garrett, e muito devoto de Nossa Senhora. Lembro-me d'elle muito bem. Dizem ao nosso proposito as seguintes obras que publicou: *Manual historico, e de instrucções e orações para uso da Archiconfraria do santissimo e immaculado Coração de Maria*, trad. do francez — Porto, 1848; *Orações da Archi-confraria do santissimo Coração de Maria* — Porto, 1855; *Breves instrucções sobre o pequeno escapulario azul em honra da bem aventurada Virgem Maria, que devem benzer os clerigos regulares.* Trad. da lingua latina — Porto, 1860.

Tambem traduziu e publicou uma *Novena em honra da immaculada Conceição de Maria.* Porto, 1862.

Sequeira, successor immediato do padre José d'Oliveira, pois que este sacerdote pouco tempo sobreviveu ao desacato dos Congregados.

Cumpre dizer que a mesa gerente, em 1846, resolveu que todos os annos, no dia 8 de março, se dissesse uma missa em desaggravo d'aquella profanação[1].

A convivencia, na egreja do Carmo, entre a confraria d'este titulo e a archiconfraria do Immaculado Coração de Maria, não era muito pacifica. Por isso, retirando-se de S. Bento da Victoria para a sua egreja restaurada a parochia de Nossa Senhora da Victoria em 1852, a archiconfraria pediu ao governo aquelle templo, que lhe foi concedido por portaria de 25 de julho de 1853.

A transferencia effectuou-se em agosto do mesmo anno.

No de 1862, como já dissemos, iniciou-se na egreja de S. Bento da Victoria a devoção do «mez de Maria», que a breve trecho a archiconfraria respectiva, em que já estavam inscriptas as principaes pessoas do Porto, cultivou com grande zelo e piedade.

O altar da Senhora, deante do qual se realisa em maio de cada anno aquella devoção, é de rica talha doirada, lavrada em phantasiosos lavores, de um aspecto grandioso e bello, que se conjuga harmoniosamente com a vastidão do templo — em que se denunciam os abundantes recursos de que dispunha em Portugal a ordem de S. Bento.

Tem certamente sido restaurado por mais de uma vez esse lindo e magestoso altar que faz *pendant* a outro, que lhe fica fronteiro, mas a sua factura primitiva nasceu bafejada pela prosperidade de uma ordem rica, em cujo templo tudo é bom, incluindo o orgão do côro, que passa por ser um dos melhores do Porto.

A Imagem da Senhora, que se firma n'um globo, tendo a lua aos pés, e que das mãos abertas despede raios argenteos de misericordiosa graça, revela na physionomia uma divina bondade, uma tão attraente expressão de candura, innocencia e piedade, que exalta a fé e desperta no espirito dos crentes uma vaga aspiração, deliciosa e calma, para a eterna felicidade dos bemaventurados.

[1] Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno* (vol. X, pag. 619) allude a estes factos, dizendo-os influenciados pelo espirito revolucionario, que dominou os homens de 1846 a 1851. Acrescenta que a paixão politica pretendia vêr na organisação da archiconfraria uma «conspiração miguelista», o que não era verdade.

O vestido, que a nossa estampa representa, foi dadiva da rainha D. Maria II.

Alem d'este, tem a formosa Imagem outros vestidos preciosos: um d'elles, riquissimo, todo bordado a oiro, foi offerecido pelas senhoras portuenses em 1883; dois, bordados a prata, foram donativos do illustrado conde de Azevedo, e da condessa de Pangim, já fallecidos ambos; ainda outro, bordado a oiro, foi mandado fazer pela archiconfraria logo sou primeiros tempos da sua existencia.

(Imagem do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, que se venera na egreja de S. Bento da Victoria, da cidade do Porto)

Conservo a mais viva e a mais grata recordação, entre as melhores da infancia, das tardes do mez de Maria em S. Bento da Victoria.

Minha mãe não faltava a essa devoção, ainda que os seus achaques a importunassem mais. A velha criada Joanna, minha segunda mãe, igualmente alistada na archiconfraria, por caso algum faltaria a essa piedosa devoção, que tanto a encantava.

Eu acompanhava ambas, e era-me delicia do espirito, em que porventura desabrochavam alguns doces germens de poesia religiosa, acompanhal-as a essa festividade, que se repetia durante trinta e um dias consecutivos, e em que o deslumbramento das flores, offerecidas á porfia pelos fieis, o aroma suave do incenso, os canticos fervorosos que se erguiam em côro n'um rithmo melodiosamente cadenciado, accordavam na minha alma de creança um sentimento dulcissimo de tranquilla fé, que tem sido desde então o pharol, o esteio, a força e a coragem da minha vida toda.

Agradeço reconhecido a essas duas almas piedosas, a de minha mãe e da minha velha Joanna, ambas tão queridas e lembradas por mim, o terem-me guiado a esse sereno lago de paz e harmonia, onde a minha alma aprendeu a banhar-se na egreja de S. Bento da Victoria e onde ainda hoje immerge, para calmar-se, nas horas de fugaz tribulação e ephemero desalento.

Foi ahi, sim, que eu me eduquei na crença consoladora de um mundo melhor, onde ha igualdade, clemencia e justiça, que brotam de fontes caudaes e inextinguiveis.

Pode ferir-me de golpe a injustiça dos homens, e muitas vezes me tem ferido. No primeiro momento, mas só no primeiro momento, conseguirá desorientar-me. Logo após, uma serenidade luminosa desce a tranquillisar-me a alma, que parece mergulhar na claridade branda de um crepusculo vespertino de primavera eterna: péso então a brevidade da existencia humana, os seus odios, as suas invejas, as suas iniquidades, e fujo com o pensamento para regiões mais altas e puras: logo fico tranquillo e abonançado, como o operario, que tendo trabalhado um dia inteiro, repoisa n'um somno reparador e calmo.

Quando a minha primeira filha nasceu, foi sob a protecção do Immaculado Coração de Maria, a que eu tantas vezes havia dirigido orações e canticos, que abriguei o meu lar incipiente e a minha nova familia.

Uma das graças da Imagem, que se venera em S. Bento da Victoria, tocou a cabeça da neóphyta; não havia mão protectora de madrinha que pudesse valer mais.

E desde então, em lances amargosos da existencia, se não tenho encontrado o auxilio dos homens, jámais me faltou o amparo d'essa Divina Senhora, que mentalmente estou vendo d'aqui, no seu bello altar de talha doirada, entre luzes e rosas, a receber compassiva os canticos e orações, o aroma das flores, do incenso, e das almas crentes, que procuram o ceu evolando-se para as alturas.

Os canticos, entoados em côro pelos assistentes no mez de Maria, em S. Bento da Victoria, são singelos como as boninas do campo, mas, como ellas, exprimem a simplicidade que se torna bella por desataviada e sincera:

HYMNO A NOSSA SENHORA

1.ª

Sois cheia de Graça
Sem culpa gerada
Para ser dos homens
Terna Advogada.

CORO

Ouvi nossos rogos,
Tende compaixão
Dos que adoram
Vosso coração.

2.ª

Para sermos gratos
A vossos favores,
Aqui nos juntamos
No mez das flôres.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

3.ª

É n'este mez,
A Vós consagrado,

Que o vosso nome
Deve ser louvado.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

4.ª

Não trazemos flôres,
Para Vos offerecer;
Louvores só queremos
Hoje aqui render.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

5.ª

Immensas flôres
Os campos matisam;
Ainda mais virtudes
Em Vós se divisam.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

6.ª

Suave perfume
Lançam sem cessar,
Que ao Vosso throno
Não tem de chegar.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

7.ª

O que lá se ouve,
São os gemidos
Dos corações,
P'ra Deus convertidos.

CORO

Ouvi nossos rogos, etc.

Acceitae, Senhora,
Nossa devoção;
Para conseguirmos
O fructo d'est'oração.

1.º

MUSICA

Ó Maria, ó Virgem pura,
Vossos louvores cantamos,
N'este mez de graça e benção
Cultos mil vos consagramos.

2.º

POVO

Isenta de toda a culpa,
A nós culpados amaes,
E da eterna desventura
Compassiva nos livraes.

3.º

MUSICA

Sim por nós, para nos salvar
O Vosso Filho nasceu;
Para a todos dar a vida
O vosso Jesus morreu.

4.º

POVO

Da nossa dita e ventura
Sois o feliz instrumento;
Da mão do Eterno obra prima
Sois da Creação portento.

5.º

MUSICA

Ao Vosso nome estremece
O maligno audaz poder,
Com Vosso nome podemos
O mesmo inferno vencer.

6.º

POVO

Ó Maria! ó nome augusto!
Nome de paz e união!
Penhor de eterna ventura!
Fonte de consolação.

7.º

MUSICA

Do pae sois Filha querida,
De Jesus sois Mãe amada;
Sois do Espirito Divino
Terna Esposa Immaculada.

8.º

POVO

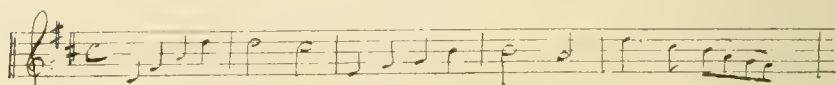
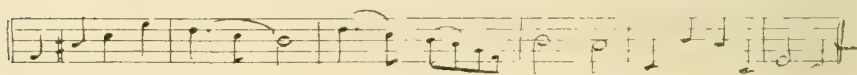
Consegui-nos, Mãe amavel,
Que de Amor nos abrazemos
E que por Vós ajudados
Vossa virtude imitemos.

9.º

MUSICA

Fazei que sempre occupados
Em servir e amar a Deus,
Quebrando as prisões da carne,
Vamos gosal-o nos ceus.

(O POVO REPETE)

O rythmo, tambem singelo, que rege este hymno, poderá até certo ponto esboçar a impressão que recebem os fieis ao ouvil-o entoado por centenas de vozes.

Assim, pois, como temos visto, a devoção ao Immaculado Coração de Maria anda alliançada com as praticas religiosas do mez de maio.

São uma dupla glorificação da Virgem Santissima, a quem os poetas prestam homenagem já exaltando o misericordioso coração da Senhora, já celebrando christãmente a primavera que floresce em as tardes de maio nas jarras do Seu Altar, para maior honra e brilho da immaculada Flor do Ceu.

Entre os poetas que celebram o primeiro d'estes assumptos congéneres, mencionaremos dois.

Seja um o actual arcebispo de Evora. D. Augusto:

Ó doce Coração da Immaculada
Maria, sempre Virgem, sempre pura.
Fonte da luz e amor, paz e ventura,
Iris d'esta existencia attribulada!

Minha alma n'este mundo está cercada
De tantos vendavaes, tánta negrura
Que póde sossobrar, se a não segura
Teu braço valedor, ó Mãe amada...

Bem vês que em meio d'estas incertezas
Meu pobre coração em ti confia,
Em ti, consoladora de tristezas.

Ampara-me, conforta-me, ó Maria;
Resgata-me das culpas e torpezas;
Sê minha salvação no extremo dia.

Seja outro o eminente escriptor Camillo Castello Branco:

AO IMMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Senhora! o vosso altar já foi sacrario
De riquezas do ceu, que o ceu vos dava
    Em prol de Portugal.
Em cada portuguez tinheis um filho,
De todos ereis Mãe, refugio a todos,
    Nas angustias do mal.

Em vosso coração immaculado
As lagrimas da dor tinham asylo,
    Oh! Rainha dos Ceus!
As lagrimas com vosso patrocinio,
Erguiam-se da terra, qual perfume
    Ao throno do meu Deus!

Em trances d'afflicção, nos grandes riscos,
No afôgo das pelejas duvidosas
    Vosso nome se ouvia:
As armas orgulhosas, destemidas,
Afrouxavam nas mãos dos inimigos,
    Ao nome de Maria!

Lá nas iras do mar, quando o sepulchro
Ao convulso baixel a tempestade
    Nos recifes abria;
Azulavam-se os ceus, fugia a nuvem,
Voava a viração, vinha a bonança
    Ao nome de Maria!

Quando em leito de pallida doença
Febril enfermo, abandonado e triste,
Sem esp'ranças jazia!
De novo o coração lhe palpitava,
Erguia-se robusto, as mãos erguendo
Ao nome de MARIA!

Donzella, que a chorar passára noites
De saudades por quem tamanho affecto
Lhe não agradecia;
Lá vinha a ser feliz com quem amára,
Pois déra o seu futuro em segurança
Ao nome de MARIA!

E a carinhosa mãe, que o filho amado
De seus amigos braços para a guerra
Chorando, despedia;
Joelhava-se depois, ante o oratorio,
E a vida de seu filho confiava
Ao nome de MARIA!

E seu filho, mais tarde, em vivas ancias,
Á porta do seu lar, com mão tremente,
Receoso, batia...
Nos braços maternaes contava, ufano,
Triumphos, que tivera sobre a morte
Ao nome de MARIA!

O nome de Maria hoje invocamos,
Nós, filhos d'esses homens d'outras eras,
Que morreram na fé.
SENHORA! protegei nossos trabalhos!
Sem protecção do ceu o esforço humano
Baldado esforço é!

No coração dos vossos portuguezes
Despertai o temor, tão vivo um dia,
No porvir immortal.
Do vosso resplendor a luz das crenças,
Descei sobre este solo, escuro e pobre,
Salvareis Portugal! [1]

Entre os poetas religiosos, que têm cantado «o mez de Maria», mencionaremos em primeiro logar o padre Campo

[1] Camillo Castello Branco é o escriptor mais fecundo e mais «nacional» entre todos os que floresceram em Portugal no seculo XIX. Pela fecundidade e pela observação psychologica iguala-se a Balzac. Prosador, que se tornou inexcedivel, cultivava por desenfado a poesia, fazendo, porém, convergir a maior força creadora do seu espirito para o romance moderno, em que ficou primaz e unico.
Nasceu em Lisboa a 16 de março de 1825 e morreu em S. Miguel de Seide, concelho de Villa Nova de Famalicão, a 1 de junho de 1890.
A poesia que publicâmos é transcripta do livro *Duas épocas da vida*.

Santo, que, não sendo portuguez pelo nascimento, dedicou a Portugal os mais ardentes desvelos do seu apostolado:

O MEZ DE MARIA

Vadam in agrum et colligam spicas quæ fugerint manus metentium.

(Ruth., II. 2).

Da quaresma ao terror sancto
Muito peito se fechou.
Em missão de amor e encanto,
Diz Maria, a elles vou.

E vem; de flores faz laços,
De cantos faz chamariz,
P'ra que lhe caia nos braços
O peccador infeliz.

Não fique da ceifa espiga
No restolho a apodrecer:
De ceo vem Ruth á respiga.
Almas, deixae-vos colhêr!

Jardins de Maio, dae flores,
Harpas de fé, dae canções;
E vós á Mãe dos amores
Dae amor, ó corações.

Citemos agora, e ainda, outro sacerdote, o padre João Seraphim Gomes, que é decerto um dos mais apreciaveis cantores do

MEZ DE MARIA

Que dias de benção!
Que mez de alegria!
Repetem mil vozes
Com doce harmonia
Louvores e preces
Á Virgem MARIA.

Por Ella a campina
Verdeja feliz
E o prado se esmalta
Com floreo matiz!
Por Ella as estrellas
Sorriem gentis.

Por Ella os arroios
São mais cristallinos,
Mais puras as brizas,
Mais doces os trinos,
A terra mais bella,
Os ceus mais divinos.

Em ara pomposa
No templo real,
Em rustico nicho
Na serra e no val
Dá flores á Virgem
Fiel Portugal.

Oh! vamos, que as horas
Bem rapidas voam,
Á linda capella,
Que os anjos povoam;
Alli com os nossos
Seus hymnos resôam.

Quem luzes alcança;
Quem graça, quem paz;
Talvez n'este instante
Um raio efficaz
As trevas dissipa
Do incredulo audaz...

Depois voltaremos
Ás lidas, ao lar,
Trazendo nos labios
Mais ledo cantar
E n'alma outras flores
Em mystico altar.

Que dias de benção!
Que mez de alegria!
Repetem mil vozes
Com doce harmonia
Louvores e preces
Á Virgem MARIA.

A Virgem raiando
Celestes primores
Nos olha, nos ouve
Do solio de flores
E bençãos diffunde,
Diffunde esplendores.

E lá das alturas
Respondem, á vez,
Os echos ao canto,
Á prece as mercês.
Oh! vinde, que é bello,
Que é santo este mez.

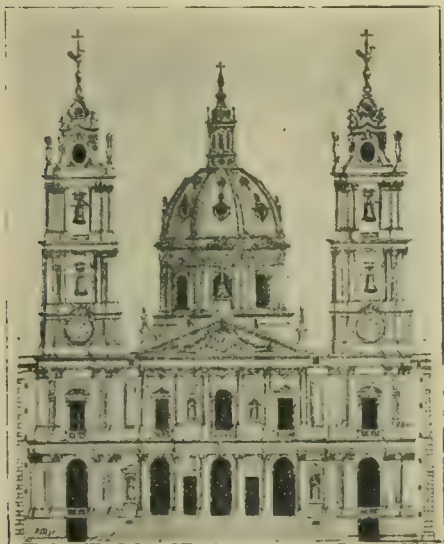
Antes de concluirmos a noticia relativa ao «mez de Maria em Portugal» diremos ainda, com relação á archiconfraria do Sagrado Coração de Maria, no Porto, que esta importante aggremiação, que hoje conta cêrca de 100:000 associados, e da qual tem partido todo o movimento religioso do Porto e porventura do norte do paiz na segunda metade do seculo, celebrou no ultimo domingo de dezembro de 1896 a festa das «bôdas de ouro» da sua implantação n'aquella cidade.

O terceiro director da archiconfraria foi o padre Antonio Joaquim d'Azevedo Couto; o actual é, como já tivemos occasião de dizer, o rev. conego Illidio Costa.

Na mesma egreja de S. Bento da Victoria funcciona uma congregação de jovens chamada «Congregação de Maria SS. Immaculada e S. Luiz Gonzaga», a qual foi inaugurada em 1876 n'aquelle templo, mas não funccionou ali até janeiro do corrente anno (1900), em que foi obrigada a sahir d'uma capella em que esteve installada desde 1877. Tem exercicios espirituaes todos os domingos de tarde e faz diversas festividades.

Tambem funcciona em S. Bento da Victoria outra congregação de adultos, principalmente operarios, intitulada «Congregação da SS. Virgem e de Sua Sagrada Familia». Foi pelo rev. conego Illidio Costa fundada em novembro de 1898.

Em Braga, a confraria do SS. Coração de Maria, para a conversão dos peccadores, foi erecta na egreja do convento dos Remedios em 1849. No mesmo anno teve approvação canonica. Foi aggregada á archiconfraria de Nossa Senhora das Victorias, de Pariz, em 22 de janeiro de 1850.

É um centro de verdadeira piedade. Em todos os sabbados do anno, excepto em sabbado d'alleluia, se reza no altar da SS. Virgem uma missa pela conversão dos peccadores, allivio dos enfermos e bemfeitores da confraria. Celebra-se missa aos domingos pelos associados vivos; e cada 2.ª feira pelos fallecidos.

Monumental basilica de Mafra dedicada a Nossa Senhora e Santo Antonio

Realisa com grande fervor o mez de Maria, que termina com pomposa festividade.

Termo medio, 2:000 communhões durante o mez.

Tem obtido da Santissima Virgem importantes graças: a conversão de bom numero de peccadores, alguns em circumstancias verdadeiramente extraordinarias.

Provam-n'o o grande numero de ex-votos e as preciosissimas joias offertadas á Imagem.

Foi instituidor o padre Martinho.

Dos primeiros associados só vive o padre José Alvares de Vasconcellos Rodrigues.

Conta alguns milhares de aggregados.

Não possue capitaes. O culto divino é sustentado por esmolas, bem como pelo zelo de varios sacerdotes, que n'isto seguem o exemplo das antigas religiosas do convento dos Remedios.

Actualmente substituem-n'as as Franciscanas Missionarias de Maria, que continuam os bons officios das freiras extinctas.

Em o 4.º domingo d'outubro celebra-se a festa propria da confraria, com notavel esplendor.

No sul do paiz, como ao norte, tem-se generalisado muito a devoção ao Immaculado Coração de Maria.

São numerosas as confrarias d'esta invocação estabele-

cidas em Lisboa e outras cidades e villas, incluindo até obscuras e pequenas povoações.

O illustre e já citado prégador Francisco Raphael da Silveira Malhão[1], com o auxilio de alguns amigos, erigiu no logar de Olho-Marinho, termo da villa de Obidos, uma egreja dedicada ao Santissimo Coração de Maria.

Para o frontispicio d'esta egreja compoz a seguinte inscripção:

Ao coração de Maria
Sempre puro e Immaculado
Pelo povo e seus amigos
Foi este templo consagrado.

Malhão applicou a esta piedosa obra o producto da primeira collecção dos seus sermões.

Quanto á devoção do «mez de Maria», é das mais generalisadas e ardentes em todo o paiz.

Pode dizer-se que se celebra em quasi todos os templos, mosteiros ainda existentes, recolhimentos e até nas casas particulares, porque é rara a familia que, durante o mez de maio, não arma em seu lar um altarsinho, com a imagem de Nossa Senhora, do Sagrado Coração de Maria ou de outra invocação, e Lhe não accende luzes e Lhe não renova as flores todas as manhãs e Lhe não dirige orações e canticos desde o ultimo dia de abril até ao ultimo dia de maio.

Dos templos de Lisboa mencionaremos em nota aquelles que nos lembram, onde no corrente anno se realisou, com grande assistencia de fieis, a devoção do «mez de Maria»[2].

Do convento dos Remedios, em Braga, expandiu-se esta devoção para a egreja parochial de S. Victor e capella de Nossa Senhora a Branca; seguidamente, estendeu-se ás parochiaes de S. Lazaro e S. Thiago, egrejas do Populo, Carmo, Terceiros de S. Francisco e S. Vicente, capellas de S. Miguel-o-Anjo, Santo Antonio, Orphãos de S. Caetano,

[1] Falleceu a 10 de novembro de 1860.

[2] Salvador, ás 5 e meia da tarde, cantando as meninas pobres e Irmãs Terceiras Dominicanas e havendo pratica aos domingos e dias santos. Capella das Mercês, na rua Formosa, ás 5 horas da tarde, havendo pratica aos sabbados. Commendadeiras da Encarnação, ás 7 da tarde, por musica e com praticas. Francezinhas, ás 7 da tarde. Ordem Terceira de S. Francisco (a Jesus), ás 7 da tarde. Navegantes, ás 6 e meia da tarde, cantando as alumnas da Escola Castilho. Milagres, á Estrella, ás 7 da tarde, havendo pratica aos domingos e dias santos. Capella Patriarchal, ás 8 e meia da manhã. Santa Martha e Ordem Terceira da Cidade, depois da missa das 7 horas. Bom Successo, Santa Brigida e em outras.

Conservatorio das Orphãs do Menino Deus da Tamanca, Seminario Conciliar, Paço Archiepiscopal, e ás dos extinctos conventos do Salvador, Conceição, Penha (hoje Asylo de D. Pedro V) e Recolhimento das Convertidas.

Em Coimbra tem-se celebrado a mesma devoção nas egrejas da Misericordia, Santa Clara, Ursulinas, Seminario, Santa Thereza e capella do cemiterio.

N'outras terras de menor vulto, como por exemplo Alcochete, na margem esquerda do Tejo, a devoção do «mez de Maria» chega a attingir as proporções de um verdadeiro acontecimento local [1].

Do Funchal, onde esta devoção é antiga, como sabemos, tambem diziam no *Diario de Noticias*, d'aquella cidade, em 15 de abril d'este anno:

«No ultimo domingo do actual mez, será conduzida processionalmente para a egreja de S. Roque, uma linda imagem de Nossa Senhora que se acha depositada na egreja do extincto convento de Santa Clara, onde será benzida.

«Esta imagem foi mandada vir do estrangeiro, a expensas dos parochianos de S. Roque, para a devoção do mez de Maria, que vae ser celebrada n'aquella egreja com grande empenho.

«Consta-nos que a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Rosa Gonçalves foi quem mais largamente concorreu para a acquisição da referida imagem».

O *Correio Nacional*, de Lisboa, costuma durante o mez de maio de cada anno inserir todos os dias uma poesia de algum escriptor portuguez em honra de Nossa Senhora.

---

[1] Em 30 de abril do corrente anno (1900) diziam de Alcochete para um jornal de Lisboa:

«Começa o mez das flôres, e por isso n'esta terra a piedosa devoção do *Mez de Maria*, depois do regresso da Imagem de Nossa Senhora dos Mattos, que fôra benta e indulgenciada pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarchal e que se achava em Lisboa em reparação.

«Ás 7 horas da tarde d'hontem sahiu da egreja matriz processionalmente, com a Irmandade do Santissimo e a futura Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Mattos, a Imagem do Beato Manuel Rodrigues, filho d'esta terra, em substituição da Imagem do orago da freguezia, que tambem se acha em reparo: chegada á egreja da Misericordia, onde estava depositada a Veneravel Imagem de Nossa Senhora da Conceição dos Mattos, foi encorporada a Irmandade da Misericordia, e percorreram as ruas da villa, cujo effeito era deslumbrante, attenta a numerosa quantidade de Irmãos das 3 Irmandades, levando á frente a cruz alçada e o pendão, acompanhadas pela philarmonica 15 de Janeiro, sob a regencia do distincto musico-municipal sr. Henrique, etc.

«Quando a procissão recolheu á egreja matriz, subiu ao pulpito o nosso caritativo e prestimoso patricio dr. Cruz, que n'um bello discurso excitou o piedoso povo á devoção da Virgem da Conceição».

Intitula *Mez de Maria* esta secção, que constitue um primoroso florilegio.

É no mez de maio que as *Filhas de Maria*[1] costumam fazer uma devota peregrinação á egreja de Nossa Senhora da Rocha em Carnaxide.

Thomaz Ribeiro escreve a este respeito:

«A dois de maio costumam as senhoras de Lisboa pertencentes, a maior parte, á associação de — *Filhas de Maria* fazer á *Rocha* uma peregrinação. A dois de maio tem sido, o que não quer dizer que haja dia prefixo para a romaria.

«Nada mais attrahente, mais inspirador de solemne devoção.

«As *Filhas de Maria* são senhoras principaes de Lisboa que assim continuaram as tradições do culto á Senhora da Rocha.

«Esta devoção começou em 1894. Vinha á sua frente uma filha gentilissima dos Senhores Marquezes de Sabugoza, — a sr.ª D. Anna Mafalda José de Mello.

«Em 1896 veiu acompanhar o prestito o Nuncio de Sua Sanctidade, — Monsegnor Domenico Jacobini, Arcebispo de Tyro, elevado, pouco depois, ao cardinalato».

Estas palavras servem de esclarecimento ao seguinte trecho[2] do poema *O Mensageiro de Fez:*

Que multidões attráes, formoso descampado,
ao floreo seio teu, ás aguas do Jamor
infeite diamantino ao prado inteiro em flôr,
espelho á lua, ao sol, ao ceo, ao bando alado

que se mira cantando e amando! — Ó doce Maio!
sorriso do Senhor mandado á humana grey
n'um lampejo de sol, nuncio da eterna lei
que nasce d'um sorriso e acaba n'um desmaio!

Divino, eterno amor!
Por cada amena estrada
augmenta o borburinho! os crentes vem a flux
de Quejas, Ribamar, Caxias e Queluz,
Linda a Velha, Bemfica, Algés e Cruz-quebrada.

De Carnaxide a igreja em festivais se expande
e em repiques de gala aos peregrinos diz:
— Crêr por instincto em Deus, é ser feliz! feliz!!
Ouvir-lhe a voz e vel-o, é ser bemdito e grande. —

[1] Luiz XI fundou em França, 1471, a congregação das *Filhas de Maria*, que foi supprimida em 1790.

[2] Foi publicado em separado com o titulo *A Rocha, poema-prologo do poema inédito O Mensageiro de Fez.* Lisboa, 1898.

Que rancho de gentis, lindissimas romeiras,
— quanto Lisboa tem de nobre e principal, —
que de Linda-a-Pastora a encosta esmalta e ao val'
desce entre ribas d'ouro e sebes d'espargueiras.

Quem faz, com que destino a excelsa romaria?
que traz? a quem procura a egregia multidão?
— Trazem humilde prece e immensa devoção
á *Senhora da Rocha* as *Filhas de Maria*. —

Cyrios nas mãos de neve;
fitas no seio: — o emblema
da sua fé, e o tema
do seu amor, na voz.

Ouçam, sorrindo, os anjos;
chorando, os peccadores;
o sol, prostrado, e as flores;
e, de joelhos, — nós!

— «Ó Virgem Maria,
ó mystica flor,
celeste alegria,
dulcissimo amor!» —

Féz se um silencio ingente e magestoso!
as aves, o Jamor, a ramaria,
a vida inteira, as vozes mil do dia,
tudo ficou suspenso e silencioso
para ouvir-se cantar:
— «Ave, Maria!» —

Oh! que celestes canticos
em boccas tão mimosas!
dir se-hiam vozes mysticas
erguidas brandamente dos rozaes
n'um coro de jasmins, cravos e rozas
insaiando uns harpejos matinaes.

— «Manda a nossos lares
as bençãos de Deus,
Rainha dos mares,
da terra e dos ceos!» —

E os eccos embebidos n'esse canto
iam levar ao longe os sons suaves;
iam encher o val' do mago encanto;
iam contal-o ás aves.

— «Amor sempre immerso
no amor de Jesus;
Mãi, junto de berço;
Filha, junto á cruz.» —

Estrada abaixo o prestito descia
solemne e lentamente;
o povo, em recrescente romaria,
aguardava em silencio e reverente,
e recolhido e attento olhava e ouvia:

—«Em risos encobres
ó Mãi, os teus dons,
riqueza dos pobres,
thesouro dos bons!»—

E alava-se a harmonia derradeira
pulverizada em notas crystalinas,
qual de scintillações lucida esteira!...
— a via lactea das canções divinas! —

—«Se chora a indigencia,
teu manto lhe dás;
sorris? ha clemencia;
pões as mãos, e ha paz.»—

Do templo quando ao portico
chegou formoso bando
parou, cantando:

—«Submissas, contrictas
romeiras do bem,
no templo que habitas
recebe-nos, Mãi!»—

Entrae no templo, entrae ó peregrinas
devotas formosuras! vossa Mãi
já vos ouviu cantar, e á espera está.
Reparae como tem
nos labios o sorrir, no olhar o brilho
que teve quando, um dia, com seu filho
foi conviva nas bodas de Caná.

Vem, venerando Nuncio, o logar nobre
em templo sumptoso, humilde ou pobre,
pertence, apoz de Deus, ao seu Vigario,
e ao seu representante, — a ti, — Senhor.
Entra no venerando sanctuario,
entra ungido de Deus, cuja tonsura
se não mostra a nenhuma creatura,
nenhuma! — *Soli Deo* — se descobre.
Pede por nós e ora em seu louvor.

Arcebispo de Tyro, em breve a egregia purpura
de insignias cardinaes te dá novo esplendor;
seja-te a honra insigne a novas honras portico,
mas não olvides o ermo e a gruta do Jamor!

Entrae apoz o Nuncio, entrae, Senhoras
cujos nomes estão no livro d'ouro
d'essa velha nobreza
que fez e guarda a gloria portugueza,
nosso unico balsão, brazão, thesouro.

Mas... Quem fecha o cortejo! — Oh! pobres cegas!
quem vos traz? Sabeis vós que esbelto archanjo
é esse que vos guia e vos conduz
sob as candidas azas protectoras,
feitas do azul ethereo e da aurea luz
que scintilla na vossa escuridade?...

Coração portuguez que jámais negas
que para ti fez Deus a charidade!

Quem é?... Quem era?... Oh! não temais, Senhora!
que nem o pejo ao vosso rosto assome:
....
(Sei! devia mostral-a, é certo!... Embora!
ella chorava se eu dissesse o nome).

* *

Depois, dentro da igreja e ajoelhadas,
ouviu-se a voz d'um orgão. Docemente
se foi erguendo, erguendo a voz plangente
das — *Filhas de Maria*, — etherea grey
que tremula cantava
os hymnos festivais do seu amor:

—«Dos ceos onde brilhas
ó Mãi, se nos vês,
bem vês, tuas filhas
são sempre a teus pés.»—

* *

Um padre revestido ao altar-mór
disse: — «Introibo ad altare Dei.» —
A missa começava
na igreja que inundava immensa gloria,
missa em honra da Mãi do Salvador.

Ouviram esta missa e o pio — *hossana:* — um hymno,
cada um de seu altar, submisso e reverente,
o — Angelico Doutor — o S. Thomaz de Aquino:
Francisco Xavier, — o apostolo do oriente.

«*Ite! Missa est.*»
As candidas romeiras
fôram-se espairecer, jardins além,
dar voz e vida ás pávidas carreiras.
Vamos, coração meu, vamos tambem.

N'este anno (1900) a peregrinação effectuou-se no dia 9 de maio.

O *Seculo*, do dia seguinte, descrevia-a nos seguintes termos:

«Realisou-se hontem a peregrinação annual da congregação das Filhas de Maria á capella de Nossa Senhora da Rocha, no pittoresco sitio de Carnaxide.

«Pelas 9 horas e um quarto da manhã, partiram os devotos da rua de Luiz de Camões, a Santo Amaro, em 3 carros da cooperativa «A Luzitana», em direcção á egreja de Linda-a-Pastora, onde chegaram pelas 10 horas e meia, organisando-se, em seguida, o cortejo que se dirigiu para Carnaxide, pela seguinte ordem; á frente, o sachristão da freguezia de Carnaxide com a cruz; Mr. Ajuti, nuncio de Sua Santidade; prior d'aquella freguezia, reverendo José de Sant'Anna David Caldeira, coadjuctor e os reverendos Trio e Domingos Fructuoso, fechando o cortejo todas as senhoras que pertencem á congregação das Filhas de Maria, e que tomaram parte na peregrinação.

«O cortejo era esperado á porta da egreja de Carnaxide pelos membros da irmandade, srs. conselheiro Thomaz Ribeiro, provedor, dr. Tito Vespaziano de Castello Branco, conselheiro Lazaro dos Santos, Francisco José Victorino, Manuel Pereira de Azevedo, José Tedeschi, Machado Pinto, D. Diogo de Noronha e barão de Sabroso.

«Em seguida, começou a missa e exposição do Santissimo e «tantum ergo», terminando com a benção do Santissimo.

«Todos os devotos foram depois em visita á gruta da Senhora.

«Tomaram parte na peregrinação as sr.as D. Genoveva Mello Breyner, D. Anna Faria, baroneza de Sabroso, D. Margarida Parente, D. Sarah Parente, D. Thereza de Mello Breyner de Portugal, D. Maria Amelia do Nascimento Nunes, D. Josepha Julia Duarte e Silva, D. Paula Parente, D. Sophia Tedeschi, D. Elvira de Azevedo, D. Josephina O'Donnell Ham, D. Izabel O'Donnell Ham, D. Magdalena da Cunha Menezes, D. Bertha Lambert, D. Adelaide da Silveira, D. Adelaide da Cunha Sotto Maior, D. Maria de Portugal, D. Maria Thomasia de Mello Breyner, D. Olga Maria Marcial Jardim, D. Maria Corina Marcial Jardim, D. Sarah Augusta Marcial Jardim, etc.».

É tambem no mez de maio que se realisa a festa annual das Filhas de Maria.

Os jornaes, que são em nosso tempo a historia escripta dia a dia, fonte de copiosas informações que falta em relação ao passado, habilitam os nossos successores a conhecer minuciosamente o estado actual do culto de Nossa Senhora em terras portuguezas.

Por isso os citamos e transcrevemos: não, certamente, para informar os contemporaneos, que de tal informação não carecem, mas para esclarecer os vindouros e facilitar-lhes o modo de, sem buscas enfadonhas, ligarem o seu tempo ao nosso tempo.

É ao jornal *O Dia*, de 30 de maio d'este anno, que eu, seguindo aquelle proposito, vou buscar a seguinte noticia:

A FESTA DAS FILHAS DE MARIA

«Realisou-se hoje, no collegio das Dorothéas, a festa annual da Pia União das Filhas de Maria.

«Houve missa e communhão geral, organisando-se pouco depois uma procissão, em que a imagem da Virgem, ao som de mimosos canticos, entoados em côro pelas Filhas de Maria, era conduzida por algumas d'ellas em um andor enfeitado com esmerado gosto.

«A alvura dos véos e dos vestidos das congregadas dava ao acto religioso um ar de innocencia e de candura, que lhe era perfeitamente proprio.

«A procissão foi até á extremidade da cêrca do collegio, onde está erecto um modesto monumento ao Coração de Jesus, e d'alli recolheu á capella, d'onde sahira, depois de haver percorrido uma bella rua orlada de arvores, e traçada por entre canteiros de flores, que exhalavam perfume suavissimo.

«Assistiram numerosas senhoras a esta festividade encantadora».

A archiconfraria das Filhas de Maria, sob a protecção da Santissima Virgem Immaculada e de Santa Ignez Virgem e Martyr, tem a sua originaria séde na basilica dos conegos regrantes lateranenses, suburbios de Roma.

Pio IX, pelo breve apostolico de 16 de fevereiro de 1866 [1], concedeu-lhe indulgencias e privilegios perpetuos,

[1] Publicado em Roma pela respectiva chancellaria em 14 de julho do mesmo anno, com a assignatura do cardeal prefeito, Antonio Maria, e do conego Filippe Cassa.

extensivos ás outras *Pias-Uniões* de igual titulo, erectas ou por erigir, comtanto que devidamente aggregadas á *União* primaria.

A aggregação portugueza foi auctorisada por um rescripto do mesmo Santo Padre em 10 de julho de 1869.

Obrigações a cumprir:

I No dia 29 de cada mez offerecer ao Sagrado Coração de Maria todas e quaesquer obras boas que praticar, em beneficio, e para alcançar de Deus o proveito espiritual e salvação das suas companheiras nos mesmos erros.

II Todos os dias rezar trez Ave-Marias, ao erguer, e trez ao recolher, pela conversão dos peccadores.

III Confessar-se e commungar ao menos uma vez por mez.

IV Assistir ás reuniões dos coros das Filhas do Sagrado Coração de Maria, nos templos para esse fim designados [1].

V No caso de fallecer alguma das companheiras, applicar uma communhão em suffragio de sua alma.

VI Concorrer com uma esmola conforme as suas posses.

VII A associada que resolver desligar-se da *União*, remetterá a respectiva patente ao director central das Filhas do Sagrado Coração de Maria para elle preencher a vaga nos coros.

Tambem em algumas terras do paiz, como por exemplo Vizeu, ha associações de Filhos de Maria.

Assim, pois, temos visto como brotou a idea tão gentil como piedosa de consagrar o mez das flores á Virgem Purissima, a «rosa candida nascida nos vergeis de Jericó, o branco lirio entre espinhos [2]»: como essa devoção, tão cheia de gracilidade e poesia, foi adoptada em Portugal, creando fundas raizes e generalisando-se de provincia em provincia, de cidade em cidade, de aldea em aldea; como se creáram e robusteceram as associações religiosas destinadas a afervorar, em ambos os sexos, a devoção a Maria Santissima e a dar maior brilho e grandesa ao seu culto em Portugal; como uma só d'essas associações, a archiconfraria do SS. e Immaculado Coração de Maria, no Porto, attinge actualmente a cifra de cem mil associados — a totalidade de um numeroso exercito de soldados da fé.

Deante, principalmente, da devoção do «mez de Maria»

[1] Em S. Pedro d'Alcantara os córos realisam-se ás 8 horas da manhã.
[2] Artigo — *A mulher mais forte* — de D. Maria Candida Collaço Falcão.

comprehenderá todo o catholico aquelles sublimes versos de Charles Lamb, protestante, compostos na presença de um quadro de Ticianno, e cuja essencia se pode condensar n'estas poucas palavras:

«Senhora perfeitissima! pondo-se bem os olhos n'esse rosto immaculado, tem a gente pena de não ser catholico para te adorar![1]»

Em qualquer dos nossos templos, n'uma tarde de maio, deante de um altar refulgente de lumes, engrinaldado de flores, sentindo o olôr inebriante do incenso, cujas nuvens onduladas envolvem a imagem da Virgem, que, sorridente e compassiva, despede abundantes graças de Suas mãos abertas e inclina a cabeça humildemente; ouvindo a melodia simples e suavissima do *hymno* ou da *ladainha*, que infiltra na alma pensamentos bons e accorda no espirito vagos sonhos de uma felicidade eterna e consolativa, qualquer protestante, profundamente commovido, dirá em sua consciencia, se o não disser bem alto, com resoluta voz: «Tem a gente pena de não ser catholico para Te adorar!»

[1] Versos transcriptos por João de Deus na 2.ª edição da obra que traduziu do francez e foi composta por monsenhor Darboy arcebispo de Pariz — *Vida da Virgem Maria*. A 1.ª edição, de luxo, sahiu da casa Rolland; a 2.ª, popular, sahiu da Livraria Catholica, Lisboa, 1875.

XII

Novas devoções

ÃO muitos os montes de Portugal consagrados á Virgem Santissima, que ou d'elles toma o nome, como acontece no Sameiro, proximo a Braga, em Montalto de Arganil e em Montalto de Pena Cova, ou que os torna conhecidos pela invocação da ermida, capella ou egreja n'elles edificada.

Se ha em verdade sitio apropriado para se erigir um altar á Mãe de Deus, é a culminancia de um monte, porque Ella Mesma é, como disse Ruperto, *Mons Montium*, montanha de puresa, de santidade e de misericordia, o monte dos montes, a virgem das virgens, *Virgo virginum*, a santa de todos os santos. *Sancta sanctorum*.

O auctor do *Santuario Mariano*, commentando Ruperto, observa por sua vez: «Cada hum dos Santos he hum Monte na virtude; porem Maria a todos sobre-sahe, de sorte, que ella se levanta até o Ceo, e os Santos como pequeninos outeyros apenas poderão apparecer nos valles, em sua comparação [1]».

[1] *Sant. Mar.*, tom. IV, pag. 629.

A propria elevação dos montes parece despertar, na mente de quem os contempla, pensamentos altos, aproximando mais o Creador e a creatura, diminuindo a distancia entre o ceu e a terra. No topo das serras lê-se melhor, porque se lê de mais perto, o livro immenso, o livro do infinito, como lhe chamou Soares de Passos; esse divino poema dos ceus, que pregôa e canta a gloria de Deus Omnipotente.

Ahi é pois logar apropriado para se adorar a Virgem Santissima, que, pela Annunciação, foi escolhida para ligar o ceu á terra, humanisando Deus e divinisando o homem.

Se os rudes pastores da Chaldea, sentados no pincaro das serras para melhor poderem vigiar os seus gados, foram os primeiros astronomos, porque, observando o firmamento e a orbita dos astros, chamaram para os phenomenos celestes a attenção dos outros homens, tambem no alto das montanhas os crentes, postos em adoração deante da lapa ou da ermida, abrigo da Imagem da Virgem, teriam mais nitida comprehensão dos mysterios sagrados e da absoluta divindade de Maria Santissima, porque de mais longe avistavam a terra e de mais perto contemplavam o ceu.

Na vida perturbadora das cidades, nos passeios, nos botequins ou nas salas, entre paredes ou no meio das ruas, o pensamento torna-se inquieto e frivolo, não se occupa senão do que vê, e não vê senão o que é ephemero e terreno; mas nas grandes solidões alpestres, o espirito do homem recolhe-se, concentra-se, as linhas gigantescas da natureza, a vastidão dos mares, o brilho dos astros, a estatura formidolosa das montanhas, em contraste com o mimo fragil das flores, com a perfeição organica dos pequenos insectos e com a humildade pittoresca dos regatos e fontes modestas, impõem-se á sua attenção, evocam a idea de Deus: e recordar Deus é o mesmo que evocar a mais perfeita das creaturas, que Elle designou para gloria da humanidade.

Por isso não ha decerto mais apropriado logar, do que o alto dos montes, para render culto e prestar devotas homenagens á Mãe de Deus.

Assim o têm comprehendido todos os paizes catholicos, havendo alguns levantado estatuas colossaes da Virgem Santissima sobre o topo de montanhas, que a vista alcança de longe: assim o comprehendeu a França, que na cidade de Puy, departamento do Loire, sobre a rocha Cornelia que fica no alto do monte Anis, erigiu uma estatua de Nossa Senhora, fabricada com o bronze das peças tomadas em

Sebastopol no anno de 1855; assim o comprehendeu Portugal, que no alto do Sameiro [1], proximo a Braga e a mais de 580 metros de altitude, levantou a estatua da Virgem, que do monte, Seu pedestal, tomou o nome.

N'uma tarde do mez de setembro de 1861, dois ecclesiasticos bracharenses, o padre Martinho Antonio Pereira da Silva, de quem já tivemos occasião de fallar, e o padre Manuel Antunes dos Reis, estando no «Bom Jesus do Monte», foram em passeio ao Sameiro, o que já mais algumas vezes haviam feito.

Pelo caminho, o padre Martinho da Silva, muito devoto de Nossa Senhora, recordou as brilhantes solemnidades com que Braga, primeiro que nenhuma outra cidade do reino, commemorou a definição do dogma da Immaculada Conceição.

Animou-se a conversação dos dois sobre este assumpto, e o caminho foi parecendo curto e suave. Chegaram, desenfadados, ao alto do Sameiro e d'ahi presencearam o bello espectaculo do pôr do sol n'uma extensão de terras a perder de vista, matizadas e pittorescas como só o nosso Minho as possue.

Então, o padre Martinho, lembrando-se da estatua de Nossa Senhora levantada em Roma na *Piazza di Hespagna*, para commemorar a definição do dogma, e da estatua erigida em Puy, na França, esboçou o seguinte alvitre:

— Se nós pudessemos levantar n'este logar um monumento em memoria do fausto acontecimento da definição dogmatica da Immaculada Conceição, seria uma empreza que muito concorreria para a gloria de Deus e o culto da Virgem, e que ao mesmo tempo testemunharia ás gerações futuras a devoção dos portuguezes pela Santissima Padroeira do reino.

O padre Manuel Antunes respondeu logo: que pela sua parte approvava este pensamento grandioso e o coadjuvaria quanto suas forças o permittissem.

---

[1] O Sameiro é continuação do monte Espinho (em que se acha situado o santuario do Bom Jesus do Monte), para o sul. D'ali se avistam as cidades de Braga e Guimarães, parte da cidade do Porto (torres da Lapa e outros pontos, incluindo alguns na margem esquerda do rio Douro); o alto de Santa Luzia em Vianna do Castello; as villas de Barcellos, Villa do Conde, Santo Thyrso; os santuarios de Nossa Senhora de Porto d'Ave, do Pilar de Lanhoso, da Abbadia de Bouro, do Allivio, do Bom Despacho, do Bom Jesus de Barrozas, e de Santa Quiteria de Pombeiro; as serras do Marão, da Cabreira, do Gerez, do Outeiro Maior, d'Arga e outras; e grande extensão de mar desde a altura de Vianna até á barra do Porto.

Desde esse momento ficaram mentalmente lançadas as bases da piedosa empreza.

Faltava pôl-a em execução.

Não esmoreceu no intento o padre Martinho, que nos primeiros preparativos gastou o tempo decorrido desde setembro de 1861 a 11 de maio de 1862.

N'este dia o padre Martinho convocou uma reunião de amigos seus, pessoas influentes em Braga, e d'ali sahiu organisada uma commissão assim composta:

PRESIDENTE

O Barão da Gramosa *Joaquim José da Costa Rebello.*

VOGAES

O Conego *José Narciso da Costa Rebello.*
O Commendador *Antonio Feio de Magalhães Coutinho.*
Fernando Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos.
Antonio Gaspar de Magalhães Carneiro.
Bento Miguel Leite Pereira,
O Abbade *João Manuel da Cunha.*
O Conselheiro *Francisco Xavier de Sousa Torres e Almeida.*
O Commendador *José Joaquim Gomes de Araujo Alvares.*
O Padre *José Luciano Gomes da Costa.*
O Padre *Manuel Antunes dos Reis.*
O Padre *João Antonio Velloso.*
O Padre *João Dias Correia.*
Antonio Joaquim de Oliveira Brandão.
O Commendador *Miguel José Raio.*
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.
Luiz José de Mattos.
José da Rocha Veiga.
João Luiz Pipa.
José Fernandes Dias.
José Joaquim d'Almeida.
Francisco José Fernandes d'Azevedo.
Antonio José Vieira Machado.

THESOUREIRO

O Padre *José Joaquim Vieira Velloso*

SECRETARIOS

O Padre *José Silverio da Silva.*
O Padre *Martinho Antonio Pereira da Silva*

Submettidos os designios da commissão ao arcebispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, foram por elle approvados e auctorisados por despacho de 20 de maio d'aquelle anno (1862).

Começou então a laboriosa tarefa de recolher donativos para a construcção do monumento, por meio de subscripções e de uma contribuição especial, sob o titulo de *Coroa de Doze Estrellas,* proveniente da organisação de grupos de doze pessoas, cada uma das quaes subscrevia com 40 réis por mez, sendo uma d'ellas encarregada da cobrança no seu grupo.

Ao passo que se iam solicitando e recolhendo donativos, pensava-se na escolha do local em que no Sameiro devia erigir-se o monumento. Foi escolhido um que pertencia a certo lavrador da freguezia de Espinho e sua mulher, os quaes o escambaram por outro pertencente a D. Flaviana Claudina Rebello da Silva, filha do correio-mór de Braga, José Antonio Rebello da Silva, outorgando esta senhora á commissão respectiva o terreno assim adquirido.

No dia 14 de julho de 1863 foi collocada solemnemente a primeira pedra do monumento.

Em igual dia do anno de 1637 tinha sido jurada na cidade de Braga a Immaculada Conceição de Maria, nove annos antes que as côrtes do reino a jurassem em Lisboa.

Tendo, n'aquelle anno de 1637, o arcebispo D. Sebastião de Mattos e Noronha [1] reunido synodo na sé primacial, ahi se tomou por juramento a seguinte resolução: «Promettemos e juramos todos os que n'este synodo estamos congregados, em nossos nomes e de nossos successores, de sempre termos e guardarmos e defendermos que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem macula de peccado original, na forma das Constituições e Breves Apostolicos passados sobre esta materia».

Na noite de 13 de junho de 1863 appareceu illuminado brilhantemente o alto do Sameiro, onde troáram salvas de morteiros para dar aviso aos povos circumvisinhos.

No dia seguinte, das 8 para as 9 horas da manhã, procedeu-se á cerimonia na presença do deão da sé primaz, delegado pelo arcebispo; da commissão e de muito povo, que ali concorreu devotamente.

O tempo, que tinha estado chuvoso, clareou n'esse dia, raiando uma linda e suave manhã de estio, propicia ao brilho da solemnidade.

O deão, que era D. Luiz do Pilar Pereira de Castro, de-

[1] Foi primeiramente bispo de Elvas, e depois arcebispo de Braga, em cuja cidade deu entrada no dia 9 de novembro de 1636.

pois de paramentado, leu uma allocução [1], de que transcrevemos os seguintes periodos allusivos á escolha do local para o monumento:

«Oh! como n'este elevado e alteroso cimo, que parece dominar toda a natureza, e abarcar os mais arredados longes, é bem collocada a Imagem da Primogenita das creaturas, d'aquella mimosa Filha do Altissimo, que desde o primeiro instante de seu ser, foi destinada para reger e proteger, com seu sceptro de doçura, bondade e clemencia, todos os mortaes, que se agitam por entre as ondas, do mundo, por esse dilatado valle de lagrimas! Como aqui a natureza recebe com tanta propriedade um monumento, destinado a perpetuar a memoria d'aquella perfeita creatura, que é — ella propria — a obra mais monumental da Graça! Como aqui é bem collocado aquelle sobrenatural edificio de perfeição, que a Egreja, em seus devotos epithetos de louvor, nos representa, como uma torre de marfim, como uma casa d'ouro, como uma porta do ceo, como estrella da manhã, como Rainha de todos os santos! É, por certo, aqui onde estará bem collocado o throno da Rainha do ceo, e da terra! É d'este logar, que um monumento, mais perenne, que o bronze, bradará por assim dizer, ao ceo e á terra, que a Bemaventurada Virgem Maria, por uma graça singular de Deus Omnipotente, e em vista dos merecimentos de Jesus Christo, Salvador do genero humano, foi preservada e inteiramente isempta, desde o primeiro instante de sua Conceição, de toda a mancha do peccado original».

Pronunciada a allocução, o clero cantou as antiphonas e psalmos respectivos, a pedra foi benzida e assente, e a banda regimental de infanteria 8 fez ouvir os sons festivos de uma saudação religiosa, composta para esse acto.

Concluidas as cerimonias inauguraes no Sameiro, foi no real santuario do Bom Jesus do Monte cantada missa solemne e em seguida a Ladainha de Nossa Senhora.

Entre os annos de 1863 e 1864, nas férias do Natal, que passei em Braga, como alli costumava passar todas as férias escolares em casa de pessoa da minha familia [2], fui n'uma frigidissima mas clara manhã de inverno, com o meu

[1] Foi impressa em Braga (Typographia Luzitana, rua Nova, n.º 3, 1863) e o producto do opusculo, deduzidas as despezas, applicado á construcção do monumento.

[2] D. Victoria Januaria Guedes Rebello, mãe do engenheiro Frederico Augusto Pimentel, auctor de alguns conceituados livros relativos á sua especialidade, taes como o *Manual do apontador*, e outros.

condiscipulo Arnaldo Pimenta [1], que do Porto me tinha acompanhado, visitar, a pé, o Bom Jesus do Monte e, como se a caminhada ainda fosse pequena, investimos depois com o alto do Sameiro.

Lembro-me nitidamente de que o frio era asperrimo, cortante. Pelo caminho iamos despedaçando, alegremente, grandes talhões de gelo, que alastravam o chão. Nos escadorios do santuario do Bom Jesus a neve scintillava em fulgidas cambiantes illuminada pelo sol.

Com uma intrepidez verdadeiramente alpina, que a nossa adolescencia auctorisava, seguimos d'ali para o Sameiro, sendo o caminho irregular e bravio. As urzes e os mattos, que iamos rompendo, estavam toucados de sincelos reluzentes, que pareciam pedras preciosas.

Chegados ao topo do monte, um pastorsito pouco mais velho do que nós, o qual guardava um bando de cabras, foi-nos mostrar o sitio onde havia sido collocada a primeira pedra, que era angular, e apenas tinha gravadas uma cruz e uma data.

Ali ajoelhamos; o pegureiro imitou-nos. Circumvagando o olhar pela vastidão do horizonte, que é formosissimo, comprehendemos todo o sentimento religioso e poetico que tinha escolhido aquelle logar para levantar ali, entre o ceu e a terra, uma estatua da Virgem, Mãe de Deus e valedora dos homens.

O sol havia desfeito, a essa hora, todas as nevoas da manhã. O ceu estava limpido, bem azul e oiro. O pastor mostrou-nos as torres da Lapa, do Porto, que se avistavam distinctamente. Era a nossa terra: saudamol-as de longe. Mal pensava eu então que, perto d'aquellas duas torres, haviam de dormir o somno eterno meu pai e minha mãe, no cemiterio da Lapa.

Descemos do monte alegres e intrepidos como tinhamos subido. A adolescencia fortalecia-nos n'uma felicidade hilariante e despreoccupada, que não conhece ainda desgostos nem trabalhos. Ó juventude! primavera da vida, tu és tão florida e cantante como a primavera, juventude do anno.

A commissão do monumento encarregou um canteiro portuense, Emygdio Carlos Amatucci, de cinzelar a estatua da Virgem em marmore branco liós, de uma pedra só [2].

[1] Era filho de Antonio Fernandes Alvares, escrivão de direito no Porto, e de D. Maria Marcolina Alvares Pimenta. Falleceu tuberculoso, poucos annos depois.

[2] A estatua, que media 14 palmos, foi justa por 1:300$000 réis.

Vi-a muita vez, na officina do estatuario, á rua de Santa Catharina, no Porto.

Amatucci era um velho, muito nutrido e pachorrento, mas dotado de grande habilidade profissional. Tinha filhos e filhas, todos robustos e sadios, excepto um, o mais novo, que era doente.

Vi-o, bastas vezes, a cinzelar a estatua, com a sua blusa de trabalho, cachimbo na bocca, muito fleugmatico, interrompendo-se a cada passo para conversar com as pessoas que entravam na officina, e não eram poucas, porque Amatucci dispunha de bastante popularidade na freguezia de Santo Ildefonso, onde residia e tinha a loja.

Houve difficuldades em obter nos arredores de Lisboa o monolitho, attentas as suas dimensões. Só em 1868 se ultimou esta negociação, sendo então cortada a pedra e conduzida ao Arsenal de Marinha, onde foi levantada pelo guincho para bordo da embarcação, que a levou ao Porto.

Na sexta feira, 6 de agosto de 1869, chegou a Braga a estatua de Nossa Senhora da Conceição, destinada ao monte Sameiro. Foi transportada sobre uma zorra, tirada por muitas juntas de bois. Os povos de Villa Nova de Famalicão saudaram-n'a, á passagem, com repiques de sinos e illuminações. Em Braga, logo que as torres de Maximinos annunciaram a chegada, correu multidão enorme a esperar a estatua nas ruas da Cruz da Pedra, Alegria e Nova de Souza.

Eram seis horas e meia da tarde quando a estatua deu entrada no átrio do paço archiepiscopal, onde ficou em deposito.

Seis dias ali esteve, sendo muito visitada.

Na madrugada de 12 de agosto sahiu do paço para o seu destino, sendo acompanhada por muito povo, que formava uma extensa procisssão, empunhando velas.

Chegou sem grande difficuldade ao monte Sameiro e á hora das Ave-Marias, na tarde d'esse mesmo dia, á hora solemne da Annunciação, subiu ao seu pedestal.

Ficou voltada para a cidade, em attitude de abençoal-a.

No domingo, 29 d'aquelle mez, dia consagrado ao Immaculado Coração de Maria, foi solemnemente benzida pelo arcebispo primaz, que era, como já dissemos, D. José Joaquim d'Azevedo e Moura.

Foi um dia de grande jubilo não só na cidade de Braga, mas em todo o districto, cujos povos, engalanados de festa, acorreram ao Sameiro.

A benção archiepiscopal foi annunciada por girandolas de foguetes e salvas de morteiros, a que todos os sinos da cidade responderam com prolongados e alegres repiques.

Cantou-se em seguida o hymno de Pio IX e o da *Immaculada Conceição*, vulgarmente chamado *do Sameiro*, expressamente composto pelo padre Martinho da Silva para esta solemnidade[1]:

I

Do gran' Pio o infallivel oraculo
Definiu ser doutrina do ceo,
Que do Verbo ao feliz Tabernaculo
Não manchou do peccado o labeo.

CORO

Gloria á Virgem, que purissima
Esmagou a cabeça ao dragão:
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

II

Todo o mundo exultou d'alegria,
Quando a voz do Pastor escutou,
Definindo que Deus a Maria
Da desgraça commum preservou.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

III

Entre as claras de Lysia cidades
Lusa Roma, da Hispanha a Primaz,
Repetir ás vindouras edades
O triumpho da Virgem se apraz.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

IV

Do Sameiro nas bellas alturas
Magestoso, elevado padrão
Annuncía ás edades futuras
De Maria a feliz Conceição.

---

[1] A musica d'este hymno, nunca impressa, foi composta por Joaquim José Rodrigues da Silva, natural de Braga, residente na villa dos Arcos de Val-de-Vez; e executada pela phylarmonica de Joaquim José de Paiva.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

V

Salve monte mil vezes famoso
Entre os montes do bom Portugal!
Em teu cimo já brilha vistoso
Da ventura e da paz o signal.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

VI

Celeste Iris d'alegre bonança!
Ó Maria! — o tributo d'amor
Do teu povo recebe, e lhe alcança
As delicias da paz do Senhor.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

VII

Da montanha hoje a Ti consagrada
Abençôa este povo fiel:
Livra-o sempre, ó clemente advogada,
Do infernal inimigo cruel.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

VIII

Abençôa o Universo catholico,
Abençôa o Pontifice-Rei,
Que proclama do solio apostolico
Sans verdades da Fé e da lei.

CORO

Gloria á Virgem, etc.

Benzida a estatua, o arcebispo primaz ajoelhou nos degraus do pedestal e assim se conservou emquanto foi entoada a *Ladainha*.

Com a retirada do arcebispo, começou todo o povo a descer para o santuario do Bom Jesus do Monte, onde foi

recebida a noticia de que Pio IX havia concedido a benção apostolica á cidade de Braga e reino de Portugal [1].

No santuario do Bom Jesus celebrou-se missa cantada, a que assistiu o prelado; de tarde houve sermão pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos, natural de Braga, e lente da faculdade de theologia na universidade de Coimbra, seguindo-se-lhe um solemne *Te-Deum*.

Á noite realisaram-se pomposas illuminações no Sameiro, santuario do Bom Jesus, em toda a cidade e aldeias circumvisinhas.

O monumento compunha-se de um quadrilatero, de mais de 27 metros de diametro, cujas faces abriam logar para oito escadas, que conduziam a quatro pateos angulares e ahi se dividiam subindo para outros quatro pateos.

D'estes, por quatro escadas mais espaçosas, podia entrar-se n'um terraço de 16^{m},30, cercado de balaustrada, no meio do qual, sobre alguns degraus, se elevava a estatua da Virgem.

Nas faces do pedestal foram gravadas as seguintes inscripções, de que damos, em italico, a traducção respectiva.

— Na frente, lado do poente:

DIE
VIII DECEMBRIS
MDCCCLIV
IMMACULATÆ CONCEPTIONIS
DEFINITUR

Tota pulcra es .. et macula non est in te.
Cant. IV.

No dia 8 de Dezembro de 1854 o dogma da Immaculada Conceição é definido (por Pio IX).
Toda sois formosa... e em vós não ha macula.

— No lado do sul:

DIE
XIV JUNI
MDCXXXVII
AB ECCLESIA BRACARENSI
JUREJURANDO ASSERITUR

Protegam urbem hanc.
IV—, REG. XIX.

[1] Tambem por breve apostolico de 18 de fevereiro de 1870 Pio IX concedeu indulgencias a todos os fieis que visitassem em romaria o monte Sameiro.

No dia 14 de Junho de 1637 é (a doutrina da Immaculada Conceição) *affirmada com juramento pela Egreja de Braga.*
Protegerei esta cidade.

— No lado do nascente:

DIE
XXV MARTII
MDCXLVI
IN GENERALIBUS REGNI
COMITIIS JURATUR

Gens et regnum quod non servierit tibi, peribit.
ISAI. LX.

No dia 25 de Março de 1646 é jurada pelos trez Estados do Reino.
A nação e o reino que não se empregar no vosso serviço, perecerá.

— No lado do norte:

DIE
XXIX AUGUSTI
MDCCCLXIX
MONUMENTUM HOC
SOLEMNITER CONSECRATUR

In medio populi sui exaltabitur.
ECCLE. XXIV.

No dia 29 d'Agosto de 1869 este Monumento é consagrado solemnemente.
Será exaltada no meio do seu povo.

O poeta bracharense Almeida Braga, a que já tivemos occasião de referir-nos, compoz, no proprio dia da benção da estatua, uma poesia allusiva a esse facto, e que é seguramente não só o mais bello canto da sua lyra, que nunca tinha subido a tamanha altura, mas tambem um dos mais notaveis que conhecemos em toda a poesia religiosa do nosso e outros paizes.

I

Eil-a, em fim, sobre o alto monte!
Cingem-lhe as nuvens a fronte,
Descobre-a largo horizonte,
De longe o viandante a vê:
E logo que a vista a alcança,
«Iris d'eterna bonança»,
Cresce mais firme a esperança,
Surge mais vivida a fé!

Eil-a! augusto monumento,
Lábaro soltado ao vento,
Eil-a! dos tibios alento;
Eil-a! solemne pregão:
Do excelso dogma memoria,
De todo este povo gloria,
Dos nossos preitos historia,
Das nossas crenças brazão!

Alli, n'aquellas alturas,
Lerão as eras futuras
Protesto contra as impuras
Falsas doutrinas do mal;
E de longinquas paragens
Virá o povo em romagens
Alli prestar-lhe homenagens
Em torno ao seu pedestal.

Nem a natura se esquece
D'unir seu preito a esta prece:
O campo offerta lhe a messe,
O monte o roseo matiz,
O roble inclina-lhe a coma,
A flôr envia lhe o aroma,
E a sol d'alem, quando assoma,
«Tu és mais bella» — lhe diz.

Vasta amplidão por morada,
Por tecto a esphera azulada,
N'essa montanha elevada
Está mais perto dos ceos;
Sobre os que alli a buscarem,
E o seu auxilio implorarem,
Fará mais breve baixarem
As sanctas bençãos de Deus.

Em torno d'aquella estancia
Fará nascer a abundancia;
Ao que trabalha com ancia
Dará o alento e o vigor:
Ha de ser tudo verdores;
O campo terá mais flores,
Nos cantos seus mais-primores
Da umbrosa selva o cantor.

Onde a tristeza se via,
Só ha de vêr-se a alegria;
Será mais formoso o dia,
Que a vem a todos mostrar;
Serão sem p'rigo as procellas,
Serão as noites mais bellas,
Terão mais brilho as estrellas
Vindo-lhe a fronte c'roar.

Eil-a, em fim! tam alto erguida,
Não ha de ser esquecida,
Quando Ella os filhos convida
Ás mil riquezas que tem;
Quando promette seguro
A nós o reino futuro,
E por penhor o mais puro
Nos dá a benção de Mãe...

II

É grande, é bello, em marmore ou granito
Levantando padrões, deixar escripto
Ás eras do porvir
Um livro aberto, um livro verdadeiro,
Dizendo: «A viva fé d'um povo inteiro
Fez-me aqui erigir»:

«D'aqui eu fallo ás gerações vindouras
Em phrases para sempre immorredouras,
Que devem recordar
O mais bello dos dias d'esta edade,
Que desejava ha muito a christandade,
E nunca viu raiar»...

Corria ha vinte seculos no mundo
Uma crença immortal, sentir profundo
Do espirito christão:
Duzentos milhões d'almas a affagavam,
E rendendo-lhe culto a acalentavam
No imo coração.

Faltava só que a voz que não conhece
O erro, o eterno sello lhe pozesse
Do espirito de Deus;
E nas almas com fé a confirmasse
Por seculos sem termo, onde brilhasse
A luz que vem dos ceos.

Raiou, em fim, o dia desejado,
Que a Providencia tinha reservado
Ás nossas gerações,
Por dar conforto e allivio á amargurada
Esposa sua — a Egreja — hoje cercada
De tantas provações!

Toda em jubilo, Roma se vestia
De pompa e gala, a multidão enchia
O templo do Senhor:
Era um concurso immenso e recolhido,
Que espera ancioso por que seja ouvido
De Pedro o successor.

De Pedro, alfim, na séde da verdade
Pio Nono se ergueu, falla á Cidade,
Ao mundo proclamou;
No mundo inteiro a voz lhe foi ouvida:
«*Maria sem peccado concebida!*»
Foi Pedro que fallou.

A crença é dogma, tem o sello eterno...
Folgou o ceo e a terra, e ouviu-se o averno
Em seus antros ranger:
Era a serpe infernal que se enroscava,
Sentindo que a cabeça lhe esmagava
A Invencivel Mulher...

Tres vezes salve, venturoso dia!
As gerações te cantam d'alegria
Um hymno festival;
E, recordando a fé que teve outr'ora,
Jubiloso saúda a tua aurora
O nosso Portugal...

III

Rainha excelsa, Immaculada Virgem,
Nossa esperança firme e poderosa,
Sobre todas as mães Mãe extremosa,
Fonte perenne d'entranhado amor!
D'ahi, d'esse alto, onde te ergueu sentido
Preito, que a nossa crença te offerece,
Do povo portuguez escuta a prece,
E os rogos leva ao throno do Senhor:

Volve os olhos a Roma, onde acclamar-te
Sem leve mancha as gerações ouviram;
Vê que as traições em volta d'ella giram,
Qual gira o lobo em torno do redil:
Do Venerando Ancião, que te cingíra
D'aureo diadema a fronte, alenta os passos;
Das insidias crueis desfaz os laços,
Manda que as feras entrem no covil.

E não te esqueça a terra dos Affonsos,
O reino do qual és a padroeira,
Que deposíta confiança inteira,
No auxilio teu, que nunca lhe faltou;
E por ter mais segura a liberdade,
Que á força d'heroismos conquistára
Quando os ferreos grilhões despedaçára,
Sob a égide tua a collocou.

Oh! não consintas que a feroz doutrina,
Que tenta derrubar os teus altares,
Do povo portuguez invada os lares,
E espalhe as trevas onde brilha a luz:

Recorda-te, Senhora, que este povo,
Do «tormentoso mar» rompendo o dique,
«Guiado do clarão do sol d'Ourique»,
Levou ao longe de teu Filho a Cruz.

Acaba as dissenções que nos dividem;
Que nunca mais as luctas fratricidas
Venham as forças, a fazenda, as vidas
Dos filhos d'este solo arrebatar:
Faze um povo d'irmãos do luso povo
Por Deus e pela patria, em verdadeira
Alliança unidos n'uma só bandeira,
Rendendo cultos junto ao mesmo altar.

Mantém illesa a independencia nossa,
Nos corações inflamma o patriotismo,
E nas almas infunde aquelle heroismo,
Que o mundo admira quando a historia lê:
Se um dia por desgraça a terra lusa
Invadirem as armas do estrangeiro,
Que todo o portuguez seja um guerreiro,
Guardando intacta a lealdade e a fé.

E, emfim, como vigia da atalaia
Os passos do inimigo a sentinella,
Assim d'esse alto, tu, Senhora, vela
Sobre os destinos d'este povo teu:
E como espalha o seu fulgor nos valles
A bella aurora, que d'alem ascende,
Sobre a Augusta Cidade o manto estende,
E a mãos cheias derrama os bens do ceo.

Em junho de 1871, por occasião das *bodas de prata* de Pio IX com a thiara, realisou-se uma grande peregrinação ao Sameiro, composta de 50 a 60:000 pessoas, que no alto do monte ouviram missa e attentamente escutaram a palavra vibrante do padre Rademaker.

Infatigavel em sua fé religiosa e devoção á Virgem Santissima, o padre Martinho da Silva, desejoso de commemorar a definição da infallibilidade pontificia, intentou a construcção de uma capella junto á estatua do Sameiro.

Começou a lidar afanosamente n'essa obra piedosa: obteve terreno, promoveu donativos e conseguiu que no dia 31 de agosto de 1873, festividade annual da Virgem do Sameiro, fosse lançada solemnemente a primeira pedra do novo monumento.

A Imagem para a capella fôra encommendada em Roma, a um artista de fama, tendo-lhe sido recommendado que a

esculpturasse segundo o modêlo e na mesma posição que a do monumento.

A morte subita do padre Martinho, occorrida em Villa do Conde, no mez de abril de 1875, trouxe alguns embaraços á realisação d'esta nova empresa, a que elle tão corajosamente havia mettido hombros.

As obras estiveram paradas: sobrevieram duvidas sobre o terreno e dimensões do templo que se projectava construir.

Mas em outubro de 1876 veio de Roma noticia de que a Imagem estava concluida, e logo uma dama bracharense, D. Ermelinda Augusta Gonzaga Monteiro, se promptificou a pagar ao estatuario, alem de já ter concorrido com largos subsidios para a construcção da capella.

A 22 de dezembro d'esse anno Pio IX benzera e indulgenciara a Imagem, que no fim de julho de 1878 chegava ao Porto conduzida pelo vapor *Constantino*.

No dia 7 de agosto entrava a Imagem em Braga, onde a aguardava enorme multidão. Os sinos repicavam. A banda de infanteria 8 fazia ouvir um trecho de musica apropriado ao acto. E uma guarda de honra, composta de mais de cem praças, tirava barretinas e punha os joelhos em terra. E todo o povo ali reunido, na estação do caminho de ferro, entoava o *Angelus* em côro.

Conduzida a Imagem sobre um carro para a egreja do Pópulo, a multidão acompanhava-a cantando:

Ave, ave!
Virgem pura.
Ave! Mãe
De ternura.

És bem vinda,
Mãe d'amor,
Obra prima
Do Senhor.

És a nossa
Alegria.
Nossa esp'rança,
O' Maria.

Teus louvores
A' porfia
Cantaremos
N'este dia.

Era já noite quando a Imagem entrou no Pópulo e a essa hora toda a cidade refulgia illuminada com muitos lumes festivos.

No dia seguinte realisou-se n'aquelle templo a festa de recepção, que foi pomposa.

Ali se conservou a Imagem até 1880, prestando-se-lhe todas as honras do culto e celebrando-se o «Mez de Maria» n'esse anno e no anterior.

Finalmente, concluida a capella no Sameiro, foi para ella conduzida a Imagem, em triumpho, no dia 29 de agosto de 1880.

Na vespera fôra benzida a capella, e percorrêra varias ruas da cidade uma procissão com o andor da Senhora, sendo brilhante o cortejo composto de muitas irmandades, anjos e virgens.

Ao romper da manhã do dia 29 trasbordava de espectadores o Campo da Vinha, onde se acha situada a egreja do Populo.

O povo da cidade mostrava-se pesaroso pela ausencia da Senhora, sentimento que o padre Manuel Maria Fructuoso traduziu fielmente n'estes versos:

Senhora! Vais, e nos deixas
tam sós, por ti a chorar!
De nós acaso tens queixas:
— não te soubemos amar?!

Não te soubemos dar preitos,
cumprir os mandados teus,
ser sempre escravos sujeitos
quaes os que mandais nos ceus?!

Por isso, ó Virgem, te ausentas!
e eis a fugir-nos o albor,
quando redobram tormentas,
e alonga os braços a dôr!

Pungente luto nos veste!
tam longo pranto nos cai!
pois breve, ó Mentor celeste,
vais a fugir nos... Pois vai...

Mas lá, da santa montanha
volve teus olhos aqui...
mova-te a magoa tamanha
em que ficamos, sem ti.

Eram quasi cinco horas da manhã quando o prestito se poz em marcha para o Sameiro. O povo, que o formava, ia entoando o *Hymno do Sameiro*, do padre Martinho, e o *Canto popular* para este fim composto pelo erudito professor Pereira Caldas:

Festivoso dia excelso
Nos Annaes de Braga luz:
Santa Imagem, benta em Roma,
Ao Sameiro se conduz.

CORO

Mãe de Deus, Senhora nossa,
Esplendor da Conceição;
Quer na vida, quer na morte,
Dai-nos Vossa protecção.

Exultemos fervorosos,
Levantando as mãos aos ceus;
Na capella do Sameiro
Vae fulgir a Mãe de Deus.

CORO

Mãe de Deus, etc.

Longo tempo aqui em Braga
Preces d'alma nos ouviu:
Foi no Pópulo invocada,
Quanto tempo alli fulgiu.

CORO

Mãe de Deus, etc.

No Sameiro as nossas preces
Hade a Virgem sempre ter:
Quem Maria exora em preces
Vive e morre em seu dever.

CORO

Mãe de Deus, etc [1].

---

[1] A musica d'este «Canto Popular», de que algumas «quadras» exornaram os «arcos de verdura» no caminho da peregrinação, foi composta pelo hoje fallecido *amador* Antonio Fernandes Gomes de Campos.
Nunca foi impressa.

Eram oito horas da manhã quando a Imagem entrava na capella do Sameiro.

Emquanto se fecharam as portas a fim de proceder-se á sua collocação no altar, houve missa ao ar livre, inaugurando-se em seguida um bazar de prendas.

(A actual estatua do Sameiro)

Abertas as portas da capella, começou a missa solemne, prégando o sermão o padre Carlos Gouvea, que eloquentemente desenvolveu o seguinte thema: *Beatam me dicent omnes generationes.*

A solemnidade religiosa terminou com a *Ladainha* cantada deante da Imagem da Senhora pelos sacerdotes e todo o povo.

Affirmou a cidade de Braga por estes actos religiosos, alem de outros em mais affastadas éras praticados, a sua profunda e inexcedivel devoção á Virgem Santissima.

Comprehende-se, pois, quanto ficaria maguada ao saber que na noite de 9 de janeiro de 1883 a estatua do Sameiro fôra completamente damnificada por uma faisca electrica, precedida de um enorme trovão, que encheu de medo toda a cidade.

Mas parece que este acontecimento lastimoso puzera novamente em prova a fé inexgotavel dos bracharenses, pois que a 9 de maio de

1886 era benzida e inaugurada uma nova estatua da Virgem[1].

E crescendo a fé com a memoria das contrariedades occasionaes, facilmente vencidas, já a capella do Sameiro pareceu aos bracharenses templo mesquinho e humilde: a 31 de agosto de 1890 foi lançada a benção á primeira pedra de um novo templo, mais vasto, e sumptuoso, o qual se acha ainda em construcção[2].

Todos estes factos demonstram a grande devoção que pela Virgem do Sameiro arde vívida no coração dos bracharenses e povos limitrophes, sendo esta devoção certamente a mais notavel (e por isso lhe damos o primeiro logar) que nos tempos modernos tem engrandecido o culto de Nossa Senhora em terras de Portugal.

Não é moderna, comquanto seja d'este seculo, a devoção á Senhora da Conceição da Rocha, de Carnaxide. Data de 1822. Mas foi em nossos dias que se levantou o templo tão desejado e por tantos annos esperado pelos povos d'aquelle lindo arrabalde de Lisboa.

A 28 de maio de 1822, certos rapazinhos do sitio, que por ali brincavam na ribeira do Jamor, perseguiram um coelho, que lhes fugiu entrando n'uma lura.

Conseguiram a muito custo abrir passagem a uma cadella, que voltou sem ter encontrado o coelho.

No empenho de caçal-o, trataram de excavar a entrada da lura e por ahi penetraram de rastos.

Uma vez lá dentro, descobriram uma gruta, onde puderam conservar-se de pé, e onde, com surpresa sua, encontraram alguns ossos humanos.

Vieram contar e mostrar seu achado. As familias ficaram surprehendidas, porque de todo o ponto ignoravam a existencia d'aquella gruta.

---

[1] Os lavradores dos arrabaldes de Braga, e até de mais longe, offerecêram pedra, cal, telha, madeira, etc., para cimentar o pedestal da estatua e para construir as officinas onde se trabalhava na reconstrucção do monumento.

Conduziam todos estes materiaes nos seus proprios carros, que constituiam longos comboios, a que em Braga se dava o nome de — *carreadas*.

No domingo 2 de setembro de 1883 assisti a uma d'essas — *carreadas*. Os lavradores chegaram na vespera á noite, e enfileiraram os carros no Campo de D. Luiz I. Improvisou-se assim um arraial em que estiveram tocando varias philarmonicas. A's 3 horas da madrugada foram os lavradores ouvir missa, e depois partiram processionalmente para o Sameiro, alvoroçando-se toda a cidade para os vêr passar.

[2] Para a continuação das obras offereceu o abastado capitalista Alberto Fernandes de Azevedo, em abril de 1900, o importante subsidio de 3.000$000 reis.

Quizeram verificar por seus proprios olhos e foram vêr. Acharam, em verdade, a entrada de uma lapa, encoberta pelas franças dos salgueiros. Mandaram os rapazinhos em nova exploração, e elles trouxeram mais ossos. Cresceu a curiosidade dos circumstantes, e combinaram que no dia 31, munidos de fachos, penetrariam na gruta.

N. S da Conceição da Rocha, de Carnaxide

Assim fizeram. N'esse dia, Manuel Placido, natural de Carnaxide, entrando affoito, achou, sobre umas pedras, a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, feita de barro, com um manto de sêda apodrecido pelo tempo e a humidade; e perto da Imagem uma jarra de flores já desvidrada.

Logo deram á Imagem, em memoria do achado, a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

N'essa noite ou no dia seguinte, alguem roubou a Imagem. Abriu-se devassa, e nada se apurou. Mas a Senhora appareceu, inesperadamente, a 4 de junho, sobre uma oliveira, ali perto.

Por ordem da auctoridade, foi reposta na gruta; allumiada e guardada.

Começou logo a romagem de fieis, uns dos arredores, outros de longe. Levavam offertas e donativos, e desbastavam a oliveira em que a Senhora reapparecêra, guardando as lasquinhas da arvore como reliquias.

Veio, naturalmente, a idea de erigir um templo, e o receio de que a Imagem entretanto pudesse ser roubada outra vez. Carnaxide e Linda-a-Pastora disputavam-n'a para guardal-a emquanto não houvesse o templo. Carnaxide allegava ser a séde da freguezia: Linda-a-Pastora adduzia que a margem direita do Jamor, onde estava a gruta, pertencia ao seu termo.

Por portaria de 27 de julho, referendada por José da Silva Carvalho, então ministro da justiça e dos negocios ecclesiasticos, foi ordenado que a Imagem viesse em deposito para a sé patriarchal.

Indignaram-se com esta ordem os povos do Jamor, uns e outros, por se considerarem violentamente desapossados de

um thesouro. O governo julgou necessario tomar precauções: mandou uma grande força militar, sob o commando do general Sepulveda, buscar a Imagem.

Uma velha do sitio, de nome Maria Cintroa e de alcunha a *Galharda*, tanto se aggravou do feito, que desacatou o general, pondo-lhe as mãos na cara.

Thomaz Ribeiro, cujo nome se associou á historia do novo templo de Carnaxide, refere-se ao facto nos primeiros cantos do *Mensageiro de Fez:*

> A velha... um nada em frente d'um gigante,
> branca! a chorar de raiva e dor, cresceu, cresceu
> para elle (que então buscou o punho á espada)
> e poz-lhe as mãos na cara, olhando o frente a frente!
> ....
> Então, de povo e tropa ergueu-se um grão tumulto!
> A espada meio erguida, apoz tremer do insulto,
> fugindo ao general caiu de envergonhada.

Sepulveda pôde dominar a irritação dos soldados, e conseguiu que não maltratassem a velha *Galharda.*

Passava-se isto no dia 5 de agosto de 1822, em que a Imagem veio effectivamente para Lisboa, acompanhada processionalmente pelos conegos da sé, e rodeada de tropa.

Ali se conservou no altar de Nossa Senhora a Grande, sendo obsequiada com muitos donativos e venerada com grande fé por todas as classes sociaes.

(Copia de uma estampa que representa o sr. D. Miguel, ainda de muletas, visitando, acompanhado pelas infantas, o altar da Senhora da Rocha na Sé

O sr. D. Miguel I, depois de curado da fractura de uma perna, ali foi, com suas irmãs, as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção, no dia 29 de janeiro de 1829, render graças á Senhora da Conceição da Rocha por não terem sido maiores as consequencias do desastre que todos soffreram na estrada de Caxias.

Os povos do Jamor, para rehaver a Imagem, trataram da edificação do templo. Mas esgotaram-se os recursos, segundo diz Pinho Leal, ou a obra parou por ordem do governo, como affirma Thomaz Ribeiro.

Talvez esta ultima versão seja a verdadeira, porque os

povos de Carnaxide não afrouxaram na sua devoção á Senhora, ainda depois de ausente, e não lhe negariam recursos, ainda que representassem sacrificios. Puzeram um registo da Imagem na gruta, e continuavam a adoral-a assim. A gruta foi mandada tapar, o que vai de accôrdo com a versão de Thomaz Ribeiro. O povo reabriu a gruta. Então houve ordem para entaipal-a solidamente, de modo que o povo não pudesse romper o taipal.

Elrei D. Pedro V visitava amiudadas vezes o sitio da gruta.

«Vinha muita vez á Rocha o Senhor D. Pedro V — diz Thomaz Ribeiro — ver o sitio onde apparecêra a Imagem tanto da Devoção da Familia Real. Elle era um triste; procurava certamente aquelle sitio, que n'esse tempo era um cêrro inhospito, para esconder as suas maguas. Em baixo visitava a gruta e em cima o começo do templo onde eram recolhidas cabras e ovelhas. O bom rei pesaroso da irreverencia mandava tapar o recinto com grades ou cancellas de madeira, sempre que vinha fazer a sua visita, pois que o pastor inutilisava logo os regios cuidados. Os seus desejos de fazer que se restituisse a Imagem da Senhora, não os relatou só á tia Ignez.»

A tia Ignez Maria, casada com Antonio Algodres, vivia atormentada de saudades da Senhora, á qual não cessava de cantar coplas devotissimas.

Foi ella que despertou na alma de Thomaz Ribeiro o interesse com que elle se desvelou na restituição da Imagem e construcção do templo, como já havia sido ella que obtivera de elrei D. Pedro V a promessa de o fazer concluir, promessa que a morte prematura do monarcha não deixou realisar.

O templo havia sido desenhado por Domingos Antonio de Sequeira e, como fosse abandonada a construcção, algumas das pedras já apparelhadas vieram para o Arco da Rua Augusta, que então se tratava de concluir.

Elrei D. Luiz I, passando uma vez em Carnaxide, mostrou desejos de ir vêr o sitio da gruta.

Uma velha atalhou o designio do rei, dizendo-lhe:

— Não vades lá, senhor: olhos que a vêem têm vontade de chorar. Depois que sahiu de Portugal o senhor D. Miguel, perdemos toda a esperança de justiça. Sabemos que vossa magestade é bom; mas elle podia mais e queria-nos muito.

Deve-se principalmente á influencia de Thomaz Ribeiro a continuação e conclusão das obras do templo, graças ao

auxilio que obteve do governo pelas verbas do orçamento destinadas a monumentos historicos e estabelecimentos de caridade, como compensação da importancia das oblatas que a Senhora recebera durante a sua permanencia na Sé e deram entrada nos cofres do Estado; bem como se lhe deve a restituição da Imagem, auctorisada por decreto de 24 de agosto de 1883, sendo ministro da justiça o conselheiro Julio de Vilhena.

(Fachada da egreja de N. S.ª da Conceição da Rocha, em Carnaxide)

«Diz-se hoje, escreve-se e publica-se como accusação — diz Thomaz Ribeiro — que o governo mandara depois, a expensas do thesouro publico, continuar e concluir o templo da Rocha. Esta accusação é inteiramente falsa. O governo tinha recebido, por mais de uma vez, a titulo de emprestimo, o dinheiro da Senhora[1]. Com esse dinheiro se concluiu o templo. Foi pois uma restituição, e não integral. Pode vêr, quem duvidar, os documentos respectivos».

A egreja assenta sobre a gruta e está situada em terreno pittoresco, que Thomaz Ribeiro descreve:

Como este sitio é bom e esta paisagem bella,
como é bonita a ermida
tão nova e tão singella
em honra d'Ella erguida!
A casa de Maria — a nossa mãe divina!

Junto á ermida a fonte ampla, abundosa,
limpida, chrystalina;
em torno, o seu jardim, tela divina,
cheia de tanta sombra e tanta rosa!

Dir-se hia que ao nascer e ao pôr do sol,
n'esta amena solidão deliciosa
em cada brando arbusto e em cada flôr
descanta um rouxinol
canções á Virgem Mãe na sombra deleitosa.

[1] Na importancia de 7.293$424 réis.

Abraçando o jardim corre o Jamor,
o numeroso rio,
collar de per'las finas, e brilhantes,
côro ás aves, no brando murmurío.
De montante uma ponte ampla e formosa
seus braços descançando em dura penha,
a solidão contempla e ouve os segredos
das aves e do rio. Do outro lado...
vê-se e ouve-se...— O' Deus! sitio encantado!
a faiscante cascata d'uma azenha
entre uma densa moita de arvoredos.

Principiou em França uma devoção, que logo se derramou em Portugal e por todo o orbe catholico.

N'um sabbado, 19 de setembro de 1846, vespera da solemnidade das Dores de Maria Santissima, na montanha de La Salette, que faz parte da cordilheira dos Alpes, na diocese de Grenoble em França, andavam pastoreando duas creanças, Pedro Maximino, de 11 annos, e Francisca Melania, de 14.

Depois das duas horas da tarde, havendo tomado a sua refeição, adormeceram a distancia um do outro. Foi a menina que accordou primeiro, e que chamou o pastor para irem procurar as suas vaccas. Tranquillos por as haverem arrebanhado, foram surprehendidos por um extranho clarão que viram no ceu, e era mais brilhante do que o sol, sendo tambem de differente côr. No meio d'este esplendoroso nimbo avistaram Nossa Senhora, assentada, com a cabeça encostada nas mãos.

«Calçava sapatos brancos tendo em volta rosas de todas as côres, meias côr de ouro, tinha um avental igualmente côr de ouro, um vestido branco recamado de perolas por toda a parte, um manto tambem branco sobre os hombros, circulado de rosas; um toucado branco, um pouco inclinado para diante, e cercado de uma coroa de rosas. Tinha uma cadea delicada, da qual estava pendente uma cruz com a Imagem de Nosso Senhor; á direita estava uma torquez, e á esquerda um martello; das extremidades da cruz pendia outra cadea mais extensa á similhança da de rosas que circulava a capa. O seu rosto era alvo e comprido; porem não se podiam fitar n'elle os olhos senão aos poucos, por causa da luz extraordinaria que os offuscava [1]».

Ficaram amedrontados e attonitos os dois pastorinhos.

---

[1] *Flores a Maria*, pelo padre Martinho da Silva, pag 203.

Nossa Senhora chamou-os tranquillisando-os. E, chorando, lhes disse que era preciso que o povo se emendasse, que nem Ella poderia suster por mais tempo a justiça de Deus. Queixou-se da profanação do domingo, das blasphemias, da transgressão do preceito da abstinencia. Recommendou-lhes que dissessem ao povo que as enfermidades, que tinham cahido sobre as searas e os legumes, já eram avisos do ceu, e que maiores calamidades viriam, após aquellas. Revelou outros segredos a cada uma das creanças, e desappareceu no ceu, apagando-se logo os resplendores que A tinham cercado.

Nossa Senhora de La Salette

(Da associação constituida em Lisboa no convento das Albertas)

Foram interrogados, amedrontados os dois pastorsitos, e jamais se contradisseram, apesar de sua tenra idade. Fallavam com a maxima convicção, e diziam sempre o mesmo. As revelações de caracter reservado apenas as communicaram ao Papa, quando a isso foram auctorisados, e em carta escripta e sellada por cada um d'elles.

O bispo de Grenoble, depois de ter procedido a rigoroso inquerito e exame, declarou authentico o prodigio.

Concorreram desde logo á montanha de La Salette numerosos romeiros. Amiudaram-se as peregrinações. Foi ali erigido um bello tempo, com um recolhimento de missionarios e um convento de religiosas para hospedar as mulheres peregrinas.

O Summo Pontifice concedeu copiosas indulgencias áquelle santuario, e ás missões que ali se fazem.

Vinte annos depois, já havia em todo o orbe catholico mais de duzentos templos onde se rendia culto á Senhora de La Salette.

Em Portugal, esta devoção generalisou-se com fervor.

Na egreja do convento de Santo Alberto, em Lisboa (ás Janellas Verdes), acha-se instituida uma associação de Nossa Senhora de La Salette.

Em outros tempos da capital foram consagrados altares á mesma Senhora.

No Porto começou, em 1861, na egreja de S. Bento da Victoria este culto, a que foi destinada uma das capellas lateraes.

Devemos suppôr que muito contribuiria para a sua adopção n'aquelle templo a iniciativa de Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, secretario da archiconfraria do SS. e Immaculado Coração de Maria, o qual, em 1858, havia publicado em opusculo *A sancta montanha de la Salette: uma peregrinação em 1854 pelo ex.mo e rev.mo bispo de Berminghan, traduzida em linguagem, e accrescentada com um appendix.*

Em outras cidades e villas foi rapidamente implantada a devoção de la Salette.

No monte do Crasto, dois kilometros ao nascente de Oliveira de Azemeis, ha hoje uma capella consagrada á Virgem d'aquella invocação, santuario muito venerado de todos os povos circumvisinhos.

Tem esta capella uma historia, que nos interessa saber.

Em 1870 uma grande estiagem seccou as nascentes, queimou as searas, resequiu os fructos. O espectro da fome ameaçou de perto este bom e laborioso povo portuguez que, desde a origem da nossa nacionalidade, como tão largamente já vimos, timbra de crente e devoto.

Organisaram-se por toda a parte procissões de penitencia para supplicar a protecção de Deus Omnipotente e a intercessão de Maria Santissima.

Em Oliveira de Azemeis, o respectivo parocho, João José Correa dos Santos, organisou uma d'essas procissões, que, acompanhando a imagem de Jesus Christo, subiu até ao alto do Monte do Crasto. Foi um acto solemne e compungente, que inspirava profundissima contricção. Creanças descalças e semi-nuas, iam psalmeando em côro:

> Senhor Deus, misericordia!
> Dai-nos chuva, que nos molhe;
> Dai-nos pão, que nos console;
> Que nós somos pequeninos,
> Morremos todos á fome.

Foi esta procissão que suscitou ao parocho de Oliveira de Azemeis o pensamento de erigir no alto do Crasto uma capella dedicada a Nossa Senhora de La Salette, para ali ser invocada como protectora dos parochianos, de suas pessoas e terras.

Este alvitre foi logo acceito com enthusiasmo, sendo para a sua realisação offerecidos donativos importantes.

No dia 6 de janeiro de 1871 procedeu-se ao lançamento da primeira pedra da capella com grande solemnidade, assistindo o clero, as auctoridades, philarmonicas e muito povo.

A Imagem da Senhora fôra mandada fazer no Porto, na officina de Manoel Soares de Oliveira, segundo as indicações historicas da apparição de la Salette.

No dia 10 de setembro de 1875 foi a Imagem solemnemente benzida na egreja matriz de Oliveira de Azemeis, havendo exposição do Santissimo, *Te-Deum* e procissãő. Ahi ficou depositada e venerada, porque tinham sobrevindo embaraços para a conclusão da capella no monte do Crasto.

Aplanadas todas as difficuldades, organisou-se o mais brilhante prestito que se tem visto n'aquella região, para acompanhar a Imagem desde a matriz até ao Crasto.

Era o dia 19 de setembro de 1880.

O povo, radiante de alegria, mostrava-se ufano d'esse novo thezouro que era confiado á sua guarda, e as creanças cantavam em melodioso concerto:

Bemvinda sejas,
Ó Mãe de amor;
Do ethéreo assento
Mimosa Flor.

Em nossas dores
Unica esp'rança,
Teus meigos olhos
Sobre nós lança.

Salve, Maria,
Vem ao teu templo,
Do amor divino
Dar-nos o exemplo.

Teus olhos volve
Aos filhos teus:
Findo o desterro,
Leva-os aos Ceus.

Desde então têm sido feitas pomposissimas festividades em honra de Nossa Senhora de La Salette, no monte do Crasto, e no segundo domingo de agosto de cada anno.

São convidados os melhores prégadores do paiz, entre os quaes o reverendo conego da Sé do Porto, Alves Mendes.

No arraial têm tocado as mais afamadas bandas regimentaes: a especialisar, a da guarda municipal de Lisboa.

A concorrencia de romeiros, de perto e de longe, é torrentuosa, e cada vez maior de anno para anno.

Sobre o monte do Crasto arde uma chamma de fé pura e viva, que illumina e aquece os corações de todos os povos circumvisinhos.

Foi na pequena cidade de Lourdes, departamento dos Altos Pyreneos, banhada pelo rio Gave, que, no dia 11 de fevereiro de 1858, a filha de um humilde moleiro, Francisco Soubirous, mais velha que os seus trez irmãos, apesar de contar apenas quatorze annos, viu a apparição maravilhosa de Nossa Senhora na Gruta de Massabielle.

Chamava-se Bernardette a rapariguinha, que era debil e bondosa. A principio assustou-se muito com tão extranha visão, mas a Virgem Santissima tranquillisou-a com o olhar e o sorriso, deixando-a encantada e calma.

Henrique Lasserre, o devoto escriptor que tanto tem ajudado a firmar a crença no santuario de Lourdes [1], descreve assim a apparição conforme as minhas proprias palavras, que eu decalquei sobre o seu pensamento, pois que tive a honra de ser o segundo traductor portuguez do seu bello livro — *Notre Dame de Lourdes* [2]:

«Era de mediana estatura. Tinha a plena mocidade e a frescura dos vinte annos; mas, ao contrario do que acontece, não perdia essa juvenil frescura, que o tempo usa desmerecer; — a sua meiga delicadeza parecia eternisar-se ali. Por maior prodigio ainda, nas divinas linhas do seu rosto alliançavam-se harmonicamente as bellezas successivas e distinctas das quatro estações da vida humana. A innocente candura da creança, a intacta pureza da virgem, a doce sisudez da mais santa maternidade, uma sabedoria superior á que todos os seculos hão accumulado, se resumiam e fundiam, sem confundir-se, n'essa maravilhosa physionomia de donzella. O que se lhe poderá comparar n'este mundo decadente, onde os raios do bello chegam dispersos, fendidos e pal-

---

[1] O sr. Henri Lasserre, residente em Les Bretoux, au Coux, Dordogne, tem publicado sobre o assumpto as seguintes obras: *Notre Dame de Lourdes; Les épisodes miraculeux de Lourdes; Bernardette* (la sœur Marie Bernard); *Mois de Marie de Notre Dame de Lourdes.*

Das duas primeiras obras fizeram-se edições illustradas.

Devo-lhe a distincção de me ter enviado a ultima, em 1890.

[2] *Nossa Senhora de Lourdes,* Lisboa, livraria editora de Mattos Moreira & C.ª, 1876.

lidos, e sempre adulterados de material mistura? Toda a imagem e comparação amesquinhariam esse typo indizivel. Não ha, para esboçal-o e fazel-o comprehender, magestade possivel no universo, distincção mundana e simplicidade terrena. Não é com alampadas accesas por mão humana que se podem mostrar e aviventar os astros do ceu. A mesma regularidade e ideal pureza dos traços, onde tudo era harmonioso, vedam o descrevel-os. Cumpre porém dizer que a curva oval do rosto era d'uma graça infinita, que os olhos eram azues e d'uma suavidade que parecia encendrar o coração da pessoa sobre quem esse olhar descesse. Os labios respiravam uma bondade e mansidão divinas. A fronte parecia conter a sabedoria suprema, que o mesmo é a sciencia de todas as cousas, unida á virtude sem limites.

«Os vestidos, d'um estofo desconhecido, e tecidos sem duvida na mysteriosa officina onde se veste o lyrio dos valles, eram brancos como a neve immaculada das montanhas, e mais deslumbrantes em sua simplicidade que as opulentas vestes do Salomão glorioso. A stringe roçagante, castamente ondulando, deixava entrevêr os pés, que repousavam sobre a rocha e ligeiramente domavam um dos ramos da roseira. Sobre a nudez virginal de cada pé desabrochava, auriluzente, a rosa mystica. Um cinto azul como o ceu pendia em duas longas fitas, que lhe roçavam quasi os pés. Um veu branco lhe cingia a cabeça e, descendo até á fimbria da tunica, envolvia na sua amplidão as espaldas. Nenhum dos ornatos com que sempre se veste a vaidade humana: sem collar, sem diadema, sem anneis — sem joias. Um rosario, cujas contas eram brancas como gottas de leite, e cujo fio loirejava como o ouro das searas, lhe pendia das mãos, postas com fervor. As contas deslisavam umas após outras entre os dedos. Todavia os labios d'esta Rainha das Virgens conservavam-se immoveis. Em vez de rezar o seu rosario, escutava talvez em seu proprio coração o ecco eterno da Saudação Angelica e o murmurio immenso das invocações vindas da terra. Cada conta que ella passava era com certeza uma chuva de graças celestes que descia sobre as almas, como perolas de orvalho sobre o calice das flores».

Por indicação da Virgem Santissima, repetem-se as visitas de Bernardette á Gruta de Massabielle durante 15 dias consecutivos; em dois mezes realisam-se 18 apparições. N'uma d'essas visitas brota sob as mãos de Bernardette

uma fonte de agua viva, que é hoje um dos maiores brazões religiosos de Lourdes. Interrogada a Virgem pela pastorinha, que se vê assediada pela incredulidade de uns e pela devoção de outros, affirma a Sua divina individualidade, respondendo: «Eu sou a Immaculada Conceição. Quero que me edifiquem aqui uma capella».

(Apparição de Lourdes)

Como sempre acontece em casos analogos, tão maravilhoso acontecimento é desde logo discutido pelos incredulos, acceito pelos crentes. A agua da fonte opera milagres, que por sua vez são tambem discutidos. Procede-se a inqueritos, fazem-se interrogatorios, lavram-se autos, trocam-se officios, e de todas estas provas, tantas e tão repetidas, sai triumphante a verdade dos successos de Lourdes, que a Egreja reconhece e authentica.

É logo collocada na Gruta de Massabielle uma lampada de oiro, os peregrinos acodem de toda a parte, as peregrinações amiudam-se, em 1864 principia a erigir-se ali uma basilica monumental, que foi consagrada em 1876.

O illustre escriptor portuguez Teixeira de Vasconcellos, que ninguem poderia classificar como espirito fraco, disse-me uma vez, quando eu acabava de publicar a traducção do livro de Lasserre, que de todos os espectaculos religiosos, que tinha presenceado em sua vida, o que mais o havia impressionado era o das peregrinações a Lourdes.

Lasserre, em dois traços cheios de grandesa e humildade, descreve assim as peregrinações:

«As peregrinações tomaram um desenvolvimento sem exemplo talvez no universo, porque nunca jámais, até ao nosso tempo, os maiores movimentos da fé popular tiveram á sua disposição os poderosissimos meios de transporte inventados pela sciencia moderna. O caminho de ferro dos Pyreneos, cujo primeiro projecto, mais directo e menos dispendioso, passava entre Tarbes e Pau, torceu para tocar em Lourdes, onde incessantemente desembarcam innumeraveis viajantes, que vão, de toda a parte do mundo, invocar a Virgem apparecida na Gruta, e pedir á Fonte miraculosa a cura de seus males. Procede o concurso não só das

diversas provincias da França, mas tambem da Inglaterra, da Belgica, da Hespanha, da Allemanha, da Russia. Do mais longinquo das Americas abalam piedosos christãos e atravessam oceanos para entrar á Gruta de Lourdes e ajoelhar diante das famosas Rochas, que a Mãe de Deus santificou tocando-as. Muitas vezes, os que não podem ir pessoalmente, escrevem aos Missionarios, e pedem que lhes mandem para os seus paizes uma pouca da agua miraculosa. E elles mandam n'a para o mundo todo.

«Bem que Lourdes seja uma cidadesinha, ha na estrada que conduz á Gruta um vae-vem continuo, um affluir prodigioso de homens, mulheres, padres, carruagens, como nas ruas d'uma populosa cidade.

«Tão logo como preludía a estação formosa, e o sol, vencedor do inverno, abre por entre flores as portas auriluzentes da primavera, os christãos d'aquellas regiões começam a aperceber-se para a peregrinação de Massabielle, não separadamente, como durante as neves, mas em caravanas numerosas. De dez, de doze, de quinze leguas á roda, os sadios habitantes da Montanha descem a pé em bandos de mil ou dois mil. Partem de vespera ao lusco-fusco e caminham toda a noite ao luar, como os pastores da Judea que demandavam o presepe de Belem para adorar o Filho de Deus nascido. Descem dos alterosos montes, cortam valles profundos, transpõem torrentes espumosas, vão ladeando os ribeiros e o Gave, cantando hymnos a Deus. E, quando passam, os dormentes rebanhos de novilhas ou ovelhas estremunham e fazem ouvir, nos serros desertos, o tilintar melancholico dos chocalhos sonoros.

«Ao alvorecer chegam a Lourdes os peregrinos. Enfileiram-se em procissão; desfraldam as auriflammas e bandeiras, caminho da Gruta. Os homens de carapuço azul, calçados de grossos sapatos ferrados poentos da larga caminhada nocturna, apoiam-se ao bordão nodoso e, pela maior parte, carregam aos hombros o farnel da viagem. As mulheres, de capucha branca ou encarnada. Algumas, offegantes do dôce gravame de seu filho. E esse povo recolhido caminha lentamente psalmodiando as ladainhas da Virgem.

«Em Massabielle ouvem missa, commungam e bebem da Fonte miraculosa. Depois espalham-se em grupos de familias ou amigos pelos relvados que rodeiam a Gruta, estendem sobre a herva o seu banquetezinho, e sentam-se no verde tapete dos prados. E, á beira do Gave, á sombra das

Rochas bemditas, realizam em frugal repasto os agapas fraternaes de que deixaram tradição os christãos dos tempos primitivos. Finalmente, recebida nova benção, e ajoelhando pela ultima vez, voltam ditosos aos seus ninhos alpestres.

«Assim é que vão á Gruta as povoações pyreneanas. Mas o concurso mais numeroso ainda não é este. De sessenta a oitenta leguas chegam quasi todos os dias immensas procissões transportadas de enormes distancias nas rapidas azas do vapor. Vimol-as chegar de Bayonna, de Peyrehorade, de Teste, de Arcachon, de Bordeus. Tambem hão de ir de Pariz. A pedido dos fieis, o caminho de ferro do Sul tem trens especiaes, trens de peregrinação, destinados exclusivamente ao enorme e piedoso movimento da fé catholica. A' chegada dos trens, os campanarios de Lourdes repicam festivos. E, dos negros wagons, saem e dispõem-se em procissão, na estação do caminho de ferro, as meninas vestidas de branco, as mulheres, as creanças, os homens, os velhos, o clero revestido de seus trages sagrados. Bandeiras e galhardetes fluctuam ao vento. Vê-se passar a cruz de Christo, a estatua da Virgem, a Imagem dos Santos. Os canticos em honra de Maria brotam de todos os labios. A innumeravel procissão atravessa a cidade, que, n'esses dias, tem o aspecto de uma cidade santa, como Roma ou Jerusalem. Com esse espectaculo se exalça o coração; sóbe para Deus e sente-se alar para as alturas sublimes onde as lagrimas acodem aos olhos e a alma está deliciosamente oppressa pela presença sensivel do Senhor. Crê-se ter por momentos uma visão do Paraiso».

Bernardette Soubirous, a humilde pastorinha que revelou ao mundo as apparições da Gruta de Massabielle, tomou o veu das Irmãs de Caridade e de Instrucção Christã, de Nevérs, a 8 de julho de 1866, adoptando o nome de irmã Maria Bernard e falleceu, com 35 annos, a 16 de abril de 1879 [1].

Um poeta portuguez, e dos mais illustres do nosso tempo, traduziu o cantico expositivo das apparições de Lourdes, composto em francez pelo abbade d'Ezreville, sob o nome de *Ave Maria!* [2]

---

[1] Seu irmão João Maria Soubirous foi recentemente visitado em Lourdes por alguns peregrinos portuguezes (1900).

[2] A traducção de Mendes Leal, offerecida ao nuncio apostolico monsenhor D. Vicente Vannutelli, foi impressa em Lisboa na typographia Lallemant, em 1886.

Não queremos deixar de transcrever algumas das suas bellas estrophes:

Era d'harmonias
Hora singular:
As Ave Marias
Ia o sino dar.

Ave, Ave, Ave Maria!
Ave, Ave, Ave Maria!

Bernardette sente
Que o seu Anjo então
A leva á torrente
Pela propria mão.

Ave.

Uma aragem passa,
E á menina diz:
«A Divina Graça
«Te fará feliz!»

Ave.

Seu olhar, que salva
Da montanha alem,
Crê que a Estrella d'Alva
Despontando vem.

Ave.

Mas é pura imagem
Que irradía amor;
Cinge-lhe a paragem
Cristalino albor;

Ave.

Traz do Paraiso
Nos olhos a luz;
Seu meigo sorriso
A esperar induz;

Ave.

Do lyrio a candura
Veste-a em branco véu,
E tem por cintura
Um troço do Céu;

Ave.

Sobre os Pés lhe brilha
Rosa virginal,
Gentil maravilha
Do prado eternal.

Ave.

Pende-lhe um rosario
Da bemdicta Mão,
Guia, itinerario
Da sancta oração!

Ave!

Em Portugal o culto de Nossa Senhora de Lourdes conta hoje milhares de fieis, e dos mais fervorosos.

Virgem de Lourdes — Penha — Guimarães

Na capital, organisou-se uma Associação Devota de Nossa Senhora de Lourdes, cuja séde é na egreja do extincto convento de Santa Martha (Hospicio dos Clerigos Pobres); a capella das Picôas, pertencente á sr.ª condessa de Camaride, foi posta sob a invocação de Nossa Senhora de Lourdes; a Sua Imagem tem altares em muitos templos da cidade, como por exemplo, Encarnação, Martyres, e outros.

No Porto tambem ha uma associação cujo fim é a manutenção d'este culto: acha-se estabelecida na egreja de S. Bento da Victoria, e data de 8 de setembro de 1878, dia em que se realisou ali a primeira festividade votiva.

Em Braga existem duas confrarias de Nossa Senhora de Lourdes: uma erecta no Collegio da Regeneração (antigo convento das freiras da Conceição) e outra no Asylo de Mendicidade (antigo convento das Monjas de S. Bento, mosteiro do Salvador).

Em Guimarães, é venerada n'uma gruta da Penha a Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, como a breve trecho contaremos.

Em Coimbra tambem esta devoção tem muitos proselytos.

Ainda ultimamente a sr.ª viscondessa de Monte-São offe-

receu uma linda imagem de Nossa Senhora de Lourdes, para a capella do Bairro Operario mandada construir por sua magestade a rainha D. Amelia.

Em muitos outros pontos do paiz, tanto ao norte como ao sul, uma vivissima fé alimenta este culto.

(Gruta de Nossa Senhora de Lourdes na Escola agricola colonial de Cintra)

Na Escola agricola colonial de Cintra (dirigida pelos benemeritos padres missionarios do Espirito Santo) ha uma Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Esta Escola acha-se estabelecida na quinta do Bom Despacho, freguezia de S. Pedro de Penaferrim e é sustentada pela sr.ª condessa de Camaride para educação de sacerdotes que desejam destinar-se a evangelisar a civilisação christã. A Gruta, artificial, foi construida por aquelles padres. A Virgem olha a barra do Tejo. O panorama que d'ali se descortina não pode ser mais encantador.

A peregrinação portugueza, que no dia 12 de maio d'este anno (1900) foi a Roma celebrar o Anno Santo [1], visitou, como paragem forçada no seu itinerario, a Gruta de Lourdes, nos Altos Pyreneos, a fim de render homenagem á Virgem Santissima no proprio local em que Ella se dignou apparecer á pastorinha Bernardette [2].

---

[1] N'esta numerosa peregrinação encorporaram-se o cardeal-patriarcha de Lisboa, o arcebispo de Braga, arcebispos-bispos do Algarve e Portalegre, os bispos de Coimbra, Porto, Bragança e Angra do Heroismo.

Aos peregrinos foi distribuido um livrinho de *Canticos* em honra de Nossa Senhora, impresso em Lisboa na Typographia da Companhia Nacional Editora (1900).

[2] Uma correspondencia, enviada de Lourdes ao jornal portuense *A Palavra*, dá interessantes pormenores sobre os actos de devoção ali praticados pelos peregrinos portuguezes:

«Ao meio dia recebemos communicação de que o Ex.mo Sr. Cardeal Patriarcha se dirigia, ás 2 horas da tarde, do Hotel de Soleil para a gruta, e lhe seria agradavel ser acompanhado pelos peregrinos. A' hora aprazada lá estavamos quasi todos.

«A's 4 horas, repentinamente, toldou-se o céu, e começou de chover abundantemente.

«Em vista d'isto, resolveu-se que a procissão se fizesse no interior da egreja do Rosario. Terminado o Mez de Maria, a procissão poz-se em marcha, levando a Sagrada Hostia sob a umbella o nosso Patriarcha. Foi imponente, porém mais imponente seria se a procissão atravessasse a grande esplanada e todos os peregrinos, com os doentes, tomassem parte no cortejo. Já tivemos a consolação, n'outras occasiões, de assistir a procissões do Santissimo Sacramento, e sempre

Em Guimarães, a antiga gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha, no môrro septentrional da serra de Santa Catharina, ao nascente da cidade, tem nos ultimos trinta annos d'este seculo sido objecto de particulares desvelos de devoção por parte dos fieis.

Nossa Senhora do Carmo da Penha (Guimarães)

A gruta foi no principio do seculo XVIII dedicada a Nossa Senhora do Carmello por um ermitão italiano.

Junto da gruta-ermida ha uma pequena casa, hoje chamada *da Senhora*, que em 1766 era humilde hospicio de monges carmelitas.

Em 1870 alguns devotos vimaranenses, entre os quaes o padre Antonio José Ferreira Caldas, tomaram a peito recolher donativos para a restauração e aformoseamento d'aquelle pittoresco santuario.

Restauraram a ermida e a *casa* e construiram trez *passos*,

---

experimentamos sensações intraduziveis. Os clamores: «Jesus, Fils de Marie, guerissez nos malades», e «Très Sainte Vierge, soyez notre mère», são gritos d'alma que nos trespassam o coração e fazem vir as lagrimas aos olhos d'aquelles que tenham o coração mais endurecido.

«Terminada a benção, os peregrinos de Strasburgo entoaram, em allemão, canticos em louvor da Virgem Santissima de Lourdes.

«Acabados estes actos religiosos, um dos reverendos Padres custodios da Gruta subiu ao pulpito e dirigiu uma curta allocução a todos os peregrinos, terminando por pedir ao Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha que os abençoasse a todos, especialmente aos doentes. Sua Eminencia do melhor grado accedeu a este pedido.

«Em seguida foram todos os peregrinos avisados de que, se o tempo o permittisse, ás 8 horas da noite haveria «marche aux flambeaux».

. . . .

«Até ás 8 horas choveu constantemente. Apesar d'isso, havia um continuo movimento de pessoas para a egreja do Rosario e para a basilica. A's 8 horas, sob uma chuva miuda, organisou se a *marcha* e começou a desfilar da gruta para a basilica lentamente.

«E' claro que este acto, que commove sempre as pessoas que a elle assistem, não revestiu o brilho costumado, por causa do mau tempo. Comtudo, os peregrinos portuguezes que pela vez primeira assistiram a este espectaculo, que só em Lourdes é dado vêr-se, ficaram muito bem impressionados. Apesar do tempo chuvoso, o grupo dos portuguezes estava minuciosamente representado. Cantamos a —«Virgem pura»— e o «Com minha mãe estarei» durante o trajecto. Estes canticos despertaram a curiosidade dos peregrinos das outras nacionalidades, que se não cançaram de pedir-nos que lhes traduzissemos para a sua lingua as primeiras estrophes dos nossos canticos.

«Chegado o cortejo á egreja do Rosario, nós, os portuguezes, desfilamos para a gruta. Alli rezámos o terço, apesar da chuva, e cantámos a «Virgem pura» e «O céu é minha morada». Terminado o terço, subiu ao pulpito o rev.^{mo} sr. Conego Nogueira.»

dedicados á Virgem, sendo um, allusivo á coroação de Nossa Senhora, situado na culminancia do monte.

Este passo foi solemnemente benzido a 23 de julho de 1871 [1].

Em 1880 os mesmos devotos erigiram, sobre os rochedos da ermida e entre graciosos terraços, uma capella, que destinaram a *relicario*, e que ficou concluida em 18 de junho de 1881.

Foi benzida pelo rev. arcypreste dos julgados ecclesiasticos, Antonio Manoel de Mattos, em 18 de junho de 1882.

N'este templosinho, que é elegante, veneram-se as reliquias d'alguns santos.

Vista da Penha — Guimarães

Na mesma occasião se procedeu á collocação solemne da primeira pedra para o monumento de Pio IX.

A este acto presidiu o sr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, arcebispo primaz.

Em 29 de agosto de 1886 constituiu-se a primeira commissão promotora das obras e melhoramentos da Penha.

Em 30 de agosto de 1886 procedeu-se ao lançamento da primeira pedra para a edificação da torre-castello, no mais alto penedo da Gruta-Ermida.

Em 8 de setembro do mesmo anno foram conduzidos pela classe dos curtidores da cidade de Guimarães, triumphantemente, com musicas, bandeiras, ao local da Penha, quatro harmoniosos sinos offerecidos pela mesma classe.

Em 19 de julho de 1893 procedeu-se á collocação e benção solemne d'uma Imagem da Virgem de Lourdes, em marmore, n'uma formosissima Gruta natural, junto ao monumento de Pio IX.

---

[1] Veja-se o opusculo, do mencionado, e já fallecido padre Ferreira Caldas, sob o titulo *Local e gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha*, impresso em Guimarães, na Typographia Vimaranense, anno de 1873.

Esta Imagem foi offerecida pelo sr. Fernando de Castro Abreu Magalhães, oriundo da illustre casa do Santo, da villa de Fafe, negociante na cidade de Petrópolis, Estados Unidos do Brazil. A fé e a piedade que o povo vimaranense consagra a esta Imagem, tem promovido uma devotissima peregrinação, que sempre se realisa a 8 de setembro de cada anno, concorrendo milhares de fieis. N'esse dia, varias classes operarias e outras collectividades offerecem valiosas alfaias, preciosos objectos proprios para o culto.

Monumento a PioIX na Penha (Guimarães)

Em 8 de setembro de 1893 realisou-se a inauguração solemne do monumento a Pio IX, cuja estatua em marmore foi tambem offerta do sr. Fernando de Castro Abreu Magalhães.

Em 8 de setembro de 1895 effectuou-se a collocação solemne da primeira pedra do Sanctuario da Virgem Immaculada, pelo sr. conselheiro dr. Manoel d'Albuquerque, Dom Prior da Real Collegiada da cidade de Guimarães.

Em 8 de setembro de 1897 celebrou-se a primeira missa na sachristia do mesmo Sanctuario, destinada presentemente aos actos do culto. Foi celebrante o mesmo Dom Prior.

Em 8 de setembro de 1898 realisou-se a primeira festividade e exposição solemne do SS. Sacramento na mesma sachristia [1].

---

[1] Lia-se n'uma correspondencia de Guimarães publicada no *Commercio do Porto*, de 14 de julho de 1900.

«No dia 16 do corrente iniciam-se na Penha as novas obras, que ali se teem de fazer segundo o plano e planta do sr. Monteiro da Costa, do Porto. A briosa commissão de melhoramentos d'aquella pittoresca estancia, esforçando-se, dentro dos limites de seus apoucados recursos, em começar a embellezar desde já o formoso local, que é o sonho dourado de todo o vimaranense, vai, pois, n'esse dia inaugurar os primeiros trabalhos conducentes á grandiosa empreza da transformação da Penha. Não haja desfallecimentos n'esta arrojada tentativa. Além da cooperação de nossos patricios, já evidentemente manifestada nas velhas obras effectuadas, muito ha a esperar da dedicação de outros conterraneos illustres, que lá fóra honram com seu trabalho e nome a terra que lhes serviu de berço. A colonia vimaranense no Porto ha, n'este ponto, dado a todos a mais altiloqua prova de amor ao seu torrão natal. Á porfia, pois, em prol dos melhoramentos da Penha».

Um dos mais modernos santuarios consagrados em Portugal á Virgem Santissima é a egreja do collegio de Campolide, arredor de Lisboa, posta sob a invocação de Maria Santissima.

O padre Franco Sturzo, jesuita, que durante trinta annos apostolou em Portugal, foi quem, por meio de uma subscripção aberta em sua patria (Sicilia), erigiu a egreja de Campolide, sagrada a 30 de abril de 1884.

A esta piedosa fundação allude o padre Campo Santo na seguinte composição poetica, que é, para assim dizer, a chronica d'aquelle templo escripta em verso:

A EGREJA DE CAMPOLIDE

A egreja, que surgiu p'ra bem de Campolide
É desde o solo á grimpa esplendido tropheo
De quem sacrificado em piedosa lide
Conseguiu arvorar mais esta escada ao ceo.

Auras de Providencia e vento de procella,
Feliz combinação de graça e vendaval
Um homem arrojou lá da Sicilia bella
Ao tão bello torrão do nosso Portugal.

Esse homem de fervor, de actividade exemplo...
Mas onde vais, ó lyra? abafa a incauta voz.
Para gloria já lhe basta haver erguido um templo,
E não nos ouça mais, que o temos entre nós.

***

Mas tu, arvore crescida,
Que rica em fructos e flores
Nos sorris,
Tambem és agradecida
De quanto és, de quanto fores,
Á raiz.

A raiz manteve a lucta
Com as durezas da leiva
E as venceu.
A raiz é que transmuta
Frios humores na seiva
Que te deu.

Quando uma arvore desprega
As suas flores e fructos
Sobre o chão,
São mensagens que delega
Á raiz com seus tributos:
Gratidão.

Quando á planta já perfeita
Aura amena lhe cicia
Parabem,
Ella as galas ao chão deita
Por mostrar que a louçania
De lá vem.

Rademaker, a memoria
De teus primeiros lavores
Não passou.
Em ti dirá sempre a Historia
Que o germen de tantas flores
Desbrochou.

* * *

Bem erguido fica o throno
Á Mãe dos sanctos amores,
Onde primavera e outomno
Vicejem mysticas flores.

Seja esta casa amorosa
Do altar sagrado o canteiro.
Cada alumno flôr mimosa,
Cada mestre jardineiro.

Lembrem das letras na lida
Que no Edén a Providencia
Plantou a arvore da vida
Juncto á planta da sciencia.

Do saber aos nobres louros,
Que cultivaes com desvelos,
Junctae da graça os thesouros
Que os apura e faz mais bellos.

Em vez das brisas de Paphos
Que o louro gentio pede,
Cresça o vosso aos puros bafos
Da Virgem *do Saber Séde.*

Na empa se encosta a vide
E n'ella sobe e confia.
Alumnos de Campolide,
Encostae-vos a Maria.

Em 1896 constituiu-se na villa de Santo Thyrso a Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção com o fim de soccorrer os irmãos caidos em indigencia, bem como quaesquer outras pessoas pobres do concelho, e de erigir no monte Cordova, fronteiro áquella villa, um templo sob a invocação da mesma Senhora.

Os respectivos estatutos foram approvados por alvará do governador civil do Porto em 4 de maio de 1897[1].

Nossa Senhora da Assumpção de Santo Thyrso
(destinada ao Monte Cordova)

No monte Cordova, d'onde se avista um variado e attraente panorama, vai ser edificado o templo: todos os annos, a 15 de agosto, se realisará ahi uma pomposa festividade.

A Imagem da Senhora, que reproduzimos n'esta pagina, foi mandada fazer a expensas do sr. Manuel Eduardo de Sousa, acreditado negociante da villa de Santo-Thyrso.

Esculpturou-a o sr. João da Affonseca Lapa com o mesmo primor que se nota na Imagem de igual invocação, que tambem elle executou e pertence á irmandade dos pescadores da Povoa de Varzim.

E' sobremodo harmonioso o desenho das linhas geraes, encantadora a bellesa e expressão divina da physionomia da Virgem; são felicissimos os toques de uma luz doce e vaporosa, que envolve toda a Imagem em um nimbo de poetico mysticismo, fazendo lembrar um clarão do ceu illuminando a mais perfeita creatura humana.

Honra ao esculptor, que tão primorosamente interpretou o assumpto; honra á liberalidade piedosa do sr. Machado, que dispendeu no culto da Virgem Santissima uma parcella dos seus haveres, adquiridos no honrado tráfego da vida commercial.

Em 1897 avivou-se em Valpaços (Traz-os-Montes) a devoção a Nossa Senhora da Saude, erigindo-se-lhe uma capella n'um outeiro, que dista um kilometro da villa d'aquelle nome, e que é conhecido por Val-Paços-o-Velho.

---

[1] Vem a proposito lembrar como as alcavalas do fisco têm alastrado em Portugal. Até a devoção dos crentes lhes não escapou! Estes estatutos pagaram 14$400 reis de direitos de mercê; mais 864 réis de 6 % addicionaes; mais 915 réis de 6 % complementares; mais 1$000 réis para fundo de beneficencia publica dos alienados; mais 343 réis de sêllo. Pois não é, verdadeiramente, a fazenda nacional a explorar a fé!

Vai crescendo de anno para anno o numero dos romeiros e das offerendas.

Muitas outras devoções ficarão por mencionar, o que sinceramente sentimos; mas, pelas que indicamos, haverá reconhecido o leitor que o culto de Nossa Senhora em Portugal jamais havia attingido maior brilho e larguesa do que em nosso tempo.

XIII

Romarias, canções e outras tradições populares

TODOS os mais afamados santuarios de Nossa Senhora em Portugal attraiem grande numero de romeiros por occasião das respectivas festividades.

O nosso povo não tem outros dias de maior alegria e folga. Espera-os com anciedade, preparando os seus melhores fatos para os exhibir na romagem. Despovoam-se logares, cujos habitantes, em numerosos ranchos, partem juntos para o arraial, fazendo, desenfadados, uma caminhada de muitas leguas. Os velhos, galvanisados pelo contentamento suggestivo dos moços, marcham tão intrepidamente como elles. Rapazes e raparigas vão dançando e cantando, ao som da viola, na vanguarda dos grupos. Todos os trabalhos da vida agricola ficam suspensos em quanto durar a romaria, a que justamente o povo vai buscar as bençãos do Ceu para os seus campos e colheitas.

A's vezes, é certo, ha desregramentos, que facilmente se explicam pelo excesso de alegria popular, pois que os

nossos camponezes, abandonando sua lide poucos dias no anno, parece quererem exgotar completamente todo o prazer das raras folgas que o seu calendario auctorisa.

Tambem ás vezes ha conflictos motivados pela agglomeração de individuos, dos quaes alguns andam mal-avindos por negocios de familia, rivalidade no amor ou emulação de interesses e prosapias locaes.

(Nossa Senhora do Carmo de Lisboa)

Mas estes lamentaveis acontecimentos, quando se dão, não prejudicam a sinceridade da alegria e devoção do maior numero dos romeiros, que vão, guiados por uma intenção piedosa, cumprir seus votos e promessas, dirigir ao Ceu suas supplicas e orações, entoar lôas e outros cantares religiosos em honra do orago do santuario que visitam.

Muitos dos romeiros, aquelles que têm de implorar ou agradecer algum beneficio especial, partem cheios de humildade e contricção, descalços e «amortalhados».

O autor do *Santuario Marianno* diz referindo-se á romaria de Nossa Senhora de Montalto, em Arganil:

«E muyta gente vay descalça a pedir á Senhora remedio em suas necessidades, e em todas a acha a sua fé promptissima para os favorecer como Senhora, que he de toda a piedade» [1].

Mas esta tradição não é privativa d'aquelle ou d'aquell'outro santuario, d'aquella ou d'aquell'outra provincia, senão que geral e antiquissima em todo o paiz.

Tambem alguns romeiros se arrastam de joelhos dando volta ao santuario em cumprimento de seus votos.

E, por mais concorrido e agitado que esteja o arraial, ninguem ousa escarnecer d'estes actos de contricção publica; pelo contrario, o povo, respeitosamente, abre caminho aos penitentes que passam.

Em algumas trovas devotas, que pertencem ao cancio-

---

[1] Tom. IV, pag. 498.

neiro popular, insinua-se ás vezes um sentimento mundano, um *motivo* amoroso, que, longe de as profanar, traduz a fé religiosa, a crença sincera de que ninguem pode ser feliz sem o auxilio divino e a protecção do Ceu.

A' volta da romaria, os romeiros trazem posto no chapeu o registo da Imagem que foram reverenciar; e devotamente o conservam pregado á cabeceira do leito, para lhe dirigir orações, quando se deitam e levantam.

De algumas das grandes romarias de Nossa Senhora já temos fallado no decurso d'este livro, taes como Nazareth, Atalaya, Arrabida, Abbadia, Necessidades, Sacaparte, Sameiro; muitas outras ha, não menas importantes, taes como Remedios em Lamego, Agonia em Vianna do Castello, Povoa em Penamacor, Saude em Santarem, Guadalupe em Serpa, etc.

Seria impossivel coordenar uma relação completa de todas as romagens, que se realisam no nosso paiz em honra da Virgem Purissima, pois que não ha povoação, por mais obscura, que deixe de honrar a Mãe de Deus com uma festividade annual.

Tambem não seria possivel colligir todo o cancioneiro das trovas devotas, que se cantam nas provincias de Portugal em honra e louvor de Maria Santissima.

É certo que algumas trovas se repetem, mudada apenas a invocação da Senhora e alterada qualquer outra referencia local; mas quantas não são diversas e peculiares a determinados santuarios e provincias! quantas não são originaes no pensamento e na expressão poetica! quantas não offerecem uma variedade tão pittoresca como as flores do monte, que nascem, sem cultura, como uma inspiração espontanea da fecundidade da terra!

O assumpto é vasto e inexgotavel; por isso não admira que possa suggerir milhões de pensamentos differentes.

Esmagados pela grandesa do assumpto, procuraremos relembrar apenas algumas das trovas devotas, com que o nosso povo celebra a immaculada divindade de Maria Santissima, Mãe de Deus e dos peccadores.

Uma das mais concorridas romarias da Beira é a da Senhora das Preces [1], ou do Culcurinho, nome da serra que se

[1] Tambem em Cernache do Bom Jardim ha um santuario de Nossa Senhora das Preces, cuja festa se realisa a 15 de agosto.

levanta no termo da villa de Avô, antigo condado de Arganil, e em cujo topo apparecêra a pequenina Imagem.

De tão alta serra dizem que, sendo limpo o ar, se avista Lisboa.

O empinado e fragoso do terreno fez que se pensasse em remover para logar mais transitavel o primitivo oratorio e, se não foi logo possivel o intento, veiu a realisar-se com o tempo, edificando-se espaçoso templo na falda da serra, junto á Povoa de Val de Maceira e de Pomares.

Toda a Beira arde em devoção pela Senhora das Preces, cuja invocação, melhor talvez que nenhuma outra, exprime a efficaz mediação da Mãe de Deus entre Seu Amado Filho e os homens.

São muitas as trovas populares que se cantam n'esta romaria: reproduziremos algumas, que chegaram ao nosso conhecimento [1]:

Virgem Senhora das Preces,
Vinde-me esperar ao rio [2]:
Que eu sou rapariga nova,
Posso ter algum desvio.

Virgem Senhora das Preces,
A quem dei a carta a ler:
Não ha coisa n'este mundo
Que se não venha a saber.

Virgem Senhora das Preces,
Que me ha de dar um dote:
Se m'o ha de dar um dia,
Dê-m'o á hora da morte.

Virgem Senhora das Preces,
Inda lá hei de voltar:
Que me esqueceram as contas
Em cima do seu altar.

N'um monte que fica ao oriente e no termo de Arganil é adorada Nossa Senhora de Montalto (Monte Alto [3]), a cuja romaria diz respeito esta trova:

Ó Senhora do Montalto,
Eu bem alto vol-o digo:
Não torno lá outro anno
Sem levar amores comigo.

---

[1] Pelo livro *Canções populares da Beira*, colleccionadas por Pedro Fernandes Thomaz.

[2] É o rio Ave, não unico do nome em Portugal.

[3] Tambem ha outra Senhora da mesma invocação em Pena Cova; é festejada a 8 de setembro.

João de Lemos cantou Nossa Senhora da Encarnação de Buarcos, cujo pittoresco santuario descreve:

Graciosa a villa pela breve encosta
Arquea os braços; mais alem descobre-se
Como grata flor
Ao navegante lá de industria posta,
Da santa Virgem a capella alvissima,
Que é conforto á dor.

Oh! Quantas vezes na amplidão dos mares,
Por entre o horror da tempestade indómita
D'atra cerração,
Co'os olhos longos atravez dos ares
A busca e encontra o pescador em ancias,
Na afflicta oração!

Os poetas do povo tambem em sua rude lyra cantam, de geração em geração, a Senhora da Encarnação de Buarcos n'estas e outras trovas, que enriquecem o cancioneiro mariano:

Ó Buarcos, ó Buarcos,
Senhora da Encarnação:
O retrato da Senhora
Trago eu na minha mão.

Senhora da Encarnação
Tem um rebate de vidro,
Que lhe deu um marinheiro,
Que andava no mar perdido.

Senhora da Encarnação
Tem uma toalha nova,
Que foi feita em Coimbra,
Lavada na Fonte Nova.

A' Senhora do Sameiro, cuja devoção descrevemos largamente no capitulo anterior:

A Senhora do Sameiro
Dá um cheiro que rescende:
É o manto da Senhora
Que pelo mundo se estende.

A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no braço,
Que lhe deram os anjinhos
A vinte e cinco de Março.

A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no pé,
Que lhe deram os anjinhos
Na festa de Santo André.

A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no dêdo,
Que lhe deram os anjinhos
Pela festa de Lamêgo [1].

A' Senhora da Conceição, que está na porta da Esquina em Elvas:

A S'nhora da Conceição,
Lá da porta da Esquina,
Diz que ha de salvar uma alma;
Queira Deus que seja a minha.

Senhora da Conceição,
Que á porta da Esquina estaes,
Permitti que eu inda logre
Carinhos do meu rapaz.

Senhora da Conceição,
Lá da porta da Esquina,
Dá saude ao meu amor
Que anda pela lei divina.

Senhora da Conceição,
Lá da porta da Esquina,
Chamae-me vossa afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

Senhora da Conceição,
Lá de cima da muralha,
Defendei o meu amor,
Que anda mettido em batalha.

A S'nhora da Conceição
Tem uma estrella na testa,
Que lhe puzeram os anjos
No dia da sua festa.

A' Senhora do Rosario, da aldea de Santa Eulalia, concelho de Elvas:

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar ao divino:
Era a Virgem do Rosario,
Que embalava o seu Menino.

---

[1] Referencia á romaria de Nossa Senhora dos Remedios.

A Senhora do Rosario
Tem o rosario na mão:
Se ella me désse uma conta,
Dava-lhe o meu coração.

A Senhora do Rosario
Tem uma fonte no rosto,
Que lhe puzeram os anjos
No principio de agosto.

Ailé,
Senhora, Senhora,
Guardae meu amor
De morte traidora.

Ailé,
Senhora, Senhora,
Rainha dos céos,
Mãe imperadora.

A' Senhora de Ayres, em Vianna do Alemtejo:

A Senhora d'Ayres,
Ao pé de Vianna,
Tem o altar-mór
Feito á romana.

Ó Senhora d'Ayres,
Eu hei de lá ir
Pagar 'ma promessa
Do meu bem cá vir.

Ó Senhora d'Ayres,
Eu 'stive cá ao pé
Mais o meu amor
Tomando café.

A' Senhora de Guadalupe (Aguadelupes, diz o povo) na villa de Serpa, Alemtejo:

Virgem-Mãe de Guadalupe,
Minha mãe, minha madrinha:
Se meu bem vai ser soldado,
Oh! que desgraça é a minha!

Virgem-Mãe de Guadalupe,
Minha mãe, minha comadre!
'Stá sempre pedindo a Deus
P'ra que o mundo não se acabe!

Virgem-Mãe de Guadalupe,
Que *está* na vossa ladeira!
Quem me dera vêr meu bem
De resalva na algibeira!

Virgem-Mãe de Guadalupe
Tem uma fita amarella,
Que lhe deram os soldados
Quando vieram da guerra [1].

Virgem-Mãe de Guadalupe,
Onde *tindel-a* ermida!
Entre Serpa e o Pechoto [2],
N'esses olivaes mettida!

Virgem-Mãe de Guadalupe,
Quer'-lhe pedir uma cousa:
— O meu bem vai ao exame;
Que não traga uma *raposa* [3].

Mais canções de Serpa, colhidas no cancioneiro quaresmal das camponezas:

Olhai para o ceu,
Verás 'ma Maria:
Capella de rosas,
Cheia d'alegria.

Virgem-Mãe do Carmo
Mandou-me um recado:
Que cantasse e rezasse
O bemdito-louvado.

O bemdito-louvado
Não me ha de a mim esquecer,
Que a Virgem-Mãe do Carmo
Nos ha-de valer.

Nos ha-de valer
Com todo o seu valor,
Rainha-Mãe dos Anjos,
Do ceu resplandor!

Do ceu resplandor,
Dos anjos maravilha,
Oh! como é divina
A Virgem Maria!

---

[1] Allusão ás campanhas da independencia, no tempo de D. João IV.
[2] Nome de uma herdade pertencente ao sr. conde de Ficalho.
[3] Do n.º 4.º, 1.º anno, da *Tradição*, excellente revista de ethnographia, que se publíca em Serpa.

Pois d'Ella nasceu,
Nasceu o bom Jesus,
Que morreu p'ra nos salvar
Nos braços da cruz.

Virgem-Mãe Santissima,
Estrella do Norte!
Pedi ao Senhor
Nos dê boa sorte.

Que eu sou peccador,
Não lhe sei pedir;
Não sou merecedor
Do Senhor me ouvir.

Do Senhor me ouvir
Não sou merecedor,
Virgem-Mãe Santissima,
Mãe do Redemptor!

Mãe do Redemptor,
Mãe nossa tambem,
Levai-nos á gloria
Para sempre. Amen.

Uma das grandes romarias do norte do paiz é a de Nossa Senhora dos Remedios, em Lamego, a 7 e 8 de setembro.

Nossa Senhora da Piedade, que já existia em 1221 na egreja de S. Martinho e hoje se venera na egreja de S. Thiago, em Lisboa.

Esta antiga cidade honra com muitas devoções o culto de Maria Santissima. Alem de se dividir em duas freguezias, ambas dedicadas á Mãe de Deus, Santa Maria de Almacave (primeira sé, que fôra mesquita) e Nossa Senhora da Assumpção (sé actual) tem, na cumiada do monte de Santo Estevam, que ao poente domina a cidade, o santuario de Nossa Senhora dos Remedios; n'uma encosta, sobre o rio Balsemão, o santuario de Nossa Senhora do Amparo ou dos Meninos; e junto á ribeira de Fáfel o santuario de Nossa Senhora da Lagem.

O santuario dos Remedios, cujo primitivo templo parece ter sido fundado pelo bispo D. Manuel de Noronha (1550-

1569), tem sido successivamente augmentado desde a ultima metade do seculo xviii e é hoje um dos mais concorridos do paiz.

Bastará dizer que os donativos feitos á Senhora, durante os dois dias da sua festa annual, costumam elevar-se a cêrca de um conto de réis.

São da romaria dos Remedios estas trovas populares:

> Ó Senhora dos Remedios,
> Dos Remedios, de Lamego,
> Todo o caminho fui bem,
> Só na barca tive medo.
>
> Ó Senhora dos Remedios,
> Vossa côr é de cereja;
> No vosso terreiro anda
> Quem *na* vossa côr deseja.
>
> A Senhora dos Remedios
> Mandou-me agora chamar:
> Tinha o seu manto rôto;
> Que lh'o fosse arremendar.
>
> Ó Senhora dos Remedios,
> Que daes a quem vos vae ver?
> Dou-lhe agua das minhas fontes
> Para quem quizer beber.
>
> Ó Senhora dos Remedios,
> Dei um nó na giesteira;
> Hei de lá ir para o anno
> Ou casada, ou solteira.
>
> Ó Senhora dos Remedios,
> Que estaes *ó* cimo do soito,
> Dae-me o vosso Menino,
> Que do céo vos virá *oitro*.
>
> Ó Senhora dos Remedios,
> Vinde ver a vossa gente;
> Senhora, dae-lhe saude,
> Que ella toda vem doente.

Nossa Senhora da Fresta[1], na villa de Trancoso (Beira

[1] «Segundo a tradição, já existia desde o tempo dos godos, e, quando os mouros invadiram estas terras, os christãos esconderam a imagem da padroeira, em uma *fresta* da capella-mór, que taparam com uma parede de tijolo. Resgatada a villa, do poder dos mouros, foi reparada e benzida a egreja. N'essa occasião, destapando-se a fresta, foi ali achada a santa imagem, que por isso se ficou, d'ali em deante, chamando *Nossa Senhora da Fresta*.» *Portugal antigo e moderno*, tomo IX, pag. 717.

Baixa) tem duas romarias annuaes, 24 de junho e 15 de agosto, em que se cantam estas e outras trovas:

Adeus, villa de Trancoso,
Tenho lá minha madrinha;
Adeus, Senhora da Fresta,
Por cima da verdadinha.

Adeus, ó fonte da vide,
Adeus, ó marco real;
Adeus, Senhora da Fresta,
Rainha de Portugal.

Na Foz do Douro faz-se, na temporada dos banhos, a romaria de Nossa Senhora da Luz, que é muito concorrida por pessoas do Porto.

Canções das samjoaneiras na romaria:

O sol que dá na vidraça
De Nossa Senhora da Luz,
Tambem dá n'essa vidraça,
Therezinha de Jesus.

Minha Senhora dos Banhos,
Eu venho bem embanhada,
Que me choveu um pé d'agua
Em terra despovoada.

Cantigas colhidas na romaria de Nossa Senhora da Ajuda em a praia de Espinho:

Minha Senhora da Ajuda,
Ajudae-me agora aqui:
Que me metti a cantar
Com quem sabe mais que a mim.

Minha Senhora da Ajuda,
Ajudae a cantadeira;
A cantadeira é casada
E pensa que é solteira.

O' minha Senhora da Ajuda,
A quem deu a carta a ler?
Não ha coisa n'este mundo
Que se não venha a saber.

Nossa Senhora da Ajuda
E' madrinha dos meninos:
Eu tambem sou afilhada
Do Senhor de Mattosinhos.

O' Senhora da Ajuda
Dizei-me que barco vêdes?
Eu vejo o barco á Camões
No mar a largar as rêdes [1].

Em Santarem a festa da Nossa Senhora da Saude, feita pelos moradores de S. Pedro d'Arrifana (e por isso chamada tambem — festa dos arrifaneiros) commemora o facto de os ter a Virgem Santissima livrado da peste que em tempos assolou aquelle logar.

Diz o padre Ignacio da Piedade na *Historia de Santarem edificada:*

«He esta Imagem da Senhora da Saude feita de roca, com vestidos de quatro palmos d'altura com o Menino JESUS em seus braços, que tambem se veste, porém, poucas vezes o tem comsigo porque quasi sempre anda pelas casas dos enfermos fazendo prodigiosos milagres, pois de muitos sabemos que obrou em pessoas nossas conhecidas, com as suas visitas».

Uma copla d'esta romaria:

O' Senhora da Saude,
Que lá estás nos olivaes
A guardar a azeitona,
Não a comam os pardaes.

Reuniremos agora um feixe de cantigas devotas sob o titulo generico de

VARIA

(ALEMTEJO)

Senhora da Boa Nova,
Lá ao pé de *Lucemfece* [2],
O meu amor está ausente,
Mas a mim nunca me esquece.

Senhora da Boa Nova,
A' porta *tende-la* dança;
Nunca dei ponto sem nó,
Nem falas sem confiança;
E quem deve sempre paga,
Indas que faça tardança.

---

[1] Cantiga posterior a 1880, anno em que se celebrou o tricentenario da morte de Camões.

[2] Lucefeci, rio do Alemtejo (Alandroal).

(ALEMTEJO)

A Senhora do Amparo
Tem o amparo na mão:
E' para amparar as almas
Que desamparadas 'stão.

(ALEMTEJO)

Meu bem,
Senhora do O',
'Judai me a amar,
Que eu não posso só.

(POIARES)

Virgem das Necessidades,
Dizei aonde moraes:
Móro ao pé da Risca Silva [1],
No meio d'uns pinheiraes.

(?)

A Senhora do Castello
Tem uma capa bordada:
Quem me dera assim ter uma
Para dar á minha amada.

(?)

Senhora da Piedade,
Viradinha p'r'o nascente:
Se não fossem os milagres,
Não vinha cá tanta gente.

Senhora da Piedade,
Entre valles e outeiros:
Agora vem a chegar
O rancho dos papeleiros.

Senhora da Piedade,
O caminho pedras tem:
Se não fossem os milagres,
Já cá não vinha ninguem.

(FIGUEIRA DA FOZ)

O' Senhora da Saude,
A vossa capella cheira:
Cheira ao cravo, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

O' Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrai os homens do mar,
Dai-lhe a vossa mão direita.

[1] Na freguezia de Santo André de Poiares, concelho de Poiares, districto de Coimbra.

A Senhora da Saude,
Só ella pode brilhar:
Tem a sua capellinha
Levantada á beira-mar.

O' Senhora da Saude,
Eu hei de ir lá para o anno;
Hei de ir casada ou solteira
Ou levada pelo mano.

O' Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Inda cá hei de voltar,
Ou casada, ou solteira.

Da minha janella rezo
A' Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
A quem eu lograr não pude.

A Senhora da Saude
Tem vinte e quatro janellas:
Quem me dera ser o sol,
Que entrava por uma d'ellas.

A Senhora da Saude
Está no alto outeirinho:
Antes que esteja calôr
Sempre lá dá o fresquinho.

O' Senhora da Saude,
Senhora da Saudinha:
Que capella tão pequena
Para tamanha rainha!

(CANÇÃO DO BERÇO)

Estando Maria,
Á borda do rio,
Lavando os panninhos
Do seu bento filho;

Maria lavava,
José estendia,
Chorava o Menino
Com frio que tinha.

Não choreis, Menino,
Não choreis, amor;
Isso são peccados,
Que cortam sem dor.

Os filhos dos homens
Em berço dourado,
Só vós, meu Menino,
Em palhas deitado!

(COIMBRA)

Nossa Senhora da Lapa
Tem os pés na tabuinha;
Oh que cadeira tão baixa
Para tão alta rainha!

Nossa Senhora da Lapa,
Senhora d'alta valia:
Levai-me cá d'este mundo
Para a vossa companhia.

Minha Senhora da Lapa,
Mandei varrer a calçada,
Porque picam as pedrinhas,
Quando vou de madrugada.

Nossa Senhora da Lapa,
Vestidinha de setim:
Quem me dera já no ceu
Os anjos ao pé de mim.

Fui á Senhora da Lapa,
Varri-lhe a sua testeira.
Ella do altar me disse:
— Eu te pagarei, solteira.

Fui á Senhora da Lapa,
Varri-lhe a sua calçada.
Ella do altar me disse:
— Eu te pagarei, casada.

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma estrella no manto.
Deram-lh'a os anjos do ceu
Domingo do Esp'rito Santo.

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa Senhora minha:
Chamai-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

Nossa Senhora da Lapa,
Que dais aos vossos romeiros?
— Dou-lhe agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Nossa Senhora da Lapa,
Que dais a quem por vós chama?
Ás casadas, bom marido;
Ás solteiras, boa fama.

(ALEMTEJO)

Eu amo-te do coração.
Ninguem o ha de saber
Senão Nossa Senhora
No ceo, quando eu morrer.

(DOURO)

Ó minha Maria Santa,
Ó minha Santa Maria,
Levae-me noticias minhas
Ao meu amor d'algum dia.

(DOURO)

Senhora do Bom Despacho,
Senhora do Livramento,
Eu perdi o meu amor,
Trazei-m'o ao pensamento.

Senhora do Livramento,
Senhora do Bom Despacho,
Eu perdi o meu amor,
Eu perdi-o, não o acho.

(MINHO)

Senhora da Conceição,
Ouvi minha devoção,
Lembrai-vos da minha alma,
Ponde-me da vossa mão;
Que até aqui andei errada,
Sem nunca atinar caminho;
Em tamanho desatino
Me perdia!

Peço-vos, Virgem Maria,
Que me ouçaes meu coração;
Em vós ponho a afflicção
E sempre por vós chamo,
Quando me vir attentado
Na tentação do peccado
E do inimigo!

Espertai o meu sentido,
Que minha alma se não perca,
Pois vós sois a Arca aberta,
A porta da misericordia.
Virgem, olhai que ando em guerra
No mundo attentador;
Pois não dá bom galardão
Nem mesmo consolação,
Mas antes guerra!

Virgem, não queiraes que eu perca
Gloria para que eu nasci;
Virgem, lembrai-vos de mim,
Sêde minha advogada.

Dai-me até á morte falla,
E coração forte
Contra os maus pensamentos,
Para guardar os mandamentos
Até á hora da morte!

(MINHO)

Ergui-me de madrugada
Em faixinhas e manteo,
Fui correr a via sacra
Pelo caminho do céo.
Encontrei Nossa Senhora
Com ramo d'ouro na mão:
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não;
E tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.
Oh! meu padre S. Francisco,
Aqui está este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Domingo da Resurreição;
Que me désse sete voltas,
Ao redor do coração;
Que me désse outras sete,
Que chegasse até ao chão.
De um lado está S. Pedro,
D'outro lado S. João;
No meio está o retrato
Da Virgem da Conceição.

A Virgem da Conceição
Tem um Menino Jesus,
Que foi pela barra fóra
Domingo de Santa Cruz.
Vinde vêr a barca nova,
Que se vai deitar ao mar:
Nossa Senhora vai dentro,
Os anjinhos a remar;
S. José vai por piloto,
Nosso Senhor por general.
Arreiaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal.

(BEIRA ALTA)

Á entrada de Portêllo [1]
Cheirou-me a mangericão:
Era o sangue derramado
Da Senhora da Afflicção.

[1] Aldea, na freguezia de Cambres.

Ó Senhora da Afflicção,
Bem afflicta estou eu:
Que me chegou a noticia
Que o meu amor que morreu.

(MINHO)

A Senhora da Abbadia
Que me ha de dar o dote,
Se m'o ha de dar de dia,
Dê-m'o á hora da morte.

(DOURO)

Senhora da Boa Nova,
A vossa capella cae;
Juntae vos, raparigas,
Tirae-lhe a telha, tirae.

(DOURO)

Santa Maria da Serra,
Santo Amaro do Outeiro;
Santa Maria foi santa,
Santo Amaro foi romeiro.

(BEIRA BAIXA)

Salve Rainha,
Rosa divina,
Cravo de amor,
Mãe do Senhor!
Subi ao Calvario,
Vi lá uma cruz;
Encostei-me a ella
A considerar
Qual ha de ser a hora,
Em que Deus me ha de salvar.
Disse o Espirito Santo,
Na setima guia,
Que fosse devoto
Da Virgem Maria.

(ALEMTEJO)

Fui á Senhora do Carmo,
No anno em que choveu milho;
O meu amor é Manuel,
Fabricante de ladrilho.

Fui á Senhora do Carmo,
Mais a minha gente toda:
Fui solteira, vim casada,
Foi milagre da Senhora.

(ALEMTEJO)

Da minha janella rezo
Á Senhora das Areias,
Que me traga o meu amor,
Que anda por terras alheias.

(ALEMTEJO)

Nossa Senhora da Guia
Tem uma guia na mão:
Para guiar a minha alma
No reino da salvação.

Ailé,
Senhora da Guia,
Guiae meu amor
De noite e de dia.

(ALEMTEJO)

Nossa Senhora da Penha
Tem uma penha á porta:
Se ella me désse uma pinha,
Seria sua devota.

Chorai, olhos, chorai, olhos,
Que o chorar não é despreso:
A Virgem tambem chorava
Quando viu seu Filho preso.

Maria é o nome por excellencia, o mais nobre de todos, por haver sido o da Mãe de Deus.

Assim o diz a trova popular:

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria;
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

Glorificando a bellesa e melodia ineffavel d'este nome, cantou um poeta contemporaneo [1]:

Quem quizer dizer doçura,
Diz teu nome de Maria;
Se mais terno o procurasse,
Outro assim não acharia.

[1] Luiz Augusto Palmeirim, já citado.

A Virgem, se os quizesse,
Se outros nomes não teria!
Pois não quiz: tomou teu nome,
Chamou-se a Virgem-Maria.

É que um nome mais perfeito
Do que o nome de Maria,
Não ha no ceu nem na terra,
Nunca Ella o acharia.

O nome de Maria, que foi pela primeira vez dado á irmã de Moysés [1], glorificou-se em Nossa Senhora.

Innocencio XI, em 1684, estabeleceu em todo o mundo catholico a festa do Santissimo Nome de Maria, que se realisa no domingo seguinte ao da Sua Natividade.

Seculos antes, meado o XII, já era conhecida na Europa a pratica devota de honrar o nome de Nossa Senhora pela recitação de cinco psalmos, cujas lettras iniciaes compõem aquelle nome, a saber:

Antiph. Mariæ Nomen

M

Cant. B. M. V., Luc. 1

Magnificat anima mea Dominum.

....

Antiph. A solis ortu.

A

Ps. 119

Ad. Dominum cum tribularer clamavi:

....

Antiph. Refugium est.

R

Ps. 118

Retribue servo tuo, vivifica me: et custodiam sermones tuos.

....

Antiph. In universa terra.

I

Ps. 125

In convertendo Dominus captivitatem Sion, facti sumus sicut consolati.

....

Antiph. Annuntiaverunt.

A

Ps. 122

Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cœlis.

....

Antiph. Annuntiaverunt cœli Nomen Mariæ, et viderunt omnes populi gloriam ejus.

---

[1] *L'excellence de Marie et de sa dévotion*, traduzido do italiano *(Mariologia)* em francez, tom. I.— Tournay, 1841.

Santo Estevam, rei de Hungria, guardava tamanho respeito ao nome da Mãe de Deus, que nem ousava pronuncial-o.

Substituia-o dizendo: a grande Senhora.

Em Portugal dá-se a coincidencia notavel de terem tido o nome de — Maria — as duas unicas rainhas, que subiram ao throno como successoras de seus pais: D. Maria I e D. Maria II.

A primeira princeza extrangeira, que desposou um rei portuguez e teve o nome de Maria, foi a segunda mulher de D. Manuel.

Entre a numerosa prole d'este segundo casamento houve uma filha, que recebeu o nome de Maria, e morreu de tenra idade.

Do terceiro casamento de D. Manuel, com D. Leonor d'Austria, nasceram um filho, que morreu na infancia, e uma filha, que tambem teve o nome de Maria, e foi a illustradissima fundadora de uma academia litteraria, sendo princeza tão erudita como piedosa[1].

Durante a dynastia intrusa dos Filippes e a de Bragança que se lhe seguiu, não poucas rainhas titulares tiveram o nome de Maria, a saber: D. Maria de Portugal, primeira mulher de Filippe I (em Portugal) e D. Maria Tudor, segunda mulher do mesmo rei; D. Maria Anna d'Austria, segunda mulher do III e ultimo Filippe que reinou entre nós; D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Affonso VI e D. Pedro II; D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher de D. Pedro II.

Na epocha actual ha em Portugal duas rainhas, e ambas têm o nome de Maria: D. Maria Pia de Saboya, viuva de elrei D. Luiz I; D. Maria Amelia de Orleans, esposa de D. Carlos I.

Em algumas familias portuguezas, incluindo a de D. José[2] e a de D. João VI[3], acontece repetir-se muitas vezes, na mesma geração, o nome de Maria, variando apenas o sobrenome.

Houve no Porto uma familia que por identico facto era ali geralmente conhecida pela designação de — *Marias da rua de S. Miguel*, visto residir na rua d'este nome.

---

[1] Já lhe fizemos referencia a pag. 132 d'este livro.

[2] Filhas d'elrei D. José I: D. Maria Francisca, que foi rainha; D. Maria Anna; D. Maria Francisca Dorothea e D. Maria Benedicta.

[3] Filhas de D. João VI: D. Maria Thereza, D. Maria Izabel, D. Maria Francisca e D. Maria da Assumpção.

Faz isto lembrar o caso da ilha de Socotará, onde, segundo referem os nossos chronistas, todas as mulheres têm o nome de Maria[1].

Com a differença, porem, de que entre nós o facto é inspirado na devoção á Mãe de Deus, e n'aquella ilha esse nome perde toda a sua poesia christã para significar genericamente «mulher[2]».

Uma das familias nobres de Portugal, mais devotas de Nossa Senhora, é a dos Mendóças, representada hoje pelo duque de Loulé e conde de Azambuja.

O conego Joaquim da Nobrega Cão d'Aboim publicou na capital (1801) uma ode pindarica com o titulo *Jonio em Lisboa*, na qual faz esta referencia:

> *Mendóça*, do alto tronco, estirpe clara
> Dos Val dos Reis, que ao seu valôr egrégio
> Accrescentaram devoção preclara
> A' Santa Ave Maria.

Tambem é costume entre nós ser Nossa Senhora madrinha de creanças de um e outro sexo. No acto do baptismo toca na cabeça do neóphyto a corôa de Nossa Senhora, se é a da Conceição: uma das espadas, se é a das Dôres; uma das graças, se é a do Coração de Maria, etc.[3]

Eu mesmo, que estou escrevendo este livro, escolhi Nossa Senhora para madrinha da minha primeira filha.

Independentemente do facto a que nos referimos, o tratamento de «madrinha» é muitas vezes dado em Portugal á Virgem Santissima como synonymo de protectora.

Assim, diz uma cantiga de Serpa:

> Virgem Mãe de Guadalupe,
> Minha mãe, minha *madrinha*:
> Se meu bem vai ser soldado,
> Oh! que desgraça é a minha!

[1] *Historia da vida do Padre Francisco Xavier*, liv. I, cap. XII; *Itinerario por terra até á ilha de Chypre*, por frei Gaspar de S. Bernardino, cap. IX.

[2] *Itinerario por terra*, etc.; mesmo capitulo.

[3] Em 1889, Abilio Albano de Lima Duque, que é actualmente deputado da nação, publicou um livro intitulado *Musas christãs e flores de crença*, que tem a seguinte dedicatoria: *A' minha excelsa madrinha do baptismo, Maria Santissima Nossa Senhora.*

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

(Esculptura de Machado de Castro)

N'este mesmo sentido era empregado o vocabulo *madrinha* n'uma cantiga politica do tempo de D. Miguel:

> Senhora da Conceição,
> *Madrinha* de D. Miguel.

A madrinha de baptismo de D. Miguel de Bragança era aliás a infanta D. Maria Francisca Benedicta.

Mas, na profunda devoção do nosso povo, Nossa Senhora é *madrinha* tanto dos principes como dos pastores, dos grandes e dos humildes — de todos, emfim.

Lá diz Guerra Junqueiro, nos *Simples:*

Ai ao relento, ai ao relento sonha a boeirinha!...
Cama de violetas!... que lhe fez a Virgem, sua *madrinha*...

Nossos avós, para affastar maleficios, collocavam em todas as portas da habitação lettreiros que diziam: «O' Maria, concebida sem peccado, etc.» [1]

Sempre tem sido costume em Portugal pôr retábulos em azulejo nas fachadas dos predios.

Copia do azulejo da rua do Patrocinio
(Altura 4 a 5 decimetros, largura 3 a 4)

Citaremos alguns, em Lisboa:

Rua do Patrocinio, n.º 43: retábulo de Nossa Senhora da Piedade.

Rua de Santo Antonio á Estrella, n.º 15: retábulo de Nossa Senhora do Rosario.

Travessa do Thorel (ao Campo de Sant'Anna), no palacio que foi dos viscondes da Vargem da Ordem: retábulo em azulejo, representando Nossa Senhora da Atalaya.

A reconstrucção do predio é recente.

Em Algés, arrabalde de Lisboa, a oéste, houve um forte chamado da Conceição, o qual entrava na linha de reductos que protegiam o Tejo.

Ainda hoje, n'um palacete proximo á linha ferrea, se vê

[1] Conde de Sabugosa, artigo publicado no *Diario de Noticias* de 16 de março de 1900.

uma imagem, em pedra, de Nossa Senhora da Conceição, dentro de um nicho aberto na frontaria do edificio.

Desappareceu o forte, que ficava junto á quinta das Romeiras, mas conserva-se n'aquelle arrabalde um vestigio patente do culto da Conceição: é a imagem a que nos referimos.

Existe entre o nosso povo a crença de que Nossa Senhora responde ás cartas de petição que são dirigidas ás Suas imagens.

Diz uma das cantigas populares á Senhora das Preces em Culcurinho, na Beira:

> Virgem Senhora das Preces,
> A quem dou a carta a lêr.

Posta a carta ao sopé da imagem, Nossa Senhora toma conhecimento d'ella e, inteirada do seu contheudo, a despacha deferindo como Lhe é requerido.

A maior parte das cartas são depostas pelas raparigas, e versam assumptos do coração: são memoriaes para a realisação de um casamento desejado.

Sem embargo outras pessoas recorrem ao mesmo meio por motivos diversos.

A resposta ou vem implicita no facto que se peticionava ou é escripta e apparece sobre o mesmo altar em que a carta foi deposta.

Assim, na *Vida de Simão Gomes*, o sapateiro santo, se conta que estando elle em Setubal, pedira com viva instancia a Nossa Senhora da Annunciada que lhe desse novas de seu pai, vivo ou morto: e que ao cabo de trez dias apparecera no altar uma carta fechada, que elle tomou na mão e deu a lêr.

O que na carta se continha era a resposta ás suas supplicas: a noticia de que o pai estava vivo.

«E o que faz o caso mais notavel é — diz o padre Manoel da Veiga — que antes de Simão ter visto a carta, nem saber d'ella, um homem, que a achou no altar, a tomou na mão, e tentando ler o sobrescripto, lhe sobreveio tão grande tremor de braços, e corpo, que a largou com mais pressa do que a tomára, e foi a Simão, que estava rezando em requerimento da sua petição, e disse: «Irmão, chamam-vos a vós

Simão?» E respondendo sim, o avisou que fosse ao altar da Virgem Nossa Senhora, e acharia uma carta, que tinha o sobrescripto para elle, contando-lhe juntamente o que com a carta lhe tinha acontecido».

———

Em algumas ruas de Lisboa acontece que o seu nome actual não parece ligar-se com o culto de Nossa Senhora, e comtudo existe uma correlação historica, como se dá na rua *do Alecrim*.

Uma dama da ilha de S. Miguel, chamada D. Anna de Vilhena (seculo XVII), vindo para Lisboa trouxe uma imagem de Nossa Senhora, que não tinha ainda invocação alguma.

Certo dia um filho d'aquella dama, fingindo andar em peditorio como usam as creanças, lembrou-se de dizer: «Esmola para Nossa Senhora do Alecrim.»

D'aqui nasceu casualmente a invocação.

D. Anna de Vilhena fundou, para aquella imagem, uma ermida na rua que teve antes outros nomes e que desde então se ficou chamando do Alecrim.

A ermida foi arrasada pelo terremoto.

———

Em todos os tempos tem sido vulgar no nosso paiz o uso de trazer pendente sobre o peito algum escapulario de Nossa Senhora.

A muitos casos prodigiosos tem dado origem este devoto costume. Já referimos um. Referiremos agora outro:

«Sendo Coronel do Regimento de Moura Luiz da Silva Tello, Conde de Aveiras, foi mandado marchar no anno de 1706 para a expugnação da Praça de Alcantara, e com tal pressa, que lhe não foi possivel tomar posse do juizado da Irmandade, que os Soldados ali têm de Nossa Senhora do Carmo: porém por se não atrever a ir sem o santo Escapulario, o pedio ao Padre Fr. Thomás de Santo Elias, Carmelita calçado, e Capellão do seu Regimento: o qual tirando-o do pescoço lho deitou. Recebeo-o o Conde com grande reverencia, e fé. Partio para a campanha, e dando-lhe huma bala de mosquete no peito, a violencia o fez cahir em terra. Tendo-o todos por morto, acudírão a certificarse da verdade, testemunhárão com admiração, e gosto, que a bala lhe tinha passado a farda, e cortado o Escapulario, deixando o Conde sem mais molestia, que hum leve sinal no peito para

verificar o prodigio; desceo a bala até á cintura, onde a achou derretida em huma pasta de chumbo, a qual levou para o Convento do Carmo da Villa de Moura, onde fez huma sumptuosa Festa em acção de graças á santissima Virgem, e a depositou nas suas misericordiosas mãos, para memoria eterna da sua obrigação.»

Epitome Mariano, pag. 373.

Em algumas obras impressas em Portugal se accrescentou ao *Laus Deo* final, *Virginisque Matri*, como se pode vêr no fim do 1.º tomo da *Corografia portugueza*, do padre Carvalho.

Por occasião dos cyrios da Atalaya crê o povo da Extremadura que, sob a influição da Virgem Santissima, têm condão especial as «camarinhas» colhidas nos arredores do santuario.

«Na madrugada da *festa grande*, que costuma ser a madrugada do ultimo domingo de agosto, quando a alvura das casas começa a sahir da sombra, o sol nascente córa de laivos róseos as nebulosidades humidas da manhã e doura ao de leve o cimo dos pinhaes, vão os romeiros, guiados pelo retumtum das phylarmonicas, lavar o rosto a uma fontinha proxima.

«Depois, alguns intrepidos pesquizadores vão pelos campos á volta, ás vezes bem longe, porque a planta não é muito vulgar, colhêr as camarinhas (Empetrum album). Parece que só teem *virtude*, colhidas assim [1]».

No velho burgo portuense os bispos punham as chaves da cidade sobre o altar de Nossa Senhora, na Sé, quando o rei, senhor suzerano, visitava a cidade, reconhecendo assim ambos, rei e bispo, que dentro d'aquelles muros do burgo havia um poder mais alto que o de um e outro: o poder de Nossa Senhora, padroeira do Porto.

Garrett aproveitou este antigo costume para urdir uma das scenas mais energicas e bellas do *Arco de Sant'Anna* (cap. XXXVI, 2.º vol.).

---

[1] *Botanica popular*, artigo de D. Sophia da Silva (*A Tradição*, n.º 7, 1.º anno).

Ha no Porto uma capella de Nossa Senhora das Verdades, junto ás Escadas d'este nome, á qual se dirigem as pessoas que *andam ás vozes*, isto é, as pessoas que se propõem, em algum lance afflictivo de sua existencia, tirar agoiro das palavras que vão escutando quando propositadamente se encaminham para aquelle templosinho em silenciosa romagem [1].

Throno da egreja de S. Luiz, rei de França, em Lisboa, durante a devoção do Mez de Maria (Pag. 366)

Como se vê de escripturas antigas, *Santa Maria d'agosto* (Assumpção) era entre nós um dos dias do anno em que os rendeiros e caseiros costumavam pagar suas pensões.

Em todas as casas professas de Portugal havia alguma Imagem de Nossa Senhora que merecia especial devoção á respectiva communidade. Se o convento era de freiras, á porfia Lhe dispensavam grandes desvelos e cuidados, renovando no altar as flores naturaes; fazendo ramos artificiaes e dispondo-os com galanteria; vestindo a Imagem com lindas roupagens bordadas; varrendo por suas proprias mãos a capella, engommando as toalhas e os véos, etc.

Tambem por homenagem a Nossa Senhora costumavam as freiras adoptar, no acto da profissão ou depois, alguma das invocações da Virgem como nome e sobrenome por que ficavam sendo tratadas no convento.

Darei um exemplo entre mil que poderiam citar-se. Uma freira malteza de Estremoz, Izabel Joanna de Santa Rosa, mudou de nome em 1740, por devoção á Senhora do Carmo, passando a chamar-se Maria do Menino Jesus.

No claustro da Sé de Braga, chamado de Santo Amaro e tambem de S. Geraldo, ha a capella de Nossa Senhora da Boa Memoria. Tem confraria, erecta no anno de 1634, que é dos estudantes conimbricenses.

---

[1] Na *Tradição* (1.º anno, pag. 85 e 101) o nosso artigo *Andar ás vozes.*

Imp. de Libanio da Silva

A VIRGEM CONSOLADORA

Quadro de W. Bouguereau, existente no Museu do Luxemburgo em Pariz.

A Imagem representa a Virgem com o Menino ao collo. Dois anjos poisam sobre a cabeça da Senhora a corôa real. O Menino tem uma corôa identica.

Esta Imagem é a protectora dos academicos de Coimbra, para os esclarecer e guiar em seus estudos.

O nosso povo emprega muitas vezes a locução — boa memoria — como synonyma de — intelligencia. Todos nós teremos ouvido dizer um camponez a qualquer estudantinho: Deus lhe dê *boa memoria.*

Em algumas terras do paiz era costume rezar o povo, pelas ruas, o Terço de Nossa Senhora, ao fim da tarde ou á noite.

Em Braga havia dois Terços: o de Nossa Senhora das Dores, que sahia ás 6 horas da tarde, da egreja de S. Pedro de Maximinos; e o de Nossa Senhora da Torre, que sahia todos os sabbados.

O culto d'esta ultima Senhora foi estimulado em Braga (1755) pelos alumnos do padre Caetano de Almeida, que era jesuita e professor de philosophia, os quaes não só promoveram uma grande festividade e a organisação de uma confraria, a que em outro logar nos referimos, mas tambem compuzeram varias poesias em louvor da mesma Senhora.

Em muitos tumulos antigos se encontra gravada a saudação angelica, indicada pelas suas primeiras palavras.

Em alguns, como no de Ruy Pires Alfageme, descoberto ha annos em Evora n'uma parede do claustro do convento de S. Francisco, acham-se esculpturadas varias passagens da vida de Maria Santissima.

O baixo-relevo d'aquelle tumulo representa a Annunciação.

O rico báculo dos arcebispos de Evora, de prata doirada e em estylo gothico, tem dentro da voluta, que fórma a parte superior da haste, a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, sobre uma peanha de folhagens. Toda esta peça é guarnecida de amethistas, esmeraldas, chrisolitas, etc.

Filippe Simões julga que este báculo é obra do seculo XVI, talvez reinado de D. João III.

Julio de Castilho traz, na *Lisboa antiga*[1], uma interessante noticia relativa ás *Madonnas* portuguezas.

Refere-se em primeiro logar á que é orago da egreja da Encarnação e que foi esculpida em cedro por Joaquim Machado de Castro.

Castilho descreve-a assim:

«Posso affirmar que me pareceu uma linda estatua; notei o harmonioso (um pouco vulgar talvez) dos panejamentos; o modelado das mãos comprimidas sobre o peito; o sentido e leve dos pés nus, que, segundo as regras da arte, não são escondidos; a magestade maternal e virginea ao mesmo tempo; o immaculado esplendor d'aquella fronte, illuminada de um sorriso feminino e divinal; a castidade da sua posição concentrada e extatica. É uma mulher em todo o viço da forma, e parece que não pesa sobre o pequenino pedestal onde assenta».

Depois refere-se ás *Madonnas* do *cacho* da Torre de Belem, do Restello e da Batalha, dizendo que estas e outras Imagens antigas tinham sempre o que quer que fosse de rainhas.

Em Braga ha um templo e Imagem de Nossa Senhora com a invocação de — Senhora a Branca. Foi o arcebispo D. Diogo de Sousa, que, tendo tomado em Roma grande devoção a Nossa Senhora das Neves, *Santa Maria ad Nives* (veja-se pag. 183 d'este livro) poz á Imagem bracharense, cuja ermida mandou reedificar, aquella invocação.

Antes a Senhora era denominada por uns — Senhora da Carreira; por outros — Senhora *das Neves*.

Ha tambem em Braga outra Senhora, cuja invocação e culto vieram de Roma. É Nossa Senhora do Pópulo, em honra da qual o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, secundando a devoção que vira consagrar em Roma no convento de Santo Agostinho, situado na *via Flamina*, á Imagem da Senhora do Pópulo (que é tradição constante ter sido pintada por S. Lucas) mandára edificar um templo e collegio na séde do seu arcebispado.

«A freguezia de Nossa Senhora do Monte, ao norte do Funchal, teve origem na grande fazenda povoada, instituida

[1] Vol. I, pag. 19 e seguintes.

cêrca de 1470 por Adão Gonçalves Ferreira, que dizem ter sido o primeiro homem nascido na ilha da Madeira, e por isso chamado Adão. Este fundou uma capella d'aquella invocação, erecta em parochia por alvará de el-rei D. Sebastião, de 7 de março de 1565. Em 1742 foi reedificada a egreja e mandado fazer o adro lageado em frente do templo. Da mesma epoca serão as grandes escadarias em dois lanços que vem ao pé da estrada. Este santuario é talvez o de maior devoção em toda a ilha. Por occasião da festa da Assumpção, 15 de agosto, celebra-se na egreja parochial uma novena solemne, cada dia da qual é distribuido a um devoto que se esmera em festejar com a maior pompa e apparato a Virgem do Monte. O dia da festa principal attrae milhares de romeiros dos pontos mais distantes e tão grande é a concorrencia que em 1893 se construiu um ascensor, caminho de ferro de rodas dentadas, que tem dado bons lucros. A Senhora do Monte é invocada a miudo pelos madeirenses, e as esmolas, as promessas e as offertas enriquecem constantemente a egreja. Não é raro vêr devotos e devotas subindo de joelhos a vasta escadaria, trazendo nas mãos cirios accesos que vão collocar junto da Imagem. A vista que se gosa do adro é das mais bellas do mundo. Rodêa o templo arvoredo magnifico; uma fonte fresquissima rebenta a pouca distancia, e ao pé da montanha estende-se a cidade do Funchal, destacando a casaria entre as vinhas e os cannaviaes de assucar. Jardins e quintas, onde se admiram as mais bellas flores de todas as partes do mundo, tornam o sitio do Monte um dos mais aprazíveis da ilha, que bem merece o nome de Flôr do Oceano; «a grande ilha da Madeira, pelo muito arvoredo assim chamada», como diz o grande Camões. A devoção á Senhora do Monte é antiga e no meado do seculo XVII as senhoras principaes da ilha caprichavam em fazer a festa da Virgem com o maior esplendor».

Devo esta interessante nota ao favor do sr. conselheiro Agostinho de Ornellas, madeirense illustre.

As raparigas do povo costumam prometter a Nossa Senhora a trança do cabello, se escaparem d'alguma enfermidade grande ou desgosto amoroso.

A este costume se refere Guerra Junqueiro quando diz nos *Simples:*

E por isso ex-votos, que relembram dores,
Cobrem de ternura todo o seu altar:
Bustos de meninos, mãos de cavadores,
Tranças de donzellas, soluçando amores...

Tambem lhe fez referencia Simões Dias [1] quando põe na bôcca de uma donzella este voto a Nossa Senhora do Monte:

N'esta noite amargurada
Todos dormem, só eu velo!
Amanhã virei trazer-vos
As *tranças do meu cabello*.

No Porto é costume as mulheres irem amortalhadas para a sepultura com o habito de algumas das invocações de Nossa Senhora.

A este costume allude Antonio Nobre [2], quando diz na 2.ª edição do *Só*:

Calçou as sandalias, toucou se de flores,
Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores:

«Vou ali adiante, á *Cova*, em berlinda,
«Antonio, e já volto...» E não voltou ainda!

A sr.ª marqueza de Monfalim e de Terena, illustre dama portuense, tão illustre por suas virtudes como por seu nascimento, tendo fallecido em Lisboa a 30 de junho de 1900, foi para a sepultura (jazigo da familia Palmella) com o habito de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Nas provincias do norte, por occasião das procissões de Passos, o andor do Senhor e o andor de Nossa Senhora das Dores encontram-se n'um determinado ponto do transito.

E' o que se chama o *Encontro*. E o sermão prégado, ao ar livre, n'esse local, chama-se «do Encontro». O prégador recorda a angustia da Mãe Santissima ao vêr seu filho vergado sob o peso da cruz.

---

[1] Nacionalissimo poeta portuguez, nascido em Bemfeita, concelho de Arganil, a 5 de fevereiro de 1844, e fallecido em Lisboa a 3 de março de 1899.

[2] Um dos mais notaveis poetas da geração moderna, sepultado no Porto a 19 de março de 1900.

A piedade dos ouvintes enternece-se por via de regra até ás lagrimas.

No Porto, a procissão do enterro, que sai em sexta feira santa, é precedida de outra, que sai na terça-feira anterior, á noite.

Dizia *A Provincia* de segunda-feira 9 de abril d'este anno (1900):

«Ámanhã á noite é conduzida processionalmente, da igreja dos Extinctos Franciscanos para a de Santa Clara, no seu andor, encerrada, a imagem da Senhora da Soledade, que tem de figurar na procissão do Enterro, em sexta-feira Maior.

«O cortejo, depois de entrar na igreja dos Congregados, onde se canta o *Stabat Mater*, desfila pela praça de Almeida Garrett, ruas do Loureiro e Chã e avenida Saraiva de Carvalho, recolhendo á igreja de Santa Clara, onde será cantado tambem o *Stabat Mater*».

Na sexta-feira santa a procissão, com o andor da Senhora da Soledade e o esquife do Senhor Morto, sai de Santa Clara para S. Francisco.

No Minho, por occasião de alguma calamidade publica, tal como uma prolongada estiagem, é costume encorporarem-se parochias inteiras em peregrinação, a que lá chamam *clamor*, a qualquer santuario de Nossa Senhora.

Um d'estes santuarios, muito frequentado n'essas occasiões, é o de Nossa Senhora do Bom Despacho, de Cervães, concelho de Villa Verde.

Esta imagem, ouvindo o *clamor* dos povos, attende-o com o «bom despacho» da sua mesma invocação.

O auctor da monographia, que trata do santuario de Cervães [1], diz que não poucas vezes, em epocas de estiagem, quando os peregrinos retiram, já cai chuva.

Fazem-se duas romarias annualmente a este santuario: uma no dia da Ascenção, em honra de Nossa Senhora do

---

[1] Padre J. J. da Silva Bacellar, *Apontamentos historicos do sanctuario de Nossa Senhora do Bom Despacho em Cervães, concelho de Villa Verde.* — Braga, 1898.

Bom Despacho, e outra na segunda-feira do Espirito Santo, em honra de Nossa Senhora das Dores.

Na freguezia de Santa Maria de Antime, ao sul de Fafe, a imagem da Virgem, que ali se venera sob aquella invocação, é tambem chamada *Senhora do Sol*, porque a Ella dirigem suas supplicas para implorar bom tempo.

Os rapazes que pegam ao andor *(charola)* d'esta Senhora, serão bem succedidos nos seus casamentos.

Os habitantes de Foscôa, quando as seáras pedem agua, invocam o auxilio de Nossa Senhora pelo modo seguinte:

Juntam-se nove donzellas, que devem chamar-se *Marias*, convocadas por outros tantos rapazes que devem chamar-se *Manoeis*, e vão em procissão a um sitio denominado Lameira de Azinhate, e ali voltam de baixo para cima uma grande pia de pedra, que pesará umas trinta arrobas, ou mais.

O povo da Lourinhã, quando ha estiagem prolongada, e portanto prejuizo para as suas terras, vai buscar a Imagem de Nossa Senhora da Piedade, cujo santuario está situado na aldeia da Ribeira dos Palheiros, junto á estrada real, e processionalmente a conduz á egreja matriz da villa, onde a demora e lhe faz uma novena, que termina por uma grande festa.

A origem d'esta devoção foi uma terrivel sécca, que arrastou como consequencia a fome. Os povos apegaram-se com aquella Imagem, trouxeram-n'a do Seu santuario para a matriz e emquanto durava a novena, que então fizeram pela primeira vez, cahia uma chuva benefica, a qual cessava logo que a novena acabava.

Em toda a provincia do Algarve tem a Mãe de Deus devotissimo culto.

Alem da lenda de Nossa Senhora dos Martyres de Castromarim (pag. 38), outras ha que foram recolhidas por Estacio da Veiga no seu *Romanceiro do Algarve*, taes como: da Senhora da Piedade, da Senhora da Ourada, da Senhora das Angustias, etc.

Com respeito á Senhora da Rocha, de que fallamos a pag. 177, cuja capellinha fica na extremidade meridional da freguezia de Porches, diremos ainda que não póde ser mais bello o local em que está situada.

Nossa Senhora da Rocha no Algarve (Pag. 177)

Assim o reconhecemos por uma photographia, que nos enviou o respectivo parocho.

Assenta sobre um rochedo, que sobe á altura de trinta metros acima das marés ordinarias, e que parece um navio petrificado.

A capellinha é de forma hexagonal, rematando em pyramide.

Não se lhe conhece a data da fundação, e consta ter sido antigamente cemiterio.

Realisa-se a romaria no 1.º domingo de agosto; acodem ali muitos devotos, até do Alemtejo.

Possue este santuario uma cisterna, cuja agua, alem de refrescar os romeiros, lhes inspira fé.

Entre os innumeraveis livros que, escriptos por portuguezes, têm por assumpto Nossa Senhora, muitos ha que são raros, e um d'elles é rarissimo.

Refiro-me á *Vida da Santissima Virgem Maria, mãe de Deus, senhora nossa*, escripta na lingua dos abexins pelo missionario Antonio Fernandes, traduzida em vulgar por D. Affonso Mendes, patriarcha da Ethiopia, e impressa em Gôa, no anno 1652.

Innocencio soube da existencia de dois exemplares, mas nunca viu nenhum. No catalogo do livreiro Pereira da Silva *(Frade)* vinha marcado por 50$000 réis um exemplar, que foi vendido para o Brazil, a um certo biblióphilo, de appellido Fonseca.

Principiei a organisar uma bibliographia mariana para incluil-a n'este livro; mas desisti do intento por me capacitar de que nunca poderia fazel-a completa, nem compativel com as dimensões de um unico tomo.

Rapidissima resenha de esculptores e pintores portuguezes, ou como taes considerados, que se inspiraram na vida de Maria Santissima:

Diogo Pires, o velho (Seculo XV). — Chamado o velho para o distinguir do filho, que teve o mesmo nome e a mesma profissão. Foi esculptor de imagens, santeiro como ainda diz hoje o nosso povo, ou *inmaginador* como se dizia na sua epoca. Viveu no tempo de D. Affonso V e residiu em Coimbra. Aquelle rei, pouco antes de morrer, encommendou-lhe uma imagem de Nossa Senhora, de que fez presente ao convento da Conceição de Leça, que já não existe. A imagem conserva-se, porém, na egreja matriz de Leça da Palmeira.

Affonso Sanches Coelho (Seculo XVI). — Este famoso pintor nasceu em Portugal no anno de 1515.

No Escurial conservam-se preciosos quadros d'este auctor, mas o que mais se faz ali recommendar é o painel de *S. Sebastião*, que está na capella de S. Jeronymo, á mão direita entrando pela porta principal, e tem ao lado direito o *Salvador*, ao esquerdo *Maria Santissima*, mais abaixo *S. Bernardo* e *S. Francisco*, e em cima o *Padre Eterno*.

Braz de Avellar (Seculo XVI). — Este pintor floresceu pelos annos de 1510, e pintou os quadros da *Purificação*, da *Fugida para o Egypto*, e o da *Annunciação*, que já não existem.

Frei Carlos (Seculo XVI). — Foi um dos bons pintores do seu tempo.

No altar da sachristia do mosteiro do Espinheiro foi collocada uma *Annunciação*, de muito merecimento.

No mosteiro de Belem, sobre o altar da Casa dos Reis, um quadro representando a *SS. Virgem com o Menino*, *Santa Maria Magdalena* e *S. Jeronymo vestido de cardeal*.

Fernão Gomes (Seculo XVI). — Floresceu no reinado de D. Manuel.

No mosteiro de Belem e na capella fronteira á capella collateral da parte do Evangelho, existiam d'este pintor dois quadros da *Annunciação* e *Sant'Anna*.

No claustro, em uma das capellas que estão no vão da parede, um quadro da *Assumpção da Senhora*, e fronteiro a este, em outra capella, um quadro da *Annunciação*.

Gran-Vasco ou Vasco Fernandes (Seculo XVI). — Sobre este pintor muito se tem discutido.

O sr. Maximiano d'Aragão diz que descobriu documentos comprovativos de que elle exerceu a sua arte em Vizeu desde 1512 a 1542.

São tão numerosos os quadros gothicos, pintados em madeira e a elle attribuidos, que se suppõe que não fossem obra de um só homem, mas de um grupo de artistas constituindo escola.

Os «Grão-Vascos» são assumptos sacros, muitos d'elles relativos á vida e gloria da Virgem Santissima.

Oito quadros de singular belleza, que possuiu em tempo o marquez de Valença, representavam a *Vida de Nossa Senhora*.

Na egreja de Nossa Senhora do Paraizo, os *Desposorios de Nossa*

Senhora, a *Annunciação*, *Visitação*, o *Nascimento*, *Circumcisão*, *Adoração dos Reis*, *Fugida para o Egypto*, etc.

No convento de Thomar dois quadros: a *Ascensão* e a *Soledade de Nossa Senhora.*

No convento de S. Francisco, em Evora, uma *Senhora da Conceição*, com bellissimos grupos de anjos tocando e cantando.

Na egreja de Jesus, em Setubal, a *Annunciação*, o *Nascimento*, a *Adoração dos Reis*, a *Assumpção*, etc.

Amaro do Valle (Seculo XVII).—Foi este pintor de gosto delicadissimo, e muito estimado no seu tempo pelas excellentes obras com que se distinguiu.

No mosteiro de Belem, sobre a mesa travessa da parte principal do refeitorio, foi mettido na parede, a pequena altura, um quadro seu representando o *Nascimento do Salvador*, quadro que alguns attribuem, parece que sem fundamento, a Simões Rodrigues.

André Reinoso (Seculo XVII).— Celebre pintor portuguez, a quem se attribuem a *Adoração dos Magos* e a *Natividade*, que estão nas capellas da egreja de S. Roque.

Bento Coelho da Silveira (Seculo XVII).— Natural de Lisboa. A maior parte das egrejas antigas de Lisboa, na phrase de um nosso escriptor, estão cheias de quadros d'este grande mestre.

Nas *Memorias do descobrimento das reliquias da egreja de S. Roque* attribuem-se lhe os dois quadros que se encontram na primeira capella á direita da entrada: um representando *Jesus apparecendo á Virgem*, e outro a *Ascensão*.

Claudio Coelho (Seculo XVII).— Famoso pintor portuguez. O primeiro quadro que poz em publico foi o da *Encarnação*, que se acha no altar-mór da egreja dos Religiosos em Madrid.

Na egreja de Santa Gertrudes, tambem em Madrid, ha quadros seus que representam o *Nascimento do Salvador* e a *Apresentação*.

Domingos da Cunha (Seculo XVII).— Nasceu em Lisboa no anno de 1598.

Aos trinta e quatro annos tomou a roupeta de jesuita no Noviciado de Lisboa, e, se os quadros que havia de sua mão n'esta casa tivessem escapado ao fatal incendio do terremoto de 1755, possuiriamos hoje provas decisivas do seu relevante merecimento, que só conhecemos por tradição. Ali eram tidos em grande estimação mais de cincoenta paineis, em que havia pintado a *Vida de Nossa Senhora*, etc.

José d'Avellar Rebello (Seculo XVII).— No meado do seculo XVII foi encarregado de pintar os setenta e dois quadros que serviram de adorno á antiga egreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, nos quaes estava historiada toda a *Vida de Jesus Christo* desde a *Annunciação* até á vinda do *Espirito Santo*.

D'este pintor diz Felix da Costa: «Sem mestre, e só por genio superior, graça particular, e muito exercicio, foi capaz de pintar o *Menino entre os Doutores*, que está em S. Roque, e outros bons paineis que lhe mereceram um habito de Aviz».

Josepha de Ayala (Seculo XVII).— Vulgarmente chamada Josepha de Obidos; nasceu em Sevilha no anno de 1634.

Manifestou uma vocação notavel para a pintura e para a gravura em metal, no genero chamado de *pontinho*.

Na egreja do Varatojo deve conservar-se uma excellente *Nossa Senhora das Dores*, que se lhe attribue, e um *Menino Jesus*.

Manuel de Castro (Seculo XVII). — Nasceu em Portugal e foi discipulo de Claudio Coelho.

Em Madrid, no cruzeiro da egreja da Trindade, estão dois grandes quadros d'este pintor, os quaes representam a *Santa Virgem* acompanhada de anjos cantando em côro, e a *Redempção dos captivos com Nossa Senhora em cima na gloria*.

Foi declarado pintor de Carlos 2.º em agosto de 1698.

Maria da Cruz (Seculo XVII). — Foi dotada de grande propensão para a pintura.

Na capella do Desterro, que mandou erigir á sua custa no claustro do convento da mesma invocação, collocou o quadro de *Nossa Senhora*, e o de *S. José*, e ella mesma dourou o retábulo da referida capella.

Morreu em 1619.

Maria Guadalupe Lencastre e Cardenas (Seculo XVII). — Nasceu em Azeitão no anno de 1630.

D'esta pintora menciona-se no *Santuario Mariano* um quadro, em madeira, de *Nossa Senhora da Piedade*, que se conservava então no convento de Nossa Senhora da Conceição em Marvilla.

Abbade Apparicio (Seculo XVIII). — Era natural de Villa Franca.

Cultivou a pintura como amador, e foi notavel artista na opinião dos entendidos que lhe viram as obras.

O painel da *Sagrada Familia*, copia de Raphael, painel que está na egreja das Necessidades, é trabalho seu.

Morreu em 1787.

André Gonçalves (Seculo XVIII). — Nasceu em Lisboa no anno de 1692.

Deixou grande numero de quadros nas egrejas da capital.

Pintou no tecto da sachristia da egreja da Madre de Deus a *Assumpção de Nossa Senhora acompanhada dos Apostolos*.

Na empena da capella-mór da mesma egreja, um quadro seu representa a *Coroação da Santa Virgem*.

Antonio Ferreira (Seculo XVIII). — Esculptor portuguez muito apreciado pelos entendedores. Fez em *terra solta* grupos e figuras isoladas, que os extrangeiros muito procuravam.

Mencionaremos, entre as suas obras, o bello presepio da Cartuxa de Lameiras, que foi destruido; o da Madre de Deus, e o da egreja parochial do Coração de Jesus.

Antonio Joaquim Padrão (Seculo XVIII). — Entre outros quadros, pintou o de *Nossa Senhora do Carmo* para a capella do arcebispo d'Adrianopoli; o da chamada «competencia», porque o fez n'uma especie de concurso com o pintor Rocha, quadro que representa a *Annunciação de Nossa Senhora* feita pela estampa de Baroccio.

Este quadro estava na galeria do marquez de Borba.

Bruno José do Valle (Seculo XVIII). — Quadros seus: na capella-mór da Trindade; o da *Sagrada Familia* na sachristia de Santo Antonio da Sé; e os da *Piedade* e *S. Miguel* na Conceição dos Freires.

Diogo Magina (Seculo XVIII). — Nasceu em Tavira no anno de 1766.

Esteve em Sevilha e estudou n'aquella cidade pelos quadros de Murillo.

Pintou os paineis da *Vida de Nossa Senhora*, que estavam sobre as capellas na Penha de França.

Faustino José Rodrigues (Seculo XVIII).— Nasceu em Lisboa em 1760.

De todos os discipulos de Machado de Castro era o que este insigne professor mais estimava.

Além d'outras imagens que compoz e executou para o marquez de Borba, citaremos a *Gloria*, os *Pastores na Adoração* e um bellissimo grupo no presepio da casa d'este titular.

Felisberto Antonio Botelho (Seculo XVIII).— Nasceu em Lisboa no anno de 1760.

Deixou numerosos quadros nas egrejas da capital.

Entre elles mencionaremos: o da *Conceição* para uma ermida nas Praias; a *Senhora de Monserrate*; *Santo Antonio* para outra ermida em Almada; e a *Senhora das Dores* para uma pequena egreja.

Francisco Pinto Pereira (Seculo XVIII).— Segundo Machado, pintou alguns quadros para a egreja do Senhor do Bomfim, em Setubal; e, tambem, o quadro de *Jesus Maria José* para a egreja do Coração de Jesus.

Morreu em 1752.

Francisco de Setubal (Seculo XVIII).— Nasceu em Valença do Minho no anno de 1747.

Era conhecido por Francisco de Setubal, porque viveu alguns annos n'aquella villa (hoje cidade). O seu nome era Francisco José.

Além d'outros quadros, pintou o de *Nossa Senhora da Conceição* n'uma capella interior na Trindade, e no claustro de S. Francisco outra *Nossa Senhora*, tambem em capella.

Francisco Vieira Lusitano (Seculo XVIII).— A nossa capital possue muitas e bellas pinturas de sua mão.

Na antiga casa dos condes de Assumar conservavam-se varios quadros d'este pintor, entre elles, por mais singular, o da *Sacra Familia*.

Em Mafra, na capella dos sete altares, outra *Sacra Familia* em grande painel.

Falleceu em 1783.

Francisco Vieira Portuense (Seculo XVIII).— Nasceu na cidade do Porto em maio de 1765.

Em Londres, para obsequiar o ministro de Portugal n'aquella côrte, conde das Galveias, compoz um primoroso quadro de *Nossa Senhora da Piedade* ou do *Descimento da Cruz*, quadro que se encontra hoje no oratorio do Paço das Necessidades.

Tambem na capella da Ordem Terceira de S. Francisco, no Porto, ha quatro quadros de Vieira, representando: *Santa Margarida* confessando-se em artigo de morte a um frade franciscano; *Nossa Senhora da Conceição*; *Santa Izabel* distribuindo esmolas; e *S. Luiz rei de França*, em oração.

Ignacio de Oliveira (Seculo XVIII).— Filho do celebre pintor Antonio de Oliveira.

Estudou em Roma na Escola de Benedito Luti.

Entre outros quadros seus encontram-se na egreja de S. Francisco de Paula, da parte do Evangelho, um *S José* e *Nossa Senhora com o Menino;* e na capella do Sacramento a *SS. Virgem coroada pelos Anjos.*

Morreu em 1781.

João Pedro Volkmar (Seculo XVIII).—Nasceu em Lisboa no anno de 1772.

Seu pae era allemão, filho de paes lutheranos, mas João Pedro inclinava-se muito á religião catholica, e, segundo diz seu sobrinho na *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores:* «Tendo visto no seu quarto um raio de luz e uma imagem que se lhe representou ser de Nossa Senhora, deixou a casa paterna e foi viajar para se fazer catholico».

João dos Santos Ala (Seculo XVIII). - Foi discipulo de André Gonçalves e floresceu na primeira metade do seculo XVIII.

Havia d'este pintor, n'uma das capellas do claustro de S. Domingos, os paineis do *Rosario* que costumavam sahir em procissão.

Pintou tambem o quadro do tecto da egreja das commendadeiras da Encarnação, e dois da *Vida de Nossa Senhora,* na egreja de Jesus.

Joanna do Salitre (Seculo XVIII).—Assim chamavam a uma pintora lisbonense, que morava no Salitre. O seu verdadeiro nome era D. Joanna Ignacia.

Diz Cyrillo que o seu estylo, sem ser bom, era toleravel.

Entre outros, deixou, na egreja da Conceição Velha, o painel da *Senhora da Pureza,* pintado em 1770.

Joaquim José Rasquinho (Seculo XVIII).—Pintor algarvio. Vivia em Faro pelos annos de 1811. É d'elle um quadro da *Virgem Immaculada* na egreja da Conceição de Loulé.

Joaquim Machado de Castro (Seculo XVIII).—Nasceu em Coimbra no anno de 1721.

Toda a esculptura da basilica do Coração de Jesus é de Machado de Castro.

Em 1807 fez a *Senhora da Encarnação* para a egreja d'esta invocação. (Veja-se o que dizemos n'este mesmo capitulo a respeito das *Madonnas* portuguezas).

Entre as suas numerosas obras, merece um distincto logar o presepio do beneficiado Oliveira, que este doou á Patriarchal.

Joaquim Manuel da Rocha (Seculo XVIII).—Nasceu em Lisboa em 1730.

Conservavam-se muitos quadros d'este pintor em diversas egrejas e galerias.

Citaremos, entre outros, o de *Nossa Senhora da Conceição* na sachristia da ermida de Nossa Senhora do Monte, e no convento dos Religiosos Paulistas uma *Conceição,* tambem na sachristia.

José d'Almeida (Seculo XVIII).—Nasceu nos principios do seculo XVIII.

Entre as suas esculpturas, que foram numerosas, citam-se as Imagens de *Nossa Senhora* e *S. José* para a egreja de S. Francisco de Xabregas.

José da Costa Negreiros (Seculo XVIII).—Nasceu em 1714.

Pintou o painel da *Conceição* para o Thesouro, outro para o Senado, um terceiro para a Fundição, e uma *Sant'Anna* para o oratorio d'este estabelecimento.

É tambem sua a *Senhora da Piedade* que está em uma das capellas da Sé, outra na ermida do Resgate, e a *Imagem do Santo Christo* na casa do despacho do Menino de Deus.

Luiz Gonçalves de Sena (Seculo XVIII).— Nasceu no anno de 1713 em Santarem

Pintou principalmente para algumas egrejas d'aquella cidade

Em tempo o desembargador Domingos Ferreira conservava em muita estima um quadro da *Conceição,* do seu pincel.

Manuel (Fr.) Teixeira (Seculo XVIII).— Entre as obras de barro, mereceu certa importancia a que fez no seu convento da Trindade, em Santarem, e que ere o retábulo de uma capella representando a *SS. Trindade, Nossa Senhora, S. José,* e outros patriarchas; tudo muito bem executado.

Maria (D.) Anna, infanta de Portugal, segunda filha de el-rei D. José.

Collaborou com sua irmã, D. Maria Francisca Benedicta (princeza da Beira) no painel do *Coração de Maria,* existente na basilica da Estrella.

Miguel Antonio do Amaral (Seculo XVIII).— Era natural de Castello Branco. Fez em Lisboa grande quantidade de retratos, que lhe deram para viver com certo fausto.

Pedro Alexandrino refere-se a alguns quadros d'este pintor, os quaes estavam no cruzeiro de Belem: o *Maná,* os *Triumphos de Nossa Senhora, Santissimo Sacramento,* e outros.

Pedro Alexandrino de Carvalho (Seculo XVIII).— Nasceu em Lisboa no anno de 1730.

É verdadeiramente celebre este pintor, não tanto pelo merito das suas obras, como pela sua extrema fecundidade.

São immensas as pinturas, que ornam quasi todas as egrejas de Lisboa, e muitas do reino, devidas ao seu pincel.

Pintou o tecto da egreja dos Martyres, menos os ornatos, que pertencem a Iguacio de Oliveira.

A pintura do tecto representa a dedicação da primitiva egreja dos Martyres a Nossa Senhora por Affonso Henriques.

Princeza do Brazil (D. Maria Francisca Benedicta) filha de el-rei D. José, casada com seu sobrinho o principe D. José, filho primogenito de D. Maria I.— Pintou, com sua irmã a infanta D. Maria Anna, o painel do *Coração de Maria,* que está na basilica da Estrella, e que tem as inscripções seguintes: do lado direito — *Maria Anna Portugallæ Infans hanc dexteram partem invenit, deliniavit, et pinxit;* e do esquerdo — *Maria Benedicta Princeps hanc sinistram partem invenit, deliniavit et pinxit* 1789.

Tambem pintou um painel de *Nossa Senhora da Conceição,* semelhante ao desenho que depois fez sobre o mesmo objecto e que foi gravado por Joaquim Carneiro da Silva.

Roque Vicente (Seculo XVIII).— Para a egreja de Santa Izabel pintou trez paineis pelos annos de 1764, representando: *Jesus Maria José, Sant'Anna* e *Santo Antonio.*

Theodora Maria (Seculo XVIII). — Nasceu em Tavira no anno de 1692.

O auctor do *Theatro Heroino* aponta um quadro de *Nossa Senhora da Graça* devido a Theodora Maria, quadro que diz ser de grande valia.

Victorino Manuel da Serra (Seculo XVIII).— Nasceu em Lisboa no anno de 1692.

Pintou o tecto da egreja da Boa-Hora, e deixou outros trabalhos seus na capella da confraria da Senhora do Carmo, á rua Formosa; no tecto da freguezia da Pena; na egreja do Menino Deus, etc.

Cyrillo Volkmar Machado (Seculo XIX).— Pintor e escriptor portuguez, nasceu em Lisboa no anno de 1748.

Executou grande numero de quadros para as egrejas de Lisboa e das provincias.

É de Machado o grande painel da *Natividade de Nossa Senhora,* que elle pintou para a collegiada da Alcaçova de Santarem.

Morreu em 1823.

———

Dos numerosos quadros representando Nossa Senhora, pintados em Portugal por artistas extrangeiros, mencionarei um, que é notabilissimo: o da Coroação da Virgem, existente na capella do paço archiepiscopal de Evora.

O conde de Raczynski disse que de todos os quadros gothicos que tinha visto em Portugal, reputava este o de maior merito. Pendia a attribuil-o a Van-Eyck. Filippe Simões pende a acreditar que antes seria pintado na segunda que na primeira metade do seculo XV, pertencendo á escola, não ao pincel de Van-Eyck.

(Sobre este quadro veja-se *Archivo Pittoresco*, vol. XV, pag. 177).

———

Os musicos portuguezes sempre tiveram muita devoção a Nossa Senhora.

Um d'elles, Francisco Ignacio Solano, que floresceu em Lisboa no seculo passado, ao abrir uma aula theorica e pratica, punha-a sob a égide de Nossa Senhora da Conceição, a quem dizia: «Tomai-me, purissima Virgem, á vossa conta: tende-me da vossa poderosa Mão, e olhai misericordiosa por mim, para os Alumnos desta Aula, e por todos os Professores da peregrina sciencia, e nobre Arte da Musica».

Vicente Ferreira Adão, clarim da casa real, compoz um soneto para esta occasião e sobre este assumpto.

Os musicos extrangeiros ao serviço de Portugal seguiam o exemplo da devoção dos seus collegas portuguezes: assim, José Mazza e José Palomino, instrumentistas da côrte, ver-

sejaram em honra de Nossa Senhora da Conceição por occasião da abertura da aula de Solano.

Quanto a composições propriamente musicaes, destinadas ao culto da Virgem, são muito numerosas; desistimos de enumeral-as por nos minguar o espaço que nos seria preciso destinar-lhes.

Entre os colleccionadores de registos (estampas) de Nossa Senhora, que alguns ha no paiz, deve ser collocado em primeiro logar o sr. visconde de Castilho (Julio), que possue uma enorme collecção, a qual poz á minha disposição gentilmente.

A outro collecionador, a quem devo egual gentileza, já me referi a pag. 143, nota.

A ambos o testemunho da minha gratidão.

Quero dizer, embora esta informação não vá no logar proprio (porque chegou tarde) que a capella de Nossa Senhora de Lourdes, fundada em 1884 pela sr.ª condessa de Camaride em Lisboa, e de que já fallámos, tem contiguo um asylo, tambem de Nossa Senhora de Lourdes, instituido pela mesma illustre dama e inaugurado a 11 de fevereiro de 1885.

Foram n'este asylo admittidas 15 educandas em honra dos 15 mysterios do Santo Rosario. Mais tarde elevou-se a 18 o numero das educandas em honra das 18 apparições de Nossa Senhora de Lourdes.

O asylo é dirigido por Irmãs francezas da Immaculada Conceição, cuja casa mãe existe em Castres, departamento de Tarn.

A capella, que foi isenta da jurisdicção parochial por decreto pontificio de 21 de agosto de 1895, tem reitor (monsenhor João Quezada) e vice-reitor (abbé Antonio Quezada).

A inauguração da capella realisou-se, com grande solemnidade, a 16 de julho de 1884, dia de Nossa Senhora do Carmo.

Celebram-se ali todas as festividades de Nossa Senhora, o Mez de Maria, o Mez do Coração de Jesus; em todos os domingos e quintas-feiras ha benção do Santissimo; lausperenne trez vezes por anno e todas as mais vezes que as outras egrejas o não podem receber.

XIV

Homenagens dos poetas do nosso tempo a Maria Santissima

—

seculo XIX ficará memoravel na historia do christianismo como sendo aquelle em que o sentimento religioso attingiu o seu zenith em todas as nações catholicas.

Pouco importam, sob o ponto de vista da fé, as fórmas de governo por que se regem os povos: este principio, proclamado e praticado pelo Santo Padre Leão XIII, affirma a unidade da Egreja e, portanto, a harmonia universal dos espiritos na crença dos dogmas, dos mysterios e dos cultos.

Um só governo é eterno, immutavel e benefico: o de Deus, por intermedio da sua Egreja: verdade esta em que se encontram e repousam milhões de almas, como os caminheiros do deserto n'um oásis que os dessedenta e abriga.

Vimos, em nossos dias, a Hespanha passar rapidamente da monarchia á republica e da republica á monarchia. Vimos a França proclamar-se republicana e não ficar mais tranquilla do que na epoca do segundo imperio napoleónico. Vimos o Brazil derrubar um throno democratico em nome da igualdade e da fraternidade e ser depois agitado por successivas revoltas, que lhe não deram ainda a fraterni-

dade e igualdade sonhadas. Vimos o Mexico renegar a republica para acclamar o imperio e representar um drama de sangue para regressar á fórma republicana.

Vimos, em compensação, a Egreja de Roma caminhar successivamente de triumpho em triumpho, a partir da definição do dogma da Conceição Immaculada, no tempo de Pio IX, até á definição da infallibilidade pontificia; vimos Victor Manuel entrar em Roma, abolir o poder temporal do Papa e concorrer assim, involuntariamente, para que o prestigio da theára attingisse um brilho superior ao de todos os periodos aureos da historia do pontificado; vimos Leão XIII continuar e engrandecer a obra de Pio IX celebrando jubileus em que recebe as homenagens de todos os principes e povos catholicos, e até dos povos e principes extranhos ao catholicismo, attraindo ao Vaticano peregrinações tão numerosas e frequentes, que fazem lembrar caudalosos rios a correr para um mar commum, um Oceano Pacifico, verdadeiramente pacifico, de graças e indulgencias; vimos o Papa intervir pelo seu conselho, influxo e auctoridade na vida politica das nações, ser consultado, ouvido, respeitado como accessor de principes, árbitro de pleitos internacionaes e auxiliar de governos.

Coisa verdadeiramente notavel! sendo este seculo aquelle em que, desde a descoberta da imprensa, a publicidade tem conseguido invadir todos os recantos da terra, multiplicando-se prodigiosamente; sendo o christianismo offendido por vezes nos dogmas fundamentaes da Egreja romana, por adversarios temerosos, entre os quaes avulta Ernesto Renan, alem de uma imprensa diaria posta á mercê de todas as opiniões demolidoras e revolucionarias; predominando um espirito de tolerancia, que permitte o uso e o abuso da liberdade de pensamento no jornal, no livro, no phamphleto, no comicio e na associação: o que é certo, o que todos nós havemos presenceado, dia a dia, é que os jornaes e os livros passam como inimigos ephemeros; que os phamphletos são outras tantas balas perdidas; que os comicios não deixam rastro contagioso; e que os clubs e federações não chegam a constituir fócos de infecção espiritual, pois que o christianismo permanece mais solido, mais firme, mais prestigioso, mais brilhante do que em tempo algum.

A gloria de Maria Santissima tem sido geralmente acceita, reconhecida, venerada, até nos paizes onde os espiritos, por mais agitados, se mostram mais voluveis e incon-

stantes. Não deixa de ser singular a circumstancia de que é na França, onde a cruz de Christo tem sido alvejada por coleras sacrilegas até dentro das escolas de educação mo-

SENHORA DAS MERCÊS

(Existente na sachristia dos Passos, da egreja da Conceição Velha. Esta imagem, que principiou a ser festejada em 1309, acha-se restaurada)

ral; na França, cujo parlamento propõe em todas as legislaturas a separação da Egreja e do Estado; na França, onde o punhal revolucionario tem alcançado o peito do

chefe do estado n'um regimen de liberdade e democracia; não deixa de ser singular a circumstancia, diziamos, de que é justamente na França moderna que têm sido erigidos os mais sumptuosos santuarios, os mais concorridos altares, iniciadas e alimentadas as mais fervorosas devoções pelo culto de Maria Santissima, como em La Salette e em Lourdes.

Na litteratura — que é o mais evidente testemunho do sentir e pensar dos povos — a França actual tem visto collocar-se ao serviço do christianismo os seus melhores espiritos, incluindo aquelles que por momentos desvairaram, com Huysmans e François Coppée.

Em Portugal, onde sempre vimos os melhores poetas e prosadores render homenagens a Maria Santissima, não sendo o culto litterario inferior em pompa e magnificencia ao culto lithurgico, se é certo que a legião dos bellos espiritos tem augmentado em numero e quilate no seculo XIX, não é menos certo, tambem, que d'elles brotou, floriu e fructificou toda uma litteratura Marial, uma terna, ardente e casta poesia, que tem cantado e louvado a puresa, a doçura, a clemencia, inexcediveis e inexgotaveis, de Maria Santissima.

Estão já espalhadas por este livro muitas provas do nosso asserto; mencionados muitos dos nossos poetas contemporaneos, maiores e melhores, que engrinaldaram suas lyras com as mais perfumadas e mimosas flores de uma frement devoção á Mãe de Deus.

Bastariam esses, como documento irrefutavel da orientação profundamente religiosa da poesia portugueza no seculo XIX em honra e gloria da Virgem das Virgens, Rainha do Ceu.

Mas queremos ainda citar outros, que são dos primaciaes, reconhecida a impossibilidade de poder dar logar a todos, porque raro, se não rarissimo, é aquelle que não tem encontrado no seu alaúde a corda da fé, a nota da devoção a Maria Santissima.

Garrett [1], Herculano [2] e Castilho [3], que foram os trez pa-

[1] Visconde de Almeida Garrett. Nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799. Falleceu em Lisboa a 9 de dezembro de 1854. Foi ministro dos negocios extrangeiros em 1852.

[2] O maior historiador portuguez. Nasceu em Lisboa a 28 de março de 1810 e falleceu em Val-de-Lobos a 13 de setembro de 1877. Foi deputado ás côrtes e recusou o pariato, que lhe offereceu el-rei D. Pedro V.

[3] Primeiro visconde de Castilho. Nasceu em Lisboa a 26 de janeiro de 1800 e falleceu na mesma cidade em 15 de junho de 1875.

triarchas da litteratura portugueza na primeira metade d'este seculo, deram o exemplo de uma nitida comprehensão de toda a grandesa immaculada da Mãe de Deus.

Garrett, na *Ave Maria*, invocou-a em um transe afflictivo da sua vida domestica:

Maria, doce mãe dos desvalidos,
    A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
    A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
    Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
    Piedosa Mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
    Pedir ao Pae dos ceus
O pão de cada dia. As preces minhas
    Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,
    Se tu, Mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
    Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
    E van tenção da terra;
Outra gloria, outro amor; outro contento
    De minha alma desterra.
Mãe, oh! Mãe, salva o filho que te implora
    Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
    Sei o preço da vida,
D'esta vida, tão mal gasta e prezada
    Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
    N'elle se regenera.

Esta poesia de Garrett foi composta durante uma enfermidade que padeceu sua filha D. Maria Adelaide de Almeida Garrett [1].

É ao mesmo passo um hymno de fé, um cantico de devoção e um eloquente testemunho de amor paternal.

Herculano, que foi um poeta essencialmente religioso, um pensador espiritualista, deixou assignalado em traço rapido e profundo o intenso sentimento com que lograva re-

[1] A filha de Garrett, que fôra educada pelas religiosas da Visitação, de Belem, veiu a fallecer a 4 de janeiro de 1896, em Cintra.

montar-se ao mysterio sublime representado na «saudação angelica»:

> . . . . .Ao longe,
> Do presbyterio rustico mandava
> O sino os simples sons pelas quebradas
> Da cordilheira, annunciando o instante
> Da *Ave-Maria;* da oração singela,
> Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
> Se mistura nos canticos saudosos,
> Que a natureza envia ao ceu no extremo
> Raio de sol...

Castilho, de quem desde as primeiras paginas d'este livro conhecemos algumas perolas esbagoadas do rimance da Nazareth, ainda no ultimo quartel da vida, quando traduzia o *Fausto*, interpretava com inexcedivel uncção religiosa, cada vez mais viva e florente, este formoso cantico de Gœthe:

ORAÇÃO DE MARGARIDA

> Oh Virgem dolorosa,
> inclina á desditosa
> o teu benigno olhar!
> Só tu, com sete espadas
> no coração cravadas,
> sabes o que é penar;
>
> tu sim, que viste afflicta
> pender, oh mãe bemdita,
> o filho teu na cruz,
> e alçaste, com dois rios,
> aos céos teus olhos pios,
> chamando em vão Jesus.
>
> Da dôr que me lacera
> mortal nenhum pudera
> sondar a profundez.
> O que este peito chora,
> treme, receia, implora,
> só tu, Senhora, o vês.
>
> Que dôr! nos sonhos cevo-a:
> corro a fugir-lhe, levo-a;
> que dôr, oh Mãe, que dôr!
> Sósinha a ti me abraço,
> e em pranto me desfaço.
> Mercê! perdão! favor!

Antes que a aurora assome,
já o mal que me consome
o somno me quebrou;
sentada já no leito,
regando afflicta o peito,
co'as lagrimas estou.

. . . .

Oh Virgem dolorosa,
inclina á desditosa
o teu benigno olhar!
Só tu, com sete espadas
no coração cravadas,
sabes o que é penar.

Entre os primeiros escriptores que seguiram a bandeira do romantismo, desfraldada por Garrett, Herculano e Castilho, avultam, como poetas christãos, Mendes Leal, João de Lemos, Luiz Augusto Palmeirim, Antonio Pereira da Cunha, Soares de Passos, Camillo Castello Branco, *Julio Diniz*, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, João de Deus, Julio de Castilho, Eduardo Augusto Vidal, Almeida Braga, Antonio d'Azevedo Castello Branco, alem de muitos outros de menor nomeada.

Foram os — primeiros — segundo a chronologia e segundo o merito litterario. Alguns d'elles conheceram ainda Garrett; todos conheceram Herculano e Castilho.

Temos tido occasião de chamal-os, quasi todos, em nosso auxilio, nas paginas d'este livro: falta, porém, especialisar, d'entre aquelles, Antonio Pereira da Cunha, *Julio Diniz* (Joaquim Guilherme Gomes Coelho), Bulhão Pato, Antonio de Azevedo Castello Branco.

De Pereira da Cunha[1] citaremos um trecho da poesia *O voto d'el-rei* — a invocação á Virgem do Restello[2]: falla D. Manuel implorando a protecção da Mãe de Deus em favor da empresa de Vasco da Gama:

«O' Virgem do Restêllo,
Dizia humilde o rei,
Se eu chego a merecel'o,
Ouvi o meu appêllo,
E os olhos nos volvei,
A mim, e á minha grei.

[1] Poeta muito distincto. Nasceu em Vianna do Castello a 9 de abril de 1819 e falleceu em Lisboa a 8 de abril de 1890. Foi um dos vultos mais importantes do partido legitimista. Succedeu-lhe seu filho, o sr. Sebastião Pereira da Cunha, tambem poeta de valia.

[2] Do livro — *Selecta* — Lisboa, 1879.

«D'alto mysterio um sêllo
Toda esta empreza tem.
Toda! e poder rompel'o,
O' Virgem do Restêllo,
Só vós, e mais ninguem.

«Parece-me ainda vel'o!
Sáe, dobra o cabedêlo,
Ao largo mar se fez;
E passa o dia, o mez,
Dous annos... e, a escondel'o,
Sempre esta névoa... vês,
O' Virgem do Restêllo?

«Ha tanto tempo já!
Onde é que elle estará,
O' Virgem do Restêllo?
Quem poderá detel'o?
O que o detem por lá?
A guerra? os sóes? o gêlo?
Ai! quando é que virá!

«E, ó Virgem do Restêllo,
Cá dentro podeis lel'o...
Se o plano herança é
De um rei, de reis modêlo,
Moveu-me a commettel'o,
Não a ambição, a fé.

«Só este ardente zelo
De cultos dar á cruz...
Vós bem deveis sabel'o,
O' Virgem do Restêllo,
Ao feito audaz me induz.

«Não heis-de protegel'o?
Não me direis que sim,
O' Virgem do Restêllo?
Pedir-vol'o, hoje, vim;
Viria, se fazel'o
Preciso fosse assim,
De rastos e em cabello.

«Que q'reis? que vos convem,
Que exprima o meu desvêlo?
Com claustro um templo?... Bem
Se a frota agora ahi vem...
D'aqui prometto erguel'o,
Do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
O' Virgem do Restêllo.»

Imp. de Libanio da Silva

A VIRGEM DE RAPHAEL

Da lyra religiosa de Bulhão Pato [1] bastará lembrar as lindas lôas escriptas para os romeiros do Monte de Caparica no cyrio da Senhora do Cabo [2]:

Mãe de Deus! Virgem Santissima!
Rosa Mystica da aurora,
Estrella da madrugada,
Da terra e dos ceus Senhora!

Da egreja do nosso Monte,
Vamos, piedosos romeiros,
Levar-te ao Cabo, onde guias,
Alta noite, os marinheiros!

Que tu dás, Virgem Maria! —
Entre sorrisos e flores —
Esperança aos desgraçados,
E perdão aos peccadores!

. . . .

Só tu, com teu manto azul,
Morenita, morenita,
Sorrindo, as ondas acalmas!
Bemdita sejas, bemdita!

Nasce do lado do norte
Sempre o musgo no pinheiro!
Tambem dás norte, na terra,
Ao perdido forasteiro!

Faremos notar a circumstancia de que dois dos mais notaveis poetas do nosso tempo compuzeram lôas em honra de Nossa Senhora do Cabo: João de Deus (vide pag. 31) e Bulhão Pato.

De *Julio Diniz* [3] indicaremos a versão da *Intercessão da Virgem*, de H. Heine, cujo remate diz:

Estendido sobre o leito,
Morto a triste o foi achar;
Andava-lhe a luz da aurora
Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa
Juntou as mãos com fervor
E em voz baixa, disse, orando:
«Gloria a ti, Mãe do Senhor!»

[1] Notavel poeta lyrico, auctor do poema *Paquita*. Filho de pais portuguezes, nasceu em Bilbau a 3 de março de 1829. Vive solitario no Monte de Caparica, poetando sempre com vigor juvenil.

[2] *Livro do Monte*, Lisboa, 1896.

[3] Nasceu no Porto a 14 de novembro de 1839. Falleceu na madrugada de 12 de setembro de 1871, n'aquella mesma cidade.

De Antonio de Azevedo Castello Branco [1] quero lembrar a bella poesia *Nascimento de Christo*, que termina assim:

> Pelo imperio de Cesar vagamente
> Echoa a voz de estranha prophecia,
> —O som profundo de maré crescente,—
>
> E o sonho fulgurante de Maria
> Uma aurora formou de tanta luz,
> Que nunca o sol floriu tão bello dia!
>
> Foi d'este modo que nasceu Jesus!...

Fixarei entre 1865 e 1866 a balisa de uma evolução da litteratura portugueza, que estabelece certa divisão entre *velhos* e *novos* escriptores. Não reconhecerei a existencia autónoma de uma *escola coimbrã* revolucionaria, porque ella tinha raizes no romantismo (o proprio Anthero do Quental [2], seu porta-estandarte, havia começado por ser romantico), não definia principios, não tinha caracter nacional, e não chegou a generalisar-se arregimentando e disciplinando proselytos. Circumscreveu-se a um grupo de rapazes. Mas não se lhe póde nem deve negar uma vaga intuição evolutiva, que se deixou entrever, e que alguma influencia exerceu menos na psychologia litteraria, que a breve trecho retrocedeu ao romantismo, do que n'uma tal ou qual orientação do senso esthetico.

Anthero do Quental, o iniciador d'esse movimento, que tinha recebido uma educação catholica, foi depois cahir «n'um estado de duvida e incerteza — palavras suas — tanto mais pungentes quanto, espirito naturalmente religioso, tinha nascido para crêr placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida» [3]. Mas, por fim, elle proprio confessa que o «mysticismo, sendo o desenvolvimento psychologico, deve corresponder, a não ser a consciencia humana uma extravagancia no meio do Universo, á essencia mais funda das cousas» [4].

Aqui temos, pois, que o mais prestigioso espirito dos

---

[1] Sobrinho do grande romancista Camillo Castello Branco. Nasceu em Villarinho da Samardan, Traz-os-Montes. Antigo presidente da camara dos deputados; ministro da justiça; director da Penitenciaria de Lisboa; actualmente, par do reino.

[2] Nasceu na ilha ne S. Miguel a 18 de abril de 1842 e acabou, na mesma ilha, a 11 de setembro de 1891.

[3] Carta autobiographica ao professor Wilhelm Storck, 1887.

[4] Mesma carta.

novos, Anthero do Quental, o que mais soffreu pela duvida, o que mais vacillou na incerteza, regressou por fim ao mysticismo, de que este encantador soneto é a mais perfeita e alevantada expressão:

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Theophilo Braga[1], outro corypheu da *eschola coimbrã*, agora orientado no positivismo de Augusto Comte, tem no seu passado litterario, que não poderá negar nem supprimir, estes reverentes hymnos de ternura christã em honra da Virgem Santissima:

«Ave! cecem mimosa,
Maria, mãe de Jesus!
És da pureza o escudo,
És do mundo aurora e luz!

«Oh, bemdicta entre as mulheres,
Firme tronco de Jessé!
Desprendeu-se dos teus braços
O fructo da nossa fé.

«Ave! rainha das virgens,
Flor dos valles de Judá!
Tens no teu seio o perfume
Dos incensos de Sabá.

«Maria, nome de graça,
Ave! eleita do Senhor!
Com teu azulado manto
Amparas o peccador».

....

[1] Nascido na cidade de Ponta Delgada a 24 de fevereiro de 1843.

«Em nome do Padre e Filho,
Do Espirito Sancto, amen!
Digam a SALVE RAINHA,
Em boa intenção de quem
Seu fado mau faz andar
Por sobre as aguas do mar.

«Salve! Rainha dos Anjos,
Senhora, mãe dos afflictos,
No meio da tempestade
Ouvís os cançados gritos
Dos que andam sem descançar
Por sobre as aguas do mar.

«Sois a doçura da vida,
O porto de salvamento;
O vosso manto azulado
Se extende no firmamento,
Formosa estrella polar,
Por sobre as aguas do mar».

O romantismo, que a meu vêr não é uma caracteristica litteraria, mas a expressão eterna do ideal que amenisa na alma a realidade da vida, teve depois da *escola coimbrã* cultores sinceros e notaveis n'outro grupo de rapazes da Universidade, que ficou sendo conhecido pelo grupo da — *Folha* [1].

O mentor d'este grupo, João Penha, deixa bem assignaladas as suas opiniões espiritualistas no prologo do livro *Viagem por terra ao paiz dos sonhos.*

Pertenceram ao grupo Guerra Junqueiro [2], Simões Dias e Gonçalves Crespo [3], que já n'outras paginas mencionamos; bem como Candido de Figueiredo, não citado ainda.

No escrinio dos poetas da *Folha* ha, como vimos, perolas preciosas para o collar de Maria Santissima.

Seria pretensão arriscada, por ser quasi certa qualquer omissão involuntaria, querer enumerar todos quantos poetas têm em nossos dias cantado a gloria da Mãe de Deus.

Referiremos trez ou quatro, sem proposito de desprimor com os outros.

---

[1] Periodico litterario que se publicou em Coimbra de 1868 a 1871.
[2] Nasceu em Freixo de Espada á Cinta a 15 de setembro de 1850.
[3] Nasceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1846. Falleceu em Lisboa em 1883. Pelas funcções publicas que desempenhou, acceitou a nacionalidade portugueza.

Do conde de Monsaraz (Antonio de Macedo Papança [1]):

Oh! Virgem da Nazareth,
Oh! dôce Mãe de Jesus,
Lyrio aberto aos pés da Cruz,
Cujas pétalas de luz
Vertem lagrimas de fé;

Que o teu amor me proteja,
E eu te prometto ir de joelhos
A beijar os Evangelhos,
Que brilham como uns espelhos
Sobre o altar da Tua egreja!...

Aos que choram pelos trilhos
Da noite, só que lhes fales,
Podes tanto e tanto vales,
Que extingues todos os males,
Oh! Mãe de todos os filhos.

Se é descrente, logo crê;
Se é cego, Tu das-lhe luz...
Os meus tristes olhos puz
Em ti, oh! Mãe de Jesus,
Oh! Virgem da Nazareth.

De José de Sousa Monteiro [2]:

AVE, MARIS STELLA

Ave, estrella matutina!
Ave, rainha do mar!
Quando a luz mais que divina
do teu piedoso olhar
desces ao dorso cavado
de fundo mar fustigado
das azas dos vendavaes,
cessa o horrifico bramido,
roncos, brados, uivos, ais,
com que ha pouco ao ceu se ergueu:
O monstro presto rendido,
como irritada creança
que um beijo materno amansa,
prontamente adormeceu.

---

[1] Nasceu em Reguengos, Alemtejo, a 18 de julho de 1853. É par do reino, e poeta apreciado incontestavelmente.

[2] Nasceu na villa da Praia, ilha de S. Thiago (Cabo Verde) a 20 de agosto de 1846. Antigo deputado da nação, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, funccionario superior no ministerio dos negocios extrangeiros.

Pois tendes em mim, Senhora,
mais revolto e feio mar
que esse que a luz redemptora
de teu portentoso olhar
amansou pronto e de todo,
— meu coração, espuma e lôdo,
mar de paixões que se agita,
uiva, brame, ruge, grita
com tão viva furia e tanta! —
desce até elle, até mim,
teu olhar que os ceus incanta,
e este meu revolto ser,
manso, brando, humilde emfim
hade presto adormecer,
sob a luz mais que divina
do teu maternal olhar,
meiga estrella matutina,
santa rainha do mar!

De Gomes Leal[1]:

Era uma vez uma Virgem
em Nazareth, branca aldea,
que tinha um noivo da origem
dos velhos reis da Judéa.

Á porta do seu casal
crescia a flor do espinheiro,
como um emblema primeiro
do diadema real.

De rastos seus pés beijavam
as plantas como ás rainhas.
No seu telhado adejavam
as azas das andorinhas.

Consolar a alheia magua
ninguem sabia tão bem!
Era mais pura que a agua
da cisterna de Bethlem.

Havia anceios contidos,
como vozes de quem roga,
quando ia, de olhos descidos,
ao sabbado, á synagoga!

Vinham as pombas em bando
sobre as suas mãos pousar,
quando fiava cantando,
sentada á porta do lar.

[1] Antonio Duarte Gomes Leal, nascido em Lisboa a 6 de junho de 1848. Revelou-se poeta satanico, mas a sua *Historia de Jesus* é um encantador poema religioso.

Dizia a branca açucena
para a flor do rosmaninho:
— Que casta virgem morena
toda vestida de linho!

O mar, que se ri da sonda,
dizia com tom extranho:
— Quem me déra uma só onda
do seu cabello castanho!

Toda a tarde um rouxinol
cantava á flor do espinheiro:
— Que lindo rosto trigueiro!
— Que cantos cheios de sol!

Os marinheiros as barcas
paravam como em delirio.
Era o mais mystico lirio
do bordão dos Patriarchas!

Ora uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
á porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia a ladeira.
No ar boiavam perfumes
mysticos de larangeira.

O rosto do mensageiro,
placido, resplendecente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no oriente.

Então com voz grave, cheia
d'uma ineffavel poesia
á Virgem da Galiléa
saudou-a: «Ave Maria!

«Ave, ó lirio impolluto!
cheia de graça ante os céos.
Bento no ventre é o fructo.
Comvosco é o Senhor Deus!»

Mas ella, com humildade,
como a rasteirinha herva:
— «Faça-se a vossa vontade,
Senhor! — eis a vossa serva».

Então as rolas voaram.
Deu graças o Oceano vario.
— Mas sobre as hastes choraram
As violetas do Calvario.

Quanto aos poetas que, entre os novos, são os novissimos, porque assignalam as tendencias para uma nova evolução litteraria, que ficou abalada pela reconsideração de Eugenio de Castro e pela morte de Antonio Nobre, sem comtudo ficar infecunda, bastará lembrar a citação, que já fizemos, de Eugenio de Castro e transcrever esta encantadora copla de Antonio Nobre:

Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de luz:
O novello é a lua cheia,
As meias são p'ra Jesus.

A escola symbolista, introduzida em Portugal por estes dois poetas, e que Max Nordau filia no mysticismo, invoca frequentes vezes a Virgem Santissima, para divinisar, pela comparação de Sua Divina Bellesa, objectos creados e creaturas que celebra como innocentes e formosas.

Assim, Alberto de Oliveira, amigo e companheiro de Antonio Nobre, tem nas suas *Poesias* (Coimbra, 1891) um tropo em que compara a via-lactea ao leite de Nossa Senhora:

Via-Lactea, meu deleite!
Adeus que me vou embora:
Celeste Sôro-de-Leite,
Leite de Nossa Senhora.

João da Rocha, poeta do Minho, intitulou o seu livro de versos (Famalicão, 1900) *Nossa Senhora do lar*, cantando n'elle a felicidade domestica pela eleição de uma esposa dedicada e digna — espelho de virtude.

D'este rapido bosquejo sobre as escolas da litteratura moderna, se deprehende que os maiores e melhores poetas de todas ellas, quaesquer que sejam as vicissitudes e circumstancias da sua vida individual, têm cantado a divindade immaculada de Maria Santissima, quer n'um sentido nitidamente orthodoxo, quer n'um mysticismo symbolico.

Ao fechar este capitulo, destinado a rematar a *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, collocar-me-hei eu proprio no ultimo logar da numerosa legião dos escriptores portuguezes — que é o logar que me pertence:

Mas creio não me será levado a mal que, tendo eu deposto, no eterno e florido altar da Mãe de Deus, a oblata humilde dos meus sinceros louvores em Sua honra, não

deixe de reproduzir ainda aquelles que ensoei certamente com mais espontaneidade do que primor.

I

A infancia

Nossa Senhora, em pequenina,
Tinha um olhar cheio d'affecto,
Mas tão sereno e tão discreto!

Nossa Senhora, inda em menina,
Tinha um sorriso tão composto,
Que era um luar sobre o seu rosto...

A sua voz, doce e suave,
Era um gorgeio delicado,
Pranto desfeito n'um trinado...

O seu andar era o de uma ave
Entre os espinhos de um silvedo...
Andar de quem avança a medo.

Da sua tribu um rabby velho
Dizia ao vêr a pequenina:
«Não tem Judá outra menina!»

Um rosiclér casto e vermelho
De pejo em flôr logo tingia
O lindo rosto de Maria.

E sem pensar em que era bella
Como uma estrella da Judea,
Vergava ao pêso de uma idea...

Porque em verdade era uma estrella
Da luz mais bella, o astro mais puro,
Lendo e temendo o seu futuro.

O rabby velho então pasmava
De vêr o tino, a austeridade
De uma creança d'essa idade.

E, a passo lento, meditava,
Subindo a rua das Palmeiras:
«Serás primeira entre as primeiras...»

Nossa Senhora, em pequenina,
Sentia já dentro em sua alma
Essa grandesa immensa e calma
De vir a ser a Mãe de Deus.

E o rabby velho repetia
Subindo a rua das Palmeiras:
«Serás primeira entre as primeiras...»
Ninguem o cria entre os judeus.

II

A annunciação

Um dia, em vez do rabby velho,
Passou um anjo entre as Palmeiras.
Nem os pastores co'os rebanhos,
Nem junto á fonte as lavadeiras
Viram no ceu signaes extranhos
Do vôo de um anjo entre as Palmeiras.

Nuncio de Deus, pousando em terra,
No lar modesto de Maria
Entrou um anjo, um peregrino,
E a sua voz, uma harmonia,
Enche da musica de um hymno
O lar modesto de Maria.

—Quem sois? pergunta a Virgem timida.
Aponta o anjo para o ceu.
—«Casta Maria! eu te bemdigo,
Cheia de graça, e ao filho teu;
Que o proprio Deus será comtigo.»
E aponta o anjo para o ceu.

Trémula a voz, prostrada em terra,
—«Eu sou a escrava do Senhor»
A Virgem Santa balbucia.
De um vôo subtil ouve o rumor.
Ninguem! Repete então Maria:
—«Eu sou a escrava do Senhor.»

III

O Natal

N'aquella noite sagrada
Em que o Menino nasceu,
Nossa Senhora, cansada
Do caminho que venceu,
Só pôde encontrar pousada
No presepe d'um judeu.

S. José, todo poento
Da longada d'esse dia,
Sem um queixume, um lamento,
Em vez de chorar, sorria,
Por ter descanço um momento
A linda Virgem Maria.

A noite era azul e clara.
Uma estrella despontou,
Quando o gallo annunciára
Que a meia noute soou.
E a Virgem, que se deitára
Sobre o colmo, descansou.

Nossa Senhora, acordada,
Dizia, cheia de fé:
—«Bemdito quem dá pousada
A quem tão misero é.»
—«Bemdita esta hora sagrada»
Respondia S. José.

D'ali a pouco vagia
Talhado para uma cruz,
Christo, mais lindo que o dia,
Christo, mais bello que a luz.
. . . .
N'essa hora santa nascia
A caridade, e Jesus.

IV

Via crucis

—Filho! onde vaes, antes da aurora!
E' noite ainda, e brilha a lua!
Não tens descanso alguma hora!
Não vi canceira como a tua!
—O' doce mãe! vou diligente
Como no campo o semeador
Lançar á terra uma semente
De paz, justiça, e mutuo amor.

—Quem sabe lá se hão de attender-te
Do mundo em guerra as ambições!
Hão de insultar-te! hão de offender-te!
São terra ingrata os corações...
—Vou semear Divino Verbo,
Que ensina a amar e a esquecer...
Seja o trabalho embora acerbo,
Hei de chorar, e hei de vencer...

—Deus d'Israel! Elah clemente!
Abençoai-me o filho amado,
Semeador obediente,
Que á terra dura investe o arado
Para colhêr, em vez de palmas,
Espinhos só.
—Soffrer é lei.
Vou desbravar incultas almas...
Chora-me tu, e perdoarei.

Jesus caminha e não descansa,
Sobe á montanha, ao povo falla.
Mas quando encontra uma creança,
Pára a sorrir-lhe e a acarinhal-a.
A Virgem Santa, em seu tugurio,
Da solidão minora a dôr
Chamando aos labios um murmurio:
«Eu sou a escrava do Senhor.. »

V

No Calvario

Sobre o Calvario a cruz erguida:
Arvore sêcca, resequida,
Onde de Christo o corpo exangue
Gotteja fructos côr de sangue
De cada golpe e cada frida.

Ao pé da cruz, Mãe Dolorosa,
A Virgem Santa, ao Filho amado
Volve um olhar de infinda dôr.
O Filho seu crucificado,
Envilecido e ultrajado,
O Filho seu, e do Senhor!

No sangue puro que vertia
Christo pregado n'uma cruz,
No pranto triste que Maria
Chorou ao ver morrer Jesus,
Achou alento o Verbo santo,
Da paz, do Bem fertil semente;
Achou vigor, achou encanto
Para florir eternamente.

* * *

E agora, concluido este livro, agradeço a Maria Santissima o ter-me dado a inspiração de o escrever, e tempo e vigor para escrevel-o.

Nos seus delineamentos geraes, como synthese da devoção portugueza pela Mãe de Deus, estava ainda por fazer.

E essa falta era tanto mais sensivel, quanto é certo que o abbade Maynard, no seu bello livro *La Sainte Vierge* (Pariz, 1877), se limitou a dizer, unicamente, em relação ao nosso paiz: «E' a Ella tambem que Portugal attribue a derrota de cinco chefes mouros nas planicies do Alemtejo e, em testemunho de gratidão, funda o soberbo mosteiro de Alcobaça, e decreta a sua consagração nacional a Nossa Senhora de Clairvaux».

Bastariam, pois, a justificar a apparição do meu livro estas poucas palavras do abbade Maynard, que, sobre não serem inteiramente exactas, deixam a historia do culto de Nossa Senhora em Portugal apenas circumscripta ao primeiro reinado da monarchia portugueza.

N'estas 500 paginas (e bem poderiam ser quinhentas mil) que hoje damos a publico, fica patente e evidente que não tem havido no nosso paiz facto algum importante, feliz ou calamitoso[1], em que não fosse invocado o nome de Maria Santissima, nem classe social que deixasse de render-Lhe preito e devoção fervorosos.

Possam saber não só os extrangeiros, mas os nossos successores n'um futuro remoto, que em Portugal a devoção á Mãe de Deus foi caminhando de fervor em fervor, ascendendo de desvelo em desvelo, até que no seculo XIX chegou a poder disputar primasias com os mais brilhantes, sinceros e devotados cultos Marianos de todo o mundo christão.

FIM

---

[1] Recordaremos ainda um facto, relativo ao grande terremoto de 1755 (pag. 295) e ligado á construcção, por subscripção publica, da egreja de Nossa Senhora do Bom Successo, em Cacilhas.

Transcrevemos do jornal de Almada, *O Puritano*, de 20 de outubro de 1895:

«Quando se deu a terrivel catastrophe do dia primeiro de novembro, o grande terremoto de 1755, as aguas do Tejo sahiram fóra do seu leito de uma maneira assombrosa e assustadora. Foi então que Pedro da Silva, um benemerito filho de Cacilhas, pertencente á classe maritima, dos catraeiros d'aquella praia, vendo a povoação perdida, quasi submergida por tão terrivel e momentanea inundação, correu á ermida de Santa Luzia, e já a muito custo, com grande risco da propria vida, conseguiu trazer nos braços a milagrosa e veneravel imagem de Nossa Senhora do Bom Successo. Então, possuido da mais pura crença, e cheio de fé viva e ardentissima, elle implorou em altas vozes a protecção da Virgem em favor do desolado povo de Cacilhas. E, oh! prodigio da misericordia e bondade divina! as aguas recuaram e a povoação estava salva!

«E assim, em commemoração de tão assignalado milagre d'aquelle prompto soccorro do ceu invocado com tanta fé por um homem generoso e crente, admiravel exemplo de heroismo e abnegação, que tão poetica e respeitosa torna a historia da fundação d'aquella egreja, erigida como padrão de reconhecimento á excelsa protecção da Virgem, se faz em todos os annos, no dia primeiro do mez de novembro, uma grandiosa festividade por musica vocal e instrumental, sahindo antes uma devota e deslumbrante procissão, em que a imagem da Senhora do Bom Successo é conduzida até ao caes no meio de grande concurso de povo em mui respeitoso e luzido acompanhamento.»

Indice